

### 1. Formas Antigas

fenício (semítico), 1000 A.C.



grego ocidental, 800 A.C.



latino, 50 D.C.



### 2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



### 3. Formas Modernas

G G g g

G G g g

G G g g

G g

### 4. História

G é a sétima letra do alfabeto português. Historicamente, deriva-se da letra semítica *gimel*, «camelo», e que, no grego, tornou-se *gamma*. Tinha os sons de «k» e de «g». No latim, o C incluía os fonemas G, K e S; mas ali o fonema G foi gradualmente desaparecendo. No século III A.C., o alfabeto latino começou a usar a letra «G». Do latim passou para muitos idiomas modernos, com certa variedade de sons, incluindo o G forte do português, antes de a, o, u; e o G suave, antes de e, i.

### 5. Usos e Símbolos

G é a quinta nota musical, também chamada *sol* na escala do Dó. Um G maiúsculo indica a força constante da *gravidade*. Um g minúsculo representa a *aceleração* imprimida pela força da gravidade. Também representa o *grama* ou *golfo*. G é usado como símbolo do *Codex Wolfii A*, descrito no artigo separado *G*.

## G

Um manuscrito do Novo Testamento, também chamado von Soden, 87, Codex Wolfii A ou Harleianus (Harley 5684). Data do século IX ou X D.C. Contém os evangelhos, com a falta de algumas páginas, e é membro do grupo da família E. Publiquei um estudo sobre a *Família E e seus Aliados em Mateus*, Estudos e Documentos (Salt Lake City, The University Press, 1966); e meu colega e amigo, o Dr. Jacob Geerlings, fez o trabalho no tocante aos outros evangelhos. A *Família E* representa um antigo estágio do desenvolvimento do grego koiné, um texto bizantino ou eclesiástico, um texto mesclado que, em seus últimos estágios, produziu o Textus Receptus. Um resultado desse estudo foi o de mostrar de que maneira esse texto desenvolveu-se, e como os escribas foram produzindo variantes espúrias ao longo desse caminho, como um dos aspectos da transmissão do texto do Novo Testamento. Ver o artigo separado sobre o *Textus Receptus*. Ver também o artigo geral sobre os *Manuscritos do Novo Testamento*.

## GAÁ

No hebraico, «queimar». Foi filho de Naor, irmão de Abraão. Sua mãe era a concubina de Naor, Reumá (Gên. 22:24). Seu nome também tem sido interpretado como «negridão». Viveu em torno de 1860 A.C.

## GAAL

No hebraico, «nojo», «escaravelho», «aborto». Foi o nome de um filho de Ebede (Juí. 9:26-41). Ele foi a Siquém em companhia de seus irmãos e ali açulou o povo para revoltar-se contra Abimeleque. Por ocasião da festa, na qual os siquemitas ofereceram as primícias de seus produtos, no templo de Baal, Gaal, em meio à festa de bebidas, atçou ainda mais os ânimos do povo contra o ausente Abimeleque. Gaal vangloriou-se de que se desafiaria de Abimeleque. Mas mensageiros informaram Abimeleque acerca da rebelião que estava sendo provocada. Zebul, governante de Siquém, continuou em sua lealdade a Abimeleque. À noite, Abimeleque postou suas tropas em derredor da cidade. No dia seguinte, eles aproximaram-se; e então Zebul invocou Gaal para mostrar a sua força e derrubar Abimeleque. Porém, Gaal e suas forças foram esmagadoramente derrotados e postos em fuga. Abimeleque, muito infeliz com o acontecido, capturou a cidade de Siquém, destruiu-a e semeou a região com sal. O profeta viu isso como um justo juízo contra Siquém, porquanto seus habitantes haviam apoiado a Abimeleque, no assassinato dos seus setenta irmãos, a fim de consolidar a sua autoridade. Várias figuras bíblicas tiveram o nome *Abimeleque*, e o artigo separado sobre esse nome preenche os detalhes concernentes à narrativa aqui relatada.

## GAAR

No hebraico, «espreitador», palavra que se refere aos filhos de Gaar, que se achavam entre os netinhos que retornaram da Babilônia, terminado o exílio, em companhia de Zorobabel (Êxo. 2:47; Nee. 7:49). Eles vieram por volta de 536 A.C.

## GAÁS

No hebraico, «tremor». Essa palavra designa um

monte do território de Efraim, ao norte do qual ficava Timnate-Sera, célebre porque ali é que se achava o túmulo de Josué (Jos. 24:30; Juí. 2:9). Eusébio afirmava que, em seus dias, o local ainda era conhecido. Um wadi localizado na mesma área também tinha esse nome (II Sam. 23:30; I Crô. 11:32). Um dos trinta heróis de Davi vieram dessa região, segundo se vê nas referências que acabamos de dar. Todavia, o local exato é desconhecido atualmente, embora devesse ficar cerca de trinta quilômetros ou pouco mais a sudoeste de Siquém.

## GABAI

No hebraico, esse nome significa «coletor de impostos». Era o nome de um dos chefes da tribo de Benjamim, que veio residir em Jerusalém, após o cativeiro babilônico (Nee. 11:8). Viveu em cerca de 445 A.C.

## GABARES, CHEBERES

Esses são os nomes populares dados aos seguidores de Zoroastro que residem na Pérsia, em contraste com aqueles que residem na Índia e em Pársis. Aqueles que não se converteram ao islamismo foram perseguidos. Atualmente, sobrevivem apenas cerca de dez mil deles.

## GABATÁ

Termo hebraico ou aramaico equivalente ao grego *lithóstron*, «salpicado de pedras», referindo-se a um tipo de pavimento de mosaico. Esse foi o lugar, em Jerusalém, onde Jesus foi julgado diante de Pilatos. Ver João 19:13. Nossa versão portuguesa traduz o vocábulo hebraico por *pavimento*.

Há muitas conjecturas quanto à natureza e à localização desse lugar. L. Vincent identificou o lugar como um pátio com cerca de 2400 m(2), por baixo da atual igreja das Senhoras de São. As lajes de pedra ali existentes têm mais de um metro quadrado, com cerca de 30 cm de espessura. Algumas dessas pedras ainda exibem as marcas dos jogos feitos pelos soldados romanos. Ver João 19:2,3,34. Na Gáбата pois, Pilatos sentou-se em seu *bema*, seu assento de juiz. Foi ali que Pilatos não se mostrou dotado de punho forte o suficiente para resistir às pressões dos judeus incrédulos contra Jesus, mas antes, acabou por entregá-Lo para ser crucificado, embora tivesse reconhecido a sua inocência (João 19:16).

**Pavimento, no hebraico, Gabatá, João 19:13.** Alguns estudiosos têm pensado que esse nome se deriva do vocábulo grego que significa que o lugar se distinguiu por um pavimento recoberto de mosaicos ou marchetaria, e que o que temos aqui é uma transliteração, para o aramaico, desse vocábulo grego. É verdade que Júlio César levava em suas expedições, um pavimento portátil, coberto de mosaicos, para que lhe servisse de tribunal. No entanto, nesta passagem bíblica, dificilmente temos alusão a qualquer coisa semelhante. Pelo contrário, a palavra parece ter-se derivado do termo hebraico *gab*, que significa *costas*, sendo referência a algum tipo de «plataforma elevada». Westcott explica essa palavra como o «beiral da casa».

O vocábulo grego aqui traduzido por *pavimento*, se formou mediante a combinação do termo *lithos* (pedra) e do adjetivo verbal *strotos*, de *stronnumi*, «espalhar», «estender», e era usado para indicar todo

trabalho de mosaico, ou então um lugar pavimentado de pedras (ver II Crô. 7:3 na Septuaginta). Essa palavra também figura nas obras de Josefo e Epicteto, bem como nos papiros dos tempos neotestamentários. É muito provável que esse «pavimento» fosse um lugar onde se tinham arrumado pedras, talvez à guisa de mosaico. Era para tal lugar que Pilatos mandava transportar o *bema* ou tribunal, o qual, sem dúvida se compunha de alguma modalidade de plataforma improvisada, de onde ele fazia os pronunciamentos oficiais. (Ver também o trecho de Atos 7:5, que faz alusão a esse tipo de tribunal). O *bema* era, por semelhante modo, o lugar de onde os juízes das competições esportivas supervisionavam os jogos atléticos e davam seu parecer quanto aos vencedores e perdedores. Mas neste caso, tratava-se realmente de um tribunal judiciário.

Sabemos que os romanos (tal como os modernos povos latinos) apreciavam muito adornar os seus lugares públicos. Isso se via até na área geral do pretório, que fora enfeitada com mármore e pedras coloridas, à guisa de mosaicos. Josefo ajunta o informe de que o monte inteiro do templo de Jerusalém fora pavimentado com uma forma de trabalho em mosaico, (ver Josefo, *Antiq.* 5.5.2). Mármore nas cores vermelho, azul, negro e branco era freqüentemente usado nessa modalidade de decoração.

**Nos tempos atuais,** é costume mostrar aos turistas uma espécie de pavimento de mosaico, próximo do local do templo, sob a alegação de tratar-se do próprio pavimento onde se desenrolou esse julgamento de Jesus diante de Pilatos. Muitos são da opinião de que o pavimento «mencionado apenas aqui por nome», onde Jesus foi conduzido até à presença de Pilatos, segundo se descobriu nas investigações, estava localizado no átrio central da fortaleza de Antônia, que fica por baixo do arco de *Ecce Homo* (vide). Mas esse arco foi construído somente já nos tempos de Adriano (120 D.C.). Outros eruditos crêem que esse pavimento ficava situado defronte do antigo palácio de Herodes, na Cidade Alta, em Jerusalém. Realmente é impossível alguém provar qual foi o verdadeiro pavimento usado quando desse julgamento de Jesus, se é que o mesmo ao menos ainda existe.

## GABATÁ

Esse é o nome pelo qual é chamado o eunuco que armou um conluio contra o rei Assuero, da Pérsia. Mordecai descobriu o que estava sucedendo e revelou a questão ao rei, por meio de Ester. Isso é mencionado nas adições a Ester (12:1). Em Ester 2:21 ele é chamado *Bigtā*, o que se repete em Ester 6:2, embora algumas versões, neste último versículo, digam *Bigtana*. Ele e um homem que planejou com ele, foram executados. Ele viveu em torno de 520 A.C.

## GABEL

O livro deutero-canônico (apócrifo) de Tobias (1:1) menciona um membro da tribo de Naftali que tinha esse nome. Além disso, um irmão ou filho de Gabrias, que vivia em Rages, na Média, também atendia por esse apelativo. Tobias deixou com esse homem dez talentos de prata, para guardá-los (Tobias 1.14; 4.20). Posteriormente, ele enviou seu filho, Tobias (pois pai e filho tinham o mesmo nome), para trazer o dinheiro, visto que certos envoltimentos políticos não lhe permitiam fazer pessoalmente a viagem.

## GABIROL, SOLOMON IBN

Ver sobre *Avicebron, Salomão Ben-Gabirol*.

## GABRIAS

Nome do pai ou irmão de Gabel, que vivia em Rages, na Média. Tobias, pai, havia deixado dez talentos de prata sob os cuidados de Gabel. Ver sob *Gabel*, quanto ao incidente. Ele é mencionado no livro apócrifo de Tobias (1.14 e 4.20).

## GABRIEL

Esse vocábulo hebraico significa «homem de Deus» ou «herói de Deus». Esse é o nome de alguns dos poucos anjos cujos nomes pessoais são dados nas Escrituras. Ver Dan. 8:16 e 9:21. Ver o artigo separado sobre *Anjo*, onde apresentamos uma elaborada descrição sobre a doutrina que circunda os anjos.

Na Bíblia há várias alusões a esse ser. Ele foi enviado a Daniel a fim de explicar-lhe várias visões que tivera (Dan. 8:16; 9:21). Anunciou o nascimento de João Batista a seu pai, Zacarias (Luc. 1:11). Dialogou com a Virgem Maria a respeito do breve nascimento de Jesus, o Messias (Luc. 1:26). O trecho de Daniel 12:1 sugere que Miguel tem sido o especial campeão angelical da nação de Israel, e que também será o defensor especial de Israel, durante a Grande Tribulação (vide).

A angelologia inclui a idéia de que cada nação conta com um anjo ou com anjos que cuidam do bem-estar dessa nação. E, naturalmente, todos estamos familiarizados com a doutrina do anjo da guarda (sobre o que damos um artigo separado, nesta enciclopédia). Alguns anjos recebem tarefas e missões especiais. Gabriel parece receber o serviço de um mensageiro, despachado para realizar missões especiais, de vários tipos. Tenho lido sobre duas aparições modernas desse anjo. Uma delas foi a um professor universitário anglicano, o qual foi instruído, em suas visões, a dar início a uma nova comunidade religiosa, a fim de preparar um povo para enfrentar grandes dificuldades que são esperadas para a nossa própria época. Dessas comunidades surgirá a ajuda para recuperar a humanidade, após a Grande Tribulação. Também tem sido dito que esse anjo foi o poder que expeliu o espírito que possuía o homem envolvido no livro (e no filme) *O Exorcista*. O indivíduo realmente envolvido foi um homem, e não uma adolescente, conforme aparece na versão cinematográfica que tem sido popularizada. Seja como for, depois de terem falhado os melhores esforços de vários padres católicos romanos, o homem possuindo afirmou que o anjo Gabriel se pôs visivelmente a seu lado, e então ordenou ao espírito mau, também visível: «Sai!» Daquele momento em diante, a possessão terminou. Subseqüentemente, o homem casou-se e tem levado uma vida normal.

**O caso que envolveu o professor anglicano** tem sido amplamente investigado por oficiais daquela denominação, e eles têm confirmado a validade da experiência, mesmo que não possam provar a participação específica do anjo Gabriel nesse incidente. Não é possível averiguar essas coisas ao ponto da certeza; mas podemos saber, com certeza, que existem grandes espíritos não-humanos, que acodem em nosso socorro, quando isso se faz mister. Eles são espíritos ministradores, que visam ao benefício daqueles que haverão de herdar a vida eterna (Heb. 1:14).

## GABRIEL — GADARA

Apesar de podermos duvidar, com certa dose de razão, das elaboradas angelologias que várias fés religiosas têm criado, a realidade de poderes sobre-humanos, que operam em nosso favor, é bem confirmada nas experiências religiosas e não apenas na literatura. No livro pseudepígrafo de I Enoque, quatro grandes arcanjos são nomeados: Miguel, Rafael, Gabriel e Uriel. Ali, eles anunciam a Deus a corrupção dos homens e recebem várias missões para cumprir. Nos escritos rabínicos, Gabriel é apresentado de pé, diante do trono do Senhor, perto do pendão que representa Judá. Os islamitas demonstram grande respeito por Gabriel, afirmando que foi ele quem entregou uma cópia completa do Alcorão a Maomé. Naquele documento ele é chamado de Espírito da Verdade e de Espírito Santo. Também aparece como um grande poder, que far-se-á presente ao julgamento dos homens, no último dia.

No livro de I Enoque, achamos quatro funções distintas de Gabriel, a saber: 1. ele é um anjo que castiga (I Enoque 10:9); 2. ele é um poder no paraíso, que domina as serpentes e dá ordens aos querubins (I Enoque 20:7); 3. ele é um intercessor em favor dos homens (I Enoque 40:6,9); 4. ele é um poder que executará julgamento contra os anjos caídos (I Enoque 64:6).

### GABRIEL BIEL

Ver sobre **Biel**, **Gabriel**.

### GADARA, GADARENOS

Esse lugar é mencionado somente em relação a história do homem possuído por muitos espíritos malignos, de tal modo que eles se chamaram de «Legião» (Mat. 8:28; Mar. 5:1 e Luc. 8:26). Uma vez expelidos do homem, os espíritos imundos entraram em uma vara de porcos que por ali pastava, fazendo-os correr até as margens do lago da Galiléia, onde se afogaram. Nos manuscritos há alguma confusão quanto ao nome da localidade, pois dizem Gadara ou Gerasa. Ver sobre *Gerasa*.

Gerasa era uma cidade de Decápolis (moderna Jeras, na Transjordânia), localizada a mais de 50 km a sueste do mar da Galiléia e, conforme Orígenes percebeu (*Comentário sobre João V*, 41, 24), esse é o menos provável dos três lugares. Outra área decapolitana era Gadara, cerca de 8 km a sueste do mar da Galiléia (moderna Um Queis). Embora Orígenes também fizesse objeção a Gadara (o que, segundo ele afirmou, aparece em alguns poucos manuscritos) porque ali não havia nem lago e nem precipício. Josefo (*Vida IX.42*) refere-se a Gadara como cidade que tinha um território «que jazia nas fronteiras de Tiberias» (= o mar da Galiléia). Que esse território chegava até o mar pode-se inferir do fato de que antigas moedas que trazem o nome de Gadara com frequência retratam um barco. Orígenes preferia Gergesa, não porque ocorre nos manuscritos — ele faz silêncio sobre isso — mas por causa da base dúbia da tradição local (é o lugar «de onde, conforme se frisa, os porcos foram lançados precipício abaixo pelos demônios») e por causa da base ainda mais duvidosa da etimologia («o significado de Gergesa é 'habitação dos que foram expulsos', e, desse modo, o nome «contém uma alusão profética à conduta mostrada pelos habitantes daqueles lugares ao Salvador, os quais 'rogaram-lhe que se afastasse do território deles'»).

Mat. 8:28: *Tendo ele chegado ao outro lado, à terra*

*dos gadarenos, saíram-lhe ao encontro dois endemoninhados, vindos dos sepulcros; tão ferozes eram que ninguém podia passar por aquele caminho.*

(Mar. 5:1-20 e Luc. 8:36-39). «*Terra dos gadarenos*». Os mss Aleph C(3) EKL SUVX Fam Pi e as traduções KJ e AC dizem *gergesenos*. Os mss Aleph B C M Delta e todas as traduções, menos KJ e AC, dizem GADARENOS. No relato paralelo de Mar. 5:1, no melhor texto, — a palavra é *gergesenos* (e também na tradução F de Mateus). O verdadeiro texto, em Mateus, sem dúvida é «gadarenos». Há a sugestão que Mateus definiu a localidade como Gadara, aldeia bem-conhecida, — em vez de fazer menção a Gerasa, um lugarejo obscuro. O nome «gergesenos», embora não seja o que aparece no texto, talvez possa ser explicado pelo fato de que em tempos anteriores, esse território era ocupado pelos girgasitas, uma das raças cananéias. O nome, provavelmente, é introduzido aqui por equívoco de algum escriba. Orígenes foi o primeiro a sugerir esse nome em um comentário, e talvez alguns mss apresentem tal nome independentemente do testemunho de Orígenes. Muitas opiniões, geralmente discordantes entre si, abundam em relação a esse problema; e parece que é impossível termos conhecimento exato sobre o local onde ocorreu esse milagre.

**Dois endemoninhados.** Marcos e Lucas mencionam apenas um indivíduo. As explicações sobre esse fato são as seguintes: 1. A referência é à pluralidade de demônios, e não de homens. 2. Mateus reúne duas histórias de Marcos, em 1:23 e 5:1, pelo que Marcos teria razão em falar de um único personagem. 3. A idéia mais comum é de que um dos dois homens era o mais violento, e que o outro dependia dele, pelo que também Marcos e Lucas mencionaram somente o que mais se destacava. Alguns intérpretes nem procuram resolver o problema. Se há alguma solução, a terceira interpretação parece a mais razoável.

Não está em dúvida a localização geral onde se deu esse milagre. Ficava bem perto do mar ou lago da Galiléia. A Mishnah refere-se a Gadara como lugar existente desde o período do Antigo Testamento. Foi variegadamente governada pelos monarcas ptolomeus, pelos selêucidas, pelos judeus e pelos romanos, desde o século III A.C. até a destruição de Jerusalém, em 70 D.C. Gadara era uma das cidades da Decápolis (vide). As ruínas de Umm Qays assinalam o antigo local.

Josefo mencionou o lugar em relação às guerras dos Macabeus. Alexandre Janeu conquistou-o, após um mês de cerco. Ver Josefo (*Anti.* 12.3,3; *Guerras* 1.4.2). Essa cidade foi reconstruída por Pompeu, em 63 A.C. Ver Josefo (*Guerras* 1:7,7). Foi então que ela se tornou uma cidade livre. Gabínio tornou-a a capital de um dos cinco distritos da Palestina ocupada. Augusto deu-a de presente a Herodes, o Grande, em 30 A.C. Ver Josefo (*Anti.* 11.7,3; *Guerras* 1.20,3). Mas, quando ele faleceu, a cidade foi anexada à província da Síria. Ver Josefo (*Anti.* 17.11,4; *Guerras* 2.18,1). Vespasiano conquistou-a por ocasião da revolta dos judeus, incendiou-a e saqueou toda aquela região. Ver Josefo (*Guerras* 3.7,1). Contudo, ela foi reconstruída, e floresceu uma vez mais. Naquele local têm sido encontradas moedas antigas, desde o século III D.C. Tornou-se a sede de um bispo cristão, a partir de 325 D.C., até que as conquistas islâmicas destruíram os templos cristãos da região.

**Arqueologia.** Têm sido encontradas extensas ruínas, incluindo as de dois anfiteatros, uma basílica, um templo, várias colunatas, áreas residenciais, um aqueduto — todas coisas típicas das cidades greco-romanas.

## GADE

*Esboço:*

1. O Sétimo Filho de Jacó
2. A Tribo de Gade
3. O Território de Gade
4. Gade, o Profeta
5. Gade, uma Divindade Pagã
6. Gade, uma Planta
7. Gade, o Vale

No hebraico, esse nome significa «fortuna». Trata-se do nome de várias personagens e de certas coisas ligadas ao Antigo Testamento.

**1. O Sétimo Filho de Jacó.** Era filho de Zilpa, criada de Lia, concubina de Jacó. Ele foi chamado assim para indicar que uma tropa (ou muitos filhos), ou a boa fortuna, estava chegando (Gên. 30:9-11). Seu irmão pleno e mais jovem foi Aser, pois todos os outros filhos de Jacó eram apenas seus meio-irmãos, por terem tido outras mães (quatro, ao todo). Gade nasceu quando Jacó jornadeava na região de Labão, em Padã-Ará, durante os sete anos em que trabalhou a fim de pagar por Raquel, sua segunda esposa. Nenhum incidente envolvendo Gade, com exclusividade, é narrado no Antigo Testamento; mas somente aquilo em que ele participou juntamente com toda a família patriarcal. Desceu ao Egito com a sua própria família (esposa e filhos). Teve sete filhos: Zifiom, Haqi, Suni, Esbom, Eri, Arodi e Areli (ver Gên. 46:16). Alguns desses nomes aparecem com formas variantes, em Núm. 25:16. Em seu leito de morte, Jacó predisse que tropas haveriam de atacar Gade, mas que ele, por sua vez, atacaria em seus calcanhares. Isso constitui um jogo de palavras com o sentido do seu nome, Gade (ver Gên. 49:9). Os amonitas, pois, cumpriram essa predição. Os homens de Gade contra-atacaram, o que reflete as guerras tão predominantes no Antigo Testamento e, de fato, por toda a história da humanidade.

**2. A Tribo de Gade.** Quando essa tribo saiu do Egito, foram encabeçados por Eliasafe, filho de Deuel. Dispunham de 45.650 homens aptos para o serviço militar. Porém, durante as vagueações pelo deserto do Sinai, seu número diminuiu para 40.500. Ver Núm. 1:24,25; 26:15-18. A totalidade do povo de Israel era de 603.550 homens, o que quer dizer que o número de Gade era um pouco menos que um doze avos do total. O espião que eles enviaram, para examinar a terra de Canaã, foi Güel, filho de Maqui (Núm. 13:15). Juntamente com os rubenitas, eles solicitaram e receberam terras em herança a leste do rio Jordão, entre Rúben, mais ao sul, e Manassés, mais ao norte (Deu. 32; 33:20,21). Mas, soldados gaditas ajudaram na conquista dos territórios cananeus a oeste do rio Jordão. No monte Ebal, eles concordaram com as maldições da lei, impostas sobre os desobedientes (Deu. 27:13; Jos. 1:12,14; 4:12). Após sete anos, eles voltaram aos seus lares, porque a conquista da terra de Canaã estava essencialmente terminada (Jos. 22). O trecho de I Crônicas 12:8-15,37,38 fala sobre a ajuda que eles prestaram a Davi, na luta contra os homens fiéis a Saul, e como se fizeram presentes quando da coroação de Davi como rei de Israel. Os árabes e os amorreus mantiveram os gaditas em contínuo estado de conflito armado, tal como fora predito por Jacó (Gên. 29:19; Deu. 33:20; I Crô. 5:19 ss). Nos dias de Jeroboão II, eles obtiveram o triunfo na guerra e conquistaram muitos despojos. Mas, quando Tiglate-Pileser levou o reino do norte, Israel, os gaditas compartilharam dessa triste sorte e, juntamente com os rubenitas, foram levados para a Assíria. Foi então que os amonitas e moabitas

conquistaram o território vago (I Crô. 4:18-26; Jer. 48:18-24; 49:1).

Gade é incluído na divisão das terras, predita para o futuro Israel restaurado (Eze. 48:27). O nome *Gade* aparece como nome de um dos portões da futura cidade restaurada de Jerusalém (Eze. 48:34). Doze mil gaditas, segundo está predito, farão parte dos cento e quarenta e quatro mil israelitas, selados por ocasião da futura Grande Tribulação (Apo. 7:5).

**3. O Território de Gade.** Terminada a conquista da terra de Canaã, a cada tribo de Israel foi dada uma parcela, como herança, na Palestina. A «terra de Gade» é uma alusão bíblica àquela porção que os homens dessa tribo receberam (I Sam. 13:7; Jer. 49:1). Ficava situada a leste do rio Jordão, em Gileade, ao norte do território que coube a Rúben, e separada do território dos amonitas pelo rio Jaboque. De acordo com I Crônicas 5:11, os gaditas ampliaram o seu território para leste, até Salcá, embora Moisés, originalmente, tivesse alocado esse território à tribo de Manassés (Deu. 3:10,13). Porém, compreendamos que é muito difícil traçar linhas fronteiriças exatas entre tribos de atividades pastoris. Em Josué 13:25, a terra de Gade é chamada de «metade da terra dos filhos de Amom». Isso não porque os amonitas, então, fossem os donos dessas terras, mas porque a porção ocidental das margens do rio Jaboque antes tivera esse nome. As cidades principais da tribo eram chamadas de «cidades de Gileade» (Jos. 13:25).

**4. Gade, o Profeta.** Um profeta, contemporâneo de Davi, teve esse nome. Provavelmente, ele pertencia à escola dos profetas, dirigida por Samuel e que, desde o começo, ligou-se ao filho de Jessé (I Sam. 22:5). Observações bíblicas sobre suas atividades proféticas aparecem em II Sam. 24:11 ss; I Crô. 21:9 ss, e 29:25. Ele escreveu uma crônica sobre o reinado de Davi, a qual, por certo, foi usada como fonte informativa na história da época, segundo aparece na Bíblia, em I Crô. 29:29, em cerca de 1062 A.C. Ele participava do ministério musical efetuado no templo (II Crô. 29:25) e, sem dúvida alguma, estava vinculado à corte real, em Jerusalém.

— Talvez o incidente mais conhecido que envolveu esse homem tivesse sido sobre a questão do recenseamento feito por Davi, contrariamente à vontade do Senhor. Davi precisou ser castigado por sua arrogância, e foi Gade quem levou a ele o recado do Senhor, dando-lhe três alternativas: três anos de fome; três meses de derrotas, às mãos de seus inimigos; ou três dias de pestilência. Davi preferiu a terceira alternativa e, em três dias, morreram de peste setenta mil homens. O anjo da morte estava de pé, na eira de Araúna (Orná), o jebuseu (I Crô. 21:15), quando Deus determinou que a praga cessasse. Naquele lugar, foi construído um altar comemorativo. Davi ofereceu holocaustos sobre o mesmo e a dificuldade passou (II Sam. 24:10-25; I Crô. 21). Posteriormente, aquela área em geral tornou-se o sítio onde foi construído o templo de Jerusalém.

**5. Gade, uma Divindade Pagã.** Ver Isaías 65:11. Essa divindade, representada como um ídolo, era considerada um deus da fortuna ou boa sorte. Sua adoração envolvia vários povos semitas. Ele é mencionado em conexão com *Meni* (Destino). Isaías proferiu uma predição de condenação contra aqueles que participassem de tal veneração. Sua adoração também era popular entre os cananeus, havendo santuários vinculados a ele, em várias localidades, conforme é evidenciado por certos nomes combinados, como Baal-Gade (Jos. 11:17), Migdal-Gade (Jos. 15:37). Seu nome também aparecia em nomes próprios combinados para pessoas, como Gadi e

## GADE — GADO VACUM

Gadiel (Núm. 13:10,11). Alguns eruditos têm-no identificado com o Marduque, dos babilônios, e com Júpiter, dos romanos. Também é possível que sua adoração estivesse envolvida com a lua e com o sol, o que também sucedia a Júpiter, que era reputado como um corpo celeste da boa sorte.

**6. Gade, uma Planta.** Ver Exo. 16:31 e Núm. 11:7. Em nossa versão portuguesa, essa planta aparece como o «coentro», em ambas essas referências. Lemos ali que o maná assemelhava-se à planta «gade», de cor branca. Se o coentro é a tradução certa então devemos pensar no seu nome científico, *Coriandrum sativum*. A semente (fruto) dessa planta é de formato globular, de cor esverdeada. Seu odor e seu gosto são agradáveis. Um óleo volátil é extraído da mesma.

**7. Gade, o Vale.** Esse era o nome do lugar onde foi iniciado o recenseamento determinado por Davi. As traduções diferem quanto à questão. Ver II Samuel 24:5. Algumas dizem «na direção de Gade», outras dizem «o rio de Gade» e, ainda outras, «o vale de Gade» (conforme diz nossa versão portuguesa). A *Aroer* que aparece nesse texto, provavelmente alude a uma cidade ao norte das margens do rio Arnon, e esse seria o rio ou vale em questão. Seja como for, a extremidade sul do território da Transjordânia está em foco, como a localização geral do mesmo.

### GADI

Esse nome vem de um termo hebraico que significa «fortuna». Foi o nome de um filho de Susi, filho de Sodi, que foi enviado por Moisés a fim de explorar a terra de Canaã, juntamente com os outros onze espias (Núm. 13:11). Viveu, portanto, em torno de 1490 A.C.

Esse nome também designa um filho de Matatias e irmão de Judas Macabeu. Essa família, com seus muitos membros, liderou uma revolta dos judeus contra os governantes selêucidas, da Síria. Ver I Macabeus 2.2.

Finalmente, também foi o nome do pai do rei Manaém, de Israel, o qual, posteriormente, assassinou Salum e reinou em seu lugar (II Reis 15:14). Viveu em torno de 740 A.C. O nome *Gadi*, talvez, seja uma forma abreviada de Gadiel, que significa «Deus é a minha fortuna».

### GADIS

Sobrenome de João (Joanã), filho de Matatias e irmão mais velho de Judas Macabeu. A família inteira dos Macabeus estava envolvida na revolta dos judeus contra os dominadores selêucidas, de onde emergiu a história das guerras dos Macabeus e dos livros deuterocanônicos (apócrifos) que têm esse nome.

### GADITAS

Eram os descendentes de Gade (vide), o sétimo filho de Jacó e, portanto, membros da tribo desse nome. Ver sobre *Gade*, segundo ponto.

### GADO VACUM

Um animal importantíssimo para muitas culturas, antigas e recentes. Diversas palavras hebraicas e gregas são assim traduzidas nas Escrituras, talvez indicando variedades raciais. Ver o artigo sobre o *Touro*, quanto a informações que acompanham o presente verbete. Parte da riqueza de Abraão consistia em gado vacuum. E, desde então, os israelitas têm criado esse animal. Na antiguidade, além de servir de alimento, o gado era usado nos sacrifícios

cruentos. Até mesmo no Egito, o gado era entregue aos cuidados de boieiros e criadores. Uma das palavras hebraicas traduzidas como gado na verdade significa *possessão*, sendo verdade que muitos indivíduos calculavam seus bens materiais em termos de quantas cabeças de gado possuíam. Essa palavra, entretanto, tem um sentido geral, incluindo outros animais, como cavalos, asnos, ovelhas e bodes, animais esses também muito importantes para a economia de Israel, que era um país essencialmente agrícola.

A adoração sacrificial a Yahweh requeria esse animal (Lev. 22:27). Era um animal limpo, pelo que sua carne podia ser usada na alimentação humana. Além disso, antes da era da mecanização, esse animal era útil para transporte de pesadas cargas, como puxar carroças, arados, etc (que vide).

**Itens de sua História.** O gado vacuum descende de um grupo de raças de *Bos primogenius*. Ver sobre o *Boi Selvagem*. Vem sendo domesticado pelo menos desde os primeiros tempos neolíticos, aparentemente depois dos bodes e ovelhas, e, provavelmente, inicialmente na parte sudoeste da Ásia. Esse animal, forte e grande, precisou encontrar uma situação agrícola bem desenvolvida para começar a ser domesticado, porquanto precisava ser alimentado e confinado em áreas adequadas para isso. A carne deve ter sido a principal razão de sua domesticação, embora também devamos pensar no leite e no couro. Este último pode ser usado para o fabrico de muitos artigos úteis, incluindo trajes de trabalho, muito duradouros. Antes da era do bronze, muito antes da época dos patriarcas de Israel, o gado já fazia parte da cena agrícola de grande parte do Oriente e do vale do rio Nilo. Gradualmente, esse animal tornou-se o animal domesticado de maior importância para o homem, conforme sucede até os nossos dias. As estimativas calculam que a população vacuum do mundo moderno é de cerca de setecentas milhões de cabeças. A arqueologia tem descoberto inúmeras evidências de gado, em seus muitos usos e aplicações, na Mesopotâmia e no Egito. E, naturalmente, havia o touro sagrado do Egito e o incidente que envolveu Aarão, o que mostra que o povo de Israel não estava isento do absurdo da adoração a esse animal. Ver o artigo sobre o *Boi Ápis*. Mosaicos e selos de muitos locais, pertencentes ao quarto e ao terceiro milênios AC mostram gado em grande variedade de situações e usos. Relevos pintados em templos e modelos, retratam várias espécies de gado, com diferentes colorações. O culto ao touro propagou-se, e encontrou sua expressão mais elevada na Creta da época minoana. Esse culto teve muitas expressões, pelo que havia homens-touros, touros alados e todos os tipos de representação, na arte e na arquitetura.

**Na Palestina,** segundo os registros históricos mais antigos, bem como nos registros bíblicos, vemos que o gado era largamente usado. Para os hebreus, o gado significava riqueza material, animais para os sacrifícios, alimento abundante, couro para vestuário e para muitos outros usos. - Estes animais também foram de prestimosa ajuda em muitos serviços pesados. Abraão trouxe gado do Egito, e os hebreus, por ocasião do êxodo, levaram consigo rebanhos de gado. Os hebreus tornaram-se habilidosos criadores de gado, tendo desenvolvido várias espécies desse animal. Os bois eram usados para lavrar os campos e trilhar os grãos de cereal, bem como para mover cargas de todas as espécies. A experiência moderna demonstra que o gado criado em áreas de grande calor precisa ser resistente às altas temperaturas; e essa é uma das qualidades do gado vacuum, pelo que

era capaz de prosperar no vale do rio Jordão.

As palavras hebraicas envolvidas são as seguintes:

1. *Behemah*, «gado». Palavra hebraica usada por cento e oitenta e nove vezes (por exemplo: Gên. 1:24-26; 2:20; Êxo. 20:10; Lev. 1:2; 5:2; Núm. 3:41; Deu. 2:35; 3:7; Jos. 8:2,27; Sal. 50:10; Isa. 46:1; Zac. 2:4).

2. *Beir*, «besta». Palavra usada por seis vezes (por exemplo: Núm. 20:4 e Sal. 78:48).

3. *Miqneh*, «possessão». Palavra usada por setenta e cinco vezes (para exemplificar: Gên. 4:20; 13:2,7; Êxo. 9:3-7,19-21; Núm. 20:19; Jó 36:33; Isa. 30:23; Jer. 9:10; Eze. 38:12,13).

A palavra grega envolvida é *kténos*, «gado», «animal», que aparece por quatro vezes no Novo Testamento: Luc. 10:34; Atos 23:24; I Cor. 15:39 e Apo. 18:13. Tal como no caso da palavra hebraica *miqneh*, acima, uma variante desta palavra grega significa «propriedade», «possessão», isto é, *ktéma*, que aparece em Mat. 19:22; Mar. 10:22; Atos. 2:45 e 5:1.

## GAETÁ

No hebraico, «insignificante», embora alguns pensem em «vale queimado». Esse foi nome de um dos netos de Esaú e quarto filho de Elifaz (Gên. 36:11; I Crô. 1:36), que era chefe de um clã edomita. Viveu em algum tempo depois de 1740 A.C.

## GAFANHOTO Ver Praga de Gafanhotos.

## GAFANHOTO DEVORADOR

No hebraico, *yelek*, palavra que figura por nove vezes nas páginas do Antigo Testamento: Joel 1:4; 2:25; Naum 3:15,16; Sal. 105:34; Jer. 51:14,27. Ver sobre *Praga de Gafanhotos*.

## GAII

Esse nome, que só aparece como uma variante de *Gate* (vide), significa «vale», no hebraico. Em alguns manuscritos, esse nome ocorre em I Samuel 17:52, onde o lugar aparece, juntamente com *Ecroin*, como o limite até onde os israelitas perseguiram aos filisteus, depois que Davi triunfou em batalha pessoal contra Golias.

## GAIATRI

Essa é uma oração famosa que os hindus piedosos repetem todos os dias. Foi extraída do Rig Veda, terceiro livro (62.10): «Meditemos sobre o adorável esplendor de Savitar; que ele ilumine as nossas mentes». Essa mesma palavra, *gaiatri*, especifica uma das métricas empregadas nos hinos védicos.

## GAIIO

O nome próprio Gaio é uma adaptação do latim, *Gaius* (com uma variante, Caio), e que significa «estou alegre». Era um nome pessoal comum entre os romanos, com acompanhamento do nome de família, a fim de identificar um membro particular do grupo. Vários indivíduos são assim chamados, nas páginas do Novo Testamento:

1. Um dos companheiros de viagem de Paulo, nativo da Macedônia. Juntamente com Aristarco, foi arrebataado por uma multidão, durante um levante popular em Éfeso, conforme o registro de Atos 19:29, em cerca de 54 D.C. Nada mais se sabe sobre esse homem, exceto aquilo que foi sugerido no texto.

2. Houve um outro Gaio, igualmente companheiro de Paulo, quando o apóstolo subiu a Jerusalém, que também fez parte do grupo que esperou pelo apóstolo dos gentios em Trôade (Atos 20:4 ss). Lemos que esse Gaio era natural de Derbe, embora o chamado texto Ocidental diga *Douberus*, que era uma aldeia da Macedônia. Alguns eruditos têm vinculado Derbe a Timóteo, o que faria Gaio, juntamente com Aristarco e Segundo, tornar-se um *tessalonicense*. Mas, seja como for, continuaria ele sendo um macedônio, o que significa que talvez possa ser identificado como o primeiro indivíduo a figurar com esse nome (ponto primeiro, acima). Outros estudiosos, entretanto, rejeitam essa conjectura, não havendo meio algum para obtermos informes certos a respeito.

3. Um coríntio, Gaio, batizado pelo apóstolo Paulo (ver I Cor. 1:14). Uma congregação cristã se reunia em sua casa; e Paulo hospedou-se na mesma durante a sua terceira visita a Corinto. Alguns estudiosos identificam esse Gaio com *Tito Justo* (ver Atos 18:7), supondo, nesse caso, que Gaio seria o seu prenome. Orígenes, em seus comentários sobre o décimo sexto capítulo de Romanos, menciona uma tradição antiga que afirmava que esse Gaio foi o primeiro bispo ou pastor de Tessalônica.

4. Aquele a quem o apóstolo João se dirigiu em sua terceira epístola, louvando-o por sua retidão e hospitalidade. Esse *Gaio* tem sido identificado com *qualquer* um dos outros indivíduos desse nome, mas, especialmente, com o primeiro e com o terceiro. Porém, nada se sabe de certo acerca dele, além daquela simples menção na terceira carta de João.

5. Um filósofo que viveu no século II D.C., líder de uma escola platônica eclética, associada à quarta academia. Ele sintetizou o platonismo com o estoicismo, dando a Platão um caráter religioso e místico. Chegou a influenciar os neoplatonistas Proclo e Prisciano.

## GAIOLA

No hebraico, *kelub*, «gaiola» ou «cesto». Palavra usada no Antigo Testamento por três vezes (Jer. 5:27 e Amós 8:1,2) e subentendida em Jó 41:5. Ao que parece, os israelitas guardavam pássaros em gaiolas, embora nenhuma informação a esse respeito tenha chegado até nós. Um pássaro preso em uma gaiola simboliza a privação de liberdade, podendo aparecer nos sonhos como uma limitação imposta à alma, ou auto-infligida, ou aplicada por força externa. Também pode indicar o confinamento no hades.

O termo grego *fulake*, que aparece por quarenta e cinco vezes no Novo Testamento, com o sentido mais comum de «prisão» aparece em Apo. 18:2 por duas vezes, nas palavras em itálico, na citação desse trecho: «...*covil* de toda espécie de espírito imundo e *esconderijo* de todo gênero de ave imunda e detestável».

Uma espécie de lugar fechado, tipo caixa, para reter animais ou aves, usualmente feito de varas trançadas, barras, etc. Alguns tradutores têm traduzido as palavras armadilha ou ardil por gaiola. Em Jer. 5:27 e Amós 8:1,2, temos uma gaiola ou cesto. Em Eze. 19:9 há outra palavra hebraica, tomada por empréstimo do assírio *sigaru*, usada para indicar uma gaiola ou prisão. No grego temos as palavras *angos*, «vaso», «receptáculo», usadas na LXX, em Amós 8:1,2; *galeagra*, «gaiola» ou «armadilha para animais», na LXX, em Eze. 19:9; *pagis*, «armadilha», usada na LXX, em Jer. 5:27, e, no Novo Testamento, em Luc. 21:35; Rom. 11:9; I Tim. 3:7; 6:9; II Tim. 2:26; *phulaké*, «vigia»,

«guarda», usada em Apo. 18:2, para indicar uma prisão ou detenção domiciliar, e não uma gaiola. Nesse sentido, a palavra é usada pelos escritores gregos em geral, aparecendo por cento e dezessete vezes na LXX.

*Usos Figurados.* O futuro império do anticristo será como uma gaiola, com toda a variedade de aves imundas e odiosas (Apo. 18:2). Isso refere-se às corrupções humanas, moral e espiritualmente falando. Em Jeremias 5:27, lemos que as casas dos homens abrigam engano e traição, tal como as gaiolas retêm toda espécie e variedade de aves. O Prisma de Taylor, no Museu Britânico, exhibe Senaqueribe afirmando que encerrou Ezequias «...como um pássaro engaiolado, em Jerusalém», sem dúvida dando a entender que o sujeitara à humilhação, por suas ações militares. (G HA I UN)

## GAITA DE FOLES

Ver o artigo sobre **Música e Instrumentos Musicais**.

## GAIVOTA

No hebraico, *shachaph*, palavra que aparece por duas vezes em todo o Antigo Testamento: Lev. 11:16 e Deu. 14:15. Na Palestina há várias espécies de gaiotas, num total de mais de vinte, algumas residentes e outras migrantes. Algumas dessas espécies vêm do sul, sobrevoando o golfo de Aqaba e pousando em Eliate, antes de prosseguirem terra adentro. Mas outras espécies chegam, fugindo do clima frio, de outras procedências. Entre essas espécies há aquela de dorso negro e aquela de cabeça negra. Quando elas chegam podem ser observadas por toda a parte, às margens do mar Mediterrâneo e do mar Vermelho, no lago da Galiléia ou em qualquer acúmulo de água, que lhes ofereça refúgio e alimentos. Quase todas as espécies de gaiotas são comedoras de detritos, pelo que são aves imundas, de acordo com as instruções levíticas. Algumas traduções dizem *gaivota*, nessas duas referências, acima citadas (como a nossa versão portuguesa), mas outras traduções preferem pensar em algum outro pássaro. A King James Version fala sobre o «cuco» e a RSV (também inglesa), diz «gaivota», no que é secundada pela Berkeley Version. Já a Edição Revista e Corrigida prefere o «cuco», em ambas essas passagens. Ver o artigo geral sobre *Aves da Bíblia*.

## GALAADE

Ver sobre **Gileade**.

## GALÁCIA

Há uma certa ambigüidade quanto ao uso que o Novo Testamento faz desse termo, devido ao fato de que pode significar duas coisas diferentes, segundo o seu emprego histórico, a saber:

1. O antigo reino étnico da Galácia, localizado na porção norte do grande planalto interno da Ásia Menor, moderna Turquia. Essa área incluía uma grande parte do vale do rio Halis, e compunha-se de porções dos territórios antes conhecidos como Capadócia e Frígia. O nome derivava-se do fato de que os gauleses, um povo celta, a convite de Nicomedes I, rei da Bitínia, entraram na região, atacando, saqueando e expulsando seus antigos habitantes. Atalo I, de Pérgamo, finalmente conseguiu contê-los; mas partindo do território que haviam conquistado, continuaram assediando seus vizinhos.

Aquela gente, com o tempo, dividiu-se em três grupos: os *trocmii*, que se estabeleceram na porção leste, que fazia fronteira com a Capadócia e com o Ponto; sua capital era Távium. Os *tolistobogii* apossaram-se da porção oeste, que fazia fronteira com a Frígia e a Bitínia; sua capital era Pessino. E os *tectosages*, que se estabeleceram na área central, cuja capital era Ancira. Os romanos levaram a paz à região, mediante o poder e a habilidade de Mânlio Vulso (188 A.C.), que fez da mesma uma espécie de tampão, para isolar o agitado reino de Pérgamo.

Os povos dessa região preservaram sua fala céltica até o século V D.C., formando uma comunidade de povos coerente, resistindo a qualquer fragmentação maior. Essas três divisões políticas contavam com um conselho combinado e uma jurisdição coletiva. Deiotaro, o rei gálata, acompanhou a Pompeu, na guerra civil entre este e Júlio César. Por causa disso, quando a sorte das armas não sorriu a Pompeu e a seus aliados, Deiotaro foi acusado perante César de vários atos de insubordinação. Cícero defendeu-o, mas sem sucesso. Mas, quando Júlio César foi assassinado, Deiotaro reconquistou seu poder e deu apoio a Bruto e a Cássio, por ocasião da renovada guerra civil, novamente fazendo uma escolha errada. Porém, visto que Antônio desertou no momento certo, Deiotaro foi capaz de reter o seu reino. Em 42 A.C., Deiotaro assassinou um tetrarca rival, e assim adquiriu a Galácia inteira e as regiões circunvizinhas. Dessa maneira, a região estava tornando-se uma província romana habitada por muitas raças. Muitas batalhas seguiram-se, entre os romanos e os sucessores de Deiotaro; mas, em 25 A.C., Augusto foi capaz de restabelecer a paz na região. O antigo reino gálata foi ampliado, mediante a adição de certas faixas de terra da Frígia, da Licaônia, da Pisídia e talvez, da Panfília, formando-se assim a província romana da *Galácia*. Posteriormente, certas partes da Paflagônia e do Ponto foram acrescentadas, e um legado pretoriano passou a governar a província, até o ano de 72 D.C. Nesse tempo, o território foi novamente aumentado, mediante uma reorganização política. Porém, Trajano tornou a reduzir tal território, em 137 D.C. Sob Diocleciano, a província da Galácia foi reduzida quase ao seu tamanho principal, da Galácia céltica. As principais cidades do território, no século I D.C., eram Ancira, Antioquia da Pisídia e certos lugares visitados pelo apóstolo Paulo em suas jornadas missionárias, a saber, Icônio, Lистра e Derbe. Essas cidades contavam com uma população mista, composta de celtas, romanos, gregos, judeus, etc.

2. A Província Romana da Galácia. Uma parte da mesma foi acompanhada no parágrafo acima (incluída na Turquia moderna). Essa região aumentava e diminuía alternativamente de extensão. Em 64 A.C., a Galácia tornou-se um estado suserano de Roma. Seu último monarca foi Amintas, que sucedeu a Deiotaro, o qual falecera em 40 A.C. Ele fora o comandante das tropas gálatas auxiliares, que apoiavam Bruto e Cássio em Filipos, e compartilhou da deserção do contingente gálata a fim de dar apoio a Antônio. Por causa desse apoio, Antônio recompensou Amintas com o reino da Galácia (39 A.C.), que chegou a incluir parcelas da Lícia, da Panfília e da Pisídia. A guerra civil continuou, tornando-se evidente que Amintas fizera uma péssima escolha. No entanto, sendo um bom político, acabou desertando para o lado da facção mais forte, obtendo os favores de Otávio (que veio a tornar-se o imperador Augusto, quando chegou ao fim a república romana). Em resultado disso, Amintas reteve a sua autoridade real.



## GALÁCIA, MISSÃO DE PAULO

Em 25 A.C., a Galácia recebeu a condição de província romana, a qual incluía o antigo território étnico, além de porções tiradas do Ponto, da Frígia, da Licônia, da Pisídia, da Paflagônia e da Isáuria. Temos acompanhado o resto da história nas últimas linhas da discussão sob o primeiro ponto, acima.

Foi dentro dessa província romana da Galácia que Paulo labutou. Uma pergunta difícil tem surgido sobre como Paulo usou a palavra Galácia. Ele teria indicado a parte norte ou a parte sul da província? Paulo deu início a congregações cristãs na parte norte, ou os seus esforços envolveram somente a parte do sul? Em termos de distância, as cifras são pequenas, porque de Ancira até às cidades do sul, como Lистра, Derbe, Icônio e Antioquia eram apenas cerca de trezentos e vinte quilômetros; e de Antioquia para a Bitínia, não mais do que isso. Porém, as distâncias eram muito mais difíceis de transpor do que o são atualmente. Assim, dizer que Paulo não foi além de meros trezentos e vinte quilômetros em seus esforços missionários, era muito mais significativo nos seus dias do que na atualidade.

O problema inteiro das teorias da Galácia do Norte ou da Galácia do Sul, no tocante aos labores de Paulo, é amplamente discutido no artigo sobre a Epístola aos Gálatas, terceira seção, pelo que a questão não é aqui reiterada.

### GALÁCIA, MISSÃO DE PAULO

Ver Atos 13:13-14:28.

As congregações locais fundadas durante essa viagem missionária são aquelas mencionadas na passagem de Gál. 1:2, às quais essa epístola aos Gálatas foi endereçada, segundo a opinião de muitos eruditos. Posto que essas igrejas se achavam na região que chamaríamos de «sul» da Galácia, tem-se pensado que a epístola que Paulo escreveu aos «Gálatas» visa aos crentes da *Galácia do Sul*. Havia uma Galácia do Norte, cujas principais cidades eram Ancira, Pessino e Távio. Durante o primeiro quarto do século III A.C., uma tribo de gauleses, vinda mais do norte da Europa, invadiu a Ásia Menor, vagueando e pilhando tudo, até que Átalo, de Pérgamo, conseguiu confiná-la a um trecho do país no tabuleiro do norte, região essa que passou a ser conhecida pelo nome de Galácia, devido a seus novos habitantes gauleses. Alguns estudiosos têm pensado que a epístola de Paulo aos «Gálatas» foi realmente dirigida a eles, e essa idéia se tornou conhecida por teoria da «Galácia do Norte».

A história de como as cidades visitadas durante essa viagem missionária puderam vir a ser chamadas de *Galácia* é narrada de forma breve como segue: O rei gaules Amintas, através do favor de Augusto, pouco antes do fim do século I A.C., adquiriu um extenso reino, o qual incluía a própria Galácia, parte da Frígia, a Licônia, a Panfília e a parte ocidental da Cilícia. Por motivo de seu falecimento em 25 A.C., todo esse reino passou para o poder imperial de Roma. Subseqüentemente, a Panfília foi constituída como província separada. E, mais ou menos ao tempo da primeira viagem missionária de Paulo, que aqui é narrada, a Cilícia ocidental e uma parte da Licônia passaram a formar o reino de «Antíoco», ao passo que o restante daquelas regiões mencionadas acima, se tornou parte de uma província romana chamada «Galácia Maior». Por essa razão é que as igrejas cristãs fundadas em Antioquia da Pisídia, em Lистра, em Derbe e em Icônio, embora ficassem ao sul da Galácia propriamente dita, ainda ficavam dentro da província da Galácia.

Apesar dessa área encerrar várias raças, bem como condições sociais e políticas bem diversas entre si, todos os habitantes dali eram convenientemente chamados *gálatas*. Há um número crescente de intérpretes que opina que a epístola de Paulo aos Gálatas foi escrita para essas igrejas, e não para igrejas estabelecidas na Galácia do Norte.

**Passados cerca de trezentos anos**, foi abandonado esse método de agrupar as províncias, o nome «Galácia» passou a ser aplicado novamente apenas à região norte da região e o sentido mais lato do termo (que antes incluía as cidades mais ao sul) foi esquecido. Os arqueólogos, especialmente Sir William M. Ramsay, lembraram o mundo bíblico do antigo uso da palavra «Galácia», estabelecendo assim a plausibilidade do fato de que a epístola aos Gálatas foi realmente escrita àquelas igrejas cristãs que existiam mais ao sul da região, fundadas durante a primeira viagem missionária de Paulo, e não escrita aos celtas ou gauleses da Galácia do Norte. Tudo isso simplifica a harmonia entre a epístola aos Gálatas e o livro de Atos, porque contamos então com uma narrativa sobre a fundação dessas igrejas, ao passo que nada sabemos a respeito da fundação de igrejas cristãs na Galácia do Norte. As igrejas fundadas na Galácia formavam um quarto grupo de igrejas, paralelamente àquelas da Macedônia, da Acaia e da Ásia Menor; e Lucas nos dá o esboço histórico da fundação de todos esses diversos grupos de igrejas. Se as igrejas para as quais a epístola aos Gálatas foi escrita estavam no norte, então existem apenas três alusões possíveis a essa obra de Paulo no livro de Atos, (ver Atos 16:6; 18:23 e 19:1). Pareceria estranho que Lucas não conhecia ou desenvolveu tão deficientemente aquilo que deve ter sido um importante ministério do apóstolo aos gentios. Porém, se os gálatas para quem Paulo escreveu são os do sul, então Lucas registrou para nós uma narrativa minuciosa desse importante labor do apóstolo. Também sabemos que essas cidades do sul da Galácia contavam com numerosas colônias judaicas, e isso, naturalmente, teria criado o problema *legalista* que tanto preocupou Paulo e o levou a escrever sua epístola aos Gálatas. Pois os convertidos do judaísmo, naquelas áreas, apesar de terem se tornado cristãos, continuavam aferrados a pontos de vista tradicionais do judaísmo, trazendo consigo os seus antigos preconceitos e sua tendência por observarem a lei cerimonial. (Quanto a notas expositivas sobre esse problema, ver Atos 11:2-18 no NTL). Além disso, havia pouca ou nenhuma população judaica entre os habitantes celtas dos planaltos da Galácia do Norte, não sendo nada provável que esse problema legalista tenha aparecido justamente nessa região dos gauleses.

A aceitação da teoria sobre a *Galácia do Sul*, também possibilita a aceitação de uma data anterior para a escrita da epístola aos Gálatas, talvez tão cedo como 49 D.C. Provavelmente essa epístola foi escrita de Antioquia, quando do retorno dali, durante a primeira viagem missionária, e antes da convocação para o concílio de Jerusalém. Assim, pois, o problema legalista da «Galácia» teria sido o problema geral, do que o levante em Antioquia fez parte. (Ver Atos 15:1,2). Paulo ficou algum tempo em Antioquia, segundo aprendemos em Atos 14:28, e, depois de ouvir como as igrejas que ele fundara em sua primeira viagem missionária vinham sofrendo a influência perniciososa dos legalistas, então foi inspirado a escrever-lhes essa epístola, sendo essa aquela que denominamos de «epístola aos Gálatas». Ato contínuo, o concílio em Jerusalém confirmou a revelação dada através de Paulo. Mas o apóstolo teve de ir a

## GALACIANISMO — GALARDÃO

Jerusalém, para ajudar a resolver a questão, e não teve tempo de visitar os cristãos da Galácia (ver Gál. 4:20), sendo que em seu lugar, enviou-lhes a epístola aos Gálatas. Posteriormente chegou a visitá-los, entretanto, tendo-lhes transmitido as decisões do concílio (ver o décimo quinto capítulo do livro de Atos, que historia todo esse concílio), segundo se depreende da leitura do trecho de Atos 16:1-6.

### GALACIANISMO

Esse termo deriva-se da **Galácia** e da epístola que Paulo escreveu às igrejas cristãs daquela província. O *galacianismo* é a idéia que diz que uma vez que um indivíduo seja salvo pela graça divina, mediante a fé, então deverá observar a lei de Moisés, para que se expresse religiosamente como convém e preserve a sua fé vital. Escreveu Paulo àqueles crentes da Galácia: «Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais agora vos aperfeiçoando na carne?... Aquele, pois, que vos concede o Espírito, e que opera milagres entre vós, porventura o faz pelas obras da lei, ou pela pregação da fé?» (Gál. 3:3,5). O *legalismo*, um termo usado pelos teólogos, indica a mistura da graça e da lei, com vistas à justificação. Essa é a posição tomada pelo autor do livro de Tiago, embora muitos estudiosos protestem contra essa avaliação.

### GALAL

No hebraico, «pesado» (?), embora outros pensem em «grandalhão», «rolíço». Há três levitas chamados por esse nome, a saber:

1. Um filho de Asafe (I Crô. 9:15). Viveu em torno de 536 A.C.
2. Um filho de Jedutum (Nee. 11:17). Foi avô de Obadias (ou Abda), que retornou da Babilônia, após o exílio (I Crô. 9:16). Viveu por volta de 445 A.C.
3. Um membro da família de Elcana, que retornou do cativeiro babilônico (I Crô. 9:16). Também viveu em torno de 445 A.C. A maioria dos eruditos identificam os homens de número dois e três, como o mesmo.

### GALARDÃO Ver também Coroas.

I Cor. 3:14: *Se permanecer a obra que alguém sobre ele edificou, esse receberá galardão.*

Podemos estar certos de que o julgamento dos crentes será perscrutador. Ninguém será ali capaz de enganar o Juiz, nas esferas eternas, conforme tantos agora podem enganar os homens quanto ao caráter real e ao valor do trabalho que fazem. Não é um erro supormos que alguns dos supostos «maiores» cristãos, que realizaram aparentemente uma tarefa mais magnífica, serão desvendados como «últimos», naquele dia. Esses serão aqueles cujas realizações foram efetuadas mediante a força da carne, da capacidade humana, dos dotes naturais, e não através do Espírito de Deus. Além disso, alguns daqueles que agora são reputados como *últimos*, serão então primeiros. Esses serão aqueles que tiverem sido humildes em sua vida de oração e de trabalho cristão, embora aparentemente tenham contribuído bem pouco para os destinos da vida humana. Somente o Senhor Jesus pode fazer o julgamento preciso e apropriado (ver I Cor. 4:4,5).

Além disso, haverá alguns casos que não constituirão surpresa. Aqueles que tiverem trabalhado com diligência, mediante os meios espirituais, o que se tornou conhecido pelos homens, receberão sua devida recompensa. E outros, que obviamente não se

importaram grandemente com as realidades espirituais, mas antes, viveram para a carne, verão que o pouco que pensaram ser valioso, será consumido pelo fogo, transformando-se em nada, e os seus seres serão desnudados de toda a pretensão de desenvolvimento em Cristo.

*Devo partir de mãos vazias,  
Para encontrar assim meu Redentor?  
Sem dar-lhe um dia sequer de serviço,  
Sem depositar um só troféu a seus pés?*

.....

*Oh, se pudesse recuperar os anos de pecado,  
Se pudesse tê-los devolvidos agora.  
Eu os daria para meu Salvador,  
E me inclinaria humilde à sua vontade.*  
(C.C. Luther)

«Não é um tolo aquele que dá aquilo que não pode reter, a fim de ganhar aquilo que não pode perder». (James Elliott, missionário evangélico martirizado por índios do Equador).

**Como seremos julgados, nós, os crentes?** Mediante a consideração da maneira como tivermos consumido nossas vidas. Quais foram as nossas esperanças, os nossos desejos, os nossos motivos, as nossas ambições, ao trabalharmos no evangelho? Qual foi a nossa atitude espiritual, nossas intenções mais secretas, ao nos ocuparmos do nosso serviço prestado a Jesus Cristo; temos amado aos irmãos e temos procurado servi-los sinceramente, ou temos amado tão-somente a nós mesmos? Temos amado a Jesus Cristo, ou ele tem sido para nós apenas alguma forma de princípio religioso ou idéia abstrata? Uma avaliação verdadeira dessas perguntas, e as respostas que elas provocam em nós, nos darão uma boa idéia do que poderemos esperar perante o *tribunal de Cristo*.

Um grande político do sul dos Estados Unidos da América do Norte estava moribundo. Um amigo íntimo se aproximou de seu leito e lhe perguntou: «Devo orar por você?» E ele respondeu: «Não. A minha vida deve ser a minha oração. Este momento não é tão significativo como os anos solenes que se passaram. Que eles permaneçam». E nessa resposta encontramos uma profunda verdade. Não importa o momento da transição a que denominamos de morte, mas o que importa é a inteireza da vida antes da morte. Para o crente a morte é tão inconseqüente como o sono. Mas o pensamento de irmos ao encontro do Senhor de mãos vazias deveria fazer-nos franzir o cenho, preocupados.

1. O galardão não é a mesma coisa que a salvação eterna, no sentido ordinário da palavra. Em outras palavras, não significa que um indivíduo galardoado irá para os lugares celestiais, mas que aquele que não foi galardoado irá para o *hades*, ou para algum outro lugar qualquer de julgamento severo e eterno.

2. Porém, visto que a *glorificação* é uma parte integrante da salvação, e que os galardões têm muito a ver com a extensão e a natureza da glorificação, os galardões, na realidade, fazem parte da salvação. A extensão em que tivermos de ser transformados segundo a imagem de Cristo, quando assumirmos suas qualidades morais e metafísicas, será determinada pela extensão em que formos galardoados.

3. Parte dessa glorificação envolve o conceito inteiro das «coroas», as quais não devem ser encaradas como objetos físicos e literais, mas antes, como realizações espirituais, como «graus de glória», como a níveis de participação em tudo quanto Jesus Cristo tem e é.

4. O conceito *materialista* dos galardões, como se estes fossem «bens» nos lugares celestiais, como

mansões, etc., é uma idéia completamente antibíblica. Possessões materiais serão realmente nossas, mas não são elas os galardões que nos cumpre conquistar. O que está envolvido nos galardões é sermos semelhantes a Cristo, é compartilharmos mais plenamente do que ele é, é realizar mais plenamente aquilo que ele realiza. Também está envolvido o recebimento de sua imagem moral e metafísica, o que nos transformará em seres muito superiores aos próprios anjos, porquanto seremos participantes da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). Isso é o que está envolvido nos galardões. (Ver o trecho de Rom. 8:29 e as notas expositivas ali existentes no NTI onde se sumaria essa doutrina).

5. Quando formos transformados em seres dotados de grande poder, então nos serão dadas tarefas de grande magnitude, para cumprirmos nos lugares celestiais e eternos. Nossa futura capacidade de realizar essas grandiosas tarefas resultará do nosso galardão em Cristo, o que, por sua vez, resultará de nossos esforços conscientes por sermos transformados segundo a sua imagem.

6. Seja como for, não devemos supor que os galardões, uma vez recebidos, importarão em um estado fixo, estagnado. O grande alvo da total perfeição segundo a imagem de Cristo (participação na natureza divina, II Ped. 1:4), é um alvo que finalmente terá o seu cumprimento, absolutamente, no caso de todos os redimidos. Isto exige que a glorificação seja um *avanço espiritual contínuo*, nos lugares celestiais. O corpo de Cristo não pode ficar doente, portanto, a perfeição de todos os seus membros, afinal, deve ser realizada, no sentido mais alto possível.

Deus é a Perfeição Máxima, e nossa espiritualidade sempre estará avançando na direção desta perfeição absoluta.

## GÁLATAS

### Esboço

- I. Autor
- II. Data e Proveniência
- III. Quem Eram os Gálatas?
- IV. Motivo da Escrita: Propósitos
- V. Temas Principais
- VI. Conteúdo
- VII. Bibliografia

A epístola aos *Gálatas* tem sido corretamente intitulada de *Declaração da Independência Cristã*. No entanto, é ao mesmo tempo uma missiva que nos mostra a nossa completa dependência de Deus. Nossa independência diz respeito à legislação mosaica e suas exigências, tanto no que concerne a ser ela um possível agente salvador, como no que concerne a ser ela uma *norma de conduta cristã*. Paulo procura mostrar-nos que a liberação da lei mosaica é, ao mesmo tempo, um relacionamento com *Cristo*, através do Espírito Santo, o que pressupõe que passa a haver uma *nova regra* da vida, uma *nova fé*, que importa ser seguida pelos cristãos, porquanto todos os indivíduos regenerados são *libertados* do legalismo. Por essa razão, essa epístola, acima de todas as outras, com a única exceção da epístola aos Romanos, é a *Carta Magna* da fé cristã.

Embora a epístola aos Gálatas talvez não tenha sido escrita com a idéia de que seria lida através de todos os séculos, continua falando sobre a suprema necessidade da alma humana, em todos os tempos, a saber, a salvação em Cristo. Essa salvação é compreendida em sua perspectiva apropriada: a salvação não é uma proposição legalista e sacramen-

tal, mas antes, é uma proposição mística, em que o Espírito Santo regenera a alma. O próprio Espírito Santo se torna nosso guia na vida, e nesse ofício ele se atarefa a formar a imagem de Cristo no íntimo dos remidos. Portanto, em certo sentido, somos Cristo, somos Cristo em formação, estando destinados a compartilhar — finalmente — de todas as suas perfeições morais e metafísicas. Ora, isso é algo inteiramente diferente do legalismo mosaico, com seu código e suas cerimônias, com sua exigência de uma obediência perfeita aos seus mandamentos.

O indivíduo que permanece sob tal legalismo e nele confia, não pode obter o favor de Deus; todavia, grande favor há em reserva para ele, contanto que se volte para Deus através dos meios místicos e espirituais determinados por Deus, e não através dos meios legalistas e sacramentais, que também foram dados por Deus, de acordo com a legislação mosaica, mas tão-somente como ensinso simbólicos. A fraqueza da natureza humana, afundada nas maiores profundezas do pecado, a perder continuamente a batalha contra o mal por todo o lado, não pode elevar-se a si mesma, nem mesmo através da observância consciente de uma lei perfeita.

«A justiça perante Deus requer uma nova natureza; e nenhum indivíduo pode refazer a si mesmo. Somente Deus, por meio do Espírito de seu Filho, pode fazer tal coisa. Por conseguinte, a jubilosa aceitação do dom livre de Deus, que é a vida eterna, é a única maneira de alguém adquirir a liberdade do temor, do pecado, da ira e da morte. Onde se encontra o Espírito do Senhor, — aí também há liberdade. A liberdade cristã, entretanto, não consiste de licenciosidade; pois embora a nova vida que temos em Cristo não possa ser sujeitada a qualquer código legal, aqueles que a possuem são filhos de Deus, dotados de um caráter moral muito mais elevado do que a lei era capaz de proporcionar. A fé que aceita a graça de Deus é ativada por esse amor criador a produzir o fruto do Espíritos.» (Raymond T. Stamm).

Se compararmos, portanto, a mensagem da epístola aos Gálatas com o antigo judaísmo, veremos claramente que se tratava de um documento revolucionário. Qualquer pessoa que visitasse as sinagogas, aos sábados, sob hipótese alguma ouviria ali mensagem que se assemelhasse ao que aqui está escrito, por mais bem alicerçados que estivessem os mestres judeus das sinagogas nas idéias do A.T. O judaísmo fizera de Deus um grande monarca, ou mesmo um tirano terrível, um credor, um juiz severíssimo; de tal modo que, para escapar de sua vingança, todos os homens teriam que esforçar-se perenemente por serem perfeitos observantes da legislação mosaica. Através das revelações espirituais por ele recebidas, Paulo procurou livrar os crentes de tais conceitos, capacitando-os assim a palmilharem pela vereda da liberdade, isto é, o caminho da graça que conduz os homens de volta ao Senhor Deus, tendo o Espírito Santo como guia e Jesus Cristo como alvo de expressão. Paulo, pois, anulou todo o sistema sacrificial do judaísmo, com seu intrincado esquema de leis e cerimônias, tendo exposto a lei moral sob uma nova luz, isto é, apresentando-a como reveladora do pecado humano, como juiz e condenadora e não como salvadora. Ora, esse evangelho cristão era simplesmente revolucionário, motivo pelo qual Paulo, com seus escritos, provocou reação contrária tão amarga, tanto dentro como fora do seio da igreja cristã, por parte de indivíduos religiosos mas míopes, que nada podiam ver senão legalismo e sacramentalismo como seus ideais religiosos.

A igreja cristã primitiva estava cindida e dividida

por causa dessa controvérsia *legalista* acerca da qual lemos neste livro, e que é subentendida em muitos trechos da epístola aos Romanos, além de ser descrita nos capítulos décimo primeiro e décimo quinto do livro de Atos. Foi essa grande controvérsia que provocou o primeiro concílio universal da igreja cristã, realizado em Jerusalém e registrado historicamente no décimo quinto capítulo do livro de Atos. Esse concílio eclesiástico pronunciou-se em favor de Paulo e de suas idéias de liberdade cristã; mas toda a história eclesiástica subsequente mostra-nos que isso realmente não deu solução à controvérsia, porquanto os legalistas puseram-se a seguir nos calcanhares de Paulo por onde quer que ele fosse em suas jornadas missionárias, procurando causar-lhe aborrecimentos.

Além desses perseguidores que agiam dentro da igreja cristã, havia ainda aqueles judeus incrédulos que perseguiram o apóstolo Paulo onde quer que o encontrassem, enviando até mesmo delegações que o seguissem de perto, pelas cidades gentílicas. Finalmente detiveram-no no templo de Jerusalém e resolveram assassiná-lo. Porém, tendo fracassado os seus planos homicidas, e tendo Paulo sido enviado a Cesaréia, o apóstolo foi deixado sob a custódia do governo romano. Em Cesaréia, pois, Paulo ficou aprisionado por dois anos; mas até mesmo ali foi assediado por judeus incrédulos provenientes de Jerusalém. Finalmente ele foi levado a Roma, como prisioneiro, e o registro histórico do livro de Atos termina nesse ponto.

A *tradição*, bem como determinadas citações dos primeiros pais da igreja relatam-nos sobre a sua sultura após esse período de aprisionamento, referindo-se a uma viagem missionária que ele fez ao ocidente, à Espanha, onde iniciou um novo ministério, até que, finalmente, foi novamente aprisionado, tendo sido martirizado nessa oportunidade por ordem do imperador Nero. (Ver as notas expositivas de conclusão do livro de Atos, que fala sobre essas questões, com maiores detalhes, no NTI).

Essas perturbações foram sofridas pelo apóstolo Paulo devido à sua intransigente posição em defesa da liberdade da fé cristã. Pelos judeus, de dentro e de fora da igreja cristã, Paulo foi acusado de ser inimigo e destruidor da obra de Moisés. Essa gente estava certa de que Deus falara por intermédio de Moisés; mas não podia ter a mesma certeza de que Deus falava por meio de Paulo. Antes, visto que esse apóstolo parecia ensinar uma doutrina tão contrária à de Moisés, estavam certos de que ele não passava de um embusteiro, de um enganador. Portanto, por mais estranho que isso nos possa parecer atualmente, nos seus próprios dias era reputado o maior de todos os hereges, tendo sido perseguido sem descanso e sem misericórdia por causa disso.

A epístola aos Gálatas foi escrita a uma comunidade de crentes gentios que haviam sido perturbados pelos elementos legalistas, tendo por intuito servir de tratado que lhes reassegurasse a liberdade cristã que os crentes desfrutavam em Jesus Cristo. A autoridade apostólica de Paulo fora posta em dúvida, razão pela qual ele também procura reestabelecer nesse livro essa sua autoridade, mostrando que aquilo que ele ensinava não era de sua própria criação, mas antes, lhe fora dado por revelação do próprio Cristo.

### I. Autor

Com base em considerações de estilo, de vocabulário, de reiteração de temas, de desvendamento da personalidade do autor e de considerações literárias de toda a sorte, praticamente não existe um único estudioso das Escrituras que duvide da autoria

Paulina dos quatro grandes *clássicos paulinos*, a saber, as epístolas aos Romanos, aos Gálatas, e as suas epístolas aos Coríntios. Esses quatro livros permanecem de pé ou caem juntos, porquanto ou todos foram escritos por Paulo ou nenhum deles foi escrito por esse apóstolo, tão óbvio é que o mesmo indivíduo escreveu todos os quatro. Somente ocasionalmente é que a autoria Paulina desses quatro livros do N.T. têm sido posta em dúvida. Nenhuma tentativa séria nesse sentido fora feita até o século passado, quando F.C. Baur e os seus seguidores adiantaram a teoria que a epístola aos Gálatas era resultante da controvérsia legalista que houvera na igreja cristã primitiva, tendo sido escrita, por conseguinte, por elementos Paulinistas, em nome de Paulo, a fim de emprestarem senso de autoridade à posição que haviam tomado. Essa teoria, entretanto, não tem sido bem recebida pelos eruditos em geral, os quais podem encontrar ali muitos indícios de natureza histórica e biográfica, que seriam impossíveis de inventar, até mesmo pelos mais engenhosos seguidores do apóstolo Paulo.

As circunstâncias referidas nessa epístola se coadunam perfeitamente com o que se sabe acerca do cristianismo da época de Paulo. Outrossim, a experiência religiosa refletida na epístola é característica daquilo que se sabe sobre Paulo, como homem. Diz Morton Scott Enslin: «Esta é uma epístola genuína de Paulo; e que a possuimos essencialmente conforme foi originalmente escrita tem sido posto em dúvida com grande raridade, e isso jamais por críticos sem preconceitos. Nem se pode pensar em uma carta forjada. A excitação óbvia sob a qual ela foi escrita; a forma apaixonada de expressão; as mudanças súbitas de pensamento, tudo isso é mui improvavelmente obra de algum crente ensaísta posterior... Não se trata de um ensaio frio, estudado. Paulo se sentia tão excitado que seus pensamentos com frequência ultrapassavam seu poder de expressão». (*The Literature of the Christian Movement*, parte III, Introdução aos Gálatas, pág. 216).

Juntamente com as epístolas de Romanos, I e II Coríntios, além de cinco outras das epístolas Paulinas, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses e Filemom, a epístola aos Gálatas ocupa lugar antiquíssimo dentro do *cânon* do N.T. Não há que duvidar que até mesmo em seus dias de vida, já havia uma coletânea de livros escritos por Paulo. Podemos considerar a passagem de II Ped. 3:16, que se refere aos seus escritos como «Escritura», o que, evidentemente, lhes dão autoridade similar aos escritos do A.T.

O *primeiro uso histórico* da epístola aos Gálatas como um «livro sagrado», ou seja, como parte do *cânon* das Escrituras, ocorreu em cerca de 144 D.C., nos escritos do herege gnóstico Márcion. Este incluiu a epístola aos Gálatas entre os dez livros de Paulo que ele considerava inspirados, juntamente com uma forma mutilada do evangelho de Lucas. Esses onze livros é que constituíam o seu «cânon» das Escrituras. Uma geração mais tarde, o «cânon» muratoriano (de cerca de 185 D.C.) também incluiu essa epístola como escrita por Paulo. Antes mesmo disso, Policarpo, em sua epístola aos Filipenses, a citou. Nos dias de Irineu, um dos pais da igreja, essa epístola aos Gálatas já vinha sendo usada pelo gnóstico Valentino, conforme somos informados no livro de Irineu, *Adv. Haer.* 3:3, bem como pelo seu discípulo, Teodoro (ver Exc. ap. Clem. Alex., cap. 53). O próprio Irineu se utilizou dessa epístola aos Gálatas (ver *Adv. Haer.* III.7.2), como também o fez Clemente de Alexandria, outro dos pais da igreja (ver *Strom.* III, pág. 468), a

exemplo de Tertuliano (ver *De Praescript. Haer.*, cap. 6). Portanto, a epístola aos Gálatas era abundantemente usada nos séculos II e III da era cristã, quando vieram aqueles pais da igreja. Pode-se asseverar, por conseguinte, que a autoridade canônica da epístola aos Gálatas não é inferior a qualquer outro dos livros do N.T., e que a sua posição como livro de autoria paulina tem sido confirmada através de toda a história do cristianismo.

### II. Data e Proveniência

Datar com exatidão quando foi escrita a epístola aos Gálatas é uma tarefa impossível. Porém, a tentativa para datá-la depende muito da consideração de quem eram os *Gálatas* para quem Paulo escreveu; e esse ponto é amplamente debatido na seção seguinte da introdução, no ponto III, intitulado «Quem eram os Gálatas, para quem Paulo escreveu?». Se aceitarmos a chamada teoria da «Galácia do Norte», isto é, que as pessoas para quem Paulo escreveu eram descendentes de uma tribo gaulesa que invadira o norte da Ásia Menor e ali se estabeleceu, no século III A.C., até que foram finalmente contidos por Átalo, de Pérgamo, que os limitou a um território nortista, onde havia um platô, região essa que posteriormente se tornou conhecida por «Galácia», por causa dessa tribo de gauleses, então a data de escrita da epístola aos Gálatas seria extremamente difícil, pois não há praticamente nenhum indício, no livro de Atos, que nos permita acompanhar nesse livro histórico as atividades do apóstolo Paulo nessa citada região. Tão-somente, em Atos 18:23, ficamos sabendo que essa epístola não poderia ter sido escrita por Paulo antes da jornada mencionada nesse versículo; e isso fica suposto porque o trecho de Gál. 4:13 subentende duas visitas de Paulo à Galácia, antes dele ter escrito essa epístola. Ora, se Paulo não a escreveu senão depois de sua segunda visita ali, então sua escrita não se verificou imediatamente depois de seu retorno para Antioquia da Síria, ao término de sua primeira viagem missionária. Nesse caso, não poderíamos datar a epístola aos Gálatas antes de 53 D.C., e ela passaria a ocupar o terceiro lugar na ordem cronológica das epístolas paulinas.

O trecho de Gál. 4:13, entretanto, pode ser compreendido como referência a duas visitas de Paulo, realizadas em seqüência rápida, ambas as quais teriam tido lugar antes da visita descrita em Atos 18:23. Assim, pois, duas visitas à área do sul poderiam ter sido feitas durante a primeira viagem missionária de Paulo, e então a epístola aos Gálatas teria sido escrita pouco depois dessa viagem. De fato, Gál. 1:6 subentende que Paulo escreveu essa epístola pouco depois de sua visita ali, e que não se passou muito tempo entre a sua primeira visita à Galácia e a escrita da epístola aos Gálatas. Isso teria tido lugar em cerca de 49 D.C., fazendo dela a primeira das epístolas paulinas canônicas, e, por sua vez, o mais antigo documento neotestamentário escrito, que veio a fazer parte da coletânea que conhecemos por N.T. Por conseguinte, a data em que a epístola aos Gálatas foi escrita, em relação ao livro de Atos, deve ser fixada ao término da primeira viagem missionária de Paulo, pouco depois de seu retorno a Antioquia da Síria. (Ver Atos 14:26).

**Essa data anterior deve ser favorecida, nem que seja devido a uma importante consideração.** É que se o concílio de Jerusalém, conforme o registro do décimo quinto capítulo do livro de Atos, tivesse precedido à escrita da epístola aos Gálatas, seria impossível que Paulo não tivesse feito qualquer referência específica aos decretos baixados naquele concílio, decretos esses que foram escritos e enviados

às igrejas cristãs gentílicas. Como poderíamos imaginar que Paulo pudesse ter escrito tal epístola, que defende denotadamente a liberdade cristã, especialmente a dos crentes gentios, sem nem ao menos aludir aos decretos do concílio historiado no décimo quinto capítulo do livro de Atos? É impossível conceber tal lacuna, pelo que também somos forçados a concluir que a sua visita a Jerusalém, mencionada em Gál. 2:1-10, não pode ter sido a mesma visita referida no décimo quinto capítulo do livro de Atos, mas antes, deve ser identificada com a chamada «visita da fome», em Atos 11:30.

Foi nessa *visita da fome* que ocorreram os vários encontros e debates entre Paulo e os outros apóstolos, conforme o registro de Gál. 2:1-10, ocasião em que a missão de Paulo entre os gentios foi aprovada pelos demais apóstolos, apesar de que a questão inteira do legalismo não fora apresentada ainda ao concílio, para que se procurasse chegar a uma decisão. Tudo isso, entretanto, antecedeu à visita de Paulo a Jerusalém, quando do concílio, segundo o registro do décimo quinto capítulo do livro de Atos, quando as questões da invasão do legalismo nas fileiras do cristianismo foi ventilada e examinada pela igreja inteira. Desse concílio é que se seguiram as legítimas declarações escritas sobre a liberdade gentílica em face da legislação mosaica. É impossível acreditarmos que isso já tivera lugar quando Paulo escreveu sua epístola aos Gálatas, porquanto ele não faz qualquer alusão ao fato, que poderia ter usado como argumento definitivo para mostrar a posição errônea dos legalistas. O fato de que ele não menciona esses decretos do concílio de Jerusalém mostra-nos que ele escreveu a epístola aos Gálatas antes dos acontecimentos registrados no décimo quinto capítulo do livro de Atos. Portanto, a epístola aos Gálatas foi o primeiro dos livros paulinos, e, por conseguinte, o primeiro de todos os livros do nosso N.T.

**Tudo isso poderia explicar a grande surpresa expressa pelo apóstolo Paulo, em Gál. 1:6; «Admirame que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro evangelho».** Não se havia passado muito tempo, desde que Paulo estivera entre os crentes para quem agora escrevia. Nem bem havia o apóstolo retornado de sua primeira viagem missionária, quando ouviu falar sobre a divisão causada pelos legalistas no seio da igreja cristã; e imediatamente ele escreveu e enviou essa epístola aos Gálatas, em grande agitação de espírito, antes do concílio de Jerusalém, referido no décimo quinto capítulo do livro de Atos. De conformidade com esse ponto de vista, a segunda visita feita à Galácia, referida em Gál. 4:13 como algo que antecedeu à escrita dessa epístola, foi a mesma visita referida em Atos 14:21-23, quando Paulo retornou a Listra, Icônio, Antioquia da Pisídia e regiões circunvizinhas.

Se essas especulações estão corretas, então o ano de 49 D.C. seria uma data razoável para a escrita da epístola aos Gálatas; todavia, diversos eruditos têm descoberto alguns problemas em torno de toda essa idéia. Por exemplo, salientando que o décimo primeiro capítulo do livro de Atos sem dúvida teria mencionado algo sobre essas atividades de Paulo, se isso realmente houvesse ocorrido e se aquela visita não tivesse sido meramente para enviar alívio material. Além disso, alguns estudiosos supõem que I e II Tessalonicenses, que foram escritas não muito depois da epístola aos Gálatas, certamente teriam alguma alusão ao conflito contra os legalistas. Porém, tais argumentos têm seus contra-argumentos; e assim vemos que estudiosos de valor se têm posto de um ou

de outro lado desse problema.

Se a teoria denominada *Galácia do Norte* está com a razão, então o lugar mais provável de onde Paulo escreveu esta epístola aos Gálatas foi a cidade de Éfeso, porque Paulo, após ter trabalhado na Galácia por uma segunda vez (ver Atos 18:23), prosseguiu para Éfeso, onde permaneceu por três anos. De conformidade com essa teoria, é bem provável que durante esse período é que foi composta a epístola aos Gálatas. Mas outros estudiosos supõem que o lugar da escrita teria sido a cidade de Corinto (ver Atos 20:3); e, nesse caso, a epístola aos Gálatas não pode ter sido escrita senão em 57 ou 58 D.C. Existem ainda alguns eruditos que supõem que Corinto foi o lugar onde essa epístola foi composta, mas antes da visita do apóstolo Paulo a Éfeso, ou seja, no tempo descrito no décimo oitavo capítulo do livro de Atos, ou seja, uma data tão anterior como 51 D.C.

Por outro lado, se a teoria denominada *Galácia do Sul* é que está com a razão, então essa epístola poderia ter sido escrita de Antioquia da Síria, lugar para o qual Paulo retornou, depois de sua primeira viagem missionária. Na verdade em torno dessa questão há uma grande variedade de opinião, e os eruditos permanecem divididos em torno da questão. A posição assumida por este artigo é a de que a epístola aos Gálatas foi escrita em cerca de 49 D.C., tendo sido, por conseguinte, a primeira das epístolas canônicas do apóstolo Paulo; e mui provavelmente ela foi escrita em Antioquia da Síria, antes da realização do concílio de Jerusalém narrado no décimo quinto capítulo do livro de Atos.

### III. Quem eram os Gálatas, para Quem Paulo Escreveu?

O termo Galácia (ver Gál. 1:2) é por si mesmo ambíguo, porque, nos tempos antigos, essa palavra era usada para indicar duas regiões distintas. Tal uso continuava ambíguo nos tempos de Paulo. Esse vocábulo podia denotar a «Galácia» étnica, no centro da Ásia Menor; ou podia denotar a província romana da «Galácia», — de maiores dimensões geográficas. Se a epístola de Paulo aos Gálatas foi enviada à Galácia étnica, nas regiões situadas mais no extremo norte, então precisamos supor que Paulo visitou essa região conforme os indícios existentes em Atos 16:6 e 18:23, ou pelo menos, conforme fica subentendido por uma ou por outra dessas referências bíblicas. Na realidade, entretanto, não há qualquer evidência sólida de que o apóstolo Paulo tenha jamais visitado essa área do extremo norte, e muito menos que tenha fundado igrejas cristãs ali. Por outro lado, contamos com provas abundantes de que ele visitou a área mais ao sul da província da Galácia, onde também estabeleceu igrejas locais, isto é, nas regiões de Listra, Icônio, Derbe e Antioquia da Pisídia (Turquia moderna) conforme o relato histórico de Atos 13:14—14:23, onde Paulo e Barnabé tanto estiveram ativos, durante a chamada «primeira viagem missionária». Todas essas localidades ficavam situadas ao sul da província romana chamada Galácia. Porém, os «gálatas» que ali habitavam não eram idênticos aos «gálatas» étnicos, os quais eram descendentes das tribos gaulesas que tinham vindo estabelecer-se naquele território; antes, os leitores de Paulo, habitando naquela província romana da Galácia, eram naturalmente chamados de «gálatas», ainda que não pertencessem à raça dos gauleses. Na realidade, pertenciam às raças dos frígios e dos licaônios. Não obstante, da mesma maneira que hoje em dia o grupo misto dos ingleses, gauleses e escoceses são chamados de *britânicos*, assim também, aquela gente do sul da Galácia era conhecida pelo nome de *gálatas*.

A distância entre as duas regiões, segundo nossos conceitos modernos, não foi grande, sendo não mais do que 500 quilômetros. Mas nos tempos antigos, esta distância representava muitos dias de viagem árdua.

### Missão de Paulo na Galácia (Atos 13:13—14:28).

As igrejas cristãs fundadas quando da primeira jornada missionária, portanto, mui provavelmente são aquelas referidas como «...da Galácia...» em Gál. 1:2. É posto que essas igrejas ficavam situadas na região que se tornou conhecida por «Galácia do Sul», pode-se supor que a epístola que Paulo escreveu aos Gálatas visava os crentes da Galácia do Sul. Mas havia também a chamada «Galácia do Norte», cujas principais cidades eram Ancira, Pessino e Távium. Durante o primeiro quarto do séc. III A.C., uma tribo nortista de gauleses invadiu a Ásia Menor, assaltando e pilhando, até que o rei Átalo, de Pérgamo, os confinou em um território que havia em um platô das regiões nortistas. Esse território passou a chamar-se «Galácia», devido à sua população gaulesa. Alguns estudiosos têm pensado que a epístola de Paulo aos Gálatas foi escrita realmente para eles, formando assim a chamada «teoria da Galácia do Norte».

Abaixo narramos a história abreviada da formação das cidades visitadas durante essa viagem missionária (a primeira do apóstolo Paulo).

O rei gaulês Amintás, favorecido por César Augusto, pouco antes dos fins do século I A.C., adquiriu um vasto território, que incluía a Galácia propriamente dita, parte da Frígia, a Licaônia, a Pisídia, a Panflia e a Cilícia ocidental. Por ocasião de sua morte, em 25 A.C., todo o seu reino caiu sob o poder dos romanos. Subseqüentemente, a Panflia foi constituída como uma província em separado. E ao tempo da primeira viagem missionária de Paulo, a Cilícia ocidental e parte da Licaônia formavam o reino de «Antíoco», ao passo que o restante daquelas regiões acima mencionadas se tornou parte da província romana que se chamou «Galácia Maior». Assim sucedeu que as igrejas cristãs fundadas nas cidades de Antioquia da Pisídia, Listra, Derbe e Icônio, embora ficassem ao sul da Galácia propriamente dita, contudo se encontravam dentro da província romana do mesmo nome. Assim sendo, apesar dessa área ser ocupada por várias raças, em diversos estágios sociais e condições políticas, contudo, — todos esses habitantes eram denominados *gálatas*. Um número crescente de intérpretes acredita que a epístola paulina aos Gálatas foi escrita para essas igrejas da região do sul da Galácia, a província romana desse nome, e não às hipotéticas igrejas da região do norte, sobre as quais não existe nenhum registro histórico neotestamentário que ateste a sua fundação. A teoria que vem sendo abraçada por esse número crescente de estudiosos se chama de teoria da *Galácia do Sul*.

Após a passagem de trezentos anos, esse agrupamento romano de províncias foi abandonado, e o nome «Galácia» reverteu à porção norte daquela província, e o sentido mais lato do termo (que também incluía as cidades do sul) foi esquecido. Os arqueólogos, especialmente Sir William M. Ramsy, é que têm — lembrado — ao mundo da erudição bíblica do antigo uso da palavra *Galácia*, o que emprestou plausibilidade à opinião que a epístola paulina aos Gálatas foi realmente enviada para as igrejas cristãs dessas cidades do «sul», as quais são mencionadas como igrejas fundadas por Paulo durante sua primeira viagem missionária, contrariando a opinião mais antiga, que pensava que Paulo escrevera a epístola aos Gálatas para os celtas ou gauleses que habitavam na região mais ao norte, na Galácia do Norte.

Ora, tudo isso simplifica em muito a harmonização entre os registros da epístola aos Gálatas e os registros históricos do livro de Atos; porquanto, neste último livro, encontramos a narração da fundação das igrejas de Antioquia da Pisídia, Derbe, Lистра, e Icônio, ao passo que nada se sabe quanto à fundação de igrejas na Galácia do Norte.

As igrejas fundadas por Paulo na Galácia formam um quarto agrupamento de igrejas cristãs, paralelamente às igrejas existentes na Macedônia, na Acaia e na Ásia Menor. Lucas nos fornece o esboço histórico da fundação de todos esses grupos de igrejas locais. Porém, se as igrejas para as quais Paulo escreveu sua epístola aos Gálatas estavam situadas ao norte, então contamos apenas com três alusões possíveis a esse trabalho missionário de Paulo. (Ver Atos 16:6; 18:23 e 19:1). E seria realmente de estranhar que Lucas não tivesse sabido ou não houvesse desenvolvido essa porção tão importante do ministério de Paulo. Por outro lado, se os gálatas para quem Paulo escreveu sua epístola eram aqueles da Galácia do Sul, então Lucas registrou para nós uma narração pormenorizada sobre esse importante labor paulino.

Ora, sabemos que as cidades de Antioquia da Pisídia, Derbe, Lистра e Icônio contavam com avantajadas colônias judaicas, o que bastaria para ter criado o problema com o legalismo, que tanto preocupou o apóstolo Paulo e que o motivou a escrever sua carta aos Gálatas. — Esse problema surgiu quando convertidos vindos do judaísmo, daquelas áreas, penetrando nas igrejas cristãs, mas sendo ainda mais judeus do que cristãos, queriam impor aos demais os seus antigos preconceitos relativos ao cerimonial judaico e seus pontos de vista legalistas. (Ver o artigo sobre o legalismo). Outrossim, havia pouca ou nenhuma população judaica no platô nortista ocupado pelos celtas, isto é, na Galácia do Norte, sendo extremamente difícil que tivessem surgido problemas com o legalismo judaico naquelas regiões nortistas.

**A aceitação da teoria chamada «Galácia do Sul»** nos capacita a aceitar uma data anterior para a escrita da epístola aos Gálatas, talvez tão cedo como 49 D.C. Essa epístola mui provavelmente foi escrita de Antioquia, quando Paulo para ali retornou, depois de sua primeira viagem missionária, e antes da realização do concílio de Jerusalém, historiado no décimo quinto capítulo do livro de Atos. Assim, o problema legalista da «Galácia» faria parte do problema geral que envolveu em parte a cidade de Antioquia da Síria. (Ver Atos 15:1,2). Paulo permaneceu por algum tempo em Antioquia da Síria, conforme ficamos sabendo em Atos 14:28; e ao receber notícias de como as igrejas que ele havia fundado durante a sua primeira viagem missionária haviam sido assediadas pelos legalistas, ele se sentiu impellido a escrever-lhes a epístola chamada «aos Gálatas». Além disso, Paulo teve de subir a Jerusalém, procurando dar solução ao conflito com os legalistas. Por essa razão, não podendo visitar pessoalmente os crentes da Galácia, enviou-lhes essa epístola. (Ver Gál. 4:20). Mais tarde, entretanto, visitou realmente aqueles crentes da Galácia, tendo-lhes transmitido as decisões a que se chegou durante o concílio, conforme se lê no décimo quinto capítulo do livro de Atos. O décimo sexto capítulo desse livro, portanto, historia uma outra visita de Paulo à Galácia. (No que tange a uma discussão acerca das «epístolas de Paulo», no que elas se relacionam umas às outras, quanto à sua ordem cronológica, e onde também se ventila pontos como conteúdo geral, autenticidade, etc., ver o artigo sobre

*Romanos*, seção II).

#### IV. Motivo da Escrita: Propósitos

A ênfase que Paulo dá à sua chamada para o apostolado, logo no primeiro versículo desta epístola, mostra-nos claramente que ele estava na defensiva; pois embora ele fosse o próprio genitor espiritual das igrejas da Galácia, a sua autoridade como ministro de Cristo fora posta em dúvida. Por essa razão é que Paulo escreveu enfaticamente: «Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai...» E isso a fim de assegurar aos seus leitores que tanto a sua pessoa como a sua mensagem eram aprovadas pelos céus.

A introdução à epístola aos Gálatas não encerra qualquer observação laudatória, mas é estritamente formal, de conformidade com o antigo estilo epistolare. Em contraste com isso, pode-se verificar os seus louvores à igreja de Roma, no prólogo da epístola aos Romanos. Além disso, nem bem ele começou sua epístola e logo deixou transparecer a sua agitação de espírito: «Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro evangelho...» Nessa sentença de Paulo destacam-se as palavras «...outro evangelho...» Na continuação da epístola, vemos que Paulo atacava os «legalistas» e ao seu «outro evangelho», o qual, mui provavelmente, era uma mescla de conceitos cristãos e mosaicos. Em outras palavras, aos ensinamentos apostólicos, os legalistas aliam os ensinamentos de Moisés, conforme este era então compreendido. E isso criava a controvérsia sobre o «legalismo», acerca do que temos no décimo primeiro capítulo do livro de Atos, e, especialmente, no décimo quinto capítulo desse mesmo livro.

Os convertidos dentre as comunidades judaicas, especialmente aqueles que tinham vindo do farisaísmo, conforme fora o próprio apóstolo Paulo, pensavam que havia necessidade do sistema das boas obras para a salvação, ou pelo menos, do rito inicial da circuncisão, perfazendo assim um sistema sacramentalista. Em algumas de suas passagens, temos a impressão de que Paulo considerava esses legalistas como irmãos. (Ver, por exemplo, a parte inicial do décimo quarto capítulo da epístola aos Romanos). Em seu fervor, Paulo evidentemente estava escrevendo com o seu espírito em grande agitação, quando tomou da pena para registrar sua epístola aos Gálatas, motivo pelo qual não estendeu a mão de comunhão àqueles legalistas, os quais, mui provavelmente, haviam surgido de dentro das próprias comunidades do cristianismo da Galácia, devido aos convertidos vindos do judaísmo e à influência provável de «legalistas» ambulantes, que procuravam seguir o apóstolo Paulo por onde quer que ele fosse, a fim de perturbar o seu trabalho, já que o reputavam um herege dos mais perigosos, que pretendia destruir a obra de Moisés. Devemos observar os versículos oitavo e nono do primeiro capítulo da epístola aos Gálatas, que nega totalmente a validade do «evangelho» que se ouvia dos lábios dos oponentes de Paulo.

**Depois de sua primeira visita à Galácia**, tendo retornado a Antioquia da Síria, provavelmente quase imediatamente Paulo ouviu notícias sobre como os legalistas vinham perturbando as igrejas da Galácia. Estes teriam penetrado sorrateiramente quase assim que ele partira, tendo convencido a muitos dos crentes gálatas de que Paulo era adversário de Moisés. Assim conseguiram solapar não somente o seu prestígio entre os crentes da Galácia, mas também destruíram

virtualmente a sua mensagem sobre a graça de Deus em Cristo, misturando-a com exigências legalistas próprias do judaísmo. Por conseguinte, certos pregadores «conservadores» desempenhavam um «bom» papel, persuadindo os crentes da Galácia que a fé não é suficiente, mesmo que se trate da fé em Jesus, o Messias genuíno. A essa fé necessário seria adicionar as leis e os costumes de Moisés, chegando-se ao extremo de recusar qualquer contacto ou comunicação com os gentios, incluindo o comer em companhia deles, apesar de já se encontrarem nas fileiras do cristianismo. Tratava-se do separatismo radical típico do judaísmo, e os trechos de Gál. 2:11-14 e 4:10 mostram-nos quão grande era o caos lançado nas igrejas da Galácia, por causa desses problemas.

Por essa razão é que os legalistas levantavam questões acerca da validade da doutrina paulina da graça divina e da suficiência de Cristo para a salvação. E ainda ultrapassavam esse particular, pois igualmente atacavam pessoalmente a Paulo, lançando uma sombra de dúvida sobre o seu apostolado, se é que não procuravam abertamente lançar no descrédito o seu apostolado. Os adversários de Paulo salientavam que ele não fora um dos apóstolos originais de Cristo, e que agora distorcera os verdadeiros ensinamentos de Jesus. (Ver Gál. 1:10 e ss).

Há provas de que, para complicar ainda mais os problemas enfrentados pelo apóstolo Paulo, entre os seus inimigos, havia vários supostos convertidos que tinham vindo do paganismo puro, e que agora pervertiam a sua doutrina da graça em um sistema de libertinagem, afirmando que o corpo é que encerra o princípio do pecado, e que o seu uso é de pouca ou nenhuma consequência para a alma, a qual, por ocasião da morte física, fica livre da presença do pecado e entra no estado de santidade e pureza. Esses tais, portanto, interpretavam as exigências paulinas sobre a crucificação do *velho eu*, com as suas paixões pecaminosas, como meramente uma nova forma de escravidão à lei. (Notemos os trechos de Gál. 2:19,20; 5:14,22-24).

Esses elementos vindos do paganismo chegavam ao extremo de dar a entender que Paulo nem ao menos ensinava um sistema de *graça*, mas continuava representando Moisés e sua doutrina da circuncisão. (Ver Gál. 2:81 e 5:11). Parece, pois, que o apóstolo Paulo sofreu ataques vindos de dois grupos distintos de radicais, a saber, os «legalistas» e os «libertinos». Os conservadores legalistas procuravam avidamente encontrar lapsos morais, para provar seu ponto de que a doutrina de Paulo sobre a graça divina conduzia os homens exatamente a isso. Por outro lado, os libertinos acusavam-no de recusar-se a romper definitivamente com Moisés e suas exigências. Por conseguinte, surgiram problemas e debates não meramente acerca da própria pessoa de Paulo, mas igualmente muitos conflitos entre essas duas facções radicais da igreja. O debate entre essas duas facções se tornou tão agudo que Paulo teve de advertir os seus leitores contra o perigo de se morderem e devorarem mutuamente. (Ver Gál. 5:15). O próprio apóstolo Paulo se utilizou de uma linguagem cortante e mesmo sarcástica contra os seus detratores, imputando-lhes os defeitos de ambição egoísta e covardia. (Ver Gál. 4:16,17 e 6:12,13).

Não há que duvidar que Paulo muito gostaria de fazer-se presente para dar solução pessoal aos problemas; mas, por enquanto isso não era possível. Por essa razão, pois, é que lhes escreveu a epístola que se chama epístola aos Gálatas. (Ver Gál. 4:20).

No tocante à questão dos motivos que levaram Paulo a escrever essa epístola, Lange, em sua introdução à epístola aos Gálatas, apresenta-nos as seguintes observações: «O estado espiritual daquelas igrejas da Galácia, que a princípio fora um motivo de alegria, havia sido tristemente perturbado por certos indivíduos cujos nomes não são revelados, os quais, sem dúvida alguma, se diziam cristãos, embora de tendências judaizantes ou farisaicas. É claro que essa gente viera do estrangeiro, talvez como emissários provenientes da Palestina. Difícilmente teriam sido prosélitos. Tal conclusão, porém, não se baseia em Gál. 5:12 e 6:13. Esses se declaravam em oposição direta ao ponto de vista cristão, ponto de vista esse que, até então, prevalecera naquela igreja; e, outrossim, dirigiam seus ataques polêmicos diretamente contra o apóstolo Paulo, como o primeiro a promulgar aqueles pontos de vista. A persuasão que se arragara através de Paulo, de que a justificação e a salvação devem ser obtidas exclusivamente por meio da fé em Cristo, devido à sua graça, eles opunham a assertiva de que certas obras da lei, especialmente a observância de festividades judaicas, e o recebimento da circuncisão, eram medidas necessárias para a salvação. Por motivo de prudência é que eles não exigiam a observância da lei mosaica em sua inteireza. A fim de obterem simpatia para com os seus ensinamentos, diametralmente contrários à doutrina de Paulo, eles procuravam solapar a consideração em que os crentes da Galácia o tinham, negando a sua dignidade apostólica, apelando para a autoridade de apóstolos mais antigos, especialmente Tiago, Pedro e João, como as verdadeiras colunas da igreja, contra quem, conforme eles apresentavam o caos, Paulo se opunha, ao passo que eles mesmos lhe eram contrários. De fato, parecem ter imputado a Paulo até mesmo a suposta «incoerência» de algumas vezes pregar a circuncisão entre os judeus (ver Gál. 5:11), o que significaria, portanto, que a sua doutrina da liberdade dos crentes, em face da lei mosaica, procedia tão-somente de uma complacência indigna ante os gentios. (Comparar com Gál. 1:10)».

Nesse seu comentário, Lange não dá a entender a existência de duas facções diversas que se opunham ao apóstolo Paulo; porém, as notas expositivas oferecidas mais acima devem ser suficientes para demonstrar a existência de dois grupos de opositores que combatiam a Paulo. Atacavam-no de pontos doutrinários extremos; e, além disso, se combatiam entre si.

A própria epístola aos Gálatas mostra-nos exatamente quais eram os pontos por causa dos quais Paulo vinha sendo atacado, e que formas de doutrina ele achou necessário salientar novamente:

1. A base da aceitação perante Deus. (Ver Gál. 2:16,17; 3:10,17; 4:3-6 e 5:2-4).
2. A supremacia e exclusiva suficiência de Cristo. (Ver Gál. 2:21; 3:18 e 4:8,9).
3. A validade do evangelho e do apostolado de Paulo. Ver Gál. 1:10 e ss. A maior parte do segundo capítulo dessa epístola na realidade é uma prolongada defesa da autoridade paulina. (Gál. 1:11—2:14).
4. A sede da autoridade religiosa. Seria Moisés ou Cristo, ou seria Moisés e Cristo? Para quem devemos olhar como autoridade, na fé cristã recém-firmada, que mui obviamente é uma graduação mais elevada sobre a fé do antigo judaísmo? A supremacia e a exclusiva suficiência de Cristo, tal como no segundo ponto, acima, é a resposta de Paulo.
5. Relação entre a liberdade e a responsabilidade do crente. O trecho de Gál. 5:22-24 é a declaração clássica sobre essa questão. A graça nos relaciona



como parentes de Cristo, e, nesse sistema, o Espírito Santo opera no íntimo, a fim de produzir fruto santo. Portanto, na fé religiosa, esse fruto não mais depende de observâncias legalistas, festividades, leis, dias especiais e cerimônias, como a circuncisão. Antes, na fé cristã deve haver aquela comunhão mística com Cristo, o que nos assegura a vida vitoriosa, o que é muito maior e poderoso do que as observâncias legalistas, por mais conscientemente que elas sejam cumpridas. (Ver também Gál. 2:20 e 5:24, que versam sobre essa questão).

6. A unidade da igreja cristã. Na Galácia as igrejas se agitavam, lutando contra o apóstolo Paulo e estando divididas entre si, conforme as notas expositivas abaixo esclarecem. Em Cristo, entretanto, não podem continuar existindo facções e conflitos, porquanto Cristo é a essência da harmonia divina. (Ver Gál. 5:15 e 6:12,13). Paulo procurou demonstrar que Cristo remove os antigos preconceitos e as barreiras próprios do judaísmo, porquanto, em Cristo, todos os remidos se tornam um só, sem qualquer distinção de raça ou de camada social. Para os crentes, essa é uma doutrina tão comum que se torna axiomática; porém, nos tempos de Paulo, entre pessoas criadas segundo a cultura judaica, essa idéia era simplesmente revolucionária. Podemos observar a discussão apresentada por Paulo, em Gál. 2:1-14 onde descobrimos que lhe foi necessário repreender a Simão Pedro por causa dessa questão. Quanto mais não condenaria ele o legalistas, que perturbavam os crentes da Galácia? (Ver Gál. 5:6; 6:15 e 3:26-28).

7. *Universalidade da mensagem cristã.* Trata-se de um tema que era extremamente comum na igreja cristã primitiva, conforme se pode ver claramente em todos os evangelhos. Não era uma lição fácil de ser aprendida; e até mesmo o grande apóstolo Pedro teve de receber uma visão mística especial a fim de ficar convicto da verdade em torno da matéria, ou seja, que em Cristo, os judeus não mais ocupavam uma posição de privilégio. (Ver Atos 11:1-8). O segundo capítulo da epístola aos Gálatas, mostra-nos como esse problema continuava afetando até mesmo a apóstolos do Senhor Jesus. A passagem de Gál. 3:26 mostra-nos que o ideal seria a total eliminação das distinções estabelecidas pelo judaísmo, ficando implantada exclusivamente a graça divina, em Cristo Jesus. Toda essa epístola aos Gálatas, na realidade, é um tipo de defesa de toda a suficiência e universalidade de Cristo, bem como da nova fé que temos nele, que liberta tanto a gentios como a judeus, tanto a varões como a varoas, tanto a escravos como a livres, situando-os todos em um mesmo nível.

#### V. Temas Principais

A discussão acima esboça alguns dos tópicos principais ventilados pelo apóstolo Paulo, conforme se evidencia de seus diversos argumentos contra os seus oponentes. O próprio livro aos Gálatas, entretanto, não tem natureza totalmente polêmica, embora não haja dúvidas de que se trata da epístola mais polêmica dentre todas as que Paulo escreveu, tendo sido escrita especificamente a fim de argumentar e refutar idéias e práticas errôneas, pervertidas. É interessante observarmos que, na história eclesiástica, essas regiões da Galácia continuaram sendo centros produtores de heresias e facções entre os cristãos. Por conseguinte, o que ocorreu nos dias de Paulo foi apenas o começo de uma longa história de perturbações, de natureza religiosa, que afetava sobretudo aquelas regiões do mundo.

Sobre essa questão da agitação religiosa na Galácia, diz Lightfoot, em seu comentário sobre a epístola aos Gálatas, o que segue: «As notícias

fragmentárias de sua carreira subsequente (a do apóstolo Paulo) refletem alguma luz sobre o temperamento e a disposição das igrejas da Galácia, nos tempos de Paulo. A Ásia Menor era chocadeira de heresias, e, dentre todas as igrejas cristãs asiáticas, não havia nenhuma tão inclinada para a dissensão como a igreja gálata. A capital da Galácia foi a grande fortaleza do reavivamento montanista, que se prolongou por mais de dois séculos, dividindo-se em diversas seitas, cada qual distinguida pelos gestos mais fanáticos, como observâncias rituais minuciosas. Ali, por semelhante modo, eram encontrados ofitas, manqueanos e sectários de todas as variedades. Foi durante as grandes controvérsias do século IV D.C. que houve dois bispos sucessivos, Marcelo e Basílio, que perturbaram a paz da igreja; pois um deles se colocou ao lado do sabelianismo, e o outro se fez aliado do erro ariano. Um dos pais da igreja desse período, Gregório Nazianzeno, denunciou 'a insensatez dos Gálatas, que abundam em muitas ímpias denominações'.

A essa observação geral e negra, podemos acrescentar uma nota preparada por Lange (in loc.), que citou Lightfoot quanto a esse particular: «Apesar das perseguições tanto de Diocleciano e de Juliano, que tentaram pessoalmente restaurar o paganismo na Galácia, os crentes se comportaram com fortaleza e constância».

Portanto, podemos ter a certeza de que a escrita da epístola aos Gálatas não foi um esforço vão, pois não há que duvidar que esse documento apostólico se tornou a Declaração da Independência Cristã, pois, embora tivessem prosseguido as heresias, houve cristãos que conheceram a Cristo realmente, e que aceitaram e aplicaram a mensagem de Cristo, conforme ela aparece contida nessa epístola. Os temas principais desse livro, são:

1. A defesa do apostolado de Paulo é um de seus assuntos principais. (Ver Gál. 1:1,8,11-14 e 2:1-21). Paulo declara que o seu apostolado havia sido recebido da parte de Deus Pai e da parte de Deus Filho. Além disso, a sua mensagem se harmonizava com aquilo que pregavam os apóstolos mais antigos, os quais também reconheciam a sua autoridade de apóstolo de Cristo entre os gentios. Existem referências esparsas, aqui e ali, no resto dessa epístola, que aumentam o peso dessa defesa própria, conforme mostramos nas referências acima citadas.

2. O verdadeiro evangelho de Cristo foi recebido por *revelação*, que abre o caminho para a liberdade cristã, independente do antigo judaísmo. Os demais apóstolos concordavam com Paulo também nesse particular, de tal modo que Paulo não criara doutrina alguma, e nem pervertera os ensinamentos de Cristo, conforme alguns erroneamente afirmavam. (Ver Gál. 1:8-10 e 2:1-14). Essa liberdade cristã consiste do abandono da lei mosaica, até onde se poderia pensar que a mesma tem uma função salvadora, e até onde se poderia pensar que a mesma serve de «guia da conduta diária» dos redimidos. Pelo contrário, o crente passa a depender exclusivamente de Jesus Cristo e de seu sistema da graça divina. (Ver Gál. 2:15-21). Esse era também o evangelho que Abraão conhecia. (Ver Gál. 3:6-18). Tal evangelho traz liberdade e igualdade entre todos os remidos. (Ver Gál. 3:26-29). Através desse evangelho é que os homens se tornam filhos de Deus e herdeiros juntamente com Cristo. (Ver Gál. 4:1-20). (Quanto a notas expositivas sobre a completa significação da *filiação a Deus*, ver Rom. 8:29 e Efê. 1:23 no NTI).

3. Relações entre a lei e a graça. A lei mosaica teve uma função «intermediária». Não servia de agente

salvador, mas, quando muito, foi uma espécie de mestre-escola, o que nos mostra o quanto o pecador necessita de Cristo. (Ver Gál. 3:19-25 e 2:15-19. O trecho de Gál. 3:6-18 mostra-nos o caso ilustrativo de Abraão).

4. O sistema da graça divina não permite licença para o pecado. Esse grande tema é amplamente expresso e desenvolvido em Rom. 6-8, sendo mais abreviadamente abordado na epístola aos Gálatas. Destaca-se nisso o fato de que a maturidade espiritual é requerida da parte dos herdeiros de Deus; o sistema da graça incorpora suas responsabilidades e seus frutos inerentes e necessários. (Ver a mensagem de Gál. 5:1-6:18). Deve haver o uso correto da liberdade, a fim de que o indivíduo seja libertado dessa servidão ao pecado e à lei, lei essa que «intensifica o pecado», fazendo-o «avultar» (ver Rom. 5:20), e isso subentende que o indivíduo deve tornar-se servo de Cristo. A liberdade cristã, pois, dá a entender uma nova servidão, um novo serviço, prestado a outrem, e isso através da lei do amor. Além disso, a lei é fruto do Espírito Santo (ver Gál. 5:22), o que significa que deve ser uma qualidade necessária de todo o crente, porquanto a vida em Cristo consiste da comunhão mística com o Espírito.

5. *Os herdeiros de Deus*, seus filhos, são necessariamente controlados pelo Espírito Santo, mediante a sua permanência habitadora que garante a produção do fruto espiritual, o que significa a manifestação da retidão, que a lei podia tão-somente destacar, mas não produzir. O conceito paulino da religião mística é assim confirmado nesta epístola aos Gálatas. (Ver o oitavo capítulo da epístola aos Romanos, onde domina esse tema). Assim, pois, a fé cristã não consiste em uma nova modalidade de lei ou padrão, e, sim, de uma «fé viva», do contacto com a divindade e da comunhão no íntimo com o Senhor. Esse é o «coração» mesmo do cristianismo, que vinha sendo não somente negligenciado pelos crentes da Galácia, mas que também raramente é expresso pela moderna igreja cristã. (Ver Gál. 5:22-25). A vida original se encontra «no Espírito», e, subsequentemente, a conduta cristã é produzida e insuflada pelo mesmo Espírito de Deus. O cristianismo, por conseguinte, quando é devidamente compreendido, se eleva muito acima de qualquer expressão legalista ou sacramental, que era o fator predominante do judaísmo, mas antes, eleva o crente, ainda nesta vida terrena, até os lugares celestiais, quanto à experiência de seu homem interior. Cristo está em nós, sendo ele a esperança da glória, e isso através do Espírito Santo. O Espírito Santo garante a herança futura, mas agora mesmo ocupa-se produzindo a imagem de Cristo no crente. Os vários aspectos do fruto do Espírito Santo são, meramente, produção de Cristo, no íntimo. Por isso é que Paulo pôde dizer em verdade, «...para mim, o viver é Cristo...», pois a vida que agora o crente tem é vivida através da comunhão mística com Cristo Jesus. (Ver Gál. 2:20).

6. *Princípio da colheita* segundo a sementeira. Esse é um dos temas mais freqüentemente citados e mais bem conhecidos do apóstolo Paulo, expresso em Gál. 6:7,8. Essa lei é universal e absoluta. Aquilo que um homem colhe é o que ele semeou. Não podemos nos libertar dessa lei, nem mesmo mediante a fé em Cristo, pois apesar do pecado não mais nos ser imputado, e a despeito do fato de que a vida eterna nos é garantida em Cristo, contudo, recebemos aquilo que fazemos, de bem ou de mal, e isso tanto nesta vida terrena como nos lugares celestiais. O pecado perdoado não subentende que o crente pode escapar das conseqüências e penalidades naturais do pecado.

Quanto a isso, basta-nos considerar o caso de Davi, o qual, apesar de haver sido perdoado de seu pecado de adultério e homicídio, não obstante passou o resto de sua vida pagando por seus erros propositais. (Com isso se pode comparar o trecho de II Cor. 5:10). Nessa passagem encontramos a espantosa declaração de que os crentes serão levados ao tribunal de Cristo, onde receberão «aquilo que tiverem feito», de «bom ou de mau». A vida sempre vem ao encontro do nosso *eu*, demonstrando o que esse «eu» tem sido, quais as condições motivadas pelas nossas ações, e por que fomos levados a este ou àquele estado espiritual. Assim, pois, um crente poderá vir a entrar no reino celeste «como que através do fogo», ou poderá fazê-lo «abundantemente». E isso depende tão-somente da permissão por ele dada, ao Espírito Santo, para que o Senhor oriente o seu coração, dominando-lhe a vida e produzindo os seus frutos espirituais. Portanto, o princípio da colheita segundo a sementeira é uma lei absoluta, que se aplica a todos os homens, quer sejam crentes ou incrédulos. Cristo nos liberta dos horrores do julgamento final; não obstante, teremos que encontrar o nosso próprio «eu», até mesmo do outro lado da porta de Deus que denominamos de «morte física», e que nos dá entrada a uma nova forma de vida, a fruição da vida eterna.

**Esses fatos solenes** ou são ignorados ou são convenientemente esquecidos por alguns, na igreja moderna. Para eles a lei da colheita segundo a sementeira se aplica somente aos incrédulos. Esse é o tipo de doutrina libertina contra o qual o apóstolo Paulo combatia, e que se tornara um dos principais ensinamentos de seus adversários. No entanto, partirmos «para o outro lado» da existência não implica em estagnação. Pois apesar do crente ter talvez se aleijado nesta existência terrena, no que tange à sua vida espiritual, vindo a colher os resultados adversos de sua corrupção, e sendo assim salvo como que «através do fogo», não podendo entrar com abundância nos lugares celestiais, contudo, ele haverá de prosseguir na direção daquele grande alvo que é a perfeição em Cristo, em que todos os remidos haverão de compartilhar de sua natureza moral e metafísica, e, de fato, de sua divindade (conforme lemos em II Ped. 1:4). Esse elevadíssimo alvo está assegurado no caso de todos os crentes verdadeiros, e o oitavo capítulo da epístola aos Romanos e o primeiro capítulo de Efésios indicam-nos essas verdades, apesar do que para alguns crentes será necessário muito mais tempo para atingirem tal alvo. É infantil aquela idéia que pensa que haverá estagnação espiritual nos lugares celestiais, situando todos os crentes em um único nível de avanço espiritual, meramente devido à morte física. A morte física é tão-somente uma transição para outra forma de existência, não significando a mesma que o crente obtém automaticamente, por meio dela, tudo quanto lhe foi prometido nas Escrituras; e isso porque aquilo que nos foi prometido deve ser formado em nós através da atuação do Espírito Santo no homem interior, e isso sem importar se ocorrerá ainda nesta existência terrena, ou já nos lugares celestiais. O alvo da existência, para os remidos, entretanto, é o mesmo, ou seja, a perfeição absoluta em Cristo. Portanto, com base nessa verdade, pode-se perceber a importância suprema da lei da colheita segundo a sementeira, sendo essa uma lei universal de toda e qualquer existência moral.

### VI. Conteúdo

1. Saudações, 1:1-5. Aqui já foi incluída uma defesa da autoridade e do apostolado de Paulo.
2. O único verdadeiro evangelho, 1:6-10. Trata-se

da polêmica desse apóstolo contra os seus oponentes, especialmente aqueles que se inclinavam para o legalismo.

3. A comissão apostólica de Paulo. 1:11-17. A sua comissão era divina, e não humana; mística, e não legalista. A comissão apostólica de Paulo era dominada pela expressão total de sua vida, tendo sido determinada desde o seu nascimento. Paulo mostrou ser um instrumento especial da graça de Deus, em termos similares àqueles usados pelo Senhor Jesus a fim de descrever a personalidade de João Batista.

4. Relações de Paulo para com os demais apóstolos. 1:18-2:10. Os outros apóstolos reconheciam a sua autoridade apostólica e pregavam o mesmo evangelho que ele anunciava.

5. Paulo, campeão da liberdade cristã, 2:11-19. Acima de todos os demais apóstolos, Paulo compreendia e defendia, de forma coerente, o sistema da graça divina, ao ponto de ter-se tornado necessário repreender a Simão Pedro, devido à forma hipócrita com que este último, de certa feita, tratava os irmãos vindos dos povos gentílicos, devido a pressões que sofrera da parte de «irmãos de inclinações legalistas».

6. A fé de Paulo e sua independência da lei, 2:15-21.

7. Paulo defende o sistema da graça divina, 3:1-4:31.

a. Com base na experiência pessoal, dele e deles 3:1-5.

b. Com base na vida de Abraão, pai dos fiéis. 3:6-18.

c. Com base na natureza «intermediária» da lei mosaica, 3:19-25.

d. A posição dos crentes em Cristo, dentro do sistema da graça divina, 3:26-4:11. Destacam-se aqui a liberdade em Cristo, a igualdade que os crentes têm em Cristo e a maturidade espiritual daqueles que são os herdeiros de Deus.

e. As relações de Paulo para com seus filhos espirituais, 4:12-20.

f. A liberdade conferida pela graça, ilustrada por uma alegoria, 4:21-31.

8. A responsabilidade do crente, dentro do sistema da graça, 5:1-6:18.

a. O uso correto da liberdade do crente em Cristo. 5:1-15.

b. O Espírito no íntimo é a *nova lei* que produz a retidão, 5:16-26.

c. Os irmãos mais fracos precisam de encorajamento, 6:1-6.

d. A lei da colheita segundo a sementeira, 6:7-10.

e. Observações finais: a ufanía falsa e a verdadeira, os sinais de um servo verdadeiro de Cristo, 6:11-17.

**VII. Bibliografia.** AM E EN I IB LAN LUTH MOF NTI TE TI VIN RA(1900) RO

## GÁLBANO

No hebraico, «brancura». Trata-se de uma resina gomosa, com um forte odor de bálsamo. No hebraico a palavra é *chelbenah*, que ocorre apenas por uma vez, em Êxo. 30:34. Era cerca de uma quarta parte do incenso sagrado. Tem sido identificado com a *F. galbaniflua* ou com a *F. rubricaulis*. Ambas as espécies medram na Pérsia. Além de serem usadas como perfume ou incenso, essas substâncias eram usadas como medicamento, como um antiespasmódico. Essas substâncias são graxas, pegajosas e granuladas. Quando misturadas a perfumes ou ao

incenso, isso tanto intensifica quanto prolonga o poder desejado. A planta, de aparência como a samambaia, tem grosso pedúnculo e flores amarelas. A folhagem, como a da samambaia, é perene. A goma exuda da parte inferior da haste, em gotas que podem ser recolhidas.

## GALEEDE

No hebraico, «monte de testemunhas». Jacó deu nome a uma pilha de pedras, que havia empilhado como memorial do pacto estabelecido entre ele mesmo e Labão. Esse nome, dado por Jacó, foi Galaade. Mas Labão, em seu próprio idioma, chamou-lhe Jegar-saaduta, que significa a mesma coisa em aramaico. Ver Gên. 31:44-54. Uma refeição comunal acompanhou o estabelecimento da aliança. A questão ilustra uma prática comum entre os antigos israelitas, quando se tratava de estabelecer acordos. Algumas vezes, uma estela servia ao mesmo propósito. Ver Gên. 28:18; Jos. 4:39; 22:26-28. É bem possível que o território da Transjordânia se chamasse Gileade, por causa de algum acordo estabelecido ali. O sentido dessa palavra, Gileade, não está acima de dúvidas; e alguns eruditos pensam que está relacionado ao nome Galaade.

## GALENO, CLÁUDIO

Um médico e filósofo grego que viveu entre 130 e 200 D.C. Nasceu em Pérgamo, na Mísia. Viajou extensamente. Era estudioso de filosofia. Trabalhou como médico em Roma. Frequentou a escola de Marco Aurélio. Nos campos das idéias científicas, da lógica e da ética era aristotélico. Também era gramático e escreveu sobre questões da medicina. Suas idéias sobre a medicina sobreviveram até bem dentro da Renascença (vide). Somente no século XVI começaram a aparecer provas de que algumas das principais idéias de Galeno não eram corretas. Foi copioso escritor sobre temas da filosofia, da medicina e da anatomia. Muitos dos seus livros se perderam, mas alguns sobreviveram sob a forma de cópias em árabe. Entre aqueles de que ele foi autor, podemos citar *Escritos Menores* (três volumes); *Institutio Logica*; *Corpus Medicorum Graecorum*; *Sobre as Faculdades Naturais*; *Sobre as Paixões e os Erros da Alma*. Esses são títulos traduzidos das versões de que dispomos de seus escritos. Galeno serve de exemplo de um tipo de ortodoxia que, durante muito tempo, dominou o campo do conhecimento, e que somente com um maior avanço ainda da ciência mostrou estar equivocada. As ortodoxias fazem o trem parar na estação; mas a verdade continua avançando. Não obstante, os pioneiros cujas idéias acabam sendo aceitas como ortodoxas, com frequência muito têm a contribuir para o conhecimento geral humano. Aristóteles foi o maior cientista de seus dias, tendo servido de modelo durante muitos séculos. Atualmente, porém, ele é tido como um mau e primitivo cientista, se o compararmos com a ciência moderna. O conhecimento humano sempre se assemelhará a isso.

## GALESBURG, REGRA DE

Essa foi uma declaração feita por um grupo de luteranos conservadores norte-americanos, reunidos em Galesburg, no estado de Illinois, Estados Unidos da América do Norte, em 1878. Essa declaração definia a posição desse grupo no tocante ao púlpito e ao companheirismo diante do altar, com possíveis intercomunicações e comunhões com outras denominações.

nações evangélicas. Dizia a mesma: «Os púlpitos luteranos pertencem somente aos ministros luteranos; os altares luteranos pertencem somente aos comun-gantes luteranos». Incluímos essa regra, nesta enciclopédia, como um exemplo negativo. É triste quando os cristãos, mediante suas declarações oficiais, formam clubes exclusivistas, cujas regras barram a outros cristãos. Isso esquece-se do nobre sentimento expresso em Salmos 119:63:

«Companheiro sou de todos os que te temem,  
e dos que guardam os teus preceitos».

## GÁLIA

Nome do país dos gauleses, o território entre o rio Reno, os Alpes, os Pirineus e o Oceano Atlântico. Os habitantes dessa área eram de origem mista. É provável que grupos migrantes, de fala indo-européia, chamada *celta*, tenham entrado na região vindos do leste, durante a Idade do Bronze (segundo milênio A.C.). No começo do século V A.C., os celtas, que eram chamados gauleses pelos romanos, atravessaram os Alpes, entraram na Itália e se estabeleceram no vale do rio Pó, uma região que, mais tarde, tornou-se conhecida como Gália Cisalpina (isto é, Gália do lado de cá dos Alpes), a fim de distingui-la da Gália Transalpina (Gália do lado de lá dos Alpes). Em 391 A.C., os gauleses saquearam Roma, mas, finalmente, foram empurrados de volta para o norte. Roma conquistou o território deles, e começou um processo de pacificação. Os gauleses eram famosos como guerreiros, cavaleiros, artesãos, trabalhadores em metal, mineiros e agricultores. Júlio César subdividiu-os em belgas, celtas e aquitânios. Ondas de celtas migraram para vários lugares como o norte da Grécia, o vale do rio Danúbio, e vários lugares do que é hoje a Alemanha e a França. A província romana da Galácia (vide), recebeu deles o seu nome. Nicomedede I, rei da Bitínia, convidou-os para virem ocupar aquela área; e não demorou muito para que estivessem assaltando e saqueando a Ásia Menor. Quanto a plenos detalhes sobre como esses povos e a Gália estavam relacionados um ao outro, dentro dos acontecimentos relatados no Novo Testamento, especialmente no tocante ao ministério de Paulo e à epístola aos Gálatas, ver sobre a *Galácia* e sobre os *Gálatas*, terceira seção.

## GALICANISMO

Ver o artigo separado sobre os **Artigos Galicanos**. A filosofia do *galicanismo* está alicerçada sobre esses artigos. O termo refere-se a dois movimentos que tinham idéias similares, dentro da Igreja francesa. Em um dos lados da questão estavam os políticos, que defendiam os direitos da realeza e da lei contra o papado e o clero católico romano. No outro lado estavam os eclesiásticos, que defendiam a *autonomia* da Igreja francesa, em relação aos reis da França e sua subordinação aos papas e aos concílios gerais da Igreja. Ambas as tendências foram unidas sob Luís XIV, nos Artigos Galicanos, publicados em 1682. Depois disso, a autoridade eclesiástica de Roma obteve mais espaço, embora tivesse persistido alguma oposição francesa à doutrina da infalibilidade papal. O termo *galicanismo* é atualmente usado em sentido lato, para indicar qualquer atitude de independência por parte de qualquer igreja nacional, contra o poder de alguma hierarquia eclesiástica. Essa posição deve ser contrastada com a do *Ultramontanismo* (vide). Esta última é a posição dos católicos romanos que desejam ver toda a autoridade da Igreja nas mãos do

papa, em oposição àqueles que desejam um desenvolvimento mais independente, por parte de alguma igreja nacional.

## GALILÉIA

*Esboço:*

- I. Caracterização Geral
- II. Localização Geográfica
- III. Lugar da Vida e do Ministério de Jesus
- IV. Dados Históricos
- V. Outros Pontos de Interesse

### I. Caracterização Geral

Ver o artigo separado sobre *Gallileu*. Essa palavra vem do hebraico, *galil*, que significa «círculo», «anel», ou seja, um *distrito* ou *região*. Conforme o conhecemos, esse nome é uma transliteração para o grego. O nome da região é antiquíssimo, ocorrendo sob as formas hebraicas *galil* e *galilah* (ver Jos. 20:7; 23:32; I Reis 9:11; II Reis 15:29). Lê-se em Isaías 9:1: «...Galiléia dos gentios...» Ver também I Macabeus 4:15 e Mat. 4:15. Essa palavra designa uma das três principais divisões da Palestina, na época de Jesus; as outras divisões eram a Judéia e a Samaria.

*Antigas Fronteiras*. Pouca informação temos que nos capacite a determinar as antigas fronteiras da Galiléia, e podemos supor com segurança que não havia uma geografia política fixa na área chamada Galiléia. O termo aparece pela primeira vez quando da conquista da terra de Canaã por parte do povo de Israel. A cidade de nome Cades, na região montanhosa de Naftali, de acordo com Josué 20:7; 21:32 e I Crônicas 6:76, ficava na Galiléia. Com base em várias referências bíblicas, podemos supor que esse termo incorporava o território de Naftali (II Reis 15:29); a área tribal de Aser, com a cidade de nome Cabul, é a mesma referida em I Reis 9:11-13 e Josué 19:27; e talvez também envolvesse o distrito tribal de Zebulon (Isa. 9:1). Se essas observações estão certas, então podemos afirmar que, de modo geral, a Galiléia do Antigo Testamento é a mesma do Novo Testamento.

### II. Localização Geográfica

Já vimos quais eram as antigas fronteiras. Durante os períodos dos Macabeus e da dominação romana, o termo *Galiléia* designava a porção norte da Palestina, a oeste do rio Jordão e do mar da Galiléia.

A demarcação exata da região da Galiléia, nos tempos do V.T., é tarefa difícil. Entretanto, suas dimensões como província, sob o jugo romano, são conhecidas. Formava um território *retangular* de cerca de sessenta e cinco quilômetros de norte a sul, e de quarenta quilômetros de leste a oeste. A leste, tinha por demarcação fronteiriça o rio Jordão e o mar da Galiléia, e ficava a pouca distância do Mediterrâneo, por causa da extensão da *Siro-Fenícia* na direção sul. Originalmente compunha-se de territórios determinados para as doze tribos. A influência gentílica era forte, porquanto a região estava cercada de populações gentílicas por três lados. Dessa maneira, a Galiléia passou a contar com uma população mista e diversificada, o que era causa do desprezo com que a tratavam os judeus mais «puros» do sul da Palestina. (Ver João 7:52). A maioria dos lugares que Jesus conheceu já desapareceu, e isso sem deixar qualquer vestígio. As florestas da Galiléia, dos tempos neotestamentários, foram substituídas pelo «maquis», um arbusto característico das costas do mar Mediterrâneo.

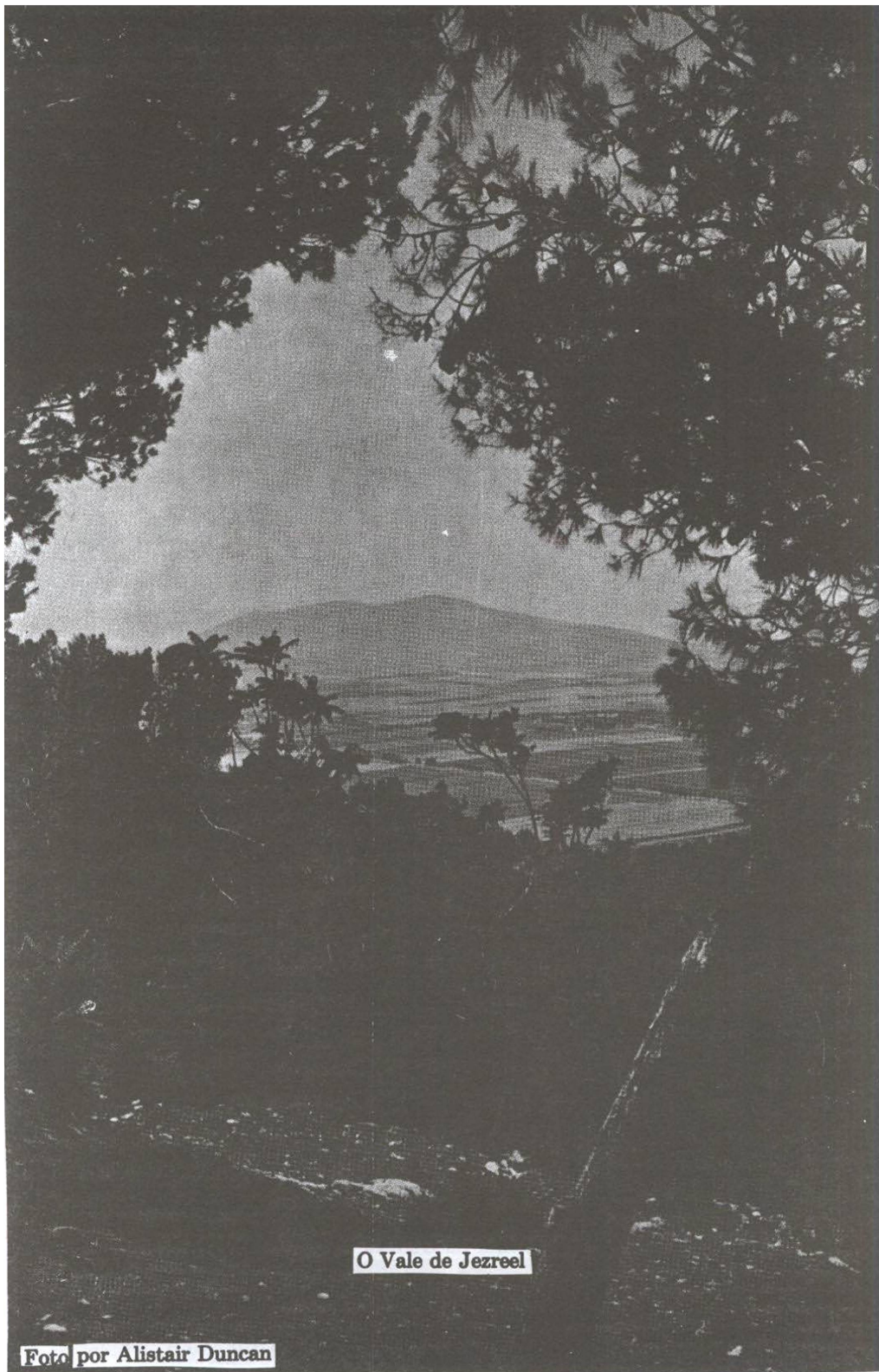
### III. Lugar da Vida e do Ministério de Jesus

Os evangelhos sinóticos, Mateus, Marcos e Lucas,



O Mar da Galiléia

Foto por Alistair Duncan



O Vale de Jezreel

Foto por Alistair Duncan

enfocam a atenção sobre o ministério de Jesus na Galiléia, de tal modo que somente alguns lugares ali mencionados não se encontram naquele distrito. Em contraste, o evangelho de João concentra a atenção principalmente sobre o ministério de Jesus em Jerusalém. Essa circunstância é comentada no artigo sobre o evangelho de João, partes quatro e dez. Somente cerca de dez por cento do material do quarto evangelho tem paralelos nos evangelhos sinópticos. As cidades da Galiléia cujos nomes foram imortalizados por causa do ministério de Jesus ali, incluem Cesaréia, Filipos, Tiberíades, Corazim, Seforis, Jocneã, Betsaida, Nazaré, Caná, Cafarnaum, Naim, Cesaréia da Palestina e Ptolemaida. Jesus foi criado em Nazaré e estabeleceu o quartel-general de sua missão em Cafarnaum (ver Mat. 4:13). Isso cumpriu uma notável predição que se encontra no livro de Isaías, o que é referido em Mat. 4:14-17. Os primeiros e principais discípulos de Jesus eram provenientes da Galiléia, segundo se aprende em Mat. 4:18 ss. Foi também na Galiléia que o Senhor apareceu pela primeira vez aos seus discípulos, após a sua ressurreição. Ver Mat. 28:7.

#### IV. Dados Históricos

1. Não temos muitas informações sobre essa área, antes da conquista do território por parte de Israel. As evidências arqueológicas mostram que havia habitantes ali desde as eras Calcolítica e do Bronze (cerca de 4000 — 2000 A.C.). Escavações efetuadas em Megido e Bete-Seã mostram isso. Existiam textos de execração egípcios, dos séculos XX e XIX A.C., que mencionavam certas cidades da Galiléia, como Aco, Acsafe, Bete-Seã e, talvez, Cades e Bete-Semes. O controle egípcio sobre a região evidencia-se pelas listas de nomes da campanha militar de Tutmés III, de Ramsés II e de outros. As cartas de Tell el-Amarna (cerca do século XIV A.C.) dizem-nos como o Egito perdeu essa área e como outras potências vieram ocupar a mesma.

2. Quando da conquista da terra de Canaã, Israel passou a controlar toda aquela região geral. Os povos cananeus foram derrotados. Ver Josué 11:1-11. A Galiléia foi dividida entre quatro tribos diferentes, conforme lemos em Jos. 19:10-39. Israel habitava, principalmente, em áreas não povoadas da Galiléia, tendo-se mesclado etnicamente com os cananeus e com outros povos da região. Talvez somente Issacar obteve êxito na expulsão dos cananeus de seu distrito (Juí. 1:30-33). Gideão combateu contra os midianitas e amalequitas e os derrotou (Juí.6), embora suas vitórias não tivessem sido nem completas e nem permanentes.

3. O Período do Reino de Israel. O rei Saul unificou em um bloco as tribos de Israel. Pôs a Galiléia e a via Maris (a principal rota comercial da região) sob o seu controle. Os filisteus restringiram os territórios ocupados pelo povo de Israel; mas, na época de Davi, eles foram derrotados, e os israelitas começaram a controlar melhor a Galiléia. O rei Hirão, de Tiro, embora cananeu, ajudou Salomão a edificar o templo. Como pagamento, Salomão ofereceu-lhe o controle de vinte cidades da Galiléia; mas, após tê-las examinado, Hirão as devolveu a Salomão (I Reis 9:10-14; II Crô. 8:1,2).

No período subsequente, do reino dividido, Asa, rei de Judá, juntamente com Ben-Hadade I, da Síria, combateu contra Israel, na Galiléia. A região continuou sendo disputada por Israel e por Arã (Síria). Onri e Acabe recuperaram as perdas territoriais que ali tinham sido sofridas, mas Hazael (ver II Reis 10:32) tornou a reconquistá-las. Jeroboão, filho de Joás, libertou a região da dominação

estrangeira durante algum tempo (ver II Reis 14:25 ss). Depois, porém, houve a invasão encabeçada por Tiglate-Pileser III, rei da Assíria, em 734 A.C., e quase todas as cidades da Galiléia caíram sob o seu domínio (II Reis 15:29; 16:7). Quando caiu a capital, Samaria, em 722 A.C. esse foi o fim do reino do norte, Israel, ali e em qualquer outro lugar.

4. Vários poderes, em sucessão, vieram a governar a Galiléia, como a Assíria, a Babilônia, a Pérsia, a Grécia, os monarcas selêucidas, os Macabeus e, finalmente, os romanos, acompanhando a história geral do resto do povo de Israel.

5. Nos Tempos do Novo Testamento. Em 47 A.C., Roma enviou Herodes, o Grande, a fim de conquistar a Galiléia. Isso foi conseguido militarmente, de tal modo que, a princípio, ele era ali apenas um chefe militar e não um rei. Livrou a região de assaltantes e homens violentos (ver Josefo, *Anti.* 14:9,2). Em 37 A.C., Herodes tornou-se rei dessa e de outras regiões. Isso prosseguiu até o ano 40 D.C. Então seu filho, Antipas, subiu ao poder, fazendo de Tiberíades a sua capital. Portanto, ele era o governador do período da vida de Jesus, excetuando o período de sua infância. Os zelotes opunham-se ao domínio romano e tinham sua base mais forte na Galiléia. Alguns dos discípulos de João Batista pertenciam a esse grupo. Pelo menos um dos discípulos de Jesus também havia pertencido ao partido dos zelotes. As dificuldades com o governo romano manifestavam-se de várias maneiras. No ano 40 D.C., Calígula determinou que Petrónio, governador da Síria, erigisse uma estátua em honra ao imperador, no templo de Jerusalém. As reações dos judeus ao ato foram radicais. Muitos milhares de judeus reuniram-se, durante quarenta dias, em Tiberíades e Ptolemaida, a fim de protestar contra o suposto sacrilégio. Petrónio teve de desistir da idéia. Quando Agripa I faleceu, a antiga Galiléia foi dividida quanto à autoridade política. Uma porção ficou ao encargo de Agripa II, até o ano 100 D.C. Roma administrava a outra parte da Galiléia por intermédio de outros governantes.

A oposição dos judeus a Roma continuou a intensificar-se, tendo atingido um ponto culminante na revolta que exigiu a invasão romana. No ano 70 D.C., Jerusalém foi destruída, e toda a Galiléia ficou sob o governo romano direto. Quando Herodes Agripa morreu, em 100 D.C., a Galiléia foi anexada à província romana da Síria.

Uma vez destruída Jerusalém, os estudiosos e rabinos judeus refugiaram-se na Galiléia. Tiberíades foi escolhida para ser o novo centro da fé judaica. Foi ali que o Talmude (vide) veio à existência. Em data posterior, os eruditos massoretas atuaram ali e o resultado foi o texto padronizado do Antigo Testamento em hebraico, intitulado texto massorético. Ver o artigo sobre a *Massorah*.

#### V. Outros Pontos de Interesse

Josefo nos dá a informação interessante de cerca de três milhões de habitantes. Havia ali muitas aldeias com mais de quinze mil habitantes (*Guerras* 3:3,2). Isso permite-nos entender como é que tão grandes multidões podiam seguir a Jesus. Uma grande rota comercial atravessava a Galiléia, ligando Damasco ao Egito, por meio do Wadi 'Ara, em Megido, com rotas alternativas em Tanaque e Jocneã. Em Megido, a estrada dividia-se em três, uma delas seguia para o oriente, para Bete-Seã, passando além de Astorete, a capital de Basá, até ligar-se com a estrada do Rei, em Damasco. Também havia outras rotas secundárias. Uma estrada principal estava localizada na Alta Galiléia, que ia de Tiro até Abel-Bete-Maaca, no sopé do monte Hermom. Isso

## GALILÉIA — GALILEU

abria a Galiléia para o Oriente Próximo. Josefo considerava os homens da Galiléia corajosos e sinceros (ver *Guerras* 3.3.2). O período do Antigo Testamento nos apresenta os seguintes indivíduos notáveis: Baraque, Gideão, Jonas e Elias. Doze dos discípulos de Jesus eram da Galiléia. Além disso, quando alguém fala em «Galileu», todos sabem de quem se trata. (AH AM EW SMI Z)

### GALILÉIA, MAR DA

Esse corpo de água potável tem vários nomes, como mar da *Galiléia* (Mat. 4:18), mar de *Quinerete* (Núm. 34:11) e lago de *Genezaré* (Luc. 5:1). Tem a forma de pera, está localizado no norte da Palestina e é formado pelo alargamento do rio Jordão, em certo trecho de seu curso. Fica a 212 m abaixo do nível do mar, com quase dezoito quilômetros de comprimento e cerca de treze quilômetros de largura. Sua profundidade média é de 45 m. Fica situado em uma grande bacia, formada por uma grande falha geológica. O Jordão deságua no mesmo, vindo do norte, onde suas águas ficam avermelhadas e turvas. O lago também é alimentado por muitas fontes em suas margens. No entanto, suas águas são relativamente límpidas. Contudo suas praias ao norte e a leste são barrentas e rochosas. Mas suas margens ocidentais descem em uma inclinação suave. Durante certa metade do ano, as colinas ao redor ficam desnudas de vegetação; porém, durante a primavera aparece uma vegetação subtropical. Os peixes eram e continuam sendo abundantes no lago, e a indústria de pesca ali sempre foi uma atividade importante para os habitantes das cidades que margeiam o lago. O monte Hermom, sempre encimado por neve, não fica muito longe e o ar resfriado, ao encontrar-se com o ar morno do vale, pode causar súbitos e violentos tufões sobre o lago, o que fica demonstrado em Marcos 4:37.

Em torno de suas praias há antigas ruínas, mas quase todas as cidades mencionadas nos tempos bíblicos, até mesmo do Novo Testamento, desapareceram com pouquíssimos vestígios. Contudo, há as ruínas de Tell Hum (Cafarnaum), Kerazeh (Corazim) e Taricheae, conhecido como um antigo lugar que exportava peixes. Outras identificações são extremamente precárias. Nos dias do Novo Testamento, nada menos de nove cidades, de não menos de quinze mil habitantes cada uma, em média, estavam localizadas em suas praias.

O mar da Galiléia, que fica cerca de noventa e seis quilômetros ao norte de Jerusalém, ajudava a determinar o tipo de vida que se levava em toda a região ao redor. As ocupações dos habitantes incluíam a agricultura, a fruticultura, o tingimento de tecidos, o curtume, a pesca e a fabricação de embarcações. Todas essas atividades, mais ou menos importantes, dependiam desse lago e de seus tributários, a fim de prosseguirem. Jesus realizou muitos de seus trinta e três milagres historiados em redor desse lago. Ele usava Cafarnaum (vide) como seu quartel-general de labores na Galiléia, onde também passou a maior parte da sua vida.

### GALILEU

Um habitante da Galiléia (vide; Mat. 16:59; Mar. 14:70; Luc. 13:1; 22:59; 23:6; João 4:45; Atos 1:11; 2:7; 5:37). Esse nome aludia tanto a gentios quanto a judeus que habitavam na Galiléia, uma porção da Síria-Palestina, ao norte da planície de Esdrelom e do vale de Jezreel, e ampliando-se para o leste até às praias do lago da Galiléia, enquanto que para oeste

chegava até as margens do mar Mediterrâneo. Após o retorno do cativeiro babilônico, a região foi recobrada pelos judeus, embora também houvesse outras populações que também ocupavam a região. João Hircano e seus sucessores subjugaram a região e fundiram sua população mista de arameus, árabes, sírios e povos helênicos, formando um Estado judaico. Apesar de se tornarem judeus quanto à nacionalidade, eles falavam o aramaico como sua língua nativa. O elemento judaico da região aumentou quando, sob os hasmoneus, pessoas vindas de outras regiões de Israel foram viver na Galiléia. Os fariseus e os zelotes radicais encontraram solo fértil na Galiléia, para seus respectivos movimentos. Judas, o fundador e principal líder dos zelotes (vide), era dali, razão pela qual ele era chamado Judas, o Galileu. Josefo (*Guerras*, Exc. II) estabeleceu distinção entre o norte da Galiléia e o sul da Galiléia, embora todos os habitantes fossem chamados, indistintamente, galileus. Essa palavra é uma transliteração do vocábulo hebraico que significa «distrito dos gentios». Entre os judeus, por essa razão, o termo «galileu» tornou-se uma espécie de sinônimo de «inferior». Os judeus jamais quiseram se esquecer de que os galileus eram um povo de raça mista. Josefo, que também era galileu, serviu como governador da região por algum tempo. Ele defendia o povo da região como leais lutadores, não cedendo diante das muitas corrupções a que se curvavam os habitantes de outras regiões de Israel.

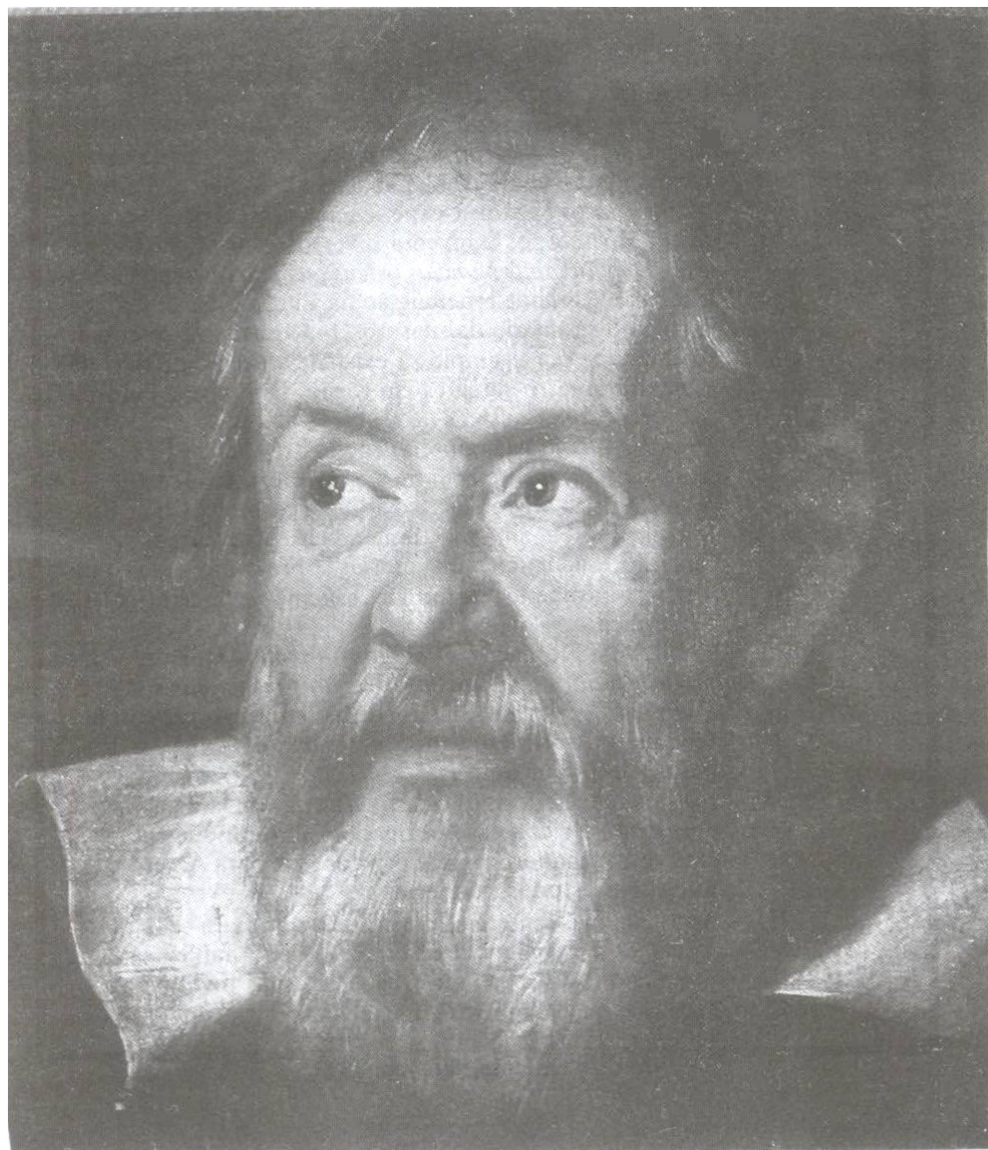
Naturalmente, dali procediam os principais discípulos de Jesus. José, ao que parece, emigrou de Belém da Judéia para a Galiléia, visto que, juntamente com Maria, ele saiu dali e para ali retornou, após o nascimento de Jesus. Ver Luc. 2:4. Jesus extraiu da vida comum da Galiléia muitas ilustrações para seus ensinamentos. Ficaram inclusas ocupações como a dos agricultores, dos criadores de gado e dos pescadores.

Os galileus falavam com um sotaque diferente de todos os habitantes judeus do país; e isso os identificava imediatamente, conforme é evidente na experiência de Pedro, depois que ele negou a Jesus (Mar. 14:70; Luc. 22:59). O aramaico ali falado diferia quanto à pronúncia, à escolha de palavras e até quanto à sintaxe. Algumas das declarações de Jesus evidenciam o pano de fundo aramaico, embora ditas em grego. João 3:3 *ss* é trecho que serve de exemplo disso. Os autores romanos referiam-se zombeteiramente à origem galiléia do movimento cristão. Isso refletia o desprezo geral mostrado pelos rabinos, acerca dos galileus. Juliano referiu-se a Cristo como o *Deus galileu*, e até estabeleceu uma lei que ordenava que os cristãos fossem chamados, exclusivamente, «galileus». Algo de muito curioso aconteceu no seu leito de morte. Ele sempre combatera contra os cristãos. Mas, moribundo por causa de um ferimento em seu lado, apanhou um pouco do sangue que lhe escorria do ferimento e, jogando-o na direção do céu, exclamou: «Venceste, ó galileu!» Ver o artigo separado sobre *Juliano*.

Quanto à observância religiosa, os galileus eram mais relaxados do que seus estritos primos judeus, de Jerusalém. Isso veio a ser mais um fator que explicava sua posição de inferioridade, diante das autoridades judaicas. Ver João 1:46; 7:52. Não obstante, após a destruição de Jerusalém, em 132 D.C., pelas tropas do imperador Adriano, mestres judeus buscaram refúgio na Galiléia; e então Tiberíades tornou-se um dos grandes centros da erudição judaica.

Atos 2:7: *E todos pasmavam e se admiravam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses que estão falando?*





Galileu — 1564-1642

Pintura de Sustermans, a única referência autêntica de seu rosto.

Sua ciência avançou a *verdade* a despeito da oposição das ortodoxias da ciência e da teologia.

## CRONOLOGIA DE GALILEU

- 1564 — Nasce em Pisa, em 15 de fevereiro, Galileu Galilei.
- 1575 a 1577 — Estuda em Florença.
- 1581 a 1585 — De volta a Pisa, estuda medicina, sem concluir o curso.
- 1589 a 1592 — Torna-se professor de matemática em sua cidade natal.
- 1592 a 1610 — Ocupando a cátedra de matemática no 'Studio de Padua', realiza vários estudos e experiências sobre o problema da queda dos corpos e inventa diversos instrumentos.
- 1610 — Publica o *Siderens Nuncius (Mensagem das estrelas)*, obra que obteve grande repercussão na Europa. Nela, Galileu divulga o resultado de suas observações com telescópio, afirmando, por exemplo, a existência de montanhas na Lua e de quatro satélites em torno de Júpiter. Retorna a Florença.
- 1610 a 1632 — Prossegue com suas observações astronômicas, polemizando intensamente com seus opositores. Critica abertamente a física aristotélica e o sistema cosmológico de Ptolomeu. Recebe, em 1616, uma advertência formal da Inquisição, que condena as teorias sobre o movimento da Terra e proíbe o ensino do sistema heliocêntrico de Copérnico.
- 1632 — Publica em Florença o *Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo (Diálogo sobre os dois principais sistemas do mundo)*, criticando de novo o sistema aristotélico e defendendo Copérnico. Cinco meses depois, o livro é proibido pela Igreja Católica.
- 1633 — Inicia-se em 12 de abril o processo contra Galileu. Em 22 de junho, o cientista é obrigado a abjurar suas convicções. Condenado a cárcere privado, vai para Arcetri e retoma seus estudos de mecânica.
- 1638 — Após algumas tentativas frustradas, publicam-se, na Holanda, os *Discorsi*, redigidos na prisão. Galileu já está completamente cego, mas segue em suas investigações.
- 1642 — Em 8 de janeiro, morre Galileu, em Arcetri, com 78 anos.

de Ciência Hoje, jan/feb, 1989

**É possível que existam emanações desconhecidas para nós. Lembra-se de como correntes elétricas e «ondas invisíveis» foram ridicularizadas? O conhecimento sobre o homem ainda está na sua infância. (Albert Einstein)**

Ordinariamente, os judeus da capital, Jerusalém, zombavam dos galileus, porque consideravam-nos incapazes de falar em aramaico perfeito, quanto menos algum idioma estrangeiro de forma correta e fluente. Mais que isso, porém, agora aqueles galileus (os apóstolos) estavam falando em tantos idiomas de forma eloqüente, com poder de persuasão, impulsionados como eram pelo Espírito Santo. Tudo isso parecia totalmente incongruente para aquela multidão, que de galileus só esperavam outra coisa; e isso explica a perplexidade daquela gente ante o fenômeno que ocorrera.

No que concerne às duas palavras aqui usadas para expressar a surpresa das multidões, diz Vincent (*in loc.*) o seguinte: «A primeira palavra denota a primeira surpresa avassaladora. O verbo significa literalmente, 'por fora de lugar', ou seja, tirar alguém de seu sentido normal. Comparar com Mar. 3:21: 'Está fora de si'. A outra palavra, *se admiravam*, denota uma admiração contínua, dando a entender que consideravam tudo perplexos, havendo a sugestão de que começavam a especular sobre a questão».

«Por enquanto, pequeno era o número dos seguidores de Cristo, procedentes de Jerusalém. Os galileus falavam um aramaico rude (ver Mar. 14:70), e provavelmente também falavam um grego vernáculo capenga. Não eram fortes em questão de linguagem; e, no entanto, eram justamente eles que demonstravam ali poderes lingüísticos tão marcantes» (Robertson, *in loc.*).

A palavra «...galileus...», neste versículo, não se refere a qualquer seita religiosa em particular, como sucedeu ao movimento dos seguidores de Cristo, que veio a ser designado posteriormente pela alcunha de «galileus», porque procediam principalmente dessa província. Aqui, entretanto, a referência é à nacionalidade daqueles que haviam nascido na região da Galiléia, parte integrante da Palestina, que era habitada por uma população mista. Por esse termo é que tais pessoas eram distinguidas dos habitantes da Judéia. Os galileus eram conhecidos pela sua negligência em estudar o seu próprio idioma, não demonstrando graças verbais, sendo acusados de cometerem erros de gramática e de falarem o aramaico com vários erros ridículos de pronúncia. (Ver Luc. 1:26 no NTI).

«Deve-se observar que isso está em acordo preciso com o que o apóstolo Paulo descreve como efeito do dom das línguas. Servia o mesmo de 'sinal' para os incrédulos, enchendo-os de admiração; porém, o trabalho de conversão e convicção era deixado ao encargo do dom da profecia. (Ver I Cor. 14:22)». (E.H. Plumtpe, *in loc.*).

Juliano, o Apóstata e outros escritores, referiam-se muitos anos mais tarde aos cristãos zombeteiramente, tachando-os de galileus. Mas não é esse sentido pejorativo que está aqui em foco. (Quanto a esse uso posterior do termo, ver a obra de Juliano, *Apera*, parte 1, par. 557, parte 2; Ep. 49, par. 203 e 204; e também Arriam. *Epicteto* 1:4, cap. 7).

\*\*\* \*\* \*

## GALILEU GALILEI

Um astrônomo e filósofo natural nascido em Pisa, Itália (suas datas foram 1564 — 1642). Educou-se quase inteiramente no mosteiro de Valombrosa, em Florença. Entre 1581 e 1585 estudou na Universidade

de Florença e então ensinou em certa academia florentina, fazendo preleções sobre a matemática. Ele aderiu à nova astronomia, que tinha por base várias teorias de Copérnico. Ver sobre *Copérnico*. Foi censurado pelos teólogos do Santo Ofício, em 1616, tendo sido proibido de ensinar as novas idéias. Galileu concordou, mas então publicou um diálogo, confrontando as antigas e as novas idéias. Porém, era fácil verificar de que lado ficavam suas simpatias; e Galileu entrou novamente em dificuldades. Seus críticos sabiam que Aristóteles não poderia ter-se enganado, que a terra tinha de ser o centro do Universo e que não poderia estar em movimento. Galileu foi convocado para ir a Roma, pelas autoridades da Inquisição. A 21 de junho de 1634 foi acusado de haver rompido o acordo de não ensinar as novas doutrinas astronômicas, por ter publicado aquela farsa de um diálogo onde acabava ensinando, novamente, aquilo de que fora proibido. Temendo perder a vida, Galileu leu sua retratação no dia seguinte. O que estava em jogo, em toda a questão, era a noção aristotélica de que todo movimento implica em imperfeição, e todos sabiam que a criação de Deus não podia ser imperfeita. Se isso fosse verdade, então só a terra seria perfeita, e todo o Universo, girando ao redor da terra fixa, seria imperfeito! No entanto, a teologia havia adotado Aristóteles como guia de seu pensamento científico, embora a Bíblia jamais o tivesse elegido para a posição. Galileu teve permissão de voltar para sua vila, em Florença, mas sob prisão doméstica. Passou os oito anos restantes de sua vida fazendo pesquisas e estudos científicos; mas a sua voz fora silenciada.

**Questões Envolvidas.** As melhorias de Galileu quanto ao telescópio permitiam-lhe ver a natureza refletida da lua, das luas do planeta Júpiter, das fases de Vênus, dos anéis de Saturno, da ocorrência das manchas solares e da rotação do sol sobre seu próprio eixo, além de evidências das órbitas dos planetas, em redor do sol. A *heresia* de que ele foi acusado era a sua crença de que a terra orbita em redor do sol, o que fazia com que a terra não fosse mais o centro do Universo. Ambas as idéias eram consideradas, pelas autoridades eclesiásticas, como contrárias à suposta ordem divina das coisas. Os teólogos recusavam-se, terminantemente, a olhar os corpos celestes pelo seu telescópio. E Galileu precisou retratar-se de joelhos. Reconheceu o seu «erro», para satisfação de seus perseguidores. No entanto, diz-se que, quando se levantou, após ter feito sua solene retratação, Galileu foi ouvido a murmurar: *E pur si muove*, «No entanto, ela (a terra) se movimentava».

### Algumas de suas Descobertas Científicas:

Além daquelas mencionadas no penúltimo parágrafo, acima, ele descobriu o isocronismo do pêndulo e seu uso em relógios; os princípios básicos da dinâmica; o compasso proporcional e o termômetro; fez muitas melhorias no telescópio; descobriu que a Via Láctea é uma constelação de estrelas; descobriu a interdependência de movimentos e forças, ou seja, a invariabilidade de relações de causa e efeito, dando isso origem a uma nova maneira de pensar sobre o Universo e suas forças; que todas as entidades têm peso, e que o peso consiste em uma contínua força de atração sobre os objetos, para o centro da terra; e que, no vácuo, todos os corpos caem com igual velocidade. Este último ponto foi testado pelos astronautas norte-americanos na lua, e foi confirmado. Uma pena de ave cai sobre o solo com a mesma velocidade que um bloco de chumbo, no vácuo, visto que, ali, não há resistência do ar à passagem de objetos; as estrelas e os planetas não são menos capazes de corrupção do que a terra.

## GALILEU GALILEI — GÁLIO

No campo da filosofia, Galileu aceitava o atomismo, em consonância com a teoria lógica. Ele fazia a distinção entre as qualidades primárias e secundárias das coisas, uma distinção, usualmente, associada ao nome de Locke. A idéia de que aquilo que é mensurável é uma questão objetiva, ao passo que as coisas não mensuráveis ficam no campo da subjetividade, são princípios que têm guiado as pesquisas científicas durante séculos.

*Escritos: O Analisador; Diálogo sobre os Dois Principais Sistemas Mundiais; Diálogos Concernentes a Duas Novas Ciências.*

**Contribuições.** As contribuições científicas e filosóficas de Galileu são por demais óbvias para termos de descrevê-las. Além dessas contribuições, devemos-nos lembrar que ele também nos proveu um exemplo de trabalho pioneiro, de alguém que teve a coragem para propor e investigar novas idéias. Nesse exame, certas idéias mostram-se falsas, mas outras mostram-se corretas, afinal. Em ambos os casos, deveria haver tolerância suficiente, a fim de que as idéias possam ser submetidas a teste por parte de pessoas competentes, que se disponham a olhar através do telescópio, e não que se recusem terminantemente a averiguar as provas de que suas teorias estão equivocadas.

Uma curiosa nota histórica acerca de Galileu, em nossos próprios dias, é que o papa João Paulo II pronunciou-se em favor do «perdão» a Galileu, removendo, assim, o estigma que se prendera ao seu nome, por haver sido julgado pelos inquisidores e ter sido forçado a retratar-se, embora estivesse, o tempo todo, com a razão.

«Não devemos ter medo de estar dizendo asneiras. As gerações futuras provavelmente ficarão perplexas, não porque nossas ousadas teorias sejam bizarras, mas por serem conservadoras e terem uma natureza tão tímida». (H.H. Price).

*«A verdade, esmagada até à terra, levantar-se-á de novo;*

*Os anos eternos de Deus lhe pertencem;*

*Mas o erro, ferido, retorce-se em dores,*

*E morre entre seus adoradores».*

(William Cullen Bryant)

Bibliografia. (AM BE E EP F MM PWA)

### GALIM

No hebraico, «montões». Esse era o nome de uma aldeia localizada no território de Benjamim, ao norte de Jerusalém, perto de Gibeá de Saul e de Anatote. Ver I Sam. 25:44; Isa. 10:30. A Septuaginta diz que essa cidade ficava no território de Judá. Parece que entre os versículos 59 e 60 do décimo quinto capítulo de Josué, na Bíblia hebraica, foram omitidos os nomes de várias cidades, que a Septuaginta preservou. Há estudiosos que pensam que isso ocorreu acidentalmente. Nessa lista, Galim é agrupada com as cidades que ficavam a sudoeste de Jerusalém, o que deve explicar a confusão quanto à localização, que varia entre Benjamim e Judá. Seja como for, a cidade é mencionada como o lugar onde vivia Palti, a quem foi entregue Mical, esposa de Davi. O local de Galim é atualmente desconhecido.

### GALINHAS

A única menção a aves domesticadas, no Antigo Testamento, em conexão com a provisão da mesa diária de Salomão, aparece em I Reis 4:23. A palavra hebraica ali envolvida, *barburim*, tem sido traduzida

como gansos, peixes cevados, galinhas de angola, etc. Nossa versão portuguesa diz «aves cevadas». O mais provável é que esteja em foco o *Centropus aegyptius*, uma espécie de cuco, que, em alguns países, até hoje é considerado um saboroso acepipe. Seja como for, a nossa galinha descende do *Gallus gallus* da Índia, uma ave que ali aparece nas florestas. Há evidências de sua domesticação desde tão cedo quanto 2000 A.C. A galinha apareceu no Egito antes do século XIV A.C., trazida do Oriente. É bem possível que os israelitas tivessem conhecimento dessa ave nessa época. Por volta de 500 A.C., a galinha já era um bem conhecida por todo o mundo grego. A partir de cerca de 600 A.C., há um selo, descoberto em Tell El-Nasbeh, com a gravura de um galo de briga. Portanto, a partir desse tempo, a ave era conhecida na Palestina. Esse selo tem estampado o nome de Jaazania, oficial do rei (II Reis 25:33). Naturalmente, isso não prova que a ave fosse domesticada e estivesse servindo como item da alimentação dos israelitas nessa época. O ganso tem uma história mais antiga na Palestina. A imagem do ganso tem sido encontrada em gravuras feitas em marfim, encontradas em Megido, pertencentes acerca de 1000 A.C. Portanto, é possível que essa única referência à palavra hebraica *barburim* diga respeito ao ganso.

**No Novo Testamento.** Encontramos o canto do galo, mencionado como uma medida de tempo, em conexão com a negação de Pedro quanto a Jesus Cristo (Mat. 26:34,74; Mar. 14:30; Luc. 22:34; João 18:27). No entanto, os galos não costumam cantar em horas certas, embora a crença popular assim o diga. De fato, eles cantam a qualquer hora da noite, se assim quiserem fazê-lo, e ninguém pode fazê-los fechar o bico durante as primeiras horas da manhã. No entanto, não seguem o relógio de nenhum homem. Nos trechos de Mat. 23:37 e Luc. 13:34 temos menção à galinha, que junta seus pintinhos sob as asas, a fim de protegê-los, como ilustração de como Cristo gostaria de recolher aqueles que o rejeitavam, se ao menos quisessem confiar nele. (I ID UN)

### GÁLIO

Atos 18:12: *Sendo Gálio procônsul da Acaia, levantaram-se os judeus de comum acordo contra Paulo, e o levaram ao tribunal,*

Há uma inscrição, encontrada em Delfos, que menciona Gálio (irmão de Sêneca, o filósofo estoico romano), a qual possibilita-nos datar a chegada de Gálio em Corinto, mais ou menos no verão de 51 D.C. Delfos era a sede do santuário de Apolo, que estava situado defronte de Corinto, do outro lado do golfo de Corinto. — Paulo aparentemente esteve na cidade por um ano e meio, ou mais, conforme a descrição do décimo primeiro versículo do capítulo dezoito do livro de Atos. Isso quer dizer que Paulo deve ter chegado a Corinto no ano de 50 D.C. Essa é a única data que podemos precisar com exatidão, no tocante a todas as viagens do apóstolo dos gentios. A inscrição a que nos reportamos mais acima, foi publicada em 1905, e consiste em quatro fragmentos. (Ver Deissmann, *Paulo*, apêndice i). Continha palavras de uma carta de saudações enviada pelo imperador Cláudio à cidade de Delfos, a qual também menciona o nome de Gálio, conforme foi descrito acima.

**Sêneca, o famoso filósofo estoico romano, era irmão mais jovem de Gálio, e o poeta romano Lucano, era seu sobrinho. Sêneca dedicou a Gálio as suas obras intituladas «Ira» e «A Vida Feliz». Nessas obras ele traça um relato extremamente favorável de Gálio, onde diz, entre outros louvores, estas coisas: «Outros**

vícios ele desconheceu, mas à lisonja ele abominava». «Amá-lo com todas as forças era amá-lo pouco demais»; e ainda: «Nenhum mortal foi tão doce (dulcis) para com os outros, conforme ele se mostrava para com todos». (*Ep. Mor. Civ. I; Quaest. Iva. Pref. ii*).

Theodore P. Ferris (*in loc.*), diz acerca de Gálio: «Paulo foi muito feliz pelo fato de que Gálio era o procônsul da Acaia naquele período particular de tempo. Gálio foi um homem construído em escala grande. Era muito culto. Seu irmão mais jovem foi Sêneca, o filósofo. Gálio estava acostumado a cuidar de coisas importantes, e não, à semelhança de muitos líderes políticos, a cuidar de coisas triviais e sem importância. Um homem assim quase certamente vê as coisas de um amplo ponto de vista. Não se deixa enredar por considerações tolas e pessoais. Pode contemplar uma questão inteiramente à parte de suas relações pessoais com a mesma. Seu juízo é inflexível, mas calmo. É dotado de sabedoria para discriminar entre as desordens sérias da sociedade e a petulância juvenil entre irmãos».

«Quando Paulo foi levado à presença de Gálio, a acusação foi de que ele desobedecia a uma lei romana. O judaísmo era uma religião permitida no império romano, mas nem toda a religião tinha tal permissão. Ora, Paulo pregava algo que não era o judaísmo. Por conseguinte, estaria ele violando a uma lei romana. Gálio, entretanto, percebeu, sem demora, a malícia que havia nessa acusação. Antes mesmo que o apóstolo Paulo tivesse oportunidade de defender-se, Gálio declarou algo mais ou menos como segue: 'A questão que me estais apresentando, não envolve qualquer ponto das leis romanas. Envolve tão somente vossas próprias desavenças. Por isso, não se trata de uma questão digna do meu tribunal, e me recuso a dizer qualquer coisa a respeito dela'. Em face da reação justa de Gálio, os gregos ficaram tão contentes, porque os judeus foram postos em seu devido lugar, por aquele juiz romano, que tomaram o principal da sinagoga e se puseram a espancá-lo. E onde estava Gálio, enquanto tudo isso sucedia? '...Gálio, todavia, não se incomodava com estas cousas'». (Moffatt).

**O nome completo de Gálio era Lucius Junius Annacus Gálio.** Fora adotado por Gálio, o retórico. Sua família era originária da Espanha. Quanto a referências a Gálio e também a Sêneca, seu irmão filósofo, ver Plínio, *História Natural* xxi,33; Tácito, *Anais* xv.73; *Dij Cassio*, lxi,35 e lxii.25.

Os desvarios do imperador Nero, levaram Sêneca, que fora seu tutor, a cometer suicídio forçado. Em face disso, Gálio, temendo pela sua própria vida, fez súplicas temerosas a Nero (ver Tácito, *Anais* xv.73). Mas isso de nada lhe adiantou, porquanto também foi executado por ordem de Nero, em 65 D.C. Jerônimo (segundo os escritos do historiador Eusébio) informa-nos de que Gálio também foi forçado a cometer suicídio, a exemplo de seu irmão Sêneca. Todavia, não podemos ter muita certeza sobre esse particular. É um daqueles acontecimentos estranhos da história o fato de que o apóstolo Paulo, por semelhante modo, caiu vítima da loucura bárbara de Nero.

A grande exatidão de Lucas como historiador: É muito significativo o fato de que somente Lucas, entre os escritores que mencionaram a pessoa de Gálio, chama-o de «procônsul». Mas esse fato histórico foi confirmado pela inscrição encontrada em uma pedra calcária cinzento-claro, proveniente das pedreiras de «*Hagios Elias*», perto de Delfos, que já foi citada por nós mais acima, nos comentários atinentes a este versículo.

A respeito disso, comenta Robertson (*in loc.*): «A província da Acaia, após diversas modificações (primeiramente fora senatorial, e depois se tornara imperial), sendo unida e desligada da Macedônia, foi devolvida ao senado por Cláudio, no ano de 34 D.C., em que o seu procônsul recebeu o título de governador. É deveras admirável que os escritos de Lucas sejam confirmados sempre que uma nova descoberta é feita».

Sendo Gálio apenas um recém-chegado, é provável que os judeus tivessem pensado que poderiam influenciá-lo a tratar de Paulo com violência; e passaram da idéia às ações. Foi assim que, pela segunda vez, Paulo enfrentou um procônsul romano. Sérgio Paulo (ver Atos 13:7) foi o primeiro deles.

## GALLUPPI, PASQUALE

Suas datas foram 1770-1846. Foi um filósofo italiano, nascido em Tropea. Estudou em Nápoles. Representava uma eclética combinação de filosofias francesas e de espiritualismo, combinando idéias de Cousin, Royer-Collard e Maind Brian (ver os artigos a respeito deles). É melhor lembrado por causa de suas idéias sobre a natureza da consciência. Ele asseverava que isso envolve a consciência simultânea do próprio «eu» e das coisas percebidas em derredor, em cuja situação o *solipcismo* (vide) seria sempre impossível. Ver o artigo separado sobre o *Espiritualismo*, o qual, na filosofia, deve ser distinguido do *espiritismo* (vide).

## GALO

Para nós, um galo é o macho da família dos galináceos. Mas muitas fontes informativas esclarecem que, para os hebreus, os galos eram os machos de várias espécies de aves domésticas. As traduções mostram-se um tanto confusas a esse respeito, parcialmente porque vários pássaros mencionados na Bíblia são de identificação duvidosa. Portanto, podem estar em foco cisnes, gansos e galinhas d'Angola. Em I Reis 4:23 lemos sobre «aves cevadas», que faziam parte do cardápio de Salomão. Há alguma probabilidade de que lhe eram servidas galinhas domésticas. Ver o artigo geral sobre as *Aves da Bíblia*. De fato, a única menção a aves domésticas aparece nessa referência. Não sabemos dizer quando o costume começou entre os hebreus. A *Mishna* informa-nos que os judeus não criavam galinhas em Jerusalém, por causa das coisas santas que havia na cidade, uma explicação que não entendemos quanto ao seu alcance. A galinha não era considerada uma ave imunda, e podia ser comida livremente. Mas, por causa de seu hábito de ciscar o chão e de agitar insetos imundos, não podia ser criada perto dos lares dos judeus. Todavia, quem quisesse poderia criar galinhas fora das cidades.

A domesticação de aves para consumo humano teve origem na Ásia, até onde é possível investigar a questão, embora não se saiba o local exato onde isso teve início. A galinha era conhecida na Índia, mas não no Egito. Os gregos obtinham pássaros domesticados da Pérsia. E é provável que os romanos tenham introduzido a prática na Palestina. Isso tem levado muitos intérpretes a pensarem que as aves cevadas de I Reis 4:23 não eram galinhas.

**É no Novo Testamento que temos menção clara ao galo.** Em todas as referências do Novo Testamento, essas aves aparecem em conexão com a negação de Cristo, por parte de Pedro (Mat. 26:34,74,75; Mar. 14:30,68), excetuando unicamente a menção ao canto do galo, com designação do amanhecer, em Marcos 13:35.

## GAMADITAS — GAMALIEL

Por ocasião da última ceia, Jesus predisse que Pedro haveria de negá-lo por três vezes, antes que o galo cantasse. Todas as quatro narrativas sobre a questão afirmam que o galo cantou imediatamente após a negação de Pedro. Mas Marcos 14:30,72 fala em um segundo cantar do galo. Detalhes e fantasias têm sido acrescentadas à narrativa bíblica, como aquela que diz que aquele galo específico fora preparado para a tarefa. Provavelmente, tudo quanto Jesus quis dizer era que Pedro haveria de negá-lo ainda bem no começo do dia. Não é provável que Jesus estivesse pensando no próprio canto do galo. Seja como for, a questão não se reveste de maior importância. Há uma igreja, em Jerusalém, que comemora o evento, chamada de Igreja de São Pedro em Galicanto. Ver sobre o *Cantar do Galo*.

### GAMADITAS

A palavra ocorre exclusivamente em Eze. 27:11. O original hebraico parece ter o sentido de «homens valorosos». Todavia, a Septuaginta tem, no grego, *phulakés*, que significa «guardas», «sentinelas». O vocábulo é usado para aludir a certos indivíduos que ocuparam as torres de Tiro. Algumas traduções, entretanto, interpretam a palavra como se fosse um nome próprio, e não uma função, dizendo algo como «homens de Gamade». Alguns eruditos têm pensado em interpretações como «pigmeus», «guerreiros», «capadócijs», etc.

### GAMALIEL

No hebraico, «galardão de Deus». Esse nome refere-se a dois indivíduos mencionados na Bíblia, um no Antigo e outro no Novo Testamento, a saber:

1. Um chefe da tribo de Manassés, que recebeu a tarefa de ajudar no recenseamento de Israel, no deserto do Sinai. Ver Núm. 1:10; 2:20; 7:54,59 e 10:23. Viveu em cerca de 1490 A.C.

2. O Gamaliel do Novo Testamento foi um famoso rabino e sábio judeu, referido somente em Atos 5:34 e 22:3.

Atos 5:34: *Mas, levantando-se no sinédrio certo fariseu chamado Gamaliel, doutor da lei, acatado por todo o povo, mandou que por um pouco sássem aqueles homens;*

As únicas referências neotestamentárias a esse homem, *Gamaliel*, são aqui e em Atos 22:3. Era filho de Simeão e neto do famoso rabino Hilel. Era doutor da lei e membro do sinédrio, sendo um dos principais elementos da seita dos fariseus. Tornou-se o líder da escola liberal dos fariseus, em oposição ao ramo mais conservador dos seguidores de Shamaí, outro rabino famoso naquela época. Paulo menciona Gamaliel como um de seus mestres (ver Atos 22:3). Sua dignidade era enaltecida pelo fato de ser chamado *Rabban* (nosso mestre), e não meramente «rabino-meu mestre», que era o título mais usual. A Mishnah (Sota ix.15) diz acerca de Gamaliel: «Desde que o rabban Gamaliel, o Velho, morreu, não houve mais reverência pela lei, a pureza e a abstinência morreram ao mesmo tempo». Basta isso para servir de poderosa condenação contra a moral daqueles tempos. Várias tradições têm feito dele um cristão, como no *Reconhecimentos Clementinos* 1.65, porém, para sermos exatos, não há qualquer evidência sólida em apoio a isso. Gamaliel é nome que aparece nas listas tradicionais daqueles que ocuparam o cargo de presidente do concílio, ou seja, do sinédrio.

*Ele Cumpriu a sua Missão*

1. Deus pode usar até mesmo os ímpios para cumprir seus propósitos, redundando isso em glória positiva para si mesmo.

2. Gamaliel foi usado neste caso. Era homem de caráter, mas a história não demonstra que ele tenha jamais vindo a Cristo durante sua vida terrena. Talvez ele tenha podido fazê-lo além-túmulo (conforme o trecho de I Ped. 4:6 indica que pode ser).

3. Cada indivíduo tem um caráter sem-par que deve exibir-se em sua vida e missão, e não somente dentro do tempo, mas também por toda a eternidade.

4. Como muitos outros, Gamaliel foi influenciado, mas não convertido. Muitos, dentro das próprias fileiras da igreja, se acham em idêntica situação. Muitos existem que possuem iluminação, mas que ainda não experimentaram a regeneração.

É nota interessante de rodapé no tocante a Gamaliel, que o seu pai Simeão, foi o mesmo que tomou o Salvador ainda infante em seus braços, conforme está registrado em Luc. 2:25 e é nota triste o fato de que seu pai reconheceu ao Messias ainda infante, reconhecimento esse não compartilhado pelo filho, Gamaliel, quando Jesus cresceu e tornou-se adulto. Gamaliel não foi testemunha da destruição de Jerusalém, porquanto faleceu *dezoito* anos antes dessa triste ocorrência. Talvez o Senhor o tenha poupado, devido ao serviço por ele prestado à igreja, embora nunca tivesse feito parte integrante do movimento cristão; ou, pelo menos, não possuísimos qualquer prova positiva de que ele se tenha tornado cristão. O filho de Gamaliel, de nome Simeão, pereceu nas ruínas da cidade, tendo sido também um rabino proeminente e membro do sinédrio. Foi dito acerca de Gamaliel que ele «ordenou, antes de sua morte, que o levassem ao sepulcro vestido de linho; pois, antes desse tempo, costumavam levar os mortos vestidos em seda; e isso foi mais lamentável para a sua parentela do que a sua morte propriamente dita», (*Ganz Tzemach David*, parte 1, fol. 25:2).

Gamaliel foi um grande homem em sua geração, tendo sido o primeiro dentre sete rabinos a ser chamado pelo título superior de *Rabban*. À semelhança de outros rabinos, ele tinha um lema famoso que sobreviveu à sua morte: «Procura para ti um mestre, evita estar na dúvida; e não te acostumes a dar os dízimos por adivinhação». (Edersheim, *History of the Jewish Nation*, pág. 128). É motivo de pesar que Gamaliel não tenha seguido o seu próprio conselho, procurando um mestre que pudesse conduzi-lo aos pés de Cristo, porque o Senhor Jesus ter-lhe-ia dado um título melhor que o de *Rabban*. Robertson (*in loc.*) pensa que Gamaliel defendeu aqui a causa dos apóstolos como mera medida para ganhar um ponto sobre os saduceus, porque seria apenas um oportunista político. Porém, com base no texto sagrado, parece que devemos dar-lhe mais crédito do que isso, porquanto ele parece ter sido honesto e sincero no que fez.

**Retirar os homens, por um pouco, são palavras que podem significar por pouco tempo ou para uma pequena distância; e talvez ambas as coisas expressem a verdade.** Gamaliel removeu a presença física dos apóstolos, pois, se tivessem permanecido, suas palavras mui provavelmente teriam exercido pouquíssimo efeito sobre aqueles homens desviados de ira. Teriam passado o tempo franzindo sobrolhos para os apóstolos, em vez de ouvirem palavras de razão e de moderação.

As tradições cristãs contêm dados curiosos. Assim, nos *Reconhecimentos Clementinos* somos informados de que Gamaliel tornou-se cristão já no fim de sua

## GAMO — GANDHI, MOHANDAS

vida (cerca de 70 D.C.), embora não haja qualquer evidência que corrobore tal tradição. Seja como for, é evidente que ele foi um promotor indireto e involuntário do cristianismo. Ele fez ouvir a voz da moderação e da tolerância, em referência aos primeiros cristãos, em meio a clamores que exigiam o derramamento de sangue. Vozes assim são ouvidas apenas com raridade; mas abençoado é o homem que age dessa maneira.

### GAMO

No hebraico, *zemer*, um animal de duvidosa identificação. A palavra aparece exclusivamente em Deu. 14:5. As identificações vão desde a girafa, ao gamo e à cabra montês. Nossa versão portuguesa prefere pensar no «gamo». A «camurça», que é outra possibilidade, é um pequeno antílope que vive nas montanhas da Europa, não podendo ser o animal em questão. Muitos estudiosos preferem pensar na «cabra montês». Na área do Sinai, provavelmente era um animal abundante nos dias bíblicos, e até hoje existe essa espécie naquela região.

### GAMUL

No hebraico, «recompensado», ou, talvez, «desmamado». Esse foi o nome do chefe do vigésimo segundo turno de sacerdotes que serviam, alternativamente, no templo de Jerusalém. Na época de Davi, os sacerdotes recebiam suas incumbências mediante o lançamento de sortes (I Crô. 24:17).

### GANÂNCIA

1. **Definição.** A ganância é um desejo ansioso e egoísta, quando o egoísmo busca satisfação própria. É a paixão pelas riquezas (a avareza), é a cobiça. A ganância expressa-se de muitas formas diferentes. O ganancioso busca, acima de tudo, satisfazer às necessidades do organismo, nos campos do sexo, do vestuário e do luxo, incluindo tudo quanto está dedicado aos cuidados e à decoração do corpo físico. Também envolve o desejo por alimentos, em excesso e em grande variedade. Quando um desejo é bom, por mais intenso que seja, — não é denominado *ganância*.

2. **No Tocado à Bíblia.** Desejos excessivos e mal-orientados são proibidos pelo décimo mandamento (ver Exo. 20:17 e Deu. 5:21). Jesus advertiu acerca da escravidão da ganância (Luc. 12:15; Mat. 6:19-24). Essa é uma das obras da carne, sendo um dos principais vícios humanos (Rom. 1:29). A lista de vícios preparada por Paulo, contudo, dá maior proeminência aos pecados sexuais. A ganância é uma forma de idolatria (ver Col. 3:5). A ganância perturba a vida social e não somente a vida do indivíduo (Pro. 28:25). O ganancioso dá demasiado valor às riquezas temporais, o que pode desviá-lo inteiramente das realidades espirituais (Sal. 10:3; Mat. 6:24). A ganância é uma das grandes características dos ímpios e apóstatas (Rom. 1:29). Os ociosos também se tornam gananciosos (Pro. 21:26). É uma desgraça para o crente (I Tim. 3:3; Efê. 5:3). Esse pecado origina-se no coração do indivíduo (Mar. 7:22,23). O seu resultado é a injustiça e a opressão (Pro. 28:20; Miq. 2:2). A ganância é um dos principais vícios, ameaçando a salvação da alma (I Cor. 6:10 e Efê. 5:5).

3. **Uma Atitude Espiritual Apropriada.** Desejar coisas é um sentimento legítimo, contanto que seja orientado para os valores espirituais. Lemos em

Colossenses 3:2: «Pensai nas cousas lá do alto, não nas que são aqui da terra». E declarou Agostinho: «Que essas coisas não ocupem a minha alma; que Deus a ocupe» (*Confissões* 10:51). Ver o artigo mais detalhado, sobre a *Cobiça*.

### GANDHARVA

Uma divindade obscura nos Vedas, usualmente apresentado como o medidor do espaço e apresentada ao sol. Porém, no Zend Avesta, esse nome designa um monstro tipo dragão. Alguns estudiosos pensam que a referência primária é a certos espíritos que, posteriormente, serviriam como músicos divinos, que serviam a Indra, no céu. A palavra que no sânscrito significa «música», *Gandharva*, aparentemente, aponta para o uso religioso do termo. Seja como for, esses espíritos musicais seriam possuidores de certos poderes, mormente sobre as mulheres. Eram respeitados e amados pelas apsaases, as ninfas celestiais do céu de Indra.

### GANDHI, MOHANDAS KARAMCHAND

Líder político e religioso indiano. Nasceu a 2 de outubro de 1869, em Porbandar. Educou-se em Londres, na Inglaterra. Recebeu a alcunha de *Mahatma*, que significa «grande alma». Ainda jovem, estudou advocacia e foi atuar na África do Sul. Porém, não se sentiu realizado com essa atividade e renunciou às vantagens materiais a fim de liderar os indianos sul-africanos em sua luta por justiça e igualdade. Foi então que ele desenvolveu a doutrina que o seu nome imortalizou: a não-violência e o uso da força da verdade, a fim de produzir mudanças políticas e econômicas. Em 1914, Gandhi retornou à Inglaterra, tendo-se mostrado leal ao governo britânico durante a Primeira Grande Guerra, na esperança de que fosse outorgado o direito da Índia autogovernar-se, uma vez terminada a guerra, dentro da comunidade de nações do império britânico. A 6 de abril de 1919 ocorreu a rebelião de Amritsar, que chocou profundamente a Gandhi. Ele então proclamou um dia de Humilhação Nacional, exortando o povo a pôr em prática os princípios da resistência passiva, da não-violência em parceria com o boicote econômico e político, bem como o desenvolvimento das indústrias nacionais da Índia. Em 1921 tornou-se o líder do Congresso Nacional da Índia. A completa independência nacional da Índia tornou-se o grande alvo que se buscava. Embora hindu, Gandhi acrescentou elementos cristãos à sua plataforma política, usando o Novo Testamento como orientação espiritual e em apoio à sua filosofia de não-violência, de acordo com o Sermão do Monte de Jesus. Juntamente com o Novo Testamento, a Bhagavad Gita (vide) era sua principal orientação espiritual. Entre seus ideais havia aquele de eliminar o sistema de castas, tão prevalecente na Índia, além daquele outro, de unir politicamente os hindus e os islamitas. Porém, os islamitas se recusaram a cooperar nesse projeto, e assim o *Paquistão* veio à existência, como um estado islâmico separado da Índia. Na tentativa de enfatizar a seriedade dos seus esforços, por diversas vezes Gandhi apelou para a greve de fome, em protesto contra a política inglesa, ou como um meio de unir o seu povo em um esforço coletivo.

Em 1947, seu sonho maior tornou-se uma realidade. À Índia foi concedida total independência. Mas, realizada essa obra, foi assassinado por um fanático hindu, poucos meses mais tarde. Seu assassino era membro da Mahasabha, uma facção

## GANESHA — GARRIGOU-LAGRANGE

nacional hindu extremista, que se opunha à separação do Paquistão. Todavia, isso em nada maculou o serviço humanitário e religioso da Grande Alma, o Mahatma Gandhi. Ele nos legou um exemplo imortal de liderança moral e espiritual, que tem inspirado a muitos nesta nossa época perturbada.

### GANESHA

Esse era o nome do filho de Siva, dotado de cabeça de elefante, uma divindade muito popular no hinduísmo sivita. Ele é considerado o deus da sorte, da prosperidade e da sabedoria. Além disso, as preces a ele dirigida, segundo os hindus, removem os obstáculos difíceis que o indivíduo pode encontrar ao longo da vida. Ele é representado como alguém gordíssimo, a montar sobre as costas de uma ratazana.

### GANGRENA

Ver sobre as **Enfermidades da Bíblia**.

### GANO, JOHN

Suas datas foram 1727-1804. Foi um clérigo batista que serviu como capelão do Exército Norte-americano Continental, quando as treze colônias originais estavam lutando contra a Inglaterra, em busca de sua independência. Uma vez cessadas as hostilidades, em uma celebração que houve em Washington, ele ofereceu uma oração especial. No entanto, contrariando uma estória que corria entre os batistas, ele não imergiu George Washington em Valley Forge.

### GANSFORT, JOHN WESEL

Foi chamado de **Doctor Contradictionum**, por causa de seus pontos de vista contrários às doutrinas comuns da igreja cristã. Nasceu em 1420 e faleceu em 1489. Foi educado pelos Irmãos da Vida Comum (vide), e sempre mostrou ser um amigo leal dos membros desse movimento. Os protestantes gostam de apontar para seu nome como um dos precursores de Martinho Lutero (vide) e, por conseguinte, da Reforma Protestante (vide). Porém, a similaridade era somente quanto a certos pontos de vista, embora não quanto às atitudes, porquanto Gansfort salientava a fé em meio ao amor cristão e, à semelhança de Erasmo, ele mostrava-se irônico.

### GARÇA

No hebraico, **anaphah**, uma espécie de ave que aparece somente por duas vezes, em Lev. 11:19 e Deu. 14:18. Como no caso de todos os animais e pássaros mencionados na Bíblia, não há certeza, entre os tradutores, quanto à ave em foco, neste caso. Essa palavra hebraica tem sido variegadamente traduzida por água, pagagaio, andorinha, etc. Mas a ave mais provavelmente em vista é a garça. A referência em Lev. 11:19 alista essa ave como imunda como alimento para os israelitas. Ver o artigo separado sobre *Limpo e Imundo*, que oferece os conceitos gerais sobre a questão, incluindo alimentos proibidos. Esse pássaro pertence à família das *Charadriidae*. Tem asas longas e pontudas e cauda curta. Encontra-se largamente disseminada pela Europa, pela Ásia e pelo norte da África. Alimenta-se de lesmas, vermes, rãs e outros pequenos animais. É uma ave voraz e irritadiça, que busca viver em alagadiços, onde encontra alimento abundante. É provável que seus hábitos alimentares tenham-na feito

ser incluída entre os alimentos proibidos na legislação levítica. A expressão bíblica «a garça segundo a sua espécie», que aparece naqueles dois trechos bíblicos, provavelmente, indica que havia várias espécies pertencentes ao gênero.

### GAREBE

No hebraico, «coceira», «escama». No Antigo Testamento, nome de um acidente geográfico e de uma pessoa, a saber:

1. Nome de um outeiro que ficava próximo da cidade de Jerusalém, aludido somente em Jer. 31:39. Servia de marco para os limites futuros da cidade. Alguns estudiosos têm-no identificado com o Gólgota, ou então com Bezeta. A verdade, porém, é que o local é desconhecido, e os eruditos não concordam nem mesmo com o ponto cardeal, em relação a Jerusalém, onde o mesmo estaria localizado.

2. Nome de um descendente de Jetro ou Jeter, um itrita, um dos trinta heróis guerreiros de Davi, (II Sam. 23:38; I Crô. 11:40). Os itritas eram uma família de Quiriate-Jearim (vide). No entanto, outros intérpretes opinam que Garebe deve ter sido um nativo da aldeia de Jatir (vide), porquanto entendem que a palavra original envolvida seria similar (apenas com uma mudança de pontos vocálicos) àquela que aparece no texto padrão. Seja como for, os itritas eram descendentes de Jetro ou Jeter, o que lhes explica o nome.

### GARFO

No hebraico, **mazleg** (no plural, **mizlagoth**). Essa palavra figura por duas vezes com a primeira forma: I Sam. 2:13,14. E, como forma feminina plural, figura por cinco vezes: Exo. 27:3; 38:3; Núm. 4:14; I Crô. 28:17 e II Crô. 4:16.

O garfo era um instrumento usado no tabernáculo a fim de remover alguma porção de carne que fervia no caldeirão (I Sam. 2:13,14). A julgar pela diferença de nomes empregados, parece que havia mais de um tipo de garfo usado com esse propósito. Mas, visto que contamos somente com os nomes desses instrumentos, no hebraico, é impossível oferecermos qualquer descrição mais detalhada sobre os mesmos, a não ser que aquele tipo mencionado em I Samuel tivesse três dentes. Ver também sobre *Forquilha*.

### GARFO DE HUME

Ver sobre **Hume, Garfo de**.

### GARMITA

No hebraico, talvez, «ossudo». Essa palavra é usada como um apelativo de Abiqueila, descendente de Judá, através de Calebe, filho de Jefuné. Seu nome ocorre somente em I Crô. 4:19. Ele deve ter vivido em torno de 1400 A.C. O significado desse apelido não tem explicação, e permanece obscuro. Não passam de conjecturas as idéias de que ele seria um homem de ossatura forte, ou então que era homem muito vigoroso.

### GARRIGOU-LAGRANGE, R.M.

Filósofo e teólogo francês, nascido em 1877 e falecido em 1964. Era frade dominicano que participou do reavivamento do interesse pela filosofia de Tomás de Aquino e que foi um dos instrumentos para o reestudo sério das idéias dessa antiga figura,



## GAS – GATE-HEFER

no século XX. Portanto, pode ser classificado como neotomista ou como neo-escolástico. Ver sobre o *Escolasticismo*.

*Escritos. God, His Existence and His Nature; The Thomastic Synthesis*; seis volumes de *Comentários* sobre a *Summa Theologica*, de Tomás de Aquino.

### GAS

Esse nome próprio aparece em I Esdras 5:34. Era um homem que servia no templo de Jerusalém. Era um dos filhos dos servos de Salomão. Seu nome, entretanto, é omitido na lista paralela de Esd. 2:57.

### GASSENDI

Filósofo e matemático francês. Nasceu em 1592 e faleceu em 1655. Foi professor de teologia e de filosofia em Aix La Chapelle e, posteriormente, foi professor de matemática no Collège Royal de Paris. Foi um importante oponente de Descartes (vide), tendo promovido o interesse de muitos pelas filosofias materialistas de Epicuro e Lucrécio (vide). Seus escritos incluíram as obras *De Vita et Moribus Epicuri*; *Philosophiae Epicuri Syntagma* e *Syntagma Philosophicum*.

### GATAS

Essa é a porção mais antiga do *Zend Avesta* (vide), que consiste em dezessete hinos, arranjados em cinco seções, seguindo uma certa métrica específica. Esses hinos preservam a forma mais autêntica dos ensinamentos de Zoroastro (vide).

### GATE

A palavra hebraica significa «lagar». Esse era o nome de uma das cinco cidades dos filisteus, dirigida por um de seus muitos príncipes ou senhores, desde a época de Josué até uma data comparativamente tardia. O nome dessa cidade é mencionado por trinta e três vezes no Antigo Testamento: Jos. 11:22; I Sam. 5:8; 6:17; 7:14; 17:4,23,52; 21:10,12; 27:2-4,11; II Sam. 1:20; 15:18; 21:20,22; I Reis 2:39-41; II Reis 12:17; I Crô. 7:21; 8:13; 18:1; 20:6,8; II Crô. 11:8; 26:6; Sal. 56 (título) e Miq. 1:20.

Em Gate, quando Josué efetuou sua conquista, ainda havia ali anaquins, uma raça de gigantes; aparentemente essa raça conseguiu perpetuar-se até algum tempo mais tarde. Golias, o famoso gigante morto por Davi, era natural de Gate. Ver Jos. 11:22 quanto aos *filhos de Anaque* ou *anaquins*.

Os habitantes de Gate eram os «geteus» (II Sam. 6:10,11 e 15:18). No texto hebraico, em Josué 13:3, isso aparece sob a forma de *gitti* ou *gittim*. As outras cidades filistéias importantes eram Gaza, Asdode, Asquelom e Ecom. Todas essas cidades estavam localizadas (incluindo Gate) na fronteira sul da Palestina, e cada uma contava com seu próprio príncipe ou rei (Jos. 13:3; I Sam. 6:17). O constante estado de guerra que havia na antiguidade fazia com que todas as cidades antigas fossem muradas, e Gate não era exceção à regra (II Crô. 26:6). Ver também o artigo sobre *Forte, Fortificação*.

**Dados Históricos.** Homens de Gate mataram alguns israelitas por tentarem furtar o seu gado (I Crô. 7:21 e 8:13). Os filisteus capturaram a arca da aliança, levando-a para Asdode e, então, para Gate (quando houve uma série de infortúnios) e daí para Ecom. Os infortúnios prosseguiram, pelo que eles enviaram a arca da aliança de volta aos israelitas (I

Sam. 5:6-10; 6:17). Os filisteus foram um vexame constante para Israel, nos dias de Samuel (I Sam. 9:16; 10:6; 13:3,5,19; 14:21; 17:1; 23:27). Davi matou o gigante Golias, que era natural de Gate (I Sam. 17:4,23; II Sam. 21:20). Isso conferiu algum descanso a Israel. Anaquins residentes em Gate foram mortos por Davi. Eles tinham seis dedos em cada mão e seis artelhos em cada pé. Apesar de antigas desavenças, quando fugia de Saul, Davi refugiou-se em Gate (I Sam. 21:10-15; Sal. 56:1). Na sua segunda visita ali, ele levou consigo as várias esposas e seicentos homens; e Aquis, o rei, não somente recebeu-o bem, como também lhe deu a cidade de Ziclague para servir de residência (I Sam. 27:1-28). Davi devolveu o favor (I Sam. 28:1,2). As cidades filistéias de Gate e Asquelom são mencionadas no lamento de Davi por causa da morte de Saul e Jônatas (II Sam. 1:20). Davi acabou conquistando Gate e as aldeias ao redor (I Crô. 18:1). Aquis, mesmo assim, continuou sendo chamado rei de Gate (I Reis 2:39-41), mas, evidentemente, tornara-se subserviente a Davi. Reoboão fortificou a cidade de Gate (II Crô. 11:8). Hazael, de Damasco, capturou-a nos fins do século IX A.C. (II Reis 12:17). Uzias derrubou as suas muralhas, quando andou guerreando na Filistia (II Crô. 26:6). Mas Amós, em data posterior, descreveu a cidade como pertencente aos filisteus (Amós 6:2), o que nos permite comprovar que a mesma vivia mudando de mãos; ou então, que na época daquele profeta, a cidade estava em estado de vassalagem ao território de Judá. Sargão, da Assíria, capturou a cidade com a área em derredor, nos fins do século VIII A.C., ou seja, em 715 A.C. Gate, juntamente com Asdode, Judá, Edom e Moabe, haviam formado uma frente unida contra a Assíria, mas sem proveito. A partir desse tempo, Gate saiu inteiramente das páginas da história, de tal modo que, atualmente, sua localização é incerta. Ela tem sido identificada com Tell es-Safi, a pouco mais de dezenove quilômetros ao norte de Asdode, e com Tell Shekh Ahmed el-'Areini, perto de 'Aráz el-Menshiyeh, cerca de vinte e quatro quilômetros a leste de Asquelom, e cerca de onze quilômetros ao sul de Tell es-Safi. Aparentemente, o nome era comum, visto que quatro ou cinco cidades foram assim denominadas, nos tabletes de Tell el-Amarna. Isso talvez deva-se ao fato de que o nome significa «lagar», e muitas localidades podem ter sido assim designadas.

### GATE-HEFER

No hebraico, «lagar de escravação». Esse era o nome de uma cidade situada na fronteira entre Zebulom e Naftali (Jos. 19:3). Foi o lugar onde nasceu o profeta Jonas (ver II Reis 14:25), o qual tem sido identificado com a moderna el-Meshed, que fica cerca de cinco quilômetros a nordeste de Nazaré. Essa tradição favorece a conexão dessa localidade com o profeta Jonas. Jerônimo, no século IV D.C., testificou que o túmulo de Jonas ainda era conhecido em seus dias, cerca de três quilômetros de Seforis, que seria em Gate-Hefer, embora nos seja impossível averiguar quão exata é uma tradição como essa. Pelo menos, as evidências arqueológicas mostram que o lugar vinha sendo habitado pelo menos desde o tempo de Jonas. Um outro túmulo, identificado como o lugar do sepultamento de Jonas, encontra-se em Ninive, antiga capital da Assíria. Onde Jonas teria sido, realmente, sepultado? A questão, contudo, é secundária, e não nos deve preocupar muito.

••• ••• •••

**GATE-RIMOM**

No hebraico, «lagar de Rimom», isto é, «lagar da romã». Esse foi o nome de dois lugares diferentes, referidos no Antigo Testamento, a saber:

1. Uma cidade do território de Dã, entregue aos levitas. Ficava na planície da Filistia, perto de Joze. É mencionada somente em Jos. 19:45; 21:24.

2. Uma cidade levítica que ficava no território da meia-tribo de Manassés, na porção oeste do rio Jordão. Foi entregue às famílias dos filhos de Coate. Essa cidade é mencionada duas vezes, em Jos. 21:25 e em I Crô. 6:69. Muitos eruditos pensam que tanto em Jos. 21:24 quanto em Jos. 21:25 há menção a uma única cidade. Nesse caso, esta cidade seria a Bileã referida em I Crô. 6:70. O manuscrito B, da Septuaginta, diz *Ibatha* (Bileã), no vs. 25, omitindo a segunda menção a Gate-Rimom, conforme se vê, por exemplo, em nossa versão portuguesa. Bileã ficava situada cerca de vinte e quatro quilômetros a sueste de Megido. No entanto, devemos notar que a primeira Gate-Rimom (vs. 24), aparece como pertencente à tribo de Dã, ao passo que a segunda Gate-Rimom (vs. 25), aparece como pertencente à meia-tribo de Manassés. Parece-nos que basta isso para mostrar que eram duas cidades diferentes, e não uma só.

**GATO**

Supõe-se que o gato era um útil animal doméstico em Israel, embora não haja qualquer referência ao mesmo, nem no Antigo e nem no Novo Testamento. No Egito, como se sabe, algumas vezes o animal era adorado como uma divindade. É possível que, por essa razão, os gatos não eram comumente criados entre os israelitas, embora o touro também fosse um comum objeto de adoração dos egípcios. A verdade é que as pessoas podem passar bem sem os gatos, embora não tão bem sem o gado vacum. No livro de Baraque, o animal é mencionado como habitante comum dos templos pagãos. O emprego de gatos, nos templos antigos, sem dúvida estava associado ao fato de que eles caçam e matam os ratos, os quais seriam abundantes em lugares onde se abatiam animais para serem sacrificados.

O gato era considerado um animal imundo, a julgar pela classificação levítica. Portanto, se os israelitas criavam gatos, certamente não seriam animais domésticos de estimação. Talvez fosse apenas um animal usado como caçador de ratos. No entanto, os povos vizinhos a Israel usavam gatos como animais de estimação. A arqueologia tem encontrado muitas representações e figuras de gatos, no Egito. Parece que ali os gatos pareciam-se mais com as espécies selvagens da Europa. Uma estatueta de marfim, representando um gato, foi encontrada em Laquis, pertencente acerca de 1700 A.C. Isso talvez sugira que o gato era um animal comum ali, embora também possa indicar que a estatueta fora importada do Egito. Têm sido encontrados muitos gatos mumificados no Egito, o que testifica sobre a posição divina que esses animais ali desfrutavam. A deusa-gata, Baste era a protetora da metade oriental do delta do rio Nilo. O centro de seu culto ficava em Bubastis, um lugar mencionado no trecho de Ezequiel 30:17, e onde essa cidade é chamada Pi-Besete. (S Z)

**GAUDAPARA**

Filósofo indiano que viveu no século VI ou no século VIII D.C. Foi o primeiro filósofo indiano a expor sistematicamente a Advaita Vedanta (vide), onde há uma interpretação não dualista da filosofia

Vedanta (vide). Ele propôs que tanto o budismo quanto a Vedanta estão arraigados na literatura upanishádica; e essa literatura serviu de base para o seu pensamento.

**Idéias:**

1. Ele refutava todas as teorias sobre a doutrina da criação e asseverava que o mundo é uma expansão de Deus. Suas descrições, quanto a isso, são interessantes. Essa expansão Deus teria feito por esporte, porque queria se divertir, dando vazão à sua vontade, aos seus sonhos, às suas atividades ilusórias. Ele pensava que seria impossível qualquer coisa ter-se originado no Absoluto.

2. Nossa experiência com o mundo é ilusória, e a ilusão é nossa, e não de Deus. É como se estivéssemos confundindo uma corda com uma serpente. Na realidade, não haveria qualquer ilusão. As coisas são nossas imaginações organizadas. O mundo real seria essencialmente indescrevível e inconcebível, por ser uma parte das asserções de Deus, de seus sonhos.

3. Deus (Brahman) pode ser concebido pelo puro conhecimento ou pela meditação não contaminada. Nesse estado, todas as categorias se unem em uma Unidade, transcendendo qualquer forma de dualidade ou pluralidade. Então cessa de existir qualquer interação entre sujeito e objeto, porquanto tudo fica unido à consciência pura.

As idéias de Gaudapara ficaram preservadas na obra intitulada *Mandukya Verses*.

**GAULANTITES**

Esse era o nome de um distrito a leste do mar da Galiléia. Para o sul ampliava-se até Hipos, e para o norte até Selúcida. O nome desse distrito deriva-se da cidade de Golã (vide). As evidências arqueológicas têm localizado a cidade de Golã cerca de vinte e sete quilômetros a leste do mar da Galiléia, perto da moderna cidade árabe de Sheikh Sa'd. Nos tempos do Novo Testamento, essa província foi governada por Herodes Antipas. Golã era uma das cidades de refúgio e pertencia ao território de Manassés (Jos. 20:8; 21:27; Deu. 4:43).

**GAUNILO**

Ele foi um erudito beneditino do século XI D.C. Tornou-se conhecido por causa de suas objeções ao Argumento Ontológico (vide). Anselmo pensava que é o insensato que diz que Deus não existe, conforme diz Salmos 14:1. Mas Gaunilo impôs-se a tarefa de defender o insensato. Ele escreveu um livro, cujo título em latim era *Liber pro insipiente*, ou seja, «Livro em Favor do Insensato». Esse livro contém uma crítica contra o argumento ontológico, que não tem sido melhorada em grande coisa através dos anos. O ataque principal desse argumento de Gaunilo é que podemos criar todas as coisas que existem somente em nossa imaginação, mas não podemos criar existências reais através dessa imaginação. Logo, não podemos derivar um argumento em prol da existência do Ser divino somente com base nos conceitos que formamos dele. Podemos imaginar ilhas de grande beleza, lugares paradisíacos e utópicos, mas nossos meros pensamentos não trarão essas coisas à existência. Em outras palavras, não podemos predicar a existência. Não podemos fazer as coisas virem à existência tornando-as predicados em nossa linguagem, ou afirmando-as mediante declarações lingüísticas. Tomás de Aquino aceitava alguns dos raciocínios de Gaunilo contra Anselmo e, por isso mesmo, fez as suas provas da existência de Deus basearem-se sobre

## GAUTAMA BUDDHA — GAZA

os princípios de causa, de ser necessário, etc. Ver sobre o *Cinco Caminhos*. No entanto, o argumento ontológico de Anselmo conseguiu reter algo de seu encanto, e os filósofos ainda procuram aplicá-lo. Meu artigo a respeito frisa que o pensamento básico de Anselmo não é a predicação na linguagem, mas a intuição que o homem tem, com base nas experiências místicas. Isso posto, predicamos a existência de Deus porque nós O experimentamos em nossa consciência, a qual, por sua vez, expressa-se através da linguagem. Para que alguém consiga, realmente derrotar o argumento ontológico, primeiro terá de mostrar que as experiências místicas são inválidas.

### GAUTAMA BUDDHA

Ver sobre *Buda*.

### GAUTAMA NYAYA

Ver sobre *Nyaya*.

### GAUTHIER, F.P.

Ver sobre *Maine de Biran*.

### GAVIÃO

No hebraico, *nets*, uma palavra que aparece por três vezes com esse sentido: Lev. 11:16; Deu. 14:15 e Jó 39:26. Nossa versão portuguesa diz «falcão», na última dessas referências. No mundo existem cerca de dezoito espécies de gavião, variando em tamanho desde uma ave bem pequena até pássaros volumosos. O termo é usado para incluir desde o gavião pardal até o abutre. Mas a maioria das traduções e versões elimina o milhafre, que é um falconídeo. Cabe aqui, novamente, um reparo feito em outros verbetes. As palavras hebraicas referentes às espécies animais por muitas vezes confundem os estudiosos, pois os hebreus não classificavam cientificamente a fauna e a flora, dando nomes às espécies muito mais pela aparência das mesmas.

Até hoje a região da Palestina é rica em aves de rapina. As disposições levíticas proibiam a ingestão de suas carnes (Lev. 11:13). Ver o artigo separado sobre *Limpo e Imundo*, que inclui comentários sobre os animais assim classificados, juntamente com as leis que governavam essas questões, em Israel.

*Usos Metafóricos*. O gavião é um símbolo de crueldade sem misericórdia. A maioria das espécies compõe-se de caçadores implacáveis. Além disso, fala-se em *olhos de gavião*, indicando aqueles que observam atentamente aos outros, a fim de tentarem descobrir algo que possam criticar nas pessoas. Ou então, a visão fantasticamente aguçada do gavião pode ser empregada como figura para a percepção aguda, física ou mental.

### GAY, JOHN

Suas datas foram 1699—1745. Ele foi um filósofo inglês, educado em Cambridge e um dos mais importantes precursores do *utilitarismo*. Temos provido uma detalhada exposição de seu sistema no artigo sobre a *Ética*, como também sob o título *Utilitarismo*. Ver também sobre *Jeremias Bentham*.

Gay acreditava que a felicidade humana é o grande alvo da ética, uma felicidade derivada da vontade de Deus. Seu tipo teísta de utilitarismo foi, posteriormente, secularizado. Buscando um conceito unificador da virtude, ele queria encontrar algo condizente com a natureza e a razão, que se adaptasse bem às

coisas. Em outras palavras, algum tipo de bem comum e universal, que promovesse o bem-estar de todos os homens. Assim, ele criou uma *regra de vida*, que, segundo ele imaginava, cumpria suas aspirações e a *felicidade*, de uma vez por todas. Essa era a substância daquela regra. Visto que somente Deus faz os homens sentirem-se felizes ou infelizes, ele baseava a felicidade sobre a vontade de Deus, supondo que a felicidade é o que realmente Deus quer para toda a sua criação. Supomos que Deus é supremamente feliz; e assim, quando buscamos a Deus, necessariamente compartilhamos dessa sua condição. Ele cria que o homem deve adquirir ativamente o conhecimento dessa grande virtude moral, procurando então propagá-la, visto que a mesma não é uma idéia inata ao homem. Ele dava grande valor ao princípio da busca pelo prazer e do evitar a dor (hedonismo), como a maneira prática de alguém adquirir a felicidade. A felicidade de cada indivíduo dependeria, além disso, da felicidade de todos os homens, pois o homem seria um animal comunal. Assim, devo estimar aqueles que buscam a minha felicidade, e eles haverão de me estimar, se eu buscar a felicidade deles.

### GAZA

*Esboço:*

I. Caracterização Geral

II. Localização e Características Geográficas

III. Dados Históricos

I. Caracterização Geral

Gaza era uma das principais cidades dos filisteus, na parte sudoeste da Palestina. Era aquela que se achava mais ao sul, a pequena distância das margens do mar Mediterrâneo, no caminho que levava da Palestina ao Egito. Ficava situada à margem da estrada de Acabá a Hebrum, que atravessa quase todo o comprimento do grande wady el-Arabá. Trata-se de um local habitado pelos homens desde a mais remota antiguidade, mencionada em Gên. 10:19. Era originalmente habitada pelos aveus, que foram, finalmente, expulsos pelos caftorins (ver sobre *Caftor*; Deu. 2:23). Assinalava a fronteira sul da terra de Canaã (Gên. 10:19). Josué conquistou essa cidade, ampliando a sua campanha militar até aquele lugar (Jos. 10:41). No entanto, Josué poupou os anaquins, ou gigantes, que ali viviam (ver Jos. 11:21,22). Quando o território foi partilhado entre as tribos de Israel, essa área tornou-se parte de Judá (Jos. 15:47). O reino de Salomão incluía esse lugar (I Reis 4:24). Ezequias feriu os filisteus até Gaza (II Reis 18:8). A história de Israel corre em contínuo paralelo com a história dos filisteus, visto que esses dois povos viviam em constante contacto e conflito. Às vezes vencia um dos lados e outras vezes, o outro.

A antiga Gaza era chamada *Deserto de Gaza*, tendo sido destruída pelo rei hasmoneano Alexandre Janeu, em 93 A.C. Em 57 A.C., Gabínio, governador romano, fundou a nova cidade de Gaza, um tanto mais próxima do mar Mediterrâneo. Alguns arqueólogos e historiadores localizam o local do batismo do eunuco etíope cerca de três quilômetros ao norte de Azoto, perto do cômodo da cidade de Asdode, dos filisteus. Ali fica o único lugar onde havia água potável naquela porção da rota das caravanas que levava a Gaza. Em tempos antigos, Gaza fora uma cidade fortificada, que resistiu a Alexandre, o Grande, por nada menos de cinco meses. Foi novamente destruída pelos romanos, depois que começou a guerra destes com os judeus, em cerca de 70 D.C. Gaza era uma das cinco principais cidades da Palestina. (Quanto às histórias do A.T., associadas com *Gaza*, ver os

trechos seguintes: Deut. 2:23; Gên. 10:19; Jos. 10:41; 11:21,22; 13:3; 15:47; Juí. 1:18; 16:1-3,21-31; Jer. 47:1; Amós 1:6,7 e Sof. 2:4 e 9:5).

É bem provável, embora não seja certo, que a antiga cidade de Gaza seja atualmente representada por Tell El-Ajjul, cerca de quase quatro quilômetros da costa do Mediterrâneo. O arqueólogo Flinders Petrie escavou ali de 1930 a 1934, e descobriu cinco níveis distintos de ocupação humana, as primeiras quatro camadas pertencentes à Idade do Bronze Média, e a quinta pertencente à Idade do Bronze Posterior (3000 A.C.—1000 A.C.).

O novo local, fundado por Gabínio, governador romano, que fica mais próximo do mar Mediterrâneo, também tem sido explorado pela arqueologia; porém, sendo uma localidade ocupada hoje em dia, não têm sido muito satisfatórios os resultados obtidos nessas escavações.

«Gaza era aldeia que ficava cerca de quatro quilômetros da beira-mar; era a última cidade pela qual passavam os viajantes que iam da Fenícia ao Egito, e ficava na entrada do deserto, de conformidade com a narrativa dada por Adriano, em Exped., Alex. liv. ii. cap. 25». (Adam Clarke, *in loc.*)

## II. Localização e Características Geográficas

Além daqueles particulares mencionados na primeira seção, acima, devemos observar que Gaza ficava cerca de oitenta quilômetros a noroeste de Jerusalém e a quase cinco quilômetros terra adentro, para quem parte das margens do Mediterrâneo. Ficava cerca de dezenove quilômetros ao sul de Asquelom, uma outra das grandes cidades filistéias. Gaza ficava situada em uma colina, em meio a uma planície fértil, e contava com quinze fontes de água fresca, o que fazia a agricultura da região ser muito próspera. Tornou-se um centro de comércio, bem como um lugar onde exércitos estacavam, a fim de refrigerar suas tropas e suas montarias.

## III. Dados Históricos

A primeira referência bíblica a Gaza acha-se em Gên. 10:19, onde ela é mencionada como uma das cidades fronteiriças dos cananeus. Já existia e prosperava antes mesmo do período de Abraão, quando o território dos cananeus ia desde Sidom (ao norte), até Gerar e Gaz (a sudoeste). Os mais antigos habitantes do lugar foram os aveus (Deu. 2:23). Nos dias de Josué, os aveus e os cananeus controlavam toda aquela área (Jos. 13:3,4). Gaza é mencionada no monumento de Tutmés III, que usava a mesma como base de suas guerras contra a Síria (cerca de 1480 A.C.). A invasão da Palestina, por parte dos filisteus, ocorreu em cerca de 1200 A.C., e foi então que Gaza se tornou uma das principais cidades da Filístia. Quando Israel também chegou àquela região geral, houve séculos de entretuchos, em que a sorte das armas sorriu ora para um lado ora para outro. Antes desse acontecimento, e durante longo tempo, o Egito havia dominado a região (séculos XV e XIV A.C.). O tablete n° 320 de Tell el-Amarna alude às relações entre o Egito e essa área, ainda que ali a cidade de Gaza não seja especificamente mencionada. E o tablete n° 289 dessa mesma coleção menciona Gaza e refere-se a dificuldades com os 'Apiru, o que, quase sem dúvida alguma, é uma referência aos hebreus, que estavam conquistando a terra. Até tão tarde quanto 1200 A.C., o Egito exerceu grande influência sobre a região, conforme nos mostra o Papiro Anati I, dos fins da XIX Dinastia egípcia.

Foi em Gaza que Sansão realizou seu feito de prodigiosa força física de arrancar os portões da cidade, levando-os até Hebrom (Juí. 16:1-3). Mais

tarde, porém, terminou encarcerado naquela mesma cidade (Juí. 16:21). Foi nessa cidade que os filisteus expuseram-no ao ridículo público, depois de lhe terem cegado ambos os olhos. Foi ali que eles celebraram sua vitória, em honra a seu deus, Dagom. E também foi ali que Sansão derrubou a casa onde estavam os filisteus em grande número, ao quebrar as colunas que sustentavam a mesma (Juí. 16:33 ss).

Salomão estendeu o seu reino até àquela cidade (I Reis 4:24); mas a mesma acabou voltando aos filisteus (I Sam. 6:17; II Reis 18:8). Ezequias obteve ali uma vitória temporária (II Reis 18:8). Em 734 A.C., Tiglate-Pileser III fez de Gaza uma cidade tributária da Assíria. Esse monarca assírio recebeu ouro, prata, vestes de linho e outros itens valiosos, que lhe foram enviados pelos habitantes dessa cidade. Gaza, pois, tornou-se parte do império assírio, embora os filisteus tivessem continuado a exercer alguma influência sobre aquela região.

Em 704 — 681 A.C., Senaqueribe guerreou contra as cidades de Judá e as dominou (701 A.C.; II Reis 18:13), e, então, trancou Ezequias em Jerusalém como se ele fosse um pássaro engaiolado, conforme ele se jactou. O país foi devastado em redor, embora Jerusalém se tivesse aguentado ainda por algum tempo. Um certo Sibilib tornou-se governador de Gaza, mas sujeito à Assíria. Outros dirigentes filisteus também governaram, mas como meros títeres. Depois a região foi dominada pelos persas, somente para estes serem, por sua vez, derrotados por Alexandre, o Grande, em 332 A.C. Foi então que Gaza tornou-se uma cidade helenista. Durante o período romano, a mesma tornou-se um centro da Igreja cristã. As tradições afirmam que Filemom, a quem Paulo escreveu uma das epístolas do Novo Testamento, foi o primeiro pastor ou bispo de Gaza. A única referência a essa cidade, no Novo Testamento, fica em Atos 8:26, onde se menciona uma estrada que ia de Jerusalém a Gaza. Diodoro (19,80), referiu-se a uma antiga Gaza; e também pode ter havido uma nova Gaza, construída ligeiramente mais ao sul da cidade original. Josefo refere-se a Gaza como uma das cidades costeiras (*Anti.* 14:4,4), sendo bem provável que ele estivesse aludindo à nova cidade. É possível que as palavras que encontramos nesse trecho do Novo Testamento, «este se acha deserto», seja uma alusão à estrada que atravessava o deserto, e que ia até Gaza. Estrabão (16.2, 30) também disse que Gaza ficara deserta (no grego, *éremos*), após a sua destruição por parte das tropas de Alexandre, o Grande; mas é provável que ele se tenha equivocado, querendo referir-se a Alexandre Janeu.

Em 66 D.C., Gaza foi atacada e destruída por um contingente de judeus rebeldes, segundo nos diz Josefo (*Guerras* II.18,1). Porém, visto que chegaram até nós moedas pertencentes ao período de 68 a 74 D.C., temos de concluir ou que essa destruição foi parcial, ou que não demorou a ser reconstruída a cidade. Nos séculos II e III D.C., a cidade era um próspero centro da cultura greco-romana. A Igreja cristã tinha ali um de seus centros de atividade. No entanto, os árabes ocuparam-na em 634 D.C. O segundo califa, Omar I, governou e prosperou ali. O túmulo de Hasim, o bisavô de Maomé, está localizado ali, de acordo com uma tradição islâmica. Al-Shaff'i, o principal sistematizador da lei islâmica, nasceu ali, em 767 D.C. Durante as cruzadas, o lugar foi temporariamente cristianizado de novo, e foi ali erigida a chamada igreja de São João. Entretanto, a cidade tornou a cair nas mãos dos árabes e, posteriormente, esse templo cristão tornou-se a atual grande mesquita islâmica da cidade.

## GAZA — GEAZI

Os turcos conquistaram a cidade em 1517. Napoleão conquistou-a em 1799. Os britânicos dominaram-na durante a Segunda Guerra Mundial. Durante o mandato britânico sobre a Palestina, Gaza tornou-se a sede do governo do distrito do mesmo nome. Terminado esse mandato, o exército egípcio ocupou o lugar, em 1948. Em uma área com apenas trezentos e noventa quilômetros quadrados, tornou-se o abrigo de cerca de duzentos e cinquenta mil refugiados árabes, que passaram a ocupar a área juntamente com seus oitenta mil habitantes originais. De acordo com os termos da Resolução da Partilha da Palestina, das Nações Unidas, de 29 de novembro de 1947, Gaza e suas cercanias haveriam de formar parte de um estado árabe palestino; mas, os conflitos que houve pouco depois, impediram essa realização. A chamada Faixa de Gaza continuou sob o controle dos egípcios até 1967, quando, novamente, passou para as mãos do estado de Israel. Sua população atual é de cerca de meio milhão de habitantes.

Nenhuma pesquisa arqueológica de vulto tem sido possível em Gaza. Ver o artigo geral sobre *Filisteus, Filístia*. (AM PRI SMI)

### GAZALI, AL

Ver *Al-Gazali*.

### GAZÃO

Vem de uma palavra hebraica derivada do termo que significa «lagarta» (ver Amós 4:9). Esse foi o nome de um dos chefes de uma família de netinins, que retornaram após o cativeiro babilônico, em companhia de Zorobabel (em 536 A.C.), e que fixaram residência em Jerusalém. Ver *Esd. 2:28; Nee. 7:51*. A forma variante *Gazera* aparece em *I Esdras 5:31*.

### GAZARA

Ver sobre *Gezer*.

### GAZELA

No hebraico, *taebi*, «gazela». Esse mamífero é mencionado por catorze vezes (ver *Deu. 12:15,22; 14:5; 15:22; II Sam. 2:18; I Reis 4:23; I Crô. 12:8; Pro. 6:5; Can. 2:7,9,17; 3:5; 8:14* e *Isa. 13:14*). Trata-se de um antílope pequeno, de formas graciosas, com chifres recurvos e olhos grandes e gentis (gênero *Gazella*). Até hoje é comum no norte da África e na Arábia. Já foi comum em muitas regiões da Palestina e países adjacentes, mas agora o local mais próximo dali onde ele aparece é o Curdistão. Ver *Veado* quanto à discussão geral a respeito desse animal.

### GAZER

Ver sobre *Gezer*.

### GAZERA

Ver *I Macabeus 4:15; 7:45; e 13:43*. Esse é um dos nomes alternativos da cidade de *Gezer* (vide). Em *Esdas 2:48* e *Nee. 7:51*, essa cidade aparece com o nome de *Gazão* (vide).

### GAZEZ

Esse nome vem de um termo hebraico que, provavelmente, significa «tosquia» ou «tosquiador».

Esse é o nome de duas personagens, referidas no Antigo Testamento, em um único versículo, *I Crônicas 2:46*.

1. Um filho de Calebe por meio de Efá, sua concubina. Viveu por volta de 1520 A.C.

2. Um neto de Calebe, filho de Jefuné. Esse *Gazez* era filho de Hará. Viveu por volta de 1500 A.C.

Uma outra opinião é que a palavra «*Gazez*» pode referir-se a uma família calebita derivada de um filho ou irmão de Hará. Essa é a opinião de muitos comentaristas modernos, em contradistinação à idéia exposta em «um» e «dois», acima, de que seriam dois homens com esse mesmo nome, um filho e outro neto de Calebe.

### GEADA

No hebraico, *qerach*. Essa palavra significa «cristal», «gelo» e «geada». Nesse último sentido aparece por três vezes: *Gên. 31:40; Jô 37:10* e *Jer. 36:30*. Há uma outra palavra hebraica, *chanamal*, que também tem sido traduzida por «geada», em algumas traduções, mas que, na realidade, significa «saraiva». Ver *Salmos 78:47*, onde a nossa versão portuguesa a traduz por «chuvas de pedra».

Uma segunda palavra hebraica é *kephor*, «geada», que também figura por três vezes: *Exo. 16:14; Jô 38:29* e *Sal. 147:16*. Essa palavra vem de um verbo que significa «cobrir», podendo referir-se à geada verdadeira, ao gelo ou à neve.

Uma leve camada de geada é freqüente em certos períodos do ano, na Palestina. Assim, sobre a superfície de uma lagoa, aparece uma camada fina de gelo. O clima, na região, é bastante divergente. A neve precipita-se nos lugares mais elevados, embora não em quantidade e nem freqüentemente. Além disso, há regiões de deserto nas terras baixas.

A geada forma-se quando a temperatura cai subitamente, por causa de correntes de vento e massas de ar. No clima da região da Palestina também caem a saraiva, a neve e o orvalho gelado.

### GEAZI

Há quem pense que, no hebraico, o nome significa «negador» ou «diminuidor», mas outros pensam que significa «vale da visão». Esse foi o nome de um servo especial e de confiança de Eliseu. Ele é mencionado por doze vezes, pelo seu próprio nome: *II Reis 4:12,14,25,27,29,31; 5:20,21,25; 8:4,5*.

A história relatada sobre ele, nas Escrituras, em cada lance acompanha incidentes da vida de seu senhor. Os incidentes específicos relacionados a ele, são os seguintes:

1. Em *I Reis 4*, Geazi sugere a Eliseu que a melhor maneira de recompensar à mulher sunamita, por sua bondade e gentileza, seria prometer-lhe um filho. Com o tempo, nasce o menino; mas, quando já andava, a criança morre. Geazi é enviado pelo profeta a fim de deitar o cajado de profeta sobre a criança, na esperança de fazê-la reviver. Mas isso não funcionou, pelo que Eliseu precisou ir pessoalmente, a fim de ressuscitar o garoto.

2. Em *II Reis 5*, lemos a narrativa sobre a cura da lepra de Naamã. Este desejou recompensar a Eliseu com dinheiro, mas o profeta não estava interessado no dinheiro. Em um momento de cobiça, Geazi resolveu ficar com o dinheiro para si mesmo. Por essa razão, ele foi atrás do general sírio, dizendo-lhe, mentirosamente, que Eliseu havia mudado de parecer. Geazi ficou com o dinheiro, mas, logo em seguida, foi castigado apanhando lepra. Não obstante, foi

## GEBa — GEBAL

declarado limpo, e pôde continuar em companhia de seu senhor. Não sabemos dizer se ele foi afetado ou não pela verdadeira lepra, porquanto várias afecções da pele, chamadas de «lepra» no Antigo Testamento, não eram a verdadeira lepra. Os antigos não tinham meios para classificar de modo estrito as enfermidades.

3. Em II Reis 8:1-6 encontramos Geazi a narrar ao rei Jorão os grandes feitos de Eliseu, bem como as operações da providência de Deus. Sucedeu que enquanto a narrativa estava sendo feita, quando a mulher cujo filho tivera sua vida restaurada, apareceu diante do rei reclamando suas terras e sua casa que lhe haviam sido usurpadas, enquanto ela estivera ausente, durante um período de fome. O rei ficou impressionado pela coincidência e atendeu-a sem tardança. Na verdade, existem coincidências significativas. Ver o artigo sobre o *Acaso*.

### GEBa

No hebraico, «colina», «altura». Em algumas traduções aparece com a forma de Gaba. Ver Jos. 18:24; Esd. 2:26; Nee. 7:30. Esse era o nome de uma cidade do território de Benjamim, a nordeste de Gibeá e a leste de Gibeão. Foi entregue à tribo de Levi (Jos. 21:17; I Crô. 6:60). O local foi usado como acampamento, por Saul e Jônatas, quando se opunham aos filisteus, localizados em Micmás (I Sam. 13:16). Davi combateu esses mesmos adversários, nesse mesmo lugar (II Sam. 5:25). Em Esdras 2:26 e Neemias 7:30, o nome é dado em relação àqueles que retornaram do cativeiro babilônico. Os benjamitas vieram a residir ali, após o exílio babilônico. E dali saíram cantores que ajudaram na dedicação do novo templo de Jerusalém (Nee. 10:29). Todavia, não deveria ser confundida com a Gibeá de I Sam. 13:3. Os eruditos identificam-na com a moderna Jeba, a onze quilômetros a nordeste de Jerusalém e a três quilômetros a leste de Ramá.

### GEBAL

No hebraico, uma **linha**. Provavelmente indica uma «fronteira». Esse é o nome de uma cidade e de um distrito, referidos nas páginas do Antigo Testamento:

1. A cidade chamada por esse nome era uma antiquíssima cidade fenícia, cujos habitantes dedicavam-se ao comércio por todo o mar Mediterrâneo. Modernamente é chamada Bebeil, cerca de quarenta quilômetros ao norte de Beirute. Essa cidade é mencionada somente em Jos. 13:5 e I Reis 5:18. O nome grego dessa cidade era Biblos, isto é, «livro», visto que ali se fabricava um tipo de papel, feito com canas de papiro. No trecho de Jos. 13:5 encontramos o vocábulo «gibleus», que eram os habitantes de Gebal. Em I Reis 4:18 aprendemos que Salomão contratou dali certos pedreiros, para que ajudassem na construção do templo de Jerusalém. Também eram peritos construtores de navios e marinheiros (Eze. 27:9). Populações dessa área ajudaram na colonização da área do mar Mediterrâneo. Ver o artigo separado sobre a *Fenícia*. Os fenícios, naturalmente, eram cananeus. Ver sobre *Canaã* e *Cananeus*. O comércio era muito ativo entre esse lugar e o Egito, e as embarcações empregadas nesse intercâmbio eram chamadas *viajantes de Biblos*. Os artigos importados eram equipamentos para a construção de navios, madeiras de construção e para móveis, pinho, cedro para muitos usos, incluindo para a feitura de esquifes de múmias, resinas para mumificação, etc. As importações incluíam o papel, vasos de ouro e de prata, perfumes, tecidos de linho, cordas e couros de

gado vacum. A lenda do sacerdote Wen-Amon menciona o couro como um dos produtos envolvidos no comércio que estava sendo promovido entre o Egito e Biblos, em cerca de 1100 A.C. As cartas de Tell el-Amarna também mencionam esse comércio entre o Egito e Biblos. As escavações arqueológicas têm mostrado que esse lugar vinha sendo ocupado pelos homens desde cerca de 5000 A.C. O sarcófago de Airôs, rei de Biblos, tem inscrições alfabéticas, as quais foram um estágio dentro do desenvolvimento do alfabeto fenício.

**Dados Históricos.** A arqueologia tem mostrado que essa área vinha sendo ocupada desde os tempos neolíticos, ou seja, desde o quinto milênio A.C. Desse remoto período foram encontradas ruínas de muralhas antigas, um castelo e um templo. Ali havia vilas, bem como por toda a parte ocidental da Ásia, já nesse tempo. Na era calcólica posterior, Gezer e Gebal tinham uma população que vivia em cabanas circulares ou retangulares. Eles usavam prata nos seus enfeites, e sepultavam seus mortos em grandes urnas de barro.

No quarto milênio A.C., havia um florescente comércio entre essa região e o Egito. Inscrições em selos evidenciam que as rotas comerciais atravessavam a Palestina e a Síria.

Em cerca de 2800 A.C., Gebal foi incendiada, embora não muito depois tivesse sido reconstruída. Isso sucedeu durante a época do antigo reino do Egito. Gebal era uma virtual colônia do Egito, um lugar-chave para seu comércio exterior e também para suprimento de cedros vindos do Líbano. O templo de Baaltis foi erigido durante esse tempo, e o Egito tinha participação ativa no culto que ali se processava.

Pelos fins do terceiro milênio A.C., já havia sido desenvolvida uma escrita silábica em Gebal, que utilizava hieróglifos egípcios adaptados. Inscrições feitas sobre chapas de cobre nos dão idéia desse tipo de escrita. Os nomes pessoais e locais envolvidos são semíticos, provavelmente amorreus.

O Egito desfrutou de sua era mais próspera durante o reino médio (XII Dinastia). Nesse tempo, a maior parte da Palestina, incluindo a área de Gebal, esteve sobre o domínio egípcio, e Gebal servia como colônia egípcia. Era importante como entreposto comercial.

As chamadas cartas de Tell el-Amarna incluem mais de cinquenta missivas que o rei Ribadi, de Gebal, enviou a Faraó, rei do Egito. Ele permanecia fiel ao Egito. Foi nesse período histórico que os *habiru* (hebreus) estavam conquistando a terra de Canaã.

Na época de Ramsés II (cerca de 1290 — 1224 A.C.), Gebal, além de suas atividades comerciais, também atuava como fortaleza de fronteira para a província egípcia de Canaã. Os povos do mar (vide) destruíram essa cidade em 1194 A.C., quando estavam a caminho do Egito, contra o qual guerrearam. Isso debilitou o Egito, afrouxando o seu domínio sobre a região de Gebal.

O poder assírio dominou todo o mundo antigo e, sob os monarcas Assurnasirpal (883 — 859 A.C.), Tiglate-Pileser III (745 — 727 A.C.), Senaqueribe (705 — 681 A.C.), Esar-Hadom (681 — 669 A.C.) e Assurbanipal (669 — 627 A.C.), Gebal foi submetida a essa potência estrangeira, tendo sido forçada a pagar tributos.

À medida que outros poderes mundiais foram surgindo, como a Babilônia, a Pérsia, a Grécia e Roma, a cidade de Gebal, com toda a área em derredor, tornou-se, sucessivamente, sujeita a cada um deles. Também há ruínas de um castelo construído pelas cruzadas, no século X D.C.

2. Indicando um distrito geográfico, esse nome aparece em conexão com Amom, Amaleque, Moabe e Edom. A única referência bíblica a esse distrito fica em Sal. 83:7, estando em foco uma área ao sul do mar Morto, perto da cidade de Petra, em Edom. Essa região, a nordeste de Edom, também era conhecida por Temã. Os habitantes da região se aliaram aos moabitas e aos árabes, contra Israel.

## GEBER

No hebraico, «guerreiro» ou «forte». Esse é o nome de duas personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Geber, filho de Uri (I Reis 4:19), que estava encarregado do distrito de Gileade, da parte oriental do rio Jordão e do sul de Ramote-Gileade. Alguns eruditos supõem que esse Geber, e o de número «dois», abaixo, teriam sido o mesmo indivíduo. Viveu em torno de 1020 A.C.

2. Ben-Geber (I Reis 4:13). Foi um dos oficiais de Salomão, encarregado de prover suprimento alimentício para a corte real. Foi governador do distrito de Ramote-Gileade, a leste do rio Jordão, ou seja, Havote-Jair e o distrito de Argobe. Se não era o mesmo homem do número «um», acima, então era filho daquele. Viveu por volta de 1000 A.C. Por um erro tipográfico, lemos *Ben-Geder* em nossa versão.

## GEBIM

No hebraico, «fontes», «cisternas», «valetas». Esse nome refere-se a uma aldeia do território de Benjamim, mencionada na lista de lugares conquistados pela Assíria. Esse nome ocorre exclusivamente em Isa. 10:31. Ficava localizada entre Mademena e Nobe. Eusébio, em seu *Onomasticon*, identificou a cidade grega de *Geba* com essa localidade, o que seria o moderno wadi el-Gib; mas há muitas dúvidas quanto a tal identificação. Outras sugestões são Khirbet ed-Duweir e Bath el-Battash, embora não haja certeza sobre coisa alguma. Comparar com *Gobe*.

## GEDALIAS

No hebraico, «Yahweh é grande», ou então «engrandecido por Yahweh». Esse foi o apelativo de cinco personagens referidas no Antigo Testamento, a saber:

1. Um filho de Jedutum e seu segundo auxiliar no coro de levitas organizado por Davi para os cultos religiosos do templo de Jerusalém. Seu nome ocorre somente em I Crô. 25:3,9. Viveu por volta de 960 A.C.

2. Um filho de Amarias e avô do profeta Sofonias (Sof. 1:1). Viveu em torno de 635 A.C.

3. Um filho de Pasur, um daqueles que faziam oposição ao profeta Jeremias (Jer. 38:1-3). Viveu por volta de 590 A.C.

4. Um sacerdote da época de Esdras, que se casara com uma mulher estrangeira e teve de se divorciar dela após o exílio (Esd. 10:18). Viveu em torno de 456 A.C.

5. O filho de Aicão e neto de Safã, secretário do rei Josias. Foi nomeado governador de Judá, por Nabucodonosor, após a destruição de Jerusalém, em 583 A.C. Seu nome ocorre por vinte e sete vezes: II Reis 25:22-25; Jer. 39:14; 40:5-9, 11:16; 41:1-4,6,9, 10,16,18; 43:6. Isso ocorreu quando o poder da Babilônia atingira o seu ponto culminante. Seu pai fora um homem moderado, que havia protegido a

Jeremias; e os babilônios julgaram que ele daria continuidade à política de seu genitor, pelo que lhes pareceu aceitável como governador nomeado. Ver Jer. 26:24. De fato, herdou a moderação de seu pai e o respeito por Jeremias (Jer. 40:5 ss). Nebuzaradã ordenou-lhe que protegesse ao profeta (Jer. 39:11-14). Gedalias estabeleceu o seu governo em Mispa, para onde tinham ocorrido muitas pessoas, em face do avanço do exército babilônico. Ele procurou ajudar àqueles que haviam fugido, evitando envoltimentos e intrigas políticas e militares. Por essa razão, rejeitou o esquema de Joanã, filho de Careá, para assassinar a Ismael, filho de Netenias. Todavia, a moderação de Gedalias não impediu que fosse envolvido nos acontecimentos, em um período de grande violência. Após somente dois meses de governo, ele com muitos líderes judeus e soldados babilônios ali acampados, foram mortos por Ismael. Os judeus sobreviventes, fugiram para o Egito, a fim de tentarem escapar da indignação dos babilônios, que certamente se faria sentir em breve. Jeremias foi forçado a acompanhá-los ao Egito. Esse evento pôs fim a todas as esperanças de Israel poder manter qualquer forma de independência, sob o domínio da Babilônia. O que restava do povo de Israel agora achava-se na própria Babilônia, até após o retorno do exílio babilônico, quando começou uma nova fase na história do povo de Israel. A tradição judaica honra a Gedalias, lembrando o seu nome com um dia de jejum. Essa celebração ocorre no terceiro dia do mês de Tisri, que teria sido a data de seu falecimento. Ver Zac. 7:5; 8:19. Foi encontrado um selo em Laquis, com a seguinte inscrição: «De Gedalias, que está sobre a casa».

## GEDER

No hebraico, «murada». Foi uma cidade real dos cananeus, conquistada por Josué. É mencionada somente em Josué 12:13, em toda a Bíblia. Ficava perto de Debir (vide). Alguns a têm identificada com Gedor (vide). Essa cidade ficava localizada na planície de Judá, na vertente ocidental da região montanhosa de Judá, na Sefelá. Um cidadão dessa localidade, chamado de «o gederatita», e cujo nome pessoal era Jozabade, é mencionado em I Crônicas 12:4. Ele se aliou a Davi, em Ziclague. Porém, outros estudiosos pensam que sua terra natal era *Gederá* (vide), no território de Benjamim. Assim sendo, deveria ser identificada com a moderna Jidireh ou com a Khirbet Gudeira, embora não haja certeza quanto a isso.

## GEDERÁ

No hebraico, «curral de ovelhas». Nome de uma cidade de Judá. Essa palavra reflete a forma feminina de Geder (vide). É mencionada somente em Jos. 15:36. E a forma plural desse nome é Gederote (Jos. 15:41). Era um dos catorze locais da Sefelá (colinas baixas), alistados em Jos. 15:33-36. Era local do nascimento de certos artesãos habilidosos que serviam como oleiros do rei (I Crô. 4:23). Vários locais modernos têm sido sugeridos como a identificação certa, principalmente Jidiré, cerca de seis quilômetros e meio a noroeste de Zorá e Estaol. Todavia, nada podemos dizer de certo quanto a isso. Interessante é observar que a *Gadara* (vide) do Novo Testamento, provavelmente, emprestou seu nome da antiga palavra hebraica que está sendo discutida.

## GEDERATITA

Ver sobre Gedor.

## GEDERITA

Um nativo de Geder ou de Gederá (vide). Era um epíteto de Baal-Hanã, um homem que foi nomeado por Davi como supervisor de seus bosques de oliveiras e de sicômoros, nas planícies baixas de Judá (I Crô. 27:28). Deve ter vivido em torno de 1000 A.C.

## GEDEROTAIM

No hebraico, «dois currais de ovelhas». O trecho de Josué 15:33-36 menciona catorze cidades, e essa é a última delas. A Septuaginta traduz por «Gederá e seus currais de ovelhas», dando a entender que não haveria qualquer lugar distinto (em contraste com Gederá, vide). Mas isso seria tradução do hebraico *Gederothaim*, e não *Gederothaim*, conforme diz o texto massorético. Se porventura tratava-se de uma cidade distinta, então podemos presumir que ficava perto de Gederá; porém, não podemos dizer mais do que isso.

## GEDEROTE

Essa é a forma plural de *Gederá* (vide). Significa «currais de ovelhas». Aparece na lista de cidades que figura em Jos. 15:37-41, ou seja, as cidades a sudoeste de Jerusalém. Era uma cidade da planície de Judá, que os filisteus tomaram do rei Acáz (II Crô. 28:18). Parece que Gederote não é o mesmo lugar que Gederá. Sua localização geral pode ser determinada por sua associação com outras cidades mencionadas naquela lista. Alguns eruditos têm-na identificado com a *Cedrom* do período dos Macabeus (I Macabeus 15:39; 16:9). Esta tem sido identificada com a moderna cidade de Qatra, mas esta parece ficar por demais para o ocidente. Nada certo pode ser dito a respeito.

## GEDOR (CIDADES)

No hebraico, «muralha». Esse era o nome de várias cidades aludidas no Antigo Testamento, a saber:

1. Uma antiga cidade dos montes de Judá (Jos. 15:58), a pouca distância de Hebrom. Parece que Penuel, pai de Gedor (ver abaixo), foi o fundador dessa cidade. Comparar com I Crô. 4:4. Ela tem sido identificada com Khirbet Gedor, perto de Belém. Talvez fosse a cidade em que habitava Josabade, o gederatita (I Crô. 12:4). Alguns de seus habitantes se aliaram a Davi, em Ziclague, quando ele fugia de Saul (I Crô. 12:7). Entretanto, outros estudiosos pensam que se tratava de uma cidade distinta. Se era uma localidade distinta (Jos. 15:58 e I Crô. 12:7), não relacionada ao mesmo lugar, então poderia ser identificada com a moderna Khirbet Gadeirah, a norte de El Jib.

2. Uma cidade de Benjamim (I Crô. 12:7), discutida sob o primeiro ponto, acima.

3. Uma cidade de Judá (I Crô. 4:18), que talvez deva ser identificada com a de número «um», acima.

4. Uma cidade que, ao que parece, ficava ao sul dos montes de Judá, circundada por férteis pastagens, e que antes havia sido ocupada pelos amalequitas. Ver I Crô. 4:39.

## GEDOR (INDIVÍDUO)

No hebraico, «muralha». Esse era o nome de um filho de Jeiel, de Gibeom. Ele era benjamita, antepassado do rei Saul (I Crô. 8:31 e 9:37). Ele viveu por volta de 1100 A.C.

## GEENA

No hebraico, «vale do Hinom». Era um vale a sudoeste de Jerusalém, onde, antigamente, era praticada a adoração a Moloque (II Reis 23:10). Com o tempo, o local tornou-se o monturo da cidade, onde havia fogo a queimar continuamente o lixo. Esse nome, pois, tornou-se símbolo da punição futura (I Esdras 27:3; II Esdras 7:36). Os apocalipses judaicos deram ao mundo religioso as suas *imagens* sobre o juízo. Tais imagens vieram a repousar, de modo literal e popular, nas descrições do julgamento futuro. Em alguns lugares, o Novo Testamento incorporou essas descrições. Daí, obtemos a idéia de chamadas literais como a forma de julgamento futuro. Além disso, a palavra Geena tem sido traduzida por «inferno», em muitas traduções, nos trechos de Mat. 5:22,28,30; 10:28; 18:9; 23:15,33; Mar. 9:43,45,47 e Luc. 12:5. Também podemos supor que a Geena equivale ao «lago do fogo», referido em Apo. 19:20; 20:10,14,15. Ver o artigo separado sobre o *Lago do Fogo*, uma imagem que também foi tomada por empréstimo dos livros pseudepígrafos. As pessoas que insistem que as chamadas em questão devem ser entendidas literalmente, também insistem que os vermes do texto do nono capítulo de Marcos também são literais.

O julgamento (vide) não se torna menos literal se interpretarmos as chamadas e os vermes de modo figurado. Por outro lado, deveríamos ser sábios o suficiente para reconhecer que as descrições dos livros pseudepígrafos sobre o julgamento final, o que, em alguns trechos são refletidas no Novo Testamento, não têm a palavra final acerca do juízo divino. Assim, o trecho de I Pedro 4:6 refere-se a um julgamento remedial, de tal modo que podemos afirmar que a ira de Deus é um dedo da Sua amorosa mão, pois o julgamento tanto é retributivo quanto é remedial. Cristo, em sua descida ao hades, levou a mensagem do evangelho àquele lugar, universalizando a oportunidade de salvação, embora nem todos aceitem a oferta. Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades*. O mistério da vontade de Deus consiste em restaurar aos não-remidos, formando uma unidade em torno de Cristo (Efê. 1:9,10,23). O julgamento final desempenhará certo papel, para efetuar esse grande alvo, visto que Deus pode fazer melhor certas coisas, através do julgamento, do que através de qualquer outro meio. Minha opinião sobre essa questão aparece no artigo geral sobre a *Restauração*. O julgamento será tão severo e exato quanto tiver necessidade de ser e, em seu aspecto punitivo, perdurará por tanto tempo quanto tiver de sê-lo, a fim de produzir o mistério da vontade de Deus. Essa é a esperança que o evangelho nos apresenta, a qual tem sido obscurecida mediante a insistência sobre a preservação do ponto de vista das obras pseudepígrafas sobre o julgamento. Mas a revelação bíblica vai além desse ponto, apresentando grandes possibilidades de alegria para toda a humanidade.

Visto que somente uma pequena minoria finalmente virá a ser *remida* (ao passo que todos os outros serão meramente *restaurados*), o julgamento prosseguirá para sempre, porquanto terá sido perdido aquilo que poderia ter sido ganho (a salvação, na forma de participação na natureza divina; ver II Ped. 1:4; Col. 2:10). Isso constituirá uma perda indescritível, não sendo uma perda desprezível. Não obstante, a graça de Deus é realmente profunda e ampla, provendo uma outra operação sobre as almas, através de Cristo, certamente também gloriosa e magnificente, embora fique muito aquém da obra da salvação. Por quanto tempo o dia da redenção haverá de



continuar é uma questão de pura especulação. A narrativa bíblica sobre a descida de Cristo ao hades assegura-nos que a morte biológica do indivíduo não assinala o fim de sua oportunidade. Minha própria opinião é que essa oportunidade continuará pelos ciclos da eternidade; e também que os homens que não foram remidos serão diversificados em várias espécies de ser, os quais não participarão da natureza divina (o que chamamos de «salvação»). Isso posto, essa participação é impedida pela evolução espiritual do próprio indivíduo, que não atinge o ideal do plano remidor. Todavia, mediante o propósito restaurador de Deus, que faz parte do mistério de sua vontade, haverá uma certa recuperação dos perdidos, mesmo que eles jamais cheguem ao nível espiritual dos salvos. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios certamente indica que muitas eras estarão envolvidas em todo esse processo. Eis a razão pela qual tenho especulado que estamos tratando de espécies espirituais e de um processo evolutivo espiritual. Para que uma alma humana venha a participar da natureza divina, têm de ocorrer grandes transformações metafísicas, a fim de que seja obtida uma natureza totalmente diferente. Esppeculo, pois, que o mesmo tipo de processo assinalará o que sucede às almas não remidas, posto que isso venha a envolver essência e natureza diferentes das dos remidos. O trecho de II Cor. 3:18 certamente refere-se a muitos ciclos de evolução espiritual, sempre atingindo estados superiores de glória. Visto que há uma infinitude com que seremos enchidos, sem dúvida também haverá um enchimento infinito. O que é finito jamais chegará a compartilhar da infinitude de Deus, mas poderá ir-se aproximando cada vez mais da infinitude divina, desfrutando de uma crescente plenitude, interminavelmente. Conhecemos pouquíssimo sobre essas questões, embora alguns de nossos conceitos revistam-se de tremendas implicações. E o que sabemos ultrapassa em muito às antigas idéias de estagnação, de um céu fixo para os remidos e de um inferno fixo para os perdidos. Essas idéias simplificam demasiadamente as questões envolvidas e nada nos esclarecem quanto às futuras operações da vontade de Deus, conforme elas são sugeridas, por exemplo, em Efésios 1:9,10. Tenho a confiança de que a missão de Cristo, com base no amor universal de Deus, realizará, finalmente, muito mais do que certos ramos da cristandade estão antecipando atualmente. Em caso contrário, então o amor de Deus realmente é limitado, seu plano apresenta defeitos, e a missão de Cristo falhou quase inteiramente. Ver o artigo separado sobre *Hinom*.

#### GEILER VON KAISERBERG

Conhecido como João de Kaiserberg. Nasceu em 1445 e faleceu em 1510. Foi um místico e pregador católico romano. Nasceu em Schaffhausen, na Suíça, e morreu em Strasburgo. Educou-se na Universidade de Freiburg, da qual se tornou reitor em 1476. Dois anos mais tarde foi nomeado pregador da catedral de Strasburgo. Pregava sermões eloquentes e candentes, exigindo reforma. Denunciava as corrupções eclesásticas e as condições morais lassas de seus dias. Tem sido chamado, por isso mesmo, de «o Savonarola da Alemanha».

#### GETESWISSENSCHAFTEN

Vocabúlo alemão que significa «ciência da mente», usado em contraste com as ciências naturais. Hegel foi o primeiro a empregar essa palavra para distinguir um dos ramos de sua filosofia de outros ramos, que seriam três: a lógica, a filosofia da natureza e a

filosofia da mente. E outros pensadores aproveitaram o termo. Entretanto, H. Rickert usava o vocabúlo para aludir àquelas ciências que abordam a história e a cultura.

#### GELILOTE

No hebraico, «círculos». Esse era o nome de uma localidade existente nas fronteiras do território da tribo de Benjamim, mencionada somente em Jos. 18:17. Ficava no extremo sul da tribo de Benjamim. Na descrição da fronteira norte da tribo de Judá, a mesma localidade aparece como Gilgal, em Jos. 15:7. Por esse motivo, alguns estudiosos pensam que Gilgal é a forma correta do nome. No entanto, essas duas passagens abordam possessões de duas tribos diferentes, pelo que os versículos envolvidos não falam sobre a mesma coisa. A palavra Gilgal significa «círculo», provavelmente, referindo-se a algum círculo feito de pedras, que assinalava um local, talvez uma fronteira. Provavelmente a palavra Gelilote era usada em sentido topográfico, para indicar «fronteiras» ou «área», não havendo uma cidade com esse nome específico.

#### GELO

No hebraico, *qerach* ou *qorach*, que aparece por apenas três vezes no Antigo Testamento: Jó 6:16; 38:29 e Sal. 147:17, com esse sentido, embora também signifique «geada» e até «cristal». Com o sentido de «geada», também ocorre por três vezes, a saber: em Gên. 31:40; Jó 37:10 e Jer. 36:30. E, com o sentido de «cristal», é usada por uma vez, em Eze. 1:22. O sentido literal dessa palavra hebraica é «liso». Os povos do extremo norte da terra sem dúvida apreciariam o sentido dessa palavra hebraica para «gelo», pois sabem que o gelo é liso e escorregadio, provocando muitas quedas e acidentes durante os meses de inverno.

Na Palestina, a neve depositada no inverno pode atingir cerca de sessenta centímetros de espessura, na cadeia montanhosa central. Isso é, realmente, muito pouco, em comparação com o que sucede nos países mais próximos do círculo ártico. Em Jerusalém, mui ocasionalmente a água gela. Em Ezequiel 1:22, a mesma palavra hebraica é usada para indicar «cristal», visto que muitos antigos supunham que o cristal de rocha (um minério), seria apenas água permanentemente congelada. Em Jó 6:16, a palavra é usada figuradamente, para descrever amigos traiçoeiros. Esses são como torrentes de água, turvas de gelo. O gelo pode simbolizar a indiferença, a hostilidade, o perigo, a ausência de vida, alguma ameaça à vida, a estagnação, os obstáculos à vida, embora também envolva a idéia de preservação, visto que o frio extremo pode ser usado com esse propósito.

#### GEMALI

Talvez «condutor de camelos», embora muitos estudiosos prefiram pensar em um sentido incerto. Era o nome do pai de Amiel, príncipe ou dirigente de Dã, que se achava entre os espias escolhidos para explorar a terra de Canaã, antes da entrada do povo de Israel ali (Núm. 13:12, única ocorrência do nome). Viveu em torno de 1490 A.C. Foi um dos dez espias a dar um relatório pessimista do que viram na terra de Canaã. Em resultado, não teve permissão de entrar na Terra Prometida, mas pereceu no deserto.

••• ••• •••

## GEMARA

Ver o artigo geral sobre o **Talmude**. A palavra *Gemara* vem do árabe e significa «aprendizado». É usada para referir-se aos comentários dos eruditos rabínicos da *Mishna* (vide), que era o código das leis judaicas, formulado pelo famoso rabino Judá I, o patriarca de seus colegas, no começo do século III D.C. Esse código tornou-se o livro de texto das academias palestinas e babilônicas. As discussões orais e escritas desse código foram recolhidas e reduzidas a um escrito posto em boa ordem. Chegaram até nós sob a forma de um Talmude palestino e de um Talmude babilônico. O primeiro originou-se nas academias da Terra Santa, nos séculos III e IV D.C.; e o segundo nas academias da Babilônia, nos séculos III, IV e V D.C. O *Talmude* inclui tanto a *Mishna* quanto os *comentários*, isto é, a *Gemara*. Os mestres da *Gemara* eram chamados *Amoraim* (intérpretes). Muitos deles abordavam materiais que comentavam como se fossem materiais inspirados. Isso significa que haveria o Antigo Testamento inspirado, e também as tradições relativas ao mesmo, igualmente consideradas inspiradas.

## GEMARIAS

No hebraico e no aramaico, «Deus aperfeioou», ou *Yahweh fez acontecer*. Esse era o nome de quatro pessoas mencionadas na Bíblia:

1. Um filho de Milquias, enviado pelo rei Zedequias a Nabucodonosor, que levou uma mensagem de Jeremias aos judeus cativos na Babilônia (ver Jer. 29:3). Tal comunicação advertia-os acerca de falsos profetas, que os iludiam com promessas de pronto retorno à sua própria pátria. Viveu em torno de 590 A.C.

2. Um filho de Safã, escriba do templo de Jerusalém nos dias de Jeoaquim. Baruque leu em voz alta as profecias de Jeremias, aos ouvidos do povo, na câmara de Gemarias, vinculada ao novo portão do templo, construído pelo rei Jotão (Jer. 26:10; ver também II Reis 15:35). Micaías, filho de Gemarias, tendo relatado o acontecido a seu pai, produziu as circunstâncias em que Baruque foi convidado a repetir a leitura daquelas profecias, dessa vez no palácio real. Na reunião que então houve, outros escribas e conselheiros estavam presentes, os quais narraram todas essas questões ao rei. Ver Jer. 26:10-24. Isso aconteceu em cerca de 607 A.C.

3. O filho de um certo Hissiliáu, mencionado no ostracon I de Laquis, um caco de barro que data da época de Jeremias. Também tinha o nome de Gemarias.

4. Um oficial militar judeu no Egito, em Elefantina, também atendia por esse nome. Ele é mencionado em dois papiros escritos em aramaico (Cowley 22 e 33). Seu pai aparece ali com o nome de Iedonias.

## GENEALOGIA

Ver os artigos separados sobre **Genealogia de Jesus, o Cristo, e Genealogias**.

*Esboço:*

I. Definição Geral e Considerações Preliminares

II. Uso da Palavra no Antigo Testamento

III. A Importância dos Registros Genealógicos

IV. Tipos de Genealogias Bíblicas

V. As Genealogias como um Instrumento da

## Cronologia

VI. Listas Genealógicas do Antigo Testamento

VII. Listas Genealógicas do Novo Testamento

VIII. Genealogias na Moderna Igreja Cristã

## I. Definição Geral e Considerações Preliminares

— **Genealogia** é o estudo da origem, da descendência e da relação entre famílias. Essa palavra deriva-se do grego *genos*, «raça», e *logos*, «discurso». No caso de algumas nações antigas, as genealogias revestiam-se de grande importância, pois as sociedades eram organizadas segundo linhagens tribais. Dentro da cultura dos hebreus, as genealogias preservavam as identificações tribais e as possessões sob forma de terras, sendo muito importantes para uma cultura nitidamente agrícola. Cada geração constitui um grau, sem importar se partimos de um homem para seus ascendentes ou de um homem para seus descendentes. Os pais e os filhos de um homem estão relacionados a ele no *primeiro* grau. Seus avós e seus netos estão relacionados a ele no *segundo* grau. Essa questão é muito importante para a determinação da questão de casamentos legais entre pessoas de uma mesma família. De acordo com as leis civis, irmãos e irmãs estão relacionados entre si no *segundo* grau, primos-irmãos no *quarto* grau, e primos secundários no *sexto* grau. Certas culturas também permitem casamentos entre parentes no *quarto* grau; mas, geneticamente falando, isso é perigoso.

A *lei canônica* considera irmãos e irmãs relacionados entre si no *primeiro* grau (cada qual está um grau afastado dos pais comuns). E os primos-irmãos estão relacionados no *terceiro* grau. O costume, nos países cristãos, tem proibido casamentos entre parentes no *quarto* grau, de acordo com suas leis civis. As leis nacionais mais antigas refletiam isso muito bem; mas as leis modernas mostram-se mais liberais quanto à questão. O parentesco por *afinidade* é um relacionamento criado pelos laços do casamento. Os graus de afinidade também são calculados da mesma maneira que as relações sanguíneas. Alguns povos mostram-se extremamente sensíveis para com casamentos dentro de uma mesma família. Os chineses, para exemplificar, não permitem o casamento de pessoas com o mesmo nome de família, sem importar qual o grau de parentesco.

## II. Usos da Palavra no Antigo Testamento

A palavra hebraica *yahas* ocorre somente por uma vez em todo o Novo Testamento, como um substantivo, dentro da expressão *seper hayyahas*, «livro da genealogia» (Nee. 8:5). Ali, refere-se ao registro daqueles que retornaram a Jerusalém em companhia de Sesbazar, após o cativeiro na Babilônia. Em sua forma verbal, a palavra ocorre em Esdras-Neemias e Crônicas, com a idéia de «registrar-se mediante uma genealogia». Ver Esd. 2:62; 8:1,3; Nee. 7:5,6,4; I Crô. 4:33; 5:1,7,17; II Crô. 4:33; 5:1,7,17; 7:5. O termo hebraico *toledot*, «geração», é usado no sentido de «história genealógica». O termo pode referir-se a linhas familiares específicas, ou então pode ter o sentido vago como registro geral de nomes, sem especificar quaisquer relações de família.

## III. A Importância dos Registros Genealógicos

Os hebreus davam grande importância às genealogias, conforme vimos no primeiro ponto, acima. Seus registros contêm genealogias que se estendem por um período de mais de três mil e quinhentos anos, desde a história da criação de Adão até o cativeiro de Judá (cativeiro babilônico). Além disso, na obra de Esdras-Neemias vemos a mesma preocupação, referente ao período após o cativeiro. — O trecho de Esdras 2:63 diz, expressamente, que alguns que

vieram de Jerusalém procuraram os seus registros genealógicos. Parte desse interesse consistia no desejo de preservar a função sacerdotal dentro da linhagem das famílias, segundo era especificado na legislação mosaica e na prática. A divisão da nação hebréia inteira em tribos, e a alocação de cada tribo à sua herança, na forma de território, e então para cada família de cada tribo, como sub-herança fazia dos registros genealógicos algo de extrema importância, pois era a base econômica daquele povo voltado para as atividades agrícolas. A expectativa messiânica, descendente dos patriarcas, por meio de Davi, também era um importante aspecto do grande valor dado aos registros genealógicos. Os evangelhos de Mateus e de Lucas enfatizam esse aspecto. Era mister que Jesus fosse da casa de Davi, pois o Messias tinha de vir daquela linhagem. Ver Luc. 20:41; Mat. 1:1; 12:35; Lucas 1:27; João 7:42 e Rom. 1:3.

A literatura rabínica afiança que, após o cativeiro babilônico, os judeus mostraram-se extremamente cuidadosos em preservar seus registros genealógicos (*Babyl. Gemar.* vol. 14:2). Josefo afirmava que era capaz de provar que descendia da tribo de Levi, mediante registros públicos disponíveis. Ver *De Vita Sua*, par. 998. E ele também aponta que, a despeito dos cativeiros e dispersões sofridos por Israel, as tábuas genealógicas nunca foram negligenciadas. Durante o período de dominação romana, entretanto, houve grande destruição desses registros genealógicos e a preservação das linhagens tornou-se um empreendimento privado e, sem dúvida, inexata. Também sabemos que tanto as genealogias públicas quanto as genealogias bíblicas, com freqüência, envolviam muitos hiatos, alguns deles graves, pelo que consideráveis inexactidões penetraram na questão, mesmo nos tempos antigos, antes do começo do cristianismo.

#### IV. Tipos de Genealogias Bíblicas

Há três tipos de genealogias nas páginas da Bíblia:

1. Em I Crônicas 1:1 ss encontramos uma simples lista de nomes. Podemos supor que essa lista seja apenas representativa e não exaustiva.

2. Em Neemias 7:5, a genealogia aparece como uma simples lista daqueles que voltaram do cativeiro babilônico, sem qualquer referência a relações de família.

3. Também existem listas detalhadas (mas algumas vezes, representativas) de listas de relações de família. Ver Gên. 5; I Crô. 6:33-43; Esd. 7:1-5; e, no Novo Testamento, como exemplo disso, Mateus (primeiro capítulo) e Luc. 3:23.

#### V. As Genealogias como um Instrumento da Cronologia

O arcebispo Ussher (vide), fazendo cálculos com base nas genealogias do livro de Gênesis, chegou à conclusão de que a criação teve lugar em 4004 A.C. Concedendo uma margem de erro de alguns séculos (ou mesmo milênios), muitos eruditos bíblicos têm utilizado esse tipo de cálculo. Seja como for, mediante esse cálculo, ficamos com um globo terrestre jovem demais, totalmente contrário àquilo que a ciência tem sido capaz de demonstrar. Além disso, esse método não tem como explicar por que motivo a luz continua vindo de galáxias tão distantes quanto dezesseis bilhões de anos luz.

B. B. Warfield mostrou que as genealogias da Bíblia contêm hiatos («The Antiquity and Unity of the Human Race», *Studies in Theology*, 1932). As passagens de Esdras 7:1-5 e Mateus 1:1-17 contêm genealogias representativas, e não exaustivas, completas. Isso pode ser demonstrado mediante a simples

comparação com os registros do Antigo Testamento. Também poderíamos indagar quantos desses registros do Antigo Testamento também são representativos, e não definitivos. Ver Gênesis 5 e 11. O estudioso conservador, Merrill F. Unger, disse sobre esse ponto: «Usar essas listas genealógicas de Gênesis a fim de calcular a data da criação do homem (cerca de 4004 A.C.), conforme fez o arcebispo Ussher, não somente é algo destituído de base, a partir do estudo comparativo das genealogias que há na Bíblia, como também é algo incontestavelmente provado como equivocado, mediante os fatos da arqueologia moderna. A duração total do período desde a criação do homem até o dilúvio, e então do dilúvio até Abraão, não é especificada nas Escrituras. Que as genealogias dos capítulos quinto e décimo primeiro do livro de Gênesis são drasticamente abreviadas, contendo nomes altamente seletivos, é um ponto sugerido pelo fato de que cada lista contém apenas dez nomes, de Adão até Moisés e dez de Sem até Abraão. É perfeitamente evidente que a simetria foi o alvo na construção dessas listas genealógicas, e não uma linhagem ininterrupta de pai para filho» (no artigo «Genealogy» no *Bible Dictionary*). E esse mesmo autor continua a fim de dizer que o mesmo princípio atuou nas genealogias de Jesus, em Mateus e Lucas. Ver o artigo separado sobre a *Genealogia de Jesus, o Cristo*, como ampla demonstração desse fato.

Naturalmente, não há manipulação das genealogias que possa fazer Adão retroceder até o começo da criação da terra, pois então já estaremos manuseando com bilhões de anos e não apenas com milhares de anos. Tenho expressado tudo isso no artigo sobre a *Astronomia*, onde é discutida a imensa antiguidade da criação. Ver também sobre *Criação*, especialmente as suas seções II e VII.

Uso no antigo Oriente Próximo. A arqueologia tem mostrado que genealogias representativas, compostas de modo simétrico, eram uma prática comum entre os povos vizinhos ao povo de Israel. Na lista de reis sumérios, *Mes-kiag-Nanna* é chamado de filho de Mes-anni-padda, mas as descobertas arqueológicas têm mostrado que, na realidade, foi seu neto. A palavra *filho*, conforme se vê no vocabulário da língua hebraica, é usada frouxamente para indicar descendente. O rei Tiraca (cerca de 670 A.C.) refere-se a Sesostris III (cerca de 1870 A.C.), como seu pai, embora cerca de mil e duzentos anos separassem um do outro. As genealogias árabes exibem o mesmo tipo de fenômeno. Não há qualquer razão para supormos que as genealogias dos hebreus fossem diferentes das de seus vizinhos.

#### VI. Listas Genealógicas do Antigo Testamento

1. De Adão a Noé (Gên. 4 e 5; I Crô. 1:1-4).
2. Descendentes de Caim (Gên. 4:17-22).
3. Descendentes de Noé com as listas das nações descendentes de Sem, Cão e Jafé (Gên. 10; I Crô. 1:1-23).
4. De Sem a Abraão (Gên. 11:10-26; I Crô. 1:24-27).
5. Os descendentes de Abraão através de Quetura (Gên. 25:1-4; I Crô. 1:32,33).
6. Descendentes de Naor (Gên. 22:20-24).
7. Descendentes de Ló (Gên. 19:37,38).
8. Descendentes de Ismael (Gên. 25:12-18; I Crô. 1:29-31).
9. Descendentes de Esaú (Gên. 36; I Crô. 1:35-54).
10. Descendentes de Jacó: por meio de Lia (Gên. 46:1-6); por meio de Bila (Gên. 46:7,8); por meio de Zilpa (Gên. 46:9,10); por meio de Raquel (Gên. 46:11,12).

## GENEALOGIA DE JESUS, O CRISTO

11. Descendentes de Rúben (Gên. 46:9; Êxo. 6:14; Núm. 26:5-11; I Crô. 5:1-10).
12. Descendentes de Simeão (Gên. 46:10; Êxo. 6:15; Núm. 26:12-14; I Crô. 4:24-43).
13. Descendentes de Levi (Gên. 46:11; Êxo. 6:16-26; I Crô. 6:1-53). Encontramos aqui uma das qualificações para o sacerdócio, visto que esse officio estava limitado de acordo com dados genealógicos.
14. Descendentes de Judá (Gên. 46:12; Núm. 26:19-22; I Crô. 2:3 — 5:33; 9:4). A linhagem real, de Salomão a Josias, é ali delineada. Ver I Crô. 3:10-15.
15. Descendentes de Issacar (Gên. 46:13; Núm. 26:23-25; I Crô. 7:1-5).
16. Descendentes de Zebulom (Gên. 46:14; Núm. 26:23-25; I Crô. 7:1-5).
17. Descendentes de Dã (Gên. 47:23; Núm. 26:47-50; I Crô. 7:13).
18. Descendentes de Gade (Gên. 26:16; Núm. 26:15-18; I Crô. 5:11-17).
19. Descendentes de Aser (Gên. 46:17; Núm. 26:44-47; I Crô. 7:30-40).
20. Descendentes de José (Gên. 46:20; Núm. 26:28-37; I Crô. 7:14-27; através de Efraim e Manassés, que Jacó aceitou como seus próprios filhos, segundo se vê em Gên. 48:5,12).
21. Descendentes de Benjamim (Gên. 46:21; Núm. 26:38-41; I Crô. 7:6-12; 7:1,40; 9:8; 35:44). Essa era a linhagem de Saul (I Crô. 8 e 9).
22. Listas miscelâneas de vários indivíduos, que correspondem a certos períodos da história de Israel:
  - a. Os levitas da época de Davi (I Crô. 15:5-24);
  - b. Josafá (II Crô. 17:8); c. Ezequias (II Crô. 29:12-14); d. Josias (II Crô. 34:8-13); e. Zorobabel e Joaquim (Nee. 12:1-14); f. Neemias (Nee. 10:2-13).
23. Registros de nomes, e não de genealogias, embora instâncias em que a palavra hebraica correspondente é empregada: listas de famílias e indivíduos que retornaram a Jerusalém, do cativeiro babilônico, em companhia de Zorobabel (Nee. 7:5-63; Esd. 2:2-61; 8:2-14; Esd. 10:18-43; Nee. 10:1-27; 11:4-19; I Crô. 9:3-17).

### VII. Listas Genealógicas do Novo Testamento

Em Mateus 1:1 temos o termo grego **geneal** traduzido como «genealogia». Além disso, temos referências às genealogias gnósticas, que dizem respeito a supostas emanações da divindade, nada tendo a ver com as genealogias da Bíblia, em I Tim. 1:4 e Tito 3:9. O trecho de Heb. 7:6 tem a forma verbal, *geneolego*, que significa «seguir a linhagem ancestral», referindo-se ao caso de Melquisedeque, que não tinha genealogia, no tocante ao seu officio sacerdotal.

Há somente duas genealogias reais no Novo Testamento, ambas relacionadas a Jesus, o Messias. Temos apresentado um artigo separado sobre isso, intitulado *Genealogia de Jesus, o Cristo*.

### VIII. Genealogias na Moderna Igreja Cristã

A única denominação cristã que tem dado maior atenção a essa questão, fazendo das genealogias uma parte integral de sua fé religiosa, é a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (os mórmons). Essa denominação tem os mais completos registros genealógicos entre quaisquer outras organizações no mundo. Esses registros são conservados em câmaras subterrâneas, nos sopés das montanhas Rochosas, em Salt Lake City, estado de Utah, nos Estados Unidos

da América do Norte. São instalações tão seguras que somente uma bomba atômica diretamente atirada contra esse alvo, é capaz de destruí-las. Os mórmons acreditam em batismo pelos mortos (I Cor. 15:29; ver uma completa exposição a respeito nas notas expositivas no NTI), supondo que isso provê mérito para os espíritos desincorporados, que poderiam ou tirar vantagem desse batismo por procuração, ou desconsiderar o mesmo (dependendo do exercício de sua livre vontade). Se um desses espíritos aceitar os méritos assim providos, poderia atingir a plena redenção, de conformidade com a doutrina mórmon. Os registros genealógicos, pois, ajudam na prática do batismo pelos mortos, substituídos por seus parentes vivos, ou mesmo por outros, sem nenhuma relação de parentesco. (ISBE ND NTI WHG Z)

## GENEALOGIA DE JESUS, O CRISTO

### I. Genealogia de Jesus (Mat. 1:1-17)

O evangelho de *Mateus* é nosso evangelho mais universal. Tem por intuito satisfazer às necessidades de todos os homens, judeus e gentios, conduzindo-os a Jesus, o Messias, o Salvador do mundo. Parte de seu conteúdo atrai aos judeus, tal como é o caso desta genealogia, que tenciona provar a legítima reivindicação de Jesus ao trono de Davi. Outra parte de seu conteúdo é especialmente atrativa aos gentios, sobretudo aquelas seções que mostram que Jesus não limitou sua missão entre os judeus e também a *Grande Comissão*, que mostra que o evangelho terá de ser pregado ao mundo inteiro. (Ver Mat. 4:15,25; 8:11,12; 21:43 e 28:19,20).

O *Messias*, segundo o ensinamento rabínico, teria direitos legais ao trono de Davi; e ser descendente seu fazia parte desse direito. Muitas famílias judaicas possuíam genealogias extensas, exatas e que cobriam longos períodos de tempo. A genealogia que se segue, porém, arranjada como está em grupos de catorze nomes, mostra que o seu intuito era o de ser representativa e não completa. Já a genealogia de Lucas (Luc. 3:23-38) parece mais preocupada em ser completa, pois contém quarenta e dois nomes, em vez dos vinte e sete nomes de Mateus. Lucas traça a descendência não através de reis (como é o caso de Mateus), mas através de outro filho de Davi, Natã (II Sam. 5:14) e inclui muitas pessoas obscuras. A lista de Mateus, até Zorobabel, provavelmente se baseia sobre o texto de I Crô. 1—3 (na LXX). Todavia, não sabemos qual fonte ou fontes informativas ele usou para fazer sua compilação inteira. — Seja como for, seu ponto ficou demonstrado: Jesus era descendente tanto de Davi quanto de Abraão, ficando assim consubstanciada sua reivindicação à posição messiânica, pelo menos no que tange à exigência de ser ele filho de Davi.

«*De Jesus Cristo*». «Jesus» vem do hebraico *Jehoshua*, que após o cativeiro passou a ser escrito «Jeshua», que significa *Jeová, o Salvador*. Por esses nomes, «Jesus» e «Cristo», o Senhor foi definitivamente identificado às esperanças e profecias dos judeus relacionados ao Messias prometido. Os escritos do V.T. assim o apontaram, e toda a sua vida foi uma demonstração da validade desse testemunho. Aqueles que são tentados a diminuir a importância da vida terrena de Jesus devem observar esse fato. As duas pessoas do V.T. que têm o nome «Jesus» são ambas tipos de Cristo. Josué, filho de Num, é tipo de Cristo em sua função de capitão e libertador de seu povo. O sumo sacerdote Josué (Zac. 3) prefigura a Cristo como nosso sumo sacerdote (ver o artigo sobre a *Humanidade de Cristo*).

## GENEALOGIA DE JESUS, O CRISTO

«Cristo». Sendo adjetivo, tornou-se nome próprio devido ao seu uso no evangelho. Assim foi usado até mesmo pelo Senhor (Mat. 23:8,10). É tradução do vocábulo «Messias», que no hebraico significa «ungido». Os reis, os sacerdotes e os profetas são pessoas que têm o direito de ser unguidas, símbolo da confirmação de seu cargo. Jesus, o maior de todos os reis, sacerdotes e profetas, é chamado de o *Cristo*, superior a todos os outros, porque sua unção foi especial; veio do Espírito de Deus, e não de origem terrena. A unção era aplicada aos enfermos, aos cegos e até mesmo aos mortos (Tia. 5:14; João 9:5,11; Mar. 14:8). Jesus, como unguido, exerceu de tal maneira suas forças espirituais sobre aqueles males que nós não o reputamos simplesmente como um unguido. Ele é mais que isso. Ele é o *Cristo*, e não empregamos esse termo acerca de nenhuma outra pessoa.

«Filho de Davi». O Messias deveria ser *Ben-Davi*. Esse foi o título do Messias e representa, de forma especial, a esperança do reino de Israel e a esperança do poder e da salvação que o novo «Davi» traria. A genealogia prova o direito que Jesus tinha de ser chamado «O Messias». Jesus possuía as qualificações do Messias, tanto no plano espiritual como na descendência física. Os judeus nunca aceitariam um Messias que não fosse descendente de Davi. Jesus tinha não só a descendência física de Davi, mas também seu espírito e os direitos que lhe foram outorgados por Deus. Muitos houve, dentre a descendência de Davi, que não tiveram as demais qualificações, além dessa. Sabemos pela literatura dos judeus (Josefo) que tais genealogias eram guardadas nos arquivos públicos, e é provável que essas tenham sido as fontes de informações do autor, o que indicaria que ele não fez deduções pessoais, e que as genealogias do V.T. foram fontes secundárias.

«Filho de Abraão». Abraão, pai da raça judaica, foi progenitor de Jesus. A genealogia não vai além de Abraão porque o evangelho foi escrito especialmente para os judeus. A primeira profecia que precisou de qual raça ou família descenderia o Messias, refere-se a Abraão como pai da raça que daria o Messias ao mundo (Gên. 22:18). A última promessa dessa natureza inclui Davi.

### Observações Gerais sobre a genealogia de Jesus:

1. As genealogias em Mateus e em Lucas, que diferem entre si, são uma só; não se originaram de duas linhagens, uma de José e outra de Maria. Essa foi a idéia universal da igreja, — até o século XV, quando Annius de Viterbo, que morreu em 1502, achou uma diferença entre a linhagem de José (em Mateus) e a linhagem de Maria (em Lucas). A idéia partiu da igreja romana, mas os protestantes também a acolheram.

2. É mais ou menos recente a idéia de que a genealogia de Mateus apresenta a linhagem de José, e que a de Lucas dá a linhagem de Maria; é possível que isso expresse a verdade, mas não o podemos afirmar com certeza, nem podemos explicar com segurança as suas diferenças.

3. O autor teve acesso aos registros das genealogias, e provavelmente a matéria por ele exposta teve como fonte principal tais registros; também é possível que as genealogias do V.T. tivessem servido de fontes secundárias.

4. As genealogias não são unicamente descendências pessoais, mas também têm o propósito de demonstrar o direito que Jesus tinha de subir ao trono de Davi e de ser chamado o Messias. Assim sendo, vários nomes são omitidos propositalmente. A genealogia de Mateus trata especialmente da descendência real, referindo-se principalmente ao tempo dos

reis, à—linhagem real—à época deles. Vemos, pois que a matéria foi manuseada de forma especial, com propósitos específicos, e não com a idéia de fornecer uma lista completa dos ascendentes de Jesus.

5. Aqueles que opinam que as genealogias de Mateus e Lucas seguem a linhagem de José, explicam que a de Lucas mostra a descendência pessoal de Jesus, pelo que apresenta muitos nomes, não de reis ou da linhagem real, que Mateus não tinha razão para mencionar. Assim sendo, a genealogia de Lucas mostraria a descendência humana de Jesus, da parte de Davi; e a de Mateus apresentaria a descendência real de Jesus, da parte de Davi.

6. Se as genealogias apresentam ou não a descendência por parte de ambos, de José e de Maria, o certo é que Maria também era descendente de Davi (Luc. 1:27,32; 2:4,5). O testemunho dos pais da igreja confirma essa idéia (Hegesipo, Jerônimo e Eusébio, 3:32).

7. Provavelmente a maior parte dos antepassados de ambos foram os mesmos, pois eram da mesma casa e família de Davi. Não é impossível que fossem parentes, talvez até primos.

8. Assim sendo, temos certas idéias sobre as diferenças entre as genealogias, mas não temos conhecimento exato do problema, nem respostas perfeitas; porém, podemos afirmar, sem hesitação, que as diferenças e as lacunas nessas genealogias, foram propositalmente feitas pelos autores.

9. Além do fato de que tais listas de nomes têm pouco interesse ou importância para os modernos, especialmente para os gentios, o evangelho de Mateus foi escrito visando leitores judeus; e assim, desde o princípio, tais leitores deveriam ficar satisfeitos, porque os judeus sempre deram muita importância a esse tipo de registro e muito descobriram num registro que mostra a identidade e a autoridade do Messias.

### Informação Geral sobre a genealogia de Mateus:

Mateus apresenta Jesus como herdeiro legal do trono de Davi. A genealogia de Lucas expõe sua descendência sanguínea. A genealogia de Mateus é resumida, e alguns nomes foram omitidos de propósito. Abrange 42 gerações, num período de dois mil anos. Está dividida em três partes de catorze gerações cada, o que provavelmente foi feito com a ajuda da memória. O primeiro grupo, de Abraão ao rei Davi, abrange mil anos. O segundo grupo, do rei Davi ao exílio babilônico, abrange quatrocentos anos. O terceiro grupo, do exílio a Cristo, tem treze gerações, sendo que a 14ª obviamente inclui Maria, abrangendo seiscentos anos. O final de cada série de catorze gerações está ligado a alguma época crítica da história de Israel, as quais são: a *monarquia*, o *cativeiro* e o *Messias*. Disso pode-se deduzir que o autor não fez qualquer tentativa para apresentar uma cifra exata no número de ascendentes de Jesus, pois o uso de um número *fictício* era comum entre os judeus. Em Esdras 6, por exemplo (onde se vê uma genealogia com o mesmo número de lacunas), nada menos de seis gerações de sacerdotes são omitidas, como transparece pela comparação com I Crô. 6:3-15.

### II. A Genealogia de Jesus segundo Luc. 3:23-38

A questão da genealogia de Jesus, dada por Mateus e Lucas, especialmente porque contém algumas *vastíssimas* diferenças, tem deixado perplexos a muitos eruditos, desde o princípio da igreja primitiva. Muitas explanações complicadas e engenhosas têm sido expostas para explicar essas diferenças. Quanto a um sumário sobre essas idéias, o leitor deve consultar as notas dadas em Mat. 1:1 no NTI. De modo geral, dois métodos têm sido empregados para explicar as principais dificuldades:

## GENEALOGIA DE JESUS, O CRISTO

1. Lucas teria dado a genealogia de *Maria*, enquanto que Mateus fornece a de *José*. Essa explicação foi pela primeira vez proposta por Ânio de Viterbo, no ano de 1490, um erudito católico romano. Essa explicação foi aceita por Lutero, e também por muitos protestantes desde então; porém, não é de modo geral favorecida nem pelos eruditos católicos romanos e nem pelos eruditos protestantes atualmente. Quando muito, não passa de uma conjectura, que pode ser verdadeira ou não.

2. Jesus, *legalmente*, era filho de José, mas não descendente verdadeiro, mas mesmo assim poderia ser apropriadamente chamado de filho de José. A própria anotação de Lucas (vs. 23), «...como se cuidava...», em referência a Jesus como filho de José, confirma o ponto de vista que expomos acima, e pelo menos essa dificuldade é esclarecida.

Lucas 3:23: *Ora, ao começar o seu ministério, tinha cerca de trinta anos; sendo (como se cuidava) filho de José, filho de Eli;*

*O nascimento de Jesus.* Data. Lucas fornece uma estimativa geral da idade de Jesus, quando do princípio de seu ministério. Desviando-se dessa indicação, o monge romano, Dionísio Exiguus, do século VI D.C., ao preparar um calendário eclesiástico, calculou que Jesus teria nascido no ano 753 da fundação da cidade de Roma; mas outros cálculos poderiam ter sido apresentados, se ele tivesse baseado suas datas na informação de Luc. 2:1, onde se declara, por conclusão lógica, que tanto João Batista quanto Jesus nasceram antes da morte de Herodes, o Grande, isto é, antes de 4 A.C. As teorias modernas determinam a data do nascimento de Jesus em cerca de 6 A.C. Que Jesus contava com cerca de 30 anos de idade, quando do começo de seu ministério, parece assegurado pelo conhecimento de que isso teria sido uma idade natural, visto que era costume judaico, entre os levitas ou sacerdotes, dar início ao seu período de serviço com essa idade, ou, pelo menos, não antes disso. (Ver Núm. 4:3,47).

As principais diferenças nas genealogias dadas por Mateus e Lucas, são as seguintes:

1. Lucas enfileira *cinquenta e seis* nomes, retrocedendo até Abraão, em vez dos quarenta e dois nomes apresentados por Mateus.

2. Eli aparece como pai de José, em vez de Jacó (como diz Mateus).

3. Há *sete diferentes antepassados* imediatos de Zorobabel (vss 26 e 27), isto é, na comparação entre os nomes dados por Lucas e os nomes dados por Mateus.

4. Neri, em vez de Jeconias, aparece como pai de Salatiel (vs. 27).

5. A descendência até Jesus passa por *Natã* (vs. 31) em vez de fazê-lo por meio de Salomão, conforme diz Mateus.

6. Lucas faz retroceder a genealogia *até Adão*, passando por Abraão, ao passo que Mateus retrocede somente até Abraão. (Essa extensão foi provavelmente adicionada a fim de demonstrar a universalidade de Cristo, um dos propósitos de Lucas, ao escrever o seu evangelho).

O difícil segundo ponto é tentativamente explicado em Mat. 1:16. As outras questões podem ser explicadas pela teoria de que ambos os autores omitiram alguns nomes, sem fazer qualquer tentativa para apresentar listas absolutamente completas, mas tão-somente uma espécie de sumário da ascendência de Jesus. Aqueles que aceitam duas linhagens diferentes, *uma real* (de Mateus), e a outra *simples e humana* (ou sacerdotal, segundo alguns comentaristas, de Lucas), parecem ter boas razões, porquanto os

nomes contidos nas duas genealogias são bastante diferentes. Todavia, tudo isso são meras tentativas para explicar as diferenças, o que parece preferível a dizer que uma delas é a genealogia de José e que outra é a genealogia de Maria, embora alguns eruditos continuem defendendo essa opinião.

«*Filho de José, filho de Eli*». Mateus faz José ter por pai «*Jacó*», enquanto que Lucas diz que esse pai é *Eli*. (Quanto a uma possível explicação acerca dessa diferença, ver as notas em Mat. 1:16 no NTI).

Luc. 3:27: *Jodá de Joanã, Joanã de Resa, Resa de Zorobabel, Zorobabel de Salatiel, Salatiel de Neri. Problemas em Lucas vss. 27,31*

Os nomes dos indivíduos mencionados, de Eli a Zorobabel (Luc. 3:27) são desconhecidos, excetuando o fato de que aqui são mencionados. O restante da genealogia pode ser comparada ao trecho de Gên. 5:3-32. Nenhuma tentativa foi feita a fim de apresentar uma lista completa.

**Muitas famílias, especialmente famílias sacerdotais, conservavam extensas genealogias.** Josefo transcreve a sua própria linhagem, a partir do tempo dos Hasmoneanos (Macabeus), baseado nos registros dos tabeliães públicos (ver *Vida*, c.1). E também declara que não somente na Judéia, mas também em Alexandria, na Babilônia e em outras cidades, onde quer que os judeus se tivessem estabelecido, tais registros eram conservados, anotando os nascimentos e os casamentos de todos os elementos pertencentes ao sacerdócio, acrescentando que cópias eram enviadas a Jerusalém. Os registros evidentemente retrocediam nada menos de duzentos anos. Os membros da casa de Davi dificilmente ter-se-iam mostrado menos cuidadosos em preservar tais registros do que os indivíduos pertencentes à linhagem de Arão. Pela história aprendemos que Hilel, o famoso escriba dos tempos de Jesus, era conhecido como indivíduo pertencente à linhagem de Davi.

Nesta seção, os problemas são dois: 1. As diferenças entre os nomes e o número das pessoas que aparecem nas duas genealogias; e, 2. no vs. 27, Salatiel é chamado de filho de Neri, no evangelho de Lucas, enquanto que em Mateus seu pai aparece como Jeconias. A primeira dessas dificuldades é explicada (pelo menos se tenta dar uma explicação) nas notas sobre o v. 23 no NTI, último parágrafo, bem como nos comentários relativos a Mat. 1:1. Mas a segunda dessas dificuldades conta com certo número de métodos, que têm sido empregados para explicá-la, a saber:

1. Que Jeconias e Neri foram *a mesma pessoa*, e que ambos os apelativos se referem ao mesmo indivíduo. Naturalmente que isso é possível, mas parece que essa tentativa corta o nó, em vez de desatá-lo, porquanto descansa na mais pura suposição.

2. Outros têm pensado que o Salatiel das duas listas não é a mesma pessoa, e que, por isso mesmo, tiveram *pais diferentes*. Isso é ainda menos provável, entretanto.

3. No trecho de I Crô. 3:19, Zorobabel aparece como filho de Pedaías, irmão de Salatiel. A linguagem de Jer. 22:30 sugere o pensamento de que Jeconias faleceu sem deixar herdeiro. Dessa forma, a linhagem real teria expirado em Jeconias, e, subsequentemente, Salatiel, filho de Neri, representante da linhagem de Natã, *tomou o seu lugar* na linhagem da herança. Assim sendo, em certo sentido, Salatiel era filho de Jeconias, embora, no sentido literal, fosse filho de Neri. Isso parece ser uma explanação mais razoável, embora tenha de continuar sem o apoio de prova alguma.

## GENEALOGIA DE JESUS, O CRISTO

Luc. 3:31: *Eliachim de Meleá, Meleá de Mená, Mená de Matatá, Matatá de Natã, Natã de Davi,*

Essa seção nos leva de volta a Davi, e no versículo trigésimo primeiro chegamos a uma das principais divisões de *catorze* gerações por divisão, que Mateus apresenta em sua genealogia. O ponto prévio de convergência se dá em Salatiel e Zorobabel, o que ocorreu durante o período do cativeiro na Babilônia.

A grande dificuldade que avulta neste ponto particular é que Mateus declara que a linhagem de Cristo atravessa Salomão, ao passo que Lucas declara que o fez por intermédio de Natã. Abaixo expomos algumas das tentativas de reconciliação que têm sido apresentadas:

1. Aqueles que asseveram que as genealogias apresentam duas linhagens diferentes—uma por intermédio de Maria e outra por intermédio de José—não têm de enfrentar outro problema além daquele de sua opinião não ser aceita (e isso pela maioria dos estudiosos).

2. Assim sendo, poderíamos dizer que Salomão representa a linhagem real, e que Natã representa a linhagem sacerdotal, e que ambos foram ancestrais de Jesus Cristo.

3. Outros eruditos afirmam que a linhagem real expirou na pessoa de Jeconias, e que Salatiel, filho de Neri e representante da linhagem de Natã, é apresentado como um substituto. Contudo, isso não explicaria a omissão de Salomão, se a intenção de Lucas tivesse sido a de apresentar alguma linhagem real.

4. Parece melhor aceitarmos que encontramos aqui, simplesmente, o traçado de duas linhagens distintas, e não necessariamente uma de Maria e outra de José, mas tão-somente a linhagem real, que passou através de Salomão, e a outra humana ou sacerdotal, que passou através de Natã. Mas, uma vez mais, *nada podemos asseverar com certeza.*

Lucas 3:32-34a. *De Davi a Abraão.*

Neste particular concordam as listas apresentadas por Mateus e por Lucas, porquanto ambas nos levam até Fares, acerca de quem se lê na passagem de Rute 4:18-22. Nada existe de especial para observarmos nesta seção do evangelho de Lucas, mas na seção paralela do evangelho de Mateus, quatro mulheres têm seus nomes incluídos na genealogia de Jesus. (Quanto a notas sobre a importância desse fato, ver as notas em Mat. 1:2-6 no NTI).

Lucas 3:33-38. *De Abraão a Adão.*

Somente Lucas tem este texto. Alicerça-se nos trechos de Gên. 11:12-26 e 5:7-32, conforme aparecem na versão da LXX, pelo que encontramos o nome *Canaã*, no vs. 36, nome esse que não figura nos manuscritos hebraicos que sobreviveram até nós. Alguns estudiosos acreditam que a LXX está

equivocada ao fazer tal inclusão; mas outros crêem que o texto da LXX, neste caso particular, é preferível aos textos hebraicos existentes, e é bem provável que essa seja a verdade da questão. Os *mss* hebraicos existentes dizem «Selá» neste ponto, — em vez de «Canaã».

Esta porção da genealogia de Jesus mui provavelmente foi acrescentada por Lucas por *diversos motivos*, os quais são:

1. Lucas desejava salientar o caráter *universal* de Jesus Cristo. Ele aparece como filho de Adão, ou seja, filho do homem, salvador universal, e não meramente filho de Abraão, isto é, Messias judaico.

2. Jesus aparece assim como que um *segundo progenitor* da raça humana—o progenitor espiritual. Isso também é enfatizado por Paulo, no trecho do quinto capítulo da epístola aos Romanos.

3. Em sentido todo especial, Adão e Jesus, embora não da mesma maneira, eram *filhos de Deus*. Dessa forma, temos aqui uma alusão à filiação *sem-par* de Jesus Cristo. Mas, afinal de contas, até mesmo a origem terrena de Jesus, como de resto a de todos os homens, é divina, porquanto Deus é quem criou o homem no princípio. É por essa razão que nas Escrituras o homem não é apresentado como parte integrante do reino animal, mas, em sentido todo especial, filho de Deus, embora não no sentido exato em que Jesus é o Filho de Deus.

Pelo exposto, verifica-se que a redenção do homem é questão extremamente importante, porquanto, na pessoa de Jesus Cristo, todos os homens têm o privilégio de serem restaurados à posição de filiação especial. De fato, a mensagem do evangelho envolve a redenção total, de tal maneira que o homem 'passará, finalmente, a ser transformado segundo a imagem e a essência da natureza de Cristo, e dessa forma é que Deus conduzirá muitos filhos à glória, por intermédio de Cristo.

Ora, ao fazer retroceder a linhagem de Jesus Cristo até Deus, e não meramente até Adão, Lucas ensina uma doutrina mais elevada do que meramente a de afirmar o direito de Jesus ao trono de Davi e às suas reivindicações messiânicas, por ser ele descendente físico de Davi. Mas Lucas permite que os *raios da filiação divina* transpareçam nessa genealogia, ficando ultrapassados os raios da filiação *adâmica*. Quando o sol começa a brilhar, a lua não parece dar grande luz. Lucas, assim sendo, fez o sol brilhar; e isso porque visava o benefício da humanidade inteira. A filiação de Jesus a Davi é uma notável realidade, mas torna-se tão-somente como a luz da lua, eclipsada pela luz intensamente brilhante do sol, ao percebermos que Jesus Cristo, e, subsequentemente, todos os indivíduos que nele confiam, são filhos de Deus.



# GENEALOGIA DE JESUS, O CRISTO

## AS GENEALOGIAS DE MATEUS E LUCAS GRÁFICO COMPARATIVO

| <i>Mateus</i>   | <i>Ambos</i> | <i>Lucas</i>          | <i>Mateus</i>   | <i>Ambos</i>                           | <i>Lucas</i>  |
|-----------------|--------------|-----------------------|-----------------|----------------------------------------|---------------|
|                 |              | 1. Adão               | 21. Ozias       |                                        | 40. José (73) |
|                 |              | 2. Sete               | 22. Joatão      |                                        | 41. Judá      |
|                 |              | 3. Enos               | 23. Acaz        |                                        | 42. Simeão    |
|                 |              | 4. Cainá              | 24. Ezequias    |                                        | 43. Levi      |
|                 |              | 5. Maleleel           | 25. Manassés    |                                        | 44. Matate    |
|                 |              | 6. Jaredé             | 26. Amom        |                                        | 45. Jorim     |
|                 |              | 7. Enoque             | 27. Josias      |                                        | 46. Eliézer   |
|                 |              | 8. Matusalém          | Jeoacaz         |                                        |               |
|                 |              | 9. Lameque            | Jeoaquim        |                                        |               |
|                 |              | 10. Noé               | <i>omitidos</i> |                                        |               |
|                 |              | 11. Sem               | 28. Jeconias    |                                        | 47. Josué     |
|                 |              | 12. Arfaxade<br>Cainã | Jeioaquim       |                                        |               |
|                 |              | 13. Salá              | Zedequias       |                                        |               |
|                 |              | 14. Eber              | <i>omitidos</i> |                                        |               |
|                 |              | 15. Faleque           |                 |                                        | 48. Er        |
|                 |              | 16. Ragaú             |                 |                                        | 49. Elmodã    |
|                 |              | 17. Seruque           |                 |                                        | 50. Cosão     |
|                 |              | 18. Naor              |                 |                                        | 51. Adi       |
|                 |              | 19. Tará              |                 |                                        | 52. Melqui    |
|                 |              |                       |                 |                                        | 53. Neri      |
|                 | 1. Abraão    |                       |                 | 29. Salatiel (54)                      |               |
|                 | 2. Isaque    |                       |                 | 30. Zorobabel (55)                     |               |
|                 | 3. Jacó      |                       | 31. Abiúde      |                                        | Resa          |
|                 | 4. Judá      |                       | 32. Eliaquim    |                                        | 56. Joanã     |
|                 | 5. Farés     |                       | 33. Azor        |                                        | 57. Jodá      |
|                 | 6. Esrom     |                       | 34. Sadoque     |                                        | 58. Joseque   |
|                 | 7. Arão      |                       | 35. Aquim       |                                        | 59. Semei     |
|                 | 8. Aminadabe |                       | 36. Eliúde      |                                        | 60. Matatias  |
|                 | 9. Nasom     |                       | 37. Eleazar     |                                        | 61. Maate     |
|                 | 10. Salmom   |                       |                 |                                        | 62. Nagai     |
|                 | 11. Boaz     |                       |                 |                                        | 63. Esli      |
|                 | 12. Obede    |                       |                 |                                        | 64. Naum      |
|                 | 13. Jessé    |                       |                 |                                        | 65. Amós      |
|                 | 14. Davi     |                       |                 |                                        | 66. Matatias  |
| 15. Salomão     |              | 34. Natã              |                 |                                        | 67. José      |
| 16. Roboão      |              | 35. Matatã            |                 |                                        | 68. Janai     |
| 17. Abias       |              | 36. Mená              |                 |                                        | 69. Melqui    |
| 18. Asafe       |              | 37. Meleá             |                 |                                        | 70. Levi      |
| 19. Josafá      |              | 38. Eliaquim          | 38. Matá        | 38. Matate (71)                        | 71. Matate    |
| 20. Jorão       |              | 39. Joná              |                 | (Matá e Matate po-<br>dem ser o mesmo) |               |
| Acazias         |              |                       |                 |                                        | 72. Eli       |
| Joás            |              |                       | 39. Jacó        | 40. José                               |               |
| Amazias         |              |                       |                 | 41. Jesus                              |               |
| <i>omitidos</i> |              |                       |                 |                                        |               |

### GENEALOGIAS (I Tim. 1:4)

«...genealogias sem-fim...» As palavras «...sem-fim...» podem qualificar tanto as «fábulas» como as «genealogias». Mas, mesmo que qualifiquem apenas *genealogias*, o fato é que o autor sagrado demonstra ter pouca paciência com os refinamentos dos hereges. Sentia ele que aquelas doutrinas tinham a extravagância de uma capoeira de rato. A palavra grega aqui traduzida por *genealogias*, fala sobre o traçado da linhagem de ancestrais (em forma verbal, «genealogeo», que significa «traçar a linhagem», em Heb. 7:6), sendo usada somente aqui e em Tito 3:9.

1. Poderia indicar um interesse obsessivo pelas genealogias, por razões de auto-exaltação, através de «linhagens significativas», ou por razões religiosas. Os mórmons de nossos dias dão excessiva importância às genealogias, simplesmente porque praticam o «batiz-

mo pelos mortos», sendo importante para eles batizarem tantos parentes falecidos quanto lhes for possível; e isso requer o conhecimento de genealogias. Em Salt Lake City, no estado de Utah, nos Estados Unidos da América do Norte, possuem os mais completos registros genealógicos do mundo, guardados em uma caverna artificial escavada nas Montanhas Rochosas, de tal modo fortes que somente um impacto direto de bomba atômica poderia destruí-los. É possível que os gnósticos também tivessem alguma crença ou prática religiosa que conferia excessiva importância às genealogias.

2. Também é possível que o autor sagrado esteja aludindo à interpretação *alegórica* das narrativas do A.T. Filo e outros escritores judeus assim interpretavam esses registros, sendo possível que diversas fábulas se tenham vinculado a essa prática. É possível



## GENERAL — GÊNESIS

que isso fizesse parte das inquirições intelectuais dos gnósticos, como suplemento.

3. Outros estudiosos supõem estar em foco alguma espécie de orgulho «judaico», nos registros apropriados das linhagens ancestrais. Talvez usassem desse artifício para fomentar seu orgulho racial e seu exclusivismo. Mas tal interpretação não é muito provável, considerando que é quase certo que os hereges eram gnósticos e gentios, ainda que tivessem adotado algumas formas judaicas.

4. Outros eruditos, pensando que esta reprimenda se volta puramente contra as doutrinas gnósticas distintivas, supõem que essas *genealogias* são as especulações em que se ocupavam, com gradações intermináveis de «aeons», ou emanações angelicais de Deus. Acerca disso os gnósticos também podem ter criado vários mitos, acerca de quem seriam e do que fariam esses «aeons». Irineu (*Haer. Praef.* I) e Tertuliano (*Adv. Valentini; de Praescript.* 33) dão apoio a esta quarta posição, já que eles mesmos tinham estado ocupados em similares especulações, entre os gnósticos. Ver sobre *Gnosticismo*.

*Sem fim.* Isto é, sem objetivo, inútil, sem alvo, de demora entediante, investigações intermináveis sem conclusões proveitosas.

### GENERAL

Segundo o uso moderno, esse vocábulo refere-se à mais alta patente militar de um exército, ainda que, em alguns países, haja uma patente ainda mais elevada, a de marechal, como é o caso do Brasil. Em algumas traduções da Bíblia, o termo é usado, nas páginas do Antigo Testamento, para indicar elevados oficiais militares. Mas há traduções alternativas, como príncipe, chefe, comandante, etc. Ver I Crô. 27:34; Gên. 12:15; Apo. 6:15; Atos 25:23. Talvez o cargo militar mais próximo do generalato que encontramos, nas páginas do Antigo Testamento, seja o caso de Joabe, que comandou, com notável perícia, as operações militares de Davi. Ver o artigo separado sobre ele. Ver o artigo sobre *Exército*.

### GÊNERO

1. *A Palavra.* Vem do termo grego *genos*, que significa «raça», «prole». Mas, na lógica, o termo passou a indicar «espécie» ou «classe».

2. Na lógica aristotélica, a palavra traz consigo um sentido lato e abrangente, designando toda uma classe ou espécie. As subclasses são então chamadas espécies. Na filosofia, nenhum desses termos tem qualquer coisa a ver com os estritos padrões biológicos.

3. As definições são constituídas de acordo com o *gênero* e a *diferença específica*. Cada espécie terá algo que a diferencia de outras espécies do mesmo gênero. Assim, esse modo de classificação é útil.

4. O vocábulo *ser* pode significar o conceito inteiro de gênero e como tal, não é passível de definição.

5. Os princípios de classificação, conforme foram sugeridos acima, são apenas convencionais e úteis, e não verdadeiros reflexos das complexidades apresentadas pela natureza.

**GENEROSIDADE** Ver *Liberalidade* e *Generosidade*

### GENESARÉ

Palavra hebraica que significa «jardim das riquezas». A primeira menção de tal nome aparece em I Macabeus 11:67. Os Targuns judaicos identificam o

nome com a designação mais antiga, *Quinerete* (vide). Ver Deu. 3:17 e Jos. 19:35, onde esse nome mais antigo aparece na Bíblia.

1. O nome Genesaré aplica-se ao *distrito* da Galiléia, nas margens ocidentais do lago da Galiléia. Essa região foi visitada por Jesus, a caminho de Cafarnaum (ver Mat. 14:34).

2. O mar ou lago da Galiléia também é chamado por esse nome, em Lucas 5:1. Ver o artigo separado sobre *Galiléia, Mar da*.

3. Uma cidade, localizada nas margens ocidentais do lago da Galiléia, também tinha esse nome. Ver Jos. 19:35.

*Descrição da Campina de Genesaré.* Essa é uma pequena planície que há às margens ocidentais do lago da Galiléia, entre Cafarnaum e Magdala. Tem cerca de seis quilômetros de comprimento, na direção norte-sul, ao longo do lago, com a largura máxima de três quilômetros. Vai-se elevando lentamente a partir do lago, que fica a 198 m abaixo do nível do mar Mediterrâneo. Nos dias de Jesus, de acordo com as descrições que encontramos nos escritos de Josefo (*Guerras* 3:10, 8), a região era muito fértil e de rara beleza. O clima variava do quente ao temperado. Contava com muita arborização, flores e várias colheitas, como a das uvas, dos figos, das azeitonas, do arroz, do trigo, de melões e de legumes. Os rabinos chamavam a região de «jardim de Deus».

### GENESARÉ, LAGO DE

Ver dois artigos separados, a saber, *Genesaré e Galiléia, Mar da*. Lago de Genesaré é um nome alternativo para o mar ou lago da Galiléia. Ver Luc. 5:1.

### GÊNESIS

*Gênesis.* O livro de Gênesis constitui a primeira seção da Torá ou Livro da Lei. Em Hebreu este livro é chamado *Bereshith*, (no começo), vocábulo derivado das palavras iniciais do livro. O nome português originou-se da Septuaginta (grego *gênesis*), por intermédio da Vulgata Latina. Em conformidade com o conteúdo do livro, o vocábulo «gênesis» significa «começo»

Há um número de problemas que se relacionam com o Livro de Gênesis que são tratados em artigos separados. Estes artigos, além de examinar os problemas, acrescentam muitas informações sobre os assuntos do livro. Talvez a maior dificuldade do livro seja a *historicidade* dos acontecimentos narrados, antes do tempo de Abraão. Ver *Cosmogonia, Cosmologia, Criação, Antediluvianos, Dilúvio, Eden, Cronologia e Adão*.

- I. Importância do Livro
- II. Composição
- III. Conteúdo
- IV. Teologia
- V. Descobertas Arqueológicas
- VI. Considerações Finais

#### I. Importância do Livro

A importância do livro de Gênesis tem sido acentuada do ponto de vista de três aspectos principais: teológico, literário e histórico.

1. **Teológico.** O livro de Gênesis contém grande teologia e deve ser considerado como o «começo de toda teologia». Os principais conceitos de Deus como um ser supremo, onipotente, e extremamente sábio,

são introduzidos neste livro. Gênesis oferece também um tratamento teológico às questões da origem do mundo, origem do homem, origem do pecado, e aos problemas da queda do homem do estado de graça, do plano de redenção, do julgamento e da providência divina. O livro narra como um remanescente da raça humana foi providencialmente poupado e preparado de maneira tal a permitir o crescimento do plano de redenção, sob a direção do Pai, para toda a humanidade.

**2. Literário.** O livro de Gênesis é considerado uma das grandes obras literárias de todas as épocas. Seu autor descreve as atividades de Deus como guia da criação e da história de maneira vigorosa. Os contos individuais, verdadeiras obras-primas de narrativas interessantes e intensas, são entrelaçados inteligentemente, não prejudicando assim a unidade do tema. O livro segue um plano lógico e em geral evita detalhes desnecessários. Seus personagens são apresentados não como figuras mitológicas mas como seres humanos reais, passíveis de faltas e de virtudes. Quem escreveu Gênesis observou a vida de duas perspectivas: exterior e interior. Do lado exterior ele considerou as coisas materiais; do lado interior ele considerou os desejos, as ambições, as alegrias, as tristezas, o amor e o ódio. — Os assuntos tratados no livro incorporam uma rara combinação do simples com o complexo. Temas vitais para o homem envolvendo suas mais profundas necessidades e aspirações, são tratados de maneira extremamente simples, quase infantil. Este fato é importante no sentido de que a mensagem do livro pode ser captada até mesmo pelos menos instruídos.

A importância literária desse livro é ainda ressaltada pelas frequentes referências feitas a ele nos outros livros das Escrituras. Segundo afirmam alguns, Gênesis é o alicerce mesmo dos outros livros do Pentateuco.

**3. Histórico.** Como história, os primeiros capítulos de Gênesis ilustram somente o *status* da cosmologia hebraica daquela época. Do capítulo 12 em diante, por outro lado, o caráter histórico do livro é fortalecido. A autenticidade da história patriarcal e do autor é evidente nesses capítulos. Nem as falhas na história de Abraão, nem os pecados crassos dos filhos de Jacó (dentre os quais os pecados de Levi, o progenitor da raça sacerdotal), foram ocultados.

O mesmo autor cujos princípios morais são tão censurados pelos antagonistas de Gênesis, com relação ao relato sobre a vida de Jacó, produz na história de Abraão, uma figura de grandeza moral que somente poderia ter-se originado em fatos reais.

A fidelidade do autor se manifesta principalmente 1. na descrição da expedição dos reis da Alta Ásia para a Ásia Ocidental; 2. nos relatos a respeito da pessoa de Melquisedeque (Gên. 14); 3. na descrição dos detalhes circunstanciais envolvidos na compra de um cemitério hereditário (Gên. 23); 4. na genealogia das tribos árabes (Gên. 25); 5. na genealogia de Edom (Gên. 36); 6. e nos impressionantes detalhes que são entretecidos com as narrativas gerais. Na história de José a história patriarcal entra em contato com o Egito; e quanto as narrativas fornecidas pelos escritores clássicos antigos, bem como os monumentos do Egito, acrescentam esplêndidas confirmações. Por exemplo, o relato apresentado em Gên. 47:13-26 descrevendo como os Faraós se tornaram proprietários de todas as terras, exceto aquelas pertencentes aos sacerdotes, é confirmado pelos escritos de Heródoto (II.109), e de Diodoro Siculus (I.73). O método de embalsamamento descrito em Gênesis 1 concorda inteiramente com a descrição de Heródoto (II.84).

Submetendo-se o livro de Gênesis a um exame minucioso, outros dados similares podem ser encontrados. Do ponto de vista crítico, Gênesis é considerado uma fonte primária da história antiga.

## II. Composição

A unidade de composição não só do livro de Gênesis, mas de todos os livros do Pentateuco, tem sido um tema controversal entre os críticos. O caso de Gênesis tem sido particularmente investigado, e como a questão da unidade do livro está intimamente relacionada com o problema de autoria, apresentaremos a seguir, duas linhas principais de pensamento sobre o assunto: 1. o ponto de vista conservativo, 2. o ponto de vista crítico.

**1. Ponto de Vista Conservativo.** A teoria conservativa reivindica que o livro de Gênesis foi recebido por Moisés como revelação direta de Deus, pois Moisés evidentemente tinha contatos imediatos com Deus. Defendendo a teoria da autoria mosaica os conservativos oferecem os seguintes argumentos:

a. Considerando as evidências internas que provam que Moisés escreveu pelo menos algumas porções dos livros do Pentateuco, parece plausível assumir que ele tenha escrito a obra inteira, inclusive Gênesis.

b. A matéria tratada de Exodo a Deuteronômio exige uma subestrutura como Gênesis. Sentindo essa necessidade, Moisés talvez tenha usado o material disponível da época e feito uma compilação dessa matéria na forma de tradição antiga.

c. Passagens como João 5:46 e ss, em que Jesus se refere aos «escritos de Moisés», podem ser interpretadas como escritos meramente atribuídos a Moisés. Por outro lado, essas passagens podem igualmente serem interpretadas como pronunciamentos da autoria mosaica desses escritos.

d. A *Comissão Bíblica da Igreja Católica* sugere que embora Moisés seja o autor do *Pentateuco*, talvez ele tenha empregado pessoas para trabalhar sob sua direção como compiladoras. Esta seria uma maneira de explicar as diferenças estilísticas do livro.

**2. Ponto de Vista Crítico.** Empregando o método de análise do texto os críticos modernos afirmam que existem pelo menos três fontes distintas que serviram de base para o livro de Gênesis: P, E, e J. Alguns fanáticos no estudo das fontes literárias têm fragmentado essas fontes em subfontes, contudo, como essas subdivisões não os têm conduzido a nenhuma conclusão importante, nos limitaremos ao tratamento das três fontes citadas acima, as quais foram provavelmente baseadas no tradicional. A *fonte P(S)*, de caráter basicamente formal e estatístico, relata o tipo de material que os *sacerdotes* cultivavam, como por exemplo, Levítico 1—16. Contudo, momentos de grandeza são também encontrados nesta fonte, a saber, Gênesis 1. *P* é a fonte mais recente das três, pertencendo provavelmente ao período entre os séculos quinto ou sexto A.C.

A *fonte E*, e a *fonte J* se distinguem principalmente pelo emprego respectivamente dos nomes Eloim e Jeová para Deus. Além desta diferença o documento *E* se apresenta intimamente inter-relacionado em suas partes, formando assim, um todo sólido. O documento *J* por outro lado, não apresenta essa mesma solidez, mas é de natureza meramente complementar, fornecendo detalhes nos pontos em que *E* se torna abrupto e deficiente. A *fonte E* pertence provavelmente ao século VIII A.C.; e a *fonte J* ao século IX A.C. Ver o artigo separado sobre a teoria *J E D P(S)*. Ver também sobre o *Pentateuco*.

Os críticos modernos reivindicam que essas fontes foram subsequentemente combinadas pela mão de

## GÊNESIS

um autor final cujo nome é desconhecido. Os antagonistas do ponto de vista crítico mantêm que Gênesis foi escrito por um único autor, e que o uso de dois nomes diferentes para Deus não deve ser atribuído à origem do livro em duas fontes distintas, mas aos diferentes significados desses nomes. Talvez essa observação seja plausível com referência aos nomes de Deus, todavia, as diferenças de estilo e vocabulário que claramente distinguem porções do livro de Gênesis ainda permanecerão misteriosas se essa explicação for aceita.

**Data e Lugar.** Os estudiosos que aceitam a autoria mosaica do livro de Gênesis são compelidos a explicar algumas passagens da obra como notas de rodapé adicionadas posteriormente pelos copistas.—(Exemplos: 12:6; 13:7; 14:17 e partes de 36:9-43). O lugar de origem do livro sugerido por eles é a península Sinaitica. Os críticos que não reivindicam autoria mosaica oferecem datas tentativas somente para as fontes individuais, como mencionadas anteriormente. Quanto à cópia final, só se sabe que foi compilada depois do Exílio, afirmam eles. O local da compilação é desconhecido.

### III. Conteúdo

O livro de Gênesis pode ser esboçado de várias maneiras:

1. **Esboço Histórico.** Este é o esboço mais geral e popular, — que divide o livro em duas partes principais.

a. **História Primordial.** Capítulos de 1 a 12. Estes capítulos tratam de assuntos de natureza universal, tais como a origem da terra e a origem da raça humana.

b. **História Patriarcal.** Capítulos de 12 a 50. Estes capítulos relatam a história dos antepassados de Israel. Cerca de dez histórias são apresentadas no livro (2:4; 5:1; 6:9; 10:1; 11:10,27; 25:12,19; 36:1; 37:1), dentre as quais algumas ocupam-se com personagens importantes, a saber, Tera, Isaque, Jacó e José. Algumas histórias tratam de importantes categorias tais como terra e céu, ou os filhos de Adão e os filhos de Noé; outras tratam de personagens como Ismael e Esaú. Apesar de não oferecer um tratamento profundo sobre dificuldades sugeridas pelo texto, esse esboço é eficaz, pois enfatiza a direção de Deus da história da humanidade e mostra como ele usou diversas pessoas para cumprir seus propósitos finais.

2. **Esboço Temático.** Esse esboço divide o livro em quatro assuntos principais:

1. Livro do Princípio (1—11)
2. Livro da Fé (12—25)
3. Livro da Luta (26—35)
4. Livro da Direção (36—50)

### 3. Esboço Detalhado do Conteúdo:

#### A. História da Criação (1:1—2:3)

1. Criação do céu e da terra (1:1—1:22)
2. Criação dos seres viventes (1:24—2:3)

#### B. História Humana (2:4—9:26)

1. Criação do homem (2:4—2:17)
2. Criação da mulher (2:18—2:25)
3. Queda do homem (3:1—25)
4. Multiplicação da raça humana: Caim e Abel (4:1-7)
5. O primeiro homicídio (4:8-26)
6. A genealogia de Sete (5:1—32)
7. A corrupção geral do gênero humano (6:1-12)
8. A pena do dilúvio (6:9—8:22)
9. O pacto que Deus fez com Noé (9:1-29)
10. Os descendentes de Noé (10:1-32)
11. Língua universal (11:1-6)

#### 12. A confusão das línguas (11:7-32)

#### C. História dos Patriarcas: A escolha de Abraão, Isaque, Jacó, e Judá

1. Abraão entra na Terra Prometida (11:27-14:24)
2. Pacto e promessa de um filho (15:1-18:16)
3. Anunciada a destruição de Sodoma e Gomorra (18:17-19:23)
4. Destruição de Sodoma e Gomorra (19:24-19:28)
5. Sara, Isaque e Ismael (20:1-23:20)

#### D. Isaque

1. Isaque e Rebeca se casam (24:1-67)
2. Morte de seu pai e nascimento de seus filhos (25:1-34)
3. Isaque vai a Gerar: Renovação da Promessa (26:1-35)

#### E. Jacó

1. Trapaceia o irmão e obtém as bênçãos (27:1-46)
2. Foge para Arã e renova a promessa em Betel (28:1-22)
3. Os casamentos de Jacó em Arã (29:1-31)
4. O nascimento de seus filhos (29:31—30:26)
5. Labão faz novo Pacto com Jacó (30:27-43)
6. Retorno de Jacó para a Terra Prometida (31:1-34:31)

7. Renovação da Promessa em Betel (35:1-29)
8. Os descendentes de Esaú (36:1-43)

#### F. Judá e José

1. José é vendido por seus irmãos (37:1-36)
2. Judá e Tamar (38:1-30)
3. José na casa de Potifar (39:1-23)
4. José na prisão (40:1-23)
5. José interpreta os sonhos do Faraó (41:1-37)
6. José como governador do Egito (41:37-57)
7. Os irmãos de José vão ao Egito: primeira vez (42:1-38)
8. Os irmãos de José retornam ao Egito (43:1-34)
9. Os irmãos e pai de José no Egito (44:1-47:31)
10. Jacó abençoa seus filhos (48:1—49:28)
11. Morte de Jacó e José (49:29—50:26)

## IV. Teologia

De certo modo o livro de Gênesis constitui a primeira filosofia da história, embora não se baseie em argumentos mas em convicção. Não há no livro todo, nenhuma tentativa de provar que Deus existe, ou que realmente agiu tal qual o autor relata. Alguns pontos de vista importantes a respeito da doutrina de Deus emergem deste livro, a saber:

1. **Deus é o único e supremo monarca do universo e de seu povo.** O livro mantém um monoteísmo latente, preparando o alicerce para declarações tais como a de Deuteronômio 6:4.

2. **Deus é onipotente.** Através de sua poderosa palavra ele pode criar o que bem desejar.

3. **Deus é onisciente.** — Ele soube o local do esconderijo de Adão e Eva no jardim, bem como o fato de que Sara riu secretamente dentro da tenda. Ele está também presente longe da casa ancestral, como Jacó surpreendentemente descobre em Gênesis 28:16.

4. **Deus é extremamente sábio.** Ele criou um universo integrado, no qual todas as coisas demonstram perfeita eficiência segundo o uso e o propósito designados.

5. **Deus tem profunda misericórdia e amor por sua criação.** Isto é evidente principalmente no que se refere ao homem, obra-prima de sua criação. Ele não só criou o homem mas providenciou-lhe tudo que precisava para sua sobrevivência. O homem caiu do estado de graça, mas Deus providenciou um plano de

redenção; guiou e protegeu o caminho dos patriarcas para que esse plano fosse cumprido.

5. *Deus se revelou a seu povo.* Às vezes num sonho, (31:11), outras vezes através de um misterioso agente, «o anjo do Senhor» (31:11).

Este livro oferece também uma clara noção da natureza do homem:

1. O homem é uma criatura dotada de parte material e imaterial.

2. O homem é dotado de livre-arbítrio: pode dizer «sim» ou «não» à tentação.

3. O homem foi criado como um ser superior, obra-prima de Deus, livre de qualquer mancha. Mas aí! O homem caiu do estado de graça. A história da queda por sua vez, embora soe estranha para muitos ouvidos modernos, ainda é objeto de estudo em ética e em religião. O autor de Gênesis tinha observado que um grande desastre poderia emergir de uma desobediência aparentemente *trivial*.

4. O homem será restaurado: os dois elementos básicos para a redenção são: graça da parte de Deus e fé da parte do homem. Gênesis 15:16 declara claramente que Abraão creu nas promessas do Senhor, «E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça». Esta passagem figura proeminentemente no desenvolvimento da teologia de Paulo (Rom. 4:3,9,22,23).

#### V. Descobertas Arqueológicas:

Descobertas arqueológicas modernas têm desvendado o mundo de Gênesis. Civilizações nos arredores da Palestina estão sendo descobertas com todas suas riquezas e variedades. A existência de povos tais como os Horitas e os Hurrianos (até recentemente apenas nomes) tem sido confirmada. A civilização dos Amoritas, enterrada por muitos séculos, está se emergindo lentamente. Atualmente pode-se afirmar que os Hititas foram poderosos conquistadores que influenciaram o curso da história no passado.

Temas tais como Criação, Paraíso, e Dilúvio são encontrados também em muitas mitologias do mundo. Tabletes de barro encontrados na Mesopotâmia contêm muitos mitos cujos temas e detalhes são encontrados também no livro de Gênesis.

Na história da criação há algumas semelhanças entre os registros hebraicos e babilônicos: 1. Ambas as histórias registram um caos antigo. Até mesmo o nome para esse caos é semelhante em cada língua. 2. Segundo os dois relatos, houve luz antes dos astros serem criados. 3. Há paralelismo também nas crônicas do Dilúvio: Os deuses mandaram a inundação mas salvaram um homem que construiu um navio para se abrigar da tempestade. O homem testa o término da catástrofe soltando pássaros, e oferece sacrifícios quando tudo está terminado.

Há também algumas diferenças drásticas entre as narrativas hebraicas e as babilônicas:

1. A história hebraica mantém um monoteísmo latente; os outros relatos são de natureza politeísta.

2. Os princípios morais registrados na história hebraica são extremamente mais altos que os das outras civilizações.

Achados espetaculares na cidade de Ur dos Caldeus são de grande importância para o conhecimento da história da civilização, todavia de menos relevância direta para as narrativas bíblicas. É mister observar que num local não muito distante de Ur, os escavadores encontraram evidência de uma inundação de comparável tamanho. Porém, dizem os críticos, isso não prova a historicidade de Gênesis 6-8, pois tem sido provado que muitas vezes na história, diferentes áreas da Mesopotâmia foram inundadas.

O mundo cultural dos patriarcas tem sido iluminado pelos achados do segundo milênio A.C. em Nazu (perto da moderna Kirkuk). Foram encontrados nessa localidade inúmeros documentos que ilustram detalhadamente muitos costumes patriarcais. Por exemplo, quando a estéril Sara deu à Abraão uma escrava, Hagar, para que concebesse filhos, ela estava fazendo exatamente a mesma coisa que as mulheres de Nazu faziam. A única diferença era o fato de que as últimas eram proibidas de maltratar a escrava. O ato da venda dos direitos de primogenitura feito por Esaú, bem como os problemas de Jacó na obtenção da esposa de sua escolha são entendidos com mais clareza através desses tabletes (Nazu tabletes). Unger afirma que «o grande serviço que a pesquisa arqueológica está desenvolvendo no período mais antigo da história bíblica demonstra que o quadro dos patriarcas apresentado em Gênesis se ajusta perfeitamente ao estilo de vida da época». (Unger, *Archaeology and the Old Testament*, p. 120).

#### VI. Considerações Finais.

O presente artigo referiu-se a alguns problemas peculiares do livro de Gênesis, tais como autoria e historicidade. Essas questões têm sido objeto de controvérsia entre os eruditos, todavia, nenhum tema tem sido tão controverso no livro como o tema da criação. Há um estridente conflito entre o ponto de vista da ciência moderna e o relato desse livro sobre as origens do mundo.

*Bibliografia:* ALB ANET AM BA E I IB IOT LEU WES YÖ Z

#### GENESIUS, FRIEDRICH HEINRICH WILHELM

Suas datas foram 1786-1842. Foi orientalista, crítico da Bíblia e gramático do hebraico. Nasceu na Alemanha, em Nordhausen, Hanover. Foi professor de teologia da Universidade de Halle. Foi tanto um mestre popular quanto um pesquisador pioneiro. Estabeleceu o estudo científico das línguas semíticas, especialmente do hebraico. Sua abordagem científica também foi aplicada ao estudo geral do Antigo Testamento. Sua gramática e seu léxico hebraicos têm passado por muitas edições, tendo sido usados pelo mundo inteiro, com tradução para vários idiomas.

#### GENÉTICA

Esse vocábulo vem do grego, *genesis*, «origem». Filosoficamente falando, essa palavra denota a investigação quanto às origens. Assim, temos o método de genética histórica, de Herder; a psicologia genética, de Ward; e a epistemologia genética, de Piaget. Ver o artigo separado sobre a *Falácia Genética*, que consiste no equívoco de supor que os estágios finais de um processo qualquer podem ser avaliados estritamente em termos de seus primeiros estágios.

Em português, a palavra «genética» também indica uma ciência que, atualmente, vem-se desenvolvendo rapidamente, e que tem suscitado várias questões éticas. Houve tempo em que as pessoas assumiam certa atitude fatalista quanto aos genes, porquanto pensavam que nada se pode fazer para alterar aquilo que alguém está destinado a ser e fazer, por causa de sua herança genética. Porém, os estudos científicos com os genes, os cromossomos e as variações genéticas têm possibilitado modificações em resultados antes supostamente inevitáveis. Em certas áreas das atividades humanas, isso tem criado problemas éticos.

Os genes guiam o desenvolvimento dos organismos

## GENÉTICA — GENOCÍDIO

animais determinando como os aminoácidos são reunidos para formar as proteínas. Algumas dessas proteínas são enzimas que regulam as reações químicas; mas as chamadas mutações, algumas vezes, causam enzimas defeituosas. Na média, cada pessoa transporta consigo cinco genes prejudiciais. Se uma pessoa deriva de seus pais os mesmos genes defeituosos, isso pode resultar em um desastre biológico. Os genes determinam mil e oitocentas características já identificadas. Cerca de cento e cinquenta desses genes podem causar severo retardamento mental; e os cientistas acreditam que o comportamento humano, e não somente as características físicas, pode ser causado pelo genes do indivíduo. Isso abre todo um novo capítulo para o estudo dos problemas éticos.

A dieta correta e a administração de hormônios ou de genes ausentes podem fazer uma boa diferença em um indivíduo que, de outro modo, ficaria defeituoso. Em alguns casos, as enzimas podem ser supridas por injeções ou por órgãos transplantados. Os cientistas estão trabalhando no campo da adição de genes, utilizando-se de vírus transportadores. Mediante esse método, talvez possam ser corrigidos certos defeitos genéticos.

Há várias áreas relacionadas à manipulação dos genes, bem como questões relativas à herança genética pontilhadas de problemas éticos, a saber:

1. *Limitação de filhos.* Algumas vezes, é preferível que as pessoas não se reproduzam, por causa de seus genes defeituosos, embora seja difícil convencê-las disso. Além disso, todos os métodos de limitação do número de filhos deixam as pessoas revoltadas, mesmo quando é prudente não produzir filhos que corram um alto risco de nascerem com defeitos físicos ou mentais sérios. Tudo isso está envolvido nos métodos de controle de nascimentos. Ver o artigo separado sobre *Controle da Natalidade*.

2. Problema ainda mais sério é o *aborto* (vide). Se as características genéticas de um dado casal tornam muito alta a probabilidade de gerarem um filho defeituoso, a mulher deveria abortar se chegar a ficar grávida? Quanto a certas condições genéticas, a análise das células do feto, extraídas do fluido do saco amniótico pode determinar a taxa de risco envolvida.

3. A *seleção* de genitores talvez se torne possível cientificamente algum dia. Isso poderia ser um fator que ameaça a família. O debilitamento da família pode ter vastíssimas implicações éticas pessoais e sociais. Caso essa seleção viesse a se tornar prática comum, teria de haver um controle estrito, evitando possíveis abusos e desastres. Por causa dos males possivelmente envolvidos, muitos pensadores consideram toda a idéia extremamente imoral. Mas há quem veja nessa técnica artificial um meio de garantir a produção de grandes intelectos, líderes e personagens que poderiam produzir modificações realmente revolucionárias no seio da humanidade. Imagine-se contarmos com quinhentos cientistas do tipo Einstein, todos trabalhando ao mesmo tempo!

4. A eliminação de defeitos genéticos não é uma questão das mais controversas, além de prometer grandes melhorias quanto ao campo da saúde pública.

5. A *criminalidade hereditária*. Garante a pesquisadora sueca, Marianne Rasmusen, que a criminalidade é hereditária. Segundo ela, assim como se herda a predisposição para certa cor dos cabelos e muitas outras características físicas, também se herda a tendência para o crime. Essa professora da Universidade de Umea, no norte da Suécia, apresentou uma

tese sobre o assunto ao Conselho Sueco de Prevenção da Criminalidade, dizendo que «a diferença no sistema nervoso autônomo leva os indivíduos à normalidade ou à criminalidade». Rasmusen diz que uma infância difícil ou ambientes adversos pouco contribuem para isso, com base em uma pesquisa com mil crianças, adotadas ou não.

Essa pesquisa, naturalmente, deveria ter prosseguimento em muitos países, pois suas implicações são grandes. Se o ponto for comprovado, a sociologia será forçada a fazer uma total reavaliação de suas premissas básicas acerca da pobreza e do crime. Os teólogos, por sua vez, serão forçados a olhar com novos olhos a medicina. A doutrina da reencarnação também terá de ser reexaminada. Uma alma defeituosa poderá produzir maus efeitos na herança genética do corpo que está prestes a controlar, sendo ela a causa de uma má herança genética? Ou o espírito torna-se vítima da herança genética do veículo que ele assume, com ou sem o concurso da preexistência da alma? Poderes espirituais podem vencer as más tendências, herdadas através do veículo físico?

Temos aprendido, pela experiência, que as grandes questões, como aquela que estamos ventilando aqui, usualmente têm várias respostas, e não somente uma. Isso posto, a herança genética poderia ser a causa de *alguma* criminalidade. Mesmo assim, permanecem de pé os problemas éticos e metafísicos de que temos falado.

### GENEUS

Nome próprio que vem de um termo grego que significa «nobre». Esse era o nome pessoal do pai de Apolônio, o governador sírio que tanto perturbou aos judeus, nos dias de Antíoco V. Ver II Macabeus 12:2.

### GENIZA

Esse termo deriva-se da palavra hebraica que significa «esconder» e «armazém». Trata-se de um lugar da sinagoga onde são guardados materiais escritos, de natureza religiosa, já descartados. O termo *shemot* (nomes) é aplicado a esse acúmulo de material escrito, visto que contém os nomes de Deus. Por causa dessa circunstância, mesmo que parte desse material seja considerado herético, não se pode abusar do mesmo. Entre esse material também há livros e manuscritos desgastados. Entre tal material, em certas ocasiões, têm sido encontradas obras valiosas, como quando, no século XIX; antigos manuscritos foram descobertos e removidos da Sinagoga Esdras, próxima da cidade do Cairo, no Egito. Entre esse material têm sido, também encontrados alguns fragmentos do livro apócrifo *Eclesiástico*, no original hebraico. Antes dessa descoberta, tal livro era preservado somente sob a forma de versões. Esse livro foi, originalmente, escrito em hebraico (em cerca de 180 A.C.), mas foi traduzido para o grego pelo neto do seu autor. Naturalmente, os fragmentos encontrados não faziam parte da composição original, mas somente faziam parte da tradição hebraica sobre o livro.

Os materiais da geniza são periodicamente removidos das sinagogas e sepultados em um cemitério, chamado pelo mesmo nome, algumas vezes juntamente com pessoas piedosas.

### GENOCÍDIO

Essa palavra vem de *genos*, «raça», e *cide*, «matar». Termo cunhado por Raphael Lemkin, a fim de aludir

ao extermínio sistemático de grupos raciais ou nacionais. O termo foi usado pela primeira vez como um libelo contra os crimes de guerra da Alemanha nazista, durante a Segunda Guerra Mundial. O primeiro problema teológico e ético que encontramos no tocante a essa questão é o genocídio que encontramos no Antigo Testamento, quando Israel efetuou a conquista da Palestina e tentou extirpar, sistematicamente, vários povos. Por isso mesmo, os pais alexandrinos da Igreja interpretavam de modo simbólico e místico, e não literal, os trechos do Antigo Testamento que se referem a esses acontecimentos. Em outras palavras, a idéia inteira que *Deus* foi o cabeça dos exércitos israelitas, envolvidos no genocídio, é rejeitada, ao mesmo tempo que são vistas várias lições morais e espirituais nas Escrituras que narram a história. Alguns estudiosos conservadores salientam que os povos exterminados assim eram idólatras e altamente corrompidos, pelo que mereciam mesmo ser exterminados. De acordo com esse ponto de vista, Israel foi instrumento de um juízo divino muito necessário. Mas, apesar desse argumento ter certa força, quando lemos os relatos sobre as matanças de parte a parte, nas páginas do Antigo Testamento, ficamos indagando, perplexos, várias coisas: primeiro, — parece que estamos lendo sobre tribos selvagens, e não sobre nações civilizadas. Segundo, é difícil compreender como uma literatura tão elevada, como a do livro de Salmos, por exemplo, pode ter sido produzida em tal contexto. Naturalmente, também temos uma literatura grandiosa em Homero e a *Ilíada* e a *Odisseia* giram em torno das idéias de matar e ser morto. *Terceiro*, espiritualmente falando, como é que um povo civilizado poderia envolver-se continuamente em tantas matanças e atrocidades?

Naturalmente, *Hitler*, nos tempos modernos, foi o grande campeão das matanças em massa. Se a Alemanha nazista tivesse vencido a guerra, *Hitler* teria sido aclamado como um grande e heróico líder nacional. E outros homicidas em massa têm sido considerados grandes heróis, como *Alexandre*, o Grande. Os homens, em seu pútrido estado espiritual, sempre fizeram dos grandes assassinos as suas figuras notáveis. Porém, a Alemanha nazista perdeu a guerra, pelo que os seus crimes foram finalmente desmascarados. No entanto, os seis milhões de judeus que *Hitler* exterminou são apenas uma pequena porcentagem da carnificina total da Segunda Guerra Mundial. Se os teólogos ainda precisavam de qualquer prova da depravação da humanidade, os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial fornecem provas as mais abundantes.

As chamadas nações civilizadas também têm seus problemas. Os homens têm desenvolvido e usado temíveis métodos de extermínio em massa; mas os militares retornam a seus países de origem e são coroados como heróis. Por irônico que pareça, quando, ainda recentemente, os soldados ingleses retornaram das ilhas Malvinas, no Atlântico Sul, ao largo da Argentina, depois de haverem devastado o exército argentino mal-preparado e pior dirigido, foram saudados no porto de entrada por bandas de música que tocavam, alegremente, o hino «*Quando os Santos Chegam Marchando*». Um dos mais famosos soldados norte-americanos, *Audrey Murphy*, que, em certa oportunidade, sozinho, matou um destacamento de mais de duzentos soldados alemães, retornou aos Estados Unidos da América como um herói. Sua fama abriu para ele uma carreira na indústria cinematográfica, e ele tornou-se um astro dos filmes de «cowboys», onde sempre em grande desvantagem numérica, conseguia matar a muitos, antes de ser morto por sua

vez. Ironicamente, foi morto em um acidente de automóvel, como já acontecera a outro herói da Segunda Guerra Mundial, o general *Patton*.

Os costumes e as leis dos homens tornam possível, e até mesmo desejável, o ato de matar. Isso demonstra a que nível tão baixo caiu o espírito humano. Além disso, nos cinemas e na televisão, uma das principais formas de entretenimento é o jogo da morte. Quando não é isso, então é o sexo, ou então alguma comédia. E é, então, que se obtém a grande salada: homicídio-sexo-comédia. E essa é a maior diversão de todas!

Os homens estão sob a ameaça temível da guerra atômica, que os profetas afixam-nos ser inevitável. Eles também garantem que a humanidade sofrerá um choque tão grande, diante disso, que isso será um dos fatores que contribuirá para um grande despertar espiritual. Espera-nos uma era áurea, mas não antes das lições necessárias terem sido aprendidas. O atual guerreiro tribal terá de ser substituído por um homem mais espiritual.

### GENTILE, GIOVANNI

Suas datas foram 1875-1944. Foi um filósofo idealista italiano. Nasceu em Castelvetrano, na ilha da Sicília. Educou-se em Pisa. Tornou-se professor de filosofia das Universidades de Palermo, Pisa e Roma. Trabalhou também como Ministro da Instrução Pública, — tendo estabelecido significativas reformas. Foi associado íntimo de *Croce* (vide); mas *Gentile* terminou sendo um filósofo do *fascismo* (vide), e isso destruiu o relacionamento. Veio a ser o ministro da Educação de *Mussolini*, o ditador italiano, o que serve para demonstrar o seu envolvimento no movimento fascista. Acabou assassinado em 1944.

#### Idéias:

1. Ele rejeitava a diferenciação, feita por *Croce*, entre a categoria teórica e a categoria prática da mente. Segundo pensava ele, a única realidade seria o ato do pensamento, o que, ao mesmo tempo, é um ato criativo. A natureza é um pensamento morto. Como algo em si mesmo, a natureza não seria cognoscível.

2. A sua filosofia veio a ser conhecida como *Atualismo* ou *Idealismo Atual*, com elementos similares aos do idealismo de *Hegel*. O ato puro é o Espírito Absoluto que se concretiza no mundo. O sujeito, ou indivíduo que pensa, tem uma consciência que inclui tanto o sujeito como o objeto do pensamento, ou seja, aquilo que é interno e aquilo que é externo ao sujeito. O *idealismo* (vide) emerge como uma verdade, quando alguém se torna consciente da estrutura lógica de sua experiência.

3. O ato do sujeito (seu pensamento ativo) adquire um estado ontológico. O objeto da experiência do indivíduo é o limite ideal de sua experiência. A autoconsciência e a autocriação são fenômenos iguais. O ato é a base da liberdade humana; a liberdade humana é autocausada.

4. As tríadas dialéticas de *Hegel*, representam o *Pensamento no processo de pensar*. — A filosofia consiste no exame de como acontece a síntese entre o sujeito e o objeto. Em contraste com *Hegel*, *Gentile* fazia as tríadas centralizarem-se em uma filosofia da educação. Todas as atividades, mas, especialmente, aquelas que envolvem as artes e a religião, tornam-se centrais para a educação elementar. A síntese filosófica desses elementos é a tarefa central das escolas secundárias.

5. *Sistemas Emergentes*. As idéias religiosas de *Gentile* criaram aquilo que se conhece como

## GENTILEZA — GENTIO

*Espiritualismo Cristão.* Ver sobre o *Espiritismo* (*Espiritualismo*), em seu primeiro parágrafo. As implicações políticas dessa filosofia sustentaram em parte o fascismo, que se preocupava com o Estado como uma corporação. Ugo Spirito encabeçava essa escola de pensamento. Suas idéias foram apresentadas sob o título de *Problematicismo*, que afirma que a função da filosofia é esclarecer, criticar e produzir confrontos existenciais.

### GENTILEZA, DOCILIDADE

No grego, *epiikela*, vocábulo que aparece por duas vezes em sua forma nominal, Atos 24:4 e II Cor. 10:1. E, em sua forma adjetivada, *epiikés*, ocorre por cinco vezes: Fil. 4:5; I Tim. 3:3; Tito 3:2; Tia. 3:17; I Ped. 2:18. Além disso, em I Tes. 2:7 e II Tim. 2:24, aparece a forma *epios*. O sentido básico de *epiikela* é ação justa, com base em padrões eqüitativos, com as idéias secundárias de *moderação* e *condescendência*. A gentileza de Cristo e a moderação de Paulo deveriam ter inspirado os crentes de Corinto a conduzirem-se de melhor maneira (ver II Cor. 10:1). Os crentes também devem mostrar-se gentis para com todos os homens (Fil. 4:5). A *gentileza*, que é uma das manifestações do amor, é algo essencial nessa demonstração.

O termo grego *chrestótes* (ver Rom. 2:4; 3:12 (citando Sal. 14:3); 11:22; II Cor. 6:6; Gál. 5:22; Efé. 2:7; Col. 3:12 e Tito 3:4) aparece como nome de um dos aspectos do fruto do Espírito, em Gál. 5:22, traduzido por *gentileza*, em algumas traduções (nossa versão portuguesa prefere a tradução *benignidade*). O vocábulo incorpora as idéias de gentileza, docilidade, etc. Muitos estudiosos, como Trench (*Synonyms of the New Testament*), pensam que «benignidade» é mesmo a melhor tradução desse vocábulo grego.

*«Pois o amor de Deus é mais amplo  
Que a medida da mente humana;  
É o coração do Eterno  
É maravilhosamente gentil».*

(F. W. Faber)

Na qualidade de fruto do Espírito, a *gentileza* é um poder e uma presença espiritual cultivados, e não uma realização humana. Naturalmente, outro tanto pode ser dito acerca de toda outra manifestação da espiritualidade, embora o homem tenha o dever de cultivar todas essas virtudes cristãs, conforme se vê, por exemplo, em Fil. 2:12,13.

No dizer de Trench (*Synopsis of the New Testament*), a *gentileza de Deus* alude a «Sua atitude, sempre que abandona seus estritos direitos sobre os homens; quando ele anui diante da imperfeita retidão deles, dando valor àquilo que, se fosse rigidamente estimado, não teria qualquer valor; quando ele se recusa a impor penas extremas; quando ele relembra o estofo de que somos feitos, medindo, de acordo com isso, o seu relacionamento conosco». Em outras palavras, a bondade e a gentileza de Deus são expressões de seu amor, do que resultam o *perdão*, a *salvação* e a *restauração* dos homens. Ver os artigos separados sobre cada um desses tópicos.

### GENTILI, ALBERICO

Suas datas foram 1552-1608. Foi um protestante italiano que fugiu para a Inglaterra, onde se tornou Professor Régio de Leis Civis, na Universidade de Oxford. Sua obra *De Jure Belli Libri Tres* foi essencialmente dedicado às regras que deveriam governar as guerras entre os povos. Quanto ao

governo, ele advogava um governo internacional para a Europa, onde as decisões seriam feitas pela maioria de votos dos estados participantes.

### GENTIO

1. O Vocábulo
2. Os Pactos e o Caráter Ímpar de Israel
3. As Poluções das Nações
4. Os Gentios e a Espiritualidade
5. A Missão da Igreja entre os Gentios: a Igreja Gentílica
6. Os Gentios e as Promessas do Reino
7. Os Gentios e a Restauração

1. *O Vocábulo.* Quanto ao vocábulo «gentio» precisamos examinar tanto o original hebraico quanto o original grego:

a. No hebraico, *goyim*, que significa «nações» ou «estrangeiros», em contraste com Israel. Essa palavra quase sempre aparece no plural no Antigo Testamento. Ver Gên. 10:5; Jul. 4:3; Isa. 11:10; 42:1,6; 49:6,22; 54:3; 61:6; Jer. 4:7; 4:22; Lam. 2:9; Eze. 4:13; Osé. 8:8; Miq. 5:8, etc.

b. No grego, *ethnos*, termo genérico que indica «nação», mas incluindo a nação de Israel. Ver Mat. 24:7; Atos 2:5 (e também Isa. 7:5 e 23:2). Paulo contrasta judeus e gentios em Rom. 2:9,10. Mas ali usa o termo grego *ellen*, a fim de indicar qualquer pessoa que não fosse judia, mas que falasse o grego. Ver também João 7:35 e Rom. 3:9 quanto a esse uso do termo. Tal uso explica-se porque, nos dias do Novo Testamento, o grego tornara-se a língua universal, e quem falasse o grego nem sempre era de sangue grego.

2. *Os Pactos e o Caráter Ímpar de Israel.* Deus tem estabelecido com a humanidade vários pactos. Aquele que foi estabelecido com a nação de Israel, na península do Sinai, distinguiu essa nação de todas as outras nações (Gên. 12:2; 18:18; 22:18; 26:4). E todas as demais nações passaram a ser os «gentios». Essa é a característica que faz de Israel uma nação sem igual no mundo (Deu. 26:5; Êxo. 19:6). Essa singularidade sempre teve efeitos sobre o relacionamento entre Israel e todas as demais nações (Êxo. 24:10; Lev. 18:24,25; Deu. 15:6).

3. *As Poluções das Nações.* Grosseira idolatria e imoralidade caracterizavam as nações gentílicas, más qualidades essas que, constantemente, ameaçavam o caráter ímpar de Israel (I Reis 14:24), e que acabaram resultando em juízo contra o povo de Israel (II Reis 17:7 ss). Entre esses juízos, os cativoiros assírio e babilônico foram os exemplos supremos. A luta contra a poluição moral e as constantes denúncias dos profetas de Israel contra as nações, fizeram com que o termo *gentio* assumisse um tom pejorativo. Um judeu estigmatizava um seu compatriota chamando-o de gentio ou de cobrador de impostos. Ver Mat. 18:71. Esse sentimento era tão profundo e forte que Tácito foi levado a observar que os judeus «consideravam o resto da humanidade com todo o ódio que se vota a inimigos» (*Hist.* 5:5). Um judeu piedoso nunca entrava na casa de um gentio, com receio de ficar contaminado e assim ficar cerimonialmente impuro. Ademais, sempre que possível, quando estava viajando, evitava áreas e cidades dos gentios, pelo mesmo motivo.

4. *Os Gentios e a Espiritualidade.* Desde o começo mesmo de Israel como nação, por meio de Abraão, Deus estendeu o seu favor aos povos gentílicos. O próprio pacto abraâmico previa que os gentios seriam abençoados, juntamente com a nação de Israel (Gên.

22:18). Nele (Abraão) todas as nações seriam abençoadas. Nisso é que podemos ver a razão do caráter ímpar de Israel: essa nação seria o mestre e o guia espiritual das nações. Isso nada tinha a ver com a idéia de se orgulharem os israelitas e desprezarem as demais nações. A superioridade da nação de Israel só existia para que os israelitas fossem os mediadores da mensagem e das bênçãos de Deus às nações (ver Isa. 61:6). Em outras palavras, Israel deveria ser uma nação missionária entre as demais nações, e o mundo deveria ser o seu campo missionário. Porém, por haverem rejeitado ao seu próprio Messias, os filhos de Israel foram temporariamente cortados, e a missão deles foi interrompida pela era do reino. Ver Rom. 11:11-35. Política e nacionalmente, Israel agora precisa ser pisada pelos gentios até que o relógio de Deus traga-os de volta à sua posição original de mestres (ver Luc. 21:24). Entretanto, chegará o tempo em que todo o povo de Israel será salvo, não havendo como aplicar isso somente ao remanescente do período da Grande Tribulação. Ver Rom. 11:25-27. Ver o artigo separado sobre a *Queda e Restauração de Israel*.

5. *A Missão da Igreja entre os Gentios: a Igreja Gentílica*. Não foi fácil aos crentes judeus aprenderem que a Nova Fé tinha, como sua prioridade máxima, a evangelização das nações, embora isso seja uma clara provisão da Grande Comissão (ver Mat. 28:19,20). Pedro, embora apóstolo, precisou receber uma visão especial a fim de poder entender devidamente esse ponto (ver Atos 10:9 ss). Um apóstolo especial, encarregado dos gentios, foi nomeado, a saber, Paulo, o qual trabalhou mais abundantemente do que todos os demais, assim garantindo o sucesso de sua missão (ver Gál. 2:9 e I Cor. 15:10). O amor de Deus visa a todos os homens (João 3:16) e a expiação de Cristo tem efeitos absolutamente universais (ver I João 2:2). Quanto à missão da Igreja entre os gentios, ver textos como Atos 9:15; 10:45; 11:1,18; 13:42; 15:3,7,12,14; 18:6; 22:21; 26:17,20; 28:28; Rom. 1:13; Gál. 2:2; Col. 1:27. O termo *cristianismo gentílico* salienta o fato de que, quase desde os seus primórdios, a Igreja cristã primitiva contava com mais membros gentílicos do que com membros judeus. Então teve início a evangelização do mundo, e uma *noiva gentílica* (a Igreja), tem sido chamada para pertencer a Cristo (Efé. 5:27 ss). De acordo com o trecho de Atos 11:20 ss, elementos não-judeus foram admitidos, em primeiro lugar, pela igreja cristã de Antioquia. Israel foi apenas o começo. Dentro do período de atuação de Paulo, todos os principais lugares do mundo então conhecido haviam sido evangelizados (ver Col. 1:6).

6. *Os Gentios e as Promessas do Reino*. De acordo com as profecias bíblicas relativas ao Reino, o Messias tornar-se-á a luz dos povos gentílicos (Isa. 42:6); a salvação haverá de ampliar-se até os confins da terra (Isa. 49:6); os gentios haverão de buscar ao Senhor (Isa. 11:10); a terra encher-se-á do conhecimento do Senhor, assim como as águas cobrem o leito do mar (Isa. 11:9).

7. *Os Gentios e a Restauração*. O propósito restaurador de Deus ampliar-se-á para muito além do período do reino, período esse que opera como uma espécie de preparação para as eras eternas. O mistério da vontade de Deus (ver Efé. 1:9,10) haverá de produzir uma restauração universal, que atingirá todas as almas humanas de todos os tempos. Contudo, antecipo que isso atuará em dois níveis: a redenção, que alcançará apenas a minoria dos eleitos, levando-os à participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4; Col. 2:10; II Cor. 3:18); e a restauração, que envolverá uma realização secundária, embora tam-

bém gloriosa, da missão de Cristo. Ver o artigo separado sobre a *Restauração*, quanto a detalhes completos sobre essa doutrina.

## GENTIOS, ÁTRIO DOS

Ver *Átrio dos Gentios*.

## GENUBATE

No hebraico, «furto». Nome do filho de Hadade, o idumeu, e de uma princesa egípcia, irmã de Tapenes, a rainha do Faraó que governava o Egito já perto do fim do reinado de Davi. Viveu em cerca de 1000 A.C. Ele fugiu de Edom, quando Davi invadiu o país. Todos os homens daquele exército, que foram prisioneiros, foram mortos. Seu nome aparece somente em I Reis 11:20.

## GENUFLEXÃO

Essa palavra vem do latim, *genu-flexio*, «dobrar os joelhos». Uma postura cerimonial assumida em certos instantes das observâncias litúrgicas da Igreja Católica Romana. Ocorre antes do bendito sacramento; por ocasião do *incarnatus*, do Credo; e em outras oportunidades, quando uma reverência especial é tida como apropriada.

## GEOMETRIA

Termo que vem do grego, *ge*, «terra» e *metrein*, «medir». A geometria é aquele ramo da matemática que trata do espaço e suas relações, especialmente no que concerne às propriedades e medidas de pontos, linhas, ângulos, superfícies e sólidos. Como uma ciência, a geometria teve as suas origens entre os antigos egípcios, os quais tinham de retrair os limites dos campos a cada ano, em resultado das inundações anuais do rio Nilo. Os gregos, sobretudo Euclides (cerca de 300 A.C; *vide*), fizeram da geometria uma ciência dedutiva e teórica, com base em postulados. A matemática em geral tinha muita importância para a filosofia grega, porquanto ilustra como a mente humana pode chegar a certas verdades por meio de axiomas e do raciocínio, sem qualquer aplicação de provas empíricas. Além disso, a geometria era usada como uma disciplina mental, que os filósofos julgavam boa para todos os interessados.

Nos tempos modernos, princípios não-euclidianos têm-se inserido em nossa maneira de pensar. De acordo com a física de Einstein, a geometria clássica descreve de modo falso a existência. Para exemplificar, o espaço é uma entidade não-euclidiana. Segundo essa forma de geometria, os postulados de Euclides, a respeito do espaço, não conseguem manter-se de pé.

## GERA

Vem do termo hebraico *ger*, «residir temporariamente». Esse nome era muito aplicado a pessoas da tribo de Benjamim, desde o período patriarcal até o exílio babilônico. Podemos enumerar três homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O filho de Bela, neto de Benjamim (I Crô. 8:3). O apelativo ocorre novamente em I Crô. 8:5,7, onde talvez esteja em foco a mesma pessoa, embora haja eruditos que pensam que está em foco outra pessoa (número «dois», abaixo). Em Gên. 46:2, esse homem aparece como filho de Benjamim. Encontrava-se entre os descendentes de Jacó, quando o patriarca migrou



## GERA — GERAÇÃO

para o Egito, em cerca de 1871 A.C. Interessante é que em I Crô. 7:7, o lugar onde esperaríamos ser mencionado Gera, é ocupado por Uzias. Em face disso, muitos estudiosos pensam que o trecho envolve alguma confusão. A maioria dos nomes, em Gên. 46:21, deve ser entendida como nomes de chefes de clãs; mas Gera é nome omissivo, em uma lista similar em Núm. 26:38-41.

2. O pai (ou ancestral) de Eúde, o juiz (Juí. 3:15). Viveu por volta de 1295 A.C.

3. O pai de Simeí. Foi este último quem amaldiçoou a Davi, quando ele fugia de Absalão (II Sam. 16:5; 19:16,18; I Reis 2:8). Viveu antes de 966 A.C. Gera, antepassado de Eúde, e Gera, antepassado de Simeí, podem ter sido a mesma pessoa.

### GERA (PESSOAS)

No hebraico, provavelmente, «peregrino», alguém que fica em um país somente por algum tempo. Nesse caso, o nome derivar-se-ia do termo *ger*, «peregrinar». Nas páginas do Antigo Testamento, nome de três benjamitas que viveram em épocas diferentes, a saber:

1. Um filho de Bela e neto de Benjamim, um dos doze patriarcas de Israel. Ver I Crô. 8:3,5,7. Em Gên. 46:21, ele aparece como um dos irmãos de Bela, e portanto, filho de Benjamim. Em I Crô. 7:7, o nome «Uzi» aparece no lugar do nome de Gera. Há estudiosos que pensam que a passagem de I Crô. 8:3,5,7 não alude somente a um homem com esse nome e, sim, a dois, ou mesmo três. Neste último caso, há um Gera mencionado no terceiro versículo, outro no começo do quinto versículo, e ainda um terceiro Gera mencionado, no sétimo versículo, que seria o pai de Uzá e Aiúde. O filho de Bela viveu por volta de 1871 A.C.

2. O pai ou antepassado de Eúde, o juiz (ver Juí. 3:15). Viveu por volta de 1295 A.C.

3. O pai de Simeí. Este último amaldiçoou a Davi, quando esse rei fugia de Absalão (II Sam. 16:5; 19:16; 18; I Reis 2:8). Viveu antes de 966 A.C.

### GERAÇÃO

Há vários pontos que precisamos considerar quanto a essa palavra:

1. *Na Filosofia.* A palavra *geração* vem do latim *genera* (gerar, criar). A palavra é usada para exprimir um dos conceitos aristotelianos sobre as mudanças, como oposto da *corrupção*. A geração seria uma mudança do não-ser para o ser, ao passo que a *corrupção* seria a mudança do ser para o não-ser. A geração e a corrupção relativas são tipos de alteração, ou de mudança de *qualidade*. Aristóteles tinha três tipos básicos de mudança, e esse era um deles. Além desse tipo, teríamos mudanças quanto à quantidade e quanto à mudança de lugar. As alterações envolveriam tanto o crescimento como a diminuição da massa dos organismos.

2. *Usos Bíblicos.* Há dois termos hebraicos e quatro termos gregos a ser considerados, ou seja:

a. No Antigo Testamento, o termo hebraico *toledot*, que ocorre por dez vezes no livro de Gênesis (2:4; 5:1; 6:9; 10:1; 11:10,27; 25:12,19; 27:2 e 36:1), com o sentido de história genealógica. A Septuaginta, usualmente, traduz esse termo hebraico pelo grego *genesis*, que também é a palavra empregada em Mat. 1:1, referindo-se à genealogia de Jesus.

b. No Antigo Testamento, o termo hebraico *dor*. Essa palavra pode referir-se a algum período

específico de tempo (Gên. 15:16; Deu. 23:2,3,8; Isa. 51:9; 58:12; Sal. 45:17; 72:5). Esses períodos podem ser passados ou futuros. Essa palavra também pode referir-se a alguma classe de homens, como uma «geração perversa e deformada» (Deu. 32:5), ou como uma «linhagem do justo» (Sal. 14:5).

c. No Novo Testamento, o termo grego *genesis*, que é usado com diversos sentidos: em Mat. 1:1, aparece como registro genealógico de Jesus; em Mat. 1:18 e Luc. 1:14, como o nascimento de Cristo; em Tia. 1:23, como o rosto natural da pessoa, o rosto com que a pessoa nasceu; em Tia. 3:6, refere-se ao curso da natureza (literalmente, «curso do nascimento»). Alguns estudiosos supõem que, em Mat. 1:1, esteja em foco a história inteira de Jesus, o Cristo, como equivalente à expressão portuguesa «livro da história de». Nos mistérios órficos, esse vocábulo aparece com o sentido de «roda da origem humana». Simplício sobre Arist. *De Caelo*, 2, par. 377.

d. No Novo Testamento, o termo grego *genea*. A Septuaginta usou essa palavra para traduzir o termo hebraico *dor* (2.b). Ela indica as pessoas que vivem em um determinado tempo (Mat. 11:16); ou uma determinada extensão de tempo (Luc. 1:50). Também refere-se aos componentes de uma genealogia (Mat. 1:17). Pode indicar uma família, um clã ou uma descendência (Josefo, *Anti*. 17.20). Também pode apontar para uma nação, conforme se vê em Mat. 24:34 e Luc. 21:32. O período de tempo ocupado por uma geração é o sentido dessa palavra em Dionísio. *Hal*. 3:15; em Phil. *Mos*. 1,7; em Josefo, *Anti*. 5.336 e também em Gên. 50:23. Uma *era* é, igualmente, um significado possível dessa palavra (ver Mat. 1:17 e I Clemente 50:3).

e. No Novo Testamento, a palavra grega *gennema*, «criança» ou «prole» (Mat. 3:7; 12:34; 23:33; Luc. 3:7). Faz parte da denúncia severa de João Batista: «Raça de víboras...» (Mat. 3:7).

f. No Novo Testamento, a palavra grega *genos*, «raça», como se vê dentro da expressão «raça eleita», de I Pedro 2:9, que indica os eleitos como um todo.

Na linguagem bíblica, uma geração, que corresponde ao período ocupado pela existência de toda uma geração, usualmente, aparece como um período médio de quarenta anos, como, por exemplo, o período de tempo em que Israel vagueou pelo deserto. Aquela ficou conhecida como «geração do deserto». Quanto à expressão que se encontra em Mat. 24:34, «não passará esta geração», ver o artigo separado com o título de *Geração que Não Passa*.

3. *A Geração Eterna do Filho de Deus.* Essa difícil questão teológica é abordada em um artigo separado, intitulado *Geração Eterna* (vide).

### GERAÇÃO, DIFERENÇA DE (ou GERAÇÕES, HIATO DE)

Corresponde à expressão inglesa «generation gap», ou seja, o espaço de tempo entre uma geração mais velha e uma geração mais jovem. Refere-se à alienação em que vivem muitos jovens em relação a seus pais e à sociedade. Por certo número de razões nebulosas, muitos jovens sentem-se insatisfeitos com a sociedade em que vivem, distanciando-se da mesma. Alguns distanciam-se mediante a indiferença; mas outros tornam-se revoltados contra tudo e contra todos. As mudanças ideológicas e tecnológicas súbitas e rápidas deixam muitos jovens inseguros. A ameaça de aniquilamento pela força atômica é algo que eles aceitam como um ameaçador legado da geração mais velha, deixando-os perplexos. O próprio envolvimento de tantos jovens com drogas e outras atividades

## GERAÇÃO — GERAÇÃO NÃO PASSARÁ

anti-sociais fazem esse distanciamento tornar-se ainda maior.

Tradicionalmente, os jovens são aqueles que protestam e se revoltam, geralmente sem qualquer reflexo madura, favorecendo então idéias radicais, impraticáveis, utópicas. Os jovens mostram acentuada tendência para a impraticabilidade idealista e para a impaciência diante das coisas como elas são, preferindo as soluções rápidas e superficiais para problemas profundos. Mas as pessoas de mais idade tendem por acomodarse ao *status quo*, por já terem perdido a fé em soluções a curto ou a longo prazo.

Apesar desse distanciamento entre as gerações sempre ter existido, o que nos permite prever que também sempre existirá, pelo menos essa distância pode ser encurtada, sempre que permitirmos que o amor oriente nossas atitudes e ações. A correta educação, o treinamento religioso apropriado e atividades políticas corretas podem contribuir para que se encontre uma solução para esse problema, que se configura grave em nossos dias. Sempre que houver justiça social e esperança de melhores dias, as pessoas, de todos os níveis da sociedade humana, haverão de unir-se mais.

### GERAÇÃO ETERNA

Evidentemente, Orígenes inventou a expressão *eternamente gerado*. Ele ensinava que o Logos, na qualidade de Filho, procede de Deus Pai, não por meio de divisão, mas espiritualmente, por geração eterna. O Logos, como Filho, é eternamente gerado pela vontade do Pai. Desse modo, quando o termo gerado é aplicado ao Filho, não subentende a idéia de começo, conforme a palavra geralmente significa. Antes, subentende um processo e um relacionamento eternos. O Filho tem a mesma natureza do Pai; mas, a idéia de ter sido gerado faz com que ocupe uma posição subordinada, como Filho, em relação ao Pai. Portanto, a designação *geração eterna* fala sobre as relações intertrinitarianas entre o Pai e o Filho, e não sobre uma suposta criação do Filho, por parte do Pai. E nem a palavra «geração» indica que Jesus, o homem, foi adotado como filho por seu pai adotivo, José, tendo sido gerado em Maria, por meio da influência e do propósito do Espírito Santo. A geração do corpo humano de Jesus, que o Logos usou, é uma outra geração, mas forma um assunto distinto do que estamos ventilando. Jesus, o homem, foi gerado dentro do tempo, tendo-se fundido com o Logos, daí resultando a natureza divina humana. Essa foi uma geração genuína, mas não aquela que está em foco neste artigo. Antes disso, antes da encarnação, há uma filiação divina e eterna, conforme também fica claro em João 1:18 e I João 4:9. Ver também João 5:26, onde encontramos a distinção de pessoas, dentro da deidade. Entre o Pai e o Filho há uma certa superioridade e subordinação quanto à ordem, mas não quanto à natureza essencial (João 5:19; 8:28). Subordinação, todavia, não subentende inferioridade, mas antes diferença quanto à ordem, à posição e à função. O trecho de Sal. 2:7, que diz: «Tu és meu Filho, eu hoje te gerei», é citado em Heb. 1:5 para mostrar um dos fatores que empresta ao Filho de Deus a sua elevada exaltação acima de todos os outros seres. É evidente que isso se deu antes da encarnação. Poderíamos supor que essa geração foi de um ser pré-encarnado, mas não de um ser eterno. Porém, visto que o Logos (em quem reside o princípio do Filho) é eterno (João 1:1), então também é dito que o Filho é eterno. Portanto, ele foi gerado, em um certo sentido, ao mesmo tempo que, em outro sentido, ele é

eterno. Ver o artigo detalhado sobre o *Logos*. A eternidade é um elemento essencial dessa doutrina. Um Logos temporal não tem qualquer precedente na filosofia e na religião.

### GERAÇÃO NÃO PASSARÁ (MAT. 24:34)

O sentido deste versículo é difícil de se precisar, na opinião de muitos intérpretes, e alguns acreditam que não podemos ter certeza de seu significado. A maior dificuldade consiste em compreender o que está em foco em seu sentido mais breve. Parece evidente que o autor esperava a volta de Jesus, antes da morte dos ouvintes de Jesus. (Ver Mat. 16:28). Se assim for, naturalmente ele estava equivocado. Não obstante, a igreja, em todas as gerações, deve ser impulsionada por essa expectativa. Abaixo temos as principais interpretações:

1. Jesus ter-se-ia referido somente à *destruição de Jerusalém*, e isso, naturalmente, teve cumprimento naquela mesma geração, se usarmos o costume do V.T. de considerar que cada geração perdura quarenta anos. O problema aqui envolvido, entretanto, é o significado de «tudo isto». A fim de conservar essa interpretação, não se deve incluir a «parousia» (que faz parte definida dos assuntos que acabam de ser ventilados nas palavras de Jesus). Esta interpretação ensina que Cristo veio «em espírito» (não literalmente) na destruição de Jerusalém. Nesse caso «tudo isto» equivaleria às palavras «todas estas cousas», conforme lemos no vs. 33. Por essas razões, essa interpretação não parece natural, porquanto parece óbvio que esta profecia inclui, de modo definido, a idéia da vinda literal de Cristo, no fim da atual dispensação.

2. Alguns eruditos mais liberais explicam simplesmente que Jesus estava *equivocado*, como também Mateus porque a «parousia» ou segunda vinda de Cristo não teve lugar no espaço de uma geração.

3. Outros têm procurado explicar a dificuldade, fazendo com que «geração» signifique *raça*, «espécie», «família» ou «nação», dizendo que tal profecia tão-somente assegura a continuação de Israel, como nação, até a vinda de Cristo, isto é, que Israel, na sua identidade como raça e como nação continuará até chegar aquele acontecimento. Paulo declara exatamente isso em Rom. 11:25, ss. Essa explicação é possível; contudo, vai de encontro ao uso comum da palavra «geração», conforme se vê em passagens como Mat. 1:17; 23:26 e Atos 13:36, onde o sentido claro é um período de tempo, mais ou menos de quarenta anos, ou a extensão da duração da vida das pessoas que vivem em um determinado período. O texto não parece indicar que «raça» ou «nação» seja o sentido tencionado aqui.

4. Outros explicam que a «geração» de que aqui se trata é o período de tempo quando os sinais da grande tribulação, ou mesmo sinais anteriores de angústia, no fim da atual dispensação, *se tornarem evidentes*. A geração que *então estiver viva* não passará completamente antes de completar-se todo esse processo, incluindo a vinda de Cristo. Essa interpretação goza de algum apoio devido à analogia com a primeira interpretação. É verdade que os acontecimentos que conduziram à destruição de Jerusalém, a partir do tempo da profecia de Jesus em diante, não ocuparam mais do que uma geração, e que algumas pessoas pertencentes à geração de Jesus continuaram vivas até que Jerusalém foi destruída. Assim também será no tocante à vinda de Cristo, após a tribulação. A partir do começo dos horrendos sinais do fim desta dispensação, até a culminação final dos acontecimen-

## GERAR — GERAR, GERADO

tos, quando da vinda de Cristo, a geração que então estiver viva, no começo dessas ocorrências, não passará inteiramente até que tudo se complete. É improvável que esse seja o sentido das palavras de Jesus; ou pelo menos não parece ser esse o sentido do versículo, se considerarmos a profecia em seu aspecto mais prolongado, quer Mateus tenha ou não compreendido essas implicações. É óbvio que ele não as entendeu inteiramente.

Existem ainda outras interpretações acerca do termo *geração*, além daquelas que enumeramos acima, e que são alistadas abaixo: 1. A raça humana (Jerônimo); 2. a criação (Maldonado); 3. os discípulos, a geração de crentes (Orígenes, Crisóstomo, Paulus). Se adicionarmos que «essa geração» indica aquela geração particular de crentes que estará viva no fim desta dispensação, e que verá tanto o começo como o fim de todos esses acontecimentos, que trarão o «fim» a este sistema mundial, teremos a interpretação de número quatro, que é dada acima e o mais provável é que esse seja o sentido do versículo. Ver Lucas 21:32.

### GERAR

No hebraico, «região» ou «lugar de pernoite». Gerar era a principal cidade dos filisteus, nos dias de Abraão e de Isaque, localizada na fronteira sul da Filistia, não muito longe de Gaza. Foi visitada por Abraão, após a destruição de Sodoma (Gên. 20:1), e também por Isaque, quando houve uma seca no resto da terra de Canaã (Gên. 26:1). A região era fértil e adequadamente regada. Foi a sede do primeiro reino filisteu de que temos notícia. Ficava entre os dois desertos de Cades e de Sur. Quanto à sua localização, perto de Gaza e Beerseba, ver Gên. 10:19; 20:1 e 26:1,26. Nos dias de Abraão, os habitantes da região eram aguerridos e dedicados ao pastoreio. *Abimeleque*, cujo sentido é «pai de reis», aparentemente, era um título hereditário, e não monárquico eletivo, e esse era o título dos governantes da Filistia.

Os reis dali cobijaram as esposas respectivas de Abraão e de Isaque, sem saberem que elas eram tais, porquanto aqueles patriarcas apresentaram-nas como suas irmãs. A Bíblia Anotada de Scofield refere-se às inverdades assim ditas por esses patriarcas como seus «lapsos em Gerar». Devemo-nos lembrar, entretanto, que, naquela época, os monarcas locais tinham poderes absolutos sobre todas as mulheres, tanto do local quanto das que entrassem em seus domínios. Se um desses chefes desejasse uma mulher casada e o marido da mesma objetasse, isso poderia significar, facilmente, — a morte dele e a incorporação da mulher no harém real; e ninguém podia protestar. Assim, as mentiras pespedagadas por esses dois patriarcas foram arriscadas, mas, potencialmente, salvaram-lhes a vida. De certa feita, ouvi uma professora de Escola Dominical referir-se a esse caso como indignação, dizendo: «Abraão não protegeu sua esposa, nesse incidente». No entanto, a intenção de Abraão foi precisamente a de proteger sua esposa, disposto a sacrificar a virtude dela, a fim de salvar a própria vida e quem sabe, a vida de Sara. E quem sabe mais o que poderia ter acontecido!

Lemos em II Crônicas 14:13,14 que, posteriormente, Asa, rei de Judá, derrotou os invasores etíopes, tendo-os perseguido até Gerar. Em seguida, os judeus saquearam toda aquela região.

Os eruditos supõem que os filisteus só vieram a ocupar realmente a área de Gerar várias centenas de anos depois da época de Abraão e de Isaque. Porém, podemos adiantar que o livro de Gênesis refere-se a Abimeleque como o rei daquele lugar, de modo geral,

o qual veio a cair sob o domínio dos filisteus posteriormente (Gên. 26:1).

O antigo local de Gerar tem sido identificado com o Tell Abu Hureirah, cerca de quinze quilômetros a sueste de Gaza e a pouco mais de vinte e quatro quilômetros a noroeste de Berseba. Escavações arqueológicas têm mostrado que a região vem sendo ocupada desde o período do Bronze Médio (1800 — 1600 A.C.). Tell Jemmeh também tem sido escolhido como o local da antiga Gerar. Fica um pouco mais perto da orla marítima. A arqueologia dá informações sobre a localidade desde o período do Bronze Posterior, incluindo até o período bizantino. Muitos dos objetos ali achados indicam que era um lugar rico, provavelmente localizado em uma lucrativa rota de caravanas. Altares de incenso, pertencentes aos séculos VI até IV A.C., são decorados com homens e camelos, o que demonstra a existência de um sistema comercial formal.

### GERAR, GERADO

No hebraico temos *yalad*, «gerar», «produzir». Palavra de uso freqüente no Antigo Testamento, usada por cerca de pelo menos quinhentas vezes, de Gênesis ao livro de Zacarias. No grego temos *gennáo*, «gerar», que figura por cerca de cem vezes, desde Mateus 1:2 até I João 5:18.

A idéia é freqüentemente usada no sentido literal, como se vê nas genealogias do Antigo e do Novo Testamentos. Mas a importância da palavra, bem como os conceitos nela envolvidos, encontra-se mais em seus usos metafóricos.

1. Em Salmos 2:7, em relação ao rei davídico que era esperado (o Messias), temos o ponto de vista de adoção.

2. Porém, quando diz respeito a Cristo, vamos além disso, nas páginas do Novo Testamento. Assim, temos o «Filho unigênito de Deus», em João 3:16. A palavra «unigênito» significa «único de sua espécie», ainda que, provavelmente, tenhamos ali a idéia de uma eterna geração: o Filho nunca teve começo, mas sempre foi o Filho. Nesse caso, o termo refere-se à posição de Cristo e Sua relação com a deidade, não se devendo pensar em qualquer ponto dentro do tempo. Esse conceito é necessário para preservar a idéia de eternidade, dentro do conceito trinitariano, segundo o qual um dos membros da Trindade eterna (ver o artigo) é o Filho, segundo também declara João: «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai» (João 1:14).

3. Na *Literatura Joanina*. Existem aqueles que nasceram de Deus (João 3:5,6). Ver sobre a regeneração. Os trechos de Gálatas 4:5 e Romanos 8:15 (ver as notas a respeito no NTI) aludem à adoção espiritual, e, sob esse símbolo, são ilustrados certos aspectos da filiação. Mas também se destaca o fato de que há necessidade de nascimento do alto, ou regeneração, mediante o que uma nova e exaltada espécie de ser está vindo à existência. Essa nova espécie de ser humano chegará a compartilhar plenamente da própria forma de vida de Deus, a sua essência e natureza (II Ped. 1:4), moldada segundo o tipo de vida exibida pelo Filho (Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Dentre todos os conceitos religiosos, esse é o mais elevado de todos. (Ver João 1:12,13; I João 3:9; 4:7; 5:1,4,18). Aprendemos na Bíblia que o Espírito Santo é o agente que produz esse nascimento espiritual. Por exemplo: «...ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo» (Tito 3:5). Lemos que Cristo também nasceu de Deus

## GERASA (GERASENOS)

(I João 5:18). Sem dúvida está em foco a unidade de essência, conforme também se aprende em João 10:30. E essa mesma unidade de essência, quanto à natureza, também é prometida aos filhos de Deus. «...e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós...» (João 17:21).

Aquele que nasceu de Deus vence o mundo (I João 5:4). Aquele que nasceu de Deus purifica-se a si mesmo, na expectativa da *parousia* ou segunda vinda de Cristo (ver o artigo) (I João 3:2,3). Finalmente, aquele que nasceu de Deus pratica a lei do amor, o que serve de comprovação de seu novo nascimento e de sua conseqüente espiritualidade (I João 4:7). Esse é o nosso mais elevado princípio ético. (A B NTI)

### GERASA (GERASENOS)

Marcos 5:1: *Chegaram então ao outro lado do mar, à terra dos gerasenos.*

Trata-se de uma longa narrativa, para mostrar o *grande poder* de Jesus como exorcista. Que ele podia resistir com sucesso e poder às forças das trevas, é fato usado pelos evangelistas para provar sua autoridade messiânica. Os judeus sempre tiveram o grande problema de aceitar um Messias que fosse o Servo Sofredor. Por essa razão os evangelhos dão muitos e variados argumentos em favor da missão messiânica autêntica de Jesus. O principal argumento é o de suas obras poderosas, mormente os milagres. A tradição talmúdica exigia que o Messias fosse operador de milagres. Outra dessas provas é a mensagem poderosa de Jesus. O Messias teria de trazer novos discernimentos e enriquecer a teologia antiga. Mas o Messias também poderia fazer oposição bem-sucedida aos poderes satânicos. Assim, os evangelhos exibem bom número de incidentes nos quais o poder de Jesus facilmente dominou casos de possessão demoníaca, até mesmo da natureza mais difícil. Em seu exorcismo, Jesus ignorou totalmente os métodos ordinários da época, que incluíam vários ritos, cerimônias, encantamentos, etc. Sua mera palavra era o bastante, pois conheciam sua identidade e respeitavam sua autoridade, não podendo oferecer-lhe resistência. (Ver João 20:31 quanto ao propósito dos evangelhos de «comprovar o caráter messiânico de Jesus»).

A *única alusão* bíblica à área *gadarena* envolve a história de Gadara: o milagre da vara de porcos. A palavra «gadarenos» (que figura nas notas textuais) se acha em vários manuscritos, em Mat. 8:26; Mar. 5:1 e Luc. 8:26; mas é original somente em Mateus. Gadara data do período do A.T., e, nos tempos do N.T. fazia parte das cidades de Decápolis. As ruínas de Umm Qays assinalam o local. O milagre da passagem diante de nós evidentemente teve lugar em uma subárea dessa cidade (ou região), próxima à beira do mar da Galiléia.

*Gerasa* era cidade importante do período clássico, a meio caminho entre o mar Morto e o mar da Galiléia, a 32 km do rio Jordão. O moderno povoado existente no local se chama *Jaras*. Muitas ruínas dos tempos romanos estão localizadas ali e na área em geral, datando principalmente de cerca do ano 130 D.C., na época de Adriano. A cidade começou a declinar no século III D.C. mas não foi totalmente abandonada senão já no tempo das cruzadas. Sua localização improvável, em relação ao milagre deste texto, tem dado margem a especulações de que outra cidade do mesmo nome ou de nome parecido estava localizada perto do mar da Galiléia. Talvez Gergesa esteja em pauta. Mas isso é pura conjectura.

Aqui Jesus se achava em território pagão; mas seu

poder foi junto com ele. Ele é o Senhor de todos, e mudanças geográficas não podem diminuir sua autoridade. Sem dúvida essa é uma das lições que devemos aprender da história a nossa frente.

Muitos estudiosos têm encontrado dificuldades na história, supondo que contém várias lendas e superstições da época, embora alguns talvez pensem que houve aqui um caso válido de exorcismo. Outros pensam que a mesma tem um tom apócrifo, e um deles cita um dos trinta e nove artigos da igreja anglicana sobre os «livros apócrifos», e pensa que tais palavras se aplicam neste caso: «Apesar de poder ser lida como exemplo de vida e instrução de maneiras, é uma base precária para estabelecer sobre ela qualquer doutrina». Mas tudo isso é desnecessário, pois os estudos modernos no campo da parapsicologia tendem a confirmar a existência e possessão de espíritos, até de múltiplas possessões, em vez de negá-las. As explicações psicológicas falham totalmente em muitos casos. Parece-me que há uma observação fatal que anula os argumentos daqueles que supõem que as chamadas *possessões demoníacas* sejam meras—perturbações—psicológicas ou insanidades. Indagamos: como pode ser que severíssimos casos de perturbação mental podem ser instantaneamente curados pela ordem do exorcista? Quem já ouviu falar em debilidade mental ceder tão prontamente a uma breve oração ou à ordem de um homem? A verdadeira insanidade, que nada tem a ver com espíritos malignos, dificilmente pode ser curada desse modo. Mas algumas pessoas que—evidentemente—estão muito enfermas mentalmente, são assim curadas. Há quem não esteja insano, mas possuo. Qualquer ministro crente, cuja vida é limpa, pode expulsar demônios ordinários. Alguns saem com maiores dificuldades, e exigem o esforço de várias pessoas, em união.

Vs. 1. *Nota textual*. Quanto a uma discussão mais completa sobre o problema de localidade que envolve este texto, ver a nota textual existente em Mat. 8:28 no NTI. A palavra *gadarenos* aparece nos mss ACEFG HKMSV, Fam. Pi e é retida pelas traduções AC e KJ. Os mss BD e muitas versões latinas e saídicas dizem «geresenos». Todas as traduções, exceto AC e KJ, seguem esta última variante. Sem a menor sombra de dúvida isso reflete o texto original do evangelho de Marcos, embora o de Mateus diga «gadarenos». «Gergesenos» aparece nos mss LU e Delta, mas ninguém aceita essa variante como se fora o texto original.

Ver o artigo separado sobre *Gadara*.

**Identificações, Localizações e Descrições.** Várias fontes informativas apresentam *Gerasa* como uma cidade da Arábia, de Decápolis, de Gileade ou da Peréia. Visto que essas regiões se justapunham, provavelmente uma única cidade está em pauta, em todas essas referências. Essa cidade ficava situada perto do rio Jabo, cerca de vinte e nove quilômetros a leste do rio Jordão e a trinta e dois quilômetros a sueste de Pella. Tem sido identificada com a moderna *Jarash*. Ptolomeu informa-nos que era uma cidade de Coele-Síria, a cinquenta e seis quilômetros de Pella. Plínio, porém, chama-a cidade de Decápolis (vide), e que teria sido fundada pelos romanos, após a conquista da Síria, em 65 A.C. Josefo a menciona juntamente com Pella e Goal, em conexão com os esforços bélicos de Alexandre Janeu, a leste do rio Jordão, em cerca de 83 A.C. (Ver *Guerras* 1:4,8). Ele menciona novamente a cidade em conexão com a rebelião judaica que culminou na destruição de Jerusalém e de toda a região circunvizinha, em 70 D.C. Antes desse tempo, a cidade havia sido

reedificada pelos romanos, tendo-se tornado um lugar onde habitavam residentes gentios. Foi reconstruída no século II D.C. e durante algum tempo, prosperou. O cristianismo também medrou bem ali, com a construção de muitas igrejas na região. Um bispo da cidade, no século V D.C., esteve presente ao concílio de Calcedônia.

*Gergesa.* Alguns estudiosos identificam *Gergesa* como o verdadeiro local onde Jesus fez o milagre que envolveu a *legião* de demônios. Essa cidade se localizou a meio caminho da margem leste do lago da Galiléia. Muitos pensam que esse local é mais provável, para aquele acontecimento, do que Gadara, que ficava mais para o sueste da extremidade sul desse lago. Orígenes, comentando sobre a confusão que cerca a localidade onde ocorreu o milagre em questão, asseverou que o caso ilustra o fato de que os escritores sagrados nem sempre se preocuparam com localizações geográficas precisas, em relação às narrativas que eles historiaram.

### GERBERT DE AURILLAC

Esse era o verdadeiro nome do papa Silvestre II (pontificado entre 999 e 1003 D.C.). Nasceu em Auvergne, na França. Foi treinado entre os beneditinos de Aurillac e na Espanha, onde estudou matemática, astronomia e música com o bispo de Vichy. Após ter feito uma peregrinação a Roma, estudou em Rheims e se especializou em filosofia, dialética e matemática. Ali, tornou-se cabeça da escola episcopal. Impressionou o imperador Oto II em um debate público, em Ravena, e foi nomeado abade de Bobio. Por um período curto e infeliz, foi o cabeça desse famoso mosteiro; mas não demorou a voltar a Rheims, onde se tornou arcebispo. Em 999, Oto III providenciou para que Gerbert fosse escolhido como papa, quando então Gerbert tomou o nome papal de Silvestre II.

No campo da filosofia, contribuiu para a literatura da lógica e apresentou argumentos em prol da unidade entre a fé e a razão. Fulbert, fundador da Escola de Chartres, foi um de seus discípulos. Sua influência contribuiu para o desenvolvimento da filosofia especulativa.

*Escritos.* Sobre o Razoável e o Uso da Razão; Sobre o Corpo e o Sangue do Senhor; Cartas de Gerbert.

### GERGESA

Ver o artigo *Gerasa*, *Gerasesos*. Por ocasião do milagre da expulsão da legião de demônios (Mat. 8:28 ss; Mar. 5:1 ss e Luc. 8:26 ss), há uma certa confusão atinente à área geográfica envolvida, como se pudesse ter sido Gadara, Gergesa ou Gergesa. Essa questão é amplamente discutida no artigo mencionado. Alguns estudiosos crêem que *Gergesa*, localizada a meio caminho entre as extremidades sul e norte do mar da Galiléia, em seu lado oriental, é a melhor candidata. Os escritores dos evangelhos talvez não fossem tão cuidadosos quanto a designações geográficas, quanto a esse particular.

### GERHARD, JOHANN

Suas datas foram 1582-1637. Foi um teólogo dogmático luterano, sistematizador e defensor da ortodoxia luterana. Foi professor em Jena pelo espaço de vinte anos. Foi professor, líder eclesiástico e conselheiro de príncipes. Sua obra principal intitula-se *Loci Theologici*, que exerceu vasta influência. Essa obra foi publicada em nove volumes. Uma outra obra

sua foi a *Confessio Catholica*, obra teológica publicada em quatro volumes. Além disso, escreveu um livro de meditações chamado *Meditationes Sacrae*, que foi traduzido para vários idiomas e até hoje é usado. A obra literária maciça de Gerhard, sua catolicidade evangelística, sua exatidão e sua precisão lógica detalhada qualificam-no como o Tomás de Aquino luterano. Seus contemporâneos consideravam-no como o maior teólogo vivo.

### GERIZIM

Esse monte, que significa «habitantes do deserto» ou «lugar desértico», é mencionado na Bíblia somente por quatro vezes: Deu. 11:29; 27:12; Jos. 8:33 e Juí. 9:7. Ver também sobre o monte Ebal. O monte Gerizim fica situado defronte do monte Ebal, olhando por cima do vale de Siquém. Esse vale tem cerca de cinco quilômetros de comprimento, sendo estreito o suficiente para que um grito seja ouvido de um lado para o outro. O monte se eleva cerca de 869 m acima do nível do mar Mediterrâneo, em seu lado ocidental. A parte ainda mais alta do Hermon, onde já cai a neve, fica um pouco mais para o norte. Do cume do monte Gerizim pode-se avistar a maior parte da Palestina. Fica no centro de Samaria, próximo de Siquém, cerca de dezesseis quilômetros a sueste da cidade de Samaria. Os locais sagrados de Siquém e do poço de Jacó são facilmente avistados dali. Tornou-se importante como um dos centros da adoração dos samaritanos, chegando a rivalizar com Jerusalém (ver João 4:20). Naturalmente, a região também é sagrada para os judeus, porquanto foi por ali que Abraão e Jacó entraram na Palestina (ver Gên. 12:6; 33:18). Jacó edificou um altar, cavou um poço e comprou um terreno onde, mais tarde, os filhos de Israel sepultaram os ossos de José (Jos. 24:32).

Os montes Gerizim e Ebal também foram o local onde Josué reuniu o povo de Israel, em preparação para a conquista da Terra Prometida. O monte Gerizim tornou-se o símbolo das bênçãos proferidas sobre os obedientes, ao passo que o monte Ebal tornou-se o símbolo das maldições divinas sobre os desobedientes (Deu. 11:29; 27:11-14). Foi no monte Gerizim que Josué leu a lei de Moisés à assembléia inteira dos filhos de Israel (Jos. 8:30-35), mas o altar foi erigido no monte Ebal (Jos. 8:30).

Esses acontecimentos ilustram o fato de que a mulher, à beira do poço de Jacó, disse a verdade ao Senhor Jesus: «Nossos pais adoravam neste monte...» (João 4:20), talvez dando a entender que Jerusalém era um centro secundário e espúrio de culto a Yahweh. Jesus, porém, rejeitou a idéia de *lugares* especiais, como importantes para a adoração a Deus, afirmando que os verdadeiros adoradores cultuam a Deus em espírito e em verdade (João 4:23).

A tradição localiza o altar erigido por Abraão para sacrificar a Isaque em Gerizim. Mas não sabemos se essa tradição está com a razão.

Durante os reinados de Davi e Salomão, a adoração de Israel estava centralizada e unificada em Jerusalém onde também o templo foi construído. Mas, quando ocorreu a divisão do reino (Israel, ao norte, e Judá, ao sul), Jeroboão fez de Siquém a capital do reino do norte; e isso fomentou, em vez mais, o caráter sagrado de Gerizim. Ele desencorajava propositalmente a adoração em Jerusalém, a fim de fortalecer a sua facção política (1 Reis 12:25). Chegou mesmo ao extremo de instituir a adoração ao bezerro, em Betel e em Dã, o que constituiu gravíssimo pecado. O resultado de tudo isso foi uma nova e separada religião, com seu centro em Siquém e no monte

Gerizim.

O rei da Assíria se apossou da região e estabeleceu ali povos pagãos, que trouxe de outras regiões de seu império. E ordenou que um sacerdote de Israel ensinasse ao pequeno remanescente judaico a sua religião. Mas, apesar disso representar uma certa restauração religiosa, também continha elementos de perversão (II Reis 17:24-34).

**Terminado o cativelo, Manassés**, por permissão de Alexandre, o Grande, edificou um templo em Gerizim; e os samaritanos aliaram-se ao culto que ali se processava. Mas ali havia uma forma poluída de culto, incluindo a idolatria. Esse templo, posteriormente, foi destruído por João Hircano (cerca de 128 A.C.). Porém, até hoje, uma seita samaritana oferece ali um sacrifício pascal, no alto do monte Gerizim, de acordo com as prescrições do décimo segundo capítulo do livro de Exodo. E outras observâncias religiosas também são ali efetuadas, conforme se vê nos parágrafos abaixo.

O relato sobre as origens do templo samaritano, em Gerizim, naturalmente, absorveram elementos apócrifos. Com base em referências bíblicas, como Neemias 4 e 13:28, juntamente com várias tradições, Josefo (ver *Anti.* 11:8,2) expôs a idéia de que o evento que levou ao estabelecimento desse culto foi o matrimônio de Manassés, filho de um sumo sacerdote de Jerusalém, com a filha de Sambalate, um oficial gentílico em Samaria. Manassés recebeu ordem para abandonar sua esposa pagã, mas Sambalate sugeriu que ele construisse um templo rival. E foi assim, ao que se presume, que surgiu o templo em Gerizim, que alguns datam dos dias de Alexandre, o Grande (cerca de 330 A.C.). Porém, outros estudiosos dizem que isso ocorreu um século antes. Seja como for, o que se sabe com certeza é que, na época dos Macabeus, esse templo foi arrasado até o chão (ver Josefo, *Anti.* 13:9,1; *Guerras* 1:11,6).

O monte Gerizim é atualmente chamado *Jebel et-Tor*, e os atuais samaritanos conservam sua antiga reverência pelo local, conservando as tradições atinentes ao mesmo por mais de dois milênios. O monte Gerizim é utilizado para cerimônias relativas à páscoa, ao Pentecoste e à festa dos Tabernáculos. Os samaritanos identificam esse monte com o monte Moriá (vide), de Gênesis 22:2, onde Deus teria posto o seu nome (Deu. 12:5).

### GERLACH, STEPHEN

Nasceu em 1546 e faleceu em 1612. Foi capelão da embaixada alemã em Constantinopla. Estudou na Universidade de Tübingen, Württ. Como pastor no Oriente Próximo, cultivou ali muitas amizades de valor. Seus escritos e diários preservam informações valiosas sobre a época e os lugares associados às suas atividades por todo o Oriente Próximo, incluindo países como o Egito, a Palestina, a Turquia e a Grécia. Levou para a Alemanha, da Grécia, valiosos manuscritos. Uma espécie de recompensa pelos seus muitos labores teve a forma de sua nomeação como professor de teologia na Universidade de Tübingen.

### GERMÂNICA, FILOSOFIA

Essa expressão é usada para descrever a filosofia que se aliou ao pietismo (vide), em contraste com o movimento de Leibniz-Wolff. Contudo, esse contraste só passou a ser assim designado nos séculos XVII e XVIII. O conflito terminou, contudo, com o surgimento da filosofia de Emanuel Kant. Este foi um

produto da tradição pietista e como tal, pode ser considerado como o ponto culminante da chamada Filosofia Germânica. Naturalmente, ele foi muito além dos limites tolerados por essa designação. Entre seus antecessores mais importantes, que foram lídimos representantes da Filosofia Germânica, podemos citar Christian Thomasius, Andreas Rudiger e A.F. Hoffman, sobre os quais apresentamos artigos separados. Mas também devemos mencionar Christian August Crusius (vide), que exerceu influência direta sobre Kant.

### GERMÂNICA, TEOLOGIA

Martinho Lutero foi o responsável pela publicação de um tratado de natureza mística, nos fins do século XIV, que foi intitulado com seu nome. No entanto, o autor verdadeiro da obra é desconhecido, embora pareça ter ele aparecido dentre o círculo dos Amigos de Deus (vide). A obra é de cunho devocional, enfatizando o crescimento do cristão, tendo por alvo a perfeição.

### GERON

Esse nome vem do termo grego que significa «homem idoso», «senador». Foi o nome de um indivíduo dotado de autoridade política sob Antíoco Epifânio. Parte de sua tarefa consistia na tentativa de forçar os judeus a abandonarem o culto religioso tradicional, herdado de seus antepassados. Ver II Macabeus 6:1.

### GERRENIANOS

Esse vocábulo refere-se a uma localização geográfica e a seus habitantes, que permanecem problemáticos. A palavra ocorre em II Macabeus 13:24. Lísias estava combatendo a Judas Macabeu, em 162 A.C. Dificuldades na Síria, entretanto, forçaram-no a estabelecer a paz com os judeus. Antes de voltar a Antioquia, ele deixou Hegemonides encarregado do governo desde Ptolemaida até os *gerrenianos*. O contexto sugere algum local no sul, já perto da fronteira com o Egito. E, por essa razão, alguns estudiosos supõem que *Gerar* (vide) esteja em foco. Uma sugestão alternativa é a cidade de Gerra; mas essa já ficava dentro do território egípcio, pelo que não pode ser a localidade em pauta.

### GERSITAS

Esse é o nome de uma das tribos cananéias cujas terras foram confiscadas por ocasião da invasão da Palestina pelo povo de Israel. O nome aparece somente em I Samuel 27:8. É provável que essa gente habitasse na cidade de *Gezer* (vide). Há uma nota detalhada, nesta enciclopédia, sobre esse lugar, sobre a sua história, etc. As cartas de Tell el-Amarna dizem *Gazri*, nome esse que, provavelmente, refere-se ao mesmo povo. Alguns supõem que o nome seja uma corrupção produzida por escribas (mediante ditografia; vide), em lugar de *gesuritas* (ver sobre *Gesur*). Outros eruditos, porém, rejeitam essa conjectura. Também há aqueles que supõem que não está em foco *Gezer*, e, sim, o monte Gerizim, e que a alusão seria aos habitantes daquela área, não estando ela tão ao norte como era o caso de *Gezer*.

### GERSON

Esse nome é de procedência estrangeira, tomado por empréstimo pelo vocabulário dos hebreus. Seu

## GERSON — GERSONIDES

significado é incerto, mas os eruditos supõem que esteja relacionado ao termo hebraico *garas*, «expulsar». Portanto, poderia significar algo como «fugitivo». Ver Êxodo 2:22. Todavia, a palavra pode ser corruptela de uma forma estrangeira original, envolvendo um jogo de palavras verbais de alguma sorte. Seja como for, o nome designa três pessoas diferentes, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O filho mais velho de Moisés, dos dois que lhe nasceram na terra de Midiã. Sua mãe foi Zipora. O outro filho de Moisés chamava-se Eliezer. Ver Êx. 2:22 e 18:3. Esses dois homens eram simples levitas, ao passo que os filhos de seu tio, Aarão, desfrutavam de todos os privilégios próprios do sacerdócio, brandindo muito maior autoridade (I Crô. 23:15). Aparentemente, Moisés era imune ao nepotismo, uma atitude rara entre os líderes e os políticos. A Bíblia informa-nos somente quanto ao seu nascimento, à sua circuncisão e à sua genealogia. Seu nome veio a ser vinculado a um dos clãs levitas. Ver Êx. 24:24-26. Viveu por volta de 1500 A.C.

O trecho de Juizes 18:30 afirma que a família de Jônatas, que servia ilegalmente como sacerdotes, em Dã, até o cativeiro assírio, descendia de Gérson. Davi empregou alguns dos descendentes de Gérson, juntamente com os descendentes de Eliezer. Seubel foi um dos principais gersonitas; e Reabias foi um filho de Eliezer, e também um grande líder. Ver I Crô. 23:15-17. — Outro Seubel, séculos mais tarde, descendente de Gérson (nossa versão diz «filho de Gérsons»), foi o tesoureiro-mor de Davi (I Crô. 26:24,25).

2. O filho mais velho de Levi (I Crô. 6:16,17,20,43, 62,71, etc.). Viveu por volta de 1700 A.C.

3. Um líder do clã de Finéias, que, por isso mesmo, é chamado de seu *filho*, atendia por esse nome. Encontrava-se entre os que voltaram com Esdras do cativeiro babilônico. Ver Esd. 8:2. Viveu por volta de 450 A.C.

### GERSON, JEAN DE

Teólogo, místico e eclesiástico francês, que nasceu em Gerson, perto de Rethel, na França, a 14 de dezembro de 1363, e faleceu em Lyon, no mesmo país, a 12 de julho de 1429. Estudou no colégio de Navarra da Universidade de Paris, onde, finalmente, recebeu seu doutorado. Ensinou nessa mesma universidade, da qual foi o chanceler pelo espaço de trinta e quatro anos.

Gerson defendia os direitos das universidades contra os reis e os papas. Ele usava a sua influência e autoridade com vistas a terminar o Grande Cisma, ou seja, a divisão eclesiástica que recebeu esse nome. Ver sobre o *Cisma*. Com esse propósito, foi um dos mentores da convocação do concílio de Pisa, que procurou sanar o cisma papal entre Roma e Avignon. Também foi representante do rei da França por ocasião do concílio de Constança (1414-1418), no qual prevaleceu a sua doutrina da supremacia dos concílios sobre a autoridade do papa. Esse mesmo concílio tanto depôs o papa João XXIII quanto também procurou condenar a João Huss, e a influência pessoal de Gerson esteve por detrás de ambos os atos. Após seu aprisionamento, João Huss foi executado na fogueira, a 6 de julho de 1415. Ver sobre *Huss, João*. Gerson tinha feito oposição ao duque da Borgúndia, por haver assassinado ao duque de Orleães, e tentou provocar um julgamento político contra a casa francesa da Borgúndia, por ocasião do concílio de Constança. Nesse esforço, porém, fracassou, pelo que não foi capaz de retornar em segurança a Paris. Por

esse motivo, transferiu-se para Lyon, após breve permanência na Suíça. Em Lyon, um seu irmão era prior da abadia Celestina. Ali ele se pôs a ensinar crianças e escreveu sobre a teologia mística, enfatizando a doutrina da contemplação, como a união de amor com Deus, dizendo que o componente desse amor é o Espírito Santo.

*Escritos: Teologia Mística; O Monte da Contemplação; Sobre as Consolações da Teologia; Contra a Vã Curiosidade em Questões de Fé*, além de muitos outros ensaios sobre reformas nas universidades e sobre o estado da Igreja.

### GERSON, LEVI BEN

Ver sobre *Gersonides, Gerson, Levi Ben*.

### GERSONIDES, GERSON, LEVI BEN

Suas datas foram 1288-1340. Foi um teólogo judeu, filósofo aristotélico e astrônomo. Nasceu em Bagnols, no Languedoc, na França e viveu em Orange e Avignon. Também foi médico praticante e matemático. Era pensador corajoso, deixando-se guiar, principalmente, pelo pensamento de Aristóteles. Foi o sucessor de Maimônides (vide), na assertiva de que a razão e a ciência deveriam ser os guias da cultura e da erudição na comunidade judaica. Sua influência sobre outras pessoas estudiosas fica demonstrada pelo fato de que o papa Clemente VI, em 1342, fez arranjos para que alguns de seus estudos astronômicos fossem traduzidos para o latim, e pelo fato de que Spinoza adotou a teoria de milagres de Gersonides.

#### **Idéias:**

1. Suas principais discussões filosóficas cobrem as áreas da alma, das profecias, da onisciência de Deus, da providência, da astronomia, da física e metafísica e, finalmente, da criação e dos milagres.

2. Somente o Intelecto divino e ativo é verdadeiramente imortal. Mas os intelectos passivos, desenvolvidos e relacionados com indivíduos, dependem dos universais (vide), que possuem existência real. Dessa maneira, pode-se afirmar a imortalidade do homem como indivíduo e não apenas como humanidade. Mas as realizações intelectuais, em algum sentido, são condições para a concretização desse alvo.

3. Apesar de que Deus, potencialmente, conhece todas as coisas, o Seu conhecimento é autolimitado, porquanto, simplesmente, ele não está interessado em todas as coisas. O conhecimento de Deus incluiria todas as leis cósmicas, bem como as influências causadoras das realidades celestiais que afetam este mundo terrestre. Porém, seu conhecimento não incluiria os *detalhes* da vida do homem, em razão do que o homem seria um ser livre, não limitado pela presciência divina.

4. Deus é imutável, desconhecendo contingência. Somente aquilo que é mutável e contingente pode fazer parte de uma espécie. Assim, o homem conhece a si mesmo, mas Deus, simplesmente, não estaria interessado em detalhes.

Interessante é observar que entre os modernos comentadores da Bíblia, o metodista Adam Clarke (vide) afirmava autolimitação da parte de Deus, quanto à sua presciência. Fazia isso a fim de achar lugar para o livre-arbítrio humano (vide). Agostinho, entretanto, já havia solucionado esse problema, a afirmar que apesar de Deus saber tudo quanto acontecerá aos homens, também sabe que os homens agirão livremente. Isso posto, longe da presciência divina contradizer a liberdade humana, serviria de garantia da mesma. Seja como for, para Gersonides o

## GERSONIDES — GESTALT

mundo não teria sido previamente determinado.

5. A profecia é válida, visto que os profetas são capazes de participar do intelecto *ativo* de Deus.

6. A providência de Deus abrange a tudo, mas de diferentes maneiras. Alguns homens dispõem de uma providência divina especial, porquanto chegam a participar, em extensão maior que a comum, do intelecto ativo de Deus. Outros homens participam de maneira secundária na providência, porquanto não participam, de modo significativo, no intelecto ativo de Deus. Isso parece ser uma maneira fantasiosa de se referir ao desenvolvimento espiritual do indivíduo, e com que grau de intensidade cada um participa, como um intelecto, do *Intelecto* divino.

7. Gersonides defendia a eternidade da matéria, seguindo a idéia de Aristóteles, mas falava em termos do começo do mundo, visto que o mesmo é finito. O começo do mundo dependeria da sua organização, e não por ter vindo do nada. Ele não imaginava o fim da matéria. Rejeitava a astronomia tipo Ptolomeu, supondo que a existência compõe-se de quarenta e oito esferas e de oito planetas, e que cada um desses planetas seria guiado por alguma inteligência. Era defensor da astrologia.

8. Gersonides acreditava na validade dos milagres, mas limitava as esferas em que os mesmos podem operar. Nas esferas celestes, não poderiam ocorrer milagres, visto que isso seria incoerente com o caráter absoluto de Deus. Porém, poderiam ocorrer no fluxo desta esfera terrestre e, de alguma maneira, resultariam, ao menos em parte, das vicissitudes das leis naturais. Os milagres não poderiam conter autocontradição, e seus efeitos também não seriam duradouros.

9. Gersonides enfatizava o argumento teleológico (vide), em prol da existência de Deus, em vez de acentuar o argumento cosmológico.

10. De acordo com Gersonides, Deus pode ser conhecido através de atributos tanto positivos quanto negativos. (E F EP P)

### GERSONITAS

Adjetivo gentílico que indica os descendentes de Gérson, um dos filhos de Levi, filho de Jacó (ver Núm. 3:21; 4:24,27; Jos. 21:33). Ver o artigo separado sobre os *Levitas*. No livro de Números, os gersonitas são divididos em dois clãs: *Libni*, o mesmo Ladã de Núm. 3:18,21; e *Semei* (Núm. 3:18,21). No recenseamento feito no deserto, os gersonitas orçaram em sete mil e quinhentos homens (ver Núm. 3:22). A localização dos gersonitas era a ocidente do tabernáculo (Núm. 3:23). Parte da responsabilidade deles consistia em transportarem as dez cortinas de linho, as onze cortinas de pêlos de cabra, as duas cobertas da tenda, feitas de peles de animais, as cortinas da porta do tabernáculo, além de algum outro equipamento. Ver Núm. 2:25,26; 2:25,26. Eles empregavam dois vagões puxados por quatro bois cada um, nesse mister.

Após a conquista da Terra Santa, aos gersonitas foram dadas possessões entre os descendentes de Issacar, de Aser e de Naftali, bem como entre a meia-tribo de Manassés, na Transjordânia (Jos. 21:6; 27:33; I Crô. 6:62,71-76; 6:1-43). Suas terras ficavam no extremo norte, em ambas as margens do rio Jordão.

Embora tivessem se localizado tão longe de Jerusalém, os gersonitas compartilhavam, entusiasmados, da adoração centralizada que havia ali. Asafe era gersonita, e foi um dos principais músicos da época de

Davi (I Crô. 16:4,5). Outros gersonitas importantes foram Hemã, filho de Joel (I Crô. 15:17); Jeieli, Zetã e Joel, que estavam encarregados do tesouro do templo, também foram homens importantes, dentre os gersonitas. Ver I Crô. 26:21,22; 23:8. O trecho de I Crônicas 23:7-10 contém uma lista de gersonitas que trabalhavam no templo de Jerusalém.

Alguns gersonitas participaram das reformas instituídas por Ezequias, conforme se aprende em II Crônicas 29:12-15. Durante o reinado de Josafá (ver II Crô. 20:14 ss), Jaaziel, um dos descendentes de Asafe, foi pregador e líder religioso importante. Terminado o cativeiro babilônico, o único clã gersonita mencionado na Bíblia é o de Asafe (vide). Ver Esd. 3:10 e Nee. 11:17.

### GERUTE-QUIMÃ

No hebraico, «hospedaria de Quimã» ou «hospedaria por detrás de «Quimã». Esse lugar, posto que próximo da cidade de Belém, permanece não identificado. Talvez derive o seu nome de um filho de Barzilai (II Sam. 19:37-40). Joanã e seus companheiros ali permaneceram enquanto planejavam descer ao Egito, após o assassinato de Gedalías, quando Nabucodonosor, imperador da Babilônia, o havia nomeado governador sobre o que restava da Judéia, após o cativeiro babilônico e a deportação dos habitantes da Judéia para outros lugares, em cerca de 586 A.C. Ver Jer. 41:17.

### GESÃ

No hebraico, «imundo», embora alguns prefiram pensar no sentido de «firme» ou «forte». Foi o terceiro filho de Jadai, descendente de Calebe (I Crô. 2:47). Viveu por volta de 1210 A.C.

### GESEM

Palavra derivada do árabe, com o sentido de «chuva». Mas há outros significados possíveis, como «volume» ou «substância». Ainda outros estudiosos pensam que o sentido da palavra deve ser dado como desconhecido. Seu nome figura exclusivamente no livro de Neemias (2:19 e 6:1,2,6). Ele foi um árabe, inimigo dos judeus e de Neemias, depois que os judeus voltaram do cativeiro babilônico para a Terra Santa. Planejou contra a vida de Neemias, em cerca de 445 A.C. Alguns têm suposto que ele fosse samaritano, mas seu título árabe pode identificá-lo apenas como governador de Edom, e não como um idumeu. Outros eruditos, entretanto, têm-no identificado com um rei do norte da Arábia, cujo nome aparece em uma inscrição de Deão, na Arábia, ou então, sob forma modificada, *Gashm*, rei de *Quedar*, em uma inscrição aramaica descoberta no Egito. Sabemos que os monarcas daquela região tiravam proveito do comércio palestino, por causa das rotas comerciais que atravessavam a Palestina, vindas da Arábia, até às costas do mar Mediterrâneo. Onde houver dinheiro, aí manifestar-se-á a política; e onde houver a política, aí surgirão conflitos. Gesém, pois, opunha-se aos desígnios do governo judaico, tomando-o como sedicioso, e sujeitando-o ao ridículo. Por essa razão foi que Gesém participou ativamente no conluio de Tobias, contra a segurança de Neemias (ver Nee. 2:19 e 6:2-9).

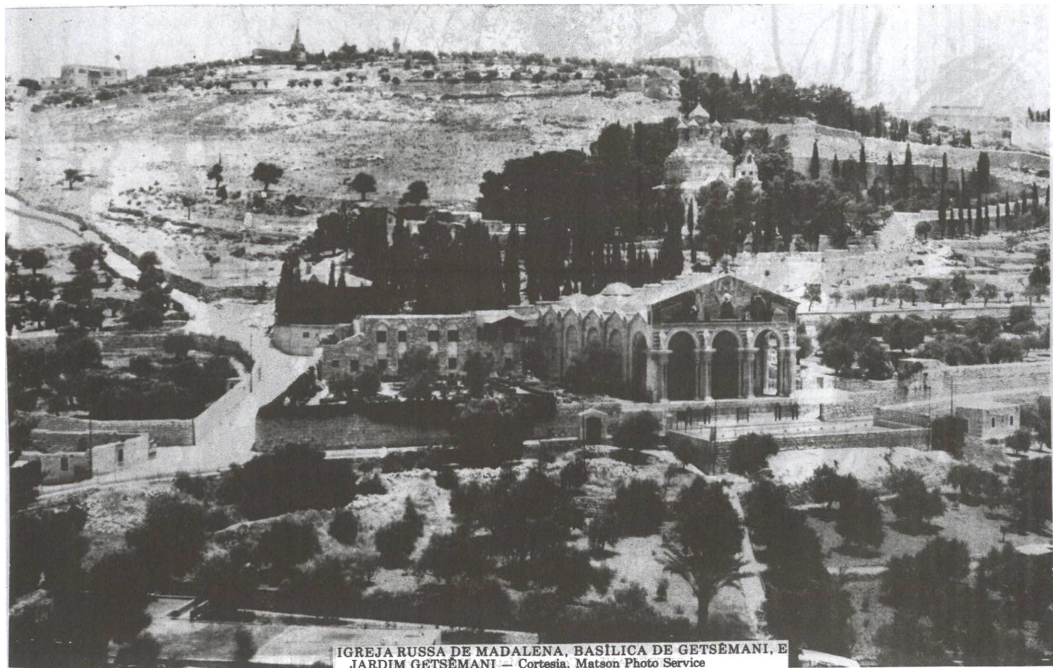
### GESTALT

Essa palavra, que é de origem alemã, significa o





GETSEMANI — Cortesia, Matson Photo Service



IGREJA RUSSA DE MADALENA, BASÍLICA DE GETSEMANI, E  
JARDIM GETSEMANI — Cortesia, Matson Photo Service

## GESTALT — GETSĒMANI

*todo organizado* de alguma coisa. Ver sobre a *Psicologia Gestalt*, no oitavo ponto do artigo sobre *Psicologia, Escolas de*.

A *gestalt* é um todo organizado ou coerente, cujas porções constitutivas são determinadas pelas leis intrínsecas ao todo, e não por mera associação ou justaposição ao acaso. Esse nome identifica a escola de psicologia fundada por Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka.

Além desse uso, importante como é para a filosofia, a *teoria gestalt* relaciona-se também à percepção dos sentidos. A visão, naturalmente, tende por organizar uma série de pontos e linhas em padrões coerentes, mediante a analogia com o que já foi experimentado, e a tendência natural de procurar organizar as coisas. Essa teoria implica em um processo fenomenológico como algo inerente à visão. Em outras palavras, aquilo que é visto é acompanhado pela sua interpretação, de tal modo que aquilo que alguém vê não reflete, necessária e fielmente, o que realmente existe no campo da visão. O mesmo processo aplicar-se-ia às idéias em geral. A pessoa religiosa, quando ouve uma nova idéia, imediatamente procura ajustá-la àquilo que ela já sabe e no que acredita. Se não conseguir fazê-lo, então rejeita a idéia com um certo desdém. Destarte, a pessoa terá fechado a sua mente para possíveis novas verdades. O absurdo envolvido nesse processo é que o indivíduo se elege a si mesmo como o critério da verdade. Porém, nenhum critério autêntico para a verdade pode ser encontrado em uma mente fechada. Nada é mais óbvio neste mundo do que o fato de que a verdade, com freqüência, apanha-nos de surpresa, revolucionando aquilo que pensamos.

### GESTO

Ver o artigo sobre as *Atitudes*.

### GESUR

Um pequeno principado arameu a leste do rio Jordão e ao sul de Maacá, que se tornou território de Manassés (ver Deu. 3:14 e II Sam. 15:8). (UN)

### GESUR, GESURITAS

O sentido do vocábulo hebraico por detrás desses termos é incerto, embora uma conjectura razoável seja «ponte». Gesur era um país que ficava na margem oriental do rio Jordão, e os gesuritas eram um povo que habitava perto do Sinai.

1. *O País*. Esse território pertencia à Síria, contíguo à fronteira norte de Israel, no lado oriental do rio Jordão, entre o monte Hermom, Maaca e Basã (Deu. 3:13,14; Jos. 12:5. Ver também II Sam. 15:8 e I Crô. 2:23). A área ocupada pelas populações dali, juntamente com os maacatitas, ficava nas fronteiras do território outorgado a Jair, o manassita (Deu. 3:14). O trecho de Josué 12:5 mostra-nos que a conquista da Terra Prometida, pelos israelitas, chegou até aquele ponto. Aquela gente não foi deslocada do território e, naturalmente, os seus descendentes vieram a tornar-se motivo de dificuldades para os israelitas. Gesur, juntamente com Arã (Síria), conquistou Havote-Jair, que antes pertencera a Jair, o manassita, juntamente com outros lugares (I Crô. 2:23). Na época de Davi, essa região tinha um rei de nome Talmái. Sua filha, Maaca, tornou-se uma das muitas esposas de Davi (II Sam. 3:3). Ela foi a mãe de Absalão, que, quando cresceu, refugiou-se com seu avô materno, em Gesur, depois de haver

mandado assassinar traiçoeiramente a seu meio-irmão, Amom, porque este violentara sua irmã, Tamar. Absalão ficou ali por três anos, antes de voltar ao território de Israel (II Sam. 14:23,32; 15:8).

2. *Os Habitantes*. Esse povo vivia ao sul do território dos filisteus, já no Sinai. Quando da conquista da Terra Prometida, o território deles não fora, originalmente, conquistado pelos israelitas (Jos. 13:2). Quando Davi refugiou-se junto a Aquis, rei de Gate, desfechou ataques armados contra os gesuritas e contra outras populações. Mas, iludido pelas aparências, Aquis pensava que eram ataques de Davi contra sua própria gente, os israelitas (I Sam. 27:8). Por esse motivo, Aquis pensou que Davi se alienara totalmente de seu povo de Israel, e que, por isso mesmo, residiria entre a gente dele, como seu servo permanente. É difícil entendermos toda a matança em que Davi se meteu, durante esse tempo, porquanto matava a todos, homens, mulheres e até animais. John Gill, comentando sobre I Samuel 27:10, afirma que Davi matou tanta gente com o propósito bem definido de enganar a Aquis, a fim de que pudesse residir mais confortavelmente entre os filisteus, mas ajunta que não deveríamos defender tanto derramamento de sangue. Sem dúvida, tudo isso constituiu um crime da parte de Davi. A sua razão para tanta matança era eliminar qualquer relatório sobre o que ele andava fazendo, a fim de que Aquis não viesse a descobrir que ele não estava atacando aos israelitas. É realmente difícil entender alguns dos *heróis* da fé. Mas, afinal, eles foram apenas homens, com tantos defeitos como quaisquer outros homens.

### GETĒR

O significado desse nome não é conhecido. Todavia, foi o nome do terceiro dos filhos de Arã. Ele é mencionado somente por duas vezes em duas passagens do Antigo Testamento: Gên. 10:23 e I Crô. 1:17. Nesta última passagem, ele aparece como um dos filhos de Sém, quando, na realidade, era um dos seus descendentes, através de Arã. Viveu por volta de 2200 A.C., ou mesmo antes disso. Mas, nenhum povo, nação ou população tem sido identificado como seus descendentes diretos.

### GETSĒMANI

Essa palavra é uma transliteração para o grego, e daí para o português, do aramaico, que significa «lugar de azeite». No aramaico é *gath shemadni*. O Getsēmani era um jardim ou pomar de oliveiras que havia a leste de Jerusalém, no caminho que levava ao ribeiro do Cedrom, até o monte das Oliveiras. O lugar passou a ser considerado sagrado devido ao fato de que foi um lugar associado à vida de Jesus, especificamente o local onde ele sofreu tantas agonias mentais, na noite anterior à sua crucificação, e onde fez uma ingente oração, buscando a vontade do Pai quanto aquilo que estava prestes a acontecer em sua vida. O relato aparece em todos os quatro evangelhos: Mat. 26:36-57; Mar. 14:32-53; Luc. 22:39-53 e João 28:1-13. É um dos poucos lances da vida de Jesus narrado pelos quatro evangelhos. O local é identificado como um bosque de oliveiras de propriedade das igrejas armênia, grega, russa e católica romana. Os franciscanos vêm cuidando da porção que cabe aos católicos romanos desde 1681. Contém oliveiras de imensa antiguidade, desde a época em que a cristandade plantou aquele bosque, no tempo da imperatriz Helena, que visitou Jerusalém em 326 D.C. Naturalmente, é desconhecido o local

exato da agonia de Jesus, mas podemos ter a certeza de que a área geral é naquela região.

Os detalhes que nos são fornecidos pelo Novo Testamento indicam que atingia-se o local somente depois de fazer a travessia de parte da colina arborizada (Mat. 26:36; Mar. 14:26,32; João 18:2 e Luc. 21:37, trechos esses que também indicam que Jesus, com frequência, ia até ali a fim de repousar, orar e ter comunhão com os seus discípulos). Assim fez o Senhor, pois, na noite em que foi entregue às mãos de seus inimigos. Após celebrar a ceia, tendo deixado o cenáculo onde estivera reunido com seus discípulos, atravessou o vale do Cedrom, subiu o monte das Oliveiras, e ali falou com seus discípulos sobre vários assuntos: que eles seriam dispersos; que a sua ressurreição produziria uma renovada união entre eles; que Pedro seria tentado a negá-lo (Mar. 14:26-31). Pedro, Tiago e João acompanharam o Senhor Jesus até o Getsêmani, e ele lhes ordenou que vigiassem. Mas eles falharam reiteradamente no cumprimento dessa ordem, por causa de pesado sono que deles se apossou. O Senhor orou por três vezes, pedindo para ser libertado da cruz, mas terminou reconhecendo e aceitando a vontade do Pai.

Existe uma tradição antiga que diz que há oito antiqüíssimas oliveiras que assinalam o local com precisão. Mas, contra isso temos o fato de que Tito, em 70 D.C., derrubou todas as árvores que havia a leste da cidade, conforme Josefo nos informa (ver *Guerras* 6:1,1). No entanto, quem pode saber se Tito derrubou por terra até à última árvore do lugar? Ele poderia ter deixado de pé algumas delas. Tudo isso, porém, é especulação, e nada sabemos dizer com certeza a esse respeito.

*«Quem passou pela vida em branca nuvem  
E em plácido repouso adormeceu;  
Quem não sentiu o frio da desgraça,  
Quem passou pela vida e não sofreu;  
Foi espectro de homem — não foi homem,  
Só passou pela vida — não viveu».*  
(Francisco Otaviano)

## GETTIER, PROBLEMA DE

Edmund L. Gettier, em um artigo publicado em 1963, intitulado *Analysis*, levantou dúvidas concernentes à natureza da verdadeira crença justificada e ao seu relacionamento com o conhecimento.

*O que é a crença verdadeira justificada?* Consideremos o seguinte exemplo. Suponhamos que eu não crese na existência da alma, e crese que eu sou apenas o meu corpo físico. Porém, ao morrer, eis que vejo que o eu real não é o corpo físico. Posso ver meu corpo jazendo sobre o leito, e reconheço que o mesmo foi apenas um veículo. Tomo então consciência de um novo «eu», embora não faça qualquer idéia quanto à natureza desse «eu». Reconheço que tenho uma crença que é aparentemente verdadeira, que é justificada pelas circunstâncias. Logo, tenho uma crença verdadeira justificada, embora faltem-me teorias e descrições sobre a questão. Essa crença poderia ser chamada apenas de *conhecimento*; embora seja um conhecimento muito fundamental, indescritível. Não obstante, essas fagulhas de conhecimento podem envolver grandes implicações.

Ao falar sobre problemas assim, Gettier punha em dúvida se podemos classificar ou não tal crença de conhecimento. Ele injetou na questão o problema da possível identificação errônea. Uma pessoa pode supor que está vendo uma ovelha, em um campo, quando, na realidade, o que ela está vendo é um cão.

Aparentemente, ela tinha um crença verdadeira justificada; mas a mesma está contaminada por uma conclusão equivocada. Porém, se um elemento de equívoco entra no quadro, dificilmente poderíamos falar em crença verdadeira. Isso, automaticamente, elimina a idéia de mero equívoco. Temos então de concordar com Gettier que ocorrem identificações equivocadas; mas, em tais casos, não está em pauta nenhum conhecimento, mas apenas idéias erradas. Roderick Chisholm fortaleceu a definição do conhecimento, como uma crença verdadeira justificada, ao inserir uma outra palavra, ao referir-se a *crenças verdadeiras justificadas não defeituosas*.

Quase todo o nosso conhecimento, de fato, consiste em crença verdadeira justificada; mas também só é verdadeiro conhecimento quando podemos descrevê-lo como *não defeituoso*. Até os maiores cientistas se equivocam ou fazem identificações apenas parciais, na sua busca pelo conhecimento. A teologia não está imune a isso. Até mesmo nossas mais elevadas verdades contêm alguns defeitos. Somente Deus conhece realmente a teologia. A crença justificada pode vir através do método empírico, científico, ou através da razão, da intuição e das experiências místicas e religiosas. Sempre haverá diversos níveis de sucesso nesse campo das crenças verdadeiras justificadas, como também a intromissão de equívocos e a necessidade de revisar e reconstruir. Algumas vezes, como na ilustração que demos acima, uma crença verdadeira justificada repousa sobre alguma experiência aparentemente verdadeira. Tais casos, como é óbvio, estão abertos a continuas considerações, para que se verifique que sua justificação é válida. O conceito daquilo que é *verdadeiro* está sempre sujeito a adições, subtrações e modificações.

## GEULINCX, ARNOLD

Suas datas foram 1624-1669. Foi um filósofo belga. Estudou e conferenciou na Universidade Católica de Louvain. Depois, converteu-se ao calvinismo (vide). Tornou-se discípulo de Descartes, o qual, ao procurar solucionar o problema do *corpo-mente* (vide) postulou a teoria do *ocasionalismo* (vide). Por ocasião de sua morte, era professor da Universidade de Leiden. Suas idéias estão contidas em dois livros, ambos publicados postumamente, intitulados *Ética* e *Metafísica*.

## GEZER

1. *O Nome*. No hebraico, essa palavra significa «precipício». A tradução da Septuaginta diz *Gazera*; mas aparece com a forma de *Geder*.

2. *Localização*. Gezer é uma antiqüíssima cidade que ficava localizada à margem noroeste da Sefelá, acima da planície marítima, cerca de vinte e nove quilômetros a noroeste de Jerusalém, e a vinte e sete quilômetros a sueste de Jafa. Dali, obtém-se uma ótima visão da planície de Ono (Nee. 6:2). Essa planície era atravessada, na direção norte-sul, por uma estrada, que era a principal rota marítima da região. Uma estrada lateral, que conduzia à região montanhosa, através de Belém, levava diretamente a Gezer. Ocupava uma posição estratégica, visto que guardava uma das poucas estradas que levava de Jerusalém a Jafa. Ver II Sam. 5:25 e I Crô. 14:16, quanto a referências bíblicas a essa localidade.

3. *História*. Gezer fora uma cidade real dos cananeus, situada naquilo que se tornou a porção ocidental do território da tribo de Efraim. Até onde vão os registros históricos, foi mencionada pela primeira vez por Tutmés III, na lista de cidades que

## GEZER — GIBEÁ

ele conquistou, quando de sua primeira campanha naquela região. Ali o nome da cidade aparece como *q-dj-r*. Em uma estela, esse Faraó mencionou prisioneiros feitos em Gezer. Um tablete, em escrita cuneiforme, menciona os gitim (Gath ou Gitaim). Gezer imiscuiu-se nas muitas batalhas e intrigas que o povo da área encetou contra o Egito. Os governantes de Gezer procuraram ocupar cidades e áreas-chaves, que guardavam as rotas que conduziam a Jerusalém. Porém, o Faraó Merzopta intitulou-se de «reductor de Gezer», o que dá a entender que ele conseguiu dominar a oposição ao Egito que ali havia. Sua vitória ali é descrita em uma estela que os arqueólogos descobriram. Quando da XVIII Dinastia egípcia, foi posta sob a direção de um governador egípcio (1570 A.C. e depois). Porém, obteve alguma independência e, na época da conquista da Terra Prometida, pelos filhos de Israel, a cidade contava com seu próprio rei, Horão.

Já desde 3000 A.C., Gezer era um centro importante, tendo-se tornado uma virtual fortaleza. Por esse motivo foi que Josué (no século XIII A.C.), tendo atacado aquela área em geral, nunca conseguiu expelir os cananeus daquela região. Ver Jos. 10:33; 16:5,10 e Juf. 1:29. Israel obteve ali poder suficiente para forçar os habitantes a pagarem tributo e proverem labor forçado. Os levitas costitas receberam a cidade como herança, bem como toda a região em redor, que, como já dissemos, fazia parte do território de Efraim. Ver Jos. 21:21; I Crô. 6:67.

Quando Davi estabeleceu a sua capital em Jerusalém, declarou guerra aos filisteus, tendo-os perseguido até Gezer (II Sam. 5:25; I Crô. 14:16). No século X A.C., o rei do Egito capturou e arruinou Gezer. O que sobrou, ele deu à sua filha, como presente de casamento. Por esse motivo é que Salomão reconstruiu a cidade (I Reis 9:16,17).

Não mais se ouve falar em Gezer, nas páginas da História, até à conquista da mesma pelos assírios, no tempo de Tiglate-Pileser, ou em sua campanha contra a Filistia (734 A.C.), ou em seu ataque contra Israel (733 A.C.). A arqueologia tem descoberto um relevo que fala sobre a conquista do lugar por esse monarca assírio. Dois tablettes, escritos em assírio, em escrita cuneiforme, encontrados entre as ruínas de Gezer, mostram que Tiglate-Pileser estabeleceu ali uma colônia. Subseqüentemente, o controle do lugar retornou à Judéia, sob Josias, e talvez também sob Ezequias.

**Há algumas evidências de que alguns que retornaram do cativeiro babilônico estabeleceram residência em Gezer.** Isso apesar de que o trecho de I Esdras 5:31, onde alguns manuscritos dizem «filhos de Gezer», diga em manuscritos de qualidade superior, «filhos de Gazam». Aparentemente, Gezer esteve envolvida no conflito entre a XXIX Dinastia egípcia e a Pérsia (398-393 A.C.), conforme uma laje de pedra, encontrada na área, parece dar a entender.

Antes do aparecimento dos Macabeus, Gezer era uma cidade gentílica. Quando os governantes selêucidas foram derrotados, eles retiraram-se para Gezer, como um lugar de refúgio (ver I Macabeus 4:15 e 7:45). Baquides fez da cidade uma fortaleza (I Macabeus 9:52; Josefo, *Anti.* 13:1,3). Baquides (vide) foi governador da Mesopotâmia durante os dias de Antíoco Epifânio e general do exército sírio na época de Demétrio Soter. Simão Macabeu conquistou a cidade de Gezer, segundo nos diz Josefo (*Guerras* 1.2,2; *Anti.* 13.6,7). Mas Antíoco Sidete reconquistou a cidade (Josefo, *Guerras* 1.2,5; *Anti.* 13.7,3).

Quando do domínio romano, Gezer já havia perdido sua anterior importância, tendo sido reduzida

a uma pequena aldeia. Na era bizantina, uma outra cidade, cerca de sete quilômetros de distância, para o sul-sudeste, Emaús-Nicópolis, era muito mais importante do que Gezer. Eusébio, em seu *Onomástico* 66.19 — 68.2, descreve essa outra cidade.

4. **Arqueologia.** O local de Gezer foi identificado por C. Clermont-Ganneau, em 1870. Várias inscrições foram ali encontradas. O arqueólogo R.A.S. Macalister escavou as ruínas de Gezer em *Tell Jezer*, em 1902, e muitas escavações foram efetuadas durante o período de 1902-1909. Mais trabalho arqueológico foi ali desenvolvido em 1934, por A. Rowe. Em anos mais recentes, outros arqueólogos têm continuado as escavações, incluindo o Hebrew Union College e a Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém, sob a direção de G.E. Wright. Ruínas ali achadas têm sido datadas dos períodos Calcolítico, Bronze Antigo I, II e III, Bronze Médio II, Bronze Posterior, Idade do Ferro e épocas das dominações persa, helenista e romana. Foi encontrado um portão que procede da época de Salomão. (ALB in JPOS, IV, 1924; ALB em BASOR, vol. 41; 1931; idem, n° 89, 1943; H. Darrell Lance, em BA, XXX, 1967; MACA (1912); ND UN Z)

### GIA

No hebraico, «fonte». Um lugar, não identificado, mencionado somente em Sam. 2:24. Outros estudiosos preferem pensar no sentido de «cascata» ou «ravina», para essa palavra. Estava na rota da fuga de Abner, quando fugia de Joabe e Absai, depois de haver morto a Asael, seguindo a derrota das forças de Esbaal, pelas tropas de Davi. O local é mencionado em conexão com a colina de Amá.

### GIBAR

No hebraico, «herói» ou «poderoso», nome do antepassado de noventa e cinco pessoas que voltaram do cativeiro babilônico com Zorobabel (Esdras 2:20). No trecho paralelo de Neemias 7:25, aparece o nome *Gibeom* em lugar de Gibar. Visto que essa lista de Neemias relaciona as pessoas às suas cidades de origem, e não a seus antepassados, no registro que se segue imediatamente, em Esdras 2:21, é incerto qual teria sido o original.

### GIBEÁ

No hebraico, «colina», «outeiro». Nome usado com esse sentido em muitas passagens do Antigo Testamento, tanto para indicar várias localizações geográficas como até mesmo de uma pessoa. Visto que Israel era uma região montanhosa, na maior parte de seu território, não é surpreendente que muitas localidades tivessem sido denominadas Gibeá.

1. Quanto a localidades que tinham esse nome, devemos notar que vários nomes usados no Antigo Testamento derivam-se da mesma raiz, do que resulta uma certa confusão. Assim, há os nomes Geba, Gibeá, Gibeate e Gibeom. O texto massorético exhibe considerável confusão no que concerne a esses nomes. Quanto a esse texto, ver sobre a *Massorah*. Assim, Gibeom, uma das principais cidades dos *heveus* (Jos. 11:19) é confundida com Gibeá de Saul (II Sam. 21:6), e também como Geba, mencionada em I Crônicas 14:15. E, então, para confundir as coisas ainda mais, a Gibeom de I Crônicas 14:16, na realidade, é a mesma que a Geba de II Sam. 5:25. Geba e Gibeá, mui provavelmente, referem-se ao mesmo lugar e são freqüentemente confundidas. Em

## GIBÉÁ — GIBÉATITA

Juízes 20:31, não há como fazer com que o caminho ali mencionado na realidade fosse de Gibéá a Gibéá, pelo que deveríamos pensar de Gibéá a Geba. Nossa versão portuguesa resolve a dificuldade dizendo «...para Gibéá do Campo». Mas, dois manuscritos posteriores do texto massorético, em vez disso, dizem «para Geba». Contudo, em Juízes 20:10, Geba, sem dúvida é Gibéá. Nossa versão portuguesa diz ali: «...Gibéá de Benjamim». Na verdade, Geba é a forma masculina do nome, ao passo que Gibéá é a forma feminina do mesmo nome; e parece que as duas formas eram usadas intercambialmente. Assim, se o leitor sentir-se confuso diante de tantos nomes parecidos, pelo menos poderá consolar-se diante do fato de que os eruditos também têm ficado confusos.

2. Gibéá era o nome de uma cidade na região montanhosa de Judá (Jos. 15:27), identificada com a moderna *el Jab'ah*, situada cerca de dezesseis quilômetros a noroeste de Beit Immar. Talvez fosse essa a cidade natal de Micaía, a mãe de Abias, rei de Judá (II Crô. 13:2). Dando-lhe o nome de Babaata, Eusébio e Jerônimo situavam-na a doze milhas romanas de Eleuterópolis, afirmando que ali é que residia o profeta Habacuque. Ficava cerca de treze quilômetros e meio a sudoeste de Jerusalém.

3. Também havia uma Gibéá nas colinas de *Efraim*, uma área que pertencia a Finéias, neto de Aarão. Foi ali que Eleazar, o sacerdote, foi sepultado (Jos. 24:33). Josefo (*Anti.* 5.1,29) chegou a mencioná-la; mas, atualmente, sua localização é desconhecida. O *Onomástico* de Eusébio situava-a a cinco milhas romanas de Gofna, na estrada para Neápolis (Siquém). Ela ficava cerca de quinze milhas romanas ao norte de Jerusalém. Alguns estudiosos têm-na identificado com o wady *el-Jib*, a meio caminho entre Jerusalém e Siquém.

4. Gibéá também era uma cidade de *Benjamim* (I Sam. 13:5), também chamada «Gibéá de Saul» (I Sam. 11:4). Era assim chamada porque foi ali que Saul nasceu (I Sam. 10:26). Ele usou a cidade como sua residência, quando era rei de Israel (I Sam. 13 — 15). Nos tempos de Davi, depois que ele passou a controlar a Israel, os gibeonitas enforcaram sete dos descendentes de Saul, nas muralhas de Gibéá, a fim de fazer expiação pela matança que ele provocara entre os habitantes daquele lugar (II Sam. 21:6). A Septuaginta diz «Gibeom» nesse lugar. Antes disso, o local serviu de cena de um crime desumano, registrado em Juí. 19:12 ss, por causa do qual os benjamitas foram quase exterminados. No conflito intenso que se seguiu, foram mortos quarenta mil homens das outras tribos, e vinte e cinco mil homens de Benjamim, tudo por causa de concupiscência sexual envolvendo a concubina de um levita. O levita desmembrou o corpo de sua concubina e enviou pedaços do mesmo a várias porções de Israel, exigindo vingança. Os israelitas aniquilaram a localidade, mas pouparam a quatrocentas virgens para serem esposas dos seiscentos homens benjamitas sobreviventes (Juízes 19 — 21). E as outras mulheres, que se faziam necessárias, foram trazidas de Siló.

W.F. Albright começou a fazer escavações nesse lugar, em 1922. O local moderno chama-se *Tell el-Ful*, que significa «colina dos Feijões». Fica cerca de cinco quilômetros ao norte de Jerusalém. O local dá mostras de ter sido habitado por muitos povos. Seu primeiro nível representa o fim da Idade de Bronze e o começo da era do Ferro, quando então foi construída ali uma fortaleza (perto do fim do século XII A.C.). Esse lugar foi incendiado mais ou menos nesse tempo; e alguns estudiosos identificam isso com a destruição descrita no livro de Juízes 19 e 20, ligada ao relato

mencionado no parágrafo anterior. O lugar continuou desabitado por cerca de um século depois disso. O segundo nível representa a época de Saul. Novamente, tornou-se uma fortaleza. Um arado de ferro foi um dos itens ali encontrados. Os filisteus, porém, destruíram-na e, novamente, a mesma ficou desabitada, somente para vir a ser habitada novamente, algum tempo mais tarde. Porém, após os dias de Davi, a cidade foi abandonada novamente pelo espaço de mais um século. O terceiro nível revelou uma fortaleza que foi usada entre os séculos IX e VII A.C. Esse lugar pode estar vinculado à Geba mencionada em I Reis 15:22, e onde, provavelmente, o nome correto deve ser Gibéá (nossa versão portuguesa diz «Geba»). Essa fortaleza foi destruída por Nabucodonosor; e seguiu-se então um abandono por diversos séculos. O lugar foi novamente fortificado na época dos Macabeus. Judeus residiram esporadicamente no local, até à destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C. E, a partir dessa data, o local nunca mais foi habitado. Um curioso achado arqueológico foi encontrado nesse local. Uma manjedoura de pedra foi achada ali, com data aproximada do tempo do nascimento de Jesus Cristo. Pode-se supor que a manjedoura mencionada por ocasião do nascimento de Jesus era similar a essa. Ver as notas expositivas no NTI, em Lucas 2:7, quanto a informações sobre a manjedoura de Jesus.

5. Há uma outra Gibéá em I Samuel 10:10, chamada de «Gibéá-Eloim» em I Sam. 10:5. Essa localidade tem sido identificada com Ram Allah; mas outros estudiosos preferem identificá-la com Gibéá de Saul. No entanto, o mais provável é que tenha sido um lugar distinto, provavelmente o mesmo que Geba Ram Allah, onde Saul mostrou-se ativo e onde residia. Saul visitou esse lugar; mas, aparentemente, isso ocorreu antes de ter escolhido o local como sua residência.

6. Gibéá em *Quiriate-Jearim*. Foi nessa localidade que a arca da aliança foi guardada em segurança, depois que os filisteus a devolveram aos israelitas, até que Davi, finalmente, transportou-a para Jerusalém (II Sam. 6:3,4; ver também I Sam. 7:1,2).

7. Certo homem, chamado Gibéá, era descendente de Calebe (I Crô. 2:49). O nome de seu pai era Seva, cuja mãe era Maaca, uma das concubinas de Calebe (I Crô. 2:48). Viveu em cerca de 1410 A.C.

### GIBÉÁ DE SAUL

Ver sobre *Gibéá*, quarto ponto.

### GIBÉATE

Em algumas versões (embora não em nossa versão portuguesa, que diz «Gibéá»), esse é o nome de uma cidade da tribo de Benjamim, perto de Jerusalém (Jos. 18:28). Alguns identificam esse lugar com a Gibéá de Benjamim (ver sobre Gibéá, quarto ponto, chamada «Gibéá de Saul»), que ficaria cerca de oito a dez quilômetros ao norte de Jerusalém. Mas outros estudiosos preferem pensar em uma cidade diferente, embora próxima daquela.

### GIBÉATITA

Adjetivo gentílico que indica um nativo de Gibéá (vide). E adjetivo aplicado a Semaá, pai de dois benjamitas que, a princípio, serviam a Saul, mas que depois bandearam-se para Davi (I Crô. 12:3).

•••••

## GIBEOM

1. O Nome. No hebraico, *ghlbbon*, significa «colina», «outeiro». Ver o artigo separado sobre *Gibéá*, uma palavra que vem da mesma raiz, e que designa várias cidades mencionadas no Antigo Testamento. Gibeom era uma cidade que ficava cerca de dez quilômetros a noroeste de Jerusalém, na estrada para Jope.

2. Caracterização Geral e História. Gibeom foi uma célebre cidade dos dias do Antigo Testamento. O nome não ocorre no Novo Testamento. Era uma grande cidade, originalmente uma das capitais dos heveus. Ver Jos. 11:19. É mencionada pela primeira vez no Antigo Testamento em conexão com o ludíbrio que seus habitantes pespegaram em Josué. Eles induziram-no não somente a entrar em liga com eles, assim poupando-os do extermínio, mas também a fazer guerra contra cinco reis, que os tinham ameaçado. Ver Jos. 9:3-17. Assim agindo, eles escaparam da mesma sorte que tinham tido as cidades de Ai e Jericó. Josué entrou em acordo com os embaixadores de Gibeom, antes de saber que eles eram da cidade, a qual, naturalmente, fazia parte da lista das cidades que precisavam ser conquistadas. O tratado incluiu as aldeias de Quefira, Beerote e Quiriarte-Jearim. Mas, embora Josué tivesse cumprido a palavra empenhada, não os destruindo, reduziu-os à servidão, de tal modo que se tornaram lenhadores e puxadores de água. Ver Jos. 9:23. A circunstância criada por esse acordo provocou a batalha de Bete-Horom, durante a qual houve o famoso longo dia de Josué. Ver Jos. 10. Em nosso artigo sobre a *Astronomia*, quinto ponto, discutimos vários itens interessantes na Bíblia, relativos a esse assunto.

Finalmente, a região foi entregue a Benjamim, como possessão, — e então a cidade foi declarada cidade dos levitas. Ver Jos. 18:25 e 21:17. Após a destruição de Nob, por parte de Saul, o tabernáculo foi armado em Gibeom, onde permaneceu até à construção do templo de Jerusalém. Ver I Crô. 16:39; I Reis 3:4,5 e II Crô. 1:3 ss.

Os gibeonitas levavam uma vida precária entre os israelitas. — Saul, aparentemente, só tolerava a presença deles. No entanto, lemos acerca de uma grande matança contra os gibeonitas, que ele promoveu (II Sam. 21:1 ss.). Nos dias de Davi, eles exigiram que fosse feita justiça contra esse ato, em razão do que sete dos filhos de Saul foram entregues aos gibeonitas, os quais foram por eles executados. Somente Mefibosete foi poupado.

O conflito entre os soldados de Joabe e os soldados de Abner teve lugar em Gibeom; mas a luta não envolveu os nativos do lugar (II Sam. 2:12 ss). Joabe ganhou a batalha, mas não foi capaz de deitar mão em Abner.

Salomão foi até Gibeom a fim de oferecer sacrifícios, e foi ali que Deus soudeou-o acerca de seus mais profundos desejos. Salomão escolheu a sabedoria, e não vantagens pessoais e materiais, e acabou ganhando até mesmo esse tipo de vantagens (I Reis 3:4; II Crô. 1:3 ss.). Nessa época, Gibeom era um dos lugares altos onde se efetuava um culto idólatra, o que prevaleceu ali por longo tempo. Como um dos *lugares altos*, Gibeom é mencionada novamente por duas vezes, em I Crônicas 16:39 e 21:29.

Com base em Jeremias 41:16, aprendemos que, após a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, Gibeom tornou-se, novamente, a sede do governo de toda aquela região.

Cerca de quinhentos anos depois da associação de Gibeom com Salomão, Melatias e outros naturais de

Gibeom ajudaram Neemias a reconstruir as muralhas de Jerusalém. Ver Nee. 3:7; ver também Nee. 7:25. Um falso profeta de Gibeom era chamado Hananias, e Jeremias predisse a sua morte (Jer. 28:1 ss). As genealogias de I Crônicas 8:29 e 9:35 mencionam um homem de nome Gibeom; e o mais provável é que se tratasse de um homem da cidade de Gibeom.

3. A Arqueologia e a Cidade de Gibeom. James B. Pritchard, da Universidade do Estado da Pennsylvania, dirigiu as escavações em Gibeom, nos verões dos anos de 1956, 1957, 1959 e 1960. Essas escavações foram feitas no local chamado modernamente *el-lib*. Foram encontrados restos arruinados de habitações, que remontam à era do Bronze Antigo e Médio II. Uma ocupação pertencente à era do Bronze Posterior talvez tenha sido o lugar conhecido por Josué. Pertencente à Idade do Ferro Antigo foi escavado um grande poço seco, com uma escadaria que descia por suas paredes internas, até uma profundidade de 10,70 m escavada na rocha. Dali descem outros degraus, descendo por um túnel por outros cinqüenta metros, até uma câmara com água. Esse túnel contava com noventa e três degraus, escavados na rocha sólida. Os arqueólogos não têm muita certeza quanto à razão dessa construção; mas parece que ali havia um manancial de água. É possível que o *açude de Gibeom*, mencionado em II Sam. 2:13, seja precisamente essa construção. Em data posterior, um outro túnel foi aberto até uma fonte fora das muralhas da cidade, a fim de obter maior suprimento de água para a cidade. Nas asas de várias jarras ali encontradas, havia selos reais, juntamente com os nomes dos proprietários e daquela cidade, Gibeom. Essa escavação, provavelmente, foi feita no século VII A.C., conforme demonstram as descobertas feitas naquela área em geral. A esse mesmo período pertence uma extensa indústria de fabrico de vinhos. Jarras fechadas de vinho eram guardadas em adegas frescas, escavadas na rocha. As asas de jarras tinham nomes familiares aos leitores da Bíblia, como Amarias, Azarias e Hananias. A abundância de jarras encontradas, talvez, indique que elas estavam relacionadas à indústria produtora de vinhos do local. Adegas para estocar vinhos, cortadas na rocha, chegavam ao número de sessenta e seis.

Uma grande necrópole foi desenterrada, pertencente aos tempos romanos. Vários túmulos e um columbário estavam entre as coisas descobertas. Muitos artefatos foram recuperados dentre essas descobertas, incluindo excelentes espécimes de cerâmica. (AM ND PRIT (1962) UM Z)

## GIBEONITAS

Ver o artigo sobre *Gibeom*. O termo *gibeonitas* refere-se aos habitantes da cidade de Gibéon, como também, talvez, dos habitantes das três aldeias circunvizinhas de Gibeom, Quefira, Beerote e Quiriarte-Jearim (Jos. 9:17). Temos relatado a história dessa gente, no tocante a Israel, no artigo sobre *Gibeom*, pelo que não repetimos aqui esse material. Após o tempo de Saul, não há menção aos gibeonitas como um povo distinto, mas eles podem ser considerados como parte dos *netinins* (vide). Eles foram perdendo importância como um povo, por causa das matanças sofridas. Os gibeonitas eram contados entre os mais antigos habitantes da terra de Canaã. O trecho de Josué 11:19 chama-os de *heveus*. Alguns dentre os *netinins* foram nomeados servos do templo de Jerusalém (I Crô. 9:2), com base no que entendemos que houve um processo de absorção, fazendo de alguns deles, senão mesmo da maioria deles, israelitas. Além das referências gerais a essa

## GIBETOM – GIDEÃO

gente, houve um poderoso guerreiro gibeonita, que foi um dos heróis de Davi, que fez parte de sua guarda pessoal de trinta valentes, chamado «Ismaías» (I Crô. 12:4). Um outro gibeonita foi Melatias, que ajudou Neemias a reconstruir as muralhas de Jerusalém, após o cativoiro babilônico.

### GIBETOM

No hebraico, «altura» ou «cômoro». Esse era o nome de uma cidade dos filisteus que ficava nos territórios ocupados pela tribo de Dã (Jos. 19:44). Foi entregue aos levitas como sua possessão. Foi ali que Baasa matou Nadabe (I Reis 15:26). Onri atacou a cidade e conquistou-a dos filisteus. Também foi ali que Onri foi proclamado rei, e foi dali que ele partiu, a fim de declarar guerra ao renegado rei Zinri, o qual foi morto, e cujo lugar Onri ocupou. Ver o relato inteiro em I Reis 16:11-20. O local antigo tem sido identificado com o moderno Tell Melat. Gibetom era uma importante fortaleza no ramo oriental do chamado Caminho do Mar, a rota utilizada por Tutmés III em suas campanhas militares contra a Síria, e por Esar-Hadom, em seu ataque contra o Egito.

### GIDALTI

No hebraico, «tornei grande» ou «magnifiquei (a Deus)». Esse era o nome de um levita coaita, filho de Hamã. Este último atuava no templo de Jerusalém como cantor, e Gidalti era dessa mesma profissão. Ver I Crô. 25:4,6,7. Eles faziam parte do vigésimo segundo dos vinte e quatro turnos de sacerdotes que cuidavam do culto divino (I Crô. 25:29). Gidalti e treze irmãos tocavam a trombeta de chifre, nos cultos do templo. Isso aconteceu por volta do ano 1000 A.C. Diversos dos nomes dados no quarto versículo não podem ser explicados como nomes hebreus, e isso tem servido de problema para os intérpretes. Alguns estudiosos supõem que não se tratam de nomes próprios, mas de um versículo de um salmo ou de uma lista de salmos. Por outro lado, o conhecimento que temos do hebraico antigo não é tão grande assim; e, por isso mesmo, os nomes poderiam ser nomes semíticos aceitáveis, embora não os conheçamos através de qualquer outra fonte informativa.

### GIDEÃO

*Esboço:*

- I. Nome e Pano de Fundo Bíblico
- II. Caracterização Geral
- III. Eventos Significativos e Lições da Vida de Gideão
- IV. Gideão no Novo Testamento

#### I. Nome e Pano de Fundo Bíblico

Essa palavra vem do hebraico e significa «lenhador» ou «guerreiro». Ele era filho de Joã, o abiezrita, da tribo de Manassés, que residia em Ofra, em Gileade, do outro lado do rio Jordão. Ele foi o quinto juiz de Israel, segundo os registros bíblicos. Em Juizes 7:32 e 7:1, ele também é chamado *Jerubaal*, que significa «que Baal se esforce» ou então «que Baal pleiteie». E o nome *Jerubeete* aparece em II Samuel 11:21, um nome que significa «que a vergonha se esforce». Esses nomes eram sobrenomes.

#### II. Caracterização Geral

Gideão foi quem libertou os israelitas dos midianitas. O relato aparece no livro de Juizes, capítulos sexto a oitavo. Os midianitas, que eram nômades árabes dos desertos da Síria e da Arábia,

tinham invadido a porção central da Palestina. Em um de seus muitos súbitos ataques, eles mataram os irmãos de Gideão, em Tabor. Foi então que Gideão recebeu uma experiência mística, na qual o Anjo do Senhor chamou-o, com o intuito de fazer dele o libertador de Israel. E foi-lhe dito que derrubasse o altar de Baal e erigisse, no lugar do mesmo, um altar dedicado a *Yahweh*. Por causa desse feito, ele obteve o apodo de *Jerubaal* (ver III.2). Gideão reuniu uma pequena força (muito menor do que seria necessária para a tarefa), e surpreendeu os midianitas sob a escuridão da noite. E foi capaz de empurrá-los na direção do rio Jordão, capturando e matando a dois dos príncipes midianitas, Orebe e Zeebe. Gideão continuou a perseguição, até às margens do rio Jordão, e ali alcançou aos reis midianitas Zeba e Zalmuna, aos quais prontamente executou.

Visto que agora Gideão era um herói militar e realizara um importante serviço, Israel quis fazer dele um rei. Os reis eram úteis especialmente para fins de organização e proteção. Quando Israel exigiu um rei, o propósito deles era, essencialmente, esse. Mas, para surpresa geral, Gideão não estava interessado em tornar-se rei. Só queria os brincos de ouro que havia tomado como parte dos despojos de guerra. Isso lhe foi concedido, e, com esse material, ele fez uma *estola* sacerdotal, a fim de honrar a *Yahweh*. A estola era uma espécie de veste sacerdotal. Ver Juizes 8:27. Essa estola, provavelmente, foi pendurada em algum lugar conspicuo da cidade de Ofra. Era apenas um memorial; mas os israelitas transformaram-na em um ídolo. Em outras palavras, tornou-se o centro de atração de um santuário religioso, sendo provável que petições e promessas fossem feitas ali, conforme se vê nos modernos santuários idólatras. O texto bíblico denomina isso de «prostituição», conforme podemos ler em Juizes 8:27, visto que toda idolatria desvia os homens para longe da adoração ao Senhor, sendo uma infidelidade espiritual. A questão inteira, pois, tornou-se prejudicial para Gideão e seus familiares. Mas, seja como for, o serviço prestado por Gideão, livrando Israel de seus adversários, foi um dos pontos altos na história de Israel, antes da monarquia. Por isso é que, nos livros proféticos, encontramos a expressão «dia dos midianitas», para indicar um evento significativo. Ver Isaias 9:4. Esse evento tornou-se ainda mais significativo porque aquele foi um acontecimento provocado por Deus, sem a ajuda humana.

### III. Eventos Significativos e Lições da Vida de Gideão

1. Gideão surgiu em cena em um *período necessário* da história de Israel. Os midianitas e amalequitas, além de outras tribos nômades, tinham invadido e saqueado Israel. Israel ainda não havia centralizado o governo. As tribos eram desunidas e desorganizadas. Cada indivíduo fazia aquilo que melhor lhe agradasse (Jui. 21:25). — A idolatria era comum. As plantações dos israelitas eram regularmente saqueadas e destruídas, deixando-os passar fome. Em meio a toda essa tribulação, os israelitas clamaram ao Senhor. Gideão, pois, foi a resposta dada por Deus. Ele era o homem da hora e do momento. Cada um de nós tem alguma missão significativa a cumprir, alguma singularidade que pode ser útil para o propósito divino. Ver Apo. 2:17.

2. *A Intervenção Divina*. O Anjo do Senhor anunciou a chamada divina a Gideão (Jui. 6:11 ss). Gideão pediu um sinal confirmatório de que tivera uma genuína visitação da providência divina, e o Anjo fez com que o alimento posto sobre uma pedra fosse instantaneamente consumido, quando tocou no



mesmo com a ponta de seu cajado. Diante disso, Gideão reconheceu que seu visitante era o próprio Anjo do Senhor, e exclamou: «Ai de mim, Senhor Deus, pois vi o Anjo do Senhor face a face» (Juf. 6:22). Naturalmente, essa é uma grande lição, e a nossa fé religiosa deveria levar-nos na direção das realidades espirituais, para encará-las de frente. A mera ortodoxia doutrinária jamais satisfaz à alma humana. Precisamos, igualmente, do toque místico em nossas vidas, para que seja criada e mantida uma fé vital. Ver o artigo sobre *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

Atendendo à comissão divina, Gideão teve a coragem de derrubar o altar de Baal, derrubando também o bosque que era usado como lugar de adoração a essa divindade pagã. Em lugar de Baal, Gideão levantou um altar a Yahweh, e ali fez oferendas ao Senhor. Foi então que Gideão foi apelidado de Jerubaal, «que Baal pleiteie», isto é, em seu próprio favor, visto que seu altar fora derrubado. O povo queria executar a Gideão pelo que ele tinha feito; mas Joás conseguiu persuadir o povo de que se Baal fosse realmente um deus, ele poderia defender-se sem ajuda humana.

3. *A Famosa Porção da Eira.* O Espírito do Senhor estava com Gideão, mas, a despeito disso, ele não tinha muita certeza. Por isso, requereu um sinal da parte de Deus, para mostrar que, realmente, era intenção de Deus livrar Israel por intermédio dele. Ele era apenas um agricultor, sem qualquer treinamento para a guerra; e, além disso, era tímido e a tarefa que lhe fora dada, que facilmente poderia custar-lhe a própria vida. Assim, solicitou um sinal divino. E isso nos fornece a história das duas porções de lã que ele deixou ao relento (Juf. 6:37 ss). Uma só porção de lã não lhe pareceu suficiente. Apesar da primeira prova ter-lhe sido atendida, ele continuou na dúvida. Mas, quando o sinal lhe foi concedido pela segunda vez, a porção de lã ficou seca e o terreno ao redor ficou úmido com o orvalho, então ele reconheceu que, de fato, Deus estava com ele. Esse relato é familiar para qualquer criança da Escola Dominical; e continua a encantar-nos. Quem de nós já não expôs a sua porção de lã para submeter a teste a vontade de Deus? Algumas vezes, funciona; de outras vezes, não. Mas, seja como for, a providência divina cuida de todos nós, se buscarmos honestamente a vontade de Deus.

4. *Trabalhando com Pouca Coisa.* Gideão ansiava por reunir uma força armada para medir forças com os midianitas. Deus, porém, não precisava dos planos e nem das forças de Gideão. Pelo contrário, diminuiu o Senhor o número dos homens e armas. Todos aqueles que não tivessem coragem de lutar, podiam retirar-se. Portanto, nada menos de vinte e dois mil homens o fizeram, e somente dez mil restaram. Mas isso ainda era mais do que Deus precisava, embora Gideão precisasse deles desesperadamente. Mas um teste, para ver quem beberia água à beira do rio sem desviar a vista para a frente, permitiu que somente trezentos homens armados continuassem. Todos os que beberam água como cães, lambendo-a com a língua, foram enviados para casa. No entanto, os midianitas e os amalequitas formavam um grande exército, como se fosse uma praga de gafanhotos, e os seus camelos não tinham número. Eram como a areia do mar, por causa de sua grande multidão (Juf. 7:12). Gideão, em meio aos preparativos para a batalha, foi encorajado por uma experiência mística, uma visita noturna do Anjo do Senhor (Juf. 7:9 ss). Nessa visão, foram dadas a Gideão instruções vitais. Em seguida, Gideão conseguiu ouvir um sonho que um dos soldados inimigos tivera, e que predizia a

vitória dos israelitas (Juf. 7:13,14). Gideão acreditou no sonho, pois compreendeu que se tratava de um sinal que Deus permitira que lhe fosse dado. E isso tudo muito o encorajou.

Foi criado o *notável estratagema* dos cântaros e das tochas. Cada um dos trezentos homens de Gideão recebeu uma trombeta, cântaros vazios e tochas dentro dos cântaros. Aproximando-se do acampamento do inimigo no escuro, quando os soldados midianitas estavam dormindo, primeiramente partiram os cântaros, produzindo grande ruído. Então gritaram juntos: «Pelo Senhor e por Gideão!» As tochas acesas davam a impressão que, por detrás dos trezentos homens, havia um grande exército pronto para atacar. O resultado do estratagema é que o terror apossou-se dos soldados midianitas. Muitos fugiram em desabalada confusão; e outros, em estado de pânico, lançaram-se contra as gargantas de seus colegas. O resultado disso foi uma grande matança entre os midianitas, com completa derrota do inimigo. E vários dos líderes principais estavam entre os mortos.

**A lição é óbvia; e, para nós, vital, em muitos casos.** Deus pode fazer muita coisa contando com bem pouco, podendo obter vitórias inesperadas. O relato inteiro representa uma intervenção divina, em que o homem fez a sua pequena parte, parte essa que, por si mesma, teria sido insuficiente. Notemos que todo o ocorrido foi preparado por sinais e comunicações espirituais. O sétimo capítulo do livro de Juizes conta a história em sua inteireza.

5. *A Estola: Sinal e Idolatria.* Temos comentado a esse respeito na segunda seção, intitulada *Caracterização Geral*. Vemos ali como uma coisa boa pode ser distorcida ao ponto de levar um homem piedoso a cair numa armadilha, através da astúcia e distorção mental de outras pessoas.

6. *Gideão Rejeita a Glória Terrena.* Muitos militares tornaram-se os grandes líderes de seus países. As pessoas admiram o poder, a decisão e as glórias obtidas em campo de batalha. Gideão, entretanto, foi uma exceção a isso, tendo rejeitado a idéia de tornar-se rei de Israel. O povo de Israel precisava de organização e de proteção (Saul, finalmente, foi escolhido como rei, a fim de prover essas coisas à nação), mas Gideão sabia que o trono não era o lugar que lhe competia. Na determinação da vontade de Deus, algumas vezes é importante sabermos o que precisa deixar de ser feito, mesmo quando pareça lógico realizar isto ou aquilo. Ver Juf. 8:22 ss.

7. *Um Período de Paz.* A vitória sobre os midianitas trouxe um período de paz e tranquilidade para Israel. Gideão nunca mais precisou fazer o papel de guerreiro. Antes, encontramos Gideão vivendo entre seus muitos filhos, nada menos de setenta, visto que, conforme dizem as Escrituras, ele «...tinha muitas mulheres» (Juf. 8:30). O notório *Abimeleque* (vide), foi um desses filhos de Gideão; e acabou entrando pelo mau caminho. Por ocasião da morte de Gideão, Abimeleque assassinou a todos os seus irmãos, com a única exceção do mais jovem, Jotão, que conseguiu ocultar-se. Ver Juf. 8:28-32 e cap. 9. Gideão, entretanto, viveu até avançada idade; e, quando faleceu, foi sepultado no sepulcro de Joás, seu pai, em Ofra, sua cidade natal.

#### IV. Gideão no Novo Testamento

No Novo Testamento, Gideão obtém um lugar de honra na lista dos heróis, no décimo primeiro capítulo da epístola aos Hebreus (vs. 32). Ele foi um dos que subjugaram um reino por meio da fé. A expressão

## GIDEÃO — GIGANTES

«dia dos midianitas» parece ter-se tornado proverbial para indicar alguma libertação divina, sem a ajuda humana (ver Isa. 9:4). Isso é algo que precisamos lembrar. Todos nós podemos ter o nosso próprio «dia dos midianitas», quando o poder de Deus faz alguma coisa acontecer que está acima de nossas forças. Desse modo, tal como no caso de Gideão, Deus obtém para si mesmo toda a glória, e nós temos a oportunidade de nos maravilhamos diante de sua graça. (AM G IB YAD Z)

### GIDEL

No hebraico, «grande». Esse é o nome de dois homens, mais conhecidos nas Escrituras através de seus descendentes, a saber:

1. Um ascendente de uma família de netinins, ou servos do templo. Eles retornaram em companhia de Zorobabel do exílio babilônico (vide). Ver Esd. 2:47 e Nee. 7:49. No trecho paralelo de I Esdras, em lugar de Gidel aparece *Catua*.

2. Um ascendente de outra família de servos do templo, da época de Salomão. A referência específica é aos descendentes dele, que retornaram do cativoiro babilônico em companhia de Zorobabel (Esd. 2:56 e Nee. 7:58). Eles o acompanharam na mesma caravana. Os filhos originais dos servos de Salomão descendiam de prisioneiros de guerra, sujeitados a labores forçados (ver Jos. 9:23 e I Reis 9:21).

••• ••• •••

### GIDEÕES

Os *Gideões* são uma associação religiosa internacional e interdenominacional de leigos evangélicos, organizada em 1899 por John H. Nicholson, Samuel E. Hill e William J. Knight, da Young Men's Christian Association, em Janesville, estado de Wisconsin, nos Estados Unidos da América do Norte. O seu programa inclui o evangelismo e a compra de Bíblias para efeito de distribuição gratuita em hotéis, hospitais, penitenciárias e escolas. Em novembro de 1908, a organização começou a distribuir Bíblias em hotéis, em grande escala; e foi, precisamente, por causa desse esforço que a organização tornou-se conhecida por toda a parte. Em 1937, começou a distribuição de Bíblias em escolas públicas. Em 1941, foi efetuada a distribuição de Bíblias entre as forças armadas norte-americanas, de tal modo que cada soldado norte-americano tivesse o seu próprio Novo Testamento. As Bíblias e porções bíblicas assim distribuídas são compradas mediante ofertas voluntárias de todos os grupos e denominações cristãs. Atualmente, a organização é um dos maiores compradores de Bíblias do mundo inteiro.

O emblema dos *Gideões* consiste em um cântaro com duas asas e uma tocha, em memória à narrativa bíblica sobre Gideão, em sua notável vitória sobre os midianitas, conforme o registro do sétimo capítulo do livro de Juizes. A sede central da organização fica na cidade de Chicago, estado de Illinois, nos Estados Unidos da América do Norte.

### GIDEONI

No hebraico, «guerreiro». Esse era o nome do pai de Abidã, um príncipe da tribo de Benjamim, e um daqueles que foram nomeados para fazer o recenseamento do povo de Israel na península do Sinai. Gideoni viveu por volta de 1490 A.C. O seu nome aparece por cinco vezes no Antigo Testamento: Núm. 1:11; 2:22; 7:60,65 e 10:24.

### GIDOM

No hebraico, «desolação», «derrubada». Esse foi o lugar para onde os guerreiros restantes da tribo de Benjamim fugiram, diante das demais tribos de Israel. Os benjamitas caíram no erro de dar apoio aos algozes da concubina de um levita. O levita desmembrou o corpo morto de sua concubina e enviou pedaços para todo o Israel, exigindo vingança. Ver Juí. 20:45. Aparentemente, Gidom ficava situada entre Gibeá e a colina de Rimom. No entanto, o local exato é desconhecido para a erudição bíblica moderna. Sabe-se apenas que ficava cerca de cinco quilômetros a leste de Betel.

### GIGANTES

Várias palavras hebraicas têm sido traduzidas por «gigante». Nenhuma delas significa, especificamente, um «gigante». Mas, devido à maneira como foram usadas, vieram a ser associadas a raças de gigantes. As lendas antigas associavam pessoas de estatura incomum como se fossem prole de mulheres com criaturas angelicais. O trecho de Gênesis 6:4 é assim interpretado por alguns estudiosos; e não há que duvidar que pelo menos alguns rabinos assim compreendiam esse versículo. Por exemplo, o vocábulo hebraico *nefil*, um dos termos envolvidos, na realidade significa «valentão», ou «tirano». O Targum de Jônatas menciona esses seres, chamando-os pelos nomes de Sancazai e Uziel, e classifica-os como anjos caídos. O mesmo conceito tem sido promovido em várias obras pseudepígrafas do período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamentos. A maioria dos especialistas na Bíblia não leva isso muito a sério; mas é possível que esse tivesse sido o sentido na mente do autor original do livro de Gênesis. Seja como for, oferecemos abaixo um sumário das passagens onde ocorre a palavra «gigantes»:

1. *Nefil* (*nefilim*), que se deriva do verbo *nafal*, «cair», o que nos permite traduzir aquela palavra por «caídos». Temos aqui a questão mencionada no parágrafo anterior, que envolve o trecho de Gênesis 6:4. Minhas fontes informativas estão divididas quanto à questão da interpretação. Alguns estudiosos entendem ali a menção a *anjos caídos*, pelo que os gigantes envolvidos seriam uma *prole desnatural* (Unger). John Gill, em contraste com isso, embora mencione essa interpretação, refere-se a eles como seres humanos naturais especialmente debochados (portanto, *caídos*). Nesse caso, a expressão «filhos de Deus» refere-se a homens espiritualmente dotados, e não a anjos ou seres não-humanos de qualquer espécie. Alguns intérpretes mencionam então Judas 6, que alude aos anjos que não mantiveram o seu primeiro estado, mas tiveram relações sexuais com mulheres humanas. Contra isso, porém, temos claro ensino bíblico de que os anjos não têm sexo (Mat. 22:30). Além disso, essa interpretação envolve graves problemas metafísicos. Pois mesmo que os anjos fossem seres capazes de reproduzir-se, visto que são espíritos imateriais, é difícil ver como eles poderiam produzir os espermatozóides necessários para a procriação física. Alguns intérpretes admitem a força desses argumentos; mas declaram que, quer gostemos quer não, isso é o que o texto ensina, e que, naturalmente, o texto fala de uma lenda. Mas há quem prefira interpretar a passagem como o rompimento da separação entre a linhagem piedosa de Sete e a linhagem ímpia de Caím, em razão do que o testemunho sobre Yahweh, que fora entregue à linhagem de Sete, acabou falhando (ver Gên. 4:26).

A mesma palavra hebraica aparece em Números

13:33, referindo-se a um povo agigantado, chamado de os *anaquins*, ou filhos de Anaque.

2. *Refaim*. Essa palavra significa «fortes». Refere-se a uma raça de gente que vivia no lado oriental do rio Jordão. Eles emprestaram o seu nome a um vale perto de Jerusalém. Os intérpretes referem-se às tribos originais de Moabe, Edom e Amom, nos dias de Abraão (cerca de 1950 A.C.). Qedorlaomer, segundo as Escrituras, derrotou-os quando se aliaram uns com os outros. No período da conquista da Terra Prometida (cerca de 1440 A.C.), Ogue, rei de Basã, representava o que restava ainda desse povo. Ver Deu. 3:11; Jos. 12:4 e 13:12. O trecho de II Sam. 21:6,18,20,22 (ver também I Crô. 20:4,6,8) refere-se a certos filisteus como «descendentes dos gigantes», homens de elevada estatura.

3. *Anaquins*, ou seja, «filhos de Anaque». No capítulo treze de Números, os espias enviados por Moisés, em preparação para a conquista da Terra Prometida, encontraram essa gente. Os vs. 32 e 33 mencionam homens de *grande estatura*, que faziam os homens de Israel assemelharem-se a gafanhotos. Eram os filhos de Anaque. A passagem de Deuterônimo 9:2 mostra que a estatura gigantesca dessa gente tornara-se proverbial. Nos dias de Moisés, eles habitavam nas regiões de Hebrom (Jos. 11:22). Havia três clãs principais, encabeçados por Aimã, Sesai e Talmi, todos eles filhos de Anaque (Núm. 13:22). Josué conseguiu destruir essencialmente esses clãs (Jos. 11:21; Juí. 1:20).

4. *Emins*. O trecho de Deuterônimo 2:10 menciona essa raça de gigantes, que habitava na região de Moabe. Lemos, em Gênesis 14:5 e Deuterônimo 2:11, que eles eram tão altos e numerosos quanto os enamins.

5. *Zanzumins*. Ver Deuterônimo 2:20. Esses formavam uma raça de gigantes que habitavam na terra de Amom. Quando da conquista da Terra Prometida, esse povo também foi essencialmente destruído.

6. *Gibor*, que significa «homem poderoso» ou «valente» (conforme se vê em Gên. 6:4; Jos. 1:14 e I Sam. 9:1). Em algumas traduções, como em Jó 16:14, dizem «gigante» (nossa versão portuguesa diz «guerreiro», uma tradução bem provável). A Septuaginta diz *gigas* (gigantes) em Gên. 6:4; 10:8,9; I Crô. 1:10; Sal. 29:5; 33:16; Isa. 3:2 e várias outras passagens.

7. *Referências Miscelâneas*. Da Gate dos filisteus, onde moravam os anaquins, é que veio o famoso gigante Golias (I Sam. 17:4). Alguns dizem que ele descendia dos refains, um remanescente dos quais fugira para a Filistia. De acordo com a Bíblia, sua altura era de seis côvados e um palmo, o que fazia dele um homem com 2,75 m de altura. Isso pode parecer impossível; mas eu conheci pessoalmente um lutador profissional que tinha 2,45 m de altura. Basta adicionar mais trinta centímetros para que se chegue à altura de Golias. Ver o artigo separado sobre *Golias*. Dois outros gigantes filisteus são mencionados em II Samuel 21:16-22. As mitologias babilônica e grega mencionam gigantes e seres imortais de imensa estatura, capazes de ter filhos com mulheres humanas, em paralelo com a possível interpretação de Gênesis 6:4. W.F. Albright, em seu livro, *From the Stone Age to Christianity* (pág. 226), menciona essas lendas, supondo que elas refletem a crença de que, no caso de Israel, estariam em foco os *deuses astrais*, que teriam sido criados por Yahweh. No Antigo Testamento, esses seres são chamados de «filhos de Deus», e seriam capazes de gerar filhos em mulheres humanas. Aqueles que lêem a literatura clássica

sabem da facilidade com que, ali, os deuses (ou as deusas) eram capazes de ter relações sexuais com os seres humanos, produzindo os chamados *heróis* da antiguidade. Sem dúvida, havia esse tipo de doutrina, sendo possível que o trecho de Gênesis 6:4 seja apenas um reflexo dessa idéia. Contudo, trata-se apenas de um *mito*.

## GIGANTES, VALE DOS

Ver sobre *Refaim*, *Vale dos*.

## GIGITAS

Ver o artigo geral sobre *Gate*. Os *gigitas* eram os habitantes desse lugar, conforme se vê em Jos. 13:13. Seiscentos deles aliaram-se a Davi, tornando-se parte integrante de suas tropas (II Sam. 15:18,19). Talvez fossem mercenários. Obede-Edom, que guardou a arca da aliança durante algum tempo, era um *gigita* (II Sam. 6:10), talvez por haver ele nascido ali, embora levita. Mais provavelmente, porém, ele foi assim chamado por ser natural de Gate-Rimom, uma cidade dos levitas.

## GILALAI

No hebraico, «pesado», «rolante» ou «sujo». Alguns pensam no sentido «(o Senhor) rolou para fora»; mas outros acreditam que a palavra é de origem incerta. Seu nome ocorre somente em Nee. 12:36. Foi um sacerdote, dentre um grupo de outros, — que tocou instrumentos musicais de Davi, por ocasião da consagração das muralhas de Jerusalém, sob a direção de Esdras. Viveu ele em torno de 445 A.C. O nome, porém, não aparece na versão da Septuaginta, ao relatar o ocorrido.

## GILBERT DE LA PORREE

Suas datas foram 1076-1154. Foi o maior lógico do século XII. Foi bispo de Poitiers. Representava um realismo moderado, uma posição de meio-termo entre Platão e Aristóteles. Ver o artigo sobre os *Universais*. Ele ensinava que a Trindade divina deve sua existência e unidade ao fato de que compartilham comumente de sua substância. Deus é puro ser, a forma mesma da existência. As três pessoas da Trindade seriam Deus por participarem dessa forma pura. A forma pura seria uma só, mas as pessoas participantes da mesma seriam três. Isso posto, é mister distinguir entre Deus como ser puro (monoteísmo) e Deus como triúno. Essa distinção levou De La Porree a enfrentar dificuldades. Seus pontos de vista foram condenados como heterodoxos. Bernardo de Clairvaux opunha-se a ele e à sua idéia sobre a Trindade. O sínodo de Rheims, contudo, deu apoio a suas obras, sob a condição que ele corrigisse suas opiniões sobre a Trindade.

Por longo tempo, o *Livro dos Seis Princípios* foi tido como de sua autoria; mas muitos eruditos modernos duvidam da validade desse parecer. Temos dele, entretanto, duas obras: *Comentário sobre Boethius e De Trinitate*.

## GILBOA, MONTE

O hebraico parece significar «fonte borbulhante». Há uma fonte cerca de oitocentos metros a leste da cidade de Jezreel, que fica localizada no extremo ocidental do monte Gilboa. E é possível que o nome desse monte se tenha derivado dessa fonte. A colina

## GILBOA — GILEADE

do Hermom, que alguns chamam de Pequeno Hermom, faz parte da cadeia montanhosa que corre paralela à cadeia onde está o monte Gilboa. E, no meio das duas cadeias, fica o vale de Jezreel. Esse vale também é chamado de planície de Esdrelom. A cadeia de Gilboa ficava no território da tribo de Issacar (II Sam. 1:21). Nesse lugar, Saul e seus três filhos foram mortos em batalha contra os filisteus (I Sam. 28:4; 31:1,8; I Crô. 10:1). Davi compôs um belo hino fúnebre quando ouviu falar sobre isso, a fim de expressar sua tristeza. Nesse hino, pois, há várias notas sobre as condições geográficas da região. Ver II Sam. 1:19,25. Atualmente, essas colinas são chamadas *Jebel Fukua*; mas o nome antigo ainda é retido pela aldeia de nome Jelbon, que fica localizada em um outeiro da mesma cadeia montanhosa.

Essa cadeia montanhosa tem apenas cerca de treze quilômetros de comprimento, e cerca de cinco a oito quilômetros de largura. O pico mais alto chama-se, atualmente, *Neque Burqan*, com apenas 517 m de altura. Muitas batalhas notáveis tiveram lugar naquela área. Perto de Megido, para sudoeste da planície de Esdrelom, o Faraó Tutmés III lutou contra os cananeus, cerca de oitocentos e cinquenta anos antes das forças do Faraó Neco terem matado ao rei Josias, em Megido (II Reis 23:29). Débora derrotou Sisera, ajudado pelo ribeiro do Quisom, que começa no monte Gilboa (Juí. 5:21). Perto dessa área, Gideon obteve a sua extraordinária vitória sobre os midianitas (Juí. 6:33). Em Jezreel (vide), a casa de Onri construiu uma capital de verão (I Reis 18:45 e II Reis 9:15). Essa cidade ficava no espigão do monte Gilboa, cerca de sessenta metros acima da superfície da planície. Ocupava uma posição estratégica sobre a principal rota comercial do Egito para Damasco (o chamado «Caminho do Mar»; vide), bem como sobre a principal estrada entre o litoral do mar Mediterrâneo e o rio Jordão. Foi em Gilboa que Jeú assassinou a Jorão, de Israel, e sua mãe, Jezabel. Partindo dali, ele perseguiu, alcançou e assassinou a Acázias, de Judá (ver o nono capítulo de II Reis).

### GILDAS

Viveu em cerca de 493-570. Foi um monge britânico, autor do livro *Queda da Bretanha*, uma melancólica descrição da Bretanha cristã (país de Gales), durante e depois da invasão dos anglo-saxões nessa ilha.

Os detalhes sobre a vida de Gildas não são considerados completamente fidedignos, pelos estudiosos. Porém, parece que ele foi para a Bretanha antes do ano de 550 D. C., tendo fundado um mosteiro perto de Vannes. Sua história é repleta de condenações, por parte dos sacerdotes, contra os vícios de seus contemporâneos, além de mostrar-se um tanto confusa e de estilo dogmático. Porém, visto que contamos com bem poucos outros registros acerca de sua época, essa obra reveste-se de considerável importância quanto à história daquele período.

### GILEADE

**O Nome.** O nome hebraico pode significar «monte do testemunho», talvez relacionado ao árabe, *jalaad*, «ingreme», «áspero». Mas a maioria dos estudiosos prefere pensar que o sentido permanece incerto. Gileade designa uma região montanhosa a leste do rio Jordão; mas também é o nome de uma cidade e de várias pessoas, referidas no Antigo Testamento:

#### 1. A Região Montanhosa

a. *O Nome.* O trecho de Gên. 31:47,48 leva-nos a

crer que o nome significa «monte do testemunho», embora por derivação popular, e não por etimologia científica (no hebraico, *galed*). Parece que, a princípio, o nome era da cidade existente na região, que então emprestou seu nome ao monte próximo. Por outro lado, a palavra árabe *jalaad*, «ingreme», «áspero», parece apropriada para descrever a região, sendo bem possível que essa seja a verdadeira derivação do nome Gileade.

b. *A Área Desse Nome.* A área geral é a região da antiga Palestina (atualmente chamada Jordânia), situada a leste do rio Jordão. Era chamada Galaaditi, na época dos Macabeus. Porém, o termo não era usado com precisão e uniformidade. Algumas vezes, a área indicava a região inteira a leste do Jordão (ver Gên. 37:25; Jos. 22:9 ss; II Sam. 2:9; II Reis 15:29; Amós 1:13; Eze. 47:18). Outras vezes, o elevado platô de Moabe é excluído; mas tudo quanto está ao norte disso, até Basã, é incluído (ver Deu. 3:10; Jos. 13:11; II Reis 10:33). A fronteira sul de Gileade não se estendia tanto como sucedia segundo o uso popular do nome, pois o distrito de Jezer não estava incluído nesse uso (Núm. 32:1; II Sam. 24:5,6). A área, falando em termos gerais, ia desde o lago da Galiléia até a extremidade norte do mar Morto, ou seja, tinha cerca de noventa e sete quilômetros de comprimento e trinta e dois quilômetros de largura. Ao norte estava limitada por Basã; ao sul, por Moabe e Amom (ver Gên. 31:21; Deu. 3:12-17).

c. *Conexões Tribais.* Durante a sua história, Gileade algumas vezes apreciava associação à tribo de Gade; e outras vezes, à tribo de Manassés. A fronteira norte da tribo de Gade era o rio Jaboque, ou a cidade de Maanaim, que tem sido explorada pelos arqueólogos ao sul do rio Jaboque. Gileade aparece como pertencente à tribo de Gade, em Juí. 5:17; Núm. 32:39 ss; Deu. 3:15. Mas, alguns trechos bíblicos, como Deu. 3:13 e Núm. 32:39 ss, associam-na com a tribo de Manassés. Os homens das tribos de Rúben e Gade queriam esse território, devido às boas terras de pastagem ali existentes, para os animais que criavam (ver Deu. 3:12-17).

d. *Dados Históricos.* A arqueologia tem mostrado que a porção norte de Gileade vinha sendo habitada desde nada menos que o século XXIII A.C. Quando Israel invadiu a Terra Prometida, ali residiam os amorreus e os moabitas. Moisés desejava atravessar o território deles; mas, como a permissão para tanto lhe foi negada, disso resultou o usual conflito armado com sua matança. Em resultado, a tribo de Gade ficou com o território (Núm. 21). Os homens das tribos de Manassés e de Gade gostaram da área do outro lado do rio Jordão, pelo que Moisés concordou em ceder-lhe aquelas terras, sob a condição de que promettessem que, primeiramente ajudariam as demais tribos de Israel a conquistarem as terras a oeste do rio Jordão. Isso foi feito, segundo se vê no capítulo vinte e dois do livro de Josué. Uma vez que as terras ao ocidente do Jordão foram conquistadas, as terras do lado oriental do Jordão, ocupadas por aquelas tribos, nem sempre ajudaram o resto de Israel em tempo de crise, conforme é demonstrado com o conflito contra Sisera (Juí. 5:17). Durante o tempo dos juízes, os amonitas assediaram os israelitas em Gileade. Sob a liderança de Jefé, essa opressão foi aliviada (Juízes 11). Os efraimitas sentiam-se infelizes com Jefé e outros gileaditas, por não haverem sido convidados a participar da luta pela libertação. Por essa razão, houve uma pequena guerra civil, na qual a tribo de Efraim foi derrotada. Ao fugirem os homens de Efraim tinham de atravessar os vaus; mas os gileaditas os bloquearam. Todo aquele que quisesse

atravessar tinha de pronunciar «Chibotele»; mas, se dizia «Sibotele», não podendo exprimir bem o vocábulo, era morto. Ver a história toda no décimo segundo capítulo do livro de Juízes.

Os amonitas, entretanto, continuaram mostrando-se pestíferos para Israel. Saul, pois, combateu-os, tendo obtido uma grande vitória em Jabes-Gileade (I Sam. 11). Após sua derrota e morte, Abner fez o filho de Saul, Is-Bosete, ser rei em Gileade (II Sam. 2:8,9). Davi fugiu para Gileade quando Absalão obteve, temporariamente, o mando da nação. A batalha decisiva contra Absalão, que resultou em sua morte, teve lugar em Gileade (II Sam. 18). Então Gileade foi incluído no recenseamento feito por Davi (II Sam. 24:6). Elias era natural de Gileade (I Reis 17:1), havendo, no seu caso, uma distinção peculiar, contrária ao costume judaico: sua genealogia não é dada.

Damasco, da Síria, foi o inimigo que andou atacando essa região de Israel nos séculos IX e VIII A.C. O profeta Amós condenou a extrema crueldade dos atos dos sírios (Amós 1:13). Oséias queixou-se da grande iniquidade dos habitantes de Gileade (Osé. 6:8). Quando Israel e Judá entraram em aliança para pôr fim ao domínio sírio em Ramote-Gileade (I Reis 22:1-4), Acabe morreu na batalha. Jeú estabeleceu um pacto com Salmaneser III, em cerca de 837 A.C., para manter longo o poder assírio. Mas o rei Oséias terminou servo do rei da Assíria (ver II Reis 17:3). Hazael, da Síria, sujeitou uma parte dos territórios de Israel, incluindo Gileade (II Reis 10:33). Tiglate-Pileser III invadiu tanto Israel quanto Judá, e derrotou ambas essas nações. Muitos cativos foram levados para o exílio, incluindo muitos de Gileade (II Reis 15:29). Judá continuou existindo, mas muito debilitada. A nação de Israel, porém, terminou nessa oportunidade. Josias, de Judá, apossou-se de Gileade. Mas, quando a Babilônia invadiu toda aquela região, Judá perdeu controle em toda a parte, incluindo em Gileade. O profeta Obadias profetizou a restauração de Gileade à tribo de Benjamim (vs. 19). Após o cativo babilônico, Tobias foi nomeado governador do território de Amom, que ficava contíguo à província de Gileade, e começou a reinar como subordinado ao monarca persa. Em 163 A.C., Judas Macabeu recuperou, temporariamente, a região de Gileade (Galaade), e transportou muitos de seus habitantes para Judá (I Macabeus 5:9-54). Nos dias do Novo Testamento, Gileade passou a fazer parte da *Peréia* (vide).

## 2. A Cidade de Gileade

Alguns estudiosos pensam que em Oséias 6:8 é mencionada uma cidade com o nome de Gileade. Diz nossa versão portuguesa: «Gileade é a cidade dos que...» Mas outros intérpretes pensam que deveríamos entender o trecho como se dissesse que Gileade era *como uma cidade* cheia de iniquidade. Visto que não há qualquer outra menção, bíblica ou não, a uma cidade com esse nome, parece que temos de ficar com essa segunda interpretação. Nesse caso, «Gileade» foi nome usado por esse profeta em um sentido diferente do usual.

## 3. O Bálsamo de Gileade

Ver o artigo separado sobre **Bálsamo**. Os trechos de Jer. 8:22; 46:11 e 51:8 mostram que essa substância, uma goma aromática, era considerada dotada de propriedades medicinais. Era um artigo do comércio, presumivelmente produzido em Gileade, ou, de alguma outra maneira, estava associado a Gileade (ver Gên. 37:25 e 43:11). Um hino evangélico moderno usou esse nome como símbolo da cura espiritual de almas «enfermas pelo pecado».

## 4. Três Homens de Nome Gileade

a. Um filho de Maquir e neto de Manassés (Núm. 26:29,30), que viveu por volta de 1800 A.C. Os maquiritas, pois, eram gileaditas. Ver Núm. 26:29, 30; 27:1,32, 40; 36:1; Jos. 17:1; Juí. 5:17; I Crô. 2:21 e 7:14.

b. O pai de Jefté (Juí. 11:1,2). Mas outros pensam que «Gileade» é ali usado como personificação de uma comunidade (ver vs. 7,8). Se foi, realmente, um indivíduo, então deve ter vivido por volta de 1250 A.C.

c. Um descendente de Gade e ancestral dos gaditas de Basã (I Crô. 5:14). Viveu por volta de 780 A.C. O nome «Gileade» refere-se, pois, a uma tribo gadita.

## GILEADITAS

Esse adjetivo pátrio aparece em Juí. 12:4,5; Núm. 26:29 e Juí. 10:3, referindo-se a um ramo da tribo de Manassés, que descendia de Gileade (ver 4 a, no artigo *Gileade*). Parece que eles eram subestimados por israelitas de outras procedências. Juízes 12:4 refere-se a isso, quando diz: «Ajuntou Jefté todos os homens de Gileade, e pelejou contra Efraim; e os homens de Gileade feriram a Efraim, porque este dissera: Fugitivos sois de Efraim, vós gileaditas, que morais no meio de Efraim e de Manassés». Essa declaração parece referir-se aos gileaditas como um punhado obscuro de gente, destituídos de fama, que habitavam entre duas tribos famosas e nobres. Ver o artigo sobre *Gileade*.

## GILES DE ROMA

Suas datas foram 1247-1316. Foi um filósofo escolástico. Nasceu em Roma e estudou em Paris. Ensinou em Paris. Era frade agostiniano, mas defendia o tomismo (vide). Foi arcebispo de Bourges. Criticava a física aristotélica, cuja análise do movimento em certo sentido antecipava as concepções modernas das forças envolvidas na queda dos corpos. Escreveu obras como *Quodlibeta*; *Sobre a Alma*; *Sobre o Poder da Igreja*, e também vários comentários sobre Aristóteles.

## GILGAL

### 1. O Nome

Esse nome significa «círculo». Talvez a alusão seja a um círculo feito com pedras, usado para assinalar um território. O sentido básico do vocábulo é «rolante», derivado do hebraico *galal*, «rolar». O uso original da palavra *Gilgal* é curioso. Depois que Israel escapou do Egito, foi dada a Josué a ordem divina de que o sinal da circuncisão deveria ser aplicado a todos os israelitas, a fim de ser renovada a antiga identidade deles com Abraão. Esse ato de circuncisão, portanto, foi referido como um «rolar para longe o opróbrio do Egito», dentre o povo de Israel. Ora, o local onde isso foi feito foi precisamente Gilgal. Ver Jos. 5:9 e seu contexto. Subseqüentemente, o nome foi empregado para designar várias outras cidades de Israel.

### 2. Várias Cidades

#### a. *Gilgal Perto de Jericó.*

Essa cidade ficava a leste da antiga cidade de Jericó, situada entre esta e o rio Jordão. Esse é o lugar referido no quinto capítulo do livro de Josué, e acima descrito em relação à origem do uso do termo. Um monumento de pedras foi levantado ali (Jos. 4:19,20), que pode ter tido ou não o formato de um círculo. Todavia, é possível que esse não tenha sido o motivo do uso original do termo, visto que a circuncisão foi a razão para o uso da palavra. A páscoa foi observada nesse lugar, e dali os israelitas

## GILGAL — GILGAMÉS, EPOPEIA DE

lançaram-se à marcha em redor de Jericó, durante sete dias. As circunstâncias indicam que Gilgal foi usada como uma espécie de acampamento geral, enquanto que as localidades em volta foram sujeitadas a ataques. Josué foi encontrado ali pelos gibeonitas, depois que Ai fora destruída; e, novamente, depois que ele erigira um altar no monte Ebal (Jos. 8:30; 9:6). Foi de Gilgal que os israelitas partiram, a fim de defender Gibom; e foi para ali que eles retornaram, após conquistar a vitória (Jos. 10:15,43).

Ju. 2:1 e 3:19, provavelmente, referem-se à mesma Gilgal. A arca da aliança foi transferida para Silo; mas Gilgal continuou sendo um importante lugar para Israel, como uma das três cidades que faziam parte do circuito de Samuel (I Sam. 7:16). Saul utilizava-se de Gilgal como base de operações, quando lutava contra os amalequitas. Foi ali que ele tentou explicar sua desobediência, por não haver extirpado completamente o povo proscrito por Deus. Isso provocou a famosa sentença de Samuel: «Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros» (I Sam. 15:22). Posteriormente, vários profetas de Israel denunciaram Gilgal. Ver Osé. 9:15; Amós 4:4. Nos dias de Samuel, a cidade estava intimamente associada a Betel. Alguns eruditos supõem que a Gilgal em questão deve ser entendida como aquela mencionada em II Reis 2:1, a cidade descrita sob o ponto «b» abaixo. No século VIII A.C., na época entre Uzias e Ezequias, Gilgal tornou-se o centro de uma adoração inadequada, formalizada, o que também ocorreu no caso de Betel. Uma estrada ligava essas duas cidades e ao que tudo indica, estavam vinculadas por fortes laços uma com a outra (II Reis 2:1,2). Miquéias (6:5) lembrou o povo de Israel sobre esse lugar e sobre a responsabilidade deles de darem testemunho sobre a retidão e sobre o poder salvador de Deus.

### b. A Gilgal Associada a Elias e a Eliseu

Ver II Reis 2:1,2; 4:38. Pensa-se que esse lugar ficava situado cerca de seis quilômetros e meio de Betel e Silo. Descrevemos esse lugar no último parágrafo sobre a Gilgal descrita sob «a». É possível que a moderna cidade de Jilmliliah, um pouco ao norte de Betel, assinale o local antigo. Foi nessa Gilgal que Eliseu lançou ervas na panela envenenada, tornando comestível a comida que estava sendo ali preparada.

### c. A Gilgal da Galiléia

O trecho de Josué 12:23 alista o rei de Goim, em Gilgal, como um dos monarcas vencidos por Israel. Algumas traduções dizem ali «rei das nações de Gilgal», o que corresponde, mais de perto, ao texto hebraico. A Septuaginta diz «Galiléia». A tradução inglesa *Revised Standard Version* diz «o rei de Goim na Galiléia» (vertendo o trecho para o português). Os *goim*, mui provavelmente, foram um dos povos deslocados de sua terra em razão da conquista da Terra Prometida por Israel. Nenhuma identificação certa dessa Gilgal (se essa é a forma correta do texto) tem sido feita; mas, por causa de lugares nomeados juntamente com ela, pode-se afirmar, com plena confiança, que a mesma ficava localizada entre o mar Mediterrâneo e a Galiléia, na porção norte de Samaria.

### d. A Gilgal da Fronteira de Judá

Essa Gilgal ficava de frente da subida para Adumim, que fica no lado sul do vale do filho de Hinom (Jos. 15:7). O trecho de Josué 18:17 fala sobre uma certa cidade, chamada *Gelilote* em termos similares, de tal modo que é possível que esses nomes refiram-se ao mesmo lugar. Na verdade, Gilgal e Gelilote vêm de uma mesma raiz. A única diferença é que Gelilote é a forma feminina plural de Gilgal.

Alguns estudiosos pensam que a mesma cidade descrita sob «a» está em pauta. Em caso contrário, então devemos pensar em uma cidade um pouco mais para o ocidente.

### e. A Gilgal Perto do Monte Ebal

Esse lugar é mencionado em Deuteronômio 11:30. Alguns têm identificado essa cidade com a Gilgal mencionada no ponto «a», acima, mas o trecho de Deu. 11:29 parece requerer uma identificação diferente, visto que esta cidade ficava nas proximidades dos montes Ebal e Gerizim.

### f. Bete-Gilgal

Esse foi o lugar de onde vieram cantores para participar da dedicação da muralha recém-construída de Jerusalém, nos dias de Esdras e Neemias. Essa também poderia ser a Gilgal descrita no ponto «a», acima; mas alguns eruditos supõem que seria ainda um outro lugar com esse mesmo nome, e que ainda não foi identificado. Ver Nec. 12:29.

### 3. A Arqueologia e Gilgal

Estamos agora abordando o caso da Gilgal do ponto 2. a. James Muilenburg escavou a área e identificou a moderna Khirbet el-Meffir, perto de Jericó, como o local da antiga Gilgal. Fica a pouco menos de dois quilômetros a nordeste de Tell es-Sultan, que é a mesma Jericó do Antigo Testamento. Mas há quem ponha em dúvida essa opinião, disputando, especialmente, acerca da antiguidade do lugar. Acha-se ali o palácio Umaiada do califa Hisã (724-732 D.C.). Khirbet en-Nitche, a cinco quilômetros a sueste de Jericó, é um outro local que poderia assinalar a antiga Gilgal. Ruínas bizantinas de considerável extensão têm sido encontradas ali. Josefo (*Anti.* 5.6,4) situava Gilgal a quarenta estádios do vau do Jordão, que atualmente é identificada como *al-Maghatas*. Ficava a dez estádios de Jericó. Isso poderia coincidir com a identificação feita por Muilenburg, a saber, *Khirbet el-Meffir*. Seja como for, cerâmica feita durante a Idade do Ferro foi encontrada nas escavações feitas por Muilenburg, pelo que foi ocupada pelo menos desde 1000 A.C. Isso elimina a crítica contra a antiguidade da ocupação do lugar, mesmo que não nos faça retroceder até às datas a que pertencem algumas referências bíblicas.

## GILGAMÉS, EPOPEIA DE

A principal obra da antiga literatura assírio-babilônica é o *Épico de Gilgamés*. Conta a história das explorações e aventuras heróicas de Gilgamés. Provavelmente, por detrás da estória há algum rei que realmente existiu; mas a narração sobre a sua vida viu-se envolvida por uma nuvem de lendas, aventuras e fantásticas descrições. Seja como for, na qualidade de governante de Uruque, bem como seu amigo, Enquidu, eram seres meio-homens, meio-touros. Em relação à Bíblia, esse épico assume grande importância para nós, porquanto preserva uma antiga história sobre o dilúvio. Supostamente foi um relato contado a Gilgamés por seu antepassado, Utnapistum, a quem ele buscara quando, em uma peregrinação, procurava o segredo da imortalidade. A versão melhor preservada desse épico vem da biblioteca assíria de Assurbanipal. A versão babilônica desse épico, provavelmente, foi composta em cerca de 2000 A.C., alicerçada, em parte, sobre as lendas sumérias do período de 3000 A.C., ou mesmo antes. Uma tradução dessa versão, para o inglês, em versos livres, foi publicada por William Ellery Leonard, intitulada *Gilgamesh, Epic of Old Babylonian*, em 1934. Em nosso artigo sobre o *Dilúvio de Noé*, há mais detalhes sobre a questão. Ver a terceira seção desse artigo.

## GILGAMÉS EPOPEIA DE — GILL, JOHN

Gilgamés é o herói de certo número de lendas e mitos poéticos. Alguns pensam que essa personagem viveu tão cedo quanto 4000 A.C. Ele é descrito de várias maneiras. Alguns relatos fazem dele um homem nobre e justo, homem de grande força e coragem; mas outros relatos fazem dele um homem violento e vil, um tirano cheio de truques e astúcias. As mais importantes peças literárias são os doze tabletes do *Épico de Gilgamés*.

### Sumário do Conteúdo

1. *Primeiro Tablete*. Gilgamés governou Uruque como um tirano. Os deuses, não tendo gostado disso, levantaram um oponente, um homem selvagem chamado Enquidu. Mas Gilgamés percebeu que seu adversário poderia ser arruinado por meio de uma prostituta.

2. *Segundo Tablete*. A prostituta teve êxito em seu trabalho, e Enquidu torna-se como qualquer outro homem. Então Gilgamés e Enquidu entram em grande luta corporal; e, nesse processo, vêm a respeitar-se e tornar-se amigos um do outro.

3. *Terceiro Tablete*. Juntos, os dois preparam-se para lutar contra o monstro Huvava.

4. *Quarto Tablete*. Há preparações exaustivas para o combate.

5. *Quinto Tablete*. O conflito é descrito.

6. *Sexto Tablete*. Istar resolve seduzir Gilgamés e cria o Touro Celeste a fim de punir Gilgamés, se ele resistir à sedução. Mas Gilgamés e Enquidu matam o touro.

7. *Sétimo Tablete*. Istar fica furiosa e convence os deuses a matarem Enquidu por meio de uma praga.

8. *Oitavo Tablete*. Gilgamés lamenta a morte de Enquidu.

9. *Nono Tablete*. Abalado diante dos tristes acontecimentos, Gilgamés começa a pensar sobre a imortalidade. E começa a vagar, em busca da imortalidade.

10. *Décimo Tablete*. Em sua busca pela imortalidade, Gilgamés conversa com diversas personagens mitológicas sobre a natureza da mortalidade e sobre a natureza da imortalidade. Em suas vageações, finalmente encontrou o sumério chamado Utnapistim, que estava destinado pelos deuses a não perecer no dilúvio.

11. *Décimo Primeiro Tablete*. Temos então um relato detalhado sobre o dilúvio. Esse tablete tem sido cuidadosamente estudado pelos eruditos da Bíblia. O que se torna imediatamente óbvio é que há ali muitos paralelos da narrativa bíblica. Mas também há algumas diferenças significativas, especialmente no campo teológico, da moral, acerca dos deuses, etc. A própria narrativa é uma peça literária brilhante, cheia de suspense e de aventura. Alguns eruditos alemães do século XIX pensavam que a obra apresentava uma personagem que é um possível tipo de Cristo, em seu ofício messiânico. A questão é de que maneira esse épico está relacionado à Bíblia. Alguns supõem que se trata de uma corrupção e elaboração da história de Noé. Porém, seu conteúdo imediatamente impossibilita tal teoria. Também não podemos pensar que a história da Bíblia seja uma adaptação dessa lenda. Antes, o mais provável é que ambos os relatos dependam (pelo menos em parte) do acúmulo de histórias sobre o dilúvio, existente na Mesopotâmia, com suas adaptações e adornos peculiares. O que é indiscutível é que a narrativa da Bíblia é de natureza muito mais elevada, com sua teologia calcada sobre o monoteísmo e a moralidade sólida. Ver o artigo geral sobre o *Dilúvio de Noé*.

12. *Décimo Segundo Tablete*. A despeito de todos os seus heróicos esforços, Gilgamés não consegue obter a imortalidade. E isso é lamentado no último tablete. (HEI THOM)

### GILL, JOHN

Nasceu em 1697 e faleceu em 1771. Foi teólogo e escritor de comentário bíblico. Sua pátria era a Inglaterra. Foi autor do primeiro comentário da Bíblia inteira, versículo por versículo, em inglês. Pertencia aos batistas Particulares, aquele ramo dos batistas calvinistas da Inglaterra. Era um dos mais hábeis hebraístas de seus dias. Embora seu comentário seja atualmente obsoleto, quanto a certas particularidades, pois a erudição bíblica nunca estacou, continua sendo uma obra de grande valor, que eu, autor, desta enciclopédia, consulto pessoalmente com regular frequência. Meu comentário, *O Novo Testamento Interpretado* contém muitas citações extraídas de John Gill. Quanto a esta enciclopédia, tenho o consultado com frequência sobre questões que envolvem o Antigo Testamento. No entanto, Gill foi um calvinista radical, que não hesitava em torcer um texto a fim de ajustá-lo a esse rígido sistema. Só podemos lamentar tal coisa; mas, excetuando essa sua fraqueza (houve momentos em que ele precisou aplicar uma *eisegese*, e não uma *exegese*; *vide*), ninguém era capaz de comentar tão bem a Bíblia quanto John Gill. Foi um escritor prolífico, especialmente considerando-se o fato de que não tinha máquina de escrever, e tinha de escrever tudo à mão. Seu comentário bíblico equivale a dezesseis mil páginas datilografadas, com dois mil e quatrocentos espaços por página. Além dessa obra, ele também publicou outra, intitulada, em inglês, *Body of Divinity*, que foi publicada em um único volume, mas que poderia ter sido publicada em três, porquanto os publicadores queriam mostrar-se ostentadores, impressionando os leitores com um imenso volume. Também é de sua autoria um livro intitulado, em inglês, *The Cause of God and Truth (A Causa de Deus e da Verdade)*, o qual foi escrito especificamente como defesa do calvinismo, massacrando o arminianismo. Mas, a fim de fazer valer essa teologia unilateral, Gill precisou aplicar sua *eisegese*. Spurgeon chegou a comentar como John Gill pôde ter *distorcido* e *aleijado* tão terrivelmente um texto qualquer, a fim de ajustá-lo a seu sistema. Porém, isso é o que todos os sistemas são forçados a fazer, visto que o Novo Testamento não se presta a defender qualquer sistema teológico que os homens tenham inventado; e tanto o calvinismo quanto o arminianismo são apenas visões parciais de uma verdade maior. Assim, quando a Bíblia olha para o relacionamento de Deus com o homem, mostra-se calvinista, do ponto de vista de Deus (Deus é quem toma toda a iniciativa); mas, quando vê esse mesmo relacionamento do ponto de vista humano, então a Bíblia mostra-se arminiana (o homem precisa corresponder à iniciativa divina). O calvinismo, porém, só quer ver as coisas do ponto de vista divino; e o arminianismo, somente do ponto de vista humano. E daí resulta a fraqueza de ambos esses sistemas. Poderíamos dizer a mesma coisa afirmando que a apresentação bíblica não é suficientemente homogênea para ser limitada a qualquer dos sistemas teológicos unilaterais dos homens — calvinista ou arminiano. Não obstante, embora reconhecendo seus exageros, nada tenho senão louvor a John Gill, que foi e continua sendo um dos gigantes no campo da literatura bíblica.

Ver o artigo geral sobre *Comentários Sobre a Bíblia*.

## GILÔ, GILONITA

No hebraico, «exílio». Era uma cidade do território de Judá, localizada nos montes do extremo sul desse território (Jos. 15:51). Era a cidade natal de Aitofel (II Sam. 15:12), e onde ele acabou cometendo suicídio (II Sam. 17:23). O adjetivo gentílico *gilonita* é aplicado somente a esse homem, em toda a Bíblia. Aitofel era um dos conselheiros de Davi. O local da cidade tem sido tentativamente identificado com a moderna *Khirbet Jala*, que fica a poucos quilômetros a noroeste de Hebrom.

## GILSON, ETIENNE

Nasceu em Paris, em 1884. Estudou na Universidade de Paris. Ensinou na Universidade de Strasbourg, na Sorbonne, o Colégio da França, e no Toronto Institute of Medieval Studies. Interessava-se por demonstrar a viabilidade do tomismo (vide) com um sistema metafísico que tem aplicação atual. Fez um excelente trabalho no campo dos estudos históricos sobre os filósofos e os sistemas filosóficos, o qual, à parte do uso ilustrativo em apoio à sua tese principal, tem valor em si mesmo como uma pesquisa histórica. Ele demonstrou como a filosofia platônica, aristotélica e agostiniana serviram de bases do tomismo e do neotomismo. Salientou tanto o essencialismo quanto o existencialismo que fazem parte do tomismo. Essas duas dimensões da realidade podem ser unidas uma à outra, de acordo com o seu julgamento, formando um juízo existencial que vincule, um ao outro, o ser e a cognição.

*Escritos. Thomism; The Philosophy of Saint Boanaventure; Saint Thomas Aquinas; Introduction to the Study of Saint Augustine; The Spirit of Medieval Philosophy; Christianity and Philosophy; The Unity of Philosophical Experience; Being and Essence; Being and Some Philosophers; The Spirit of Thomist*, além de várias outras obras, que não alistamos aqui.

## GIMEL

No heb., **camelo**. Essa é a terceira letra do alfabeto hebraico. Corresponde à letra grega *gamma* e ao nosso «g». No Salmo 119, aparece na terceira seção, onde cada verso começa com essa letra, no texto original hebraico. Ver Sal. 119:17-24.

## GINÁSIO

A base dessa palavra portuguesa é o termo grego *gymnos*, que significa *nu*. O ginásio, pois, era um lugar onde se praticavam exercícios físicos. É fácil de compreender que, em um local assim, as pessoas usassem pouca ou nenhuma roupa, pelo que ali era fácil alguém ter uma visão de comparativa nudez. Originalmente, na Grécia, o *ginásio* era o lugar onde os atletas treinavam para os jogos olímpicos e para outras competições esportivas. Posteriormente, os ginásios passaram a ser instituições culturais e educacionais importantes naquele país. De fato, o ginásio era um aspecto essencial de qualquer cidade grega afluente, onde uma das idéias prevalentes era «mente sã em corpo sã».

A história nos permite entender que os gregos, pelo menos algumas vezes, se não mesmo usualmente, tanto rapazes quanto moças, treinavam e competiam absolutamente despidos, ou então vestidos mui sumariamente. A antiga representação grega, *A Corrida de Atalanta*, mostra como essa jovem, Atalanta, foi finalmente derrotada na corrida. Ela

teria sido uma jovem grega rapidíssima na corrida, que derrotava até os rapazes treinados. Finalmente, foi derrotada por Hipomenes, que lançou aos pés dela uma maça de ouro. A tentação foi grande demais para ela. Ela se inclinou para apanhar uma **maça de ouro**, com isso perdeu aqueles segundos suficientes para o rapaz poder derrotá-la na prova. Mas, nas representações artísticas, ele aparece vestindo apenas uma tanga, enquanto que ela está um pouco mais coberta.

Usualmente, um ginásio era mais do que um único edifício. Era um complexo de edificações com instalações próprias para ginástica, corrida, lutas, boxe, lançamento de disco, lançamento de dardo, etc., além de banhos. Muitos deles contavam com pórticos cobertos, para que as pessoas continuassem a praticar sob condições atmosféricas adversas. E pórticos externos, ligados àqueles, eram utilizados pelos filósofos, que quisessem expor o que tinham para dizer. De fato, os ginásios tornaram-se centros de educação, de tal maneira que a educação dos rapazes gregos tinha lugar quase inteiramente ali, o que explica o uso moderno dessa palavra para indicar uma *escola* de nível médio. A história nos informa que Atenas contava com três grandes ginásios, cada um deles dedicado a uma atividade específica. Cada um desses ginásios tornou-se famoso por causa de sua associação com algum filósofo famoso: a Academia, com Platão; o Liceu, com Aristóteles; e a Cinosarges, com Antístenes e os cínicos.

Os romanos não davam grande valor aos ginásios; e os judeus consideravam-nos uma desgraça, por várias razões. Apesar disso, foi construído um ginásio em Jerusalém, por judeus helenistas, sob a liderança do sumo sacerdote Jason, nos dias de Antíoco Epifânio. Esse ginásio era parte do processo de helenização que Antíoco tanto queria instalar em Israel (ver I Macabeus 1:10,14; II Macabeus 4:7-9). Muitos rapazes judeus se envergonhavam de serem vistos despidos, por causa da circuncisão a que tinham sido submetidos, como parte de seu cerimonial religioso. Os judeus ortodoxos, porém, pensavam que era absurdo os rapazes se envergonharem de sua circuncisão; e esse foi um dos motivos pelos quais aquele projeto foi tão combatido pelos judeus. O ginásio de Jerusalém sobreviveu até que Tito destruiu a cidade, no ano 70 D.C. Paulo faz várias alusões a eventos esportivos, praticados nos ginásios. Ver sobre o boxe (I Cor. 9:26), a luta (Efé. 6:12), a corrida (I Cor. 9:24; Gál. 5:7; Fil. 3:12-14). Ver também os artigos separados sobre *Esportes* e *Atletismo*.

## GINATE

Os estudiosos não sabem o que essa palavra significa no hebraico. O pai de Tibni chamava-se *Ginate*. Tibni e Onri entraram em conflito porque ambos queriam tornar-se o rei, quando Zinri suicidou-se, após ter assassinado a Elá, filho de Baasa (I Reis 16:21 ss). Cerca de metade do povo queria Tibni como rei; e a outra metade Onri. Tibni tornou-se o sexto rei da nação do norte, Israel, sob essas circunstâncias confusas. Mas, após quatro anos, a facção de Onri venceu. Tibni faleceu e Onri começou a reinar em cerca de 886 A.C.

## GINETOM

No heb., essa palavra tem um sentido incerto, embora talvez signifique *jardineiro*. Esse foi o nome de um dos sacerdotes que assinou o pacto encabeçado por Neemias (Nec. 10:6). Era cabeça de uma família que se mostrou ativa depois do exílio babilônio. Ver também Nec. 12:4,7,16. Seu filho, Mesulão, é



mencionado como um dos contemporâneos do sumo sacerdote Joiaquim (Nee. 12:16). Isso ocorreu entre 536 e 410 A.C. Em algumas versões, também aparece a forma *Ginetói*, como nome desse homem, forma essa que alguns eruditos pensam ser uma corrupção. Seja como for, a mesma pessoa está em foco.

## GINZO

No heb., *šicômoro*. Esse era o nome de uma das cidades que os filisteus tomaram de Acaz (II Crô. 28:18). Ficava localizada no sul do território de Judá. As perdas territoriais e materiais sofridas por Acaz, às mãos dos filisteus, que coincidiu com os ataques dos filhos de Edom, levaram-no a apelar para Tiglate-Pileser, da Assíria (II Crô. 28:16). A cidade de Ginzó é mencionada na Bíblia somente nessa conexão. Trata-se do local moderno chamado *Jimzu*, que fica a poucos quilômetros ao norte de Gezer (vide). Está localizada a cinco quilômetros de Lude (atualmente chamada Lida).

## GIOM (FONTE)

A palavra hebraica correspondente significa «irrompimento». Duas fontes principais supriam Jerusalém de água potável, nos dias do Antigo Testamento, e Giom era a mais importante das duas. Ficava localizada no vale do Cedrom, logo abaixo da colina oriental chamada Ofel. Essa fonte era coberta para protegê-la de violação por inimigos, visto que estava localizada fora das muralhas da capital. Foi construído um conduto especial, a fim de trazer água dali até o centro da cidade. A água, pois, era trazida até uma cisterna, dentro das muralhas da cidade. Ezequias havia perguntado: «Por que viriam os reis da Assíria, e achariam tantas águas?» (II Crô. 32:2-4). Para garantir que não sucederia assim, foi construído um túnel (o túnel de Ezequias), escavado na rocha sólida, com 542 m de comprimento. Obras similares foram efetuadas em Megido e em Gezer (vide), o que significa que a obra não era nenhuma novidade da engenharia. Muito antes disso, em cerca de 2000 A.C., os jebuseus haviam cortado uma passagem através da rocha sólida, desde o topo da colina de Ofel, de onde baixavam cântaros de água por meio de uma fenda de doze metros, a quinze metros da fonte de Giom. Essa fenda foi encontrada em cerca de 1867, em uma expedição arqueológica encabeçada por Charles Warren. Em 1891, foi descoberto um canal feito à superfície do solo, que trazia água de Giom até o antigo açude de Siloé, localizado perto da extremidade sueste da cidade.

É possível que, quando Davi invadiu a cidade, tivesse obtido acesso à mesma através daquela fenda (ver II Sam. 5:6-9). Giom foi escolhida como o local da unção de Salomão como rei (I Reis 1:33,38,45), o que, provavelmente, teve um sentido simbólico, associado às propriedades transmissoras de vida da água, porquanto aquela fonte de água era tão vital para a sobrevivência de Jerusalém. Em tempos posteriores, foi construído um aqueduto, a fim de assegurar um suprimento de água ainda mais abundante (Isa. 7:3). O túnel de Ezequias (vide) é o esforço de engenharia mais significativo, no tocante a essa fonte, nos tempos pré-exílicos.

Após o cativeiro babilônico, esse manancial não era suficiente, e vários aquedutos tiveram de ser construídos, a fim de trazer água ainda de mais longe. Pôncio Pilatos ou construiu um desses aquedutos ou reparou um aqueduto já existente, com fundos retirados do templo, o que causou não pequena agitação entre o povo judeu.

## GIOM (RIO)

Giom vem do hebraico e significa «irrompimento». Esse nome, além da famosa fonte com esse nome (ver sobre *Giom (Fonte)*), também era a designação de um dos quatro rios que banhavam o Éden, onde Adão e Eva foram criados e postos pelo Senhor Deus. Alguns eruditos supõem que a referência é a um dos quatro braços de um mesmo rio que atravessava o Éden, rio esse que se dividiria em quatro, após deixar para trás a área. Ver Gên. 2:10-14. Mas outros eruditos pensam que Giom era apenas um canal que ligava entre si os rios Tigre e Eufrates. As alterações geológicas, as mudanças de leito de rios, etc., fazem com que qualquer declaração dos estudiosos, quanto a essa questão, seja precária. Os estudiosos liberais simplesmente duvidam da autenticidade de *quatro rios* (dois além dos grandes rios, Tigre e Eufrates) e dizem que o relato sobre o jardim do Éden é mitológico, e que, por isso mesmo, não podemos determinar acidentes geográficos ali existentes. Ver o artigo separado sobre o *Éden*. A narrativa bíblica parece falar em um único rio que se dividia em quatro braços menores. O fato, porém, é que os rios Tigre e Eufrates não se originam de um manancial comum, pelo que a topografia local da atualidade não se ajusta a esse antigo relato bíblico. É possível, porém, que algum grande terremoto, ou mesmo a mudança de pólos magnéticos tenha obliterado completamente qualquer configuração geográfica antiga. Ver o artigo separado sobre *Pólos, Mudança dos* e sobre o *Dilúvio*, em sua segunda seção.

## GIRGASEUS

Esse é o nome de uma das sete principais tribos que residiam na terra de Canaã, e que Israel deslocou dali. Ver Gên. 10:16; 15:21; Deu. 7:1; Jos. 3:10; 24:11; I Crô. 1:14 e Nee. 9:8. O nome da principal cidade deles era Carquisa, nome que, ao que parece, ocorre em textos hititas em escrita cuneiforme, embora tal identificação não seja certa. É possível que o nome signifique «clientes de um deus» (provavelmente Ges, que era um deus sumério da luz). O culto de Ges entrou na Palestina em cerca de 2000 A.C. Nos textos ugaríticos há os *gros*, que alguns estudiosos supõem tratar-se do mesmo povo (aparece em escritos do século XIII A.C.). Disputa-se sobre a antiga localização desse povo, mas alguns supõem que eles ocupavam a área a leste do lago da Galiléia. Talvez fossem um ramo dos heveus. Em nove dos dez lugares onde encontramos listas das tribos de Canaã o nome deles é omitido, embora sejam mencionados na décima dessas listas, onde então os heveus não são mencionados; e daí deriva-se aquela conjectura. Josefo (*Anti*. 1.6,2) desconhecia qualquer povo desse nome que tivesse permanecido entre o povo de Israel. R. Nachman, nos comentários judaicos, afirma que, temendo o avanço dos israelitas, os girgaseus retiraram-se para a África. Talvez isso esteja alicerçado sobre a circunstância que, embora estivessem condenados à destruição (Gên. 15:20,21; Deu. 7:1; Jos. 3:10), eles são omitidos nas listas daqueles que, efetivamente, foram destruídos (ver Deu. 20:17). No entanto, são mencionados como um povo com quem os israelitas misturaram-se por casamento (Jud. 3:1-6). É possível, pois, que alguns deles tivessem fugido, e outros tivessem ficado. Em Gênesis 10:16, encontramos o termo «girgaseus», como descendentes do quinto filho de Canaã.

## GIRGENSOHN, KARL

Suas datas foram 1875-1925. Foi um teólogo

## GITAIM — GLÓRIA

protestante alemão. Nasceu em Desel, na Letônia. Foi conferencista em Dorpat. Também foi professor de teologia sistemática nessa mesma cidade; depois, em Greifswald e, finalmente, em Leipzig. Quanto à doutrina, ele era conservador. E foi um escritor prolífico. O que mais distinguia o seu pensamento era a sua tentativa de aplicar a psicologia experimental à fé religiosa. Entre suas obras escritas estão: *Die Religion, ihre psychischen Formem und ihre Zentrallidee*; *Seele und Leib*; *Der seelische Aufbau des religiösen Erlebens*; e também uma autobiografia, *Die Religionswissenschaft in Selbstdarstellungen*.

### GITAIM

No hebraico, «dois lagares». Esse era o nome de um lugar ou cidade, para onde os habitantes de Beerote fugiram, em busca de refúgio (II Sam. 4:3). Esse lugar ficava localizado perto de Beerote, no território de Benjamim. Beerote era uma cidade dos gibeonitas (Jos. 9:17). Nesse lugar, alguns israelitas estabeleceram-se, após retornarem do cativeiro babilônico (Nee. 11:33). Esse nome, no hebraico, aparece no *dual*, o que, de acordo com a opinião de alguns eruditos, significa que duas cidades, com o mesmo nome, são ali referidas. Nesse caso, o segundo lugar ficava a noroeste de Jerusalém, no local da moderna Kurbet-Hazzur. E o lugar, no território de Benjamim, tem sido identificado com a Gamteti das cartas de Tell el-Amarna, localizada em Ramleh, ou nas proximidades.

### GITITE

Essa palavra aparece, em algumas versões, nos títulos dos Salmos 8, 81 e 84. Nossa versão portuguesa diz, em todos esses três lugares: «...segundo a melodia: Os lagares...». Entretanto, os eruditos não têm muita certeza sobre o que está em foco aí. Trata-se de um substantivo feminino no hebraico. Têm sido feitas as seguintes conjecturas:

1. Podia ter sido um instrumento musical, feito ou usado originalmente em Gate, uma das principais cidades da Filistia. Ver sobre *Gate*.

2. Ou então esses três Salmos eram entoados na época da vindima, visto que o vocábulo talvez se relacione à palavra hebraica que significa «lagar». Ver Nee. 13:15. Poderíamos dizer, nesse caso, que os três salmos em questão eram chamados por algum título como Salmos da Vindima.

3. Ou estaria em foco algum tipo de melodia, criada em Gate. Unger diz que talvez esteja em foco «A Marcha da Guarda Gitita». Não diz, entretanto, onde ele obteve tal informação.

Nossa versão portuguesa parece refletir as idéias segunda e terceira.

### GIZONITA

Essa palavra figura somente em I Crônicas 11:34, onde é um apelativo dado a Bené-Hasém, que fazia parte dos heróis guerreiros de Davi. Trata-se de um nome no gênero masculino, derivado de alguma cidade ou localização, sem dúvida de origem gentílica (provavelmente cananéia). A localização é desconhecida atualmente, mas, no livro de II Samuel, o homem assim chamado aparece como filho de Jasém, o que poderia significar que Gizom era o nome do lugar. Contudo, nada sabemos acerca de uma cidade de nome *Gizom*. Outros estudiosos sugerem *Gizó*, afirmando ainda que «gizonita» é uma corrupção de *gunita*. Nesse caso, encontramos em Núm. 26:48,

uma referência a esse lugar e a essa gente. Lemos ali: «...de Guni, a família dos gunitas».

### GLADDEN, WASHINGTON

Suas datas foram 1836-1918. Formou-se no A.B. Williams College. Trabalhou em vários hospitais do exército norte-americano. Foi pastor de várias igrejas congregacionais. Foi autor, conferencista e líder eclesiástico. Fazia parte do pessoal editorial da revista *The Independent*.

*Escritos. Being a Christian; How Much is Left of the Old Doctrines; Present Day Theology; Ruling Ideas of the Present Age; Ultima Veritas* (poesias); *Recollections*, e muitos outros, totalizando nada menos de cinquenta livros.

Ele foi um energético líder e pensador, conhecido por sua destemida defesa do direito de pensar. Também foi uma influência vitalizadora na vida da Igreja evangélica. Seu hino mais bem conhecido é «Oh, Mestre, Deixa-me Andar Contigo».

*«Oh, Mestre, deixa-me andar Contigo,  
Em humildes veredas de serviço gratuito;  
Ensina-me Teu segredo, ajuda-me a suportar  
A tensão da labuta, a canseira da preocupação.*

....

*Com uma esperança que rebrilhe radiosa,  
Descendo pelo caminho expansivo do futuro;  
Com uma paz que somente Tu podes dar,  
Contigo, Mestre, deixa-me viver».*

### GLOBOS

No hebraico, *gullah*, nome dado aos capitéis de forma globular que havia nas duas colunas frontais do templo de Jerusalém, mencionados por cinco vezes, em I Reis 7:41,42; II Crô. 4:12,13. Todavia, essa palavra hebraica ainda é usada por mais duas vezes, em Ecl. 12:6 e em Zac. 4:3. Na primeira dessas duas passagens, nossa versão portuguesa diz «corpo». Em Zacarias 4:3, nossa versão portuguesa omite a palavra, embora se perceba que a alusão é à palavra «vaso», que aparece no versículo anterior.

### GLOGAU, GUSTAV

Suas datas foram 1844-1895. Foi professor de filosofia da Universidade de Kiel, na Alemanha. Acreditava que somente a psicologia pode mostrar como as forças espirituais, envolvidas em todos os campos, como na estética, na ética, na sociedade em geral e na religião, emergem para formar a história. O princípio central de toda a filosofia é Deus. Afirmando ele que Deus existe porque eu existo, o que, em certo sentido, exprime uma grande verdade: se existe o efeito, deve existir a causa. Ele também afirmava que em Deus subsiste o mundo das idéias, de onde procedem todas as coisas. E, entre as funções dessas idéias, haveria o desenvolvimento de todos os espíritos finitos. Glogau negava o valor da lógica, considerada isoladamente.

### GLÓRIA

*Esboço:*

I. Definição Geral

II. Idéias do Antigo Testamento a Respeito

III. Idéias do Novo Testamento a Respeito

IV. A Glória Escatológica e a Salvação do Homem

I. *Definição Geral*

A glória consiste em honra exaltada, em louvor ou

reputação, ou em alguma coisa que ocasiona o louvor ou é o objeto desse louvor. O termo pode ser sinônimo de «adoração» ou de «louvor adorador». Também pode significar esplendor, magnificência e bem-aventurança, em sentido terrestre ou celestial. Outrossim, pode referir-se a resplendor ou brilho, às emanações de luz, ao halo imaginado em torno de figuras santificadas, ou ao esplendor e brilho do Ser divino. A própria presença de Deus pode ser chamada de glória, por causa de seu estado exaltado.

## II. Idéias do Antigo Testamento a Respeito

Vários termos hebraicos são usados para indicar a idéia de «glória». O vocábulo mais comum é *kabod*, que se deriva de *kabed*, «ser pesado», dando a idéia de alguma coisa importante. Por extensão metafórica, veio a indicar valor, dignidade, esplendor, algo revestido de *substância* espiritual. A palavra era usada para aludir à estatura ou ao peso físico de uma pessoa, ou então às *riquezas* ou à *posição social* de alguém. Ver Gên. 45:13 quanto a esse sentido. Assim, José era homem investido em alta posição, e rico, o que explica a sua glória. As riquezas eram esplendorosas (Est. 5:11; Sal. 47:16 ss; Isa. 16:14; 17:4; 61:6). Os exércitos eram considerados a glória visível de uma nação (Isa. 8:7). Uma grande multidão de pessoas, pertencentes a um rei, constituíam a sua glória (Pro. 14:28).

Especificamente, no que tange a Deus, a sua glória é a sua espantosa presença, as suas perfeições, os seus atributos, a sua santidade. A glória de Deus é a expressão de sua santidade, tal como a saúde manifesta-se sob a forma de beleza física. Ver Exo. 33:18; 16:7,10; João 1:14. A idéia de glória com beleza também pode ser vista no fato de que a glória do Líbano eram suas florestas de cedros (Isa. 60:13); a glória das ervas são as suas flores (Isa. 40:6). O próprio Deus, por causa de seu amor, bondade e poder, é a glória de seu povo (Jer. 2:11; Zac. 2:5). Quanto à glória, como *resplendor*, ver Eze. 1:4,14,18; 11:22 ss. A aparência divina é de uma majestade gloriosa (Exo. 24:17). O *valor* intrínseco, que se manifesta claramente, é uma manifestação de glória.

## III. Idéias do Novo Testamento a Respeito

### 1. Usos Diversos

Em I Ped. 2:20, temos a única ocorrência do termo grego *kléos*, que significa *renome*, em cuja passagem a nossa versão portuguesa traduz por «glória», ao dizer: «...que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência?...» Em todas as demais ocorrências da idéia, no Novo Testamento, temos ou o verbo grego *doksázo*, que ocorre por sessenta vezes, de Mat. 5:16 até Apo. 18:7, ou então o substantivo grego *dóksa*, que ocorre por cento e sessenta e cinco vezes, desde Mat. 4:8 até Apo. 21:26. Ambos esses termos derivam-se de outro vocábulo grego, *dokéo*, que significa «pensar», «considerar», «parecer», «ser influente». O substantivo *dóksa* envolve os conceitos de brilho, resplendor, conforme se vê em Atos 22:1; II Tes. 1:9; II Ped. 1:17; Apo. 15:8; 19:1; 21:11,13; II Cor. 3:7 ss, etc.

O estado dos remidos, na vida vindoura, aparece como um estado *glorioso*. O Senhor Jesus entrou em sua glória, isto é, em seu estado de exaltação, de perene felicidade, de poder total (Luc. 24:25). O mesmo termo, porém, é usado a respeito de sua gloriosa preexistência (João 17:5,22,24). O homem é um *reflexo* da pessoa de Deus, ou seja, uma manifestação secundária da glória de Deus (I Cor. 11:7). Podem estar em foco as idéias de esplendor e magnificência, coisas que atraem os olhos e ofuscam a

mente (Mat. 4:8; Luc. 4:6; Apo. 21:24,26). Também pode estar em foco o resplendor meramente humano (I Ped. 1:24).

Além disso, no Novo Testamento e na literatura extrabíblica da época, essa palavra grega podia significar «fama», «renome», «honra». Ver Luc. 2:14; Gál. 1:5; I Cor. 10:31; II Cor. 4:15; Fil. 1:11; Atos 12:23; Rom. 4:20; Apo. 19:7; I Clemente 20:12 e 50:7.

No plural, *dóksai*, essa palavra pode ser usada como um termo que alude aos *seres angelicais*, dotados de considerável poder e magnificência (II Ped. 2:20; Jud. 8 e Testamento de Judas 24:2). A «glória» para a qual temos sido chamados aponta para o futuro estado de exaltação, nos mundos celestiais (I Ped. 1:3). No sentido de *honra*, encontramos o vocábulo usado em João 5:41,44 e 8:54. Em João 9:24 e 12:43, a palavra significa «louvor». Em Lucas 14:10 e Rom. 11:36, transparece a idéia de «adoração».

### 2. No Tocante a Cristo

Cristo, como o Logos e Filho de Deus, existia em estado de glória antes de sua encarnação (João 17:5,22,24). Cristo é o mistério de Deus manifestado em favor da salvação dos homens, um mistério rico e glorioso (Col. 1:27). O resplendor de Cristo é a sua glória divina (Heb. 1:3). Cristo é glorioso por ser a própria imagem de Deus (João 1:14). Acima de todos, ele glorificou ao Pai em sua pessoa e em sua vida terrena (João 17:4). O trecho de II Coríntios 8:9 enfatiza as riquezas de sua pessoa e de sua manifestação; e Filipenses 2:6 afirma que o Cristo subsiste na forma de Deus, ou seja, é um Ser glorioso. Por causa da encarnação, podemos obter um vislumbre da glória de Cristo, segundo nos ensina o primeiro capítulo do evangelho de João. Encarnado, o Filho glorificou ao Pai e O tornou conhecido (João 1:18; 17:4,6). Ele era a própria *shekinah* de Deus, que veio habitar entre os homens (João 1:14; Apo. 21:3). Os milagres efetuados por Jesus Cristo foram vislumbres do poder de sua glória, que ele nos concedeu (João 2:11 e 11:40). Por ocasião de sua transfiguração, a sua glória tornou-se manifesta de forma mais intensa (Mat. 17:1 ss), porquanto, normalmente, enquanto esteve neste mundo, essa glória era contida, para que os homens pudessem suportar a presença de Jesus. A glória de Cristo também foi vista em sua ressurreição e ascensão (Mat. 27 e 28). Mesmo após a sua ressurreição e ascensão, as Escrituras referem-se a manifestações diversas de sua glória, como quando de seu aparecimento a Estêvão (Atos 7:55 ss), a Saulo de Tarso (Atos 9), ou nas várias visões e experiências místicas que foram fontes da inspiração divina das Sagradas Escrituras. Ver I João 1:1 ss. Cristo foi ressuscitado mediante a glória do Pai (Rom. 6:4). Foi elevado para a glória (I Tim. 3:16). Agora encontra-se *na glória*, à mão direita de Deus (Atos 2:33; 7:55 ss; I Cor. 15:27; Efé. 1:20 e Fil. 2:9 ss).

## IV. A Glória Escatológica e a Salvação do Homem

O homem é o reflexo ou imagem de Deus, bem como a sua glória (I Cor. 11:7). Em Cristo, pois, isso terá cabal cumprimento no estado eterno. Os remidos estão sendo transformados segundo a imagem de Cristo (Rom. 8:29), passando por muitos estágios de glória (II Cor. 3:18), até que venham a compartilhar da plenitude de Deus (Efé. 3:19), participando da natureza divina, a exemplo de Cristo, posto que de maneira finita (Col. 2:10; II Ped. 1:4). Chegaremos, pois, a compartilhar do corpo glorioso de Jesus Cristo ressuscitado. Em outras palavras, receberemos corpos novos, imateriais, espirituais, que servirão de veículo

## GLÓRIA — GLÓRIA DE DEUS

apropriado para a alma remida, nos lugares celestiais (Fil. 3:21). Compartilharemos também da gloriosa herança de Cristo (Efê. 1:18), e as riquezas de sua glória haverão de transparecer em nós e através de nós (Rom. 9:23). Então é que Cristo será glorificado em seus santos (II Tes. 1:10). Haverá a coroa da glória, que importará na participação nas perfeições e atributos divinos (II Tim. 4:8). O próprio estado eterno, celestial, é chamado de «glória», por motivo de sua indescritível magnificência e resplendor (Col. 3:4).

A *parousia* de Cristo (vide) manifestar-se-á de maneira gloriosa (Mat. 16:27; Mar. 8:38). Jesus voltará ao mundo em poder e grande glória (Mat. 24:30). Sentar-se-á em um trono de glória (Mat. 19:28; 25:31). Uma vez no céu, haveremos de contemplar a sua glória (I Ped. 4:13; Tito 2:13). Popularmente, o próprio céu é chamado de «glória». É isso tem alguma base nas Escrituras. Ver Sal. 73:24 e João 17:24. A glória de Deus pode ser vista na face de Jesus Cristo, sendo refletida pela Igreja (II Cor. 4:3-6). Cristo estabeleceu conosco uma nova aliança (II Cor. 3:7-11), que é desfrutada tanto agora como no estado eterno, na glória celestial (II Ped. 4:14 e Rom. 8:18). Ver os artigos separados sobre a *Glória de Cristo*; sobre a *Glória de Deus* e sobre a *Glorificação*.

### GLÓRIA (EM LATIM)

Esse termo é usado para referir-se à segunda seção da missa ordinária da Igreja Católica Romana. É regularmente usada, exceto durante o advento, a quaresma e as cerimônias fúnebres. Trata-se de um cântico de alegria, que teve origem nas festas de Natal.

### GLÓRIA DE CRISTO

Referências e idéias. A excelência e a glória de Cristo:

1. Isso ele possui como Deus (ver João 1:1-5; Fil. 2:6,9,10). 2. Como Filho de Deus (ver Mat. 3:17 e Heb. 1:6,8). 3. Como alguém unido ao Pai (ver João 10:30,38). 4. Como o primogênito (ver Col. 1:15,18). 5. Como primeiro gerado (ver Heb. 1:6). 6. Como o Senhor dos senhores, etc. (ver Apo. 17:14). 7. Como a imagem de Deus (ver Col. 1:15 e Heb. 1:3). 8. Como o criador (ver João 1:3; Col. 1:16 e Heb. 1:2). 9. Como o Deus bendito (ver Sal. 45:2). 10. Como mediador (ver I Tim. 2:5 e Heb. 8:6). 11. Como o profeta (ver Deut. 18:15,16 com Atos 3:22). 12. Como o sacerdote (ver Sal. 110:4 e Heb. 4:15). 13. Como o Rei (ver Isa. 6:1-5 com João 12:41). 14. Como o Juiz (ver Mat. 16:27 e 25:31,33). 15. Como o Pastor (ver Isa. 40:11,12; João 10:11,14). 16. Como o Cabeça da igreja (ver Efê. 1:22). 17. Como a verdadeira luz (ver Luc. 1:78,79).

#### João 1:14 — Vimos a sua Glória

Vemos aqui uma *alusão* às manifestações de Deus nas páginas do V.T. Ali vemos que Deus se manifestou de maneiras que pudessem ser percebidas e compreendidas pelos homens. (Ver Ex. 16:10; 24:16; I Reis 8:11; Is. 6:3 e Eze. 1:28). Entretanto, ocasionalmente—resplandecia—uma glória maior do que a comum, na pessoa de Cristo, a ponto mesmo dos homens terem dificuldade em suportar tais manifestações. Isso se verificou particularmente quando da transfiguração de Jesus. (Comparar Luc. 9:31 com II Ped. 1:16,17). Em alguns dos milagres operados por Cristo essa glória se evidenciou de modo todo especial. (Ver João 2:11; 11:4-40). Essa glória se manifestou, embora com menor resplendor, na vida e

no caráter perfeitos de Jesus, isto é, em seu cumprimento da idéia absoluta do que seja um verdadeiro homem.

Philip Schaff (*in loc.*), no Lange's Commentary distingue *quatro estágios* nessa glória de Cristo:

1. A glória do estado *anterior à encarnação*, na preexistência, que o «Logos» desfrutava junto ao Pai. (Ver João 17:5).

2. A manifestação *simbólica* e preparatória dessa glória, no V.T., conforme vista pelo olho profético, como no trecho de Is. 12:41.

3. Sua revelação *visível*, na forma humana, na vida e na obra do Verbo encarnado, que resplandecia em cada milagre, conforme se vê por exemplo, no trecho de João 2:11.

4. A manifestação *final* e perfeita de sua glória divino-humana, na eternidade, e da qual todos os crentes haverão de compartilhar, segundo se lê em João 17:24.

### GLÓRIA DE DEUS

Ver Rom. 3:23.

Essas palavras «...glória de Deus...» são diversamente interpretadas, segundo a lista dada abaixo:

1. Seria o caráter verdadeiro que o homem pode possuir. Isso seria a «glória de Deus», porquanto o homem foi criado segundo a imagem de Deus. Em outras palavras, o homem fica aquém desse caráter tencionado.

2. Seria a ufania com que o homem se «gloria» diante de Deus, em sentido negativo, uma ufania falsa; mas, igualmente, em um sentido genuíno, o gloriar-se verdadeiramente em Deus. Ninguém pode fazer aquilo que os judeus se ufavam de conseguir, conforme aprendemos em Rom. 2:17. Ninguém pode verdadeiramente gloriar-se em Deus, estando ainda em seu estado de perdição, porque está alienado de Deus.

3. Seria a imagem de Deus. O homem haverá de ser transformado segundo a imagem moral de Deus, e, por intermédio de Cristo virá a ser um autêntico filho de Deus, feito de conformidade com a sua imagem. No entanto, fica aquém desse alvo, por causa do pecado.

4. Seria a glória da *vida eterna*, isto é, a participação na imortalidade essencial de Deus, na vida necessária e independente de Deus. (Ver os trechos de João 5:25,26 e 6:57). Segundo essa quarta posição, é impossível para o homem vir a obter a vida eterna.

5. Seria a *própria pessoa* de Deus, em sua glória essencial, ficando particularmente destacados os seus atributos; e, no presente contexto, estaria em foco a santidade perfeita de Deus, que é a sua glória. Nesse caso, o homem não pode atingir esse alvo, por causa do pecado; e nem mesmo pode entender tal verdade, quanto menos alcançá-la.

6. Seria o *lugar da habitação* de Deus, os céus, pois ele habita na glória.

7. Embora todas as seis interpretações dadas acima encerrem alguma verdade que pode ser demonstrada pelas Escrituras, em Rom. 3:23, a glória de Deus é a *aprovação divina* que é necessária para a realização da salvação. A natureza pecaminosa dos homens arruina esta aprovação, que, então, vem através da pessoa e missão de Cristo, e a identificação dos homens com ele. Quanto à palavra *glória* usada no sentido de *reconhecimento* ou *honra*, ver Fil. 1:11; I Ped. 1:7; I Tim. 1:17; Heb. 2:7; II Ped. 1:17.

## GLÓRIA — GLORIFICAÇÃO

*Senhores, se o que pensais  
Deixasse vestígios claros,  
Os divórcios eram mais  
E os casamentos bem raros.*

*Senhores, houvesse espelhos  
Para ver o que pensamos,  
E beijáveis de joelhos  
Toda a lama que pisamos.*

(Augusto Gil, Porto, Portugal, 1873-1929)

A aprovação de Deus exige a operação radical da transformação da alma humana. Nesta transformação reside a *glória de Deus*.

### GLÓRIA IN EXCELSIS

Expressão latina que significa «glória nas alturas». Essas palavras dão início ao hino composto em latim com esse nome. Baseia-se sobre o texto bíblico que alude à exultação dos anjos, por causa do nascimento de Cristo (Luc. 2:14). Desconhece-se a origem da composição, mas foi usada a princípio pela Igreja Grega nas matinas (ou *orthros*), isto é, a primeira das horas canônicas, geralmente à meia-noite. Na Igreja Anglicana, porém, já se trata de uma oração feita pela manhã. O papa Teléforo (pontificou entre 125 e 136 D.C.) é quem teria introduzido esse hino na liturgia romana, para ser entoado durante o Natal. O papa Simaco (pontificou de 498 a 514 D.C.) reavivou a prática, permitindo que o mesmo pudesse ser usado pelos bispos aos domingos e nas comemorações dos dias santos. Aí pelos meados do século XI D.C., aos padres foi permitido que usassem esse hino em todos os dias festivos. Há nada menos de quatro formas diferentes da *Glória in Excelsis*, a grega, a espanhola, a inglesa e a romana. Na comunhão anglicana, a composição é utilizada como um hino de ação de graças para após a comunhão.

### GLÓRIA PATRI

Expressão latina que significa «glória ao Pai». Há um hino que começa com essas palavras. Trata-se de uma breve atribuição de louvor às *três Pessoas da Trindade*, usada nas igrejas ocidentais no fim dos salmos e cânticos do divino ofício, além de outras ocasiões. As palavras foram transformadas em um hino usado por todas as igrejas cristãs, uma doxologia empregada por ocasião do final do culto religioso. A Igreja Grega dá início a seus cultos com um hino dessa mesma substância.

*Glória Patri*

*«Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,  
Tal como era no princípio, agora e para sempre e  
sempre.*

*Amém e Amém».*

### GLORIFICAÇÃO

*Esboço:*

I. Caracterização Geral

II. Sua Essência: Transformação Segundo a Imagem de Cristo

III. Um Processo Eterno

**Observações Introdutórias:**

A palavra «glorificação» é usada nos seguintes casos:

1. *Tornar glorioso* ou honroso, louvar, exaltar. Ver João 12:28; 13:31; 32; Atos 2:13. No caso de Jesus Cristo, isso teve lugar, especialmente, por ocasião de sua ressurreição e ascensão.

2. *Conduzir* os crentes ao estado celestial da glória, onde compartilharão do estado glorioso de Jesus Cristo, participando de sua imagem e natureza, isto é, da própria natureza divina (Rom. 8:29; Col. 2:10; II Ped. 1:4). Isso significa que receberemos a própria plenitude de Deus (Efé. 3:19).

3. *Exibir o louvor* (ver I Cor. 6:20). Os céus declaram a glória de Deus, no dizer de Salmos 19:1. Os homens glorificam a Deus em suas vidas, quando obedecem aos seus preceitos e buscam o desenvolvimento espiritual (I Cor. 10:31; João 17:5; Heb. 6:1 ss). Este artigo destaca mais o segundo ponto, acima, ou seja, o aspecto escatológico do assunto, a *glorificação do crente*. Ver o artigo separado a respeito da *Glória*, onde há muitas idéias concernentes à «glorificação», em seu aspecto e uso mais amplo.

#### I. Caracterização Geral

As grandes doutrinas bíblicas que envolvem a salvação do homem assemelham-se aos elos de uma corrente. Temos assim a eleição, a chamada, o arrependimento, a fé (estas últimas duas coisas formam a conversão), a regeneração, a justificação, a união com Cristo, a santificação, a preservação (cujo lado humano é a perseverança) e a glorificação. Como vemos, a *glorificação* é o último elo dessa cadeia. Porém, cada um desses elos aponta para algum estágio e/ou qualidade do processo da salvação. A *glorificação* espera-nos ainda no futuro, pois é o aspecto celeste da salvação do homem, aquilo que o Senhor realizará, em último lugar, em favor das almas humanas remidas. Porém, caímos em erro quando pensamos na glorificação como um ato único, isolado. Antes, trata-se de um processo eterno. Ver sob a terceira seção, abaixo.

(Ver Rom. 8:30).

A verdade é que Paulo *não* estabelece claras distinções entre as doutrinas de justificação, santificação e aspectos da glorificação. Em Rom. 8:30, *santificação* é omitida e Paulo pula da *justificação* para a *glorificação*, — como se esta fosse o próximo passo no progresso da experiência cristã. Porém, a verdade é que a justificação *subentende* a santificação, sendo mesmo a sua semente e raiz. Podemos observar, em Rom. 5:18, a expressão «justificação que dá vida», o que indica que a justificação é a base e a fonte da vida, e essa vida é a «vida eterna»; e a vida eterna é a «glorificação», já que, nas Escrituras, «vida eterna», não significa meramente existência sem princípio ou sem fim, mas antes, uma «modalidade de vida». Quando as Escrituras falam da «vida eterna», pois, indicam a vida de Deus, da qual os crentes se tornaram participantes mediante a regeneração efetuada pelo Espírito Santo. A justificação, portanto, é a fonte, contendo em forma de semente esse tipo de vida, aqui chamado de «glorificação».

*Esses também glorificou*. Essa glorificação inclui tudo quanto está envolvido na transformação do crente segundo a imagem de Cristo, em que o remido participa de sua natureza moral e metafísica, bem como de sua herança, o que é comentado com pormenores nas notas expositivas sobre o vigésimo nono versículo deste oitavo capítulo da epístola aos Romanos no NTI.

«O fato que a vida deles (dos crentes) foi elevada a um novo nível aponta para a medida muito maior em que finalmente participarão da perfeição divina». (Gerald R. Cragg, *in loc.*)

O tempo passado do verbo, *glorificou*, é usado neste versículo porque a glorificação é aqui encarada como algo já realizado e certo no plano divino, apesar

de sua concretização estar reservada para o futuro. Podemos observar que o tempo passado é utilizado no caso de todos esses atos divinos, a presciência, a eleição, a justificação e a glorificação; e tudo pela mesma razão.

«Estritamente falando, a *glorificação* pertence ao futuro; — mas o apóstolo considera todos esses diferentes atos como se estivessem juntamente focalizados em um único ponto, no passado. A glorificação está subentendida na justificação». (Sanday, *in loc.*)

Todos os demais passos, após a justificação, são apenas desdobras subsequentes do destino humano, que conduzem à glorificação. Os homens são «conhecidos», «predestinados», «eleitos», «justificados» e «santificados» a fim de que finalmente venham a ser *glorificados* como filhos de Deus. A glorificação completa consiste da condução dos filhos de Deus à glória; e isso porque são filhos do *Pai celeste*, devendo ser *participantes* das perfeições do Pai eterno, bem como co-herdeiros de Cristo, possuidores de sua mesma natureza e herdeiros de toda a sua herança. Isso ocorrerá quando a igreja se tornar a plenitude daquele que preenche a tudo em todos.

*Glorificou*. Isso não significa que tal glória lhes seja propiciada através dos sofrimentos, ou através dos dons extraordinários do Espírito Santo; porque a palavra «glorificar» jamais é utilizada nesse sentido. Além disso, Paulo se referia aos santos em geral, e não apenas acerca de alguns indivíduos. Se essa interpretação, aqui combatida, fosse verdadeira, então ninguém seria predestinado, chamado e justificado, enquanto não possuísse os dons extraordinários do Espírito Santo; e ninguém possuiria os dons extraordinários do Espírito a não ser essas pessoas. No entanto, muitos têm exibido tais dons, sem se interessarem muito pela graça de Deus e pela felicidade eterna. Pelo contrário, a glória eterna está aqui em foco, de conformidade com aquilo que o apóstolo vinha falando no contexto... que consistirá na semelhança a Cristo, em comunhão com ele e em contemplação eterna de sua pessoa, bem como na liberdade de todo o mal e no aprazimento de tudo que é bom; e essa é a finalidade da graça predestinadora...mencionada em Rom. 8:29...» (John Gill, *in loc.*)

## II. Sua Essência: Transformação Segundo a Imagem de Cristo

Ver o artigo separado sob o título *Transformação Segundo a Imagem de Cristo*. Esse artigo descreve a essência daquilo que será efetuado por ocasião da nossa glorificação.

### III. Um Processo Eterno

Equivocamo-nos quando pensamos na salvação como algo obtido de uma vez por todas. Apesar de podermos dizer que uma pessoa foi salva quando ela se *converteu*, com isso estamos apenas dizendo que, em algum ponto, *começou* a salvação de sua alma (na hipótese de que ela, realmente, foi regenerada). Pode-se também afirmar que um homem foi salvo quando não está mais debaixo do poder condenador do pecado, e a sua *santificação* começou. Também podemos dizer que um homem foi salvo quando ele deixa para trás o seu corpo mortal e entra no mundo da luz. Porém, por ocasião da glorificação futura, ele chegará a participar — de uma maneira nova daquilo que significa estar salvo. Então terá começado a absorver os atributos divinos, com base em uma real (porém finita) participação na natureza divina. *Visto que há uma infinitude com que teremos de ser cheios, também deverá haver um enchimento*

*infinito*. Consideremos os fatores abaixo:

1. A *glorificação* inclui a participação na *plenitude de Deus* (Efé. 3:19). De fato, isso envolve uma impossibilidade, mas, na prática, podemos dizer que os remidos irão obtendo mais e mais da plenitude de Deus, o que significa que os seus atributos, que se derivam de sua natureza divina, irão tornando-se, paulatinamente, os nossos atributos. Deus é o nosso *Pai celeste*; e nós, como seus filhos, compartilhamos de seus *genes espirituais*, uma metáfora que significa que cada vez mais nos tornaremos aquilo que nosso *Pai* é e manifestaremos essa sua natureza. É errado pensar no céu como um lugar onde impera a estagnação. Um crente pode entrar nos céus, mesmo tendo falhado de muitos modos, ao cumprir aquilo que dele se esperava. Um crente pode até ser salvo pelo fogo. Ver I Cor. 3:15. Mas, se ele permanecesse assim por toda a eternidade, o corpo místico de Cristo ficaria enfermo. Portanto, após o seu julgamento, ele prosseguirá. Ele *reinciará* sua caminhada espiritual em certo ponto, por causa de suas obras e da qualidade da espiritualidade que ele desenvolveu, durante a sua peregrinação terrena. Desse modo, ele prosseguirá, obtendo cada vez mais da imagem de Cristo e da plenitude de Deus. Ora, Cristo também é a plenitude de Deus (Col. 2:9), e destarte, também vamos obtendo da plenitude de Cristo (Col. 2:10).

2. O *Espírito Santo opera* na questão da glorificação. Estamos sendo transformados segundo a imagem de Cristo de um estágio de glória para outro (II Cor. 3:18). Não há razão alguma para supormos que isso não envolva um processo eterno, pois a verdade é que nunca atingiremos esse alvo de modo absoluto, mas sempre poderemos ir avançando nessa direção. O grande alvo é sermos tudo quanto Jesus Cristo é, em sua natureza e em suas perfeições. Por essa razão, somos filhos de Deus que estão sendo conduzidos à glória (Heb. 2:10). Estamos sendo continuamente conduzidos à glória.

3. Sem quaisquer metáforas, a essência daquilo que significa estar salvo (e, por conseguinte, glorificado) é afirmado em II Pedro 1:4: «... nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina...» Sim, na glorificação passaremos a compartilhar da natureza divina de uma maneira nunca antes experimentada. Tomo isso como uma participação *real* na mesma forma de energia e de essência de vida que tem o próprio Deus, segundo isso se manifesta na pessoa de Jesus Cristo. Não compreendo, de maneira simbólica, esse versículo de II Pedro. Não obstante, a criatura humana é sempre finita, e continuará sendo finita, mesmo na glória celestial. Isso posto, essa participação na natureza divina também será sempre finita. Todavia, ela irá crescendo continuamente. Esse *aumento* da glória, portanto, é a essência da glorificação, em sua eterna inquirição.

## GLOSSOLALIA

Essa é uma palavra grega que significa «falar em línguas». Refere-se a um tipo de declaração estática, algumas vezes formada de sílabas sem sentido, mas sempre envolvendo alguma língua antiga ou moderna, humana ou angelical. Esse fenômeno tem uma história antiga no campo da religião ou mesmo fora dele. Trata-se de um fenômeno que o cérebro é capaz de produzir. Mas, nesse caso, apesar de muito agitar a pessoa, — não é sinal de qualquer experiência religiosa profunda. — Acresça-se a isso que é perfeitamente possível uma pessoa ter uma profunda experiência mística ou religiosa, sem qualquer sinal

de línguas. Quando válidas, entretanto, as línguas não são apenas um ponto no qual uma pessoa assumiu um poder superior, para **capacitá-la a cumprir** melhor a sua missão. Pode ser o sinal ou o acompanhamento de uma profunda experiência espiritual, que confere a um homem uma maior espiritualidade. Apesar de que em alguns grupos evangélicos essa experiência é tida como um sinal necessário do batismo no Espírito (vide), as Escrituras Sagradas e a experiência demonstram que a essência desse batismo pode ser obtida com ou sem o sinal das línguas. As línguas, apesar de não serem inúteis (porquanto servem para edificação própria daquele que as fala; ver I Cor. 14:4), não formam a essência do batismo no Espírito Santo.

Temos provido um longo estudo sobre a questão, em artigos separados. Ver os seguintes: *Dons Espirituais*, ponto décimo quarto; ver também sobre *Línguas, Falar em*, que ilustra, com um caso especial, esse fenômeno, e que demonstra a universalidade que está envolvida nessa experiência. E, finalmente, ver o artigo intitulado *Batismo no Espírito Santo*.

## GLUTÃO

No hebraico, *zalal*, que aparece por quatro vezes com esse sentido: Deu. 21:20; Pro. 23:20,21; 28:7. No grego, *phágos*, que ocorre por duas vezes: Mat. 11:19 e Luc. 7:34. A palavra hebraica envolve a idéia de «leveza» de «falta de dignidade», o que significa que um indivíduo qualquer entrega-se à frivolidade, comendo, bebendo e divertindo-se. Essa palavra indica mais do que meramente a pessoa que come demais, o que também é glotonaria. E o vocábulo grego *phágos* significa aquele que come demais. Deriva-se do verbo *phagein*, forma infinitiva, cujo tempo presente é substituído pelo aoristo, *estho*.

O trecho de Deuteronômio 21:20 refere-se a esse vício dentro do contexto de um filho rebelde, que também é glutão e bebedor. De acordo com a legislação judaica, esses pecados (ou a combinação dos mesmos) tornavam o indivíduo culpado digno da pena de morte. O vício da glotonaria é repreendido em Provérbios 23:21. Os trechos de Mat. 11:19 e Luc. 7:34 referem-se a esse vício em conexão com as acusações assacadas contra Jesus. Na verdade, Jesus nunca foi asceta. Mas estava longe de ser um glutão e bebedor. O trecho de Tito 1:12 fala em «ventres preguiçosos» (no grego *gastéres argal*). O termo grego *gastér*, significa «porções internas», incluindo o estômago; mas pode indicar, metaforicamente, um glutão, que vive para satisfazer o estômago.

O conceito da glotonaria, pois, sempre aparece associado a outros excessos pecaminosos. Lemos que os antigos romanos, em seus festins e banquetes, provocavam o vômito, para que pudessem tornar a comer: comiam e vomitavam, comiam e vomitavam. Apesar disso ser muito repelente, e a despeito de nem todos combinarem o comer em excesso com uma vida devassa, mesmo assim é errado sobrecarregar o corpo com alimentos demasiados. Um pregador ou ministro obeso (a menos que sofra de algum problema glandular) é uma propaganda má para o evangelho. Pois, ao mesmo tempo em que ele prega contra outros vícios, ele mesmo vive preso, tão obviamente, ao vício de comer em demasia. Suas enxúndias servem de demonstração pública de que é um homem viciado. Ver o artigo geral sobre os *Vícios*.

## GNANA IOGA

Ver sobre a *Jnana Ioga*, sob o ponto quinto, «c», do artigo geral sobre a *Ioga*.

## GNÉSIO-LUTERANISMO

A primeira parte dessa palavra, «gnésio», significa *genuíno* ou *sincero*. A palavra inteira indica aqueles luteranos que tomam a posição de Lutero, defendendo a doutrina da *ubiquidade* na eucaristia ou Ceia do Senhor. Essa posição foi desenvolvida por John Brenz e defendida por Jakob Andreas e Mathias Flacius Illyricus. Porém, outros luteranos opunham-se a tal idéia, como os seguidores de Philip Melancton (apelidados *filipistas*), os quais negavam essa doutrina, e, quanto a outras doutrinas, aproximavam-se bastante da posição calvinista. Por isso mesmo, esses tais foram chamados *criptocalvinistas*. O mais bem conhecido dos gnésio-luteranos era Flacius (vide), mesmo porque gostava muito de envolver-se em controvérsias religiosas. Após a morte de Melancton, os luteranos traçaram inúmeras declarações doutrinárias, algumas das quais promoviam um dos lados, — enquanto outras promoviam o outro lado dessa questão, — quase dividindo o luteranismo. Em 1574, os filipistas de Wittenberg foram aprisionados pelo eleitor Augusto, o que permitiu que os gnésio-luteranos lograssem um breve momento de triunfo. Entretanto, a controvérsia prosseguiu durante muito tempo. Foram feitos esforços tendentes à reconciliação entre as facções envolvidas, no século XVII. George Calixtus defendia o liberalismo de Melancton, ao passo que Abraham Calovius promovia o dogma rígido, original, do luteranismo. Por todos os demais segmentos das igrejas reformada e evangélica, a fragmentação era a ordem do dia, com todas as suas conseqüentes controvérsias.

## GNOSIOLOGIA

Ver os artigos sobre *Conhecimento e a Fé Religiosa e Epistemologia*.

No grego significa *estudo* (ou raciocínio) *sobre o conhecimento*. A gnosiologia é um dos seis ramos tradicionais da filosofia. Os demais cinco ramos são a ética, a estética, a política, a metafísica e a lógica. Ver os seguintes artigos: *Filosofia; Epistemologia*, mas especialmente, o *Conhecimento e a Fé Religiosa*. Esse último artigo contém os principais sistemas da *gnosiologia*, como também as principais *teorias da verdade*. Ver também: *Conhecimento, Conhecer; Conhecer a Deus; Conhecendo o Amor de Cristo; e o Conhecimento e a Ética*.

## GNOSIS

Essa é uma palavra grega que significa *conhecimento* ou *cognição*. Por causa das associações em que aparece na literatura, com freqüência «gnosis» ocorre com um sinônimo de conhecimento esotérico ou *gnosticismo* (vide). Porém, esse vocábulo também tem um certo uso cristão. Dentro do contexto do gnosticismo, a *gnosis* é o caminho da salvação, por meio de um tipo especial de conhecimento.

### 1. A Gnosis Cristã

No contexto cristão, encontramos uma espécie de *agape-gnosis*, um amor-conhecimento caracterizado pelo poder iluminador do Espírito, em combinação com o cultivo espiritual da lei do amor, como o princípio que nos orienta na vida. Paulo ensinava a salvação por meio da fé (Rom. 5:1), com base na obra expiatória de Cristo e em sua ressurreição doadora de vida (Rom. 4:25). O termo grego *gnosis* aparece por vinte e nove vezes no Novo Testamento, algumas vezes em sentido não-teológico. Porém, em Lucas 1:77, achamos o «conhecimento da salvação», que nos foi

dado mediante o advento de Cristo. As autoridades religiosas judaicas haviam corrompido o ensino religioso ocultando a chave do conhecimento (Luc. 11:52); e as profundezas do conhecimento de Deus são insondáveis (Rom. 11:33). Isso mostra-nos que a ignorância não tem qualquer valor.

Há um dom espiritual do *conhecimento* (I Cor. 12:8), onde opera a iluminação espiritual, trazendo em sua bagagem as realidades e as doutrinas cristãs. O verdadeiro mestre tem acesso ao conhecimento através desse dom. No entanto, todo o conhecimento do mundo, desacompanhado do amor (ou seja, quando não há o *agape-gnosis*), é inteiramente inútil (I Cor. 13:2). As línguas também tornam-se aproveitáveis para o próximo quando transmitem conhecimento (I Cor. 14:6). O verdadeiro conhecimento espiritual nos é conferido através da iluminação, conforme o apóstolo deixa claro em Efésios 1:17.

O amor de Cristo ultrapassa a nossa capacidade de conhecimento; e é no conhecimento de Cristo que obtemos a sua plenitude (a *pleroma*) (Efé. 3:19). O conhecimento sobre Cristo é tão excelente que, a fim de adquiri-lo, podemos sacrificar todas as coisas (Fil. 3:8). Em Cristo estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Col. 2:3). A nossa responsabilidade é adicionar a virtude à fé, e o conhecimento à virtude, o que significa que o conhecimento é uma das colunas mestras da salvação e da vida cristã.

A chamada *experiência perto da morte* (vide) tem-nos ensinado que as duas grandes pilstras sustentadoras da espiritualidade são o amor e o conhecimento. O conhecimento consiste em capacidade e no «know-how» para podermos cumprir nossas respectivas missões. Há um conhecimento falso, que precisa ser evitado, e até mesmo denunciado (I Tim. 6:20).

O misticismo cristão pode ser considerado como a consequência normal do desenvolvimento na graça. Há um certo nível de conhecimento cristão que consiste somente na tomada intelectual de conhecimento do que dizem as doutrinas, com a capacidade de defini-las e descrevê-las. Isso está envolvido no conhecimento espiritual, como um primeiro estágio; mas é apenas um aspecto do conhecimento cristão, e não a sua própria substância. Não há qualquer poder salvífico nesse conhecimento; mas o conhecimento espiritual faz parte daquilo que significa ter sido salvo. Disse Paulo: «...para o conhecer (Cristo) e o poder da sua ressurreição...» (Fil. 3:10).

## 2. A Gnosis Heterodoxa

Os gnósticos tinham um conhecimento esotérico com base em ritos sagrados, no misticismo oriental, na magia e em um corpo de doutrinas muito sincretistas, através de cuja mistura eles esperavam poder obter a salvação. Há conhecimento que só podemos adquirir mediante alguma fonte mais elevada, através da revelação. Parte do conhecimento já existe no homem, podendo ser utilizado mediante a meditação e a contemplação. Isso é um autoconhecimento em suas implicações. Os gnósticos acreditavam no poder remidor de seu tipo de conhecimento. Para eles, o amor era uma consequência do conhecimento correto, como um ato moral dependente do conhecimento. Precisamos entender que qualquer sistema, como o gnosticismo, dá grande valor ao conhecimento; e, assim sendo, deve encarar o conhecimento como algo que envolve atos, a concretização daquilo que o conhecimento requer. Portanto, «saber e fazer» é uma máxima razoável, porquanto é difícil imaginar que qualquer indivíduo gnóstico pensasse ser capaz de

obter alguma coisa simplesmente acreditando nas doutrinas de seu sistema. Todos os sistemas religiosos requerem alguma coisa de seus adeptos; e, se *fizerem* aquilo que *sabem* que devem fazer, então beneficiam-se de seu conhecimento. Porém, uma pessoa pode vir a conhecer coisas erradas e falsas; e, pôr esse conhecimento em prática de nada adianta. Os gnósticos pensavam que eles conheciam a verdade, e praticavam coisas que, segundo pensavam, poderiam conferir-lhes a salvação.

## 3. O Conhecimento e os Sistemas Fechados

Quase todos os sistemas mostram-se arrogantes no tocante ao conhecimento que possuem. Podemos incluir nisso as próprias denominações cristãs evangélicas. Para muitos, um conjunto de crenças é tido como a substância mesma do conhecimento. Entretanto, a experiência ensina-nos que o nosso conhecimento é apenas parcial. E quase todo o conhecimento que possuímos contém algum defeito. E é exatamente por esse motivo que o homem precisa continuar inquirindo e crescendo. Se alguém chegar a construir um sistema de conhecimento que não admita desenvolvimento, então esse sistema torna-se um túmulo do conhecimento. Somente Deus realmente *conhece* as coisas. Todos nós nos encontramos em algum estágio de *descobrimto*.

## 4. Artigos sobre o Conhecimento (para consultar):

- Conhecimento e a Fé Religiosa*
- Conhecimento, Conhecer*
- Conhecendo a Deus*
- Conhecendo o Amor de Cristo*
- Conhecimento e a Ética*

## GNOSTICISMO

### Introdução e Caracterização Geral

A palavra «gnosticismo» vem do grego *gignoskein*, «saber», referindo-se a um movimento dedicado à obtenção de um *conhecimento* genuíno maior, por meio do qual, segundo seus adeptos criam, poderia ser obtida a salvação. O gnosticismo, tal como as religiões misteriosas dos gregos, reivindicavam possuir uma sabedoria esotérica, que se tornaria propriedade dos iniciados, em contraste com os de fora, que não seriam assim privilegiados. Segundo esse sistema, os iniciados eram os *eleitos*, ao passo que os demais não eram passíveis da redenção, pelo que seriam os *hílicos*, ou seja, aqueles de tal modo imersos no princípio material que não podiam obter qualquer coisa que fosse espiritual. Conhecimento místico, ritos e práticas mágicas eram promovidos pelo sistema gnóstico. Esse sistema fez competição com o cristianismo bíblico durante cerca de cento e cinquenta anos, tendo atingido o seu ponto culminante na segunda metade do século II D.C. Irineu (vide) escreveu contra o sistema, e muito daquilo que conhecemos sobre o gnosticismo nos veio através dos escritos de Irineu. Entretanto, o gnosticismo perdeu o ímpeto no século III D.C., ao mesmo tempo que o maniqueísmo (vide) veio substituí-lo como o competidor principal do cristianismo bíblico. Houve grande variedade de sistemas gnósticos. As variedades mais importantes eram os ofitas, de Celso; os nicolaitas; os arcênticos; os setitas; os carpoocratianos; os naaseni; os simoniani; os barbelognósticos; os bardesanesianos; os basílidianos (vide); os marcionitas (vide); os ceríntios; e os valentinianos (vide); os ebionitas (vide) e os elquesaitas.

Muitas variedades dessa heresia se espalhavam por diversas áreas do mundo antigo; o que é dito aqui serve apenas de caracterização geral. A forma particular de



## GNOSTICISMO

gnosticismo, encontrada em Colossos, e que tinha um elemento judaico pronunciado além do comum, é amplamente comentada na seção III no artigo sobre Colossenses; e este artigo deve ser consultado, pois ali há informações sobre a situação local do erro religioso que foi o impulso por detrás da escrita da presente epístola. Em outras palavras, Paulo escreveu justamente para refutar a heresia gnóstica que havia em Colossos.

Os pais da igreja primitiva chamavam o gnosticismo de «saberia grega», e Harnack o chamava de *helenização aguda do cristianismo*. Há certa verdade em ambas essas designações, mas ambas são incompletas. O gnosticismo combinava elementos da filosofia grega, das religiões pagãs misteriosas, do judaísmo e do cristianismo; mas, sob algumas formas, o gnosticismo já existia no mundo pré-cristão, como aliado das religiões místicas orientais. O judaísmo e o cristianismo modificaram essas religiões místicas em várias áreas, onde as três entravam em conflito. Estudos mais recentes têm indicado que devemos ver o gnosticismo mais como uma forma de misticismo, com influências babilônicas, egípcias, iranianas e hindus, e não somente uma forma de filosofia dotada de especulações místicas. No gnosticismo se combinavam a orientalização da civilização greco-romano e a helenização do Oriente.

No tocante ao cristianismo, o gnosticismo consistia, essencialmente, na tentativa de fundir as revelações dadas por meio de Cristo e seus apóstolos com os padrões de pensamento já existentes. Se porventura o gnosticismo tivesse tido sucesso, nessa tentativa, o cristianismo tornar-se-ia apenas mais outro culto misterioso greco-romano.

### Esboço:

1. Plano de Salvação
2. Categorias dos Homens
3. Intermediários
4. Deus
5. Quanto a Cristo
6. A Expição pelo Sangue
7. Docetismo
8. Ética e Conhecimento
9. Empréstimos
10. Personagens Principais
11. Gnosticismo Combatido no Novo Testamento
12. Sumário de Algumas Idéias Gnósticas Básicas
13. O Gnosticismo e a Literatura

### 1. Plano de Salvação

O gnosticismo expunha, essencialmente, um plano de salvação, tal como o faz o cristianismo, o que significa que o conflito básico era inevitável. O gnosticismo pintava a realidade como que dividida em dois dramas distintos, a saber, um espiritual e cósmico e outro histórico e terreno. No mesmo está retratado o ciclo da criação, da existência, dos sofrimentos, da morte e da ressurreição. Nos mais elevados céus estaria um ser supremo, intocável, inabordável. Realmente, seria um ser deísta, o qual, mediante poder criador, delegaria poder a seres inferiores, os quais entrariam em contacto com a matéria, ao mesmo tempo que ele não se deixava tocar e nem influenciar pelo drama histórico inferior. Não poderia tocar na matéria, visto que esta seria o princípio mesmo do mal, o que só poderia contaminá-lo. Também haveria um *demiurgo*, — que teria criado este mundo, o qual entraria em contacto com o mesmo, uma idéia que, na realidade, não difere muito da doutrina do *Logos* do cristianismo, embora expressa por moldes inferiores. Nisso se vê traços da

filosofia platônica, que já postulava o «demiurgo», e o drama cósmico, que teriam relações com o nosso drama histórico. No gnosticismo também se postulava uma «queda cósmica», que consistiria, antes de tudo, da alienação entre esta criação e Deus, o que corresponderia à «queda histórica», que envolveu o homem. Uma vez mais, isso não difere muito das idéias que, sobre a mesma questão, podem ser extraídas do Antigo e do Novo Testamentos. Também haveria a *pleroma* ou manifestação total de Deus, nas dimensões celestiais, que seriam suas emanações, partículas de sua própria natureza; e também haveria as *hysterema*, ou seja, emanações inferiores acompanhantes, de natureza terrena. O Deus Altíssimo não seria o responsável pela criação deste mundo e seu caos, pois este seria o domínio do «demiurgo»; no entanto, Deus seria o responsável pela criação ou emanação do «demiurgo».

O objetivo inteiro da vida seria a libertação da alma, que é a parte imaterial do homem, deste mundo material, porque a matéria, incluindo nossos corpos físicos, seria inerentemente má, totalmente incapaz da redenção. Assim sendo, o alvo seria a separação entre o espírito e a matéria, ficando de lado a imperfeição e o mal, com a volta às dimensões do espírito, da luz e da santidade. Ora, em vista da matéria não poder ser remida, não importaria o que fazemos com nossos corpos; e poderíamos puni-los com o ascetismo ou nos entregarmos à mais completa licenciosidade. Ao mesmo tempo, sem qualquer impedimento, a alma poderia ser cultivada. Tanto o ascetismo como a licenciosidade seriam meios de cooperação com o processo deste mundo; e deveríamos agir assim na esperança de que isso liberte finalmente a alma do meio ambiente físico. Finalmente, o propósito deste sistema mundial seria aniquilar totalmente à matéria, que seria a raiz verdadeira de todo o mal. Poderíamos ajudar esse processo abusando do corpo, o qual seria apenas a prisão material da alma, pois o corpo físico perecerá juntamente com a matéria, na conflagração final. Esse processo de elevação da alma, mediante a entrega do corpo aos excessos ascéticos ou licenciosos, não poderia ser efetuado sem o conhecimento e a sabedoria esotéricos, que seriam revelados aos gnósticos através de certos ritos, sacramentos, práticas mágicas, etc. Segundo pensavam os gnósticos, assim é que a salvação seria conhecida pelos homens, assim é que a alma seria instruída para a sua fuga.

### 2. Categorias dos Homens

Ainda segundo as idéias gnósticas, os homens pertenceriam a três categorias: os *hilicos*, os *psíquicos* e os *pneumáticos*, ou seja, respectivamente, os «materialistas», os «meio-espirituais» e os «espirituais». Os *hilicos* estariam presos à matéria, estando sempre sujeitos ao mal, às astúcias de Satanás, às influências do reino das trevas, pelo que seriam totalmente incapazes de receber a redenção. Esse grupo incluiria a vasta maioria dos homens, sendo impossível para eles qualquer raio de esperança. O hiper Calvinismo caiu nesse mesmo erro, embora com base em diferentes premissas. Isso pode ser confrontado com o que se aprende no primeiro capítulo da epístola aos Efésios, onde tudo quanto há na criação aparece sujeito à restauração em Cristo, o que é prometido como algo que, finalmente, terá lugar. O trecho de I Tim. 2:1-5 é especificamente contrário a esse ponto de vista de que a maioria dos homens não pode ser salva, conforme dizia a heresia gnóstica. Os «psíquicos» estariam sujeitos a uma redenção inferior, por meio da fé. Nessa classe eles numeravam os profetas do A.T., bem como homens bons de toda a

sorte; mas, apesar da redenção dos tais ser digna, nunca faria os homens subirem aos paroxismos da glória. Isso estaria reservado aos «*pneumáticos*», que seriam os homens verdadeiramente espirituais. Tal experiência consistiria da reabsorção no ser divino, perdendo-se totalmente a individualidade. E dessa maneira, por assim dizer, o «homem» transformar-se-ia em um *super-homem*, e o «ego» transformar-se-ia no «superego». Tal redenção máxima, segundo eles diziam, seria produzida pela «gnosis» ou «conhecimento», de cujo termo se deriva o vocábulo «gnosticismo». O conhecimento por eles buscado era esotérico, mediado por meio de artes mágicas, cerimônias e um falso misticismo. Somente um exíguo número de iniciados poderia receber esse conhecimento remidor. Para eles, o conhecimento seria manifestadamente superior à fé.

### 3. Intermediários

Entre Deus e os homens haveria uma interminável série de emanações, formadas por poderes superiores, as «stoicheia», ou «aeons», que seriam iguais aos anjos, na síntese que resultou do encontro das religiões misteriosas orientais com o judaísmo e o cristianismo. Esses poderes seriam «emanações» de Deus, possuidores de partículas da «pleroma» ou plenitude divina; participariam da natureza divina, pois as emanações, na realidade, seriam partículas de raios do sol divino, o fogo central. Isso deve ser contrastado com a doutrina de Paulo, em Col. 1:19; 2:9, onde se aprende que Cristo possui a inteira «pleroma» de Deus, ou em Col. 2:10, onde os remidos são vistos como quem ficará cheio da plenitude divina.

### 4. Deus

**Quanto a Deus**—os gnósticos tinham um conceito *delsto* de Deus. Para eles, ele seria totalmente «transcendental», isto é, não entrava em contacto com os homens e nem mesmo poderia fazê-lo, pelo que tivera de arranjar mediadores, que seriam uma sucessão quase interminável de sombrios «aeons» (as emanações angelicais). O *delsto* ensina que há um ser supremo, mas que não teria qualquer interesse pela sua criação (ou emanação), não interferindo na história humana, porquanto nem puniria e nem recompensaria. O N.T., entretanto, é eminentemente «teísta», posição essa que ensina que Deus é imanente no mundo, através de Cristo, mantendo contacto com este mundo, recompensando, punindo e modificando o curso da história humana. Assim é que o segundo capítulo da primeira epístola de Timóteo pinta Deus como «o Salvador», tão distante está ele de ser total e perenemente transcendental. Outrossim, há apenas um mediador, e não muitos; e esse mediador é Cristo (ver I Tim. 2:5).

O Deus Altíssimo estaria bem remoto deste mundo. Não haveria modo como o Deus supremo pudesse tocar na matéria, pois isso apenas o contaminaria. Deus seria um ser desconhecido, infável, acerca de quem nada pode ser atribuído. O problema dos gnósticos, portanto, consistia em explicar como ele emanara a si mesmo e produzira os universos e a terra. Isso eles procuravam solucionar na doutrina dos *aeons* e do «demiurgo». Antes de tudo, haveria trinta emanações superiores, que estariam bem próximas do fogo central. Cada uma dessas emanações originou a emanação imediatamente inferior, pelo que haveria uma espécie de resplendor divino cada vez menor, com poderes cada vez mais limitados. Bem longe da chama divina, eis que chega uma emanação, a mais distante das trinta, que chegaria na linha separatória entre o que é celeste e o

que é terreno. Visto estar ela tão distanciada de Deus, quando criou a terra, fez um mau trabalho, o que explicaria a confusão e os sofrimentos que há neste mundo, como o problema do mal, o mais difícil de todos os problemas da teologia e da filosofia. Essa última das trinta emanações eles chamavam de «demiurgo», sendo identificado com o Deus do A.T., o Deus dos judeus.

### 5. Quanto a Cristo

Os gnósticos acreditavam que Cristo não seria o — Verbo exaltado —, mas apenas um dentre muitos «aeons» ou emanações angelicais. Seria um dentre muitos salvadores ou pequenos deuses, mas em sentido algum seria divino como Deus é divino. Antes, seria um *aeon* que participava, em parte, da essência e dos atributos divinos. O fato de que os *aeons* podiam ter contacto com a matéria, o princípio mesmo do mal, mostrava que Cristo não seria um «aeon» muito elevado. Nenhum «aeon», muito menos o Verbo divino (a primeira emanação divina), poderia encarnar-se, porquanto isso o envolveria na corrupção do mal. Portanto, o mundo em que vivemos seria um caos porque seu próprio criador teria problemas. Alguns mestres gnósticos identificavam o «Deus» do A.T. como o criador deste mundo, ao passo que outros o identificavam com «Cristo». Seja como for, esses «aeons» eram vistos como quem estava bem distante de Deus, o fogo central, pelo próprio fato de que podiam entrar em contacto com a matéria. Os gnósticos eram «docéticos» (palavra derivada do termo grego *dokeo*, que significa «parecer»). Acreditavam eles que o «aeon» chamado de *Espírito-Cristo*, na realidade, não se encarnava. Isso seria impossível, porque tal coisa serviria somente para corrompê-lo. Antes, seu suposto corpo humano seria um fantasma, e tudo quanto ele fez aqui foi um papel teatral. Ou então, conforme pensavam muitos dos gnósticos, o *Espírito-Cristo* teria vindo possuir o corpo físico de Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, tendo-o abandonado por ocasião de sua morte, pelo que a morte de Jesus não teria valor como expiação. Disso concluíam que o «Espírito-Cristo» não teria vindo «pelo sangue» (ver I João 5:6) e que nenhuma expiação fora efetuada por ele. (Ver II Ped. 2:1). (Ver I João 4:2,3 e as notas expositivas ali existentes no NTI acerca do ataque contra o «docetismo», dos gnósticos. Ver também Col. 2:9, que ataca o baixo ponto de vista dos gnósticos sobre a «natureza» de Cristo). De acordo com a doutrina paulina, Cristo possui toda a «plenitude» de Deus, a sua «pleroma». Os gnósticos, porém, imaginavam que cada «aeon» possuiria apenas partículas dessa plenitude ou *pleroma* (a natureza de Deus e os seus atributos).

Em alguns sistemas gnósticos, porém, o demiurgo se torna o Cristo do N.T. embora outros dentre eles atribuíssem posição superior a Cristo. Mas não se deveria identificar esse «aeon», esse espírito de Cristo, com o homem Jesus de Nazaré. Esse «aeon» meramente ter-se-ia apossado do corpo do homem Jesus, por ocasião de seu batismo (outros gnósticos diziam que isso ocorreu quando de seu nascimento), tendo permanecido com ele até a sua crucificação e morte, ponto em que o abandonou. Alguns manuscritos do N.T. chegam mesmo a dizer, em Mat. 27:47: «Meu poder, meu poder, por que me abandonaste?» em vez ~~de~~ essas palavras serem dirigidas a Deus. É que ali o homem Jesus estaria falando ao «aeon» que o abandonara, deixando-o aflitíssimo, porque isso o deixava um homem alquebrado e derrotado. Naturalmente, esses manuscritos, por serem relativamente recentes, não representam o texto original, mas nos fornecem algum discernimento sobre a maneira de

pensar dos gnósticos.

### 6. A Expição pelo Sangue

Os gnósticos também negavam a validade da expiação pelo sangue de Cristo. Jesus teria recebido esse poder por ocasião de sua *batismo*, mas este o abandonara quando de sua crucificação, pelo que também sua morte não seria o elemento essencial de sua missão. Para eles, Cristo veio «por meio da água» (o batismo), mas não «por meio do sangue» (a expiação na cruz). (Ver João 5:6 acerca disso, como também II Ped. 2:1, que rebate tal negação gnóstica).

As descrições sobre o gnosticismo, em Colossenses e nas cartas católicas, nos fornecem boa compreensão sobre a maneira de pensar dos mestres gnósticos, que tinham penetrado nas fileiras cristãs. Nesse sistema, pois, quão vil era a posição atribuída a Cristo, em comparação com o que Paulo ensinava. Nos escritos deste, Cristo não era apenas um dentre muitíssimas emanações, mas era a verdadeira *pleroma* de Deus, a sua «inteira plenitude», o que os gnósticos pensavam estar disperso pelo agregado inteiro dos «aeons». Alguns mestres gnósticos, porém, atribuíam a Cristo uma posição superior a isso, julgando-o o mais esplendente dos «aeons».

### 7. Docetismo

A maioria dos gnósticos aceitava alguma forma de *docetismo*, isto é, o conceito de que Cristo não foi um homem real, que sua vida humana foi apenas um papel teatral, que sua morte e sofrimentos foram aparentes, e não reais, e que o verdadeiro Cristo é uma personalidade angelical. Contra essas crenças é que foi escrita a primeira epístola de João, denunciando àqueles que não aceitavam a humanidade autêntica de Jesus Cristo. «Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus, não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e presentemente já está no mundo... aquele que confessa o Filho, tem igualmente o Pai» (I João 4:2,3 e 2:23).

### 8. Ética e Conhecimento

Quanto a ética, os gnósticos criam ser bom abusar do corpo mediante o ascetismo ou a licenciosidade, porquanto isso ajudaria o sistema cósmico em seu suposto desígnio de destruir a matéria, da qual o corpo é representante. A resposta dada pelo N.T. é que a verdadeira fé requer a santidade, pois todos aqueles que nascem de Deus serão santos (ver I João 2:29). O evangelho autêntico tem um imperativo moral, não estando despido da necessidade de santidade no corpo (ver Rom. 12:1,2), conforme os gnósticos ensinavam erroneamente. As várias notas expositivas referidas no NTI especialmente a de Col. 2:18 expandem essas idéias, além de darem as diversas categorias do pensamento gnóstico. A leitura desses comentários ajudará o leitor na compreensão dos problemas abordados nas epístolas joaninas.

*Conhecimento.* O gnosticismo fez do conhecimento seu fator superimportante. Este conhecimento era secreto, místico, mágico e gnóstico e era a base da própria salvação e de todas as observações éticas.

No cristianismo, a ética da *gnosis* («conhecimento») se torna uma espécie de «amor-conhecimento», esforçando-se por tornar Deus conhecido por meio do amor, expresso entre os homens através da fraternidade. Pode-se notar no grande «hino ao amor», no décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios, que o conhecimento é pintado como a «desaparecer», ao passo que o amor nunca falha; e até mesmo dentre as três virtudes cristãs máximas, a fé, a

esperança e o amor, este último é reputado o maior. Paulo orava pelos crentes, — a fim de que viessem a conhecer a Deus, mediante a sabedoria e a revelação divinas (ver Efé. 1:17), mas isso não pode ser obtido sem que o indivíduo conheça o amor de Deus, que ultrapassa a todo o entendimento. Por esse método é que os homens haverão de receber «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:18,19).

### 9. Empréstimos

A doutrina do gnosticismo, a doutrina das emanações ou «aeons», provavelmente foi tomada por empréstimo, ou pelo menos foi influenciada em parte, do mitraísmo, uma das religiões misteriosas da Pérsia. Mitra era um deus-herói, o qual, enquanto esteve na terra, dedicou-se ao serviço da humanidade. Após uma última ceia, que celebrava o sucesso de seus labores remidores, ele ascendeu ao céu; dali ajuda seus seguidores na terra no conflito deles contra as forças do mal. Os iniciados nessa adoração passam por sete estágios de desenvolvimento, o que prefiguraria a passagem final da alma pelos sete céus. Mediante cerimônias místicas é que seus seguidores passariam pelos vários graus; e essas cerimônias incluíam abluções, refeições sagradas, ritos sacramentais, etc. Tal religião admitia somente varões em suas fileiras, pelo que somente os homens poderiam ser remidos. Fomentava a crença nos «aeons» ou emanações de Deus.

O gnosticismo também emprestou muitas idéias do misticismo oriental, de modo geral, da mitologia e filosofia grega, do judaísmo e do cristianismo.

### 10. Personagens Principais

Foram Valentino e Basilides, ambos de Alexandria, e ambos com um passado helênico. Valentino esteve em seu zênite em cerca do ano 150 D.C. Viveu em Roma entre 138 e 161 D.C. Basilides esteve no ápice de sua fama em cerca de 130 D.C. A principal diferença entre este último e Valentino era a inversão das emanações, pois ele pensava que o desenvolvimento da divindade se dera do menor para o maior, da terra para os céus. E ele pensava que a terra evoluíra de baixo para cima, não sendo uma espécie de emanação final de uma série quase infinita, proveniente do Deus Altíssimo. Saturnino encabeçava a seção do gnosticismo sírio, que floresceu em Antioquia por volta de 125 D.C. Um dos primeiros entre os mestres gnósticos foi Cerinto, contemporâneo do apóstolo João, em Éfeso. Ele misturava isso com certas formas judaicas, aceitando traços da doutrina ebionita. Rejeitava todo o A.T., e seu Deus, o que era comum entre os gnósticos. Márcion, por sua vez, rejeitava a totalidade do A.T., e aceitava somente algumas das epístolas de Paulo e uma forma mutilada do evangelho de Lucas, como suas Escrituras autoritárias.

Uma das mais estranhas seitas gnósticas era a dos ofitas, que veneravam à serpente. Ensinavam eles que o deus desta terra é mau, um «aeon» inferior, ao passo que a serpente seria boa. Alguns deles revertiam as Escrituras, afirmando, por exemplo, que personagens como Moisés e Elias foram forças malignas da história humana, mas que Faraó e Acabe foram santos homens em favor do bem.

### 11. Gnosticismo Combatido no Novo Testamento

As passagens neotestamentárias que parecem repreender alguma forma da heresia gnóstica, são: Col. 1—3 (e os trechos paralelos em Efésios); várias porções da primeira epístola de João, como 2:22 e ss; 4:3; II João 7; I Tim. 1:4 e ss; 4:3 e ss, 2:18; 3:5-7; Tito 1:14 e ss. É óbvio que vocábulos como «plenitude» (no grego, *pleroma*) (ver Col. 1:19 e 2:9),

espíritos elementares (ver Col. 2:8) (no grego, *stoicheia*), e vários nomes de ordens angelicais, como potestades, principados, domínios, etc. (ver Efé. 1:21 e outros trechos de Colossenses e Efésios), «mistério» (ver Efé. 1:10; 3:3; Col. 1:26; 2:2 e muitos outros lugares) foram todos tomados por empréstimo do vocabulário gnóstico e das religiões misteriosas; e foram usados de maneira diversa ou similar a maneira como eram usados naquelas religiões, segundo as exigências da teologia cristã.

Oito livros do N.T. combatem o gnosticismo que assediou a igreja pelo espaço de 150 anos. Esses livros são as três epístolas joaninas, as epístolas aos Colossenses, Judas, e em certas passagens, Efésios, o evangelho de João e o Apocalipse.

## 12. Sumário de Algumas Idéias Gnósticas Básicas

a. O *dualismo* da realidade, a clara divisão entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. O mundo material é incompatível com o mundo espiritual. Um sistema de emanções tornou-se necessário, para fazer com que qualquer tipo de princípio espiritual pudesse mesclar-se com o mundo da matéria, visto que qualquer contacto direto entre os dois faria o espírito contaminar-se.

b. *Sete poderes*, quase maus, quase hostis, que teriam criado o mundo, e que seriam ordens angelicais, seriam as últimas emanções de Deus, das quais se derivariam o mundo material e os poderes malignos.

c. *A Grande Deusa Mãe dos Céus*, conhecida como *Sofia*, teria descido a este mundo material, onde teria dado à luz os sete poderes referidos no ponto «b», acima.

d. *O Homem Primevo*, que teria existido antes dos mundos materiais, teria vindo a este mundo a fim de declarar guerra às trevas que acompanham a materialidade. Com o aparecimento dele, começa o drama da história do mundo. Ele é dominado pelas trevas; mas, finalmente, consegue libertar-se.

e. *O Soter* (Salvador), com freqüência, é visto como idêntico ao *Homem Primevo*, o qual, ao libertar-se, também abriu uma porta para a liberdade dos iniciados do gnosticismo. De acordo com alguns sistemas gnósticos, ele também tinha a tarefa de libertar *Sofia*. A união de um com o outro, pois, trouxe a salvação para os *eleitos*.

f. *Por meio do conhecimento*, do ascetismo ou da libertinagem, os gnósticos procuravam separar-se do princípio da materialidade, onde residem o pecado e a degradação. Liberada, a alma é elevada até Deus. Em todas aquelas seitas em que a Grande Mãe desempenhava um papel, a prostituição sagrada fazia parte do processo de liberação. Seja como for, a alma verdadeiramente liberada seria reabsorvida pela natureza divina, perdendo totalmente a sua individualidade.

## 13. O Gnosticismo e a Literatura

A maior parte dos livros apócrifos do Novo Testamento envolve um certo elemento gnóstico. Os primeiros tributários desse rio do gnosticismo podem ser discernidos nas obras apócrifas e pseudepígrafas do Antigo Testamento. As obras gnósticas posteriores, com freqüência, assumiam a forma de apocalipses, seguindo o modelo que aparece em livros como Daniel, I Enoque, etc. As cosmologias e angelologias de livros como I e II Enoque, e também Jubileus, certamente estão alicerçadas sobre conceitos gnósticos. Os quatro anjos que governam as quatro estações do ano, os sete espíritos que correspondem aos sete dias da semana, são conceitos que se encontram em livros como Tobias, Testamento de Levi e os livros de

Enoque, bem como no Apocalipse e no Apócrifo gnóstico de João, na biblioteca de Nag Hammadi. Além disso, há os *trinta aeons*, que correspondem aos trinta dias do mês do calendário solar, identificados com os poderes que governam os corpos celestes (conforme se vê em I Enoque e em Jubileus). Esses aeons são chamados, coletivamente, de *pleroma* (a plenitude das emanções de Deus). Elementos místicos e especulações também estão baseados sobre alguns livros bíblicos, como o de Ezequiel, embora, mais pesadamente ainda, alicercesem-se sobre escritos apócrifos e pseudepígrafos.

### Principais Escritos Gnósticos

Até bem recentemente, o que se conhecia por gnosticismo derivava-se de escritos lançados contra os gnósticos, como *Contra Heresias*, de Irineu; a *Reputação de Todas as Heresias*, por Hipólito; e o *Panarion*, de Epifânio. Entretanto, durante as últimas duas décadas, tem havido a publicação de muitas obras escritas diretamente por autores gnósticos. Foi descoberta uma biblioteca gnóstica em Nag Hammadi, no Egito. Ali estão contidas traduções de obras dos mais diversos caracteres para o cóptico, incluindo material proveniente do maniqueísmo. Assim, temos o *Evangelho da Verdade* (talvez escrito por Valêncio); o *Evangelho de Tomé* (declarações do Senhor Jesus ressurreto, algumas das quais são variações de declarações existentes nos evangelhos canônicos). Esse material continua sendo estudado. Temos apresentado um artigo separado sobre essa descoberta, intitulado *Nag Hammadi, Manuscritos de*. A impressão geral que derivamos desses documentos antigos é de que os primeiros pais da Igreja, apesar de possíveis preconceitos que tivessem, proveram-nos um quadro geralmente exato a respeito das crenças gnósticas.

Outras obras gnósticas, conhecidas somente através de citações que perduram até hoje, são o *Evangelho de Eva* (citações); *Sofia de Jesus Cristo*; o *Diálogo do Redentor*; a *Fé de Sofia*; os *Livros de Jeú* (todos disponíveis). Provavelmente, essas obras foram produzidas no Egito. Também temos o *Evangelho dos Doze Apóstolos*, que talvez seja idêntico ao *Evangelho dos Maniqueus*. O *Evangelho de Filipe*, que se conhece somente no cóptico, provavelmente, teve um original grego e deve ter sido produzido no século II D.C. Esse evangelho reflete os evangelhos canônicos, como também alguns ensinamentos de Paulo. Tem um estilo poético e um agudo discernimento psicológico, conforme se vê em outras obras gnósticas. Nesse evangelho, o grande *mistério* é a câmara nupcial, onde ocorre a união com realidades celestiais. Seja como for, Jesus teria revelado grandes segredos a Filipe. Irineu também menciona o *Evangelho de Judas*, que não mais existe; mas o *Apócrifon de João* até hoje está preservado. Seu autor teria sido João, filho de Zebedeu, e as revelações dadas ali formam um complexo sistema cosmológico, onde opera um tipo especial de redenção. Irineu tinha conhecimento desse evangelho, pelo que é provável que tenha sido publicado no século II D.C. O *Evangelho de Maria* também foi produzido mais ou menos nessa época. A heroína é Maria Madalena. Alegadamente, ela recebeu revelações da parte do Cristo ressurreto, que ela, então, transmitiu aos outros discípulos. O *Evangelho de Pedro* contém alguns elementos gnósticos e já era conhecido antes do ano 200 D.C. Além desse, há também o *Atos de João*, que demonstra alguma dependência do *Apócrifon*. A natureza desse livro é altamente docética no tocante a Cristo. Encontram-se elementos gnósticos no livro *Pregação de Pedro*; mas o livro *Atos de Tomé* é uma

## GOBE — GOEL (REMIDOR)

franca obra gnóstica. Nesse livro, Tomé aparece como irmão gêmeo de Jesus, aparecendo também como o principal porta-voz de Jesus, neste mundo de misérias.

*Bibliografia.* AM B C E J ND NTI P RG RW Z

### GOBE

No hebraico, «oco» ou «poço». Outros estudiosos pensam que o sentido é *locustário*, um tipo de gafanhoto. Parece ter sido um lugar plano onde aconteceram duas batalhas entre os hebreus e os filisteus (II Sam. 21:18,19). Em I Crô. 20:4, que é trecho paralelo, alguns manuscritos e versões dizem *Gezer*, em vez de Gobe. Isso ocorre em nossa versão portuguesa também. Além disso, algumas cópias da Septuaginta dizem *Nobe*, em lugar de Gobe; e ainda outras cópias dizem *Gate*. Logo, houve alguma corrupção no texto. Alguns eruditos supõem que Gobe ficava perto de Gate, o que talvez explique essa última variante. Mas, a autenticidade do nome Gobe é sugerida pelo fato de que, algumas vezes, os antigos davam nomes às suas cidades e outros acidentes geográficos, segundo os nomes de insetos e outros animais. Este argumento é válido se Gobe significa, realmente, *locustário*.

### GOBINEAU, ARTHUR

Suas datas foram 1816-1882. Foi um filósofo francês, nascido em Paris. Também era nobre e atuou como diplomata. Ele tornou-se melhor conhecido por haver introduzido na história e na filosofia o conceito da superioridade racial dos arianos. Chegou mesmo ao extremo de declarar que somente a raça ariana tem a capacidade para adquirir cultura. Podia encontrar a influência ariana em todos os avanços notáveis da civilização. E onde quer que não encontrasse um indivíduo da raça ariana envolvido em algum bom empreendimento, supunha que deveria ter havido algum, envolvido na questão de alguma forma. Ele defendia a necessidade de preservar pura a raça ariana, visto que a miscigenação com outras raças destruiria as boas qualidades da raça. As principais virtudes da raça ariana, de conformidade com ele, seriam a beleza, a inteligência e a força.

*Escritos.* *Essay on the Inequality of the Human Races; The Religions and the Philosophies in Central Asia.*

### GODET, FREDERIC LOUIS

Suas datas foram 1812-1900. Foi um teólogo protestante sulço. Nasceu em Neuchatel, na Sulça. Foi professor do príncipe Frederico, da Prússia, que posteriormente se tornou imperador, com o título de Frederico III. Os dois continuaram sendo amigos íntimos.

Godet veio a tornar-se professor de teologia em Neuchatel. Finalmente, desligou-se da igreja oficial e foi nomeado professor pela Igreja Evangélica de Neuchatel, que ele havia ajudado a fundar. Ali ele ensinava exegese do Novo Testamento e outros assuntos. A instituição chamava-se Faculdade Livre de Teologia. Fora da Sulça, Godet tornou-se conhecido como escritor de comentários bíblicos, traduzidos para o alemão e para o inglês. Seus escritos exibem grande erudição e facilidade de expressão. Também escreveu sobre a história da Reforma protestante e sobre outros assuntos.

Seu filho, *Philippe Ernest Godet*, tinha reputação literária pessoal, tendo-se especializado em poesia. Também nasceu em Neuchatel, na Sulça, em 1850.

Publicou uma obra sobre a história da literatura francesa. Publicou três volumes, reunindo todos os escritos de Isabelle de Charriere.

### GODFREY DE FONTAINES

Nasceu em Tournai, na França, em data desconhecida. Mas faleceu em 1320. Foi um filósofo e teólogo escolástico, que escreveu catorze *Quad-liberta* (séries de perguntas), defendendo e desenvolvendo aspectos das idéias de Tomás de Aquino. Todavia, ele diferia de Tomás de Aquino quanto a um ponto importante. Dava grande valor ao princípio da individualização. Foi educado em Paris e tornou-se professor de filosofia da Sorbonne e, posteriormente, bispo de Tournai. Não estabelecia qualquer distinção entre a essência e a existência. Escreveu sobre a ética, em seu livro intitulado *Questões Disputadas Sobre o Valor*.

### GOEL (REMIDOR)

Essa é a palavra hebraica que significa «remidor», quando aponta para o trabalho do parente remidor.

#### 1. Caracterização Geral

Quando da conquista da Terra Prometida, a cada tribo de Israel foi dado um certo território, e cada família recebeu seu terreno. A lei judaica tinha provisões severas tendentes à preservação das propriedades das famílias. Assim, quando uma pessoa qualquer, pressionada pela pobreza, via-se na iminência de vender suas terras, era dever do parente remidor intervir e redimir a propriedade da família. Igualmente, se uma pessoa se vendesse como escrava, a fim de saldar uma dívida sua, o parente remidor estava na obrigação de saldar a dívida de seu parente. Ver Lev. 25:25; Rute 4:4; Lev. 25:47 ss. Além disso, o parente remidor deveria agir como intermediário nos casos em que uma pessoa desejava fazer restituição a um parente. Se não houvesse parente remidor, então a compensação ficava com o sacerdote, como representante de Yahweh, o Rei de Israel (Núm. 5:6 ss). Com base nos capítulos três e quatro do livro de Rute, tem-se inferido que entre os deveres do parente remidor (no hebraico, *goel*, que vide), havia o dever de casar-se com a viúva de um parente falecido; mas a lei do levirato limitava essa obrigação a algum irmão solteiro do falecido. É provável, porém, que o parente mais próximo, ao remir um terreno, também se casasse com a viúva, embora permaneça em dívida até onde ia essa obrigação.

Um tipo de Cristo. Nesse costume antigo, como é óbvio, há um tipo de Cristo como nosso Redentor. A redenção envolve a família inteira de Deus, e o nosso irmão mais velho, Jesus Cristo, é o nosso redentor. Ver o artigo geral sobre a *Redenção*.

2. O *goel* ou «remidor» era responsável para comprar de volta as propriedades que algum seu irmão (ou parente) tivesse vendido, e que, de outra maneira, acabaria por perder-se (Lev. 25:25,26). Usualmente, tais propriedades eram vendidas, a fim de saldar dívidas. A pessoa também poderia receber, finalmente, alguma restituição que fosse devida a algum parente seu. Se não houvesse nenhum parente para receber tal restituição, então um sacerdote qualquer ficava com a restituição, como representante de Yahweh que ele era (ver Núm. 5:6 ss).

3. O parente remidor (se fosse irmão da pessoa remida) tinha a responsabilidade de restaurar e preservar o bom nome de um seu irmão, que tivesse falecido sem filhos. Então precisava ficar com a viúva de seu irmão, como se fosse a sua própria esposa. A

## GOEL — GOGUE E MAGOGUE

isso se chamava de *casamento levirato*. Dessa maneira, nasceriam crianças que haveriam de preservar as propriedades e os direitos da família. O ato também preservava o bom nome do falecido (ver Deu. 25:5; ver também Gên. 28:8). Boaz é um exemplo desse ato dos mais conhecidos pelos alunos de Escola Dominical, embora ele não fosse irmão do falecido, mas apenas um seu parente. Ver os capítulos terceiro e quarto do livro de Rute. Ao que parece, estritamente falando, Boaz não estava na obrigação de prestar esse serviço, visto que não era irmão do falecido marido de Rute, e nem há qualquer evidência bíblica de que um parente distante qualquer estivesse nessa obrigação. Portanto, Boaz usou de uma certa medida de graça, em todo o incidente. É possível que, em determinadas ocasiões, o parente mais próximo (não um irmão) sentisse a obrigação de cumprir tal dever. O parente mais próximo tinha o direito de redimir as propriedades, e que, pelo menos em certas oportunidades, aparentemente envolvia também a necessidade de casar-se com a viúva do parente falecido.

4. Visto que o assassinato de um parente envolvia o fato de que ele era cortado de sua parentela e de suas possessões terrenas, era dever de seus parentes vingar o morto. Essa era a tarefa que cabia ao vingador do sangue (ver Núm. 35:23-34; Deu. 19:1-3). Ver o artigo separado sobre essa questão, intitulado *Parente, Vingador do Sangue*.

5. *Deus como o Goel*. Deus, a fonte originária de toda a vida, redime os homens da morte espiritual e confere-lhes uma eterna posseção (Isa. 40—46; Jó 19:25). Davi chamou Deus de seu goel e de sua força (Salmos 19:14, onde a nossa versão portuguesa diz «...Senhor, rocha minha e redentor meu»). O trecho de Provérbios 23:11 chama Deus de *goel do órfão*. Isaías usa esse termo hebraico por nada menos de treze vezes, indicando o divino goel: Isa. 41:14; 43:14; 44:6; 47:7; 48:17; 49:26; 54:5,8; 60:16; 63:16. O ato de Deus, como o divino redentor, estava condicionado ao fato de seu povo abandonar o pecado (Isa. 59:20).

6. *Cristo é o nosso Goel*. Quanto a isso, basta examinar trechos neotestamentários como Mat. 20:28; Tito 2:14; I Ped. 1:18,19; Col. 1:13; I Tes. 1:10.

### GOETHE, JOHANN VOLFGANG VON

Suas datas foram 1749-1832. Foi poeta, dramaturgo e profundo pensador alemão, que tratou, em seus escritos, dos mais profundos problemas e dilemas humanos, incluindo as questões metafísicas e teológicas. Ele fez isso com grande discernimento, em todas essas áreas. — Por causa da penetração de seus estudos nos meandros da alma humana, de suas tentações e de suas realizações, ele tem sido apelidado de poeta da *salvação por inspiração*. Esse aspecto de seu pensamento transparece mais claramente em sua obra imortal, *Fausto*, na qual trabalhou a maior parte de sua vida, largando-a por algum tempo e retomando-a mais tarde.

*Mefistófeles* (o diabo, a quem Fausto vendera a sua alma, a fim de adquirir sabedoria e poder), levou-o a várias grandes iniquidades. Ele acabou reconhecendo que Satanás arruinara a sua vida. Mas, quando, finalmente, chegou a hora de morrer, ele clamou para o Poder do Bem, que poderia ter salvado os destroços em que ele se tornara: «Oh, pára, pois és tão lindo!» E, no momento mais crítico, quando estava prestes a ser arrastado para o inferno por vários demônios, foi surpreendentemente libertado por anjos, que entoaram:

«O nobre espírito agora está livre  
E salvo dos esquemas da maldade.  
Todo aquele que aspira sem desistir,  
Não está fora do alcance da redenção».

Por isso mesmo, Goethe, também tem sido apelidado de poeta da *salvação mediante a esperança*. Nos momentos mais críticos, ele injetava o princípio da eterna graça. Nas palavras finais do poema, temos a declaração de um coro de personagens místicas, que nos asseguram:

«Tudo quanto é transitório  
É mero símbolo, e não alma;  
E toda a nossa insuficiência  
Avança para o Todo».

Naturalmente, isso reflete, de certo modo, a mensagem do mistério da vontade de Deus, sobre o que se lê em Efé. 1:9,10. Deus é quem escreverá o capítulo final da história de cada alma humana, apesar das longas eras dos erros e das vicissitudes humanas. Naquele capítulo final, escrito pela graça eterna, haverá a unidade de todas as coisas em torno de Cristo.

### GOGUE

Não se conhece o significado dessa palavra, no hebraico. Todavia, alguns estudiosos arriscam o sentido de «monte elevado». Nas páginas do Antigo Testamento, aparece como nome de dois indivíduos; e, no Novo Testamento, parece estar em pauta alguma localização geográfica, combinada com outra, chamada Magogue:

1. Um rubenita, neto de Joel, aludido somente em I Crô. 5:4. Viveu por volta de 1600 A.C.

2. O governante *Magogue*. — Ver o artigo, *Gogue e Magogue*. Esse Gogue, ao que parece, foi uma personagem histórica, príncipe de Meseque e Tubal. Alguns estudiosos interpretam as passagens envolvidas (Eze. 38:2,3,14,16,18; 39:1,11), como se elas dissessem «príncipe de Ros, Meseque e Tubal». Então pensam que *Ros* corresponderia à Rússia, Meseque corresponderia a Moscou e Tubal a uma cidade e um rio que se deriva desse nome, um tanto mais para o oriente de Moscou. Nossa versão portuguesa interpreta o nome *Ros* como «cabeça» (sentido literal da palavra hebraica), dizendo: «...príncipe e chefe de Meseque e Tubal...»

Alguns eruditos têm identificado Gogue como Giges, rei da Lídia, em cerca de 660 A.C., que os assírios chamavam de *Gugu*. Tal nome acabou tornando-se uma metáfora para indicar algum poderoso inimigo de Israel, **preunciando uma tremenda batalha que Israel terá de enfrentar, nos últimos dias, antes da segunda vinda de Cristo, conforme se explica no artigo sobre Gogue e Magogue.**

### GOGUE E MAGOGUE

O trecho de Apocalipse 20:8 reflete, evidentemente, Ezequiel 38 e 39, no que concerne a Gogue, chefe e príncipe de Magogue. Naquela passagem do Novo Testamento, temos: «...Satanás será solto da sua prisão, e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a peleja...» Há dois detalhes que precisamos destacar aqui: Primeiro, conforme a linguagem usada o indica, nesse trecho do Novo Testamento «Gogue» não é mais um indivíduo, e, sim, uma localização geográfica — um extremo de uma região cujo outro ponto extremo seria Magogue. Segundo, o livro de Ezequiel parece referir-se a um acontecimento anterior ao milênio, e até mesmo à batalha final do

## GOGUE E MAGOGUE

Armagedom, não fazendo parte da mesma (ver Apo. 20:7-9), ao passo que o Apocalipse alude a uma ocorrência que haverá ao término do milênio.

A batalha do Armagedom, sem interessar quais as suas proporções exatas, será o último conflito armado da história da humanidade, de nação contra nação. O alvo do ataque será Israel, e os atacantes serão todas as outras nações do globo. Já no caso da batalha referida em Ezequiel 38 e 39, embora o alvo também seja a nação de Israel, os atacantes serão vários aliados provenientes do norte de Israel, encabeçados por Gogue, o príncipe. E, no caso da rebelião final, contra o governo milenar do Senhor Jesus, aludido no livro de Apocalipse, as nações estarão de pleno acordo entre si. Conjuntamente, tentarão oferecer resistência ao Senhor Jesus, lideradas pelo próprio Satanás.

**Sete Visões de como Satanás é derrubado e seu Governo Termina, Apo. 19:11-21:8.**

*Revolta de Gogue e Magogue (20:7-10): Depois do Milênio.*

A felicidade imensa do Milênio terminará ainda com uma outra revolta. Os homens, de algum modo, embora tenham vivido em um meio ambiente propício, não aprenderão a ser leais a Deus por meio de Cristo. Portanto, Satanás encontrará terreno fértil quando, por permissão divina, receber outra oportunidade de corromper aos homens. O episódio de Gogue e Magogue se baseia verbalmente sobre Eze. 38:39; mas, profeticamente, aqueles capítulos se referem à Terceira Guerra Mundial, quando haverá uma batalha decisiva na Palestina, entre o anticristo e sua federação de dez reinos, por um lado, e a União Soviética e seus aliados por outro. Este último grupo será derrotado fragorosamente. Portanto, o autor usa uma passagem para expressar-se verbalmente, mas faz tal predição relacionar-se a um período posterior ao milênio, no que se constituirá a revolta final, e não algo antes da tribulação. Naturalmente, pensamos que ambas as predições são verazes: Ezequiel ter-se-ia reportado a um acontecimento, e o vidente João ter-se-ia reportado a outra ocorrência, mas, em ambos os casos, estarão envolvidos exércitos russos. As tradições apocalípticas judaicas manuseiam as predições sobre Gogue e Magogue de modos diversos; algumas dão a entender que tudo será antes do reino messiânico, e outras, depois e, ainda outras, durante o reino messiânico. (Ver *Abodah Zarah* 3b; *Her. Apocalipse* de Elias; Lactanius *Instituições Divinas* vii.26; *Epítome* 72; *Apocalipse Siríaco de Esdras* 12-13 e *I Enoque* 56:5-8). Todas essas previsões têm em comum, porém, que o ataque é desfechado contra a aparentemente indefesa nação de Israel, especificamente, Jerusalém. Isso se dará no caso da Terceira Guerra Mundial e, uma vez mais, depois do milênio. No primeiro caso, é atacada a nação literal de Israel; no segundo caso, são atacados os mártires que reinarão em Jerusalém.

*Apocalipse 20:7: Ora, quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão,*

*Satanás será solto.* Satanás será solto para que submetta os homens a um teste final, por permissão de Deus. Teriam os homens aprendido permanentemente sua lição? Teriam eles aprendido a ser leais realmente a Deus, mediante Cristo? A maioria, sim! Mas alguns, não! Isso é o que aprendemos nesta seção. O milênio será um período de instrução, de prova, e não apenas um paraíso, a idade áurea, embora também seja isso. Este versículo mostra, por igual modo, que Satanás em nada estará mudado, mas os homens terão de aprender isso mediante horrenda demonstração. Somente Deus pode exigir

com razão a lealdade da parte dos homens.

*Sua prisão.* Esse será o abismo ou «hades», conforme se vê nos três primeiros versículos deste capítulo. O anjo tê-lo-á amarrado com grande corrente, fechado a chave e selado a porta de entrada do abismo. Mas essa situação será revertida. Satanás sairá do hades, tal como antes sucedera ao anticristo (ver Apo. 17:8) e reiniciará a sua carreira de ludíbrio e destruição. Dessa vez, entretanto, será entravado quase imediatamente, após o que é enviado para o juízo final, (ver Apo. 20:10).

**Outras idéias sobre o sétimo versículo:**

1. Assim como Satanás não terá aprendido sua lição mediante o castigo, assim também homens ímpios e desviados parecem estar fora do alcance do poder remidor de Deus, o que é pensamento extremamente solene. «Ah! se o meu povo me escutasse, se Israel andasse nos meus caminhos!» (Sal. 81:13).

2. No primeiro paraíso, Satanás teve permissão de usar suas artes malféticas. Conseguiu enganar o homem e conduzir a humanidade ao desastre. Por igual modo, no segundo paraíso, ele terá sucesso idêntico; mas isso não conduzirá a uma tribulação universal, conforme sucedera na primeira investida.

3. A nova tentativa de seduzir os homens, por parte de Satanás, exaure a paciência de Deus, conforme se vê nos versículos seguintes.

4. Satanás terá de ser solto novamente a fim de mostrar de uma vez por todas, à criação inteira, que ele não pode ser reformado, devendo ser rejeitado total e finalmente. É incorrigível. Os homens, por sua vez, serão testados quanto à sua lealdade. Ninguém pode prestar a Deus mero serviço de lábios. Essas duas razões, e talvez outras, estão envolvidas como explicação de porquê Satanás será solto de novo. A lição é que os homens, na verdade, têm de nascer de novo, se tiverem de ser realmente santos e dedicados ao Senhor. Não poderá haver imitações infalíveis diante da prova; outrossim, a verdadeira santidade é necessária para a participação na verdadeira vida eterna do estado eterno (ver Heb. 12:14 e Rom. 3:21).

*Apo. 20:8: e sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, a fim de ajuntá-las para a batalha.*

*Seduzir as nações.* Satanás é o grande mentiroso, o pai da mentira, e agora agirá novamente segundo seu caráter inerente (ver João 8:44). Nele não há verdade; é o máximo do ludíbrio. Em contraste, Deus tem somente o bem em sua natureza. Já o homem é uma mistura de bem e de mal. Mas Satanás nada tem de bem em sua pessoa. Quando ele dá a aparência de ser bom, fá-lo com motivos perversos e ulteriores. Assim, se ele faz algo por alguém, conferindo-lhe algum pedido, por exemplo, é somente com o propósito de trazer-lhe algum mal final, após ter-lhe conquistado a confiança. Os homens precisam compreender isso. Portanto, Satanás será solto de sua prisão infernal, para que demonstre o que ele realmente é, que em nada mudou. Seu oferecimento de uma lealdade alternativa, uma vez que fracasse, deixará claro que somente Deus merece a confiança dos homens, somente ele pode ser a fonte de bondade e realização. (Pode-se ver como o «engano» tem sido a tarefa principal de Satanás, no livro de Apocalipse, em Apo. 12:9; 13:14; 19:20 e 20:3).

*As nações que há nos quatro cantos da terra.* Em outras palavras, todas as nações, ainda que os inimigos provenientes do norte de Israel, a terra de Gogue e Magogue, venham a ser os principais

## GOGUE E MAGOGUE — GOLÁ

envolvidos nessa revolta. Os antigos, não entendendo que a terra é redonda, supunham que fosse quadrada, com quatro cantos, o que explica essa expressão. João, por sua vez, usa a linguagem popular de seus dias (ver Apo. 7:1 no NTI quanto a outra referência a isso, e onde essa idéia é comentada).

**Gogue e Magogue.** Há várias alusões a esses nomes nos apocalipses judaicos, todas as quais envolvem inimigos de Israel. Mas o seu ataque é variegadamente situado antes, durante ou depois do reino messiânico (ver *Abodah Zarah* 3b; Apocalipse Hebraico de *Elias*; Lactância, *Instituições Divinas*, vii.27; *Epítome* 72; Apocalipse Siríaco de *Esdras* 12-13 e *I Enoque* 56:6-8). A dependência literária desses nomes, porém, provavelmente se prende a Eze. 38 — 39. Aquela predição, contudo, se refere a uma luta antes do estabelecimento do reino de Cristo, durante o período da «grande tribulação», naquilo que consideramos seja a Terceira Guerra Mundial, em que o anticristo e sua federação de dez reinos se lançarão contra a União Soviética e seu aliados. A batalha decisiva terá lugar na Palestina, e as forças russas serão completamente derrotadas. A Rússia ocupará a Palestina toda e as nações árabes circunvizinhas, perto do fim do século 20, a fim de fazer cessar o contínuo conflito entre os árabes e israelenses e controlar o petróleo do mundo. O anticristo, com sua federação, se arrojará contra a Rússia, na Palestina. Disso resultará uma guerra atômica, com vastíssima destruição. Com a derrota da Rússia, o anticristo reinará supremamente, excetuando o poder da China. A batalha do Armagedom, pois, será a guerra contra a China, depois que esta tiver conquistado grande parte da Rússia e da Europa. O encontro das forças do anticristo e das forças chinesas será, uma vez mais, na Palestina. Isso sucederá mais ou menos na segunda década do século XXI. Será outro conflito armado terrível, que destruirá nações inteiras. Também haverá intervenções da natureza, talvez com a mudança dos pólos e o rearranjo dos continentes, o que deixará como sobreviventes apenas pequena parte da humanidade. Deus fará intervenção de várias maneiras e, finalmente, será estabelecida a idade áurea. Entretanto, após os mil anos do reinado de Cristo, a paz e a harmonia serão novamente interrompidas, por outro levante das nações contra Deus, evidentemente encabeçadas pela Rússia e seus aliados do norte. Essa revolta final é que está em foco em Apo. 20.

**A identificação de Gogue e Magogue não é indubitável.** Os comentaristas estão divididos quanto às seguintes possibilidades:

1. Seriam os inimigos de Israel vindos do norte, sem distinção de nações particulares.
2. Seriam os inimigos em geral de Israel, sem identificação de localidade (uso espiritual).
3. Alguns vêem aqui os godos e outros antigos povos guerreiros.
4. Josefo identificava as citas como descendentes de Magogue, um povo da Sibéria ocidental. Isso, naturalmente, nos leva a uma possível identificação com a União Soviética.
5. Na opinião de alguns, «Magogue» é a designação da nação ou nações envolvidas, ao passo que «Gogue» seria o seu príncipe ou chefe (ver Eze. 38:2). Nessa referência, «Meseque», é identificado por alguns como «Moscou»; «Tubal» seria a cidade de «Tobolsk». Se isso é verdade, então a Rússia está claramente em foco. Pelo menos é certo que Gogue e Magogue são usados como nomes simbólicos para indicar todos os adversários do Messias, da igreja cristã e da nação de Israel; mas cremos que a identificação da União

Soviética, neste ponto, é quase certa.

**Para a peleja.** Nessa oportunidade a batalha não será grande, porquanto haverá a intervenção divina, que porá fim a tudo (ver o nono versículo). Mas, é interessante notar que as três grandes batalhas dos fins dos tempos, aquela referida em Eze. 38 — 39, durante a tribulação; — a batalha de Armagedom (ver o artigo separado sobre este assunto), após a tribulação, a qual dará início à «parousia»; e após o milênio, essa guerra de Gogue e Magogue, todas terão como ponto central a terra da Palestina, o território do povo escolhido de Deus.

**O número desses é como a areia do mar.** Eles conquistarão muitos aliados. Quão estranho, mas quão típico será tudo! Os homens, embora ricos materialmente e, segundo todas as aparências, espiritualmente abençoados, podem permanecer inconversos, prestando apenas serviço de lábios a Cristo. E é isso que sucederá durante o milênio. Porém, não se tendo convertido em seus corações, serão presa fácil para o último e grande ludíbrio de Satanás. Revoltar-se-ão e mostrarão que sua natureza humana é decada, a despeito do fato de que viverão em um meio ambiente perfeito, o da idade áurea. «Importa-vos nascer de novo» (João 3:3-5).

### Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. Satanás terá de ser derrotado novamente, em sua promoção do mal, a fim de que o mundo inteiro veja a que ponto isso leva. Mas os homens têm tremenda dificuldade para aprender essa lição.

2. «Os cães atacam aos leões, as feras atacam aos homens, os bárbaros e selvagens atacam à igreja de Deus. Todas essas são batalhas efetuadas devido aos motivos mais puramente instintivos, cuja racionalidade nem precisamos tentar provar. Na antítese de Caim e Abel, na realidade foi o mortal que assaltou ao imortal» (Lange, *in loc.*). A maldade não tem racionalidade, e se revoltará em meio mesmo à era de ouro.

### GOGUE, FORÇAS DE Ver sobre Hamona.

#### GOIM

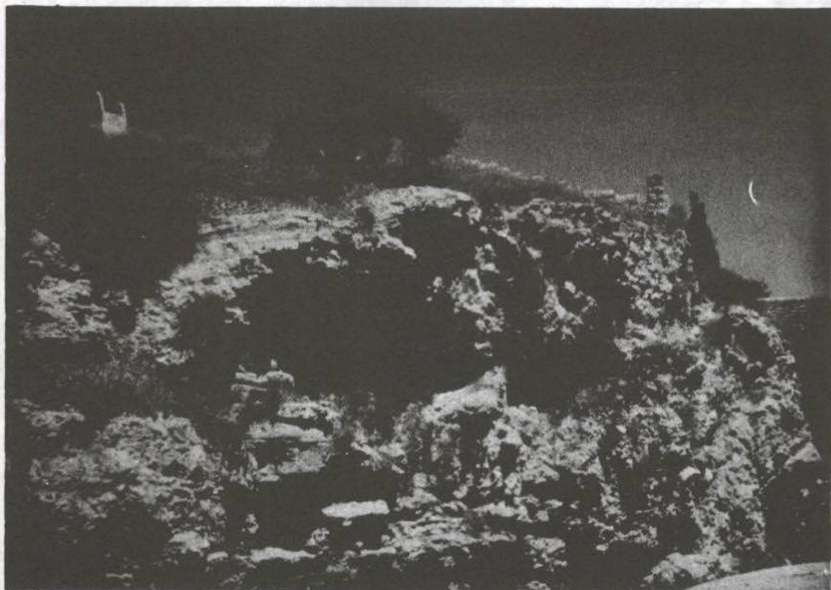
Essa é a palavra hebraica, no plural, que significa «nações». Alguns estudiosos opinam que o termo procede do acádio, *gayum*, «tribo». Na linguagem do Antigo Testamento, porém, indica a idéia de «raças pagãs, não-judaicas». Quanto às suas conexões geográficas, o vocábulo veio a ser associado à porção nordeste da Síria. Um território governado por um certo Tidal, mencionado em Gênesis 14:1, é chamado por esse nome. Além disso, há uma força armada gentílica, na Galiléia, derrotada pelas tropas comandadas por Josué, que tem esse nome (ver Jos. 12:23). Em Juizes 4:2,13 o nome de uma localidade, *Harosete-Hagoim*, parece ser outra alusão a essa idéia, indicando uma área da Galiléia. E outro tanto deve ser dito acerca de Isaias 9:1: «...nos últimos (tempos) tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios».

Onde Goim estaria localizada, depende de como identificarmos *Tidal*. A maioria dos estudiosos identifica *Tidal* como um nome hitita ou sírio (nesse último caso, relacionado a *Tudalia*). E esse é o nome de uma certa região da Síria. Porém, a idéia de que a palavra «goim» refere-se, coletivamente, aos povos não-israelitas, não é bem recebida pela maioria dos estudiosos.

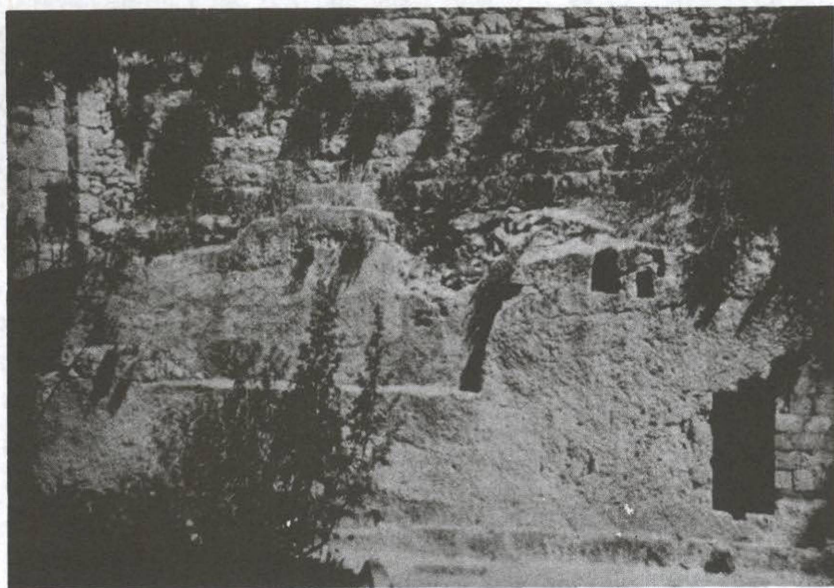
#### GOLÁ

No hebraico, «cativo», embora haja quem pense no sentido «redondo». Esse é o nome dado a uma aldeia

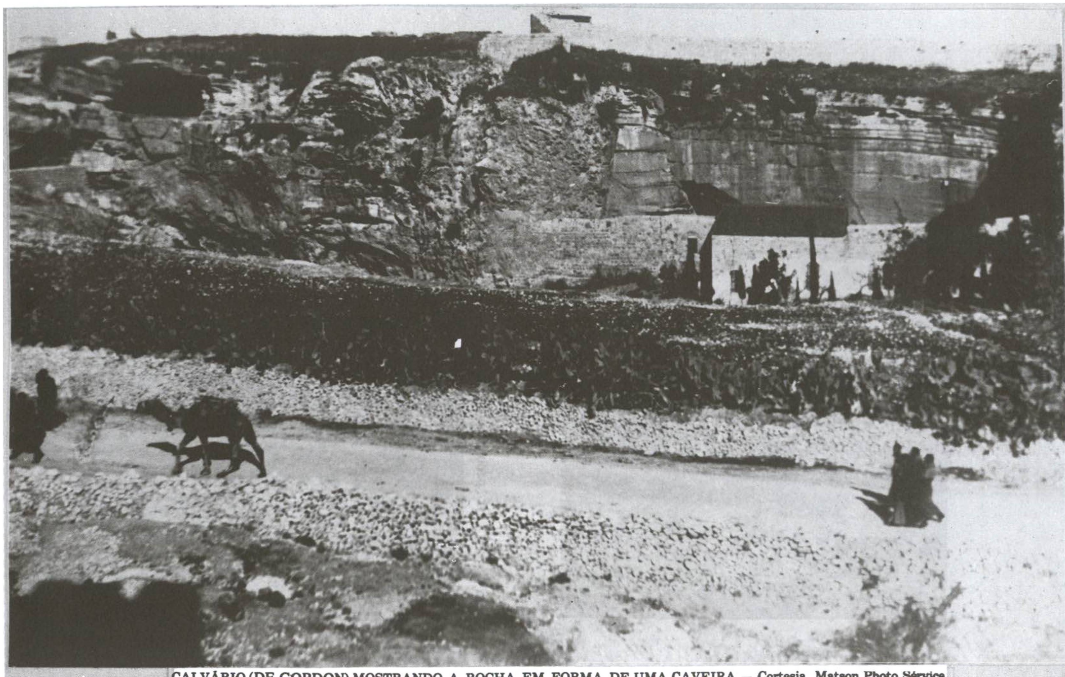




**Gólgota — Cortesia, John F. Walvoord**



**Túmulo do Jardim (de Gordon)  
— Cortesia, John F. Walvoord**



CALVÁRIO (DE GORDON) MOSTRANDO A ROCHA EM FORMA DE UMA CAVEIRA — Cortesia, Matson Photo Service

## GOLÃ — GOLIAS

levítica de Basã, no território da tribo de Manassés, em Deu. 4:43; Jos. 20:8; 21:27 e I Crô. 6:71. A pequena província de Gaulonite deriva seu nome dessa cidade. Refere-se ao distrito que ficava a leste do mar ou lago da Galiléia.

Golã era uma das três cidades de refúgio da porção leste do rio Jordão. As outras duas cidades de refúgio eram Bezer e Ramote (ver Deu. 4:43). Tornou-se a principal cidade da província de Gaulonite, que foi uma das quatro províncias em que Basã foi dividida, após o cativeiro babilônico. Pode ser identificada com a moderna Sahem el-Golan, cerca de vinte e dois quilômetros e meio de Afeque (Hipos). Alguns eruditos pensam que sua localização exata ainda precisa ser descoberta. Golã foi cena tanto de uma derrota, como, posteriormente, de uma vitória alcançado por Alexandre (Josefo, *Anti.* 13:13,5). Nos dias do Novo Testamento, pertencia à tetrarquia de Filipe. Segundo Eusébio, o nome Gaulã (Golã), era o nome de uma grande aldeia, que emprestou seu nome a todo o território circunvizinho.

**GOLFINHO** Ver *Texugo (Dugongo)*.

### GOLFO DE ACABA

Trata-se do braço nordeste do mar Vermelho. Para oeste fica a península do Sinai. Para leste, a terra de Midiã (deserto de Arábia). O termo hebraico que indica o mar Vermelho (mar de Sargaços) é usado em sentido amplo para aludir à região dos lagos Amargos, no delta do Nilo, e os golfos de Suez e Acaba, e talvez o próprio mar Vermelho. No hebraico, *yam sup* refere-se ao golfo de Acaba, pelo que a cidade portuária de Eziom-Geber (Eliate) é declarada como cidade situada no golfo chamado em hebraico *yam sup* (ver I Reis 9:26). Enquanto vagueava pelo deserto, Israel recebeu ordens para ir de Cades-Barnéia para internar-se no deserto «pelo caminho do mar Vermelho» (ver Núm. 14:25; Deu. 1:40,41 e 2:1). Após uma segunda permanência em Cades-Barnéia, Israel foi novamente «pelo caminho do mar Vermelho», a fim de rodear o território de Edom, que ficava a leste de Arábá (ver Núm. 21:4 e Juí. 11:16). O golfo de Acaba mudou provavelmente está aqui em foco. O trecho de Exodo 23:1 pode ser outra referência bíblica a esse local. (Z)

**GÓLGOTA** Ver o artigo geral sobre o *Calvário*.

### GOLIAS

#### 1. Seu Nome

Segundo alguns estudiosos, a palavra hebraica significa «exílio». Porém, se o nome está relacionado a uma raiz árabe similar, então significa «forte», «vigoroso». Golias foi um guerreiro gitita, durante a época do reinado de Saul (século XI A.C.).

#### 2. Descendência

Apesar de Golias ser chamado de filisteu, parece que, racialmente, ele era descendente dos antigos *refains*, uma conhecida raça de gigantes da antiguidade, e dos quais apenas um remanescente ainda sobrevivia nos dias de Saul. Alguns *refains* haviam-se refugiado junto aos filisteus, aliando-se a eles. Os amonitas haviam dispersado os *refains* (Deu. 2:19 ss).

#### 3. História Relatada

A passagem de Núm. 13:32,33 registra a história dos espias que, ao voltarem, expuseram o seu relatório sobre os ocupantes da Palestina e as possibilidades de conquista. Afirmaram eles que ali

havia «gigantes». Eram os filhos de Anaque; e, em confronto com eles, os israelitas pareciam gafanhotos. No entanto, algumas décadas depois, Josué foi capaz de extirpar totalmente os anaquins das montanhas e de Hebron. Nenhum deles restou na terra de Israel, embora ainda pudessem ser encontrados em Gate, uma das principais cidades da Filístia. Asdode também acolheu alguns deles. Ora, Golias era um gigante de Gate. Na qualidade de guerreiro filisteu, ele entrou em choque com Saul e, por conseguinte, com Davi. Arrogantemente, valendo-se de sua gigantesca estatura, Golias desafiava a qualquer israelita a um combate singular com ele. Mas seu desafio não era aceito, dia após dia. Davi, que visitava a região onde se realizaria a batalha entre israelitas e filisteus, a fim de levar alimentos para seus irmãos, que faziam parte do exército israelita, tomou conhecimento da situação. E então, em nome de Israel, acabou aceitando o desafio lançado por Golias, na esperança de livrar Israel de tão grave ameaça. Habilidade com a funda, por causa de seu trabalho como pastor de ovelhas, que precisava proteger seus animais das feras do campo, ele rejeitou quaisquer outros instrumentos de guerra. E, com uma pedrada certa, na testa de Golias, conseguiu abater por terra o gigante. Ato contínuo, Davi decepou a cabeça do gigante com a própria espada deste. Nas Escrituras, a história é contada no capítulo dezesseis de I Samuel.

#### 4. A Estatura de Golias

— O trecho de I Samuel 17:4 informa-nos que Golias tinha seis côvados e um palmo de altura. Isso significa que ele tinha 2,75 m de altura. Alguns céticos têm duvidado disso. Porém, conheci pessoalmente um lutador profissional que tinha 2,45 m. Portanto, mais trinta centímetros e chegaríamos à estatura de Golias. De fato, alguns esqueletos humanos têm sido encontrados até com 3,20 m de altura. Os especialistas calculam, com base na envergadura desses esqueletos, que tais homens pesariam entre quatrocentos e quinhentos quilos. E interessante é que esses esqueletos têm sido encontrados precisamente na região do Oriente Próximo, onde também viviam os anaquins e outras raças de gigantes da antiguidade. A armadura de Golias (cota de malhas) pesava cerca de 57 kg; e a ponta de sua lança, sete quilos (I Sam. 17:5,7). Depois de sua morte, a princípio a sua espada foi guardada em Nob, sob jurisdição dos sacerdotes. Porém, o sacerdote Abimeleque entregou-a a Davi, quando este fugia de Saul (I Sam. 21:9; 22:10).

#### 5. Problemas do Texto Bíblico

A passagem de II Samuel 21:19 atribui a morte de Golias a um certo Elanã; mas, em I Crônicas 20:6, vemos que esse homem abateu a Lami, irmão de Golias. Alguns eruditos têm procurado solucionar o problema afirmando que o Golias envolvido nesse incidente foi um gigante diferente, embora do mesmo nome; mas muitos estudiosos não aceitam essa explicação. A maioria deles pensa que houve um erro qualquer de cópia, o que parece uma explicação mais provável do que aquela que supõe que Davi nunca matou gigante nenhum, e que, somente posteriormente, a fim de glorificá-lo (visto ter-se tornado rei de Israel), o feito da morte de Golias foi atribuído a ele. Ver o artigo separado sobre *Elanã*, segundo ponto, onde aparece um sumário de explicações sobre esse problema.

#### 6. As Lições Morais

O relato sobre Davi e Golias tem sido usado para ilustrar como uma pessoa pode vencer, contando com a força do Senhor, quando seus próprios recursos são

fracos e inadequados. Uma outra lição é sobre a coragem. Algumas vezes, é preciso coragem para defrontar e vencer um inimigo ou uma situação adversa. A coragem é aventureira, não desanimando diante de circunstâncias contrárias ou de cálculos racionais. Outros relatos de grande coragem física são aqueles de Jônatas, filho de Saul, o qual, sozinho, lutou contra toda uma guarnição de Filisteus (I Sam. 14:6-15); de Moisés, que resistiu a certo número de pastores ameaçadores (Êxo. 2:16-19); e de Gideão, que se dispôs a enfrentar uma grande multidão, com apenas trezentos homens (Juí. 7).

## GÔMER

No hebraico, «perfeição» ou «término». Esse é o nome de duas personagens da Bíblia:

1. O filho mais velho de Jafé, filho de Noé. Gômer foi pai de Asquenaz, Rifate e Togarma (Gên. 10:2,3). Em Ezequiel 38:6, Gômer é descrito como um povo aguerrido, aliado de Magogue (cujo governante é chamado Gogue), proveniente do norte. É muito provável que seus descendentes tenham sido os cimérios (no acádio, *gimmirrai*; no grego, *kimmeroi*). A história relata que os cimérios foram forçados a sair da região que hoje é o sul da Rússia pelos citas. Os cimérios então atravessaram as montanhas do Cáucaso e entraram na Ásia Menor (atual Turquia) aí pelos fins do século VIII A.C. No século VII A.C., eles lutaram contra os assírios, conquistaram Urartu, subjugaram a Frígia e a Lídia, e invadiram as cidades gregas da costa ocidental da Ásia Menor. Heródoto informa-nos que esse povo habitava no Maetis, na Quersoneso Auriana.

Os cimérios eram arianos de raça. Estrabão, Plutarco e Heródoto juntam que os cimérios, em data bem remota, estabeleceram-se ao norte do mar Negro, tendo dado o seu nome à Criméia, a antiga Quersoneso Taurica. Mas, tendo sido expulsos de seus territórios pelos citas, eles refugiaram-se na Ásia Menor, no século VII (Heródoto, *Hist.* 4:12). As referências bíblicas a Gômer, no livro de Ezequiel, são bastante vagas. Só podemos compreender que está em foco algum inimigo bárbaro, que descerá do norte nos últimos dias. Josefo (*Anti.* 1.6,1) diz que os ancestrais dos gálatas formavam uma colônia celta, de nome *Gômer*. Os *gomeri* podem ser equiparados aos cimérios dos tempos dos romanos, bem como aos *cymry* do País de Gales. Os nomes Câmbrria e Cumberlândia parecem preservar aquele antigo nome. Os povos celtas chegaram a ocupar toda a Europa ocidental, a região atualmente ocupada pelas ilhas britânicas, Portugal, Espanha, França, Suíça, e partes da Alemanha, da Áustria e da Checoslováquia. Também ocuparam parte da Bélgica e o extremo norte da Itália. Os chamados povos eslavos também contam com forte porcentagem de sangue celta. O povo brasileiro, descendente direto de portugueses, também conta com boa porcentagem de sangue celta. Na Espanha, os galegos formam a população de mais puro sangue celta da península. Há muitos brasileiros descendentes de espanhóis da Gálcia.

2. Nome da filha de Diblaim. Ela foi uma prostituta que se tornou esposa ou concubina do profeta Oséias (Osé. 1:3), em cerca de 785 A.C. Simbolizava, portanto, a adúltera nação de Israel, posteriormente restaurada. Oséias teve vários filhos com essa mulher, os quais receberam nomes próprios simbólicos para ensinar aos israelitas certas lições morais e espirituais. Alguns intérpretes, entretanto, opinam que o relato inteiro sobre Oséias e Gômer deve ser entendido metaforicamente, por suporem impossível que um

profeta do Senhor pudesse, realmente, casar-se com uma prostituta. Oséias recebe ordens do Senhor para casar-se mais tarde com uma mulher adúltera; e alguns estudiosos supõem que seria essa mesma mulher, a qual, por algum tempo, ou abandonara a Oséias, ou fora repelida por ele, por haver-se prostituído. Não há certeza, contudo, que essa mulher adúltera tenha sido a mesma Gômer; mas, em caso positivo, então temos nisso uma lição sobre cura e restauração espirituais. Os filhos de Oséias e Gômer tinham estes nomes: Jezreel, Lo-Ruama e Lo-Ami (vide, quanto às lições tencionadas através desses nomes próprios).

## GOMORRA

A palavra hebraica parece significar «submersão». Um termo árabe cognato possível é *ghamara*, «inundar». Gomorra foi uma das cidades da planície, ao sul do mar Morto, destruída juntamente com Sodoma, como castigo divino, para servir de lição universal. Ver Gên. 10:19; 13:10; 19:24,28.

Gomorra tornou-se proverbial, juntamente com Sodoma (vide), como lugar onde imperava uma intolerável iniquidade, até chegar à sua total destruição. No Novo Testamento, Jesus, Paulo, Pedro e Judas referem-se a Sodoma e Gomorra como antigos exemplos da ira retributiva de Deus. Ver Mat. 10:15; Rom. 9:29; II Ped. 2:7 e Jud. 7.

A primeira referência bíblica a Gomorra dá-nos a entender que essa cidade ficava situada ou no extremo sul ou no extremo leste do território dos cananeus (Gên. 10:19). Os informes bíblicos indicam que o distrito do rio Jordão, onde Gomorra estava localizada (juntamente com Sodoma, Admá, Zebolim e Zoar) era uma área produtiva e próspera, **densamente povoada**, em cerca de 2054 A.C. Essas cidades estavam todas localizadas no vale de Sidim (Gên. 14:3), uma região atualmente recoberta por um lençol de água, no extremo sul do mar Morto. Juntamente com Sodoma e outras cidades da região, Gomorra foi derrotada por uma confederação de reis mesopotâmicos, que invadiu o vale do rio Jordão, ao tempo de Abraão.

**Ló, sobrinho de Abraão**, talvez por razões financeiras, resolveu viver entre os ímpios pagãos da região. Então ocorreu a destruição, da qual Ló só foi salvo mediante a intervenção de Abraão. Em cerca de 2050 A.C., a região foi devastada por uma imensa conflagração. Lemos em Gênesis 14:10 que na região havia muitos poços de betume. Por toda a área em redor, até hoje podem ser encontrados depósitos naturais de betume. A área fica localizada bem em cima de uma falha geológica, sujeitando-a a muitos tremores de terra. Muitos intérpretes acreditam que o desastre que atingiu a região incluiu um terremoto, e talvez até alguma forte erupção vulcânica, dando a impressão de que o que ocorreu foi apenas um desastre natural. Mas outros estudiosos crêem em uma intervenção divina, paralelamente a perturbações dos elementos naturais. Ao que parece, sal e enxofre foram expelidos do solo para o ar, de tal modo que, literalmente, choveu «enxofre e fogo», da parte do Senhor, sobre toda aquela planície (Gên. 19:24). A história que envolve a esposa de Ló, que foi transformada em estátua de sal, provavelmente reflete o fato de que ela foi apanhada pela erupção, não tendo conseguido escapar. O monte de Sodoma, que os árabes conhecem pelo nome de Jebel Usdum, é uma massa de sal com oito quilômetros de comprimento, na direção norte-sul, na extremidade sudeste do mar Morto, o que nos faz lembrar da

## GONGO — GORDURA

narrativa bíblica. Tácito (*Hist.* 5:7) e Josefo (*Guerras* 4.4) informam-nos que as ruínas das cidades da planície continuavam visíveis em sua época. Segundo todas as indicações, desde aqueles dias, a região veio a ser coberta pelas águas do extremo sul do mar Morto, formando um trecho onde as águas são mais rasas que o normal.

### GONGO

Ver sobre *Música, Instrumentos Musicais*.

### GONZOS, DOBRADIÇAS

Há duas palavras hebraicas envolvidas: 1. *Tsir*, «forma», «gonzo», usada apenas por uma vez com esse sentido, em Pro. 26:14. 2. *Poth*, «gonzo», «abertura», também usada somente por uma vez com esse sentido, em I Reis 7:50. Em nossa versão portuguesa, temos a tradução «gonzos», no primeiro caso; e «dobradiças», no segundo caso.

Os antigos não tinham dobradiças, conforme as conhecemos atualmente. As portas, no Oriente Médio, giravam sobre gonzos, feitos em uma extremidade superior e em outra extremidade inferior de um dos lados da porta. As perfurações onde ficavam encaixados os gonzos ficavam na verga e no batente da porta.

O uso metafórico, no livro de Provérbios, é interessante. Uma porta não sai do seu lugar, embora gire em torno de seus gonzos. Por igual modo, o preguiçoso revolve-se no seu leito, mas não vai a parte alguma e nada faz.

### GOODMAN, NELSON

Nasceu em 1906 em Somerville, estado de Massachusetts. — É um filósofo norte-americano. Estudou em Harvard. Tem ensinados nas Universidades de Tuft, da Pennsylvania, Brandeis e Harvard. Seu nome tem estado associado ao *nominalismo* extremado (vide). Ver também sobre os *universais*. Ele ataca a idéia inteira da similaridade, que deu origem ao conceito do universal como uma entidade real. Indivíduos objetivaram meras similaridades, assim criando os universais; mas esses são apenas *nomes* que damos a coisas presumivelmente similares. Goodman asseverava que não existem dois predicados que sejam exatamente sinônimos, e que só existem coisas individuais. Assim, as *classes* seriam apenas o resultado de falsas reconstruções, mediante as quais, coisas aparentemente similares são associadas entre si.

### GÓRDIO, NO

Ver o artigo sobre *Nô*, em seu último parágrafo.

### GORDON, CALVÁRIO DE

Ver sobre o *Calvário*.

### GORDON, GEORGE ANGIER

Suas datas foram 1853-1929. Nasceu em Inch, na Escócia, a 2 de janeiro de 1853. Emigrou para a América do Norte. Ocupou-se em trabalhos manuais até ser encorajado por um ministro do evangelho a frequentar o Seminário Teológico Bangor. Foi ali que ele estudou para o ministério evangélico. Completando ali o seu curso, ingressou na Universidade de Harvard, a fim de estudar filosofia. Então serviu como pastor da Igreja Congregacional, tendo servido

nesse mister à Igreja Old South, de Boston, por quarenta anos. Também serviu como pregador do colégio e pastor das Universidades de Harvard e Yale.

Gordon exerceu certa influência sobre *Bushnell* (vide), o qual se tornou o principal advogado da nova teologia (vide). Também foi um ardente estudioso de Platão e de Aristóteles, um crítico severo do calvinismo, defensor da esperança mais ampla da graça de Deus, com vistas à redenção do homem. Suas principais obras escritas foram *The Christ of Today*; *Ultimate Conceptions of Faith*; *Religion and Miracle*; *Aspects of the Infinite Mystery*; *Immortality and the New Theodicy*.

### GORDON, SEPULCRO (TÚMULO) DE

Ver sobre o *Túmulo de Gordon*. Ver também sobre *Sepulcro, Santo, Igreja do*.

### GORDURA

Há cerca de doze palavras hebraicas envolvidas na idéia, a saber:

1. *Cheleb*, «gordura», «a melhor parte», «tutano». Essa palavra ocorre por oitenta e oito vezes, nas páginas do Novo Testamento, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 4:4; Êxo. 23:18; Lev. 3:3,4,9,10,14,16,17; 4:8,9,19,26,31,35; 17:6; Núm. 18:17; Deu. 32:14,38; Juí. 3:22; I Sam. 2:15,16; II Sam. 1:22; I Reis 8:64; II Crô. 7:7; 35:14; Sal. 17:10; Isa. 1:11; 43:24; Eze. 39:3,19; 44:7,15.

2. *Beri*, «gordo», «firme». Palavra usada somente uma vez: Eze. 34:20.

3. *Bari*, «gordo», «firme». Palavra que aparece por seis vezes: Gên. 41:4,18,20; Juí. 3:17; I Reis 4:23; Zac. 11:16.

4. *Dashen*, «gordo», «opulento». Palavra que figura por dez vezes. Deu. 31:20; Sal. 22:29; 92:14; Isa. 30:23; Pro. 11:25; 13:4; 28:25; Isa. 34:6,7; Pro. 15:30.

5. *Mashmannim*, «substâncias gordurosas». Palavra que é utilizada por seis vezes, embora no plural só apareça por uma vez, em Nee. 8:10.

6. *Peder*, «gordura», «graxa». Palavra usada somente por três vezes: Lev. 1:8,12; 8:20.

7. *Shaman*, «engordar». Palavra usada por cinco vezes: Nee. 9:25; Isa. 6:10; Deu. 32:15 e Jer. 5:28.

8. *Shemen*, «azeite», «óleo». Palavra empregada por quatro vezes: Isa. 25:6; Isa. 28:1,4.

9. *Shamen*, «oleoso», «gorduroso». Palavra usada por oito vezes: Gên. 49:20; Núm. 13:20; I Crô. 4:40; Nee. 9:25,35; Eze. 34:14,16; Hab. 1:16.

10. *Marbeq*, «engorda», «estábulo». Com o primeiro sentido, aparece apenas por uma vez: I Sam. 28:24.

11. *Meri*, «cevado». Palavra usada por cinco vezes: I Reis 1:9,19,25; Amós 5:22; Isa. 1:11.

12. *Beri basar*, «gordo na carne». Expressão hebraica que só aparece por duas vezes: Gên. 41:2,18.

Consideremos os quatro pontos abaixo:

1. Essa palavra é usada pela primeira vez na Bíblia em Gên. 4:4, onde se lê que Abel ofereceu das primícias de seu rebanho e da gordura do mesmo, uma oferta ao Senhor.

2. A legislação mosaica afirmava que toda a gordura dos animais oferecidos em holocausto ao Senhor, pertencia a ele (Lev. 3:14-17; 7:30).

3. Os capítulos terceiro a sétimo de Levítico especificam que as porções gordas dos animais sacrificados, como as entranhas, os rins, o fígado e a cauda das ovelhas, eram pertencentes ao Senhor.

Essas porções precisavam ser sacrificadas juntamente com o animal morto (Exo. 23:18).

4. Alguns estudiosos têm pensado que ao povo de Israel foi proibido comer gordura; mas a proibição envolvia somente os animais sacrificados nas cerimônias religiosas. Isso torna-se claro em Deu. 12:15,16, 21-24. Essa proibição alicerçava-se sobre a idéia de que a gordura é a porção mais rica do animal, pelo que só podia pertencer Aquele que é a Fonte originária de tudo, Deus. Outras nações observavam práticas similares, aparentemente com base no mesmo tipo de filosofia.

*Uso Figurado.* O sangue era considerado como a vida da carne, em algum sentido místico e misterioso, e não apenas em sentido biológico (Lev. 17:14). Contudo, era reputado de importância secundária em relação à carne, sobretudo as porções gordas. A gordura simbolizava a saúde, o vigor físico e a abundância. É por isso que, no hebraico, encontramos expressões como «gordura da terra», «gordura da tribo» ou «gordura do azeite», indicando sempre as porções seletas disto ou daquilo, conforme o caso. Ver Gên. 45:18; Sal. 81:16; Deu. 32:14; Núm. 18:12; II Sam. 1:22.

Na atualidade, alguém ser «gordo», em algumas culturas, é sinônimo de ser «forte». Mas a ciência tem demonstrado os efeitos prejudiciais da gordura, — na dieta. Além disso, cada vez mais se pensa que a figura do gordo é antiestética. Uma expressão comum para indicar várias qualidades negativas, é: «Ele só tem gordura, mas não músculos».

### GORE, CHARLES

Suas datas foram 1853-1932. Ele foi uma importante figura da comunidade anglicana, que exemplificou vários problemas de interpretação. Com nove ou dez anos de idade, ele encontrou um livro que dava instruções quanto a questões como a confissão, a absolvição, o jejum, a presença real no sacramento, as três horas de devoção, o uso do incenso, etc. E, embora tão pequeno, sentiu-se fortemente atraído por aquelas idéias e cerimônias. Tornou-se ele um líder religioso da Igreja Anglicana, tendo permanecido fiel a seus pontos de vista sacramentais da fé religiosa. Por longo tempo foi deão da Universidade de Oxford, tendo sido fundador da ordem religiosa chamada Comunidade da Ressurreição. Serviu como bispo anglicano em Worcester, Birmingham e Oxford. Sua teologia foi-se modificando com a passagem do tempo. Ele abandonou o Movimento de Oxford (vide) e abraçou a nova crítica bíblica, conforme fica demonstrado em seu ensaio *Lux Mundi* (vide). Adotou uma teoria da encarnação baseada na *kénosis* (vide), de acordo com a qual Cristo realmente esvaziou-se de todas as suas prerrogativas divinas. Ele pensava que o Filho deveria ser concebido como uma personalidade que vivia, orava, pensava, falava, agia e até mesmo realizava os seus milagres sob as limitações impostas pela sua humanidade. Dessa maneira são evitados todos os vestígios de *docetismo* (vide). Cristo também torna-se o pioneiro da vereda espiritual, o grande exemplo que devemos seguir, porquanto, como homem, foi capaz de fazer o que realizou, impulsionado pelo Espírito Santo. Ver o artigo sobre a *Humanidade de Cristo*. Gore também procurou expor uma doutrina da presença real de Cristo, nos elementos da eucaristia, sem apelar para a transubstanciação (vide).

À parte das questões teológicas, Gore era forte defensor dos problemas sociais, advogando ainda a reforma dentro da comunidade anglicana. Sua última

grande obra, e excelente apologia de suas crenças, teve o título de *The Reconstruction of Belief*.

### GÓRGIAS (FILÓSOFO GREGO)

Suas datas foram 483-380 A.C. Nasceu em Leontini, na ilha da Sicília. Em 427 A.C. foi a Atenas, buscar apoio contra Siracusa. Após um ano ele se estabeleceu em Atenas, como professor de retórica, e assim introduziu essa disciplina entre os atenienses. Ele é a figura central do diálogo de Platão que tem o seu nome, e é o objeto do ataque contra os sofistas (vide).

#### Idéias:

1. Górgias era um cético total, que duvidava da realidade da própria existência. Para ele, nada existe, porque, se existisse, teria ou de ter provindo do nada, o que é irracional, ou então teria de ter provindo de alguma outra coisa, o que também não é possível.

2. Mesmo que alguma coisa existisse, não a poderíamos conhecer, porquanto nunca podemos harmonizar a coisa alegadamente conhecida com o pensamento que tenta conhecê-la.

3. Se alguma coisa existisse, mesmo que pudesse ser conhecida, ser-nos-ia impossível comunicar tal conhecimento, visto haver um hiato invencível entre a intenção e a compreensão.

4. O diálogo *Górgias* define a retórica como a arte da persuasão que produz crenças concernentes ao que é justo e ao que é injusto.

Górgias foi o primeiro filósofo a introduzir cadência na prosa e a usar argumentos baseados no geral comum. Ele escreveu um tratado intitulado *Sobre a Natureza das Coisas*, que não mais existe. Porém, conhecem-se duas obras suas, intituladas *O Elogio de Helena* e *A Apologia de Palmedes*.

### GÓRGIAS (GENERAL)

Górgias foi um general sírio, que serviu sob as ordens de Antíoco IV. Em 166 A.C., ele comandou um destacamento de tropas que partiu de Emaús, na planície da Filistia, onde estava acampado o corpo principal do exército, a fim de desfechar um ataque noturno contra Judas Macabeu. Mas este, sabendo do plano daquele com antecedência, fez suas tropas retirarem-se, e então dirigiu-se em um contra-ataque, contra o próprio acampamento militar de Górgias. Quando Górgias retornou, encontrou seu acampamento incendiado; e, temendo piores conseqüências, fugiu (I Macabeu 3:38; 4:25). Porém, cerca de um ano mais tarde, Górgias derrotou José e Azarias, que estavam encarregados das forças judaicas da Judéia, na ausência de Judas Macabeu (Josefo, *Anti.* 12:8,6). Em II Macabeu 12:32-37, temos sobre como Judas novamente derrotou Górgias, e como quase foi feito prisioneiro por um cavaleiro chamado Dositeu. II Macabeu 12:32 é trecho onde Górgias aparece como governador da Iduméia, o que é um equívoco. Governador de Jamnia, porém, seria informação correta. Todavia, há estudiosos que pensam que, de fato, ele foi governador da Iduméia durante certo período de tempo.

### GORHAM, CONTROVÉRSIA DE

Essa expressão está baseada no nome de G.C. Gorham (1787-1857), um clérigo evangélico de Cambridge, na Inglaterra. O Livro de Oração Comum, da Igreja Anglicana, ensinava a doutrina da regeneração batismal (vide), embora a questão não estivesse claramente definida, não esclarecendo se o

próprio sacramento do batismo era adequado ou não para tanto, ou se a graça preveniente também se fazia necessária. Os clérigos da Igreja alta diziam que a regeneração sempre se segue ao ato do batismo. Gorham iria receber uma posição paga na diocese de Exeter, mas o bispo Philpotts não gostou das respostas dele acerca da questão da regeneração batismal, e, por isso, recusou-se a dar-lhe a posição. Gorham, em vista disso, expôs a questão a um tribunal eclesiástico provincial. Mas esse tribunal decidiu contra ele, defendendo a doutrina da regeneração batismal como parte das doutrinas da Igreja Anglicana. Mas, sem desistir, Gorham apresentou o problema à Comissão Judicial do Concílio Privado, o tribunal de apelo final (até 1833).

Esse foi o primeiro caso trazido a essa corte, que envolvia a liberdade clerical na interpretação de questões disputadas. Esse tribunal não declarou a veracidade ou o erro da posição de Gorham, mas defendeu o seu direito de ser diferente. Seu ensino não foi oficialmente aprovado, mas foi declaração não incoerente com os ensinados da Igreja Anglicana. Esse parecer deixou desolados os clérigos da Igreja alta (essencialmente anglo-católicos, *vide*). Isso ocorreu na época em que Manning se bandeou para a causa católica romana. E o resultado foi que a latitude de interpretação ficou garantida na comunidade anglicana, um princípio vigorosamente defendido atualmente naquela comunidade. Tal atitude, certamente correta, em minha opinião, é uma raridade entre as denominações cristãs, a menos que se trate de uma denominação de inclinações liberais.

## GORTINA

Esse nome aparece em I Macabeus 15:23. Gortina era a segunda mais importante cidade da ilha de Creta (*vide*), depois de Cnossus. Ficava situada mais ou menos a meio caminho entre os dois pontos extremos da ilha, na planície de Messara, às margens do rio Letaeu, cerca de dezesseis quilômetros distante do mar. Platão informa-nos que essa cidade foi fundada por uma colônia proveniente de Gortin, na Arcádia (*Leis* 4). Nos tempos clássicos, essa cidade, juntamente com Cnossus, controlava a ilha; mas, posteriormente, as duas cidades ocuparam-se em um conflito armado quase permanente (Estrabão 10). Gortina aliou-se a Roma, em 197 A.C., contra Filipe V, em uma época em que se tornou a mais importante cidade de Creta. Dentro do império romano, Gortina tornou-se a capital das províncias de Creta e Cirenaica.

Foram iniciadas escavações arqueológicas em Gortina, em 1884. Foi, então, descoberto o Código Legal de Gortina. Esteve em vigor nos meados do século V A.C., e tratava, principalmente, sobre os direitos da família. Em cerca de 139 A.C., Roma enviou uma carta a essa cidade, como também a outras cidades autônomas, sendo isso que está em foco na referência de I Macabeus. Josefo (*Anti.* 16:12,1; *Guerras* 2:7) e Filo (*Leg. ad Caium*, 36) ambos mencionam que em Gortina havia uma certa população judaica.

## GÖSEN

O sentido dessa palavra é desconhecido. Esse é o nome de três localidades geográficas, nas páginas da Bíblia, a saber:

1. Gósen era uma província ou distrito do Egito, onde Jacó e sua família estabeleceram-se, a convite de José, e onde eles e seus descendentes permaneceram

por um período de quatrocentos e trinta anos (Gên. 40:10; 46:28; 50:8; 56:37; Êxo. 7:22; 8:26). A Bíblia, porém, não fornece descrições precisas acerca da extensão e das fronteiras desse território. Só há indicações que dão uma idéia geral a respeito. Ficava no lado leste do rio Nilo, o que pode ser deduzido com base no fato de que não se lê que Jacó e sua gente atravessou para o outro lado do rio Nilo, como também não houve necessidade de que, quatro séculos mais tarde, — os israelitas o atravessassem, quando do êxodo. O trecho de Êxodo 13:17,18 dá a impressão de que a terra de Gósen ficava contígua à Arábia. Ver também Gên. 45:10. O relato do livro de Êxodo mostra que não ficava muito distante do mar Vermelho. Provavelmente, ficava no Baixo Egito, no lado leste do ramo Pelúsiaco do rio Nilo, perto de Hierópolis. «Terra de Gósen» e «Terra de Ramessés» são expressões que apontam para uma só região. Israel iniciou o êxodo da cidade de Ramessés (Êxo. 12:37; Núm. 33:3), uma cidade que eles mesmos tinham ajudado a edificar. Ver Êxo. 1:11. Visto que eles tinham de trabalhar em Pitom (ver Êxo 1:11), Gósen não pode ter ficado muito longe desse lugar. Gósen ficava localizada na estrada da Palestina ao Egito. A antiga cidade de Ramessés tem sido localizada ou em Tânis (Zoã), ou perto da moderna aldeia de Qantir. E os eruditos modernos pensam que esta última é a escolha mais provável. O wadi Tumilat assinala o sítio da antiga Pitom, que ficava na parte sudeste do Delta do Nilo. Ver o artigo separado sobre *Pitom*. Com base nesses detalhes, Gósen pode ser situada no território entre Saft el Henneh, no sul (na extremidade ocidental do wadi Tumilat), e Qantir e El Salhieh, que ficam no norte e no nordeste.

A porção oriental do delta do Nilo seria um local apropriado, pois ficava perto da corte real (Gên. 14:10). José servia ao seu Faraó (provavelmente hicsó) em Mênfis (um lugar perto da moderna cidade do Cairo). Essa localização também se ajusta bem ao local da entrevista que Moisés teve com Faraó, em Pi-Ramessés (Êxo. 7—12). A região era fértil e excelente para pastagens e vários tipos de cultivo agrícola. Entretanto, os Faraós não davam tanto valor a essa região quanto valorizavam outras regiões do Egito, por estar muito distante dos canais de irrigação do rio Nilo. Esse território ampliava-se por cinquenta a sessenta e cinco quilômetros, tendo como centro o wadi Tumilat e indo desde o lago Timsa até às margens do Nilo. Tânis era chamada de Casa de Ramessés (cerca de 1300-1100 A.C.). Esse local foi a região onde habitaram os hebreus até saírem do Egito, e também permaneceu essencialmente imune às várias pragas que, por ordem de Deus, atingiram o Egito (Êxo. 11:2,3; 12:35,36).

2. *Gósen da Palestina*. Esse era o nome de um distrito existente no sul da Palestina (Jos. 10:41; 11:16). Ficava localizado entre Gaza e Gibeom. As campanhas militares encabeçadas por Josué levaram-no por toda a região montanhosa, pelas terras do sul (Neguebe), pelas terras baixas (Sefelá), e pelas vertentes dos montes (Asedote) da porção ocidental da Palestina. Os informes bíblicos especificam a área desde Cades-Barnéia até Gaza, e também «toda a terra de Gósen até Gibeom» (Jos. 10:41).

3. *A Cidade de Gósen*. Essa cidade é mencionada em associação a Debir, Socó e outras cidades da região montanhosa de Judá (Jos. 15:51). Ficava localizada na porção sudeste de Judá. A cidade de Gósen ficava no distrito de Gósen (segundo ponto, acima), sendo provável que o distrito derivava o nome dessa cidade. Tem sido identificada com o Tell el

Dhariyeh, a pouco mais de dezenove quilômetros a sudoeste de Hebrom; ou então, conforme outros estudiosos têm pensado, ficava um pouco mais para leste desse lugar.

### GÓTICA, VERSÃO DA BÍBLIA

Ver o artigo geral sobre *Bíblia, Versões da*. Em meados do século IV D.C., Ulfilas, intitulado apóstolo dos godos, traduziu a Bíblia do grego para o gótico. A fim de fazer isso, precisou criar um alfabeto gótico, reduzindo aquele idioma à forma escrita. A versão gótica é a mais antiga produção literária que se conhece, em qualquer língua germânica.

Atualmente, contamos com seis manuscritos góticos, todos eles na forma de fragmentos. O mais completo desses manuscritos pertence ao século IV ou V D.C., encontrando-se na Biblioteca da Universidade de Upsala, na Suécia. Contém porções dos quatro evangelhos, segundo a ordem ou arrumação ocidental, isto é, Mateus, João, Lucas e Marcos. Foi escrito sobre velino púrpura com tinta prateada, razão pela qual é chamado de Codex de Prata. As linhas iniciais dos evangelhos e a primeira linha de cada seção do texto foram escritas em letras douradas. Além desses manuscritos, há também uma folha de manuscritos bilíngües, em latim e gótico, além de fragmentos de outros manuscritos, todos eles palimpsestos. O texto é do tipo bizantino antigo (koiné); mas textos tipicamente ocidentais, particularmente no caso das epístolas paulinas, foram subsequentemente introduzidos no texto, com base em antigos manuscritos latinos.

### GOTONIEL

Trata-se de um nome pessoal antiqüíssimo entre os hebreus, que remonta pelo menos aos tempos de Moisés. Porém, na literatura relacionada à Bíblia, encontra-se somente em Judite 6:15, referindo-se ao pai de Chabris, o qual era um dos chefes da cidade de Betúlia.

### GOVERNADOR

*Governador*: — É alguém que governa por autoridade que lhe foi delegada por alguma autoridade superior, como um rei, um príncipe, um presidente. Na linguagem moderna, governador é alguém que foi eleito para dirigir um Estado que faz parte de uma nação. Por exemplo, o governador do estado do Amazonas, no Brasil. De conformidade com essas definições gerais, o seu território está restringido a alguma unidade política, dentro do contexto geral da nação. José foi o primeiro ministro do Egito durante algum tempo (Gên. 42:6; 45:26), e foi chamado «governador». Todavia, em seu caso, não houve restrição de autoridade, mas tão-somente delegação de autoridade. Gedalias foi governador da Palestina, após a queda da cidade de Jerusalém, por determinação do rei Nabucodonosor II, da Babilônia, em 587 A.C. Ver Jer. 40:5. Terminado o cativeiro babilônico, Zorobabel e Neemias, embora judeus de raça, foram governadores ou administradores persas (Nee. 5:14,18; Hab. 1:14). Nos dias do Novo Testamento, havia governadores de vários tipos, representantes da autoridade romana. Pilatos foi procurador ou governador da Judéia (Mat. 28:14).

Durante o período de dominação romana, vários títulos eram usados para designar diferentes graus de autoridade, em officios distintos, embora a todos eles pudéssemos chamar de «governadores». Os *proconsu-*

*les* eram nomeados pelo senado romano, governando uma província por um ano. Os imperadores podiam nomear governadores para as chamadas províncias imperiais, por tempo indefinido. Os governadores das províncias imperiais tinham o título técnico de *legados*. Os governadores de subdivisões das províncias imperiais eram chamados *procuradores*, como foi o caso de Pilatos. Outros exemplos desse último officio foram: Sérgio Paulo, governador da ilha de Chipre (Atos 13:6 *ss*); Gálio, governador da Acaia (Atos 18:12); Félix (Atos 23:26); Festo (Atos 26:32). Já Quirínio, governador da Síria, serviu como legado. Em suma, a palavra *governador* não era um termo técnico, e, sim, geral, indicando qualquer tipo de chefe.

O termo hebraico mais comumente usado no Antigo Testamento para indicar a idéia é *pechah*, que ocorre por trinta e oito vezes: I Reis 10:15; II Crô. 9:14; Esd. 8:36; Nee. 2:7,9; 3:7; 5:14,15,18; 12:26; Est. 3:12; Ageu 1:1,14; 2:2,21; Mal. 1:8; Esd. 5:3,6,14; 6:6,7,13; I Reis 20:24; II Reis 18:24; Isa. 36:9; Jer. 51:23,28,57; Eze. 23:6,12,23; Dan. 3:2,3,27; 6:7; Est. 8:9 e 9:3. E, no Novo Testamento, a palavra mais comum para indicar essa idéia é *egemon*, empregada por vinte vezes: Mat. 2:6 (citando Miq. 5:1); 10:18; 27:2,11,14,15,21,27; 28:14; Mar. 13:9; Luc. 20:20; 21:12; Atos 23:24,26,33; 24:1,10; 26:30 e I Ped. 2:14.

*Outros Usos da Palavra Governador*:

1. O chefe de uma tribo (Êxo. 28:21; Núm. 1:16; 2:3).
2. Um legislador e governante (Juí. 5:14; Gên. 49:10; Pro. 8:15).
3. Qualquer homem dotado de propriedades e de autoridade local (Jos. 12:2; Sal. 105:20; Gên. 24:2; II Crô. 23:20).
4. Um rei dotado de poderes civis e militares (II Sam. 5:2; 6:21; I Reis 4:6; 18:3).
5. Um chefe vassalo de outro (I Reis 10:15; II Crô. 9:14).
6. Quem ocupava um officio por nomeação (Gên. 41:34; Juí. 9:28).
7. Qualquer indivíduo investido de autoridade (Gên. 42:6; Dan. 2:15; 5:29).
8. Qualquer tipo de chefe (Gên. 21:22; I Reis 16:9).
9. Um official de categoria (etnarca) (II Cor. 11:32).
10. Um mordomo, guardião ou tutor (Gál. 4:1,2).
11. Alguém que dirigisse uma festa ou outra celebração (João 2:9).
12. O piloto de um navio (Tia. 3:4).

### GOVERNO

*Esboço*:

- I. Filosofia Política
- II. Formas de Governo
- III. Uma Instituição Divina
- IV. Sumário de Idéias do Novo Testamento

A *política* é um dos seis ramos tradicionais da filosofia. Ver o artigo geral sobre a *Filosofia*, terceira seção, *Sistemas Tradicionais*. O Novo Testamento delineia os deveres do crente no tocante ao Estado. Quanto a isso, ver o artigo separado intitulado *Governo, Instituição de Deus*. Ver também o artigo sobre o *Direito Divino*.

Visto que o crente vive em algum país específico, e sob um governo específico, isso faz dele um cidadão de dois mundos — o material e o celestial (ver Fil. 3:20). Isso é assim, e, goste ele ou não, a política sempre será um elemento importante para a fé religiosa. Agostinho supunha que o Estado deveria



estar sujeito à Igreja (uma doutrina que ele descreveu em sua obra *A Cidade de Deus*), lançando o alicerce filosófico para a união da Igreja com o Estado, mas onde a Igreja seria o fator dominante. Naturalmente, esse ponto de vista sempre fez parte do judaísmo, que refletia os ideais da teocracia (vide). Jesus, entretanto, não ensinou tal coisa como norma para o cristianismo: «Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (Mat. 22:21). Porém, com o desabamento político do Império Romano do Ocidente e com o fortalecimento gradual do papado, a idéia da união da Igreja com o Estado foi tomando vulto. Tanto é assim que quando Carlos Magno fundou o Santo Império Romano, no ano 800 D.C., este estava fundado sobre as duas pilastros do Estado e da Igreja. A política da separação desses dois poderes resultou do fortalecimento dos governos seculares da Europa, já nos fins da Idade Média, a par com a Reforma protestante. Ver o artigo geral sobre a *Filosofia da História*, quanto a diversos pontos de vista sobre o que a história e os governos humanos dão a entender quanto a essa questão.

Esta enciclopédia encerra artigos separados sobre as idéias políticas dos principais filósofos, tanto sob seus nomes específicos como no artigo geral sobre a *Filosofia Política*. Os nomes dados nesse artigo fornecem ao leitor os títulos que deveriam ser examinados individualmente.

#### I. Filosofia Política

Ver o artigo separado com esse título.

#### II. Formas de Governo

Ver os artigos separados sobre *Estado*, *Monarquia*, *Democracia*, *Aristocracia*, *Comunismo*, *Teocracia*, *Oligarquia* e *Filosofia Política*. No Antigo Testamento, na nação de Israel, foi promovida uma teocracia, subentendendo que ali havia um fortíssimo *teísmo* (vide). Em outras palavras, Deus não somente existe, mas também é imanente em sua criação. Entre os israelitas, aceitava-se que Deus se manifestava de forma comum e significativa, antes de tudo, através dos profetas e, secundariamente, através do sistema geral de governo, administrado a princípio pelo sacerdócio, e então pela monarquia.

O teísmo prossegue nas páginas do Novo Testamento. Mas, visto que a Igreja está dispersa entre as nações (o que significa que entra em contacto com várias formas de governo) e, visto que Israel deixou de existir como a força que dominava as agências da Igreja, nenhuma forma isolada de governo terreno podia e continua podendo ser promovida como ideal para os cristãos. Destarte, o Novo Testamento não promove qualquer forma de governo, embora lance diretrizes acerca dos deveres dos governos, e acerca das reações dos crentes a esses governos. Essas questões são descritas no artigo intitulado *Governo*, *Instituição de Deus*, bem como na quarta seção do presente artigo.

#### III. Uma Instituição Divina

Em seu *teísmo* (vide), o Novo Testamento parte do pressuposto de que Deus é a grande força por detrás do governo humano. O direito divino dos reis conta com certo texto de prova no décimo terceiro capítulo de Romanos. Ver o artigo separado sobre o *Direito Divino*. O trecho de Atos 5:29 modifica esse princípio insistindo, *antes de tudo*, sobre a obediência devida a Deus, sempre que os poderes espirituais e civis entrarem em choque. O *teísmo* ensina que Deus não somente existe, mas também é o grande Poder Imanente no mundo, guiando, recompensando e castigando aos homens. Em contraste, o *deísmo*, apesar de ensinar que existe alguma forma de poder

divino (pessoal ou impessoal), supõe que esse poder deixou a criação sob o governo de *leis naturais*, porquanto não intervém diretamente na história humana. Já que Deus intervém, então é que ele se interessa pelos governos humanos. Tanto Paulo (Romanos 13) quanto Pedro (I Pedro 2:12 ss) ensinaram a necessidade de obediência aos reis e governantes em geral, com base no fato de que foi a autoridade divina que determinou tais officios. Oferecemos uma completa exposição da questão no artigo separado intitulado *Governo*, *Instituição de Deus*.

#### IV. Sumário de Idéias do Novo Testamento

##### A. Pano de Fundo Judaico

Durante o período patriarcal, os hebreus viviam como seminômades, e o governo, em Israel, era encabeçado pelo pai de cada família, ou pelos chefes das tribos, quanto às questões que extrapolavam às questões domésticas. O pai de cada família também era um sacerdote, e os chefes de tribos eram líderes religiosos, e não meramente políticos. Sabemos que entre os nômades beduínos da Arábia, cada chefe de família tinha autoridade até mesmo de vida e morte sobre os membros de sua família. O relato sobre o sacrifício de Isaque, por Abraão, prova que essa situação também prevalecia entre os hebreus. Um pai podia realizar um ato desses sem qualquer consideração às leis civis, às suas restrições e aos castigos impostos por elas.

No Egito, o povo de Israel era escravo, e a autoridade de Moisés, a princípio, não foi bem recebida. Mas, a organização política, efetuada na península de Sinai, deixou Moisés inteiramente encarregado do governo da nação, e sua autoridade residia na lei divina. Podemos dizer, pois, sem medo de errar, que, nesse período da história de Israel, essa nação vivia sob uma *teocracia* (vide). Foi formada uma casta sacerdotal, a fim de dar apoio ao sistema legal recém-criado. A essência das leis então instituídas pode ser vista nos capítulos cinco e seis do livro de Êxodo.

Seguiu-se então o tempo dos juizes, quando toda a Terra Prometida já havia sido conquistada. O livro bíblico desse nome narra muitos incidentes interessantes desse período. Um juiz era sempre um poderoso homem de Deus, dando continuação ao princípio do governo teocrático. Alguns eram mais poderosos do que outros. Mas, seja como for, não havia qualquer organização governamental central, e Israel vivia sob constante ataque, ou atacava constantemente os seus inimigos. E tornou-se evidente que a melhor proteção seria dada por um rei, que unificaria o povo hebreu. E assim, contra a sua vontade, Samuel acabou criando a instituição do governo. O resultado foi que o que restou de governo teocrático ficou na dependência de quanto piedoso ou ímpio foi, desde então, cada rei de Israel.

A influência de potências estrangeiras, combinada com as corrupções internas de alguns reis, algumas vezes levou Israel à mais descarada idolatria, revertendo o ideal teocrático. Israel precisava aprender que não bastava contar com um monarca enérgico. Eles precisavam ter o tipo certo de rei. Lemos que Davi foi homem conforme o próprio coração de Deus; mas também lemos sobre muitas matanças insensatas, nas quais ele se meteu. Seja como for, durante o período da monarquia, oficiais subordinados faziam parte da casta sacerdotal, das forças armadas; e, dentre os nobres havia mordomos, escribas, escrivães, conselheiros, etc. Ver II Reis 10:22; I Reis 4:2 ss; II Sam. 8:18, que são trechos que mencionam várias dessas funções.

No exílio, Israel se fazia representar por anciãos, sacerdotes e príncipes, mas todos subordinados aos poderes estrangeiros. Quando retornou à sua terra, Israel investiu autoridade nos conselhos de anciãos, e o sumo sacerdote era a figura mais poderosa. Essa condição prosseguiu até os dias de Herodes, o Grande, quando Israel caiu novamente sob o poder estrangeiro, e seus conselhos tornaram-se sujeitos à autoridade dos romanos.

O templo de Jerusalém era o símbolo que unificava a teocracia de Israel, exibindo o poder de Deus, mesmo depois que aquela forma de governo deixou de existir. Desse modo, Jerusalém tornou-se uma cidade santa, e não somente a capital governamental de um país. Quando esse templo foi destruído, em 70 D.C. (com uma destruição ainda mais completa em 132 D.C.), o que ainda restava da teocracia desapareceu inteiramente.

### B. Tempos Neotestamentários

Quando o Novo Testamento começou, Roma dominava suprema sobre o mundo civilizado ocidental, incluindo a Judéia. Autoridades romanas foram postadas nas principais cidades da Judéia, como Cesaréia e Jerusalém. A Galiléia ficou ao encargo dos príncipes herodianos. Roma governava através de reis vassallos, deputados e procuradores. Todavia, o nacionalismo judaico, sempre muito forte, mantinha a nação em estado de levante permanente. Os zelotes eram os terroristas daquela época; e as tropas romanas nunca se afastavam da Judéia, a fim de salvaguardar a autoridade romana. O ideal patriótico dos judeus era restaurar o antigo reino judaico; porém, não havia forças na nação que pudesse fazer esse ideal concretizar-se.

Jesus foi apanhado em meio à confusão de tipos de governos e de ideologias. Jesus Cristo não foi nenhuma figura política, conforme alguns eruditos liberais têm afirmado. Ele era bastante indiferente para com a política, pois os seus pensamentos estavam sempre ocupados com as doutrinas e experiências celestiais. A tentação de Jesus incluiu o oferecimento de autoridade política, por parte de Satanás (Mat. 4:9). Porém, Jesus não estava nem um pouco interessado por tal oferta. Também houve pressão popular, para fazer dele um rei (João 6:15). Jesus foi interrogado pelas autoridades judaicas quanto a essa questão (Mat. 22:15 ss). Jesus evitava falar sobre as reivindicações de um reino; mas não ocultou essas reivindicações de seus discípulos. No entanto, tais reivindicações diziam respeito a um Reino celestial, e não a um reino terrestre. Ver Luc. 22:29,30; João 18:36,37. Não há dúvidas de que muitos dos primeiros discípulos de Jesus pensavam em termos de autoridade terrena, quando pensavam sobre o Reino de Deus. Mas, afinal, com a destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C., e com uma nova devastação em 132 D.C., os olhos da Igreja voltaram-se, definitivamente, para o céu.

Essa destruição de Jerusalém deixou a Igreja sem o templo, como um ponto de referência, sobre como Deus governava e controlava o seu povo. O evangelismo e o ensino tornaram-se as principais atividades da Igreja. Mas, mesmo assim, os cristãos tinham de interagir com os governos civis. Abaixo damos os princípios que podem ser extraídos do Novo Testamento, no que tange a essa questão:

### C. Idéias do Novo Testamento

1. *Com base nas declarações de Jesus*, podemos deduzir as seguintes idéias: a. O reino de Jesus não tinha natureza política. Ele sujeita os homens a um governo mais alto, espiritual (João 18:36,37). b. Os poderes temporais derivam a sua autoridade de Deus,

e estão sujeitos ao governo divino (João 19:11). c. Os poderes temporais têm direitos que precisam ser reconhecidos, sem interferir com os princípios espirituais (Luc. 20:25). A vida de Jesus nos ensina a não nos preocuparmos demais com os poderes deste mundo. Um «profeta» moderno, bem conhecido, proibiu os seus discípulos de terem qualquer coisa a ver com a política, o que, em sua opinião, anda tão cronicamente corrompida que a espiritualidade é morta, quando se associa a ela. Há grande verdade nisso, embora não possamos fazer disso um princípio absoluto.

2. O trecho de Atos 5:29 ss é o texto de prova padrão para mostrar que, se devemos respeitar aos poderes civis, a consciência cristã continua ocupando lugar supremo, e que esse fato, algumas vezes, nos leva a desobedecer às ordens das autoridades governamentais. Como é claro, alguns cristãos têm abusado desse princípio. Algumas pessoas chegam a enganar em sua declaração de renda, apelando para esse texto bíblico. Porém, devemos entender quando esse princípio deve ser aplicado, e quando não o deve. A Alemanha nazista, que dominava uma Igreja muda, serve de exemplo histórico de que a Igreja pode falhar quando não protesta no tempo certo e em voz bem clara, a fim de procurar fazer uma diferença em coisas prejudiciais que acontecem em qualquer período, por imposição dos governos humanos.

3. Por detrás de todos os governos devemos pensar na *soberania de Deus*. Ver o artigo separado sobre esse assunto.

4. O governo humano deriva-se da *autoridade divina* (Dan. 4:17,25; Jer. 27:6; Mat. 22:15 ss; Rom. 13:1-7; I Ped. 2:12 ss). Porém, as declarações constantes nesses trechos são gerais, ignorando os abusos e imoralidades de governantes individuais. Como exemplo disso temos Nero, que era o imperador de Roma quando essas passagens neotestamentárias foram escritas. A verdade é que se destruírmos a autoridade dos governos humanos, terminaremos no caos. Portanto, é mais aconselhável seguirmos os governos gerais e sofrer os abusos, do que insistir sobre os nossos direitos, guerrear em favor dos mesmos, e terminar em maior confusão. Em suma, a política é um mal necessário. Jesus viveu em meio de verdadeiro turbilhão político, sentindo as forças que O pressionavam de ambos os lados. No entanto, não promoveu nenhuma revolução, afirmando somente que os direitos de Deus devem ser respeitados acima de qualquer outra consideração. Ora, isso não serve de texto de prova em prol da revolução; mas tão somente de palavra de cautela, para não nos desviarmos em nossas prerrogativas.

5. O *respeito pelo governo* significa que devemos obedecer as leis específicas, como pagar impostos e atender a inúmeras outras regras, segundo se vê em Rom. 13:6 ss. Sem dúvida, esse é um reflexo do problema enfrentado pelo próprio Senhor Jesus, conforme nos mostra o trecho de Mat. 22:15 ss. A questão é especificamente mencionada porque permaneceu um espinho na prática da Igreja cristã.

6. Essa mesma passagem ensina que também devemos estar *sujeitos* a subgovernantes, secundários, como agentes ou representantes do poder centralizado (Rom. 13:7). Há muitos a quem devemos «honra».

7. A mesma passagem parte da suposição de que os governantes civis, de modo geral, mesmo que não em casos específicos, governarão visando ao *bem-estar* público (vs. 3).

8. Porém, além de nossa responsabilidade para com os governantes, temos o dever de consciência de obedecer, o que, ao que se presume, coincide com a

maioria das coisas que os governantes terrenos nos ordenam a fazer (vs. 5).

9. O trecho de I Tim. 2:14 recomenda que *oremos* pelos governantes civis. Eles precisam de orientação da parte de Deus, e também estão sujeitos ao poder salvífico de Deus, visto que ele deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.

10. *Aprimoramento da Ordem Social.* Nada existe nas páginas do Novo Testamento que proíba os crentes de tentarem melhorar a ordem social, mediante a participação na política. Contudo, apesar de alguns crentes *individuais* terem todo o direito de se ocuparem na carreira política, a Igreja, como um *corpo geral*, jamais deveria ocupar-se nas lutas políticas partidárias. É nossa opinião que os ministros do evangelho não deveriam desvirtuar sua elevada chamada celestial mediante a militância política. Afinal, é o sistema político do mundo que produzirá a figura sinistra do anticristo, de parceria com a não menos sinistra figura do falso profeta, resultante da falsa religiosidade. Os únicos adversários à altura que eles terão serão aqueles que estiverem dando testemunho fiel de sua fé em Jesus Cristo como Salvador e Rei. A própria Igreja Católica Romana, através do papa Paulo II, tem repetidamente frisado que os padres não devem ser políticos, mas ministros da Igreja. Nos Estados Unidos da América do Norte, em tempos recentes, muitas denominações e indivíduos têm ignorado essa sabedoria (incluindo muitos grupos evangélicos), tendo passado a pregar muito mais a política do que o evangelho. Como é óbvio, isso está acontecendo também no Brasil. Há mais de um caso de «ministro» do evangelho que se meteu na política, e agora não mais milita em favor da fé que nos foi dada de uma vez por todas, participando dos conchavos políticos como qualquer outra velha raposa. Não nos admiraremos muito se um desses «ministros», chegado o tempo certo, vier a ser reconhecido como o falso profeta, a segunda figura da trindade satânica: o anticristo, o falso profeta e o próprio diabo.

Tudo isso não impede que a Igreja promova questões morais que tenham implicações políticas. Ficamos desapontados ante a atitude da Igreja primitiva para com a *escravidão* (vide), um dos piores males sociais. Apesar da Igreja primitiva não ter tido autoridade para eliminar tal instituição, pelo menos, dentro da própria Igreja, deveria ter tido suficiente senso para não a pôr em prática. Talvez isso sirva de exemplo do que aqui afirmamos. A Igreja deveria ter discernimento o bastante para reconhecer os grandes males sociais de nossos dias, declarando-se em favor da retidão, sem imiscuir-se nas lutas políticas. (EP ND NTI P Z)

## GOVERNO ECLESIASTICO

*Esboço:*

### I. Na Era Apostólica:

1. Problemas Preliminares
  2. Informações específicas sobre o governo eclesiástico no Novo Testamento:
    - a. A controvérsia petrina
    - b. Os apóstolos e a sucessão apostólica
    - c. Os bispos
    - d. Os pastores e os diáconos
    - e. Os mestres e outros líderes
    - f. Esforços cooperativos
    - g. Concílios da Igreja antiga
    - h. A ação democrática
- Conclusão

Um princípio indispensável

### II. No Cristianismo Histórico:

1. Governo Episcopal
2. Governo Presbiteriano
3. Governo Congregacional

Conclusão.

### I. Na Era Apostólica:

#### 1. Problemas Preliminares

Um dos vícios de muitas denominações evangélicas consiste em tentar achar-se na economia do Novo Testamento, como melhor ou exclusiva representante dessa economia, em comparação com as outras denominações. O primeiro problema a enfrentar, quando um grupo assume tal atitude, é que o próprio Novo Testamento não se mostra homogêneo quanto a essa questão do governo eclesiástico. Várias práticas denominacionais podem ser apoiadas mediante textos de prova extraídos daquele documento sagrado. O segundo problema é que, enquanto certas denominações seguem melhor uma certa ordem neotestamentária, quanto a outros pontos elas são piores. O terceiro problema é a filosofia inteira envolvida na questão. Foi planejado por Deus que o Novo Testamento servisse de guia perfeito no tocante ao governo eclesiástico, além do que uma denominação qualquer não pode ir? A resposta é um sonoro *não*. E isso porque, segundo foi dito acima, o próprio Novo Testamento não mostra ser um documento homogêneo quanto a esse particular. Para que extraiamos desse documento sagrado alguma forma específica de governo eclesiástico, precisamos ser seletivos quanto aos textos de prova escolhidos. No tocante à questão do governo eclesiástico, o Novo Testamento não nos oferece linhas mestras absolutas, mas apenas sugestões.

**Ilustração.** Ilustrando de modo breve o que acabamos de dizer, consideremos uma denominação evangélica qualquer. Os batistas servem. Consideremos os pontos abaixo: 1. Algumas denominações vêem em Cristo e em seus apóstolos a indicação de que o Novo Testamento requer uma hierarquia de autoridade. Essa hierarquia é variegadamente interpretada; mas, pelo menos, ultrapassa em muito a qualquer coisa que os batistas exibem em sua estrutura governamental. Ver Mateus 16:18 e João 20:22,23. A doutrina da *sucessão apostólica* (que vide), de uma forma ou de outra, é levada a sério pela maior parte da Igreja, incluindo a Igreja Católica Romana, as Igrejas Ortodoxas Orientais, a Igreja Anglicana e a Igreja Presbiteriana. Esses grupos encontram autoridade para suas respectivas posições, no Novo Testamento. E o artigo mencionado expõe as razões desses grupos. 2. Os batistas não têm supervisores de áreas, embora quase todos os demais grupos denominacionais contem com os mesmos, aos quais chamam de bispos. E, para tanto, encontram autoridade para tal prática nas epístolas pastorais, onde vemos Timóteo e Tito atuando como autoridades sobre certas regiões, ordenando ministros. Todavia, os batistas eliminam tal possibilidade com a sua interpretação. Entretanto, não há que duvidar que Timóteo e Tito não eram apenas pastores comuns de igrejas locais. Embora o próprio Novo Testamento não designe suas funções específicas, eles eram, pelo menos, representantes oficiais do apóstolo Paulo. E muitos estudiosos vêem neles um precedente que deve ser continuado na Igreja de todos os séculos. 3. O ministério dos homens. O ministério neotestamentário é inteiramente *masculino*. Mas os batistas, tanto nas suas igrejas locais como em seus programas missionários, têm investido grande autoridade em

## GOVERNO ECLESIAÍSTICO

mulheres, que funcionam, pelo menos parcialmente, como ministros. O Novo Testamento nunca pensou em tal feminilização do ministério, conforme se vê em textos como I Coríntios 14:34 e I Timóteo 2:11,12. De acordo com a prática batista, as mulheres estão fazendo tudo menos manterem-se caladas nas igrejas. De fato, estão ocupadas em muito ensino público. Mulheres missionárias ocupam o púlpito. Nenhuma delas usa o véu. E, no entanto, essas coisas são ordenadas no Novo Testamento. 4. No que concerne à questão do governo democrático, os Batistas mostram-se excelentes, cumprindo o trecho de Mateus 18:15 ss. Porém, mesmo quanto a isso, pode-se afirmar que o que é dito não tem por intuito governar a total política eclesiástica, mas apenas o aspecto da disciplina. O mero fato de que a disciplina está alicerçada sobre uma base democrática não significa que todo o governo eclesiástico deva ser democrático.

A ilustração dada acima não tem o menor intuito de degradar as denominações batistas. Qualquer denominação pode ser assim manuseada, porque nenhuma denominação evangélica está seguindo o Novo Testamento em todos os pontos relativos ao governo eclesiástico. E nem isso pode ser concretizado, visto que o próprio Novo Testamento não se mostra homogêneo quanto a essa questão.

### 2. Informações Específicas sobre o Governo Eclesiástico no Novo Testamento:

a. **A Controvérsia Petrina.** Mateus 16:18 apresenta Pedro como a rocha sobre a qual a Igreja haveria de ser edificada. Isso tem paralelo nas idéias dos patriarcas como alicerces da congregação judaica. A idéia reaparece em Efésios 2:20, onde apóstolos e profetas do Novo Testamento são o alicerce da Igreja e Jesus Cristo é a principal pedra de esquina. É impossível Cristo ser o alicerce e a pedra de esquina, ao mesmo tempo, em uma mesma ilustração. Não há como contornar o trecho de Mateus 16:18, para que a rocha seja Cristo, e não Pedro. Em I Coríntios 3:11 ss, Cristo aparece como o *único* alicerce da Igreja, mas ali a questão é a salvação e a base da vida espiritual, enquanto que em Mateus a questão é a atitude de fé, em relação à divindade e caráter messiânico de Jesus. Em Mateus 16 a questão é organizacional, e não soteriológica. Nesse sentido, homens podem ser alicerces da Igreja, e o Novo Testamento assim diz. Notemos que os mesmos privilégios dados a Pedro, em Mateus 16:19, são dados aos demais apóstolos, em Mateus 18:18. Notemos, igualmente, que ali estão em foco a admissão ao reino de Deus, bem como a exclusão do mesmo, e que devemos saber fazer a diferença entre o reino e a Igreja. Quanto a notas expositivas mais completas sobre essa questão, ver o artigo sobre *Pedro, Rocha Basilar da Igreja*. O NTI, em Mateus 16:18, oferece muitos detalhes sobre a questão. Deve ser reconhecido, entretanto, que essa questão tem dividido os cristãos através dos séculos, muitos dos quais não aceitam que Cristo ensinou que Pedro é a pedra ou rocha sobre a qual a Igreja está fundada, mormente em face do fato de que o próprio Pedro afirma que Jesus é a pedra ou rocha (ver Atos 4:11).

*Pedro foi o primeiro papa?* Se o foi, e se uma linha de sucessão papal também é autêntica, então somente a Igreja Católica Romana conta com um governo eclesiástico apropriado, excetuando unicamente os mórmons, cujo presidente, intitulado de principal apóstolo, é uma figura similar à do papa. Não há que duvidar que Pedro esteve em Roma, foi bispo ali, e ali sofreu o martírio. Ver o artigo sobre *Pedro*. Ver as notas sobre I Pedro 5:13, no NTI. Nesse trecho, *«Babilônia»* é um código para Roma, o que também é

usado em Apocalipse 16:19; 17:5; 18:2,8,10,21. Portanto, o próprio Novo Testamento informa-nos que Pedro terminou a sua vida em Roma, concordando com a antiga tradição que diz que Pedro e Paulo foram executados ali pelo império romano, um mediante crucificação e outro mediante decapitação. Que ele foi um pastor de liderança, com poderes episcopais, não se pode duvidar. Nos apóstolos estavam concentrados todos os vários ministérios que posteriormente surgiram, ainda nos dias dos apóstolos. Além de sua função apostólica, eles eram profetas, evangelistas, pastores e mestres. Em I Pedro 5:1, Pedro intitula-se «presbítero», certamente sem prejuízo de seu apostolado, pois o ministério pastoral fazia parte do ministério apostólico. Mas isso está longe de indicar que Pedro tenha sido o primeiro papa. A maioria dos eruditos católicos romanos admite que a doutrina sobre o papa precisou de vários séculos para desenvolver-se. Mas, segundo eles, esse tardio desenvolvimento histórico não labora contra a verdade, porquanto o Espírito coopera com a Igreja e utiliza-se do processo histórico para efetuar a sua obra. Difícilmente alguma coisa de valor deixa de sofrer um desenvolvimento histórico. Deus opera através da história, e não podemos esperar tudo adrede preparado no Novo Testamento, já perfeito e completo, não sujeito a desenvolvimento. Além disso, ainda segundo os intérpretes católicos romanos, o Novo Testamento é um livro de começos, e não de perfeitas finalidades. E eles também se utilizam do argumento da razão: Para que a Igreja possa evitar a fragmentação, conforme tem ocorrido e continua ocorrendo no protestantismo, torna-se necessária uma autoridade central, poderosa, unificadora. De que melhor maneira isso poderia ser conseguido, senão mediante uma autoridade vicária de Cristo, que centralize esse poder em si mesma? Na ausência de tal autoridade vicária, teríamos um rebanho sem Pastor, mas antes, um rebanho entregue a inúmeros subpastores, um rebanho que iria se subdividindo cada vez mais, com a multiplicação de subpastores.

**Contra o argumento do desenvolvimento, podemos dizer que nada requer que o único desenvolvimento legítimo seja o da Igreja Católica Romana.** Esse argumento apenas legitima todos os desenvolvimentos históricos que têm surgido no cristianismo, incluindo todos os ramos francamente heréticos. Portanto, tal argumento anula a si próprio. Quanto ao argumento da fragmentação, temos a observar que o papado não garantiu que a Igreja Católica Romana permanecesse fiel aos princípios do Novo Testamento. Tal fragmentação, quando muito, é organizacional, e nunca espiritual. A Igreja de Cristo é uma só, composta de todos os regenerados pelo Espírito, e que, portanto, foram postos naquele corpo espiritual do qual Cristo é a Cabeça (ver I Cor. 12:13). São precisamente esses que jamais aceitaram a substituição de Cristo por uma mera figura humana, que se auto-intitula de «vigário» (substituto) de Cristo. A verdadeira Igreja de Cristo é uma entidade espiritual, e não uma organização religiosa. Há uma organização religiosa que conta com uma figura líderante que se arroga o título de cabeça universal da Igreja. Mas a entidade espiritual conta com um Cabeça insubstituível, que é Cristo. Paulo referia-se a isso, quando disse: «Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo» (I Cor. 3:11).

Aqueles argumentos católicos romanos podem ter peso para alguns. Mas a própria história, pelo menos até a época de Constantino—quando então o bispo de

Roma adquiriu mais prestígio e, portanto, mais autoridade que a de outros bispos—não podemos ver nos vários bispos de Roma figuras papais. Em outras palavras, não há qualquer evidência histórica favorável ao papado senão depois de Constantino. Isso significa que Pedro nunca ocupou posição e funções papais. Se a intenção divina era que Pedro fosse o *começo* de tal ofício, e não um produto acabado e representante do papado, então já teríamos de ouvir um argumento totalmente diferente. Esse argumento teria de dizer que Pedro foi um protopapa. Porém, até mesmo isso seria um dogma. Todo dogma precisa ser examinado quanto à possibilidade de sua veracidade ou de sua autenticidade. Alguns dogmas correspondem à verdade; mas outros, não. Ver o artigo sobre o *papado*, quanto a uma declaração mais detalhada sobre a questão. Esse artigo traça o desenvolvimento histórico do poder e da autoridade do papa.

**O Papa e as Profecias.** Tenho algo a dizer que, provavelmente, muitos não aceitarão facilmente. Sem importar o que o leitor pense sobre a autoridade papal, devemos admitir que tal ofício foi uma necessidade *histórica*, dentro da cristandade. A tradição histórica fala da necessidade de um ofício de grande liderança, até o tempo da futura conversão de Israel, quando o centro do cristianismo gravitará novamente para Jerusalém. De acordo com certas predições, o ofício papal conta apenas com mais quinze ou vinte anos de existência, até cerca do ano 2000. O atual papa, João Paulo II, só teria mais dois sucessores. O último papa, que será chamado Pedro, será assassinado. E então o ofício papal desaparecerá definitivamente. Assim dizem as predições, que são aceitas até mesmo por muitos católicos romanos. Ora, podemos indagar se o ofício papal cumpriu uma função necessária. Respondo que, apesar dos abusos, assim tem sucedido. Mas, ao assim dizer, não afirmo que o papado tenha cumprido uma função neotestamentária. Antes, a função do papado tem sido histórica. Todos sabemos que a Igreja Católica Romana, durante os mil anos da Idade Média, preservou a civilização ocidental, protegeu manuscritos bíblicos, e, de maneira geral, preservou a vida da Igreja, apesar de muitos abusos e exageros. O papado foi um fator chave em tudo isso. Após a grande tribulação, a nação de Israel, pelo espaço de mil anos, será a protetora da civilização, o solo do qual a Igreja, por assim dizer, surgirá novamente, cumprindo um outro grande ciclo histórico. Antes, Roma teria cumprido essa missão; e precisamos dar crédito ao que merece crédito, embora também possamos e devemos criticar aquilo que está errado. Se a igreja de Tiátira (ver Apo. 2:18 ss) representa a igreja medieval, então temos ali um quadro das corrupções que entraram na cristandade. Contudo, essa era a Igreja da época, sem a qual não haveria Igreja. Mas vemos que Cristo apelou a Tiátira, como uma igreja a lhe pertencente, e lhe fez promessas, caso ela seguisse as suas instruções. Isso não significa que ela não devesse sofrer reformas. A própria carta à igreja de Tiátira mostra a necessidade de tais reformas.

**b. Os Apóstolos e a Sucessão Apostólica.** Textos como os de Mateus 16:18; João 20:22 ss; Atos 1,5,9,10; a narrativa inteira sobre Paulo no livro de Atos; Gál. 1:12ss, além de muitos outros, mostram que o ofício apostólico é um ofício distinto. Em caso contrário, não poderia ter sido dito que eles fazem parte da fundação da Igreja, juntamente com os profetas do Novo Testamento, segundo se vê em Efésios 2:20. E nem o Apocalipse os apresentaria sob o símbolo de alicerces da Igreja (Apo. 21:14). Após a

queda de Jerusalém, quando então a autoridade investida no templo de Jerusalém chegou ao fim, a Igreja encontrou a sua autoridade nos apóstolos, que eram testemunhas oculares da vida, da morte, da ressurreição e da ascensão de Cristo. Aos apóstolos foi dada a tarefa de iniciarem a Igreja (Mat. 28:19,20; Atos 1:8; II Cor. 11:28). Apesar do termo «apóstolos» ter sido usado, em sentido mais amplo, para indicar grandes líderes cristãos, como Barnabé (I Cor. 9,5,6), Andrônico e Júnias (Rom. 16:7) e Tiago, irmão do Senhor (Gál. 1:19), isso em nada labora contra o uso distintivo dessa palavra para indicar um ofício especial e poderoso. Quanto a informações gerais a esse respeito, ver o artigo sobre os *Apóstolos*. O problema aqui ventilado, no tocante ao governo eclesiástico, não procura determinar se o ofício apostólico era distintivo da Igreja primitiva, ou não. Esse ponto é admitido pelos teólogos de todas as denominações cristãs. De fato, o próprio Novo Testamento repousa sobre a autoridade de Cristo e seus apóstolos. A questão crítica envolve somente a questão da sucessão apostólica.

**A Sucessão Apostólica.** O ofício apostólico tinha o intuito de continuar de qualquer forma? Os católicos romanos, os ortodoxos orientais, os anglicanos e até os presbiterianos acreditam em formas variegadas de sucessão apostólica. O assunto é amplamente ventilado no artigo sobre essa questão, ponto VIII do artigo sobre os apóstolos (Apostolado). Se a idéia da sucessão apostólica corresponde à verdade dos fatos, então o tipo congregacional de governo eclesiástico é um erro sério. Não se trata de um problema fácil, e a solução para o mesmo depende muito de dogmas e da fé, e não tanto de declarações do Novo Testamento. Muitos grupos congregacionais fazem os dogmas e a prática repousar sobre o mero fato de que isso recebe espaço no Novo Testamento, embora tais coisas não sejam especificamente ordenadas ali. Assim, o que fazer com o ofício apostólico? É evidente que o mesmo ocupa muito espaço, nas páginas do Novo Testamento? Seria suficiente alguém dizer que *somente* aqueles que foram testemunhas da vida e da ressurreição de Jesus poderiam qualificar-se para esse ofício, utilizando o texto prova de Atos 1:21 ss? Paulo, que viu o Senhor somente sob a forma de visões, já abre uma exceção a essa regra ideal.

**c. Bispos.** Alguns anciãos eram bispos? Ou, em outras palavras, exerciam autoridade sobre áreas, e não meramente sobre igrejas locais? Isso sucedeu claramente no período pós-apostólico. Mas alguns alicerces nas epístolas pastorais, tentam mostrar que isso sucedia já na época dos apóstolos. Certamente parece que Timóteo e Tito estavam operando em esferas mais amplas do que alguma mera igreja local, quando saíam a ordenar pastores para as igrejas locais. Muitos bons eruditos evangélicos assim têm pensado, sem nada dizermos sobre os estudiosos católicos romanos, ortodoxos orientais e anglicanos. Todos sabemos que os apóstolos tinham poderes que, em parte, mais tarde foram dados aos bispos. Certamente os apóstolos, quanto ao seu raio de ação, não se restringiam a alguma igreja local. É razoável supormos que seus principais discípulos, que os ajudavam em suas atividades missionárias, tivessem recebido autoridade sobre *novas áreas* que eram abertas, onde várias novas igrejas eram estabelecidas. Parece mesmo que isso se tornou uma necessidade. O trecho de Tito 1:5 diz especificamente que Tito constituísse presbíteros «em cada cidade», segundo Paulo lhe havia ordenado. Nesse caso, teríamos Tito, o bispo de Creta, não operando em uma única igreja local, mas percorrendo toda aquela

ilha, supervisionando e nomeando anciãos em várias cidades da mesma. Qual *pastor*, em nossos dias, assumiria a responsabilidade de chegar em um estado, e *visitar diversas cidades*, a fim de nomear outros pastores? Isso jamais poderia ocorrer no tipo congregacional de governo. Em Tito vemos uma função, existente na Igreja primitiva, que ultrapassa aos princípios *batista-congregacionais*, e que, pelo menos parece ter sido o começo de um ofício que, mais tarde na história eclesiástica, foi investido nos bispos. Isso não sancionaria os abusos e exageros que entraram no ofício. Desses abusos e exageros, o pior foi o da criação de toda uma hierarquia eclesiástica, com ofícios que, nem de leve, transparecem nas páginas do Novo Testamento, desvirtuando o princípio solidamente neotestamentário de ministérios que se complementam, sem a existência de qualquer hierarquia que, necessariamente, envolve a idéia de superiores e subalternos. Mas, mesmo se isso não sancionasse abusos e exageros, daria a alguns bases para a suposição de que havia uma autoridade centralizada, onde um homem só tinha autoridade sobre toda uma igreja local, desde os dias do Novo Testamento. Que essa autoridade estava então encarnada nos apóstolos, é algo indiscutível; mas que também estava encarnada em seus discípulos imediatos, parece indiscutível. Pelo menos a partir do século II D.C., há evidências abundantes no sentido de que o ofício de bispo, diferentemente do ofício pastoral localizado, já estava firmemente estabelecido. Ver o artigo sobre os *anciãos*, quanto a informações mais detalhadas. Ver especialmente o primeiro ponto: *Origem e desenvolvimento do ofício, no Novo Testamento*.

**d. Pastores e Diáconos.** Certamente, eles eram autoridades eclesiásticas locais. Ver o artigo separado sobre eles. O artigo sobre os *Anciãos* provê informações gerais sobre suas funções e qualificações. Também se faz ali a tentativa de averiguar como o ofício pastoral surgiu, derivando seus aspectos principais do judaísmo ou de aspectos das guildas e organizações seculares. Um dos problemas que surge, de imediato, é a questão da liderança plural. Os grupos dos Irmãos detestam o ministério de um homem só em cada igreja. Esses grupos pensam que ter cada igreja um *único* pastor, profissionalizado, constitui uma desgraça e uma contradição com a ordem neotestamentária. Eles insistem sobre um ministério pluralista nas igrejas, afirmando também que tais líderes devem surgir dentro da própria congregação, através do poder do Espírito, e não através de um treinamento acadêmico, em escolas ou seminários. Precisamos admitir que essa era a ordem que prevalecia nos dias do Novo Testamento; mas, isso faz escolas, seminários e um treinamento profissional ser errado? Tal treinamento não é benéfico para os próprios ministros? O Novo Testamento deveria ser usado para aniquilar uma boa instituição e uma boa prática, só porque surgiu apenas mais recentemente? Não há qualquer erro nessa prática, se os homens que estão sendo treinados são aqueles que o Espírito selecionou para dirigir o processo do aperfeiçoamento e da educação dos crentes? Pelo menos quanto a esse particular, não podemos dizer que o Novo Testamento é um livro de começo, e nem de finalidades, e que certos desenvolvimentos são benéficos, mesmo que sejam extrabíblicos? Naturalmente, todas as denominações evangélicas de hoje têm desenvolvimentos extrabíblicos, muitos dos quais são benéficos. Bastaria que pensássemos na Escola Dominical, que é um utilíssimo desenvolvimento, de data recente. Mas,

quem quer desfazer-se da Escola Dominical, somente porque ela não é mencionada nas páginas do Novo Testamento? Até os grupos dos Irmãos têm essa instituição. Poderíamos também mencionar as Escolas Cristãs, os acampamentos bíblicos, as organizações da mocidade, além de muitas instituições com finalidades de ensino, incluindo aquelas que permitem que as pessoas aprendam novas artes e ofícios. Há também as sociedades missionárias ao estrangeiro, grupos organizados para combater o abuso das drogas, grupos de caridade, etc. Meus amigos, não há fim dessas organizações eclesiásticas extrabíblicas, muitas das quais são úteis, valiosas e até mesmo necessárias na sociedade moderna. Muitos grupos dos Irmãos objetam às sociedades missionárias ao estrangeiro, supondo que a igreja local deveria enviar os seus próprios missionários. A dificuldade dessa objeção é que os grupos que assim pensam não fazem muito trabalho missionário, o qual, se fosse entregue aos cuidados deles, desapareceria totalmente. O moderno movimento missionário tem dependido de instituições e de métodos extrabíblicos.

**e. Mestres e Outros.** Com bases neotestamentárias, estamos falando sobre os pastores-mestres, aqueles que eram pastores e também tinham o dom de ensinar. Esses devem ser considerados dignos de dobrada honra (alguns dizem que isso significa salário, com o que concorda a nossa versão portuguesa, que diz «dobrados honorários»; I Tim. 5:17). O dom de ensinar é alistado na descrição paulina sobre os ministérios da Igreja, Efé. 4:11. Ali aparecem também os apóstolos que eram enviados especiais do Senhor; os profetas, que ensinavam por inspiração do momento, não limitados à preparação intelectual prévia (Atos 11:27; I Tim. 1:18; I Cor. 14:28-33), mas que em sentido algum eram infalíveis, conforme se vê em I Coríntios 14. Naturalmente, um bom mestre pode ser impulsionado pelo Espírito, sem que isso invada o dom mais extático dos profetas. E também temos ali os evangelistas, que eram homens que recebiam o dom especial de persuadir as pessoas a aceitarem o evangelho, impelidos pelo Espírito na abertura de novas áreas. Era esse o grande empreendimento que fazia a Igreja expandir-se. Naturalmente, os apóstolos eram os evangelistas supremos, dotados de muito maior autoridade do que o tipo comum de evangelistas. Não obstante, durante o período formativo da Igreja, os evangelistas tinham considerável autoridade nas igrejas locais, bem como nas áreas onde eles atuavam, que ultrapassava os limites das igrejas locais isoladas. Há comentários isolados, no NTI, em Efé. 4:11, sobre os profetas, os evangelistas, os pastores-mestres.

**f. Esforços Cooperativos.** Paulo usava a sua autoridade como, por exemplo, para recolher uma oferta das igrejas gentílicas para ser oferecida aos santos pobres de Jerusalém. Podemos ter a certeza de que outras autoridades cristãs estiveram envolvidas nessa questão. Houve também outros desses esforços cooperativos (Rom. 15:1,26,27; II Cor. 8:19; Gál. 2:10). As igrejas cristãs tinham o costume de contribuir para fundos especiais, que visavam a vários propósitos benevolentes (Atos 11:27-30). Havia grande comunicação entre as igrejas, embora estivessem espalhadas em uma grande área (Rom. 16:3-6,16; I Cor. 16:19; II João 13). As igrejas também uniam-se no envio de missionários (Atos 11:22-26; 13:1). — **A medida** que os credos se foram tornando mais importantes, os grupos que concordavam melhor entre si, começaram a enviar tais esforços de modo mais restrito, em benefício de seus próprios grupos; e isso foi o começo do estabelecimen-

to de denominações cristãs, que tinham sua própria autoridade.

**g. Os Primeiros Concílios Eclesiásticos.** No Novo Testamento encontramos a menção a dois concílios dessa natureza: O do décimo primeiro capítulo de Atos, acerca do período de fome; e o do décimo quinto capítulo do mesmo livro, acerca do legalismo de certos crentes judeus. O primeiro discutiu sobre a admissão dos gentios na Igreja; e o segundo discutiu sobre aqueles problemas que resultaram dessa admissão, quando a Igreja assumiu um aspecto menos judaico. Visto que os apóstolos estavam vivos e foram envolvidos na questão, eles tinham o poder de ditar às igrejas as crenças e as práticas que deveriam ser seguidas. Nesse caso, encontramos uma *autoridade central* que ultrapassava a autoridade das igrejas locais. Outros concílios eclesiásticos (ver o artigo sobre esses concílios), efetuados após a época apostólica, e que envolveram a maior parte da cristandade da época, mantiveram a idéia da autoridade central; e isso tornou-se um dos elementos da estrutura governamental da Igreja. O artigo sobre a *Autoridade* prevê detalhes sobre a questão.

**h. A Ação Democrática.** Os trechos de Mateus 18:15 *ss.*, e Atos 1:21 *ss.*, são textos de prova genuínos em favor da ação democrática pelas igrejas locais. Os batistas e outros grupos congregacionais têm feito dessa prática a regra exclusiva. Nessas igrejas, todos os atos, desde a chamada de um pastor até as questões de importância secundária, dependem do voto da congregação. Ali as decisões são resolvidas pelo voto da maioria. Outros grupos evangélicos, porém, supõem que essa prática é exagerada, ao mesmo tempo em que admitem seu valor, no tocante a *certas* questões. Na Igreja primitiva, a prática envolve apenas algumas questões, conforme a leitura dos trechos envolvidos nos mostra. Não há no Novo Testamento qualquer instrução que nos permita generalizar a prática, de maneira tal que todos os atos da igreja tenham de ser resolvidos com base no voto da maioria. Essa generalização é um dogma, repousando sobre a fé de que era assim que as coisas eram resolvidas no cristianismo primitivo. A despeito disso, o voto democrático deve ser considerado um princípio importante, ainda que não o único princípio e a única maneira como as coisas devam ser efetuadas pelas igrejas cristãs.

**Conclusão.** A exposição acima feita mostra-nos que o Novo Testamento é bastante heterogêneo no tocante às questões de governo eclesiástico. Além disso, a manipulação de textos de prova, juntamente com a *interpretação* dos mesmos, podem outorgar-nos várias formas de governo eclesiástico. Parece seguro dizermos que os autores do Novo Testamento não estavam procurando fornecer-nos um padrão específico de governo eclesiástico, pelo que há liberdade dos crentes agirem conforme lhes parecer melhor, com base nesses vários exemplos. Naturalmente, os conflitos provocados pelas questões de governo eclesiástico têm sido um dos fatores que têm criado fragmentações e denominações, e onde cada fragmento afirma estar mais próximo do ideal da ordem eclesiástica neotestamentária.

Qualquer tipo de governo eclesiástico atualmente existente, depende dos seguintes elementos: 1. Quanto do Novo Testamento deve ser tomado como padrão, visto que ali há muitos ofícios eclesiásticos, além do ofício pastoral. 2. Quanto podemos ir além do que diz o Novo Testamento, no tocante a funções e organizações extrabíblicas. 3. Quanto desenvolvimento histórico devemos permitir. O que dizer, nessa conexão, sobre arcebispos, cardeais, etc.? 4. Quais

variedades de dogmas uma igreja sustém, que a capacitam a renovar ofícios eclesiásticos que existiram nos tempos pós-apostólicos, mas que alguns estudiosos consideram terem-se tornado inoperantes com a morte dos apóstolos. Nessa categoria poderíamos incluir o próprio ofício apostólico e o ofício papal. O que acontece quanto a esse aspecto não dependerá somente do que o Novo Testamento estipula, mas também de nosso próprio ponto de vista sobre o que é razoável, mediante interpretação e racionalização.

**Um Princípio Indispensável.** As modernas igrejas evangélicas seguem um modelo episcopal, presbiteriano ou congregacional de governo eclesiástico, segundo se explica melhor abaixo. Os adeptos desses sistemas encontram no Novo Testamento precedentes para todos os três modelos. Porém, quando lemos o livro de Atos, as epístolas dos apóstolos, etc., ficamos impressionados com um princípio ainda mais basilar, o qual, talvez por falta de termo mais sugestivo, queremos chamar de sistema teocrático, segundo normas tipicamente neotestamentárias. As igrejas da era apostólica contavam com um governo eclesiástico ideal devido à presença de homens divinamente preparados para esse mister, a saber: os apóstolos, os profetas, os evangelistas, os pastores e mestres. Devido à presença dos apóstolos, representantes diretos de Cristo, dotados de profundo discernimento espiritual, o Senhor Jesus fazia valer a sua vontade, manifestando-a através dos dons ministeriais investidos nos apóstolos. E, mesmo depois que o ministério apostólico desdobrou-se nos outros três, assim continuou sendo, porque a voz do Espírito era ouvida nas igrejas, através desses homens carismáticos. Vale dizer, Deus governava a sua Igreja através dos ministérios por ele levantados, os quais eram impulsionados pelo Espírito Santo. Isso pode ser visto mais claramente em certos grandes episódios, como no concílio de Jerusalém (Atos 15), onde a carta enviada às igrejas gentílicas diz, a certa altura: «Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas cousas essenciais...» (Atos 15:28). Houve abusos, como o caso de Diótrefes, que não aceitava a autoridade apostólica, e do que João queixa-se em III João 9,10. Mas, podemos ter a certeza de que o Cabeça da Igreja cuidou de disciplinar devidamente a esses indisciplinados.

**Quando foi feita a Reforma protestante, segundo todos os estudiosos concordam, ela foi apenas parcial.** O modelo católico romano foi modificado aqui e ali, de acordo com as possibilidades do momento. E todas as reformas posteriores também mostraram-se insuficientes, porque, quanto à questão do governo eclesiástico, é preciso devolver a Cristo, de modo consciente e proposital, as rédeas do governo de sua Igreja. Não que Cristo não a esteja governando, mas fá-lo contornando sistemas que não levam em conta o seu senhorio. Entre nós, o ministério é levantado mediante uma máquina extrabíblica, segundo a qual os homens decidem tudo sem indagar a vontade do Senhor, mediante o voto da maioria da congregação ou mediante as decisões unilaterais de um concílio episcopal ou presbiteriano. Sistemas inteiros têm sido constituídos sobre essa base puramente humana. Não admira, pois, que haja tanta insatisfação, entre os evangélicos, no tocante ao governo eclesiástico. A opinião pessoal deste tradutor é que somente quando devolvermos ao Senhor Jesus o direito de governar a sua Igreja, segundo os moldes teocráticos do Novo Testamento, a questão será resolvida. Quanto a isso, por um lado sou muito pessimista; e, por outro lado muito otimista. Pessimista porque não penso que os homens farão isso por motivo próprio e sim,

## GOVERNO ECLESIASTICO

convencidos por razões bíblicas. A natureza humana com extrema dificuldade sujeita-se aos princípios espirituais, e imensos interesses humanos teriam de ser sacrificados para que os atuais sistemas fossem voluntariamente abandonados, a fim de que se desse lugar ao governo de Cristo. Não vejo, portanto, qualquer esperança de reforma, segundo esse lado da questão. Porém, sou otimista quanto à questão do governo eclesiástico porque sei que o Senhor Jesus, no tempo devido, fará intervenção. Que tempo devido é esse? Segundo penso, será quando do período atribulado dos últimos dias. O anticristo encarregar-se-á de destruir a máquina administrativa externa da Igreja. Dos escombros, o Senhor restaurará o governo eclesiástico, segundo moldes neotestamentários, tornando-se ele não apenas um Cabeça teórico (como se vê atualmente entre nós), mas um Cabeça atuante de sua Igreja. Segundo vejo as coisas, sem importar até que ponto os grupos evangélicos se afastem do ideal neotestamentário, a intervenção divina, nos últimos dias corrigirá os desmandos humanos dos séculos, devolvendo ao seu povo um governo teocrático, ou seja, através de homens realmente levantados pelo Espírito. Minha opinião pessoal é que, nos últimos dias da Igreja, veremos a renovação dos quatro ministérios básicos referidos em Efésios 4:11 ss. De acordo com a explicação dada ali pelo apóstolo, chegaremos então ao estado perfeito. Antes disso, veremos muita imperfeição. A filosofia envolvida nesse quadro é a seguinte: a Igreja primitiva achava-se em um estado espiritual ideal; com o desaparecimento dos apóstolos e de todo um ministério levantado pelo Espírito, a Igreja entrou em decadência espiritual; na sua misericórdia, Deus fez intervenções parciais, coincidentes com as diversas reformas que têm ocorrido através dos séculos, e das quais a Reforma do século XVI é apenas um episódio; nos últimos dias, sob condições inteiramente novas (as da tribulação final), Deus intervirá de forma definitiva, levando a sua Igreja àquele estado que a preparará para obter a vitória sobre as forças do mal, encarnadas no anticristo, e para galgar até aquele degrau espiritual que a tornará pronta para o encontro com o Senhor e para o arrebatamento e a glorificação. À semelhança dos escritores do Novo Testamento, podemos aplicar aqui trechos que, primariamente, dizem respeito a Israel, como Jer. 23:4: «Levantarei sobre elas pastores que as apascentem, e elas jamais temerão, nem se espantarão; nem uma delas faltará, diz o Senhor». Ou então: podemos invocar o testemunho apostólico, que prevê as chuvas finais, que levarão a plantação do Senhor ao ponto do amadurecimento necessário antes da colheita: «Sede, pois, irmãos, pacientes, até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador aguarda com paciência o precioso fruto da terra, até receber as primeiras e as últimas chuvas. Sede vós também pacientes, e fortalecei os vossos corações, pois a vinda do Senhor está próxima» (Tia. 5:7,8). As primeiras chuvas corresponderam ao período apostólico; as últimas chuvas corresponderão ao período final da Igreja, sob condições externas adversas, quando o Espírito fará sua intervenção final. Enquanto não vierem as últimas chuvas prometidas, a plantação, que é a Igreja, estará em desenvolvimento. Essa é a minha visão do governo eclesiástico, que haverá de manter-se em estado imaturo enquanto não ocorrer a intervenção final do Espírito. Podemos diagnosticar a enfermidade; mas só o Senhor Jesus curará a condição enfermiza, no tempo apazado, de acordo com as profecias bíblicas.

### II. No Cristianismo Histórico

Os três tipos básicos de governo eclesiástico. Esses

tipos básicos são: o episcopal, o presbiteriano e o congregacional. Na maior parte das denominações evangélicas, esses três tipos manifestam-se mesclados uns com os outros, em doses variadas. Assim, o sistema episcopal outorga grande parcela de autoridade e de funções aos presbitérios, em seus sínodos e igrejas. Mas, nessas mesmas igrejas aparecem funções onde o processo democrático avulta. E até mesmo os grupos batistas, apesar de suas igrejas locais serem inteiramente autônomas, deixam-se influenciar, naquilo que fazem, por suas autoridades denominacionais. Essas autoridades talvez não votem, mas influenciam de modo bem definido àqueles que votam, mediante seus conselhos ou pressões.

**1. Governo Episcopal.** Esse é um sistema que confere maior autoridade aos bispos, e aos presbíteros (padres) e diáconos menor poder. Esse ofício são mencionados no Novo Testamento, e já podemos ver que há precedentes para os mesmos nas epístolas pastorais, como em Tito 1:5 ss, levando-nos a supor que, mesmo durante a era apostólica, havia anciãos que tinham poderes sobre distritos, e não apenas sobre igrejas locais. Pelo menos no começo do século II D.C., assim sucedia, pelo que há um antiquíssimo precedente histórico. Em favor do princípio episcopal, temos o exemplo neotestamentário dos apóstolos (que vide), exemplo que é ressaltado como prova de que esse sistema de governo eclesiástico é superior aos demais. Além disso, consideremos o caso de Tiago, no concílio de Jerusalém. Ele não fazia parte do grupo apostólico, mas também não se podia dizer que ele foi um pastor ordinário. Com base naquilo que conhecemos acerca dele e de sua autoridade, podemos dizer que ele ocupava uma posição que mais tarde foi investida nos bispos. Timóteo e Tito pareciam ocupar uma posição intermediária entre Paulo e os pastores das igrejas locais. Assim sendo, enquanto os nomes bispo e anciãos são termos intercambiáveis nas páginas do Novo Testamento, as funções específicas de vários outros indivíduos que tinham os mesmos títulos, transcendiam às funções de alguns deles. Apesar de que todos eram anciãos, nem todos teriam idêntica autoridade, e essa desigualdade de autoridade envolvia autoridade sobre certas áreas, e não meramente sobre igrejas locais. Ainda outros estudiosos têm pensado que Tiago, embora não fazendo parte do grupo apostólico original, tornou-se tal quando o Senhor Jesus lhe apareceu. Paulo dá a entender que aceitava Tiago, irmão do Senhor, como um dos apóstolos (ver Gál. 1:19). E Timóteo e Tito agiram como meros delegados do apóstolo Paulo, e não por autoridade própria. Isso significa que eles nem precisavam ter funções diferentes das dos demais anciãos. Além disso, esses mesmos estudiosos relembram que Timóteo nunca é chamado «pastor», e, sim, «evangelista», no Novo Testamento (ver II Tim. 4:5), o que deita por terra todo o argumento acima. Os apóstolos ordenavam anciãos nas igrejas por eles fundadas (Atos 14:23), e assim também, por determinação de Paulo, fizeram-no Timóteo e Tito em certas oportunidades. Mas, voltando à possibilidade de que os «bispos» estavam surgindo como uma graduação superior à dos pastores, sabemos que esse sistema de governo eclesiástico estava vivo nos tempos de Inácio, na Ásia Menor, onde as citações deixam entrever que havia uma tripla hierarquia: a dos bispos, a dos anciãos e a dos diáconos.

**Argumentos em Contrário.** 1. Pode ser demonstrado, nas páginas do Novo Testamento, que os títulos «bispo», «pastor» e «ancião» são intercambiáveis, pelo que não se deve pensar em uma hierarquia nem em relação a esses três títulos e nem em relação aos



## GOVERNO ECLESIAÍSTICO

demais ministérios: apóstolos, profetas e evangelistas, mas antes, deve-se pensar em ministérios complementares, de acordo com o que a autoridade estaria igualmente dividida, e onde os apóstolos eram os grandes supervisores. 2. Também se tem argumentado que a idéia da sucessão apostólica não é uma doutrina bíblica, pelo que salientar que os apóstolos foram os bispos primitivos, embora fosse uma verdade nos dias apostólicos, não correspondia à realidade dos fatos em tempos posteriores. 3. Que dizer sobre as igrejas locais que não tinham origem apostólica? Nesses casos, quem exercia a autoridade episcopal? 4. Certas citações extraídas do *Didache* refletem muito mais uma situação congregacional.

**Rebates desses Argumentos.** 1. Apesar dos termos «bispo», «pastor» e «ancião» serem intercambiáveis, pode-se mostrar que havia funções distintivas. 2. A sucessão apostólica (que vide), é uma idéia que pode ser defendida com sucesso, partindo-se de evidências encontradas no Novo Testamento. 3. Houve, realmente, igrejas que não foram fundadas pelos apóstolos, em cujos casos os apóstolos não operavam como bispos. Mas, nesses casos, seus representantes, figuras como Timóteo e Tito, ocupavam a posição de bispos. 4. Mesmo que fique demonstrado, com absoluta certeza, que o tipo congregacional de igrejas existia já no século II D.C., isso em nada militaria contra o tipo de governo episcopal que prevalecia de modo geral. É perfeitamente possível que várias formas de governo eclesiástico existissem paralelamente desde os tempos mais antigos; mas, dentre os três sistemas principais, o sistema episcopal parece ser o que mais se aproxima do ideal neotestamentário.

**2. Governo Presbiteriano.** Ao tempo da Reforma protestante, os líderes presbiterianos pensavam que estavam restaurando a ordem original; porém, não são muitos os líderes presbiterianos de nossos dias que afirmam tal coisa. No entanto, eles estão prontos a defender a tese de que há precedentes, no Novo Testamento, para a forma de governo presbiteriano. No Novo Testamento, é óbvio que os presbíteros ou pastores ocupam posição importante. De acordo com a doutrina presbiteriana, os presbíteros são idênticos aos bispos, suprindo o poder principal da igreja local. Em cada localidade, parece haver certo número de presbíteros que formam uma espécie de comissão que se encarrega das questões das igrejas locais. Podemos extrair essa idéia de textos como Heb. 13:17 e I Tes. 5:12 ss. As narrativas dos concílios de Atos 11 e de Atos 15 mostram que os presbíteros ou pastores, congregando-se independentemente da igreja local e de suas funções, podiam tomar decisões importantes e obrigatórias que as igrejas locais, sem qualquer voto dos membros, eram obrigadas a seguir. Na era pós-apostólica, o desenvolvimento eclesiástico trouxe à existência os bispos como independentes e até superiores aos presbíteros. É claro que isso ocorreu de modo contrário aos ensinamentos do Novo Testamento, onde presbíteros e bispos são apenas títulos diversos de uma mesma função ministerial. Talvez isso tenha ocorrido por causa das perseguições, quando era conveniente os cristãos contarem com uma liderança forte, investida em indivíduos particulares que podiam consolidar as diversas funções da Igreja cristã. Dentro do governo presbiteriano, os presbíteros são aqueles que tomam as decisões importantes relativas às questões eclesiásticas, que não precisam de aprovação do voto da congregação. Certas passagens do Novo Testamento, conforme mostramos acima, demonstram que a Igreja primitiva funcionava dessa maneira.

**Argumentos em Contrário.** 1. Existem passagens no Novo Testamento que mostram os presbíteros decidindo as coisas sem o voto da congregação. Mas, nessas mesmas passagens, os apóstolos estão envolvidos. Portanto, continuamos no ambiente episcopal, e não no ambiente do governo presbiteriano. 2. Também há aquelas passagens que indicam que as coisas eram decididas por voto da maioria de cada congregação, como Mateus 18:15 ss. 3. Apesar dos termos presbítero e bispo terem sido intercambiáveis nos dias apostólicos, há evidências em favor da convicção de que alguns presbíteros realmente funcionavam como bispos, no sentido posteriormente dado à palavra, conforme se vê em Tito 1:5 ss.

**Rebates desses Argumentos.** 1. A sucessão apostólica cumpre-se nos presbíteros e não em figuras como os bispos dos séculos posteriores aos apóstolos. 2. Apesar de que algumas questões eram e deveriam continuar sendo decididas mediante o voto da maioria da congregação, o método usual de governo deveria ser através da autoridade dos presbíteros. Os exemplos que aparecem no Novo Testamento, sobre voto congregacional, são incidentes isolados, e não cobrem o campo geral do governo eclesiástico.

**3. Governo Congregacional** (inclui batistas). A igreja local governa a si mesma, mediante o voto dos membros, sobre todas as questões importantes. A decisão da igreja local é independente das autoridades externas à igreja local, mesmo que essa igreja pertença a alguma denominação. Os líderes denominacionais podem dar conselho e pressionar, mas nunca podem forçar uma igreja local a fazer qualquer coisa. Podemos extrair evidências em favor dessa posição, nas páginas do Novo Testamento. Em primeiro lugar, temos trechos como Mateus 18:15 ss e Atos 1, ou no livro de Atos dos Apóstolos, na escolha de Matias em substituição a Judas Iscariotes. Em segundo lugar, há o sacerdócio de todos os crentes (Col. 1:18), que subentende a igualdade de todos os membros. O pastor, embora líder da igreja local, tem somente um voto, quando qualquer decisão precisa ser tomada; e assim, no momento da decisão, ele pesa tanto quanto qualquer outro membro isolado. Em terceiro lugar, é a forma congregacional de governo que melhor preserva certas importantes verdades bíblicas. Já pudemos mencionar o sacerdócio de todos os crentes. Isso envolve a importante questão do acesso a Deus. Cada crente tem o direito de acesso direto ao trono do Senhor (Heb. 10:19). Os governos de tipo episcopal acrescentam a doutrina errônea de sacerdotes como intermediários entre Deus e os crentes. Isso debilita uma mui importante doutrina do Novo Testamento, segundo a qual Cristo é o único Mediador (I Tim. 2:5). Em quarto lugar, até mesmo a autoridade que os apóstolos tinham sobre as igrejas locais tem sido exagerada, e isso não estabelece precedente para um tipo episcopal de governo eclesiástico, nem mesmo nos casos de Timóteo e Tito. O fato de que eles ordenaram anciãos, e tinham um ministério que incluía alguma área, e não apenas alguma igreja local, não prova que eles tivessem autoridade de bispos. Eles tinham um poder delegado por Paulo, para ordenarem pastores sobre certas áreas, mas eles não eram supervisores daquelas áreas de nenhum modo especial. Em quinto lugar, não existe tal coisa como a sucessão apostólica. Essa é uma doutrina humana, e não um ensino neotestamentário. Em sexto lugar, o princípio democrático está mais afinado com o ideal de que todos os crentes são *um só* em Cristo (Gál. 3:28). Em sétimo lugar, trechos extraídos do *Didache* (que vide), mostram que, no segundo século D.C., havia igrejas de governo

## GOVERNO ECLESIASTICO

eclesiástico tipo congregacional.

**Argumentos em Contrário.** 1. Apesar de que certos trechos, como Mateus 18:15 e Atos 1 possam mostrar que certas coisas eram realizadas mediante o voto da congregação, outros trechos, como Atos 11 e Atos 15 mostram que coisas importantes eram resolvidas mediante decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros. E essas decisões tornavam-se obrigatórias. 2. É verdade que todos os crentes são sacerdotes, e que todos nós somos um em Cristo, mas isso não significa que não existam diferentes funções de poder, no governo eclesiástico. O Novo Testamento mostra essas distinções. 3. Cada membro individual tem acesso a Deus, mas isso nada tem a ver com diferentes funções de poder, dentro do governo eclesiástico. A salvação do indivíduo, e a expressão da mesma, não faz com que cada membro seja igual a todos os demais membros, dentro da hierarquia de governo da igreja. Em qualquer país, todos os cidadãos são iguais diante da lei, mas nem todos os cidadãos são prefeitos da cidade, ou governadores do estado, ou presidentes da república. 4. Qualquer pessoa que lê a narrativa bíblica sobre os apóstolos poderá ver que, em sentido algum, o poder deles tem sido exagerado. Basta ler os trechos de Atos 5 e I Coríntios 5:5 para averiguar-se que eles tinham o poder de infligir severos castigos, ou até a morte, contra membros ofensores. Eles mantinham as chaves do evangelista, com as quais abriam até novos países e povos para o evangelho. Eles eram os alicerces da Igreja (Ef. 2:20). Uma autoridade assim jamais poderia ser atribuída a membros individuais, por mais dignos que eles fossem diante de Deus. Outrossim, a Igreja precisa de um governo centralizado, como aquele representado pelos apóstolos e anciãos. Doutra sorte, chega-se exatamente àquilo que tem sucedido no tipo congregacional de governo eclesiástico: fragmentação e contínua divisão. 5. Apesar do princípio democrático realmente existir no Novo Testamento, sua aplicação limita-se somente a certas coisas, como a disciplina dos membros da igreja local. Essa democracia limitada não pode ser extrapolada até cobrir todos os casos e situações. O próprio Novo Testamento mostra-nos que uma democracia limitada não existia nem nos dias dos apóstolos, e nem imediatamente depois. 6. É lógico supormos, mesmo sem invocar trechos do *Didache*, que havia governos eclesiásticos tipo congregacional, no segundo século da era cristã, em alguns lugares. Entretanto, isso é contrabalançado pelo fato que as citações tiradas dos escritos dos pais da Igreja demonstram que o tipo episcopal de governo era o predominante.

**Rebates desses Argumentos.** 1. Visto que a sucessão apostólica cessou, e visto que os bispos, considerados superiores aos pastores, tiveram um desenvolvimento a partir do século II D.C., isso nos deixa com o ideal congregacional para todos os séculos subsequentes à era apostólica. 2. Isso também significa que o ideal de todos os crentes como sacerdotes deve tomar precedência, assim encorajando o ideal democrático. 3. Há diferentes funções entre os membros da igreja, bem como diferentes autoridades, mas todas devem estar contidas dentro da igreja local, e não dispersas por alguma área, a ponto de destruir a independência da igreja local. 4. Mesmo que pudesse ser provado que os próprios apóstolos tinham poderes extraordinários, não temos qualquer direito de transferir tal poder para outras pessoas, após a era apostólica. 5. Apesar do Novo Testamento não aplicar o ideal democrático a todas as situações, trata-se de um princípio digno de uma aplicação mais ampla. 6. É evidente que o tipo de

governo eclesiástico tipo episcopal existia no século II D.C., mas também havia o tipo de governo eclesiástico congregacional. Visto que o governo eclesiástico congregacional é melhor, esse tipo deveria ser encorajado entre nós.

**Conclusão.** Se levarmos em conta todas as evidências e argumentos, tornar-se-á patente que, com um pouco de convicção, podem ser defendidos todos os três tipos de governo eclesiástico: o congregacional, o episcopal e o presbiteriano. Na igreja neotestamentária havia elementos que nos poderiam conceder precedentes em favor de todas as três formas. Cada um desses tipos de governo eclesiástico tem suas vantagens e desvantagens. Cada um desses tipos está sujeito a abusos. Porém, se quisermos permanecer em terreno neotestamentário, torna-se óbvio que, em face da presença e atuação dos apóstolos, era a forma episcopal de governo eclesiástico que estava em operação. Levanta-se, pois, a questão se esse tipo de governo eclesiástico tinha ou não tinha o intuito de prosseguir entre os crentes de todos os séculos, mediante o poder do Espírito. As respostas a uma indagação como essa podem embarçar-nos em muitas disputas, conforme pode ser ilustrado no artigo sobre a *Sucessão Apostólica*.

**Destaca-se Outra Importante Questão.** Cumprenos tentar solucionar esse complicado problema do governo eclesiástico, mediante um rígido apelo ao Novo Testamento? Os autores sagrados esperavam que as gerações subsequentes tentassem provar tudo, ou estabelecer tudo mediante um apelo direto a seus escritos? Não seria melhor, pelo menos no caso do governo eclesiástico, permitir que cada denominação tomasse suas próprias decisões, atraindo a si mesma quem concordasse com os padrões estabelecidos? Será mister termos rigidez e unidade de operação sobre essa questão, a fim de agradarmos a Cristo, ou a pluralidade de métodos de governo eclesiástico também é aceitável? Mais do que isso ainda, não poderia a pluralidade, por si mesma, mostrar-se útil para o desenvolvimento da Igreja como um todo? As denominações, tradicionalmente, atraem aqueles que se sentem mais confortáveis com certos padrões, idéias e formas de governo eclesiástico. Que as igrejas façam seu trabalho de atração, sem entrarem em conflito acerca de questões que, diante de outras, são meramente secundárias.

De fato, o que realmente importa é se Cristo está podendo governar ou não as igrejas, com a mesma liberdade e senhorio com que governava a Igreja primitiva. Se, mediante qualquer sistema que seja, Cristo for por nós aliado de sua legítima posição de Cabeça da Igreja, ficaremos acéfalos, e certamente, estabelecendo-se tal condição, não demorará muito para que deixemos de ser uma verdadeira igreja do Novo Testamento. Por isso, o que mais importa não é o tipo de governo eclesiástico que for instaurado, pois qualquer desses modelos pode estar operando, ao mesmo tempo em que não damos a Cristo o lugar que ele merece. Como vimos, na era apostólica, todos os três modelos foram postos em operação, em diferentes circunstâncias e momentos. O que realmente importava é que os crentes primitivos estavam em ligação vital com Cristo, não somente quanto à vida espiritual de cada membro individual, mas também do ponto de vista da comunidade cristã como um todo, cujos rumos eram traçados e orientados pelo Espírito. Nessa conexão, o exemplo dado por Israel é muito ilustrativo. Enquanto houve ali um governo teocrático, o povo de Israel ia caminhando, embora com tropeços. O pedido de um rei, segundo Samuel predisse, trouxe conseqüências desastrosas para

## GOVERNO, INSTITUIÇÃO DE DEUS

Israel. O quarto monarca de Israel, Reoboão, provocou a divisão do reino em dois: Israel e Judá. No reino do norte, Israel, houve uma sucessão de reis ímpios, o que culminou com o exílio assírio. E, no reino do sul, apesar de ter havido alguns reis realmente piedosos, o fim foi idêntico, quando Judá foi levado para o exílio babilônico. Israel desapareceu como nação organizada. Judá voltou do exílio, mas nunca mais houve rei, e o próprio exílio babilônico deu início aos tempos dos gentios, com a conseqüente redução do povo de Israel à condição de cauda das nações, e não de cabeça. E somente quando Israel converteu-se, e aceitar o Senhor Jesus como seu Messias e Rei, o que reinstaurará o governo teocrático ali, o povo de Israel gozará novamente das plenas bênçãos celestes. Por que a Igreja não aprende essa lição? «Estas cousas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado» (I Cor. 10:11).

### GOVERNO, INSTITUIÇÃO DE DEUS

Ver o artigo separado sobre **Governo**. Aqui enfatizamos um aspecto daquele assunto. Este artigo utiliza Rom. 13:1-7 como a base da discussão, sendo que esta passagem é o mais completo texto no Novo Testamento sobre este assunto. Outros textos neotestamentários são incorporados na exposição.

#### Esboço:

- I. Caracterização Geral
- II. A Sujeição de Todos
- III. Conseqüências da Desobediência
- IV. O Bom Ministério
- V. A Boa Consciência
- VI. Pagando o Preço

#### I. Caracterização Geral

**A conduta cristã ideal concernente ao estado, Rom. 13:1-7.**

O assunto abordado nesta seção é quase sem-par na coletânea paulina de escritos inspirados. Somente no trecho de II Tes. 2:6 encontramos uma referência específica à relação que deve haver entre o crente e o estado, e somente aqui, no décimo terceiro capítulo desta epístola aos Romanos, é que temos uma explanação específica, apesar de breve, sobre esse tema. Essa seção, pois, é de muito maior importância do que poderia ser indicado por sua brevidade, tendo desempenhado importantíssimo papel na história, no que diz respeito às relações entre a igreja e o estado.

Paulo escreve para os crentes de Roma, em um período histórico de *relativa calma*; porém, a própria presença desta seção sugere-nos que deve ter havido sinais de rebelião por parte de alguns dos membros da igreja cristã. É fácil para os crentes, exaltados ou mesmo inchados em sua «posição celestial», impelidos por seus pensamentos de serem «cidadãos de um país celestial, e meros forasteiros e peregrinos à face da terra», reputarem com negligência as exigências das leis do estado ou das leis municipais aos seus cidadãos. Não há que duvidar que Paulo percebeu o grande perigo que há por detrás dessa atitude, se ele for levado a pontos extremos, porquanto estava bem cômico, devido às muitíssimas viagens que fazia, da proteção que o governo romano lhe vinha oferecendo. É o próprio livro de Atos registra vários livramentos de Paulo por intervenção de elementos do governo romano, quando ele poderia ter sido muito maltratado ou mesmo poderia ter sido morto, não fora essa intervenção. De fato, um dos propósitos do livro de Atos é justamente demonstrar que a igreja cristã

primitiva com freqüência se beneficiava com a proteção romana, ao mesmo tempo em que os discípulos de Jesus estavam incansavelmente perseguidos pelos judeus, os quais, na opinião de Lucas, o escritor sagrado desse livro bíblico, eram os verdadeiros perturbadores da ordem. Lucas, pois, procurava convencer as autoridades romanas sobre a necessidade de proteger o movimento cristão, dando-lhe a posição de religião legítima e reconhecida pelo estado, o que já fora feito no caso do judaísmo.

Paulo deve ter percebido, por conseguinte, o perigo de destruir essa boa vontade das autoridades romanas. O apóstolo não havia previsto que a igreja cristã perderia inteiramente essa proteção, e que em breve se tornaria vítima de ferozes e continuadas perseguições. Portanto, Paulo escreveu a fim de estabelecer regras gerais sobre qual deve ser a atitude dos crentes para com os governantes terrenos. E a sua mensagem é que devemos nos submeter a essas autoridades, porquanto aquele que governa, fá-lo pelo poder de Deus, já que Deus é quem determina as autoridades humanas, por sua própria dispensação. Se, porventura, Paulo houvesse escrito mais tarde, quando a igreja cristã sofria perseguição, — é possível que houvesse modificado vários de seus preceitos, exarados aqui no décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos. Porém, foi providencial que ele não escreveu mais tarde, pois, conforme as coisas sucederam, ele escreveu sobre qual deva ser a nossa atitude em circunstâncias *normais*. Assim sendo, ele não aborda qual deve ser a atitude dos crentes quando o estado fere a consciência cristã. Para tal conjuntura, podemos examinar as palavras do apóstolo Pedro, em Atos 4:19 e 20, onde se lê: «Mas Pedro e João lhes responderam: Julgai se é justo diante de Deus ouvirmos antes a vós outros do que a Deus; pois nós não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos». Todavia, supondo que o estado esteja protegendo, e não perseguindo ou tentando destruir a igreja cristã, não haverá qualquer conflito de consciência para os crentes, procurando ajustar os deveres para com Deus e para com o estado. Sob circunstâncias calmas, pois, os nossos deveres são claros — cumpre-nos obedecer à lei, sabendo que essa lei, em última análise, foi estabelecida por Deus, e sabendo que os governantes humanos são ministros de Deus.

**Entretanto, a obediência aos governos humanos, em tempos quando a igreja não está sendo diretamente atacada, pode ser exagerada.** Durante a Alemanha nazista, quando os judeus estavam sendo destruídos aos milhões, sabemos, através do testemunho de muitos que os *cristãos* da Alemanha, embora tivessem plena consciência dos horrores praticados por seu próprio governo contra seus cidadãos de origem judaica, não levantaram protesto algum, por medo e por não quererem se envolver. E quando, finalmente, surgiram os primeiros protestos por parte de líderes cristãos alemães, contra a conduta desumana e brutal dos governantes nazistas contra os judeus, esses protestos foram tardios demais, além de muito débeis. Para crédito dos cristãos alemães, devemos dizer que alguns poucos eclesiásticos alemães sofreram por causa da oposição que fizeram contra as perseguições contra os judeus. Assim, embora o quadro então dominante fosse tão negro, aqui e ali estamparam alguns lampejos de luz.

As explanações do apóstolo dos gentios, pois, têm aqui um alcance limitado, embora isso de forma alguma dê razão àqueles que procuram proteger-se de todo o envolvimento na justiça social, ocultando-se por detrás de suas palavras tão gerais, que nos

## GOVERNO, INSTITUIÇÃO DE DEUS

recomendam a obediência ao estado. Tal obediência, de conformidade com os *principios éticos* cristãos, não pode ser absoluta, a menos que as circunstâncias sejam relativamente favoráveis a essa espécie de obediência. O que Paulo queria era resguardar os crentes de seus dias contra a rebeldia insensata e contra a falta de respeito para com os governantes, com o propósito de preservar a paz entre a igreja e o estado, a fim de que o evangelho pudesse prosperar.

Com o décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos, podemos comparar o trecho de I Ped. 2:13-17, que reflete os pontos de vista petrinus sobre essa mesma questão. Surpreende-nos deveras que, mesmo após as severas perseguições contra o cristianismo terem começado, quando o governo imperial romano se transformara em um horrível monstro, e não mais protetor da nova religião de Cristo, os cristãos, de modo geral, continuavam mantendo o senso de dever e de respeito no que tange ao governo. Essa passagem, da primeira epístola de Pedro, foi escrita praticamente uma geração mais tarde que o décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos, o que nos permite entender que nem mesmo — tão contrárias circunstâncias — haviam podido abalar a boa conduta geral dos crentes primitivos, no que diz respeito à obediência devida ao governo.

O crente, pois, está se tornando cidadão do país celestial, nem por isso cessa de ser cidadão do país de seu nascimento, ou do país que tenha adotado como seu. Está na obrigação, por conseguinte, de prestar às suas autoridades o devido respeito e obediência. E, se porventura não agir assim, estará labutando contra o senhorio de Deus, e não meramente contra a autoridade delegada aos homens, e isso servirá tão-somente para lançar opróbrio contra o governo de Deus e o nome de Jesus Cristo.

Ora, tudo isso é apenas a expansão do ensinamento que aparece no décimo segundo capítulo desta epístola, acerca do amor cristão. O crente, portanto, tem a obrigação de cuidar do bem-estar de todos, incluindo a obrigação de amar a seus próprios inimigos, tudo com base no princípio do amor cristão. Assim sendo, não pode ignorar as leis do estado, visto terem sido baixadas com o fito de preservar a ordem e o bem-estar da população em geral. Aquele que desconsidera essas leis, — desrespeitando concomitantemente os líderes de sua nação, estado ou cidade, desconsidera igualmente o bem-estar da população. Ora, tal atitude sem dúvida não é ditada pelo amor cristão, amor esse que deve governar todas as ações do crente. Acima de todos, o crente deve ser uma pessoa patriota, visto ter mais razões e motivos para sê-lo que qualquer outra pessoa.

**Nada disso é contrário às alterações. Mas essas alterações devem ocorrer de forma ordeira, de conformidade com a lei, e não mediante a violência.** O Senhor Jesus foi um pacifista, no que tange ao governo de seus próprios dias terrenos. Queria produzir grandes transformações sociais, mas somente através de meios espirituais. Isso porque corações humanos transformados produziriam uma sociedade mais justa. Afinal de contas, a única transformação social permanente é aquela produzida através de homens transformados em seu coração. Todas as outras modificações sociais são artificiais e temporárias, exigindo supressão e violência para que sejam mantidas, conforme também a história mundial testifica abundantemente. A moralidade cristã, entretanto, pode produzir transformações sociais mediante a sua influência benéfica, mesmo quando os homens não são conduzidos aos pés de Jesus Cristo em

grandes números. Ora, é na direção dessa forma de transformação social que os crentes devem esforçar-se. Não obstante, a salvação das almas se reveste de muitíssima maior importância que qualquer alteração social, por mais importante que essa forma de alteração seja dentro de sua respectiva categoria.

Sanday e Headlam oferecem-nos os seguintes pensamentos adicionais, no tocante aos propósitos desta seção do décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos: «O apóstolo agora passa dos deveres do crente individual para com a humanidade em geral para os deveres do crente para com certa esfera definida, a saber, para com os governantes civis. Apesar de nos aferrarmos ao que foi dito, acerca da ausência de um sistema claramente definido ou de um propósito bem definido nestes capítulos, podemos observar uma linha mestra de pensamento, através desses capítulos, que é a promoção de relações pacíficas em todas as relações da vida. A idéia do poder civil bem pode ter sido sugerida pelo versículo dezenove do capítulo doze, que diz que esse poder civil é um dos ministros da ira e da retribuição divinas (ver Rom. 12:4). Seja como for, a justaposição dessas duas passagens serve para lembrar-nos de que a condenação à vingança e retaliação individuais não se aplica à ação do estado, ao pôr as leis em vigor; porquanto o estado, nesse sentido, é ministro de Deus, sendo a justa justiça de Deus que opera através do mesmo».

O chamado **direito divino dos reis** é apoiado nesta seção, embora não em sentido absolutista, como **imaginam toalmente alguns que têm pervertido e distorcido as palavras do apóstolo dos gentios neste particular.** Alguns intérpretes têm pensado que essas instruções paulinas têm uma aplicação muito mais extensa e especializada (ao mesmo tempo) do que elas podem ter, conforme já tivemos ocasião de ilustrar nos comentários mais acima. Porém, quando o anticristo subir ao poder, obrigando os homens a aceitarem o seu impio domínio, começando sua tentativa de destruir a igreja de Deus e a verdadeira fé revelada, será necessário que os homens piedosos lhe façam oposição. Paulo não poderia mesmo ter pensado de outra maneira, ainda que, excluindo a idéia absolutista, ele teria confirmado o «direito divino dos reis».

Esperamos ver o anticristo ainda em nossa geração, porquanto muitos pensam que ele terá subido ao poder, por volta de 1992, de conformidade com certas indicações extrabíblicas. Seja como for, quando o anticristo aparecer, teremos a obrigação moral de nos opormos a ele, cada qual à sua maneira, cada qual em sua posição social, conforme as suas oportunidades individuais e conforme ditarem as necessidades. Em tempos normais, entretanto, devemos tomar os mandamentos paulinos aqui exarados, acerca de nossas obrigações para com o governo civil, a sério e absolutamente.

### II. A Subjeção de Todos

Rom. 13:1: *Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as que existem foram ordenadas por Deus.*

A teologia judaica concordava de modo perfeito com essa forma de declaração, pelo menos em termos gerais e quanto à sua filosofia básica. Segundo o sistema teológico judaico, Deus era tão fortemente salientado como a grande e única causa que, virtualmente, não havia lugar para quaisquer causas secundárias. Deus, pois, era considerado não somente a causa primária, mas também o princípio total de causa, como causa primária, formal, eficiente e final. Nele é que todas as coisas teriam origem e nele todas

## GOVERNO, INSTITUIÇÃO DE DEUS

as coisas encontrariam o seu alvo. Nele todas as coisas encontram o seu plano (causa formal) e através dele todas as coisas são produzidas ou realizadas (causa eficiente). Naturalmente, de acordo com tal ponto de vista, o poder civil, nacional, estadual ou cidadão, só podia ser encarado como um poder delegado por Deus. Se assim não fosse, então é que haveria causas estranhas à pessoa de Deus, e isso a teologia judaica não podia aceitar.

Observemos esta passagem, abaixo citada, da Sabedoria de Salomão (6:1-5), escrita em cerca de 50 A.C. a 40 D.C., que reflete o pensamento judaico sobre os governantes terrenos:

*Pois vosso domínio vos foi dado da parte do Senhor, E vosso senhorio do Altíssimo.*

*Ele examinará vossas obras e sondará vossos planos; Pois sendo servos de seu reino, não julgastes retamente,*

*E nem observastes a lei,*

*E nem seguistes à vontade de Deus.*

*Ele virá contra vós terrível e repentinamente,*

*Pois um juízo severo atingirá os que estão em lugares altos.*

(Tradução de Goodspeed, aqui vertida para o português).

O fato de que Deus instituiu autoridades governamentais tem uma *dupla aplicação moral*, a saber:

1. As próprias autoridades civis estão na obrigação de reconhecer a origem de seu poder, governando de conformidade com a justiça, no temor de Deus; porque, se assim não agirem, aguarda-as um mui severo julgamento. (Esse é o ponto de vista salientado pelo escritor do livro apócrifo *Sabedoria de Salomão*, citado acima).

2. As pessoas sujeitas ao governo civil devem obedecer ao mesmo como se estivessem obedecendo ao próprio Deus, reconhecendo que a autoridade que possuem lhe foi conferida por Deus. Assim, quem obedece aos governantes humanos, naquilo que é justo, obedece, ao mesmo tempo, a Deus.

A aplicação dessas verdades é bem clara, portanto: «Todo homem esteja sujeito...» Há traduções que dizem *alma*, em vez de «homem»; mas o emprego da palavra *alma* refere-se aos homens simplesmente como criaturas vivas, sem nenhuma referência especial à porção «imaterial» do homem. Todo homem deve sujeitar-se às autoridades civis, e isso inclui, acima de todos, e não menos que os outros, aos crentes, visto que os discípulos de Cristo, acima de todos, devem mostrar-se ansiosos por obedecerem às autoridades civis devidamente instituídas. Todo o crente pertence a duas comunidades, a saber: a religiosa, que reivindica autoridade celestial; e a civil, que é a comunidade totalmente material e terrena. É verdade que isso pode criar muitos conflitos de consciência, sobretudo se a sociedade terrena mostrar-se anticristã em seu conceito e funções. Não obstante, Paulo não aborda aqui as várias possibilidades de exceção no tocante à obediência devida às autoridades civis, mas meramente lança uma regra geral, a ser seguida em tempos «normais».

Paulo declara essa proposição inteira de forma *inequívoca*. E isso é bom, porque se ele tivesse começado a descrever exceções, sem dúvida muitos sentir-se-iam impelidos a se apegarem a essas exceções, pervertendo-as segundo os seus próprios desejos, de conformidade com sua conduta má, em vez de se aterem aos princípios teológicos fundamentais. As regras aqui estabelecidas por Paulo, naturalmente, se aplicam a circunstâncias normais ou relativamente normais. No caso de surgirem situações

de radicalismo, entretanto, como sucedeu durante a Alemanha nazista, ou conforme se espera que venha a acontecer na futura Grande Tribulação, sob o domínio ímpio do anticristo, então será mister que os crentes se oponham a tal governo ímpio, continuando a obedecer a Deus e não prestando obediência a homens perversos.

Todo o conceito aqui exposto requer a fé na **providência divina**, que determina os acontecimentos no seio da humanidade. Poderíamos recordar a história de José, filho de Jacó, que foi traído pelos seus próprios irmãos, tendo sido vendido como escravo no Egito. Ali chegando, teve tremendas dificuldades com a esposa de Potifar. Contudo, triunfou sobre todos esses obstáculos, e chegou a reconhecer plenamente a mão de Deus em todas aquelas tão exasperantes vicissitudes. Assim, em Gên. 45:5, vemos que Deus enviou José ao Egito, antes de seus irmãos, a fim de lhes *preservar a vida*, porquanto, através da sabedoria e prudência de José, houve alimentos suficientes para o grande período de fome. Em Gên. 45:7 aprendemos que José também foi para ali enviado de antemão a fim de preservar uma «posteridade» na terra, especialmente a posteridade de Israel, através da qual surgiria o Messias. Em Gên.45:8, verificamos que José foi feito como que «pai» de Faraó, havendo obtido a sua simpatia e favor, a fim de que tocas essas coisas pudessem ter realização. Em Gên. 45:9 notamos que José foi feito senhor de todo o Egito, a fim de que o plano divino pudesse concretizar-se por seu intermédio. E, finalmente, em Gên. 50:20, descobrimos que aquilo que se pensou de mal contra José, pelos seus próprios irmãos, teve por finalidade dar lugar a Deus mostrar a sua bondade, «salvando em vida a muita gente».

**Poderíamos concluir**, através desse e de outros exemplos bíblicos, que até mesmo as más ações dos homens, mediante a aplicação da vontade de Deus, podem redundar e realmente redundam para o bem dos homens. Deus faz intervenção e vence o mal até mesmo nos casos onde o mal fora cuidadosamente planejado pelos homens, o que nos autoriza a dizer que, em sentido secundário, Deus usa até mesmo o mal para o bem. Todas essas considerações fazem parte desta doutrina de Paulo, no tocante ao estado.

As palavras do Apóstolo, por conseguinte, quase nunca deixam de ter alguma relevância para os crentes, no que concerne à relação destes últimos para com o estado, embora apareçam outras ocasiões em que será necessário o crente dizer: «Importa mais obedecer a Deus do que aos homens». Em todos esses casos de exceção, contudo, deve haver algum conflito real de consciência, e não apenas alguma debatida questão pragmática.

Conforme dissemos acima, algumas traduções dizem, no princípio deste versículo, «*Toda alma esteja sujeita...*», em vez de «*Todo homem...*», conforme vemos nesta versão portuguesa que serve de base desta enciclopédia. Aquela tradução, que está mais de conformidade com o original grego, reflete, contudo, um hebraísmo, cujo sentido não é mais do que «*tudo homem*». Esse mesmo fenômeno reaparece em Atos 2:43 e Rom. 2:9. O que se salienta nisso é a «*individualidade*». É como se Paulo houvesse dito: «*Todo indivíduo esteja sujeito...*», não querendo ele dar a entender que essa obrigação envolve somente a comunidade religiosa cristã.

Paulo não se oporia à modificação e alteração nas normas do governo civil, mas sem dúvida não daria seu apoio somente ao tipo «*pacífico*» de revolução. Na verdade, porém, ele nem aborda essa questão. O que

## GOVERNO, INSTITUIÇÃO DE DEUS

ele faz aqui é opor-se à «iniquidade». Os protestos devem ser feitos *legitimamente*, dentro das estruturas existentes, que dão margem a modificações. O cristianismo, como uma fé pessoal e como uma doutrina ética, bem como na qualidade de uma força espiritual, jamais foi politicamente revolucionário.

A despeito do governo eclesiástico, amoldado segundo os padrões bíblicos e neotestamentários, seja essencialmente democrático, conforme fica amplamente demonstrado na narrativa do livro de Atos, o cristianismo não tem por intuito combater contra uma forma de governo em favor de outra forma qualquer. Os crentes que vivem em diversos países, onde imperam formas de governo às vezes tão díspares, têm toda a obrigação de respeitarem e obedecerem às suas respectivas autoridades civis. Uma vez mais, entretanto, o espírito do amor cristão pode servir de instrumento na modificação da forma de governo, embora isso não seja nenhuma função direta da igreja. Somente como consequência indireta é que essa transformação social para melhor tem lugar. O alvo primordial da igreja de Cristo é o de propagar o reino espiritual de Deus. Erram os pregadores cristãos que, no púlpito, se imiscuem nas questões políticas, a menos que o façam para combater os abusos humanos contra a vontade expressa de Deus.

### Pacifismo?

Este versículo tem sido usado em apoio ao serviço militar prestado por crentes. Naturalmente, não há nenhuma relação direta com o que aqui é dito com essa idéia surgida apenas recentemente na história da igreja cristã. Não obstante, poder-se-ia dizer que este versículo dá mais apoio à idéia da militância, já que quase todos os governos civis requerem o serviço militar dos seus cidadãos.

É interessante que os crentes em geral, através da história da igreja, não têm sido pacifistas. Não obstante, os pacifistas têm alguma razão em seu respeito pela vida humana, que pode ultrapassar seu senso de dever para com as obrigações dos cidadãos a seu governo. Certamente é errado matar. E certamente é um erro moral de proporções gigantescas um país enviar homens para conquistar a outro. Não se pode negar que a violência e a guerra são males próprios da humanidade. É possível que a melhor solução para o crente, nessa conjuntura, seja que ele não se deve recusar a servir no exército de seu país, mas, no caso de alguma guerra injusta, se recuse a pegar em armas. Poderia servir no corpo médico, como motorista de caminhão, ou fazendo qualquer outra coisa não diretamente ligada à função precípua de liquidar o inimigo. Caso esse outro serviço se torne impossível para ele, resta-lhe o outro único recurso de apelar para a sua consciência, fazendo o que lhe parecer melhor; porquanto, esta passagem do décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos *não* nos fornece qualquer orientação definida acerca dessa questão. Não há tal orientação porque Paulo não estava considerando a eventualidade das exceções, quando escreveu esta seção de sua epístola aos Romanos. Antes, opunha-se ele à iniquidade, e não escrevendo alguma constituição que governasse todas as ações dos crentes no tocante à sua atitude para com as autoridades civis.

«Há grande necessidade, em nossos dias, de enfatizar, perante todos os crentes, essa solene exortação do apóstolo (Paulo). O desregramento, o desprezo às autoridades, nos têm sobrevivendo como um dilúvio. Esse desregramento (anomia) é a essência mesma do pecado. ...'desregramento': o espírito que se recusa a deixar-se controlar, e que Deus definiu como pecado! ...'desregramento' está acima e abaixo

de toda a desobediência à lei».

«Não vemos por toda a parte os sinais de que a iniquidade ou desregramento dos últimos dias está vindo sobre nós. Na infidelidade aos tratados, por parte das nações; no desrespeito à antiqüíssima honestidade aos contratos particulares; no 'rompimento' de todos os controles paternos por parte de nossa 'juventude transviada'; na pressa com que os 'expressionistas' desdenham dos antigos princípios morais, como se fossem princípios obscurantistas; na aplicação de nomes 'modernos' ao adultério e à lascívia, como 'carícias', 'experiência sexual', etc., no dilúvio de revistas que exploram temas violentos e sexuais, sem falarmos nas novelas de 'mistérios'; na indisposição demonstrada pelo público em realmente 'punir' o crime, mostrando simpatia geral para com o pecador!» (Newell, *in loc.*).

### III. Consequências da Desobediência

Rom. 13:2: *Por isso quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus, e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação.*

O poder vem de Deus, a autoridade vem de Deus, o domínio vem de Deus, porquanto Deus é sempre visto como a causa única e exclusiva de tudo. Por essa mesma razão é que a desobediência a poderes secundários (nomeados por ele), à lei (efeitos de sua lei eterna); às autoridades (delegadas pela autoridade máxima de Deus), às potestades (extensão do monarca de todos os mundos) é desobediência ao próprio Deus. Uma vez mais, neste versículo, Paulo está pensando em tempos *normais* ou relativamente normais, não levando em consideração quaisquer exceções históricas necessárias. Posto que a resistência às autoridades civis atrai contra o transgressor o juízo divino, sendo uma verdade tão comum que chega a ser uma máxima, pode-se esperar que os crentes, que pertencem ao reino celeste, com justiça serão punidos pelos governantes terrenos, se porventura resistirem erroneamente à sua autoridade, e isso com toda a justiça. E isso é assim porque o poder divino que autoriza os governos, igualmente autoriza o castigo que esses governos devem impor à iniquidade.

*Se opte.* No original grego, trata-se de uma palavra cujo sentido é «lançar em batalha contra». Encontramos aqui a idéia de uma resistência formal, planejada, proposital. Paulo fala sobre a desobediência e a iniquidade propositais, e não meramente acerca de algum lapso accidental na obediência. É conhecido nos registros históricos mundiais que, na cidade de Roma, houve perturbações provocadas por facções religiosas, não sendo de forma alguma impossível e, de fato, é perfeitamente provável, que alguns cristãos, e não somente judeus, tivessem sido envolvidos em levantes de menor monta e em atos de desrespeito à autoridade civil. Roma punia tais rebeldias, e com justiça, seguindo a opinião aqui expressa pelo apóstolo dos gentios. As grandes perseguições contra o cristianismo ainda não haviam rebentado, pelo que também Paulo não se referia a injustiças ou a tratamentos desumanos contra a igreja cristã de Roma. Se porventura esse apóstolo houvesse escrito uma geração mais tarde, quando já se tinham tornado comuns esses atos de desumanidade contra os cristãos, perpetrados por figuras exponenciais do governo romano, e mesmo por ordem imperial, mui provavelmente, Paulo teria feito algumas modificações no teor do texto deste conselho geral. Foi oportuno, entretanto, que o décimo terceiro capítulo desta epístola aos Romanos houvesse sido escrito em período de relativa tranquilidade para o cristianismo, de tal modo que as regras aqui baixadas por Paulo

## GOVERNO, INSTITUIÇÃO DE DEUS

têm uma aplicação mais geral e universal do que se tivessem sido escritas sob outras circunstâncias.

**Ordenação**, é palavra que se deriva de um verbo grego cujo significado é «pôr no lugar», algo formalmente firmado, como uma «lei» baixada pelo governo. Está em vista algo decretado com a devida consideração, que conta com o apoio decisivo da autoridade governamental. Tais «ordenações» os cristãos estão na obrigação moral de observarem, até mesmo mais do que os incrédulos, os quais não possuem princípios teológicos especiais que sirvam de base para suas ações, e que obedecem às autoridades por motivo de considerações puramente terrenas, e não por considerações «espirituais», como é o caso dos crentes.

**Condenação**. No original grego, é usado aqui o termo comum que significa «julgamento». Mui provavelmente é indicada aqui uma *sentença judicial*. Esses pronunciamentos judiciais são autorizados por Deus, tal como o poder de legislar é conferido a certos seres humanos. O crente, se porventura vier a ser punido pelas autoridades civis, devido a algum mal por ele praticado, não tem do que se queixar, porquanto tal punição terá sido uma retribuição divinamente autorizada, posta nas mãos do homem.

Não há qualquer referência aqui à *punição eterna*, conforme alguns intérpretes têm imaginado. Trata-se de um julgamento civil, por causa de crimes de natureza civil. Não obstante, trata-se de um julgamento «divino», no sentido de haver sido autorizado por Deus.

Desconsiderar a lei e os castigos legais impostos pelo estado é deixar subentendido que nosso próprio bem-estar pessoal é mais importante que o bem-estar da sociedade. Assim fazendo estaríamos exaltando as nossas preferências, nossos desejos egoístas, acima da ordem e da higidez do estado. Porém, se propositadamente estabelecemos um estado doentio através de crimes privados, então, finalmente, como indivíduos, nós mesmos seremos os grandes prejudicados. Sócrates, no diálogo platônico intitulado «Crito», demonstrou que tudo quanto possuímos devemos aos nossos respectivos estados. Mediante o estado é que temos vida, nutrição, educação, etc. Alegrem-se recebemos seus benefícios. Como, pois, nos recusaríamos a receber suas justas punições, suas tentativas de manutenção da ordem social? Se todos fossem relapsos nesse ponto, o caos certamente seria o resultado.

O apóstolo Paulo não fazia aqui a tentativa de compor uma teoria sobre ciência política, mas estava baixando regras de «bom senso» acerca da conduta cristã.

É verdade que Paulo ensinara, em diversas de suas epístolas, que os seguidores de Cristo não estão *debaixo da lei*. Mas, ao assim dizer, referia-se a legislação mosaica religiosa, no que se refere às questões de soteriologia, e não com relação às leis civis, relativas à conduta diária do homem na sociedade. Contudo, através dos séculos, alguns elementos têm querido perverter a doutrina paulina, fazendo dele o capitão dos desregrados e rebeldes. Isso, entretanto, ele contradiz nesta passagem do décimo terceiro capítulo de Romanos.

### IV. O Bom Ministério

Rom. 13:3: *Porque os magistrados não são motivo de temor para os que fazem o bem, mas para os que fazem o mal. Queres tu, pois, não temer a autoridade? Faz o bem, e terás louvor dela;*

Este versículo torna ainda mais patente, conforme tem sido salientado nesta exposição geral, a começar

pela introdução a este décimo terceiro capítulo de Romanos, que Paulo falava pelo menos acerca de tempos *relativamente* normais. É de se esperar que aqueles que são elevados a postos de autoridade sejam suficientemente humanitários para baixarem leis essencialmente justas, pondo-as em vigor de modos essencialmente justos. O fato de que muitos governos, através dos séculos, não têm agido assim com justiça, não faz parte do escopo do argumento de Paulo. Antes, ele olhava somente para a situação contemporânea do império romano de seus dias. Porquanto estava bem lembrado de que, na qualidade de missionário cristão, com frequência havia sido livrado de elementos violentos e multidões de judeus fanáticos, por parte de oficiais romanos. Estava familiarizado com o governo romano no próprio império, e considerava-o geralmente justo.

Ao contrário do que têm pensado tantos, Paulo não estava olhando *profeticamente* para os tempos em que Nero e outros imperadores abusaram grandemente de sua autoridade (embora esse terror não estivesse longe de começar, e apesar do fato de que o próprio Paulo foi morto por causa dessas perseguições imperiais), quando assassinaram a milhares e milhares de cristãos inocentes, que nenhuma culpa tinham de todas as acusações que foram feitas contra eles. Quanto ao presente, Paulo tão-somente quis mostrar que, a fim de não temerem às autoridades, os crentes precisavam apenas mostrarem-se obedientes às leis civis.

«A atitude inteira expressa por Paulo, neste ponto, sugere a existência de súditos reais, isto é, *súditos* leis por convicção (devido à consciência) e, por conseguinte, leis sem importar se são tratados com justiça ou não em determinadas ocasiões. Outro tanto se verifica na primeira epístola de Pedro (ver especialmente I Ped. 3:13)». (John Knox, *in loc.*)

É realmente significativo o fato de que a primeira epístola de Pedro foi escrita em um período muito mais difícil para os cristãos primitivos, quando as perseguições imperiais já haviam tido início, com grande fúria. No entanto, até mesmo nessa primeira epístola de Pedro o dever de obedecerem os cristãos às autoridades civis é lembrado aos crentes.

**Magistrados**. O plural mostra-nos aqui que Paulo fala em termos gerais. A obediência ao magistrado é algo deduzido como algo necessário, neste versículo, porque, ordinariamente, essa obediência produz resultados benéficos, ao passo que a atitude contrária, a da rebeldia, produz resultados desagradáveis e até mesmo trágicos. Paulo também deixa entendido que todos os crentes são pessoas interessadas pela paz e segurança, no que diz respeito às suas vidas diárias, e no que tange aos benefícios que o governo civil tem para oferecer aos seus cidadãos. Com este versículo podemos comparar a passagem de I Tim. 2:1,2, onde somos instruídos a orar «...em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito».

«O homem reto deve ser respeitador da lei civil, e não precisará temê-la. Sob um bom governo, debaixo de uma provisão legal sempre presente, o cidadão decente não precisará temer o que as autoridades civis possam fazer contra ele. Se porventura andar em temor, é que algo anda errado, ou com o próprio estado, ou com a compreensão acerca do devido papel e escopo do governo humano. Porém, sempre que a higidez do estado for considerada como ponto pacífico, podemos supor que o homem que teme à autoridade é igualmente um homem mau e culpado. E andar-á apreensivo com toda a razão. Entre ele e a

## GOVERNO, INSTITUIÇÃO DE DEUS

comunidade em que vive terá de existir um antagonismo constante. Seu tipo de vida não pode ser reconciliado com os princípios da ordem pública. À base desse fato, o apóstolo Paulo oferece-nos um bom exemplo de conselho prático. Se alguém quer viver isento de receio das autoridades constituídas, acima de suspeitas, não pratique o mal. Porém, em adição à sua capacidade de restringir negativamente os maus cidadãos, o estado pode oferecer encorajamentos positivos. A aprovação daqueles que estão em autoridade é mais do que uma alternativa ao medo; e Paulo menciona essa questão como uma digna seqüência à nossa conduta correta». (Gerald R. Cragg, *in loc.*)

«As falhas ocasionais da justiça por parte das autoridades executivas, não nega que a administração estrita da justiça seja menos apropriada como seu dever e ofício». (Sanday, *in loc.*)

Rom. 13:4: *porquanto ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizerdes o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador em ira contra aquele que pratica o mal.*

Comparando-se com essas palavras, devemos levar em conta a mensagem do trecho de Rom. 11:32. Todos os decretos e todas as ações de Deus, de alguma maneira, estão vinculados à justiça e ao benefício dos homens. De conformidade com essa idéia, podemos igualmente supor que visto o governo humano ter sido estabelecido por Deus, deve haver alvos benéficos, associados ao mesmo. As autoridades, por conseguinte, são «ministros de Deus», porquanto à sua própria maneira, e dentro de sua própria esfera, são instrumentos de Deus. Ora, sendo as autoridades instrumentos nas mãos do Senhor, e sendo Deus o princípio mesmo da bondade, é evidente que tal governo deve visar ao benefício, e não detrimento da sociedade. Paulo dá prosseguimento aqui as suas *declarações gerais*, referentes a «períodos normais», ao fazer esta exposição sobre o assunto, sem jamais olhar para o lado das possíveis exceções.

**Bem.** Trata-se do mesmo louvor que aparece no versículo anterior. O bem social em geral é aqui focalizado. O apóstolo subentendia uma vida caracterizada pela paz e pela prosperidade relativa, que é o objeto de todo o bom governo. Pelo menos os crentes devem ter a esperança de serem deixados em paz pelas autoridades, para que possam prosseguir em suas buscas espirituais, porquanto, apesar de viverem espiritualmente separados da sociedade, fazem parte integrante dessa sociedade no que tange às questões práticas da vida diária. O bom cristão, por conseguinte, pode esperar ter oportunidade de mostrar-se ativo na sociedade, conforme é desejável e útil. Os magistrados deverão de observar homens honestos, lançando mão deles para funções úteis. Tais funções visarão ao benefício tanto do crente individual como do bem-estar da sociedade inteira em que habita tal crente. Todas essas noções, portanto, podem ser incorporadas dentro da palavra *bem*, que aparece neste versículo.

Por outro lado, há também a *espada*, símbolo da vingança e do castigo. Que nenhum crente, visto ter dado sua lealdade ao país celestial, venha a supor insensatamente que estará isento da punição por parte das autoridades civis, se porventura vier a errar, porquanto esse direito pertence às autoridades, por direito divino. As autoridades podem tornar-se «vingadoras», agindo em lugar de Deus, que se vinga do mal, e isso com a finalidade de punir o mal, onde quer que o mesmo seja encontrado, mesmo que seja encontrado na vida dos seguidores de Cristo, onde jamais deveria ser encontrado.

O governo humano se alicerça sobre a necessidade de ordem; e a necessidade de ordem subentende que alguém precisa brandir o direito de suprimir o mal. Não fora isso, o caos seria o único resultado.

*Espada*, que os magistrados brandem, não visa mera decoração, e nem serve apenas para ameaças vazias de sentido. Foi entregue para ser usada. O apóstolo, com isso, quer dizer que o castigo contra a maldade é algo necessário. Naturalmente, Paulo não estava defendendo a guerra e a violência, ao assim escrever; e também não falava contra o pacifismo, conforme alguns intérpretes têm suposto erroneamente. Esse tema dificilmente pode ser ventilado de conformidade com os termos constantes nesta seção do décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos. Paulo queria dizer *tão-somente* que aqueles que estão investidos de autoridade devem condenar e punir ao mal, com verdade e justiça.

### **Punição Capital:**

«O imperador Trajano, apresentou um governador provincial, que partia para a província que lhe cabia governar, com uma adaga. Nela havia a seguinte inscrição gravada: 'Para mim. Se eu merecê-la, em mim'». (Vincent, *in loc.*)

Por conseguinte, a «espada» serve aqui de símbolo da supressão do mal, de execução de juízo, tanto contra os cidadãos como contra as autoridades que errarem. Por isso mesmo manifestou-se Ulpiano como segue: «Aqueles que governam províncias inteiras, possuem o direito da espada». (*Jus Gladii*, i, 18,6 §8). Algumas vezes a espada serve de símbolo do direito de aplicar a «punição capital».

Alguns estudiosos pensam que o direito da «punição capital» é que está em foco nesta passagem. A Bíblia, naturalmente, não se opõe à punição capital; e, em vários trechos que se referem à sua aplicação, dá apoio à sua necessidade e legitimidade. Não obstante, não cabe aos «teólogos» decidirem se essa lei deve ser aplicada ou não em qualquer dada sociedade. Se uma cultura qualquer acha por bem eliminar de suas leis essa forma de punição, muito bem. Debaixo de Deus, essa cultura tem esse direito. Isso fica subentendido nesta passagem, porquanto os magistrados, os legisladores, recebem seus poderes por decreto divino, embora possam deles abusar.

É claro, com base nesta passagem, que a punição capital é sancionada pelas Escrituras. Ao mesmo tempo, a sua abolição não é excluída, tal como a abolição da escravatura não estava excluída, se o desenvolvimento gradual do princípio cristão assim parecesse exigir. Porém, se a punição capital deve ser abolida ou não, isso é uma questão que cabe aos juristas, publicistas e estadistas decidirem. Os teólogos, como tais, não têm o direito de emitir parecer e tomar decisões em favor de uma ou de outra coisa.

**Para castigar.** Geralmente, a expressão grega por detrás desta tradução, refere-se à «ira de Deus», embora haja também várias exceções. (Ver essas exceções em Efé. 4:31; Col. 3:8; I Tim. 2:8 e Tia. 1:19 e ss). Está aqui em foco, portanto, a «ira de Deus», embora aplicada ou administrada através dos governantes terrenos. A ordem moral no universo requer a presença da *ira divina*; mas, na sociedade humana, ela é administrada através de seus «ministros» civis, as autoridades constituídas.

A referência à «espada», que há neste versículo, talvez tenha subido à mente de Paulo devido à *adaga* ou espada que os oficiais romanos traziam consigo, como símbolo de sua autoridade, o que incluía, necessariamente, o direito de punir. A *espada* é



## GOVERNO, INSTITUIÇÃO DE DEUS

considerada como símbolo do poder sobre a vida e a morte. (Ver Tácito, *História*, iii.68; *Dio Cásio*, xlii.27). Lemos a respeito de Antônio que ele jamais ficou um momento sem o acompanhamento desse símbolo de autoridade.

### V. A Boa Consciência

Rom. 13:5: *Pelo que é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente por causa da ira, mas também por causa da consciência.*

A moralidade cristã deve ser motivada por algo muito maior do que o temor do castigo. Esse temor talvez seja suficiente para algumas pessoas, mas isso não pode caracterizar o crente. Antes, o que o crente deve temer é o opróbrio que suas más ações podem trazer contra o nome da família divina. Mais do que isso ainda, porém, o apóstolo Paulo mostra-nos que o crente deve ser o melhor dos cidadãos, a nata mesma da sociedade, moralmente falando, porquanto possui motivos muito superiores para ser bom. Pois os crentes têm consciência que estão em contacto directo com o Espírito Santo e estão perante ele como responsáveis; e isso serve de testemunho íntimo que dirige os seguidores de Cristo, desviando-os do mal e conduzindo-os ao bem.

*Consciência.* A consciência humana, embora se utilize do veículo do cérebro físico, é uma faculdade espiritual, própria da alma. Trata-se da natureza inteligente e moral da alma. O homem, por ser um ente espiritual, tem comunicações naturais com o Espírito de Deus, e algumas vezes recebe iluminação da consciência divina quanto à natureza do mal. Tanto a razão como a intuição levam o homem a corrigir conclusões morais errôneas, quando o indivíduo mostra-se honesto, não sendo um pervertido proposital da consciência.

«A consciência só se manifesta a fim de mostrar-nos o caminho pelo qual devemos andar, mas, por semelhante modo, é dona de sua própria autoridade; ou, em outras palavras, é nosso guia natural, o guia que nos foi atribuído pelo Autor de nossa natureza; por conseguinte, pertence à nossa condição do ser; e é nosso dever conduzir-nos por essa vereda e seguir esse guia... trata-se de aquele princípio mediante o qual pesquisamos, e então aprovamos ou desaprovamos o nosso próprio coração, nosso temperamento e nossas ações. E deve ser considerado não somente aquilo que exerce sobre nós alguma influência, o que se poderia dizer acerca de todas as paixões, de todos os apetites inferiores; mas, semelhantemente, é algo superior, porquanto, com base em sua própria natureza, reivindica superioridade sobre todas as outras influências. E isso porque ninguém pode formar uma noção sobre essa faculdade, a consciência, sem levar em conta o *juízo*, a 'orientação', a 'superintendência'. Tudo isso faz parte constitutiva da idéia, isto é, da própria faculdade da consciência, pois lhe pertencem as funções de presidir e governar, devido à própria economia e constituição do ser humano. Se porventura tivesse força, tal como tem direito; e se porventura pudesse manifestar a sua autoridade, a consciência governaria de modo absoluto o mundo». (*Sermões II e III, Acerca da Natureza Humana*, bispo Butler).

Dependendo de como o espírito humano reage em relação ao Espírito de Deus, a consciência pode ser descrita das seguintes maneiras: 1. fraca (ver I Cor. 8:7,12); 2. má ou contaminada (ver Heb. 10:22 e Tito 1:15); 3. cauterizada (ver I Tim. 4:2); 4. pura (ver II Tim. 1:15); 5. livre de ofensa (Atos 24:6); e 6. boa ou honrada (ver Heb. 13:17 e I Ped. 3:16).

Paulo confiava, pois, que o crente dotado de uma

faculdade íntima e devidamente treinada, que reconhece instintivamente o bem e o mal, dando preferência ao bem, e que isso opera com relações aos assuntos do estado, envolvendo tanto as ações individuais como as ações sociais, e isso contribuindo para a feitura de cidadãos melhores, se viesse a fazer o bem, não teria nenhuma razão para temer as autoridades.

«Consciência e reputação são duas coisas. A consciência é devido a nós mesmos, e a reputação é devido ao próximo». (*Agostinho*).

«Existe outro homem, dentro de mim, que se ira contra mim». (Sir Thomas Browne, *Religio Medici*).

«Trata-se de voz suave e calma». (William Cowper, *The Task*).

«Uma boa consciência é um Natal constante». (*Benjamin Franklin*).

«Aquela coisa feroz que costumeiramente se chama de consciência». (Thomas Hood, *Lamia*).

«Não existe testemunha tão terrível, e nem acusador tão poderoso, como a consciência, que habita no peito de todo o homem». (Políbio, *Histórias*).

«O verme da consciência observa as mesmas horas que a coruja». (Schiller, *Kabale und Liebe*).

«Que o homem que não tem consciência sobre tudo, não confie em coisa alguma». (Laurence Sterne, *Tristram Shandy*).

### VI. Pagando o Preço

13:6: *Por esta razão também pagais tributo; porque são ministros de Deus, para atenderem a isso mesmo.*

Os impostos cobrados sobre terras e propriedades, sobre salários, sobre questões alfandegárias, sobre os serviços públicos, etc., são medidas necessárias para a boa ordem na sociedade. Todos os cidadãos se beneficiam das obras de um governo bem organizado e ordeiro; e é evidente que todo governo assim precisa de dinheiro para operar. A mera leitura dos evangelhos demonstra que vários dentre os judeus, sobretudo dentre o partido dos fariseus, mas envolvendo também outros dentre os partidos políticos radicais (como era o caso dos zelotes), pensavam que era um crime, cometido contra Jeová, pagar tributo a um governo estrangeiro, embora o governo essencial da Palestina fosse o império romano. E isso provocou muitas perturbações de ordem nos dias do Senhor Jesus e posteriormente, tendo sido uma das principais causas de levante gigantesco dos judeus nos anos 790 e 132 D.C., quando os exércitos romanos destruíram a cidade de Jerusalém e grande parte da Palestina.

Mas o Senhor Jesus favorecia o pagamento de impostos, até mesmo a um governo estrangeiro, conforme o governo romano era considerado pela maioria dos judeus. (Ver Mat. 22:21; 17:25-27; Luc. 20:20-25). E o apóstolo Paulo tomou o lado do Senhor Jesus em favor do pagamento de impostos por parte dos cidadãos crentes, sem importar se tal pagamento fosse feito a um governo *pagão*, não-judaico e não-cristão, conforme era o caso dos crentes que habitavam na cidade de Roma, que estavam na obrigação de pagarem taxas e impostos ao governo romano.

**Não obstante**, Paulo não aborda a questão dos abusos na taxação, o que sempre foi motivo de discórdias, através da história, tendo causado muito derramamento de sangue e muita miséria entre os homens. Paulo não haveria de negar a existência de tais abusos, e nem haveria de ser inimigo de reformas, tanto que estas fossem feitas sem violência, e de acordo com os devidos processos da lei. De outro modo, a sua atitude, indubitavelmente, seria que é

## GOVERNO, INSTITUIÇÃO DE DEUS

melhor que um crente seja explorado do que venha a contribuir para adicionar mal ao mal, mediante violências ou vinganças individuais ou coletivas. À sua maneira típica, entretanto, Paulo estabelece uma regra geral no que diz respeito a questão, neste cap., sem olhar de um lado para outro, apresentando exceções possíveis a essa regra.

Quase nem precisamos frisar que existem muitos crentes desonestos acerca das questões de dinheiro, os quais, à semelhança dos incrédulos, enganam o fisco acerca das deduções de impostos, afirmando terem ganho menos do que ganharam. Aqueles que assim fazem, «furtam» o governo do dinheiro que lhe pertence por lei; pelo que também não são menos culpados, moralmente falando, do que os ladrões que invadem algum empório e, mediante a violência, se apossam do que não lhes pertence. Tão-somente mostram-se mais calmos e ordeiros. Não obstante, é claro que Paulo não queria que fossemos «ladrões calmos e ordeiros», mas antes, não queria que furtássemos sob hipótese alguma. O crente que faz assim, embora não seja violento em sua desonestidade, não é menos desonesto que aquele que se mostra violento em seus assaltos contra a propriedade alheia.

Podemos observar, uma vez mais, que Paulo chama os oficiais do governo de *ministros*; porquanto dão atenção contínua a *este serviço*, isto é, o serviço público. Essas palavras podem significar o seguinte:

1. O serviço do tributo.

2. As ministrações públicas em geral, que requerem taxação.

A segunda possibilidade concorda melhor com o contexto em geral, mas a primeira dessas possibilidades tem recebido a aprovação da maioria dos comentaristas bíblicos. Neste último caso, deve-se pensar que a coleta de tributos era um serviço honroso, até mesmo delegado aos homens. Geralmente não é assim que olhamos para essa questão; a despeito do que se trata de uma grande verdade. A maioria dos intérpretes, contudo, prefere a interpretação mais ampla. Esses funcionários públicos, em todas as suas atividades governamentais, são ministros de Deus. Por essa razão, merecem o salário que recebem, e precisam e merecem o dinheiro que se utilizam em suas atividades em benefício da sociedade.

Paulo também parece haver expresso a idéia de que o pagamento de impostos, por si mesmo, é um feito digno dos crentes, não apenas para que cumpram seus deveres e sejam honestos, mas igualmente por visarem ao benefício da sociedade em que vivem. Todo o crente, por conseguinte, deve ansiar por desempenhar esse papel, embora com algum sacrifício pessoal.

**Ministros.** Esta é uma palavra que no original grego é usada mais freqüentemente em conexão com o culto religioso, com os sacerdotes, etc. O governo humano, pois, é elevado à esfera da religião, porque esses homens, não menos do que aqueles que cuidam diretamente das questões espirituais, são servos de Deus. Portanto, merecem o que recebem, e precisam de dinheiro para o trabalho que desejam realizar em benefício da coletividade. No grego posterior, entretanto, esse vocábulo passou a ser comumente usado para indicar os servos militares, os servos dos reis, bem como aqueles que serviam nos templos religiosos (uso esse que aparece no trecho de Heb. 8:2). Por essa razão dizemos que talvez Paulo não tivesse querido dizer nada de especial com seu uso, porquanto poderia ser um serviço amplo o que estava na mente do apóstolo, tal como nossa palavra

moderna *ministro*, que não subentende necessariamente qualquer serviço religioso. É interessante que Paulo se utilizou dessa palavra para indicar a si mesmo como o servo de Cristo, no trecho de Rom. 15:16. Também alude a Epafrodito, nessa mesma capacidade, em Fil. 2:25, ainda que, naquela passagem, ele seja descrito como servo de Paulo. No original grego o vocábulo é «leitourgos», o qual, como é óbvio, está vinculado ao nosso termo moderno, *liturgia*.

«A mesma comissão que outorga ao estado o direito de restringir e de castigar, também lhe confere o direito de exigir subsídios de seus membros, a fim de realizar as suas justas operações; são *ministros de Deus*, são seus «leitourgoi», palavra esta com freqüência usada em relação ao serviço sacerdotal, o que certamente é sugerido aqui, visto que são autoridades civis, as quais, em seu trabalho, fazem um serviço de natureza quase religiosa, dentro da ordem divina das coisas; são ministros de Deus, e com essa exata finalidade perseveraram em suas tarefas, já que labutam na administração, executando, conscientemente ou não, o plano divino que visa a paz social».

«Temos aqui um mui nobre ponto de vista, que envolve tanto os governados como os governantes, com base no que podemos considerar os problemas prosaicos e as necessidades das finanças públicas. Assim compreendidos, os impostos são pagos não com um assentimento frio e compulsório a uma cobrança mecânica e, sim, como um ato que está de conformidade com os planos de Deus. E esses impostos são planejados e exigidos, não meramente como expediente para ajustar o orçamento, mas como algo que a lei de Deus mesma sanciona». (Moule, *in loc.*)

Rom. 13:7: *Dai a cada um o que lhe é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra.*

A ênfase paulina sobre as questões monetárias, no tocante às relações entre o crente e o estado, sugere-nos que esse foi um dos pontos delicados que provocaram a sua atenção especial sobre o assunto. Os cristãos de Roma, que professavam o nome de Cristo e que se mostravam piedosos em sua congregação local, exerciam os dons espirituais, mas, ao mesmo tempo, ignoravam os impostos que deveriam pagar, pagando menos do que lhes era exigido, e isso através de meios escusos e desonestos. Ora, essa atitude não é coerente com a consciência cristã. Os intérpretes bíblicos não têm conseguido harmonia, em seus pontos de vista, acerca das distinções que devem haver entre as palavras usadas pelo apóstolo Paulo, *tributo*, e *imposto*; mas abaixo expomos as idéias principais a respeito:

1. O tributo seria as taxas diretas, que fariam contraste com os impostos, que seriam taxas indiretas.

2. Mas outros pensam que a palavra «tributo» indica o dinheiro cobrado por alguma nação estrangeira dominadora, ao passo que o termo *imposto* indica as taxas ordinariamente cobradas dos cidadãos de um país pelo seu próprio governo.

3. Existem estudiosos que revertem esse sentido. Tributos seriam os impostos cobrados por um governo de seus próprios cidadãos, ao passo que os impostos seriam as cobranças feitas por uma potência estrangeira aos cidadãos de um país dominado.

4. Ainda outros eruditos pensam que o «tributo» seria o «genus», isto é, as taxações em geral, ao passo que os *impostos* indicariam espécies distintivas de taxas.

## GOVERNO — GOVERNO MUNDIAL

5. Ainda outros intérpretes pensam que a palavra «tributo» significa as taxas cobradas de indivíduos, sobre suas «pessoas», ao passo que o vocábulo «imposto» indicaria as taxas sobre propriedades, mercadorias, etc.

Na realidade, não há meio para determinarmos exatamente a diferença entre essas duas palavras usadas por Paulo, *tributo* e *imposto*, e nem tal distinção realmente se reveste de qualquer significado especial. Paulo estava falando acerca de todas as formas de questões monetárias que afetam os crentes em relação ao governo humano, exigindo o apóstolo que os crentes se mostrem honestos sobre todas essas questões.

«O ideal expresso pelo apóstolo Paulo não confunde igreja e estado e nem os põe em antagonismo um contra o outro; mas antes, coordena-os apropriadamente dentro dos princípios éticos cristãos. O romanismo subordina o estado à igreja; o erastianismo (como o fazem atualmente o fascismo e o comunismo) subordina a igreja ao estado, usualmente confundindo-os; e o puritanismo também os confunde, embora mais como se se tratasse de um princípio teocrático reconhecido». (Schaff e Riddle).

«Se um homem habituar-se a desrespeitar as «personagens oficiais», não demorará a sentir-se inclinado a dar pouco respeito ou obediências às próprias leis». (Adam Clarke, *in loc.*).

**Respeito.** Algumas traduções preferem dizer *temor a quem temor*, o que expressa o original grego mais literalmente. Mui provavelmente está em foco um *temor respeitoso*, o que seria uma atitude natural para com aqueles que governam, os quais têm o direito de punir, de aprisionar e de impor diversas formas de julgamento contra os malfetores. Os crentes devem ter esse respeito não somente por «temor», mas também por motivo de consciência, conforme diz Paulo no quinto versículo deste capítulo, porquanto a consciência cristã formada é que deve dirigir todas as ações dos crentes no tocante ao estado.

**A quem honra, honra.** Aqui a idéia é a de uma atitude de reverência para com os que estão investidos de autoridade. Pedro chega a dizer-nos que devemos honrar a todos (porquanto todos os homens foram feitos à imagem de Deus), e que devemos *amar* à irmandade; mas também diz Simão Pedro que devemos *temer* a Deus e *honrar* aos reis. A atitude cristã deve exigir todas essas atitudes, porquanto todo homem é potencialmente transformável segundo a imagem de Cristo, sendo possuidor de uma alma imortal de valor tremendo. Não obstante, aqueles que são *ministros* de Deus, porquanto fazem a obra de Deus no nível da sociedade humana, conforme o apóstolo Paulo considerava que são as autoridades civis, merecem nosso respeito somente por essa razão, sem levar em conta qualquer consideração acerca do valor da alma humana.

### GOVERNO MUNDIAL

*Esboço:*

- I. As Nações Unidas
- II. Conflitos e Obstáculos Nacionalistas
- III. Os Ideais do Governo Mundial
- IV. O Governo Mundial e as Profecias

*Declaração Introdutória*

O *estoicismo* (vide) encarava os homens como cidadãos do mundo, e não de alguma única nação. Esse sistema exerceu influências sobre as leis romanas, levando a decisões legais favoráveis

aos estrangeiros, — os quais, tradicionalmente, recebiam uma posição de segunda categoria nas nações onde estivessem jornadeando. Einstein (vide), chamava o nacionalismo de *sarampo* de uma nação, indicando com isso que as nações que promovem o nacionalismo são apenas crianças pequenas, que adquiriram uma doença própria da infância. Presume-se que, ao atingirem o estado de maturidade moral e cultural, serão capazes de conviver em paz, sob um único governo. A teoria política de Emanuel Kant concebia um domínio universal da lei. Esse ideal é relativamente fácil de descrever, mas nunca conseguiu prevalecer o governo mundial, nem mesmo na forma mais humilde. Alexandre, o Grande, era um universalista. Ele imaginava um estado mundial, mas a sua morte prematura não lhe deu uma oportunidade de ver o que poderia fazer nesse sentido.

#### I. As Nações Unidas

Ver o artigo separado sobre esse assunto. Ver também sobre a *Ordem Internacional*. A experiência tem demonstrado que as Nações Unidas, embora pareçam ser uma autoridade universal, estão longe de ser um governo mundial. E essa situação dificilmente mudará para melhor em breve. Há cerca de cento e cinquenta nações no mundo atual, e cento e trinta delas são membros das Nações Unidas. Porém, por sua própria definição, uma nação é um poder soberano, de tal modo que embora qualquer nação membro das Nações Unidas possa exercer pressão para que os países ajam de certa maneira, ela não pode forçar outras nações a fazê-lo. As Nações Unidas encorajam as negociações, mas as soluções não podem ser impostas. Qualquer membro da organização pode se retirar da mesma quando quiser. Outrossim, o caráter dessa organização fala sobre «o princípio da igualdade soberana de todos os seus membros» (artigo segundo, primeiro parágrafo). Enquanto esse artigo estiver em vigor, essa organização não poderá impor a subordinação que seria necessária para a formação de um governo mundial.

#### II. Conflitos Nacionalistas

Uma nação é uma tentativa para tornar homogêneo um povo, ou mesmo vários povos, formando uma única unidade. O caso mais notável é o da União Soviética, composta por cento e sessenta e nove grupos étnicos diferentes, no dizer da própria Academia Soviética de Ciências. Todavia, tal unidade nunca consegue ser perfeita, embora muitas nações componham-se, essencialmente, de vários povos unidos. A Checoslováquia é composta dos checos, que são celtas, e de eslavos. A despeito dos conflitos internos, em uma nação prevalece um certo patriotismo unificador. Uma nação representa um conjunto de ideais, de valores e objetivos culturais. Esses valores podem entrar em conflito com os valores de outros agrupamentos humanos, que podem ser bem diferentes. Consideremos esse tipo de conflito, conforme o vemos na Europa. Um dos primeiros presidentes dos Estados Unidos da América do Norte promoveu a conquista do continente norte-americano de uma costa marítima à outra, a fim de impedir a continuação, naquele continente, da situação existente então e até hoje na Europa. Consideremos os conflitos das nações latino-americanas com a nação irmã norte-americana, de cultura preponderantemente germânica. Profundas e reais diferenças separam os povos, — e nenhum poder conseguirá, em breve tempo, unificá-los. Uma nação desenvolve uma espécie de «alma», que caracteriza todo aquele povo. Essa alma é rica ou pobre, é agressiva ou pacífica, é idealista ou materialista, é democrática ou ditatorial, etc. Nem

## GOVERNO MUNDIAL

todos os povos estão equipados para o ideal democrático. E nem todos os países podem se adaptar à forma capitalista de economia, onde a iniciativa individual é uma necessidade imperiosa. Certos povos jamais poderão ser forçados a aceitar de bom grado um tipo de governo comunista ditatorial, o que requer o sacrifício dos direitos do indivíduo. Por outro lado, certos povos parecem preferir governos que tomem as decisões principais, dispondo-se a perder a liberdade individual, a fim de seus habitantes sentirem-se seguros, através da subordinação. Acrescente-se a isso que outras nações, como Israel, têm um profundíssimo senso de tradição, que, com freqüência, se mistura com assuntos religiosos. Essa é a razão pela qual a moderna nação de Israel não sente que pode sacrificar os territórios que ela adquiriu, e que pertenciam à antiga nação de Israel. A atitude deles é: «Se Deus os deu, que ninguém tente tomá-los!»

Não nos admiremos, pois, que a declaração de direitos das Nações Unidas dê aos membros do Conselho de Segurança o direito de veto. Sem esse direito, o mais provável é que a maioria das nações não se interessaria por se tornarem membros da organização.

Alguns dos problemas mais urgentes incluem como reconciliar a liberdade com a segurança; os valores do indivíduo com os valores da coletividade; os valores de certas nações particulares com os valores da maioria das nações; a reconciliação entre tão variegados ideais e aspirações; o conflito entre os ideais políticos. Além disso, infelizmente, certas teorias políticas, como a do comunismo, são declaradamente contrárias à religião, confessadamente atéias, em teoria e em seus atos. Bastaria esse fator para separar as nações por longo tempo, apesar dos melhores esforços dos universalistas. A liberdade e a segurança só podem ser reconciliadas em torno de Deus; e, se alguém deixa Deus do lado de fora, não haverá qualquer garantia de liberdade. Para enevoar ainda mais o quadro, temos o absurdo de certas nações que, em nome de Deus, fazem guerras e procuram impor sua vontade sobre outras, destruindo assim o ideal da liberdade, através da religião.

### III. Os Ideais do Governo Mundial

O ideal de um governo mundial é um sonho que persiste entre os homens. Porém, como todo sonho, mantém-se sempre fugidio. Uma lei universal, presumivelmente, eliminaria conflitos que provocam as guerras; também serviria de meio para uma distribuição mais equitativa de recursos; aliviaria o problema da pobreza, mediante esforços universais; garantiria que muito dinheiro fosse canalizado para projetos pacíficos, visto que as nações não mais estariam dependendo de fortunas imensas para se armarem até os dentes. Muitas indústrias poderiam desenvolver-se melhor. Haveria a unificação das comunicações e serviços, mediante a cooperação dos sistemas de informação via satélites. Os homens ficariam livres do temor da destruição súbita, e poderiam fazer planos a longo prazo quanto a projetos pacíficos. Ficaria eliminado o orgulho nacional, tão destrutivo e dispersivo; e, conforme Jesus deu a entender que deveria ser, o próximo de qualquer indivíduo seria aquele que estivesse padecendo alguma necessidade.

Autores e políticos têm tomado sobre si a tentativa de planejar algum governo mundial. Um exemplo desses é o de Grenville Clark e Louis Sohn, os quais, juntos, apresentaram suas idéias em seu livro *World Peace Through World Law*. Essa obra propunha que se fizesse uma revisão na declaração de direito das Nações Unidas. É ali reconhecido que qualquer

tentativa para produzir um único governo no mundo deve estar alicerçado sobre uma lei mundial *posta em vigor*. Haveria, pois, um único tribunal mundial, um único código de leis, e uma força policial mundial e permanente que, presumivelmente, fizesse as nações que se desviassem do reto caminho, voltarem ao bom senso. O total desarmamento de todas as nações da terra também faz parte desse planejamento. Várias organizações e comissões têm promovido suas respectivas versões sobre como um governo mundial poderia ser estabelecido. Poderíamos mencionar os Federalistas do Mundo Unificado, o Movimento Mundial, o Governo Federal Mundial e o Grupo Parlamentar Britânico para um Governo Mundial. Um nacionalismo teimoso, entretanto, tem conseguido frustrar todos os esforços nesse sentido. Adicione-se a isso que há vários outros graves problemas: os homens não têm a sabedoria suficiente, neste ponto da história, para criar, gerenciar e pôr em ação esses planos. O próprio homem é por demais defeituoso, moral e espiritualmente, para poder concretizar um ideal dessa envergadura.

### IV. O Governo Mundial e as Profecias

Os intérpretes futuristas vêem que um governo mundial está predito para os últimos dias, encabeçado pelo anticristo. O décimo terceiro capítulo do Apocalipse, que descreve a besta saída do mar (o anticristo), na opinião de muitos profetiza o aparecimento de uma poderosa figura política e religiosa que, por um breve período de tempo, conseguirá uma espécie de ressurreição do antigo império romano. As profecias parecem indicar que haverá uma espécie de união política de países ocidentais, que derrotará outra confederação política do Oriente. E assim, pelo menos durante um curto período de tempo, o anticristo elevar-se-á supremamente sobre todos, conseguindo impor um governo mundial ao preço de uma inigualável destruição.

Alguns estudiosos cristãos pensam que a Igreja será arrebatada antes desses acontecimentos; mas outros pensam que a Igreja terá de atravessar na terra esse período. Ver sobre a *parousia*. O que parece inegável é que, posto fim ao reinado de terror do anticristo, mediante a volta de Cristo, a nação de Israel surgirá como cabeça das nações, inaugurando o reino milenar de Cristo (espiritual ou literal?). O milênio (vide) representa uma realização genuína de um governo mundial, onde prevalecerão princípios espirituais. Para que isso ocorra, entretanto, a humanidade como um todo terá de ser transformada. Um homem mais universal e espiritual terá de substituir o presente guerreiro tribal. A missão do anticristo será importante, porquanto armará o palco para o milênio. Ele será, contudo, apenas um instrumento nas mãos de Deus, a fim de mostrar aos homens onde eles terminarão em sua rebeldia contra o Senhor.

O anticristo impulsionalará em conflito mortal as principais forças adversárias. Primeiramente a federação de dez reinos (o império romano redivivo; ver Apo. 17:12,13) contra a União Soviética e seus aliados. Em seguida, o anticristo encabeçará o mundo inteiro contra a China e seus aliados. A maciça destruição das nações preparará o caminho para uma ordem social, política e religiosa inteiramente nova. Os antigos ciclos históricos sempre terminam em destruição. E, das cinzas, emergem novos ciclos. O milênio será um desses novos ciclos históricos. Ver os artigos separados sobre *Milênio*; *Anticristo*; *Profecia*; *Tradição da, e a Nossa Época*.

••• ••• •••

**GOZÁ**

No hebraico, «alimento», «comida». Essa cidade é mencionada por cinco vezes no Antigo Testamento: II Reis 17:6; 18:11; 19:12; I Crô. 5:26; Isa. 37:12. Nossa versão portuguesa, tal como outras versões estrangeiras, dá a impressão, em três dessas cinco passagens, que se trata de um rio, e não de uma cidade. Os trechos que mostram que, na verdade, era uma cidade, são II Reis 19:12 e Isa. 37:12, onde aparece uma lista de cidades destruídas pelos assírios, nos dias do reinado de Senaqueribe.

Gozá era uma cidade da Mesopotâmia, localizada às margens do rio Habor, um tributário do rio Eufrates. Ficava a leste da importante cidade patriarcal de Harã, e a noroeste de Nínive, capital do império assírio. Muitos hebreus foram deportados para essa cidade, em 722 A.C., porquanto o reino do norte, Israel, ficou essencialmente devastado. Ver II Reis 17:6; 18:11; 19:12 e I Crô. 5:26. O nome assírio dessa cidade era *Guzanu*. O moderno *Tell Halaf* assinala o local dessa antiga cidade. Fica às margens do rio Kabur (no Antigo Testamento, Habor), onde o mesmo cruza as fronteiras entre a Síria e a Turquia, cerca de trezentos e vinte quilômetros a leste da extremidade nordeste do mar Mediterrâneo.

A partir de 1911, vêm sendo feitas escavações arqueológicas nessa localidade. Ali têm sido descobertas evidências de uma antiga civilização, que remonta cerca de 4000 A.C. Os arqueólogos ficam impressionados diante da qualidade e da beleza das peças de cerâmica ali achadas. Essas explorações arqueológicas também têm trazido à superfície tablets pertencentes aos séculos VIII e VII A.C., onde aparecem inscritos vários nomes de origem semita. Esses nomes poderiam estar relacionados à presença de exilados israelitas, que estariam vivendo ali, durante aquele período da história.

**GOZO**

Ver o artigo sobre a **Felicidade**.

**GRAAL, SANTO**

Ver sobre **Santo Graal**.

**GRAÇA**

Efé. 2:8: *Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus;*

**Observações Preliminares**

A palavra portuguesa **graça** vem do latim *gratus*, «agradável», «amável». As três graças clássicas da sorte, da fortuna e da providência (ver os artigos a respeito das três coisas) expressavam o conceito dos antigos sobre as graciosas operações do poder divino. Dentro da teologia cristã, a «graça» veio a indicar o favor divino, gratuitamente oferecido, com base na missão de Cristo, recebida através da confiança humana na Palavra de Cristo.

Os termos hebraicos e gregos traduzidos por «graça» envolvem um certo número de significações na Bíblia, a saber:

1. Beleza física, com formas graciosas (Pro. 1:9; 3:22).
2. O favor e a bondade divinos, para com os homens, ou então de um ser humano para com outro (Gên. 6:8; II Sam. 10:2; II Tim. 1:9).
3. A glória futura, a vida eterna em todo o seu potencial (I Ped. 1:13).

4. O evangelho, que anuncia a graça divina, em contraste com a lei mosaica (João 1:17; Rom. 6:14; I Ped. 5:12).

5. Os dons espirituais (no grego, *charismata*) (Rom. 15:15; I Cor. 15:10; Efé. 3:8).

6. As virtudes cristãs, como o amor, a liberalidade e a santidade, que também podem ser chamadas de «graças» (II Cor. 8:7; II Ped. 4:12).

7. A edificação espiritual, conferida pelo Espírito Santo, é uma graça (Efé. 4:29).

8. A nossa linguagem torna-se temperada com sal, quando serve para comunicar idéias que servem para edificar e para fomentar a santidade (Col. 4:6).

9. Ser alguém chamado para a graça é ouvir o anúncio do evangelho, possibilitando-o de receber os seus benefícios (Gál. 1:15).

10. O princípio da graça divina, em contraste com a lei e os méritos humanos, através de cujo princípio a salvação é oferecida aos homens. A misericórdia e a graça divinas são dadas aos homens sobre o fundamento da missão de Cristo, recebidas pela fé (Efé. 2:5,8; Col. 1:6). Esse aspecto da graça é que é discutido no artigo que se segue.

**Esboço:**

- I. O Vocabulo. No Grego, *Charis*
- II. Palavras que Indicam Graça
- III. Graça como Meio de Salvação
- IV. A Graça no Antigo Testamento
- V. A Graça no Novo Testamento
- VI. Graça como Atitude Divina para com o Homem
- VII. A Graça, Conforme é Vista na Igreja
- VIII. Sumário do Uso do Termo *Graça* no Novo Testamento
- IX. Descrições Teológicas das Operações da Graça
- X. Interpretações Históricas e Teológicas Sobre as Funções da Graça de Deus

**1. O vocabulo:** No grego é *charis*. A palavra traduzida por «graça» envolve muitos sentidos. Significa graciosidade, atrativos (ver Josefo, *Antiq.* 2,231), favor, cuidados ou ajuda graciosos, boa vontade (ver Atos 11:2; Rom. 3:24 e Gál. 1:15), saudação nas cartas, bênção expressa no fim das mesmas ou o desejo de bem-estar acerca dos leitores dessas cartas. Isso ocorre em todas as epístolas de Paulo, aparecendo ali os significados de aplicação prática da boa vontade, favor, dom graciosos, bênção graciosos (ver II Cor. 8:4,6 e ss, 19); favor divino e gratuito. Deus é o Deus de toda a graça (ver I Ped. 5:10; I Cor. 1:4 e II Cor. 4:15); pelo que esse vocabulo também indica os efeitos produzidos pelo modo graciosos como Deus trata com os homens (ver II Cor. 8:1; Rom. 1:5; 12:3; 15:15; I Cor. 3:10; Gál. 2:9 e Efé. 3:2) e também o sentimento de gratidão (ver Heb. 12:28 e Rom. 7:25).

**II. Palavras que indicam graça:** além do próprio termo grego, «charis», diversas outras palavras são aliadas ao mesmo, quanto ao seu sentido, e, com frequência, essas palavras são usadas em conexão com as ações graciosas de Deus para com os homens. A graça envolve temas como o «perdão», a «salvação», em seus aspectos inicial, progressivo e final, a «regeneração», o «arrepentimento», o «amor», a «longanimidade» e a «misericórdia» de Deus.

**III. A graça como meio de salvação.** O sistema soteriológico de **graça-fé**.

1. Esse é o conceito teológico da graça, mostrando como o mesmo opera na redenção do homem, usualmente em contraste com o sistema da «lei».

2. Isso incorpora as idéias dos vocabulos alistados

## GRAÇA

nos pontos I e II, acima, a saber, o livre-favor de Deus, os seus «dons» aos homens, a sua bondade incomensurável, etc., e tudo com base no próprio designio divino, e não no valor do próprio indivíduo.

3. Esse «livre-favor divino» é recebido (mas nunca merecido) mediante a fé, conforme nos ensina o presente versículo; e essa é a teologia padrão de Paulo.

4. A graça opera por causa do «amor» de Deus e através do mesmo, mas sempre com o tempero de sua «misericórdia». A graça é divina, e não tem sua origem no homem, ainda que a perversidade humana possa rejeitá-la ou anulá-la.

5. A graça é «mediada» pela eleição divina, isto é, o decreto de Deus, embora isso não elimine o livre-arbítrio humano. Porém, de que modo a eleição e o livre-arbítrio podem ser verdadeiros ao mesmo tempo, não sabemos dizê-lo. (Ver Rom. 8:29 e 9:15,16 quanto a uma discussão acerca do problema das relações entre o livre-arbítrio e o determinismo).

6. A graça, embora mediada pela eleição, opera universalmente, visando ao salvação de todos os homens (ver Rom. 11:32; I Ped. 3:18-20 e 4:6); e isso também mediante decreto e favor divinos. Também não sabemos como ambas as coisas podem ser uma verdade, mas aceitamos tal fato. Há um certo modo pelo qual Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, ainda que não saibamos explicar como isso sucede. As limitações do conhecimento humano, entretanto, não eliminam o valor da veracidade de certas proposições bíblicas. A fé pode ver e aceitar verdades mais elevadas do que pode fazê-lo a razão.

7. Dentro do sistema da graça-fé, Deus redime o homem de modo totalmente à parte de seus méritos pessoais, e não em cooperação com os mesmos, porquanto a salvação vem exclusivamente pela fé, independentemente de obras. (Ver Rom. 3:24,28 no NTI, no tocante a notas expositivas completas sobre a «justificação pela fé»).

8. Contudo, segundo certo ângulo, a graça e as obras são sinônimas. A salvação deve incluir, necessariamente, a «santificação»; e esta última, como é claro, tem de incluir obras santas. Outrossim, os galardões determinam a extensão da glorificação, e os mesmos estarão alicerçados sobre as *nossas obras*. Mas essas *obras* não são as obras da lei e nem têm qualquer alicerce sobre os méritos humanos. Antes, são aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5:22,23), sendo produzidos no homem pelo Espírito, à medida que este se transforma segundo a imagem de Cristo. Sem isso, ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14). Todavia, visto que essas «obras» resultam das operações do Espírito, nada tendo a ver com o poder e o mérito humanos, na realidade são exteriorizações da graça divina. Portanto, essas duas realidades espirituais são sinônimas, meras perspectivas diversas pelas quais contemplamos o mesmo processo. A «graça» assinala o fato de que o dom da salvação é algo totalmente «divino». As «obras», de acordo com a exposição acima, indicam aquilo que realmente é feito no homem e através do homem, pelo Espírito Santo. Não há qualquer contradição, pois, entre a graça e as obras, se ambas forem entendidas «espiritualmente». Essas «obras» não redundam em mérito humano, não se baseando na obediência à lei, considerada esta como um sistema. Pelo contrário, resultam da lei divina, escrita nas tábuas do coração. Operam segundo a «lei do Espírito», a força santificadora que atua sobre o crente (ver Rom. 8:2).

9. Cada passo progressivo da vida cristã se deve à graça. (Ver II Cor. 3:18, acerca do poder transformador do Espírito). A «chamada» vem pela graça (ver

Gál. 1:5); o «arrependimento» também se deve à graça (ver II Tim. 3:5); e a própria «fé» tem origem na graça, pois também vem do Espírito (ver Efê. 2:8 e Gál. 5:22).

10. A graça não elimina a obediência, mas antes, torna-a imperiosa (ver Rom. 1:5 e 6:17). A graça requer a «santificação», sendo a produtora desta última, porque é mediadora do poder do Espírito Santo, o qual é o agente dessas operações. A obediência e a santidade são meramente termos que apontam para a mesma realidade, a «santificação», mediante o que a imagem de Cristo vai sendo formada em nós. (Ver o artigo sobre a «santificação»).

11. Portanto, aquilo que realmente torna santos os homens não é a lei, e sim a graça, e a santidade de que o homem necessita é a própria santidade divina, a única que Deus pode aceitar nos seus remidos. (Ver Rom. 3:21 acerca da «santidade» ou «justiça» de Deus, dada aos homens dentro do sistema da *graça-fé*).

12. Portanto, ninguém pode começar pela graça e então passar a seguir a lei, como *guia* da conduta diária. A lei não pode guiar o crente, da mesma maneira como não poderia tê-lo salvo, a princípio. (Ver no NTI as notas expositivas em Gál. 3:3 quanto a essa idéia. Ver Rom. 3:18,20 e Gál. 3:19 acerca da verdadeira função da lei, onde se vê que ela não tem função salvadora, por ser-lhe isso impossível). A graça transcende ao poder da lei, e somente esse poder transcendental pode redimir, realmente, uma alma eterna. Dentro do sistema da graça-fé, o indivíduo se reveste de «Cristo», mediante a comunhão mística; e isso exige a sua santidade, e então a assegura, pois, do contrário, não terá ele sido salvo pela graça, sob hipótese alguma (ver Gál. 3:27). Mas o Espírito, que nos apresenta a Deus Pai, e nos torna filhos de Deus, garante a santidade e a salvação plena.

13. A salvação, portanto, é um processo místico, produzido pelo Espírito que vem habitar nos homens e ter comunhão com eles. Esse é um produto da graça, já que a lei jamais poderia proporcionar tal coisa.

14. O Espírito Santo leva os homens a viverem segundo a lei do amor, espiritualizando-os e levando-os a cumprirem a lei inteira (ver Gál. 5:13,14). A fé opera mediante o princípio do amor (ver Gál. 5:6).

15. A graça não elimina a lei da *colheita segundo a sementeira*, porquanto reforça a responsabilidade humana, em vez de eliminá-la. Na graça o indivíduo pode e deve ser santificado, pois, de outra maneira, nunca poderá ver a Deus (ver Heb. 12:14 e Gál. 6:7,8). A graça torna tudo isso possível, pois serve de mediadora do Espírito divino para com os homens. A lei nunca poderia mediar o contacto místico, porque somente mostrava o pecado, exigindo uma retidão que os homens não podem mesmo produzir.

16. A graça assegura que a salvação será finalmente completada nos remidos, no caso daqueles que tiverem confiado em Cristo, levando-os da conversão à glorificação final (ver Rom. 8:14-39). Se alguém desviar-se (o que as Escrituras ensinam ser possível), será trazido de volta, ou nesta vida física, ou além do sepulcro, em alguma dimensão espiritual, de tal modo que a promessa de Cristo se cumpra, tendo ele garantido que «nenhuma ovelha» se perderá. A graça é aquela medida constante e poderosa que jamais permitirá que se perca aquele que confiou em Cristo. (Ver o artigo sobre a *Segurança Eterna*). A *queda* é algo relativo à vida anterior às fronteiras eternas. Mas a «segurança» deve, finalmente, caracterizar o crente, porquanto «pertence» ele a Cristo, mesmo que do Senhor se tenha desviado e perdido contacto com o Espírito. Na graça, a «segurança» é absoluta, pois essa

## GRAÇA

é a promessa de Deus. Nada poderá separar-nos, *finalmente*, do amor de Deus, que há em Jesus Cristo, ainda que, temporariamente, nossa própria perversidade possa fazer tal coisa. Deus tem suas maneiras graciosas e convincentes de eliminar, por fim, essa perversidade humana.

17. Apesar de que a graça, naturalmente, como uma proposição teológica, se alinhe juntamente com a predestinação e a eleição, pois nelas todo o crédito da salvação humana é atribuído a Deus, o que a graça também declara, não é ela contraditória ao livre-arbítrio e à responsabilidade humana. Isso é confirmado tanto pela doutrina neotestamentária como pela experiência diária. A própria graça possibilita uma salvação universal (ver Rom. 11:32); e o seu produto, a cruz de Cristo, atrai todos os homens a Cristo (ver João 12:32). Os decretos divinos são estabelecidos na graça; e de alguma maneira eles cooperam com o livre-arbítrio humano e se utilizam deste, sem destruí-lo. Porém, como isso ocorre, não sabemos dizê-lo. Existe uma graça «geral» e também uma graça da «eleição». Mas como reconciliar esses dois aspectos entre si, não sabemos. Sem dúvida serão dois lados de uma verdade maior, que algum dia haveremos de compreender.

**IV. A graça no A.T.** Paulo dá a entender que o caminho de salvação é o mesmo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Os capítulos quatro e nono a décimo primeiro da epístola aos Romanos, com suas muitas citações do A.T., comprovam o ponto. Os oponentes do apóstolo dos gentios, porém, nunca aceitaram essa tese, porque, na realidade, a idéia mais difundida no A.T. é a da «lei» e da salvação mediante a obediência a essa lei. Nada existe de mais susceptível à prova do que assim é que toda a cultura judaica, antiga e moderna, tem compreendido a questão. A idéia paulina era revolucionária, produto de uma revelação superior, não tendo sido aceita pela maioria dos religiosos antigos, principalmente pela igreja cristã judaica, conforme vemos no décimo quinto capítulo do livro de Atos. Ver o artigo sobre *Legalismo*. No entanto, muitos dos «irmãos legalistas», continuando a confiar na circuncisão e nas obras da lei, eram crentes autênticos, pois haviam recebido o toque do Espírito Santo e se tinham convertido ao Senhor, tendo a Cristo como seu «Cabeça» (ver Col. 2:19). Deus tem tempo para corrigir as nossas «crenças». O essencial não é a fé em algum credo, e, sim, se um homem foi ou não tocado pelo Espírito transformador. E condições idênticas prevalecem na igreja cristã de nossos dias. Muitos creem que, de algum modo, estão fazendo acréscimos à sua salvação mediante atos de devoção, ritos, sacramentos, etc. Porém, estão equivocados. Todavia, muitos deles aparentemente conhecem experimentalmente a Cristo e o têm como seu Cabeça. E isso faz com que pertençam ao Senhor.

Apesar de que não se pode demonstrar claramente no A.T. o sistema da *graça-fé*, em contraste com o sistema da «lei», aqui e acolá aparecem pontos de «discernimento» quanto ao princípio mais elevado da graça, antecipando os ensinamentos neotestamentários. A ilustração de Paulo acerca de Abraão, no quarto capítulo da epístola aos Romanos, com base na narrativa do A.T., é exemplo disso—Abraão foi justificado pela fé. Com isso, como é claro, os legalistas não concordavam. (Ver Deut. 7:7,8, onde se aprende que a eleição do povo de Israel se baseou exclusivamente sobre a vontade de Deus; e isso antecipa o ensino da «graça», ainda que talvez não declare diretamente tal princípio).

Por igual modo, várias indicações atinentes ao «arrependimento», que reconhecem ser este o recebimento de um novo coração, algo que depende de uma operação no íntimo, e não de mera obediência externa ao princípio legalista, comprovam o que acabamos de declarar. (Ver Joel 2:13; Eze. 18:31). O novo coração é dom da graça divina (ver Jer. 31:31-34); pelo que a graça é antecipada em certos trechos do A.T., quando estes falam sobre o arrependimento.

**V. A graça, nos escritos neotestamentários, não-paulinos.** O termo «charis» nunca aparece nos lábios de Jesus, nos evangelhos sinópticos. Porém, diversas das suas parábolas ensinam o «princípio da graça», como um ato divino. (Ver Luc. 14:16-24 e 15:20-24. Ver também Mar. 1:15; 6:12 e Luc. 24:27). O livro de Atos, igualmente escrito por Lucas, indica, com grande freqüência, que a salvação vem pela fé, à parte das obras (ver o décimo quinto capítulo de Atos, na decisão do concílio de Jerusalém, que se manifestou sobre a questão). Por semelhante modo, nos capítulos um e dois da primeira epístola de Pedro e também em I Ped. 3:7 e 5:10, aprende-se estar em operação o princípio da graça, com prístina clareza, embora o assunto não seja ali tão bem desenvolvido como nos escritos de Paulo. A epístola aos Hebreus emprega muitas palavras que indicam a «graça». (Ver Heb. 2:9; 12:14,15,28. Ver também acerca da expressão «trono da graça», em Heb. 4:16; e da expressão «Espírito da graça», em Heb. 10:29). O evangelho de João não desenvolve o conceito da graça, mas apenas salienta a necessidade de «fé» para haver a salvação, o que é um elemento básico do sistema da graça. (Ver João 3:3—5,16). A «graça e a verdade» vieram por meio de Jesus Cristo, em contraste com a «lei», que viera por intermédio de Moisés (ver João 1:17). Dessa forma, apesar de que somente o apóstolo Paulo desenvolve as descrições teológicas do sistema da «graça-fé», o N.T. inteiro é um documento que ilustra essa verdade. Moffatt, por conseguinte, estava com razão, quando escreveu: «A religião do N.T. é a religião da graça; em caso contrário, nada é, nem é graça e nem é evangelho». (*Grace in the New Testament*, pág. xv).

**VI. A graça como atitude divina para com os homens.** «A essência da doutrina da graça é que Deus é por nós. E, o que é mais, ele é por nós, embora nós mesmos sejamos contra ele. Mais ainda, ele não é por nós meramente como uma atitude geral, mas tem agido eficazmente em nosso favor. A graça é sumariada no nome Jesus Cristo... Jesus Cristo é Deus por nós... tudo isso é verdade porque Cristo veio, morreu, ressuscitou e a graça veio por meio de Cristo Jesus» (João 1:17). A encarnação do Filho de Deus, o seu sofrimento obediente, a sua morte como sacrifício e a sua ressurreição triunfal, não nos mostram apenas que Deus é gracioso, mas o *próprio* ato gracioso de Deus, porquanto ele se volta para nós e efetua esse relacionamento... outrossim, é da essência da graça que ela é livre... E visto que a graça é a decisão livre de Deus a nosso respeito, em Cristo, que procede de sua graciosidade, segue-se que não temos habilidade de conquistar sua graça ou favor. É por essa razão que a graça se opõe às obras da lei, tacitamente por todo o N.T., e, de modo expresso, em passagens como Rom. 3:19 e ss.; João 1:16; Gál. 2:11-21 e Efê. 2:8». (T.H.L. Parker, pág. 258 do *Baker's Theological Dictionary*).

**VII. A graça, segundo é vista na igreja cristã.** Era popular, entre os escolásticos (Tomás de Aquino e outros), salientar a idéia da salvação cooperativa, em que o puro favor de Deus cooperaria com as obras humanas, juntamente com a observância dos ritos e

demais provisões da igreja. Já que essas «obras» eram interpretadas de modo «legalista», e não de modo «espiritual», a idéia do «mérito humano», mui necessariamente, participava da soteriologia da cristandade. Isso significava que «a graça de Deus» não poderia mais ser logicamente considerada o único meio de salvação do homem. — Sem perceber, a igreja retornara à sinagoga judaica. A contínua e exagerada ênfase sobre os méritos humanos transformou a «graça», virtualmente, em algo que qualquer um poderia escolher ou não, à sua vontade; e mesmo nos casos em que ela fosse plenamente escolhida, não era reputada força suficientemente poderosa para realizar tudo aquilo que é requerido para a salvação. Martinho Lutero pôs em dúvida toda essa maneira de pensar, devolvendo a graça a seu trono teológico. Todavia, alguns elementos protestantes continuaram pensando que os sacramentos são os «meios» de transmissão da graça de Deus, embora interpretassem os mesmos como instrumentos do Espírito de Deus, insistindo que nenhum «mérito humano» está envolvido no seu uso e eficácia. Outrossim, os sacramentos não teriam o mínimo valor a menos que os beneficiários usassem da «fé»; ou então, como alguns supõem até hoje, o *pacto da graça* continua operante até que os beneficiários (como se dá no caso dos infantes batizados) sejam pessoalmente capazes de exercer fé. Outros protestantes, entretanto, vieram a rejeitar os sacramentos como «meios» da graça, aceitando os mesmos como meros símbolos da graça e das provisões de Deus, ao passo que os benefícios derivados dela operam mediante o — contato *místico* — com o Espírito Santo, inteiramente à parte de elementos físicos. Dentro da «graça», até a própria fé do indivíduo é considerada «inspirada» por Deus; contudo, a maior parte dos cristãos crê que a cruz provê uma graça geral, propiciando a todos os homens a possibilidade de exercer fé, se assim quiserem fazê-lo. Outrossim, a perversidade da vontade humana pode resistir à graça divina.

*Maravilhosa graça de nosso amoroso Senhor,  
Graça que ultrapassa nosso pecado e culpa,  
Lá no Calvário monte derramada,  
Ali, onde se verteu o sangue do Cordeiro.*

(Julia Johnson)

### VIII. Sumário do uso do vocábulo «graça», nas páginas do N.T.:

1. Em termos gerais, significa *favor*, benevolência, da parte de Deus ou dos homens. (Ver Luc. 1:30, onde Maria recebe o favor divino; Luc. 2:40, onde se lê que Jesus crescia na graça de Deus, sujeito a sua benevolência e favor). Os apóstolos, a princípio, obtiveram o «favor» ou «aprovação» do povo (ver Atos 4:33). 2. É palavra usada para indicar as «bênçãos» dispensadas por Deus, os atos de bondade «beneficente». Jesus era «cheio de graça» e dispensa a mesma (ver João 1:14). Isso porque ele estava «favoravelmente disposto» para com outros; e a graça divina opera por igual modo. (Ver I Cor. 1:4 e II Cor. 9:8, onde se aprende que Deus é favoravelmente disposto para com a igreja, acompanhando tal favor com atos de bondade). 3. O vocábulo também indica a *fé cristã*, em sua inteireza. Nessa categoria, talvez caiba o trecho de João 1:17 que diz que a lei veio por meio de Moisés, mas «graça e verdade» vieram por meio de Jesus Cristo. Nesse sentido, a «graça» é posta em contradistinação à lei; e de fato, os pontos essenciais da fé religiosa, dentro do sistema da «graça», estão contidos na revelação cristã. Em Atos 13:43, a exortação é que os novos convertidos continuassem na fé cristã. Em Rom. 6:14 é afirmado que não estamos debaixo da lei, e, sim, da graça. Ver também II Cor.

1:12; Gál. 1:6; Col. 1:6; II Tim. 2:1; Tito 2:11; Heb. 12:15; I Ped. 5:12. Apesar da própria fé cristã nem sempre estar em foco nessas referências, essa fé é que contém e dispensa a graça de Deus, a qual opera mediante a fé e seu sistema religioso. 4. A graça pode indicar as *bênçãos* e os benefícios especificamente adquiridos por Jesus Cristo. O trecho de Rom. 5:15,17, tem a «graça» em oposição à «morte». Ela é a medida que transmite vida, resultado da missão, da expiação e da ressurreição de Cristo. (Ver também as bênçãos das epístolas paulinas em geral. «A graça do Senhor Jesus Cristo seja convosco»). 5. A graça faz parte das saudações e bênçãos, pelo que, na fórmula epistolar, é expressão de «um desejo de bem-estar espiritual», em favor dos leitores. Isso ocorre em todas as epístolas paulinas, no começo e no fim das mesmas. 6. A graça indica também o ofício ou autoridade dos apóstolos (ver Rom. 13:3). 7. Pode significar um «dom», «salário» ou «dinheiro recolhido» para os pobres, ou seja, esmolas (ver Luc. 7:32-34; I Cor. 16:3; II Cor. 13:4; Eclesiástico 17:22). 8. Pode significar «agradecimento» ou «ação de graças» (ver Luc. 17:9; Rom. 6:17; I Cor. 10:30). 9. Pode indicar *galardão* ou «recompensa» (ver Mar. 6:32-34 e Mat. 5:46). Esse é um sentido comum no grego antigo. 10. Indica também o «meio de buscar o favor ou a bondade de outrem» (ver I Ped. 2:19,20). 11. Indica ainda «alegria», «prazer», «gratificação», pois o termo grego «charis» é usado em lugar de «chara», e isso com frequência, no N.T. (ver File. 7:11; II Cor. 1:5). 12. Aponta para um ato «agradável» a outrem (ver Atos 24:27). 13. Mostra aquilo que tem o poder de buscar e obter favor, uma conduta gentil (ver Luc. 4:22; Efé. 4:29 e Col. 4:6). Normalmente, o vocábulo *charis* tem a idéia de «bênção» ou «benefício», que promove o bem-estar dos homens; e, em sua definição neotestamentária, no que diz respeito ao sistema da «graça-fé» (em contraste com a lei), isso indica, ordinariamente, que tal benefício espiritual é dado como um dom da parte de Deus, embora não merecido pelos homens. Portanto, o termo grego «chario», isto é, «regozijo-me», parece ter a mesma raiz; pois, de fato, a «graça», em suas muitas formas de manifestação, é motivo de grande regozijo.

### Graça Considerada Como Oportunidade

1. É verdade que a «oportunidade» de obter a salvação, através de meios determinados por Deus (mesmo que incluíssem obras humanas), seria uma forma de graça. Mas, não é a graça aludida no presente texto.

2. As próprias obras são predeterminadas por Deus e ordenadas aos homens para as praticarem (conforme nos mostra o décimo versículo). De certa maneira, pois, as próprias obras são produtos da graça divina. Naturalmente, devemos pensar em obras espirituais, inspiradas pelo Espírito, e não em obras humanas meritórias.

3. Deus nos proporciona a oportunidade de cumprir a sua vontade. Nesse sentido, tal oportunidade é graça.

### IX. Descrições Teológicas das Operações da Graça

1. **Graça Atual.** De acordo com a teologia católica romana, esse tipo ou função da graça é uma ajuda sobrenatural dada por Deus, capacitando a pessoa a evitar o pecado ou a realizar algum ato (ou atos), que tende à sua salvação. — Esse dom é interno, embora também tenha natureza transitória.

2. **Graça Habitual.** Essa graça opera a fim de santificar a pessoa, visto que, sem esse tipo de ato e intervenções divinos, ninguém poderia tornar-se santo. Naturalmente, essa graça requer a cooperação da



## GRAÇA

vontade humana, embora transcenda ao poder da vontade do homem.

**3. Graça Irresistível.** Essa idéia está ligada a Agostinho e a Calvino, como um dos temas favoritos da teologia da predestinação. De acordo com ela, a graça de Deus atua incondicional e irresistivelmente nos eleitos, garantindo a salvação deles, produzindo a reação favorável dos homens para com o evangelho, e garantindo que essa reação seja absolutamente completa e eficaz. A graça irresistível, em consequência, garante a eterna segurança dos eleitos. Sem dúvida, os eleitos desviar-se-iam de sua vereda espiritual, não fosse esse poderosíssimo fator da graça divina.

**4. Graça Geral.** No outro lado da moeda, há aquela doutrina que diz que a graça de Deus é tão poderosa que capacita todos os homens, de todos os lugares, em todos os tempos, a reagirem favoravelmente ao evangelho, contanto que a vontade deles concorde com isso. Assim, um homem alienado de Deus, não poderia voltar-se sozinho para Deus; mas, a graça geral de Deus garante a real possibilidade do retorno de todos os homens a Deus, e não somente de algum grupo eleito. O apelo universal do evangelho repousaria sobre a realidade dessa graça geral, porque, do contrário, o convite do evangelho a todos os homens seria uma impostura. Ademais, sem essa graça geral divina e sem a liberdade humana de escolha, não poderia haver responsabilidade moral nos homens.

**5. Graça Preveniente.** Esse seria o ato divino que influencia os homens a buscarem a bondade e a espiritualidade, antes de qualquer reação por parte deles. Aqueles que acreditam em batismo de infantes aplicam esse princípio ao caso. Deus faria pelos infantes algo que eles não podem fazer por si mesmos. Esse tipo de graça não é algo que opere de uma vez por todas. Antes, seria uma operação contínua, no caso de crentes, tanto quanto no caso de incrédulos. Trata-se da influência do Espírito de Deus, neste mundo, a fim de realizar os seus desígnios benévolos, incluindo o propósito de salvar, mas também a graça necessária para o crescimento espiritual e para o bem-estar geral. A maior parte dos teólogos opina que essa forma de graça não opera de forma irresistível. Certos teólogos limitam a graça preveniente de Deus, supondo que ela só opera no caso dos eleitos, levando-os à fé, ao passo que todos os outros são deixados em sua incredulidade.

**6. Graça Santificadora.** A graça de Deus atua sobre a alma de um homem a fim de transformá-lo. Essa graça permite a presença permanente de Deus na vida de uma pessoa, operando em harmonia com os desígnios do evangelho. Ela produz a união mística com Cristo e cria no homem novas atitudes e novos hábitos. A santificação faz parte da nossa transformação segundo a imagem de Cristo (Rom. 8:29; II Cor. 3:18), que é o propósito e o alvo da nossa salvação. É dessa maneira que chegaremos a compartilhar da própria natureza divina (Col. 2:10; II Ped. 1:4), e, por consequência, da plenitude de Deus (Efé. 3:19). Tal resultado jamais poderia ser alcançado sem o concurso da graça de Deus.

A posição do catolicismo é que os vários sacramentos são agentes da graça de Deus. A maioria dos protestantes prefere o conceito da comunhão mística com o Senhor, sem meios intermediários sacramentais, que são apenas símbolos das operações da graça, e não canais ou instrumentos da mesma. Quanto à *graça sacramental*, ver a seção décima, quarto ponto.

**7. Graça Suficiente.** Esse é o poder de Deus, conferido aos homens, mediante o Espírito Santo, o que lhes dá a capacidade de fazer alguma coisa, ou de crescerem espiritualmente, mas que os homens, mediante a negligência, podem deixar de usar. Esse termo pode ser entendido como sinônimo de *graça geral*. Até mesmo o pior dos pecadores tem o potencial para vir a Cristo, pois a graça de Deus é suficiente para trazê-lo, tendo-lhe sido oferecida especificamente com essa finalidade. Outrossim, essa graça suficiente é aplicada de fato, finalmente, de conformidade com o mistério da vontade de Deus, conduzindo todos os homens à unidade em torno de Cristo (Efé. 1:9,10). Quanto a esse aspecto da questão (embora nem todos serão, finalmente, conduzidos à salvação), a graça suficiente torna-se na *graça eficaz*, explicada no ponto abaixo. Isso se relaciona aos planos a longo prazo que Deus traçou para beneficiar aos homens. Ver o artigo geral sobre a *Restauração*, quanto a esse conceito.

**8. Graça Eficaz.** Essa é a graça suficiente quando se torna atuante sobre as vidas dos homens, dentro das questões da salvação, da santificação, da transformação segundo a imagem de Cristo, do crescimento espiritual e da restauração. Sobre essa graça repousam todos os benefícios que a humanidade pode esperar obter. Dentro do mistério da vontade de Deus, essa graça será, finalmente, eficaz em um sentido universal. Não fora esse fator, — a vida humana poderia ser definida de uma forma pessimista. Em outras palavras, teria sido melhor que a humanidade em geral nunca tivesse vindo à existência. Mas o artigo sobre a *Restauração* demonstra o magnificente triunfo da *graça divina*.

**9. Graça Comum.** Ver o artigo sob este título.

### X. Interpretações Históricas e Teológicas sobre as Funções da Graça de Deus

**1. No Antigo Testamento** encontramos os princípios da graça e da fé. Ver as *Observações Preliminares*, no começo deste artigo. A grande declaração paulina: «O justo viverá pela fé», é uma citação extraída do Antigo Testamento. Ver Hab. 2:4. Paulo também observa que Abraão foi justificado pela fé (Rom. 4:3), tendo extraído essa idéia do trecho de Gên. 15:6. No entanto, Tiago afirma claramente que Abraão foi justificado pelas obras da fé (Tia. 2:21). E, três versículos adiante, faz a justificação depender tanto da fé quanto das obras da fé. Essa posição, sem dúvida, representa a posição do Antigo Testamento. Se não fora assim, a doutrina de Paulo teria sido considerada comum, e não revolucionária. A agitação que a doutrina paulina causou mostra que a mesma contradiz a teologia ortodoxa judaica. E era aquele que praticasse os mandamentos e as ordenanças da lei que obteria a *vida* (Lev. 18:5). Na verdade, é inútil tentar encontrar as idéias de Paulo nos escritos de Moisés. Em caso contrário, a revelação cristã seria uma mera repetição da revelação veterotestamentária, e não um avanço em relação a esta última. Basta falarmos com um rabino sobre a questão. Ele nos dirá o que os judeus realmente criam, antes de certas passagens do Antigo Testamento terem sido cristianizadas.

**2. Paulo ensinava a doutrina da graça**, acompanhada pela fé salvadora (Efé. 2:8 ss). O capítulo quinze de Atos demonstra o conflito que isso provocou no mundo teológico. As epístolas aos Romanos e aos Gálatas são a nossa mais cuidadosa descrição da nova doutrina, a qual, quando proferida no princípio, foi considerada a mais horrenda heresia, pois parecia anular os ensinamentos de Moisés. O segundo capítulo da epístola de Tiago, exhibe a reação de

## GRAÇA — GRAÇA COMUM

alguns cristãos contra a nova doutrina, embora também haja quem interprete que não há qualquer discrepância entre Paulo e Tiago, pois enfocavam diferentes aspectos da doutrina cristã.

3. *Agostinho* (vide) argumentava contra as idéias de *Paulino* (vide), empregando a mais pura doutrina paulina. Deus provera tanto a graça quanto a vontade para recebê-la, o que significa que tanto a graça preveniente quanto a graça eficaz dependem da soberana vontade de Deus, e não da vontade do homem. A única maneira de alguém rejeitar a graça divina é não ser uma pessoa em quem a graça de Deus não esteja operando, ou, em outras palavras, não pertencer ao grupo dos eleitos. Os eleitos, por outro lado, são influenciados pela divina graça irresistível.

4. *A Graça Sacramental*. Em certos segmentos da Igreja cristã, no Oriente e no Ocidente, os sacramentos foram vinculados indevidamente ao princípio da graça divina, e então os teólogos, com base nisso, criaram uma religião sacramentalista. De acordo com a mesma, a graça de Deus é transmitida aos homens através dos sacramentos (vide), não podendo ser transmitida sem os mesmos. Para nós, essa é uma posição distorcida, falsa. Deus nos comunica a sua graça por meios místicos, através da atuação direta do Espírito, e não por meios sacramentais. Ver sobre o *Misticismo*. Entendemos a palavra «misticismo» como um contacto real entre o Espírito de Deus e o espírito do homem. É mediante esse contacto que é outorgada e opera a graça divina. *A graça sacramental* é a concepção que diz que a graça divina não é meramente simbolizada pelos sacramentos, porquanto afirma que os sacramentos são o instrumento da comunicação dessa graça, o *sine qua non* da distribuição da graça divina entre os homens.

5. *John Tauler* (vide) promovia o *ascetismo* (vide) como um agente que coopera com a graça divina, garantindo a volta do homem a Deus.

6. *Lutero* (vide) assumia uma posição paulina agostiniana sobre a graça de Deus; e esse foi o maior elemento teológico isolado da Reforma Protestante (vide). Porém, ele foi além do que fora Agostinho, pois negava a eficácia da vontade humana, como também a realidade do livre-arbítrio humano.

7. *Calvino* (vide) tomava uma extremada posição paulina agostiniana, expondo um sistema de rígida predestinação. De acordo com o seu sistema, a graça geral é negada, ao mesmo tempo em que a graça irresistível (ver sobre esses itens no ponto nono, acima) é enfatizada, mas somente no caso dos eleitos. E na minha opinião, esse evangelho peca por deficiência.

8. *Melanchton* (vide) procurou suavizar a posição de Lutero, e ensinou uma doutrina do *sinergismo* (vide). Três fatores, supostamente, estariam envolvidos nas operações da graça divina: o Espírito Santo, a Palavra de Deus e a vontade humana. Em oposição a essa idéia temos o *monergismo*, o conceito de que somente o Espírito de Deus está envolvido nas operações da graça, inteiramente à parte da vontade e dos esforços humanos. O *monergismo* era a posição de Lutero e de Calvino, embora eles não tivessem empregado esse vocábulo. O termo *sinergismo* vem diretamente do grego: *syn*, «com» e *ergein*, «trabalhar», e, portanto, «trabalhar em cooperação com», com o envolvimento de vários elementos. Até onde podemos ver as coisas o trecho de Filipenses 2:12,13 exprime a idéia do *sinergismo*: «Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem

efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade». Mas outros trechos do Novo Testamento exprimem um puro monergismo, como o nono capítulo da epístola aos Romanos.

9. *Suarez* (vide, ponto quarto) criou o termo *congruismo*, a fim de descrever o seu conceito de como a livre decisão humana, referente à salvação, cede diante da vontade de Deus, mediante a graça divina. A graça divina, infalivelmente, conduz o pecador a Deus, mas ela não é incongruente com o livre-arbítrio humano. Esse ponto tem sido intensamente debatido, mas as discussões não têm produzido uma resposta clara acerca de como isso funciona. Ver os artigos sobre o *Livre-Arbítrio* e sobre o *Determinismo*. Ver também o artigo suplementar sob o título *Predestinação*.

10. *Jonathan Edwards* (vide) limitava a *graça preveniente* de Deus exclusivamente aos eleitos. Deus faria certos homens (os eleitos) crerem; os demais seriam deixados em sua incredulidade.

11. *A.E. Taylor* falava sobre a *eterna iniciativa* divina, mediante a qual Deus busca os homens, devendo isso corresponder à iniciativa do indivíduo, — a cada pessoa em particular. E essa combinação é que leva uma alma à imortalidade. Isso soa como as idéias do *sinergismo*. (B C E N T I P W)

## GRAÇA COMUM

Essa é uma expressão usada pela teologia reformada (vide). Ela afirma que há uma graça divina que beneficia a todos os homens, embora não leve todos à salvação da alma, e nem envolva o intuito divino de salvar a todos os homens. Em contraposição, temos a *graça especial*, que é a operação divina em favor dos eleitos. A graça comum nos permite reconhecer todo o bem que existe no homem e na natureza, em sentido universal, sem sacrificar a singularidade da religião cristã, sobretudo em sua doutrina da eleição.

**Elementos da Graça Comum.** 1. Ela opera através do Espírito, restringindo o mal resultante da natureza pervertida do homem, embora não chegue a regenerar aos não-eleitos. 2. Ela permite o desenvolvimento cultural necessário para a civilização, uma atividade legítima para os homens. 3. Ela permite que haja certo bem nas religiões não-cristãs, embora isso não as nivele ao cristianismo; e, naturalmente, ela não reconhece nelas qualquer poder salvador. 4. Ela admite a presença de algum bem nos não-regenerados. Um homem pode ter o senso de direito, de justiça, de ordem, de beleza, de altruísmo; embora essas qualidades morais não sejam suficientes para a sua salvação.

**Críticas à Teoria da Graça Comum.** 1. É verdade que o ministério do Espírito reduz a perversidade humana no mundo; mas as Escrituras mostram que Deus está interessado em muito mais do que na redução do pecado. Ele está interessado na salvação de cada alma (João 3:16; I Tim. 2:4; I João 2:2). 2. Os desenvolvimentos culturais têm seu lugar dentro do destino físico da humanidade, fazendo parte integrante do plano divino, tanto quanto o desenvolvimento espiritual. O homem tem um duplo destino: o físico e o espiritual. Esses destinos estão vinculados um ao outro, embora sejam distintos um do outro. A graça de Deus envolve ambos esses aspectos, e ambos são importantes. No entanto, o aspecto físico só pode ser considerado importante se envolver alguma importância final. Sem dúvida, Deus está interessado nas almas daqueles que desenvolvem conhecimento, ciência, artes, etc. Em outras palavras, está em foco a

## GRAÇA — GRAÇA SOBRE GRAÇA

*cultura*. Doutra sorte, não nos restaria muitos bens sobre os quais pudéssemos falar. 3. Apesar de ser correta a admissão de que muitas religiões não-cristãs envolvem algum bem, a explicação grega ainda é melhor. Segundo os pais gregos da Igreja, o *Logos* implanta as suas sementes por toda a parte. Os melhores aspectos da filosofia grega operaram como mestre-escola para levar os gregos a Cristo, tal como a lei mosaica o fez no caso dos judeus. Apesar de que nem toda fé religiosa é igual quanto à verdade contida, é possível que em todas as fés religiosas o *Logos* lhes tenha insuflado os passos preliminares que, no cristianismo, são desenvolvidos até o nível de uma expressão superior. Isso não faz com que todas as religiões sejam boas, mas dá a entender que o *Logos* universal não se limita a qualquer religião isolada, e que o plano divino é muito mais amplo e profundo do que geralmente supomos. Acerca de tudo isso, deveríamos contar com certa perspectiva histórica. De fato, o processo da salvação das almas acompanha o desenrolar da história e os desenvolvimentos se processam com grande lentidão. O *Logos* (vide sobre o *Verbo*) está operando em todo o universo e neste mundo, através do processo histórico. E todos ficarão surpresos diante do resultado final, que se manifestará no tempo predeterminado. De fato, a restauração final de tudo está em foco (Ef. 1:10). Ver o artigo sobre esse assunto, quanto a maiores informações. 4. Não basta supormos que algum bem genuíno reside no homem não-regenerado. Isso não se reveste de importância definitiva, se Deus, propositalmente, deixar de lado a vasta maioria dos homens, de tal modo que, finalmente, somente a tragédia eterna caracterizará as suas vidas. 5. A doutrina da graça comum é um reconhecimento (não plenamente desenvolvido) de que o favor geral de Deus também envolve um favor especial. Seria inútil que Deus tivesse uma atitude favorável a todos os homens, se isso também não se expressasse mediante um programa genuíno da salvação de almas. Não basta que os homens cumpram seus deveres cívicos de retidão, se disso não resultar, em última análise, na retidão espiritual. 6. Em suma, é deficiente e distorcida aquela teologia que faz Deus estar *pouco* interessado pelos homens, como se fizesse o bem somente a alguns poucos, como um riço que distribui guloseimas a algumas crianças famintas que se juntam diante do seu portão. Contra essa má teologia, temos muitas referências, no Novo Testamento, que demonstram a universalidade do plano redimidor e a totalidade final da *aplicação* da missão de Cristo entre os homens de todos os séculos, tanto no passado quanto no futuro. 7. *A soberania* de Deus é uma realidade, mas ela atua como aliada de seu amor, e não como uma força destrutiva. Sendo essa a verdade, só podemos esperar o bem para todos, finalmente, embora nem todos cheguem à posição de salvação e glória dos redimidos. Para tanto, será preciso muitas eras, na verdade, mas, finalmente, isso caracterizará toda a existência, conforme também somos ensinados em Efésios 1:10 (que vide). A mensagem central do evangelho é que a soberania de Deus é o poder que avulta por detrás do seu amor. Sem isso, não há boas novas para o homem moderno. De fato, sem esse conceito, o evangelho seria antes uma má-nova para o homem moderno, um anti-evangelho. O conceito da graça comum, distorcida como tem sido, nas mãos de muitos teólogos, é um anti-evangelho. (B E)

ou católicos romanos, concordam quanto à premissa fundamental da necessidade da graça para a recuperação espiritual do homem. A queda do homem no pecado foi por demais radical e profunda para que ele possa retornar sozinho a Deus, para ele voltar à vereda espiritual e, finalmente, à salvação. Onde os teólogos não encontram terreno comum é sobre quanto da vontade humana está envolvida na questão. Oferecemos amplas descrições sobre a *graça* divina, no artigo geral sobre esse assunto. Ver a décima seção do mesmo, quanto aos vários pontos de vista teológicos e históricos sobre a graça. Alguns mestres falam em *monergismo*, dando a entender que somente Deus mostra-se ativo como uma força na salvação do homem, mediante a graça. Mas outros ensinam o *sinergismo*, dizendo que a vontade do homem é uma realidade, podendo responder, positivamente, à graça divina, devendo fazer parte daquilo que a graça divina realiza. O trecho de Filipenses 2:12,13 parece ensinar o *sinergismo*, ao passo que o nono capítulo de Romanos (ver também Ef. 2:8,9), somente para exemplificar, ensina o *monergismo*. Como é óbvio, a ética está envolvida em toda essa questão, pois a conduta ideal do homem resulta do princípio da graça. Ver o artigo geral sobre a *Ética*, nona seção, quanto aos princípios gerais éticos do *teísmo*, incluídos no Novo Testamento.

### GRAÇA SOBRE GRAÇA

Ver João 1:16.

As interpretações sobre essa cláusula têm assumido as seguintes formas:

1. Tratar-se-ia da *graça da restauração*, substituindo a graça perdida no paraíso.
2. Tratar-se-ia da *graça neotestamentária*, em lugar da graça própria do V.T. (Assim pensava Crisóstomo).
3. Tratar-se-ia, em primeiro lugar, da *justificação*; e secundariamente, da *vida eterna*. (Assim julgava Agostinho).
4. Trata-se de *graça após graça*, num suprimimento sempre mais crescente da graça de Deus. Assim pensa a maioria dos modernos estudiosos, e é a idéia geral da interpretação dada acima. Contudo, as outras três posições também contêm algum elemento de verdade, e a antítese do primeiro capítulo deste evangelho, que contrasta a graça que foi trazida por meio de Jesus com a graça que veio por intermédio de João Batista e do V.T., parece indicar, bem definidamente, que uma nova graça dispensativa, por meio de Jesus Cristo, também faz parte dessas considerações.

Carlos Wesley expressou admiravelmente bem essa idéia em um hino, quando disse:

*E quem nossa pobreza retém,  
Mais dons receberemos,  
Múltiplas graças e bênçãos vêm  
E tudo quanto Deus pode dar*

O filósofo judeu *Filo* quase diz outro tanto em duas passagens. Em *A Posteridade de Caim*, XLIII.14: «Pelo que também Deus sempre faz cessar os seus primeiros dons, antes que seus recebedores fiquem néquios e se tornem insolentes; e, reservando-se para o futuro, dá outros dons no lugar daqueles, além de um terceiro suprimimento em substituição ao segundo; e sempre há novidade em lugar de bênçãos anteriores, algumas vezes de qualidade diferente, e outras vezes da mesma categoria». E também em «Abraão», XLVI.273, podemos ler: «Admirando o homem, por causa de sua fé nele, Deus o recompensa com fé (ou fidelidade)». (Ver F.H. Colson e G.H. Whitaker editores, «*Philo with an English Translation*», Nova

### GRAÇA E ÉTICA

Atualmente, quase todos os teólogos, protestantes

## GRAÇAS — GRALHA

Iorque, G.P. Putnam's Sons, 1929, 1935; e Loeb «Classical Library», II.413; VI.133).

### GRAÇAS ÀS REFEIÇÕES, AÇÃO DE

Essa é uma breve oração (na prática, repetitiva) que as pessoas religiosas, crentes ou não, proferem imediatamente antes de tomarem suas refeições. Essas são preces de ação de graças, pelo suprimento material (somente de alimentos, ou incluindo toda espécie de suprimento material). Quão apropriadas são essas orações é algo sugerido em trechos bíblicos como Rom. 14:6; I Cor. 10:31 e I Tim. 4:4. O próprio Jesus nos deixou exemplo desse ato (Mar. 8:6,7; Luc. 24:30).

Entre os judeus, fazia-se uma oração de ação de graças antes e depois de cada refeição, e essas orações eram oferecidas até mesmo pelas mulheres, escravos e crianças. Como já seria de esperar, muitas regras e regulamentos vieram a ser adicionadas a essas preces, entre os judeus, de tal modo que a forma da prece variava de acordo com o tipo de alimento que estava prestes a ser consumido. Assim, uma forma de oração era usada antes da ingestão de frutos, outra para o vinho, outra para os cereais, etc. Ignorando todos esses exageros, devemos afirmar que é apropriado ao crente ser agradecido ao Senhor pelo suprimento de suas necessidades materiais, incluindo os alimentos, porquanto todo esse suprimento depende da vontade e da bondade de Deus. Se Deus se interessa até pela queda de meros pardais (ver Mat. 10:29), então certamente não quer que as pessoas que pertencem a seu povo passem fome. Jesus ordenou aos homens que não se mostrassem preocupados a respeito das coisas materiais, incluindo os itens alimentares básicos, porquanto a vida consiste em muito mais que o alimento. Nosso Pai conhece as nossas necessidades nesse campo. Mas Jesus recomendou: «...buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas» (Mat. 6:33; ver também o contexto, começando pelo vs. 25).

### GRACIANO

Viveu por volta de 1150 D.C. Ele é conhecido como *pai da lei canônica*. Ele foi um erudito e eclesiástico italiano. Pouco se sabe sobre a sua vida. Provavelmente ele nasceu em Carraria-Ficulle, em Chiusi, na Itália. Ingressou na ordem calmoadolesa e viveu no mosteiro de São Félix e em Nabor, em Bolonha. Em sua época, Bolonha era o centro de um reavivado interesse pela jurisprudência romana. Graciano escreveu a influente obra *Concordantia discordantium canonum*, «Harmonia de Cânones Discordantes». Essa obra coligiu e sistematizou mais de três mil textos atinentes à disciplina eclesiástica. Muitas fontes informativas foram consultadas, incluindo os cânones dos concílios eclesiásticos, os decretos papais, os reescritos e os escritos de canonistas anteriores. Não foi pequeno o trabalho para dar-lhes alguma ordem e pô-los em harmonia. O *Decretum*, conforme essa obra veio a ser chamada, foi compilado entre 1139 e 1150. O nome de Graciano aparece nesses documentos até o ano de 1143. Parece ter falecido em 1159. A obra foi muito comentada pelos sucessores de Graciano. Ele fez em favor da *Lei Canônica* (vide) o que Pedro Lombardo fez pela teologia (ver sobre *Pedro Lombardo*), razão pela qual eles têm sido apelidados de «dois ovos do mesmo ninho». A obra de Lombardo intitulava-se *Quattuoro Libri Sententia*.

### GRACIOSO

No hebraico, *khane*; no grego, *eucháristos*. Mas também há outras palavras envolvidas.

#### 1. Definição Básica

Uma pessoa graciosa é alguém disposta a mostrar graça, vigor, bondade e amor a outras pessoas. A cortesia também faz parte das idéias envolvidas nesse vocábulo.

#### 2. Usos Bíblicos

a. Uma mulher graciosa é honrada (Pro. 11:16). Aquela que exhibe generosidade, amor e gentileza não pode perder a sua recompensa.

b. As palavras de um homem sábio são graciosas, expressando coisas que beneficiam aos homens (Ecl. 10:12).

c. Homero (*Odis*. 7.175) usou a palavra grega *cháris* para falar sobre a beleza física e a personalidade atrativa. Colossenses 4:6 reflete esse uso: «A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um». O crente deveria usar uma linguagem graciosa, atrativa. Isso inclui a necessidade de saber como responder às pessoas quando fazem alguma pergunta referente à fé ou a alguma questão espiritual. Devemos falar de modo gentil, capaz de conquistar as pessoas para Cristo. Ver o artigo separado sobre *Linguagem, Uso Apropriado da*.

d. A própria salvação vem através da oferta graciosa de Deus, com base na missão de Cristo. Ver o artigo geral sobre a *Graça*.

### GRADUAL

Essa palavra vem do latim, *gradus*, «degrau». Na linguagem bíblica, de acordo com algumas traduções, o adjetivo *gradual* era dado a certos Salmos, entoados nos degraus do *ambon* (palavra grega que significa «plataforma», que era uma espécie de púlpito ao qual se chegava mediante degraus). Entretanto, atualmente é combinado com o *Aleluia* e abreviado para dois únicos versículos. Nossa versão portuguesa nunca usa esse adjetivo. Em certos manuscritos (vide), esse adjetivo é usado entre a *epístola* e o *evangelho*, como o mais elaborado dos cânticos litúrgicos. De maneira frouxa, o termo é usado para referir-se a qualquer interlúdio musical entre as várias partes da cerimônia da eucaristia. De acordo com a liturgia anglicana, o *gradual* vem depois da epístola. De acordo com a prática judaica, um cantor entoava um salmo após cada leitura de um trecho bíblico, enquanto a congregação repetia uma porção após cada versículo. E os primeiros cristãos adotaram essa prática. Por volta do século V D.C., essas participações musicais tinham-se tornado extremamente complexas e ornatadas, e coros estavam envolvidos na execução das mesmas. A missa católica romana, porém, preserva essa forma de maneira bem mais simples.

### GRADUALE

Esse é o título de certo livro de liturgia que contém os cânticos entoados em latim, durante a missa da Igreja Católica Romana. Ver sobre *Salmos de Romagens*, que tem alguma ligação com essa questão.

### GRALHA

Essa palavra, no hebraico original, aparece somente em Lev. 11:18 e Deu. 14:16, como uma das aves vedadas ao consumo dos israelitas. Mas a identificação da ave é muito problemática, e as

## GRAMA — GRANDE APRENDIZAGEM

versões variam desde o cisne até à coruja cornuda. É difícil saber de onde os revisores de nossa Bíblia portuguesa colheram a idéia de que se tratava da gralha. A verdade, porém, é que uma opinião é tão válida quanto outra qualquer, pois é impossível sugerir uma tradução consciente do termo hebraico. A LXX sugere a *Ibis*, ave da qual há oito espécies na Palestina, embora nada há que apóie tal tradução. Modernamente, Driver sugeriu a «corujinha». É impossível que o cisne seja a tradução correta. O cisne mudo é um visitante dos lagos e dos rios, durante o inverno, mas o mais provável é que os israelitas desconhecessem essa ave, sobretudo no deserto. Além disso, ninguém atina com a razão pela qual o cisne poderia ser considerado uma ave imprópria para o consumo humano, ou imunda.

### GRAMA

Ver sobre *Erva*.

### GRANADA

No hebraico, *nophel*, um termo que aparece por quatro vezes, em Exo. 28:18; 39:11; Eze. 27:16 e 28:13. Nossa versão portuguesa diz «esmeralda», em todas as quatro passagens, o que também sucede em outras versões. No entanto, o sentido da palavra hebraica parece ser mais «carbúnculo», «rubi», «granada».

A granada envolve um grupo isomórfico de minerais de mistura com o cálcio, o magnésio, o manganês e o ferro, juntamente com o alumínio e o cromo. Os nomes dos diversos minerais do grupo são a andradita, o piropo, o magnésio-alumínio, a espessartita, o manganês-alumínio, a almandina e o ferro-alumínio. As granadas são relativamente comuns, bem distribuídas em formações rochosas. Usualmente têm um tom vermelho escuro, embora também possam ser róseas, marrons, amarelas, negras ou mesmo verdes. Algumas são mesmo incolores. Os espécimes de cores mais claras são usados como gemas, com nomes variegados como rubis do Cabo, carbúnculos, pedras cinamomo, demantóide, essonita, rodonita e topazita. A granada também é um abrasivo industrial importante. É largamente usada para alisar a borracha e o couro. Ver também sobre a *Esmeralda*.

Restam muitas dúvidas sobre o sentido exato de muitas palavras hebraicas, sobretudo no tocante à fauna, à flora, a pedras preciosas e semipreciosas, etc. Isso explica as opiniões contraditórias dos estudiosos, quando se referem a essas questões.

### GRANDE (GRANDEZA)

A principal palavra hebraica é *gadol*, usada por mais de quatrocentas e cinquenta vezes com esse sentido, desde Gên. 1:16 até Mal. 4:5. Outra palavra hebraica importante é *rab*, «muito», «abundante», usada por quase quinhentas vezes, desde Gên. 6:5 até Zac. 14:13. No grego também temos duas palavras que podemos considerar com proveito: *megas*, «grande» (utilizada por cento e noventa e cinco vezes, desde Mat. 2:10 até Apo. 21:12); e *polús*, «muitos», «numerosos» (que aparece por quase quatrocentas vezes, desde Mat. 2:18 até Apo. 19:12).

Como vemos, a idéia de pluralidade também está incluída, de tal modo que uma multidão pode ser chamada de «grande». A iniquidade humana, que provocou o dilúvio, como castigo, era *grande* (Gên. 6:5). Tal palavra também é usada para indicar

peças dotadas de alguma qualidade notável ou que tenham feito alguma coisa prodigiosa. No Novo Testamento, a palavra grega *megas* é usada para indicar coisas volumosas ou espaçosas (Mar. 14:15); para quem tenha idade avançada (Rom. 9:12); para indicar os ricos (Heb. 10:35); para algum somido forte (Apo. 1:10); para o que é importante (Efé. 5:32). A palavra grega *polús* indica a idéia de *muitos*, de «grande número» (ver Mat. 7:22, para exemplificar). É muito freqüente, sobretudo no livro de Apocalipse, onde ocorre por nada menos de oitenta e duas vezes.

Neste artigo, porém, queremos destacar, principalmente, a idéia de *grandeza espiritual*. Aquele que lança mão dos diversos meios de crescimento espiritual, haverá de obter esse tipo de grandeza. Ver o artigo sobre *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*. O Senhor Jesus lançou a regra básica quanto a isso. O crente que quiser ser grande, deve ser servo de todos, ou seja, deve pôr em execução, de maneira suprema, a lei do amor (ver Mat. 20:27). Viver a lei do amor é a prova da espiritualidade (I João 4:7 ss). Ver o artigo geral sobre o *Amor*. Jesus demonstrou quão grande era, espiritualmente falando, ao lavar os pés de seus discípulos (João 13). Jesus mostrou-se grande em espiritualidade pessoal e em obras poderosas. No entanto, cada pessoa é singular, dotada de uma missão especial a cumprir (Apo. 2:17). O ponto culminante da grandeza da alma humana é atingido na sua transformação segundo a imagem de Cristo (Rom. 8:29), o que lhe permitirá obter a própria plenitude de Deus (sua natureza e seus atributos) (Efé. 3:19), fazendo-a participar da natureza divina, como verdadeiro filho de Deus, de acordo com a natureza e a imagem do Filho, Jesus Cristo (II Ped. 1:4).

### GRANDE APRENDIZAGEM

Esse é o título de uma obra literária clássica, em chinês, de origem desconhecida. Exerceu forte influência sobre a filosofia neoconfuciana. Essa obra é conhecida e vem sendo usada desde o século XI de nossa era; mas foi a partir do século XII que a mesma tornou-se proeminente, por obra de Chu Hsi (vide). Tornou-se uma das quatro obras principais do confucionismo. As outras três intitulam-se *Analectos*; o *Livro de Mêncio* e a *Doutrina do Meio-Termo*. Durante seis séculos (1313—1915), esses livros serviram de base do exame a que eram submetidos os candidatos a alguma função pública, o que demonstra a grande importância obtida pelos mesmos, na sociedade chinesa em geral.

#### Idéias:

1. O bem da sociedade é melhor promovido pelo cultivo da vida de cada indivíduo, seguido pelo cultivo de cada família. É importante cuidarmos da mente, despertando em nós o senso de justiça, de responsabilidade e de amor. Cada indivíduo deve ter a vontade sincera de fazer o que é certo. As ações requerem o cultivo do conhecimento.

2. O *conhecimento* requer investigação. O tipo certo de conhecimento encoraja a vontade sincera, a mente reta, uma vida pessoal de alta qualidade, uma família bem equilibrada, um estado ordeiro. Se houvesse estados ordeiros, através da aplicação desses meios, então também haveria um mundo ordeiro e pacífico.

3. Um indivíduo, mediante seus pensamentos e seus atos, pode renovar a si mesmo em um único dia. Tendo feito isso, ele pode transformar tal coisa em um hábito, renovando sua decisão a cada dia. Uma pessoa deve servir a seu patrão com piedade, e às

## GRANDE — GRANDE ÚLTIMO

pessoas mais velhas com amor fraternal. O indivíduo pode servir a multidão com amor.

4. Há três coisas boas a serem buscadas: o desenvolvimento do caráter pessoal; amar às pessoas; permanecer no mais elevado bem que possa ser atingido.

**GRANDE COMISSÃO** Ver *Comissão, a Grande*.

### GRANDE DIA

Apo. 6:17: *porque é vindo o grande dia da ira deles; e quem poderá subsistir?*

*Grande dia.* Trata-se de um termo rabínico. O julgamento é com frequência chamado de «grande dia», nos escritos rabínicos. Isso pode ser comparado com o trecho de Joel 2:11, que parece ser a base deste versículo; e também se pode comparar com Naum 1:6, que lhe é similar. A expressão «grande dia», e outras que lhe são equivalentes, são frequentes no livro de Enoque e na literatura judaica posterior. (Ver I Enoque 45:2; Joel 2:11,31 e Sof. 1:14 quanto a essa expressão). A passagem de Jud. 6 encerra a mesma expressão, «o julgamento do grande dia». Esse dia será grande devido «à grande questão em jogo», porquanto será um dia totalmente extraordinário. Não se deve pensar em um «único dia» de vinte e quatro horas, entretanto. Antes, será um «período» quando Deus julgará os homens, embora normalmente indique o julgamento no mundo eterno, o julgamento das almas, e não juízos temporais.

### GRANDE INSTAURAÇÃO

Ver sobre **Bacon, Francisco**, no penúltimo parágrafo.

### GRANDE MÃE

*Mater Deum Magna*, a grande deusa-mãe, era a figura central de um culto religioso que começou na Frígia, atingiu a Grécia e, finalmente, penetrou em Roma. Esse culto chegou à Trácia no século VI A.C., e tornou-se conhecido na Ática aí pelo século IV A.C. Esse culto cresceu no Império Romano ao ponto de tornar-se um dos três cultos religiosos mais importantes, juntamente com o *mitraísmo* (vide) e com o culto a *Isis* (vide).

A *Grande Mãe* era conhecida por muitos nomes, dependendo da localização geográfica onde ela era adorada. Assim, encontramos os nomes Cibele, Dindimene, Mater Idaea, Sipilene, Agolistis, Amas, Rea, Gaia, Demeter, Maia, Opis, Telus e Ceres, todos dados à Grande Mãe. Ela era considerada a mãe de todos os deuses, não admirando, pois, que ela fosse chamada de *Grande!* Ela era a grande Geradora, a Toda-Nutritiva, ocupando um papel crucial para a fertilidade da terra. Sendo tida como deusa da natureza, ela é representada como companheira dos animais, mordente dos leões.

A Grande Mãe contava com muitos centros de veneração. Mas os lugares favoritos para sua adoração eram os montes e cavernas. Em alguns lugares, os seus ritos eram orgiásticos. Seus servos e ministros especiais eram chamados coribantes, que eram eunucos que se vestiam com trajes femininos. Por causa desse aspecto da adoração da Grande Mãe, a *auto-emasculação tornou-se* uma prática comum entre seus seguidores, e os candidatos ao sacerdócio da Grande Mãe castravam-se como uma espécie de ponto culminante de ritos selvagens, que sempre acompanhavam a adoração a ela. No entanto, ela mesma era considerada casta, virgem e celibatária.

Dentro do Império Romano, o período de 15 a 27 de março era dedicado a festividades públicas em honra a Grande Mãe. Uma pedra sagrada (um meteoro), na cabeça de uma imagem da Grande Mãe, era levada em procissão. A adoração a Atise, uma outra deusa, com o tempo mesclou-se com a adoração à Grande Mãe, — formando uma espécie de dupla divina. Nessas celebrações, a imersão no sangue de touros e carneiros sacrificados era um dos pontos altos. E pensava-se que disso resultava a regeneração espiritual. Foram necessários muitos séculos para que essa religião, finalmente, se enfraquecesse. Em 394 D.C., na época de Eugênio, continuava existindo; mas, depois de sua época, finalmente, desapareceu. Entretanto, mediante a leitura deste artigo, o leitor poderá perceber facilmente que certos elementos desse culto sobrevivem até hoje, embora sob formas modificadas, até mesmo na cristandade. Como é que a Grande Mãe podia ser, ao mesmo tempo, igualmente virgem e celibatária? Por que os homens glorificam essas incoerências? É que com sua mentalidade absurda, adoram absurdos!

### GRANDE MAR

Esse é um dos nomes bíblicos dados ao *Mar Mediterrâneo* (vide). Algumas vezes, era chamado simplesmente de «mar», como em Núm. 13:29; Jos. 16:8 e Jonas 1:4. E também aparece o nome «grande mar» (Núm. 34:7; Jos. 9:1; Eze. 47:15), por causa da grande extensão dessa massa de água. Além disso, era chamado de «mar ocidental», porquanto a terra dos hebreus estava localizada em sua extremidade oriental, estendendo-se daí para o ocidente (Deu. 11:24; 34:2; Joel 2:20; Zac. 14:8). Detalhes mais completos a respeito aparecem no artigo referido por nome, acima.

### GRANDE SINAGOGA

Um título alternativo é *Grande Assembléia*. Ambos os nomes referem-se a um grupo de estudiosos judeus que se reunia de vez em quando, a começar nos dias de Esdras (vide), e durante mais dois séculos depois dele. O propósito desses eruditos era interpretar as leis existentes e criar novas leis, — conforme as circunstâncias o exigissem. A história não preservou para nós minúcias exatas quanto ao número deles e nem sobre as questões atinentes à sua organização interna. No entanto, a história posterior atribui a eles muitas leis e instituições importantes. Com base nisso podemos deduzir que esse grupo era formado por homens poderosos e de maior confiança, cujas decisões eram consideradas autoritárias.

### GRANDE TRIBULAÇÃO

Ver sobre **Tribulação, A Grande**.

### GRANDE ÚLTIMO

Essa expressão refere-se ao princípio subjacente do pensamento chinês. Há duas compreensões básicas sobre esse princípio, a saber:

1. Shao Yung (vide) representa aquele grupo de eruditos que pensavam que o grande princípio orientador é o do *yang* e *ying* (vide), ou seja, o número, a forma e seus conceitos opostos, em todas as coisas. Esses princípios, apesar de serem opostos, formam, contudo, uma unidade, pois expressam uma única realidade.

2. Chu Hsi (vide) falava sobre o *grande último* como a essência de todas as coisas, em sua totalidade. Ver o

## GRANDE VEÍCULO — GRÃO

segundo ponto do artigo intitulado *Chu Hsi*.

Em ambos os casos, entretanto, esse grande princípio é identificado com a mente, com a razão e com as leis morais.

### GRANDE VEÍCULO

Ver o artigo sobre os **Veículos do Budismo**.

### GRANDES CISMAS

No decorrer da história da Igreja cristã, tem havido três *cismas* que os estudiosos têm chamado de *grandes*:

1. A separação entre a Igreja Ocidental e a Igreja Oriental, em 1054 D.C.

2. O chamado *Grande Cisma Ocidental*, que se refere ao período, entre 1378 e 1417, quando houve dois, ou mesmo três papas ao mesmo tempo, digladiando-se entre si. Esse cisma dividiu toda a Igreja ocidental em campos rivais. Começou no final do chamado Cativoiro Babilônico (1309—1377), quando o papado foi dominado pelos reis da França, e a corte papal foi deslocada de Roma para a cidade de Avignon, na França. Esse cisma terminou mediante a eleição de Martinho V como papa, embora Benedito VIII, teimosamente, tivesse persistido em chamar-se papa. A morte deste último, entretanto, pôs fim a toda a querela (1423). Seus cardeais escolheram Clemente VIII como sucessor; mas este submeteu-se a Martinho V, seis anos mais tarde. Como é patente, esse cisma foi muito prejudicial para o prestígio do ofício papal. Um dos resultados disso foi que a chamada *teoria conciliar* ganhou novas forças. Muitos teólogos queriam que os concílios exercessem autoridade sobre o papa; e, durante algum tempo, essa teoria se saiu vencedora. Mais tarde houve reações do partido papista, que obteve sua maior vitória quando do concílio do Vaticano, em 1870, que decretou, entre outras coisas, a infalibilidade papal e o domínio deste sobre os concílios. Os historiadores também asseveram que esse Grande Cisma Ocidental foi um dos fatores que contribuíram para a Reforma Protestante.

3. *A Reforma Protestante*. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Essa foi a divisão mais importante que houve na Igreja ocidental, produzindo uma significativa fragmentação. Contudo, várias doutrinas foram purificadas, e surgiu em cena um novo impulso em favor da liberdade religiosa. No entanto, muitos estudiosos afirmam que a Reforma Protestante foi apenas parcial, e que deve haver uma reforma da Reforma Protestante. Por essa razão, vários grupos evangélicos têm procurado se organizar exclusivamente com bases neotestamentárias. Contudo, o ideal é difícil de concretizar, pois cada um de nós é, em certo sentido, um produto do meio em que vive, o que dificulta muito o desembaraçar dos erros do passado. Quanto às causas e resultados da divisão entre o Ocidente e o Oriente, em 1054, ver o artigo geral sobre a *Ortodoxa Oriental, Igreja*, sob o título *O Grande Cisma*. E ver também o artigo intitulado *Filioque*.

### GRANTH

Esse é o nome do livro sagrado dos *siques* (vide). Consiste, essencialmente, nos poemas de Nanaque, o fundador dessa fé. Nanaque nasceu em 1469 e faleceu em 1538. O livro também inclui escritos de Kabir e de Gurus, que foram os sucessores de Nanaque, na liderança do movimento. O décimo guru do

movimento, ao chegar ao momento de nomear o seu sucessor, recusou-se a fazê-lo, mas fez do próprio livro, *Granth*, a autoridade a ser seguida. Desse tempo em diante, essa é a condição que tem prevalecido entre eles. Com o tempo, o *Granth* passou a ser considerado objeto de adoração, pelo que os escritos ali contidos são reputados sagrados.

### GRÃO

Ver os artigos gerais sobre **Agricultura e Alimentos**.

No hebraico, *iseror*, palavra que significa «sacola», «grão» e «pedregulho». Com o sentido de *grão* aparece somente por uma vez, em Amós 9:9, onde diz o Senhor: «...sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, assim como se sacode trigo no crivo, sem que caia na terra um só grão». Portanto, nessa única menção, a palavra é usada em sentido metafórico.

No grego encontramos o vocábulo — *kokkos*, «grão», «semente», que ocorre por sete vezes: Mat. 13:31; 17:20; Mar. 4:31; Luc. 13:19; 17:6; João 12:24; I Cor. 15:47. Esse termo tem sua raiz na **palavra grega** que significa «círculo», «redondo».

Na antiga nação de Israel os mais importantes produtos agrícolas eram grãos ou cereais de vários tipos, além do vinho e do azeite, conforme se lê, nessa ordem, em Deuterônimo 7:13 e 11:14. As sementes dos grãos eram plantadas logo no começo da estação chuvosa, correspondendo ao nosso mês de outubro. A cevada era o cereal que amadurecia primeiro (março e abril do ano seguinte), e o trigo amadurecia de uma semana a um mês mais tarde, dependendo do regime das chuvas. Mas esse amadurecimento dos grãos também dependia da altitude do terreno cultivado. A colheita maior se dava logo no começo de junho, da qual participavam todos os membros da família. Eram usadas pequenas foices de mão nesse mister, e o grão era separado da palha, em terrenos preparados para isso (as eiras), com a ajuda de animais, que arrastavam pesos para lá e para cá, repetidamente. O grão assim trilhado era lançado no ar, para o vento separar, definitivamente, a palha do cereal. Então os grãos eram guardados em grandes receptáculos; e, chegado o momento de seu uso, era moído até tornar-se farinha.

**Grãos ou Cereais Mencionados na Bíblia.** 1. O trigo era o cereal mais valorizado na antiguidade, sendo cultivado em todos os lugares onde o clima o permitia (Gên. 41:2; Exo. 29:2). O trigo era utilizado na feitura de vários tipos de pão. Mas as espigas também eram torradas e comidas inteiras, sem qualquer preparação especial. O melhor trigo da Palestina era cultivado nos vales férteis de Jezreel, de Samaria e da Galiléia. Nos tempos da dominação romana, o Haurã, na Transjordânia, era um dos grandes celeiros de cereais do Império Romano. 2. A *cevada*, depois do trigo, era o grão mais comum da Palestina. Podia ser cultivada em solos de qualidade inferior, e seu período de amadurecimento também era mais curto. Era o alimento dos pobres e dos animais. Ver Juí. 7:13; Eze. 4:9; João 6:9; I Reis 4:28. Há uma espécie de cevada selvagem que cresce na Galiléia, estendendo-se para o nordeste, na direção do deserto da Síria. É provável que as variedades cultivadas, naquela região toda, se derivassem desse tipo. Era a forragem universal de cavalos, mulas e asnos (I Reis 4:28), embora também fosse usada no fabrico do pão dos pobres (Eze. 4:9). Por ser um artigo barato, era usado na chamada oferenda de ciúmes (Núm. 5:15), e também podia ser usado como pagamento das prostitutas (Osé. 3:2; Eze. 13:19). Um bolo de cevada aludia à pobreza ou à baixa condição social de alguém (Juí. 7:13). 3. A

## GRATIA CREATA — GRATIDÃO

*espelta* era uma espécie de trigo inferior, que medrava no Egito (Êxo. 9:32) e na Palestina (Isa. 28:25). Algumas vezes era usada misturada com o trigo, no fabrico do pão (Eze. 4:9). Algumas traduções traduzem ali por «centeio», mas os eruditos concordam que o centeio não era conhecido entre os hebreus. 4. O *painço* era um grão muito miúdo, mais ou menos como a semente de mostarda, usado como forragem para os animais. Nossa versão portuguesa omite tanto esse cereal como um outro elemento, na lista de Ezequiel 4:9. Há uma considerável confusão quanto a esses dois últimos nomes da lista. O *painço* é traduzido, em algumas versões, por «milho», embora se saiba que o milho, na época, só era conhecido pelos índios da América, sendo desconhecido na Ásia, na Europa e na África, antes do descobrimento do Novo Mundo, já em 1492. E, quanto ao outro elemento, algumas versões dizem «aveia», o que não corresponde aos fatos, pois o termo hebraico correspondente, *kussetmet*, era a «espelta», um tipo inferior de trigo (ver o segundo ponto, acima). O *painço* corresponde ao termo hebraico *dochan*, usado somente por uma vez, precisamente em Eze. 4:9, sendo um dos dois termos omitidos pela nossa versão portuguesa.

**Ilustrações.** Israel era uma nação agrícola, e era apenas natural que rabinos e mestres, incluindo o Senhor Jesus, usassem metáforas baseadas na vida agrícola para propósitos didáticos. Assim, temos as parábolas do semeador (Mat. 13:3-23; Mar. 4:3-20); do joio e do trigo (Mat. 13:24-30); da semente que cresceu secretamente (Mar. 4:26-29); do rico com seus celeiros transbordantes de cereais (Luc. 12:16-21) e do grão de trigo que cai no chão, morre, mas depois ressuscita sob a forma de abundante produção (João 12:24). Paulo também se utilizou da idéia do trigo que morre e depois floresce, como símbolo da ressurreição (I Cor. 15:36). Em Amós 9:9 temos uma metáfora em que Israel, entre as demais nações do mundo, haverá de sofrer tribulações e perseguições, sacudida para lá e para cá; mas, no fim, segundo a promessa divina, será restaurada, não havendo perecido inteiramente.

Grãos, guardados em jarras tampadas, têm sido encontrados pelos arqueólogos. Têm sido assim encontrados grãos de trigo, de cevada, de espelta e de aveia, entre os escombros de Jericó. Um ponto interessante é que, antes dessas descobertas arqueológicas, muitos especialistas pensavam que a aveia era desconhecida na Palestina, devido ao fato de que a palavra hebraica correspondente jamais aparece no Antigo Testamento. Também para admiração de todos é que alguns grãos, descobertos pelos arqueólogos, acabaram brotando e produzindo fruto!

### GRATIA CREATA

A primeira dessas duas palavras vem do latim para «graça», que significa «ali um favor recebido ou realizado». A *gratia creata* seria aquela que a alma humana seria capaz de realizar, através do amor divino. É evidente que isso não passa de especulação de teólogos medievais. A Bíblia só reconhece a graça como uma atitude da parte de Deus para com o homem, conferindo-lhe aquilo que ele não merece. Embora um homem possa se mostrar gracioso para com outro, isso jamais entrou nas cogitações dos escritores sagrados, quando eles falavam sobre a graça como a atitude divina que nos permite a salvação.

### GRATIA GRATIS DATA

Expressão latina que significa «graça livremente dada». A expressão é usada para indicar as operações

da graça que ultrapassam aquilo que se poderia esperar da alma humana, sem a ajuda divina. Tal expressão também designa os dons carismáticos que preparam outras pessoas para receberem a graça divina. Seria a influência do Espírito Santo sobre a alma, antes da infusão da graça salvadora ser conferida. Naturalmente, temos aí outra especulação, que só serve para confundir o quadro da graça divina. Em certo sentido, poderíamos dizer que tudo quanto os homens recebem de Deus vem pela sua graça. Mas o Novo Testamento reserva a palavra «graça» (no grego, *cháris*), para indicar aquela atitude divina que sempre leva um homem à salvação, sem nunca especular sobre as atitudes divinas antes desse momento, e, muito menos, chamando essas atitudes anteriores, igualmente, de «graça». Dentro da teologia sacramentalista (tão bem representada pela Igreja Católica Romana, embora não com exclusividade), essa expressão refere-se à influência divina sobre a pessoa, para que ela receba corretamente os sacramentos e seja por eles beneficiada. Ver o artigo sobre os *Sacramentos*.

### GRATIA GRATUM FACIENS

No latim, essa expressão indica aquela «graça ou favor que fez alguém tornar-se *agradecido*». Seria uma graça real e salvadora, em contraste com a *gratia gratis data* (vide), que atuaria como uma influência preparatória. Seria algo criado no homem pelo poder divino, mediante o que o indivíduo torna-se agradável a Deus, tornando-o aceitável. Essa graça restauraria o *donum superaditum* que o homem tivera quando de sua criação, mas que perdeu por causa da queda no pecado. Novamente, são meras especulações de teólogos medievais. A Bíblia nunca levanta tais problemas. A única diferença entre essas especulações e aquela outra que ficava debatendo quantos demônios cabem na ponta de uma agulha, é que esta última não recebeu nenhum título em latim.

### GRATIA INCREATA

Seria a graça não dada e nem realizada. Essa expressão é empregada para designar o amor divino, em suas operações. Seria uma graça *não criada* por qualquer agência humana. Essa é uma classificação inteiramente desnecessária, pois nenhuma graça divina é criada por agência humana.

### GRATIA PREVENIENS

Ver o artigo sobre a *Graça*, em sua seção nona, sexto ponto, *Graça Preveniente*. Essa seção do artigo também descreve várias outras funções da graça, que recebem nomes como graça real, graça habitual, graça irresistível, graça geral, graça santificadora, graça suficiente e graça eficaz. Há especulações protestantes, tanto quanto católicas romanas ou ortodoxas. É difícil escapar a atividade de especular, — devido ao nosso espírito inquisitivo e à nossa pequena maturidade espiritual, quando não se trata mesmo de aberrações mentais. É muito penoso o avanço pela trilha estreita da verdade!

### GRATIDÃO

1. *Definição.* A raiz latina dessa palavra portuguesa é *gratus*, que significa «agradável». Isso posto, a *gratidão* é aquela atitude de alguém que fica satisfeito e agradado diante de alguma coisa, e assim sente-se grato. É a reação de um homem diante de outro, que fez algo em seu favor, e que fez certa diferença para



## GRATIDÃO — GRÉCIA

melhor em sua vida. No sentido teológico, envolve a gratidão e os sentimentos de endividamento de uma pessoa, por haver Deus exibido a graça salvadora a ela, fazendo-a prosperar nesta vida e garantindo-lhe a felicidade eterna, através da missão de Cristo e do ministério do Espírito Santo. Um dos vícios dos pagãos, conforme Paulo os alista, é o da ingratitude. Ver Rom. 1:21. Eles têm conhecimento da existência de Deus, e experimentam muitos de seus benefícios, mas não se mostram agradecidos.

2. *A Fonte Necessária.* Todos os benefícios, dons e vantagens dos homens procedem de Deus. Paulo ensinava que se há algo diferente em uma pessoa, que chama a atenção de outras, isso se deve a algum dom de Deus. Sendo esse o caso, faríamos bem em evitar a jactância, porquanto tudo quanto somos e temos é um dom de Deus (I Cor. 4:7). Tiago ajunta que todo dom perfeito nos é dado por Deus (Tia. 1:17).

3. *Os Devedores.* Todos os homens são devedores. A própria vida é um dom de Deus. O sustento das necessidades físicas também nos é dado por sua graça. O destino e o propósito na vida de cada pessoa também foram planejados por Deus. Nós amamos ao Senhor porque ele primeiramente nos amou (I João 4:19). O próprio evangelho é iniciativa divina, visando ao benefício dos homens. Há grandes promessas referentes ao futuro bem-estar dos remidos e, secundariamente, até no caso dos não-remidos, através dos planos da redenção e da restauração (ver os artigos a respeito). Kierkegaard (vide) fez uma grande observação quando disse: «Sou um pobre coitado de quem Deus cuidou e em favor de quem ele tem feito indescritivelmente mais por mim do que eu jamais esperei... e agora somente anseio pela paz da eternidade, a fim de nada mais fazer, senão agradecer a ele» (*The Journals*).

4. *Motivações.* Ver o artigo separado sobre *Motivo, Motivação.* Paulo ensina-nos, em Romanos 2:4, que a bondade de Deus é que nos leva ao arrependimento. Após o arrependimento ocorre o processo da salvação, que, neste mundo, começa com a regeneração, e termina na glorificação. Além desse tipo de gratidão essencial, há aquilo que inspira o nosso serviço. Romanos 12:1 é trecho que situa o serviço prestado pelo homem diretamente sobre as muitas misericórdias de Deus. Desse modo, nosso serviço torna-se razoável, como reação à misericórdia e a graça divinas. **Devemos louvar ao Senhor, que nos chamou das trevas para a luz** (ver I Ped. 2:9). «Quando o Senhor restaurou a sorte de Sião, ficamos como quem sonha. Então a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua de júbilo; então entre as nações se dizia: Grandes cousas o Senhor tem feito por eles» (Sal. 126:1,2). Temos recebido gratuitamente, da parte do Senhor, e estamos na obrigação de dar gratuitamente do que temos recebido (ver Mat. 10:8).

*Outros fatores motivadores* de nossa gratidão são a misericórdia de Deus (Sal. 106:1; 107:1), o dom de Cristo (II Cor. 9:15), o reino e o poder de Cristo (Apo. 11:17), o livramento do pecado (Rom. 7:23-25), a proximidade da presença de Deus (Sal. 75:1), o suprimento de nossas necessidades físicas (Rom. 14:6; I Tim. 4:3,4), a vitória sobre o pecado, a morte e o sepulcro (I Cor. 15:47), a sabedoria e o poder (Dan. 2:23), o triunfo do evangelho (II Cor. 2:14), o recebimento da Palavra de Deus (I Tes. 2:13), a conversão das almas (Rom. 6:17), a graça estendida a outras pessoas (I Cor. 1:4; Fil. 1:3-5), todas as coisas boas que Deus nos envia nesta vida (II Cor. 9:11; Efé. 5:20).

5. *A Falta de Gratidão.* Parte da apostasia dos gentios consistia na falta de gratidão (Rom. 1:21). Os

ímpios são adversos à gratidão.

6. *Alguns Resultados da Gratidão.* Arrependimento (Rom. 2:4), Deus fica satisfeito e agradado (Sal. 92:1), oferecimento de louvor (Sal. 50:14), louvor a Cristo (I Tim. 1:12), intercessão por outras pessoas (I Tim. 2:1,2; II Tim. 1:3); oração (Nee. 11:17; Fil. 4:6).

7. *Algumas Citações Notáveis Sobre a Gratidão:*

«A gratidão é o sinal das almas nobres» (Esopo).

«A terra não pode produzir coisa alguma pior do que um homem ingrato» (Ausônio).

«Um homem inclina-se muito por queixar-se da ingratitude daqueles que subiram mais do que ele» (Samuel Johnson).

«A gratidão da maioria dos homens é apenas o desejo secreto de receberem benefícios ainda maiores» (François de la Rochefoucaud).

«A gratidão é a menor das virtudes, mas a ingratitude é o pior dos vícios» (um provérbio popular).

«Mais aguçado que o dente de uma serpente é ter um filho ingrato» (Shakespeare, em *Rei Lear*).

**GREBEL, KONRAD** Ver **Menonitas, 1.**

## GRÉCIA

*Esboço:*

I. Caracterização Geral

II. O Nome

III. Geografia e Localização

IV. Dados Históricos

V. A Filosofia Grega

VI. A Religião Grega

VII. A Língua Grega

VIII. A Literatura Grega

IX. Esboço de Descobertas Arqueológicas

### I. Caracterização Geral

«Todos nós somos gregos. Nossas leis, nossa literatura, nossa religião, nossa arte têm todas suas raízes na Grécia» (Percy B. Shelley).

A importância da Grécia, dentro da história humana, é uma questão de claro registro histórico. A importância da Grécia, para o Novo Testamento, revela-se no fato de que a missão europeia de Paulo foi, essencialmente, uma missão de evangelização da Grécia. E, naturalmente, a língua grega foi o grande veículo de propagação, tanto do Antigo Testamento, por todo o mundo não-palestino, através da versão da Septuaginta (vide), quanto também foi a língua em que todo o Novo Testamento foi composto (excetuando algumas poucas e breves frases e palavras). Por isso mesmo, o idioma grego (em seu período *koiné*, o grego que se falava por todo o império romano, desde cerca de II A.C. até II D.C.) continua sendo estudado até hoje pelos estudantes de teologia. E tão grande tem sido, até hoje, o impacto da cultura grega no mundo, que uma grande porcentagem de universidades oferece cursos de grego clássico, quanto à sua língua e literatura. Todavia, a questão não pode ser deixada nesse ponto. Se tivéssemos de isolar os dois principais fatores que formam as pedras basilares de nossa cultura ocidental, diríamos: Israel e a Grécia.

A filosofia grega (vide) é a mãe da filosofia ocidental, bem como um fator importante na maneira de pensar e de escrever de certo número dos primeiros pais da Igreja. Isso posto, a nossa teologia cristã ocidental (e não somente a teologia cristã oriental) foi fortemente influenciada por idéias gregas, mormente as de Platão, Justino, Clemente, Orígenes e Agostinho (para mencionar somente alguns poucos) foram profundamente influenciados por Platão; e as formulações teológicas deles confirmam esse fato.

## GRÉCIA

A Grécia é um país de pequenas dimensões (de acordo com os padrões modernos), localizado na parte sul da península dos Balcãs. Uma das maiores civilizações do mundo já floresceu ali. O moderno estado da Grécia ocupa não somente a parte sul da península dos Balcãs, mas também as ilhas jônicas, ao longo de suas costas ocidentais, a grande ilha de Creta, um tanto mais ao sul, e, excetuando as ilhas de Imbros e Tenedos (que pertencem à Turquia e que os turcos chamam de Imroz e Bozcaada), todas as ilhas do mar Egeu, incluindo a ilha de Rodas.

Quem foram os primeiros habitantes da Grécia é um dos mais famosos enigmas da história. A língua deles era indo-européia e eles localizaram-se, primeiramente nos estados micenos do Peloponeso, conforme tem sido recentemente determinado pelo deciframento da escrita linear B, do segundo milênio A.C. E quando eles aparecem pela primeira vez nos registros históricos, já ocupavam ambas as margens do mar Egeu. Duas grandes atividades marcaram o começo da história deles: a filosofia e o governo republicano. Esse tipo de governo começou nas costas jônicas da Ásia Menor. A Jônia tem sido identificada como lugar onde se instalaram os descendentes de Javã (ver Isa. 66:19), filho de Jafé, neto de Noé (ver Gên. 10:1-4).

A história grega antiga inclui o relato de colônias gregas que se estabeleceram na área do mar Negro, na ilha da Sicília e no sul da Itália, e também ao longo das margens do Mediterrâneo, para o ocidente, até Marselha (na França atual) e a Espanha. Alexandre, o Grande, expandiu os estados gregos para o Oriente, até tão longe quanto as fronteiras ocidentais da Índia. Isso posto, apesar do território da Grécia ser tão pequeno, a esfera de influência do império grego não foi nada pequena. Os jônicos eram uma colônia da Ática; e, visto que, nos tempos clássicos, tinham vindo do Oriente, algumas vezes eram chamados asiáticos, e não europeus. Na realidade, todos os povos europeus são provenientes da Ásia, mesmo que tenham estado antes na África (como é o caso dos iberos, da península Ibérica), antes de entrarem na Europa. O trecho de Joel 3:6 menciona os gregos como compradores de filhos de Judá, vendidos por negociantes de escravos de Tiro. Ele falou sobre isso em cerca de 800 A.C. A passagem de Ezequiel 27:13 menciona Javã (a Grécia) e Tiro, como negociantes de escravos. Os trechos bíblicos de Daniel 8:5,21 e 11:3 prederisseram o surgimento de Alexandre, o Grande, o bode que «tinha um chifre notável entre os olhos», que vinha do Ocidente, ocupando toda a face da terra, e que dominava a tudo com a velocidade de um leopardo alado (Dan. 7:6). A Grécia, pois, feriu e substituiu a Média Pérsia, representada pelo carneiro (Dan. 8:3,4).

**Alexandre, o Grande** (vide), aluno de Aristóteles, foi o gênio militar que espalhou a cultura grega por todo o mundo conhecido e civilizado de sua época. A era helenista começou com ele, tendo continuado por mais trezentos anos (desde 323 A.C. até o começo da era cristã). Estados gregos multiplicavam-se para o Oriente até à Índia. Mas, por ocasião da morte de Alexandre, o Grande, de seu império surgiram os reinos selêucida e ptolomaico. O primeiro desses reinos derivava seu nome de *Seleuco Nicator*, um dos generais de Alexandre, que, depois da morte deste, governou no território sírio que Alexandre havia conquistado. Seis reis tiveram o nome de *Seleuco*, formando uma dinastia que governou a Síria desde 312 A.C. até à conquista romana da região, em 64 A.C. Por sua vez, Ptolomeu I, outro general de Alexandre, foi o fundador da dinastia ptolomaica. Nada menos de catorze monarcas do Egito chama-

ram-se *Ptolomeu*. Essa dinastia greco-macedônica governou o Egito desde 323 A.C. até 30 A.C., quando os romanos, finalmente, conquistaram o Egito. Temos provido artigos separados sobre ambas essas dinastias. A fragmentação política era uma das características dos antigos gregos, e essa circunstância prosseguiu no caso dos sucessores de Alexandre, o Grande. Muitos estados gregos originaram-se daí, durante o chamado período helenista.

Mas, se politicamente falando, a fragmentação foi-se intensificando, no campo da cultura houve uma espécie de *unificação* em torno do *ideal grego*. A porção inteira do Mediterrâneo oriental, e grande região em redor, foi elevada acima da norma comum da civilização, devido à influência grega. O ideal de uma vida livre e cultivada em uma pequena comunidade autônoma (que fora antes prerrogativa de alguns poucos estados egeus), tornou-se uma espécie de padrão universal. Atenas continuou sendo a capital cultural do mundo, e o grego tornou-se o idioma universal. Entrementes, foram surgindo outros grandes centros da cultura grega, como Pérgamo, Antioquia e, especialmente, Alexandria, onde o elemento judaico era fortíssimo. O predomínio grego no terreno da cultura era tão grande que os homens podiam ser divididos, a grosso modo, em gregos (os civilizados e eruditos) e bárbaros (o resto da humanidade, de cultura inferior). O trecho de Romanos 1:14 reflete essa maneira de dividir culturalmente os homens. Para os judeus, entretanto, havia os judeus e os pagãos. O orgulho humano sempre se mostra ativo, produzindo as divisões e preconceitos humanos até mesmo na linguagem. Assim, o uso da língua grega era sinal de civilização e prestígio (ver Atos 21:37-39). Aqueles que sabiam usar o idioma grego, embora não fossem racialmente gregos, ainda assim podiam ser chamados helenistas, conforme se vê, por exemplo, em Atos 6:1 e 9:29. Até mesmo judeus, que usavam o grego, ao que se presume, eram assim chamados, em contraste com outros judeus que não sabiam falar o grego. No entanto, a passagem de Atos 9:29, parece referir-se a não-judeus: «Falava e discutia com os helenistas...» O termo comumente usado para indicar não-judeus, nas páginas do Novo Testamento, é «grego» (no grego, *hellen*) (ver Atos 18:17 e Rom. 1:16).

No começo da era cristã, os territórios que antes tinham feito parte da Grécia, vieram a integrar a província romana da Acaia. O procônsul romano residia em Corinto. Atenas, porém, continuou sendo o centro da cultura e da erudição. Jovens romanos iam a Atenas tal como hoje muitos jovens estudantes estrangeiros aspiram frequentar universidades como a Sorbonne, Harvard, o Massachusetts Institute of Technology, a Universidade de John Hopkins, e outros grandes centros, em vários países. Aprendemos pela história que as escolas de gramática, de retórica, de dialética e de filosofia de Atenas viviam repletas de estrangeiros, antes e depois do advento do cristianismo.

O *cristianismo* foi levado à Grécia pelo apóstolo Paulo, que visitou Filipos (Atos 16:12), Tessalônica, Beréia, Atenas e Corinto (Atos 17 e 18). Essa missão foi impelida pela *chamada macedônia* de Paulo (ver Atos 16:9), tendo constituído a sua segunda viagem missionária.

### II. O Nome

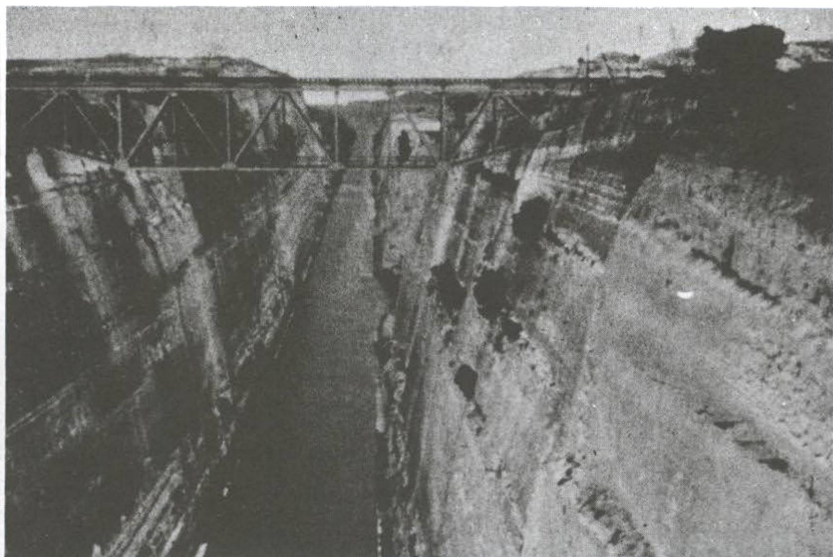
O vocábulo *Grécia* vem do latim, *Graecia*. Os *graeci* (palavra latina) eram os gregos. Originalmente, o nome foi aplicado a um grupo humano indo-europeu que ocupava a extremidade noroeste da península dos Balcãs, do outro lado do *calcanhar* da península



Demóstenes, Cópia Romana de  
um Original Grego  
Cortesia, Vatican Library



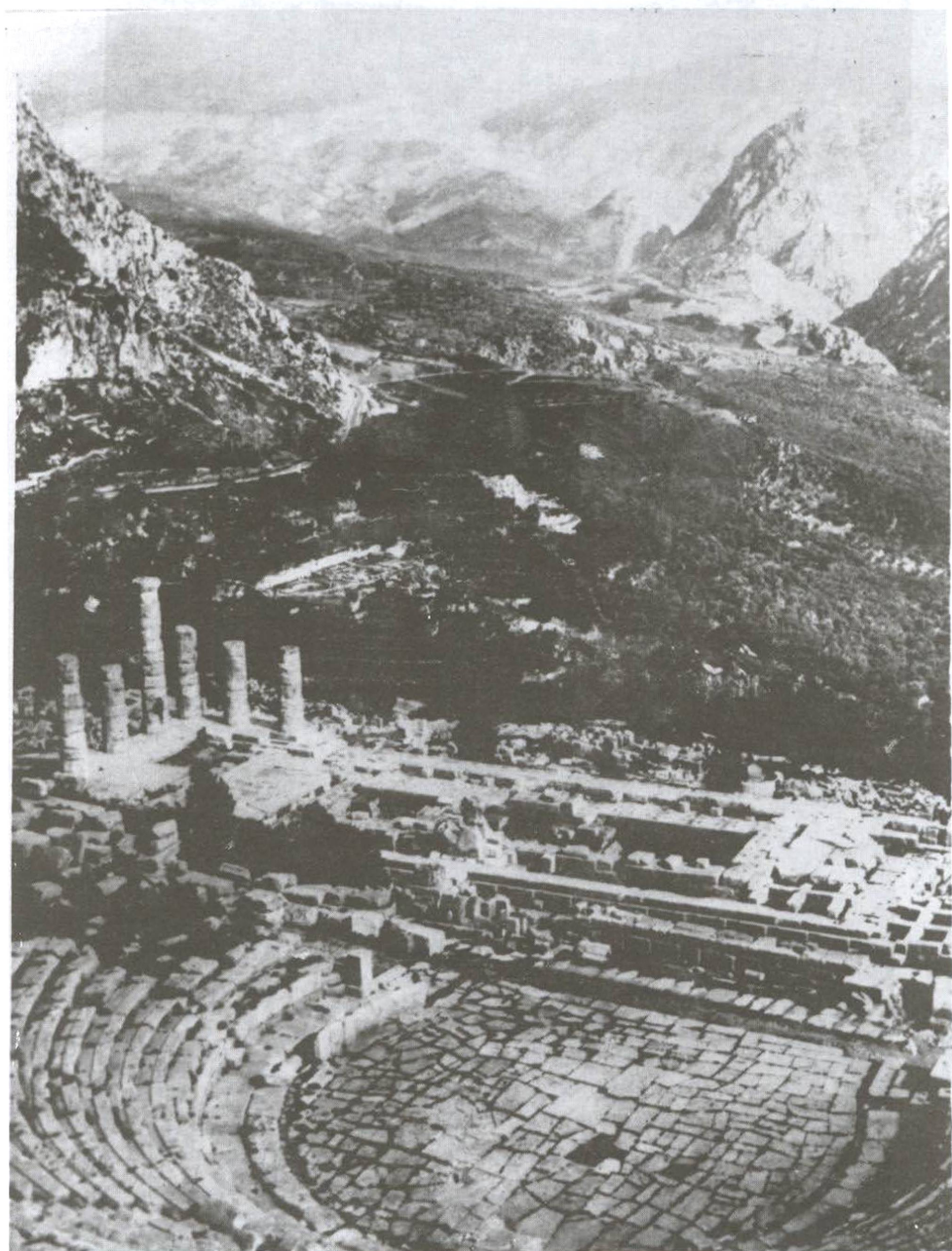
GRÉCIA, A PARTENON — Cortesia, Matson Photo Service



**Canal que atravessa o istmo de Corinto**  
— Cortesia, John F. Walvoord



**Estrada de Lechaem, Corinto**  
— Cortesia, John F. Walvoord



Delphi, Grécia Central Cortesia, Matson Photo Service

Teatro de Apolo

## GRÉCIA

Itálica. É curioso que essa região, seu povo e seu idioma tenham-se tornado conhecidos por meio de palavras latinas. Outras curiosidades lingüísticas como essa têm ocorrido. Assim, a *Palestina* obteve seu nome das tribos filistéias, que viviam na extremidade sudoeste da terra atualmente chamada Palestina. A chamada faixa de Gaza, de nossos dias, marca o local onde habitavam os filisteus. Os gregos chamavam seu país de *Ellás*, pelo que eles mesmos eram os helenos. Todavia, esse nome designava, originalmente, uma pequena tribo do sul da Tessália (Homero 2.683, 684). Os nomes tribais apareceram primeiro, porque a Grécia não formava um país unificado, e muitos séculos de história se passaram, até formar-se o país que hoje em dia chamamos de Grécia. As principais tribos helenas eram os acaeanos, os argivos e os danai. Os nomes veterotestamentários de «Javã» e «Dodanim» parecem referir-se aos gregos jônicos da Ásia Menor e aos danai.

### III. Geografia e Localização

Três penínsulas projetam-se da Europa para dentro do mar Mediterrâneo. E duas dessas penínsulas são formadas mediante o avanço do mar entre os sistemas montanhosos desse continente. Geograficamente falando, a Grécia é aquela região que é banhada pelas águas na extremidade sudeste da cadeia montanhosa da Europa central e do sul. A Grécia é uma região montanhosa com elevações e precipícios com estreitas planícies nos vales, com serras montanhosas e picos, cuja massa é interrompida, na direção leste-oeste, por profundas gargantas, indentadas pelo mar invasor, cercada por vários grupos de ilhas, especificamente aquelas ilhas do mar Jônico e do mar Egeu (as Espradas e as Cicladadas). As ilhas de Creta e do Dodocaneso, embora não façam atualmente parte da Grécia, geográfica, etnológica e historicamente sempre estiveram vinculadas à porção continental da Grécia. A história grega foi significativamente influenciada por seu terreno acidentado, que separava povos da mesma raça geral em tribos que, com frequência, se hostilizavam. Não era um país que facilitava a unidade, por causa das dificuldades de transporte e comunicação dos tempos antigos. Cidades-estado foram a resposta para essa condição, e a fragmentação foi o resultado natural da mesma. Quando os gregos procuraram expandir-se, tornaram-se marinheiros, colonizadores de outras terras, e isso os internacionalizou. Atualmente, a Grécia é classificada como um país de pequenas dimensões, na porção sul da península dos Balcãs, incluindo ainda as ilhas Jônicas (mais para oeste), a grande ilha de Creta (para o sul) e a maior parte das ilhas do mar Egeu, incluindo Rodes (para leste e sudeste). A Grécia moderna é um país do sudeste europeu, que tem a área de 130.918 km(2).

### IV. Dados Históricos

A história da Grécia antiga pode ser dividida, a grosso modo, em duas grandes eras: a pré-história e a história até 1000 A.C.; e então a história de 1000 A.C. até 330 D.C. O período anterior a 1000 A.C. só é conhecido essencialmente através das descobertas arqueológicas; e, daí por diante, por essas descobertas, paralelamente à literatura antiga. A civilização grega clássica começou a surgir dentre a cultura micena, em cerca de 1000 A.C., e foi essa a civilização que deixou tão rico legado a toda a humanidade.

#### 1. Pré-história (até 1000 A.C.).

Quanto a esse período, encontramos as usuais classificações arqueológicas do período neolítico (6000 — 2800 A.C.); a Idade do Bronze Antiga (2800 — 2000 A.C.); a Idade do Bronze Média (2000 — 1570 A.C.); a Idade do Bronze Moderna (1570 — 1000

A.C.).

a. *Período Neolítico.* A região que hoje é a Grécia tornou-se bem povoada com o desenvolvimento da agricultura. Artefatos de cerâmica e outros itens têm sido encontrados no continente, na ilha de Creta e em algumas ilhas do mar Egeu. Sabemos que as populações que viviam na orla marítima ocupavam-se na pesca e na navegação. Agricultores cultivavam o trigo e a cevada, e domesticavam o cão e outros animais. A cerâmica ali descoberta revela que os gregos sofriam as influências do Oriente Próximo.

b. *Idade do Bronze Antiga.* Estados civilizados apareceram no Oriente Próximo. Os gregos, ao que parece, aprenderam com eles como usar o bronze. O mármore era usado para fazer figurinhas humanas e certas peças de instrumentos musicais de cordas. Os gregos tornavam-se cada vez melhores marinheiros, e muitos gregos residiam na Ásia Menor. Peças de cerâmica provenientes do continente europeu, sobretudo de Lerna, perto de Argos, tinham um polimento especial. Há evidências de guerras e destruições na parte européia da Grécia, durante esse período. Chegaram invasores vindos do norte, que provavelmente falavam um grego de forma bem primitiva. Evidências que mostram a presença de gregos antigos têm sido achadas em Corinto e em Assós. Também há evidências lingüísticas do uso de um outro idioma que tinha freqüentes sons sibilantes, como *ss* e *nth*.

c. *Idade do Bronze Média.* Invasores vindos do norte fortificaram suas cidades com muralhas de pedra bruta (pedras empilhadas, sem qualquer cimento entre elas). Desenvolveram-se novos formatos nas peças de cerâmica. Já perto do fim desse período, acentuaram-se as influências cretenses sobre os demais gregos. Os habitantes de Creta viviam em um ambiente mais pacífico do que os habitantes da parte continental do país, pelo que a cultura dos cretenses foi progredindo sem interrupções, desde o período minoano antigo até o período minoano médio. Surgiram reinos independentes em torno de lugares como Cnossos, Paestos, Malia, Cato e Zacro. A arqueologia tem podido desenterrar grande riqueza de material proveniente desse período, como palácios, templos, pátios, residências luxuosas com banheiros e água corrente. Muitos itens de luxo, como figurinhas feitas de marfim, vasos extremamente decorados e peças de cerâmica de paredes finíssimas, habilidosamente pintadas, têm sido descobertos pelos arqueólogos. Na decoração usavam-se figuras representando seres humanos, animais, plantas e peixes. Os cretenses ocupavam-se na agricultura, na navegação marítima e no comércio com o estrangeiro. A Grécia histórica retém a memória de Minos com seu fantástico palácio de Cnossos. O vocábulo *minoano* refere-se a uma avançada civilização da idade do Bronze, que floresceu em Creta entre 3000 e 1100 A.C., quando também havia duas típicas variedades de escrita linear (composição em *linhas*), que usavam sinais silábicos e pictográficos ao mesmo tempo. Essas formas escritas foram encontradas em tabletes de argila, no palácio de Minos, em Cnossos, no palácio de Nestos, em Pilos, e em outras cidades gregas e cretenses, do século XVII ao século XIII A.C.

d. *Idade do Bronze Moderna.* O centro das atividades, em torno do mar Egeu, eram os palácios dos governantes. Uma grande erupção vulcânica, segundo parece, destruiu os palácios minoanos. Também há evidências de que os gregos da parte continental da nação controlavam Cnossos, durante esse período. Na Grécia propriamente dita, por esse tempo, prevaleceu a chamada *idade micena*, assim designada porque a civilização da época centralizava-

## GRÉCIA

se em torno da cidade de Micenas. Essa civilização propagou-se até à Ásia Menor, à ilha de Sicília e a países estrangeiros, ante o avanço dos helenos, e atingiu o seu ponto culminante por volta de 1400 A.C. Micenas era uma antiga cidade da parte nordeste do Peloponeso. Grandes escavações têm sido efetuadas ali, a partir de 1876. As evidências mostram certa influência minoana. Um grupo de sepulcros, chamados *Sepulcros em Círculo B*, escavados na rocha, fora da fortaleza ali existente, continha objetos minoanos, juntamente com produtos nativos da região. Máscaras feitas de ouro, braceletes, tabuleiros de jogos feitos de marfim, adagas com incrustações, etc., têm sido encontrados nesses túmulos e em outras escavações feitas na parte continental da Grécia e nas ilhas do mar Egeu. A arqueologia tem ilustrado a existência de duas estruturas notáveis: os túmulos chamados *tolos* e os palácios. Esses túmulos eram estruturas com cúpulas falsas, feitas de tijolos, nos quais as pessoas entravam por meio de corredores. Os palácios (diferentes daqueles da ilha de Creta) tinham um *megaron*, ou seja, um grande salão central, com uma lareira e um pórtico com colunas. É evidente que esse plano geral foi usado nos templos posteriores da Grécia.

Nesse tempo, a Grécia estava dividida em vários reinos independentes como os de Micenas, Tirinos, Pilos, Atenas, Tebas e Iolcos, este último na Tessália, o lendário lar de Aquiles. Os ricos viviam em palácios, enquanto que os aldeões viviam em vilas muito inferiores, que circundavam os palácios. No entanto, ainda não havia grandes cidades na porção continental da Grécia. A civilização micena tinha certa forma de escrita. Foi encontrado um depósito de tablets, gravados com o que atualmente se conhece por escrita linear B. Outras evidências dessa forma de escrita têm sido encontradas em Cnossos, Tirinos e Tebas. A forma de escrita linear B contém uma antiqüíssima variedade de grego.

A *Grécia micena* compunha-se de agricultores, artesãos e guerreiros. Um dos ataques feitos por esses guerreiros foi o famoso ataque contra Tróia, referido nos poemas homéricos, a *Iliada* e a *Odisseia*. Em quais proporções estão ali misturadas a história, as lendas e a mitologia é algo que continua sendo debatido pelos estudiosos. Seja como for, a arqueologia tem provido grande abundância de evidências quanto a esse período, com a descoberta de muitos artefatos, armas, armaduras, carruagens e referências literárias. Depois de 1300 A.C., foi passando a força da era micena. Guerras, pragas e desastres naturais diminuíram drasticamente a população da Grécia. Houve a infiltração de um povo hostil, vindo do outro lado da cadeia dos Balcãs, chamados dorianos, os quais puderam ocupar grande parte da ilha de Creta e as ilhas circunvizinhas. Dessa forma, estabeleceram-se vários dialetos gregos: o eólico, o ático, o dórico e o jônico eram os principais (mais conhecidos através de fontes literárias que chegaram até nós).

### 2. A Civilização das Cidades-Estado da Grécia

Os historiadores dividem esse período em quatro partes: a. época de formação (1000 — 800 A.C.); b. desenvolvimento das *cidades-estado* (800 — 500 A.C.); c. ponto culminante (500 — 404 A.C.); d. declínio (404 — 338 A.C.).

A era micena terminou em desastre, ou melhor, desastres. A população ficou muito reduzida. Pequenos povoados tornaram-se o padrão. Para proteção mútua e prosperidade, os gregos retornaram à agricultura de subsistência e ao pastoreio, e a tendência passou a desenvolver unidades pequenas, quase *auto-suficientes*. O comércio com o estrangeiro

e a navegação não se interromperam de todo, mas diminuíram significativamente. O ferro começou a ser usado, e isso resultou em mudanças tecnológicas. A metalurgia tornou-se uma profissão independente, e seus produtos passaram a ser usados na agricultura e como armas de guerra. Outros fatores também estiveram envolvidos na descentralização, havendo evidências em prol da declaração de que, em cerca de 500 A.C., várias centenas de pequenas cidades foram transformadas em *cidades-estado*, essencialmente unidades *auto-suficientes* que promoviam seus próprios ideais nos campos da filosofia, da religião e da autonomia política. A tradição patriarcal já fazia parte, antes disso, do pensamento grego; e a *cidade-estado* só serviu para fortalecer essa filosofia. A unidade social última era a mansão patriarcal. A autoridade da *polis* era investida nos adultos do sexo masculino; as famílias formavam o *genos* (clã), e os clãs formavam a *phratry* (tribo). A economia estava alicerçada sobre a propriedade privada. Mas o poder não estava distribuído de forma equitativa. Os guerreiros donos de terras formavam o poder maior. Os escravos formavam a unidade menos importante. A escravidão era uma instituição bastante limitada, até o ano 800 A.C. Os proprietários de terras tinham grande poder; os destituídos de terras e das riquezas dali decorrentes exerciam pequena influência.

Os níveis da sociedade eram: a aristocracia latifundiária (donos de terras) e a militar, que ocupavam o topo da pirâmide; os agricultores donos de terras, já de influência menor que aqueles (a classe média antiga); os agricultores sem terras, artesãos e trabalhadores do dia-a-dia, vinham em seguida; os estrangeiros residentes, mais abaixo ainda; e, finalmente, a classe dos escravos, à base da pirâmide. A *cidade-estado* era a sincretização de algumas poucas aldeias espalhadas por uma área, e a proteção mútua era a sua principal motivação. Para exemplificar, as aldeias da Ática contribuíram com seus recursos e poderes sob a autoridade da acrópolis, dando início a um novo tipo de estado. A democracia era a mentalidade normativa nessa unidade política. Tebas e Esparta tornaram-se centros para outras regiões, e a oligarquia começou a dominar nesses lugares. O *tirano* era o chefe político dentro desse sistema; e, se ele fosse cruel e corrupto, então era um tirano no sentido moderno. O termo grego correspondente significa apenas «senhor» ou «governante». A palavra é de origem dórica, *koiranos*, que se deriva de *kúrios*, a palavra grega comum para «senhor».

Em Atenas, Sólon promoveu reformas constitucionais de acordo com diretrizes democráticas (594 A.C.). Seguiram-se, porém, governos tirânicos; mas Cleistenes (507 A.C.) introduziu uma genuína forma de governo democrático. A cidade de Esparta, em contraste, tornou-se uma sociedade militarista tirânica, organizada com base no código selvagem do semilendário Licurgo. O ponto culminante da *cidade-estado* ocorreu em cerca de 500 A.C. Unidas as *cidades-estado* (sobretudo Atenas e Esparta) obtiveram uma surpreendente e grande vitória sobre o poderoso império persa, e assim fizeram esse império cessar em sua expansão para o Ocidente, que pretendia ocupar a Grécia europeia. Isso obteve o efeito literal de liberar as cidades gregas da Ásia Menor, que antes tinham caído sob o controle do reino da Lídia (século VII A.C.), mas que então havia sido absorvido pelo império persa. As datas dessa guerra são 499 — 478 A.C. Heródoto foi o historiador antigo que nos brindou com o relato da mesma. Essa é uma das razões pelas quais ele é apodado de «pai da história».



Em seguida ocorreu a infeliz guerra do Peloponeso (431 — 404 A.C.), durante a qual Esparta e Atenas lançaram-se à destruição uma da outra. Sendo militarmente mais forte, Esparta foi a vencedora; mas suas perdas também foram consideráveis. Nunca mais, depois disso, Atenas conseguiu recuperar sua antiga pujança. Foi Tucídides quem registrou esse triste relato. O expansionismo ateniense fora a causa principal dessa guerra intensa. Atenas tentara tornar-se o poder grego mais forte, tanto em terra quanto no mar. Sua expansão pelo mar jônico causava grande consternação entre os coríntios. Corinto considerava essa faixa marítima como sua, e Corinto era o poder marítimo mais poderoso da liga do Peloponeso, encabeçada por Esparta.

*Os Números em Atenas.* É possível determinar a população da cidade de Atenas, nos dias de Péricles (cerca de 450 A.C.) mediante as seguintes considerações: a suposta democracia de sua época era, na verdade, controlada por cerca de quarenta e três mil cidadãos. As mulheres, que também deveriam ser mais de quarenta mil, estavam excluídas de qualquer participação política. Os estrangeiros residentes também não tinham tal participação; e o número deles orçava em cerca de vinte e oito mil e quinhentos. Os escravos formavam o grupo mais numeroso, cerca de cento e dez mil; e eles, naturalmente, não tinham qualquer participação no governo. Se então incluímos as crianças, podemos afirmar que a população de Atenas, nessa época, girava em torno dos quatrocentos mil habitantes. Esses números não incluem os residentes do resto da Ática.

*Declínio.* As coisas não voltaram ao normal absoluto, após a destrutiva guerra do Peloponeso. Atenas tornou-se, uma vez mais, o porto mais importante do mar Mediterrâneo; mas agora precisava competir com Corinto, Megara, Boécia, Rodas, Quios e Tassos. Além disso, certos poderes estrangeiros tinham-se apossado de mercados que antes pertenciam à Grécia; e, sem esses mercados, as condições haviam piorado para todos os gregos. Alguns poucos obtiveram maior poder; mas a maioria saiu perdendo. Atenas foi forçada até mesmo a pagar subsídios aos cidadãos mais pobres, para poder manter a paz social. Houve várias guerras civis, enquanto várias forças lutavam buscando a liderança. Apesar de haver herdado o império ateniense, em 404 A.C., Esparta também foi declinando rapidamente.

Por outro lado, a cidade de Tebas foi subindo em proeminência, e chegou a derrotar os espartanos, por ocasião da batalha de Luctra (371 A.C.). Mas, passada uma década, Tebas e Esparta voltaram a medir-se, quando da batalha de Mantinéia (362 A.C.). Nenhuma delas saiu-se vencedora; mas Epaminondas, o governante tebano, foi morto. O resultado geral foi que nenhuma cidade grega foi capaz de obter a supremacia, e nenhuma delas estava interessada em conseguir a unificação do país. Essa desunião foi que deu origem ao poder crescente da Macedônia, sob a liderança de Filipe II (vide), o qual governou entre 359 e 336 A.C. Um notável feito da arqueologia tem sido o descobrimento dos ossos desse homem, e nosso artigo sobre ele descreve isso. Ele foi o pai de Alexandre, o Grande (vide).

### 3. O Domínio da Macedônia e Alexandre, o Grande

A batalha de Queroneia (338 A.C.) resultou na completa sujeição da Grécia à Macedônia. Os macedônios também eram gregos; mas, na antiguidade, haviam sido considerados bárbaros que falavam um dialeto grego, e que tinham tendências helenizadoras. No entanto, foram os macedônios que,

finalmente, conseguiram unificar a Grécia inteira dentro da liga helênica de Corinto, de acordo com a qual Filipe II organizou todas as cidades-estado da Grécia. Alexandre, seu filho, anelava somente por guerras de conquista. Ele lembrou aos gregos o delito persa (cento e cinquenta anos antes) de haver invadido a Grécia; e resolveu punir os persas por causa disso, juntamente com outras potências estrangeiras. Alexandre conseguiu bater facilmente os persas; e passou muito além deles. Tornou-se o grande dominador de todo o mundo conhecido e civilizado da época, e a sua história aparece em um artigo separado a seu respeito.

### 4. O Helenismo

A cultura, a língua — e o poder militar dos gregos agora dominavam o mundo conhecido. — O período helenista começa com Alexandre, o Grande, e prolonga-se no tempo mais trezentos anos. Oferecemos algumas descrições a esse respeito, nos últimos parágrafos, sob a primeira seção deste artigo, e também no artigo separado intitulado *Helenismo, Helenistas*.

### 5. Roma, a Potência do Ocidente

É fato de observação comum que a civilização começou no Oriente Médio e foi avançando progressivamente para o Ocidente. Isso tornou-se ainda mais evidente no caso da Grécia e de Roma. O conflito entre Roma e a Macedônia começou quando Roma estabeleceu uma cabeça de ponte sobre o mar Adriático oriental, depois de duas campanhas contra os piratas de Ilíria (229 — 228 e 219 A.C.). Isso provocou a primeira guerra macedônica (215 — 205 A.C.), quando Filipe V era o rei da Macedônia. Este aliara-se a Cartago, no norte da África. Mas a vitória de Roma, nessa ocasião, e também quando a segunda guerra macedônica (200 — 197 A.C.), fez Roma tornar-se o poder maior na Grécia. Estranhamente, Roma recebeu o apoio de vários estados gregos, como a liga da Etólia, Atenas, Esparta e Rodas. Em 196 A.C., Tito Quíntius Flaminíus declarou a independência de todas as cidades gregas. A própria Grécia foi reorganizada, como uma província romana. No começo, os gregos mostraram-se entusiasmados com a nova ordem de coisas; mas, não demorou muito para reconhecerem amargamente a sua sujeição. Um novo império tinha nascido. Ver os artigos separados sobre *Roma* e sobre o *Império Romano*.

### 6. A Era Áurea e a Era Argêntea

Fazemos bem em notar (embora interrompendo a ordem cronológica da nossa narrativa) a era áurea da Grécia. Em vários sentidos, o clímax da civilização grega ocorreu no século V A.C., na cidade de Atenas. Os principais elementos dessa cultura foram as instituições políticas, o lançamento dos aliceres da filosofia ocidental e a produção de muitas obras-primas literárias, em vários campos do saber. Atenas produziu, no terreno da literatura, um dos mais perfeitos espécimes da comunicação humana, tendo ultrapassado, quanto à produção literária, a todas as nações antigas. Além desses feitos, a Atenas do século V A.C. também produziu obras de arte das mais esplendorosas da humanidade. Embora tivesse ficado atrofiada em sua originalidade, a mente grega conseguiu espalhar suas produções, pelo mundo civilizado inteiro, durante a era helenista (ver acima), que alguns historiadores modernos têm designado de *era argêntea*.

### V. A Filosofia Grega

As realizações dos gregos, quanto a esse campo, foram admiráveis. Todos os seis ramos tradicionais da filosofia emergiram na Grécia, tendo sido sistemati-

zados por Sócrates, Platão e Aristóteles. E as bases de toda filosofia posterior foram lançadas nessa época. Oferecemos um artigo separado sobre esse assunto, com o título de *Filosofia Grega*.

### VI. A Religião Grega

Sob o título **Gregos Primitivos, Religião dos**, oferecemos uma detalhada descrição da fé religiosa dos gregos, conforme ela se desenvolveu e se expressou entre eles, na antiguidade.

### VII. A Língua Grega

A variedade do idioma grego chamado **koiné** (a língua franca ou comum, que chegou a ser falada por todo o mundo greco-romano durante quase cinco séculos), foi propagado pelas tropas de Alexandre, o Grande. Chegou mesmo a ser o idioma universal durante esse período. Foi por esse motivo que o Novo Testamento foi inteiramente escrito nessa língua. Ver o artigo separado intitulado — *Língua do Novo Testamento*.

### VIII. A Literatura Grega

A finalidade desta seção é demonstrar a grandiosidade da literatura da antiga Grécia, com a menção de autores gregos e seus livros, o que demonstra a grande variedade de suas produções literárias, muitas das quais têm sobrevivido até os nossos próprios dias. Em contraste com isso, deveríamos considerar a escassez relativa da literatura preservada, produzida por outros povos antigos. Platão é um dos poucos, se não mesmo o único autor antigo, cujas obras têm sido preservadas de forma absolutamente completa, excetuando os casos em que algum livro seu se perdeu, por não haver qualquer referência histórica ao mesmo. Os chamados pais gregos da Igreja cristã pensavam que a melhor parte da filosofia grega atuou como um **mestre-escola**, conduzindo os gentios a Cristo, tal como o Novo Testamento tivera essa função no caso dos judeus. Talvez essa avaliação seja exagerada; mas, se for correta, então precisaremos respeitar esses escritos como um dos instrumentos através dos quais o *Logos* tem operado entre os homens, implantando em muitos lugares as suas sementes, e assim garantindo uma colheita abundante. Naturalmente, não queremos dizer com isso que os escritos gregos sejam inspirados por Deus, no sentido em que afirmamos que o Antigo Testamento o é. Mas precisamos reconhecer que os filósofos fizeram indagações bem colocadas, para as quais eles não tinham respostas, mas que são respondidas nas Sagradas Escrituras. Essas indagações são, acima de tudo, três: Quem somos? De onde viemos? Para onde estamos indo? Isso fala sobre identidade, origem e destino, grandes temas bíblicos.

«A antiga literatura grega, em seu valor intrínseco e em sua influência, provavelmente é a maior literatura do mundo, se excluirmos as Sagradas Escrituras. Poucas outras literaturas seculares podem oferecer ao menos um ou dois autores da classe de Homero, Safo, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Tucídides, Aristófanes, Platão e Aristóteles. E poucas outras literaturas podem dar apoio a seus grandes autores com uma hoste de figuras literárias igualmente grandes, embora secundárias. Os gregos antigos não somente produziram obras-primas, mas igualmente proveram modelos para os homens das eras subsequentes imitarem, em quase todos os tipos de composição escrita, incluindo poesia épica, tragédia, comédia, poesia lírica, historiografia, diálogos e tratados filosóficos, oratória, biografia, romance em prosa, etc. A literatura grega, em seu sentido mais amplo serve de alicerce da cultura ocidental. E também não podemos olvidar que a base da literatura grega, por

suas vezes, era o grande fundo de folclore oral dos gregos, que consistia em fábulas e mitos... Não há tesouro mitológico que se possa comparar com o dos gregos, quanto à riqueza, profundidade e sofisticação... todo grego estava familiarizado com essas histórias desde o berço» (AM).

*Essa entusiástica avaliação*, se considerarmos todo o leque de produções literárias, certamente está certa. Quanto ao lado religioso, precisamos ainda mencionar o Antigo e o Novo Testamentos, como ainda mais fundamentais para a nossa cultura ocidental, do que a literatura grega. Apesar disso, pode-se afirmar que essa foi a última das autênticas produções gregas, em língua grega. No entanto, o Novo Testamento foi influenciado, principalmente, pelo Antigo Testamento hebraico, e, em segundo lugar, pelas idéias gregas, que se tinham tornado o padrão durante a era helenista, idéias essas que, por sua vez, tinham influenciado o pensamento judaico do período intertestamentário. Para exemplificar este último ponto, a fé hebraica sincretista aceitara doutrinas como a do Logos, da imortalidade da alma (com ou sem o acompanhamento da ressurreição do corpo), da reencarnação (um ensinamento comum das escolas dos fariseus e dos essênios), além de racionalizações filosóficas, na tentativa de descrever a natureza e os atos de Deus.

#### 1. O Período Pré-Ateniense

Desse período são as monumentais obras de Homero (a *Iliada* e a *Odisséia*), os hinos homéricos (embora não escritos por Homero), os poemas heróicos (o Ciclo Épico, atualmente perdido), os poemas didáticos de Hesíodo (*Obras e Dias* e *Teogonia*), e poemas líricos como os de Safo, Alceu, e Simonides. Podemos juntar a isso a filosofia pré-socrática, da qual só dispomos de fragmentos de escritos de Tales, Anaximandro, Anaximenes, Parmênides e Zeno (ver sobre *Pré-socráticos*).

#### 2. O Período Ateniense

Os mais notáveis autores gregos dos séculos V e IV A.C. foram quase todos atenienses, por nascimento ou associação, ou por ambas as coisas. Nesses dois séculos, Atenas produziu uma plêiade de pensadores e escritores como o resto do mundo nunca viu igual, se levarmos em conta o trabalho pioneiro deles e os modos de expressão literária que eles representavam. Iluminaremos algo quanto aos gêneros literários da tragédia, da comédia, da filosofia e da oratória.

a. *Quanto à tragédia*, houve Ésquilo (524 A.C.), Sófocles (450 A.C.) e Eurípedes (contemporâneo deste último). Ésquilo escreveu *Os Eumênidas*; *As Mulheres de Tróia*; *As Aves*; *Aréstia* (uma triada), os *Persas*, *Prometeu Amarrado* e outras obras, atualmente perdidas. Sófocles escreveu sete peças teatrais que sobreviveram até nós, incluindo *Édipo* e *Antigone*. E Eurípedes produziu *Alceste*, *Medéia*, *Hécuba*, *Helena* e *Ion*.

b. *Quanto à comédia*, temos as obras de Aristófanes, que incluem *As Nuvens*; *a Lisístrata*; *As Aves*; *As Rãs* e *Plutão*.

c. *Quanto à história*, os grandes clássicos foram os de Heródoto (485 A.C.) — a história das guerras com a Pérsia — e de Tucídides (450 A.C. — a história da guerra do Peloponeso). Um historiador de menor envergadura foi Xenofonte (400 A.C.), que escreveu a obra *Anábase*, que inspirou a Alexandre, o Grande, a encetar suas conquistas militares. Mas também escreveu outras obras, como *Helênica* e *a Educação de Ciro*.

d. *Quanto à filosofia*, houve a Memorabilia, de Zenofonte, que nos fornece uma autoridade descri-

## GRÉCIA

ção de Sócrates. O próprio Sócrates nada escreveu; mas um seu pupilo, Platão, escreveu mais de vinte diálogos filosóficos, todos os quais existem até hoje. Entre essas obras podemos mencionar *Crito*, a *Apologia*, *Faedo*, *Taeteto*, *Simpósio* e *República*. Essas obras serviram de pedras do alicerce da filosofia ocidental, dentre as mais destacadas. Um estudante de Platão, Aristóteles, escreveu a *Ética Nicomaqueana*, *Os Poéticos*, *Física*, *Metafísica*, *Política*, *Retórica*, *Sobre os Céus*, *Sobre a Alma*, *Geração dos Animais* e *Lógica*. Finalmente, temos as obras menores, mas mesmo assim importantes, das escolas socráticas e seus representantes, os sofistas, os céticos, os estóicos e os epicureus.

e. *Quanto à oratória*, ninguém foi capaz de ultrapassar os sofistas. A Grécia do século IV A.C. foi a era áurea da oratória. Tornou-se quase mania frequentar os tribunais de justiça de Atenas, a fim de ouvir os esplêndidos discursos. Aristóteles satirizou essa atividade em sua obra *As Vespas*. Lísias foi um dos mestres desse tipo de literatura. Existem trinta de seus mais de trezentos discursos. Isócrates foi outro famoso retórico e orador. Demóstenes (350 A.C.) foi um habilidoso orador político, um supremo modelo de eloquência. Contando com esse tipo de pano de fundo, não é para admirar que os filósofos de Corinto considerassem o apóstolo Paulo um homem de linguagem crua (II Cor. 10:10). Nenhum rabino judeu seria capaz de igualar-se em eloquência aos mestres gregos! Pode-se dizer que a profissão dos advogados modernos deriva-se, quase diretamente, dos sofistas gregos. Basta adicionar a eles o conhecimento dos juriconsultos romanos!

### 3. O Período Helenista

Até onde vai a literatura, esse período também tem sido chamado de era *alexandrina*, por causa da influência da biblioteca que havia nessa cidade, fundada pelos Ptolomeus, os governantes gregos do Egito. Temos apresentado um artigo separado sobre esse assunto, com o título de *Alexandria, Biblioteca de*. Foi fundada por Ptolomeu I, em cerca de 300 A.C. Começou com cerca de duzentos mil manuscritos, mas atingiu a mais de setecentos mil manuscritos, no século II D.C. De acordo com a tradição, foi para essa biblioteca que a versão da Septuaginta foi preparada. O número de autores ali representados é simplesmente espantoso, conforme se diz no artigo sobre o assunto.

a. *Quanto à comédia*. Durante esse período, a comédia intitulada «O Homem Iracundo», de autoria de Menandro (o melhor dos escritores comediantes), era uma peça notável, embora houvesse inúmeras obras representando tais temas, como o de um escravo cheio de truques, o de um soldado fanfarrão, o da prostituta sedutora, a bruxa com coração de ouro, o pai ultrajado, o jovem amante, a jovem traída, etc..

b. *Quanto à poesia*. O poema pastoril ou bucólico foi um novo gênero literário que surgiu nos tempos helenistas. O poeta siciliano, Teócrito (cerca de 280 A.C.) é considerado o pai desse gênero literário. Alguns de seus poemas tinham por intuito ser dramatizados privadamente, e no palco. Também temos os epigramas de Calímaco (300 A.C.), de quem se perderam quase todas as composições. O seu oponente, Apolônio de Rodes, escreveu o bem conhecido poema épico *Argonáutica*. Foi ele quem fez a declaração clássica: «Um livro grande é um livro mau», o que envolve uma certa verdade, em muitos casos. Poemas didáticos floresceram durante esse tempo, abordando temas como a caça, a pesca, as estórias de animais com lições morais, a astronomia, a geografia, etc.

c. *Quanto à filosofia*. Carnéades, da Nova Academia de Platão, era um botânico e também um filósofo cético. Fragmentos de suas obras são peças sobre botânica, — e também esboços biográficos chamados *Personagens*. Os cínicos estavam bem representados por Diógenes (412 — 323? A.C.), que escreveu muitas peças cortantes. Zeno (300 A.C.) foi o principal representante dos estóicos. Ele escreveu livros como *Sobre a República*; *Sobre a Vida de Acordo com a Natureza*; *Sobre a Natureza Humana*; *sobre o Amor*, e vários outros, que conhecemos apenas como fragmentos. Epicuro (300 A.C.) foi o arquiopponente dos estóicos, e expunha um hedonismo (vide moderado). Ele escreveu *Sobre a Natureza* (37 livros), dos quais dispomos de fragmentos de nove deles; e também o livro *Cânone*, cartas a Heródoto, a Pitocles e a outros. Mais de trezentas obras têm sido atribuídas a seu nome.

d. *Durante o período romano*. Alguns escritores romanos escreveram em grego. Isso porque muitos deles falavam o grego, ao passo que poucos gregos de raça sabiam o latim. Marco Aurélio e Juliano escolheram o grego como a língua usada em seus escritos. Políbio foi um historiador importante de cerca de 200 A.C. Plutarco foi o maior biógrafo dos tempos antigos. Sua obra principal intitulava-se *Vidas Paralelas de Gregos e Romanos*. No campo da filosofia, obras notáveis desse período foram os escritos neoplatônicos de Plotino (205 — 270 D.C.). Seus ensaios, arranjados em nove grupos, são chamados de *Eneadas*. Porém, o neoplatonismo entrou em eclipse, ofuscado pelos pensadores cristãos. A maior obra literária cristã é o *Novo Testamento*, o último dos documentos gregos verdadeiramente importantes, embora escrito quase inteiramente por judeus.

### IX. Esboço de Descobertas Arqueológicas

Todos os lugares de interesse bíblico contam com artigos separados nesta enciclopédia. Portanto, muita coisa foi escrita sobre a arqueologia e sobre locais gregos, à parte deste artigo. A segunda viagem missionária de Paulo começou com a chamada à Macedônia (ver Atos 16:9). Essa missão teve por alvo, essencialmente, a Grécia, pelo que também os nomes locativos que aparecem, a começar por aquele capítulo, até o capítulo dezenove, onde então encontramos Paulo novamente em Éfeso (na Ásia Menor), são nomes gregos. Apresentamos aqui um breve esboço que menciona as principais descobertas e esforços arqueológicos referentes à Grécia. Em contraste com outros países, na Grécia os monumentos continuam visíveis e não requerem escavação. No entanto, têm sido feitas ali extensas e mui frutíferas escavações arqueológicas.

#### Três notáveis características da arqueologia grega:

1. O homem tem ocupado a região da Grécia há milênios..
2. A civilização grega extrapolou as fronteiras da Grécia.
3. As fontes literárias são abundantes em evidências que têm enriquecido o conhecimento que os arqueólogos possuem da civilização grega.

As evidências mostram que o homem tem vivido na Grécia pelo menos por cem mil anos. E, na opinião deste autor, isso envolve até mesmo raças pré-adâmicas. Ver o artigo sobre os *Antediluvianos*. Porém, a arqueologia tem colhido dados, realmente, desde cerca de oito mil anos atrás. Sabemos que, por volta de 2000 A.C., a área era habitada por povos de língua grega, envolvidos no comércio com outras populações das margens da bacia do Mediterrâneo. Todavia,

## GRÉCIA

também têm sido encontrados muitos restos de sucessivas camadas de habitação, de antes desta data, ou seja, de 2000 a 6000 A.C. Cidades, santuários, templos, palácios, etc., em vários níveis, têm sido explorados. A instituição das cidades-estado teve início em cerca do ano 1000 A.C. E, quanto a esse período, e daí para diante, contamos com grande acúmulo de informações, com base nas pesquisas arqueológicas e nas fontes literárias. Têm sido encontrados muitos textos escritos, incluindo inscrições, tratados, honorários e fórmulas fúnebres.

As cidades gregas e a literatura grega serviam a certos eruditos da Renascença (vide), como materiais de aprendizado. Entre os anos de 1400 e 1800, a literatura grega tornou-se parte do currículo de estudos do homem educado. No século XVII, as esculturas do Partenon foram desenhadas, conforme elas se encontravam, antes que os ruinosos efeitos da guerra entre os turcos e os venezianos as tivessem danificado. Em 1732, foi fundada em Londres a Sociedade dos Dilettantes, a qual encorajava viagens à Grécia, com a finalidade de obter conhecimento, em primeira mão, das antiguidades clássicas. A obra de J.J. Winckelmann, *História da Arte Antiga*, distinguia claramente entre as produções gregas e romanas, quanto ao tipo e ao estilo.

No século XIX houve um maciço esforço para compreender a Grécia com suas tradições e instituições tão importantes. Após 1830, escavações arqueológicas formais começaram a produzir resultados espetaculares. Foi fundada a Sociedade Arqueológica Grega, em 1837, e assim o estudo sobre a Grécia antiga tornou-se uma disciplina de estudos avançados, por seus próprios direitos. Outras sociedades vieram unir-se a essa cruzada, incluindo a Escola Francesa de Atenas (1846), um ramo do Instituto Arqueológico Alemão (1875) e a Escola Norte-americana de Estudos Clássicos, em Atenas (1881). Um ramo do Instituto Arqueológico da Áustria (1898), além de escolas italianas e suecas, emergiram já no século XX.

**Escavações pioneiras na Grécia foram feitas por Heinrich Schliemann, no século XIX.** Ele era um negociante alemão, e não um erudito. Mas, apesar disso, suas escavações em Tróia foram muito frutíferas. Foi descoberto que Tróia ficava cerca de cinco quilômetros do estreito de Dardanelos. A cidade mencionada nos épicos de Homero é aquela encontrada no sétimo nível, nessas escavações. Schliemann, em seguida, voltou a sua atenção para Micenas, no continente europeu (1876), onde encontrou o Círculo dos Sepulcros, um lugar de sepultamentos da realeza miceneana, com toda a espécie de artefatos, incluindo máscaras de ouro, adagas inscrustradas de ouro, caixas de jóias, taças de ouro e ornamentos desse mesmo metal precioso. Também descobriu o monumental Portão do Leão, através do qual o rei Agamenon deve ter passado, no começo da guerra de Tróia. Certos tabletes inscritos, que foram decifrados após o falecimento de Schliemann (somente na década de 1950, por Michael Ventris, na Inglaterra), mostraram ser uma antiquíssima forma de grego. Dessa forma, pois, ficou provado que, tal como Homero já havia afirmado, os antepassados dos gregos de seus próprios dias eram os miceneanos. A destruição de Tróia pelos gregos, teve lugar em cerca de 1240 A.C.

As sociedades arqueológicas acima mencionadas tornaram-se ativas em toda a porção continental da Grécia, além de outras áreas de interesse para a civilização grega. Os ingleses e alemães muito trabalharam nos locais das colônias gregas da Ásia

Menor. Os britânicos encontraram o templo de Ártemis, em Éfeso. Olímpia foi escavada pelos alemães. Foi desenterrado um gigantesco templo dedicado a Zeus, que abrigava uma estátua com 12,20 m de altura, desse deus, trabalhada em marfim e ouro. Esse templo, de fato, era uma das sete maravilhas do mundo antigo. — Também foi descoberto o estádio dos jogos olímpicos, além de muitos artefatos na região, incluindo armaduras, estátuas e oferendas votivas. Os franceses escavaram em Delos, na ilha sagrada de Apolo. Outras explorações arqueológicas foram efetuadas em Epidauro, onde foi encontrado o santuário de Asclépio, além de um grande complexo de edificações. Foram desenterrados teatros ao ar livre, alguns deles com capacidade para doze mil pessoas sentadas, ou mesmo mais.

Pelos fins do século XIX, a arqueologia havia atingido proporções colossais na Grécia. Arqueólogos norte-americanos escavaram em Corinto e em Argos. Foi encontrada cerâmica coríntia típica, que foi exportada para lugares distantes. O templo de Hera foi encontrado em Argos. Muitos itens idólatras, relacionados à adoração a essa deusa, foram encontrados, como também objetos de bronze, de marfim, de vidro e de terracota. Os franceses, por sua vez, escavaram o santuário de Apolo, em Delfos. Um magnífico friso, representando deuses e gigantes em guerra, como se fossem gregos e troianos, foi descoberto. Um cocheiro de bronze foi achado em Delfos. Foram escavadas as ilhas Cícladas pelo arqueólogo grego Chrestos Tsountas. Ele encontrou ali centenas de túmulos pré-históricos, com artefatos e figurinhas de mármore e frascos de sombras para os olhos femininos. A ilha de Melos foi escavada pelos ingleses. O arqueólogo alemão Hiller von Gaertringen escavou a cidade de Tera, nas ilhas Cícladas, além de vários locais da linha costeira da Turquia, onde, na antiguidade, houve muitos povoados gregos.

Já no começo do século XX, os esforços dos arqueólogos tinham-se tornado maciços e sofisticados. Grandes escavações foram efetuadas em Delos, Corinto, Olímpia, Micenas, Cnossos, Faístos e em várias áreas e cidades de Creta, sem falarmos em Sesclo, Dimini e Esparta. E, por volta de 1930, a arqueologia grega havia assumido a estatura de uma autêntica disciplina acadêmica e de uma ciência.

**Atenas. Os alemães fizeram grandes escavações arqueológicas nessa cidade, em 1927.** Foi descoberto o agora (mercado), pelos norte-americanos em 1930. Foi descoberto o cemitério Kerameikos de Atenas. Ficava um pouco adiante do grande portão Dipilon. Muitas esculturas de túmulos foram desenterradas, dadas do período clássico. Foram desenterrados esqueletos pertencentes até o século IX A.C., e, naturalmente, numerosos artefatos foram encontrados juntos com esses esqueletos. Arqueólogos norte-americanos deram prosseguimento ao trabalho no agora. A área inteira foi examinada metuculosamente, e com grande zelo. O agora era o antigo mercado, o fórum e o centro das atividades sociais da cidade. Essas escavações muito contribuíram para iluminar todos os aspectos da vida da época democrática de Péricles. O próprio agora estava cercado de escolas, tribunais, templos, edifícios do governo, colunatas e árvores frondosas. Uma incontável lista de artefatos veio à luz, incluindo moedas, pesos de tear, dados, jarras de vinho, vasos, bonecas, bilhetes de teatro, etc. Uma colunata (no grego, *stoá*) em três andares, construída no século II A.C., foi reconstruída, a fim de abrigar a grande quantidade de material descoberto nessas escavações. Atualmente,

## GRÉCIA — GREGÓRIO

os arqueólogos e outros estudiosos deleitam-se no exame desses itens, alguns dos quais remontam aos tempos neolíticos.

Em cerca de 1970, os locais explorados pela arqueologia, na Grécia, eram tão numerosos, e o material desenterrado era tão abundante, que os próprios arqueólogos profissionais sentiam-se perdidos no meio do labirinto. Livros, monógrafos, teses e livros populares, em número cornucópico, vieram à tona. A Grécia antiga vive hoje nas mentes de milhares de pessoas, fascinadas ante a glória que foi a Grécia.

**Bibliografia:** AM BOT C E EP FRE FREE MM MUR P ROS TUS WY Z

### GREEN, THOMAS HILL

Um filósofo inglês nascido em Kirkin, Yorkshire, em 1836. Educou-se em Oxford. Pertencia à escola idealista neo-hegeliana. Tornou-se conhecido por sua oposição aos empiristas e utilitaristas britânicos, contra os quais aplicou argumentos kantianos e hegelianos. Denunciava vigorosamente a afirmação de Hume, de que coisa alguma é real, exceto as sensações. Bem pelo contrário, dizia ele, «ser real é estar relacionado às outras coisas». Outrossim, as relações são feitas pela mente.

#### *Idéias:*

1. A mente consiste na autoconsciência. E é a mente que nos fornece uma indicação quanto à natureza real da existência. A distinção entre as meras aparências e a realidade não consiste numa verdadeira distinção entre a mente e o que existe fora dela. Antes, consiste apenas na distinção da mente como algo limitado e da mente como algo absoluto. O universo, considerado coletivamente, era chamado por ele de *mente divina*.

2. Não existiria tal coisa como sensação ou desejo isolado. O desejo faz parte de um padrão, por ser um elemento do todo, envolvido na satisfação da **completa auto-realização** do indivíduo. Cada motivo tem um alvo, sem importar se conhecido ou oculto.

3. A **auto-realização** é o grande alvo dos homens. A perfeição humana está envolvida na realização própria. O Estado tem a responsabilidade de ajudar os indivíduos nessa inquirição. Portanto, o cidadão deve ser servido pelo Estado, em vez de estar subordinado ao mesmo. Desse modo, os direitos humanos, o direito de protestar e de revoltar-se, e também a questão dos deveres a serem cumpridos — tudo flui do conceito apropriado da natureza e dos propósitos do estado.

*Escritos. Introduction to the Philosophical Work of David Hume; Prolegomena to Ethics; Lectures on the Principles of Political Obligation.*

### GREGÓRIO, O GRANDE (GREGÓRIO I), PAPA

Suas datas foram 540-604. Nasceu de uma rica família de senadores em Roma. Foi criado como cristão. Seguiu a vida pública, tendo ocupado o ofício de *praefectus urbis*, o mais elevado oficial civil de Roma, com trinta anos de idade. Foi então que decidiu abandonar o mundo, dedicando sua vida a Deus e à espiritualidade, e tornou-se monge. Durante algum tempo viveu uma vida monástica, caracterizada pelo ascetismo. Porém, o papa Pelágio II (pontificou de 578 a 590) reconheceu os talentos de Gregório, e desejava valer-se de seus préstimos. Desse modo, fez dele um dos sete diáconos de Roma, tendo-o enviado a Constantinopla como seu represen-

tante diplomata em 579. O propósito daquele papa era conseguir o apoio dos bizantinos contra os lombardos, que estavam ameaçando a Itália. Porém, essa missão diplomática fracassou, surgindo então a desconfiância nas autoridades do Estado como protetores da Igreja.

Em 585, em Roma, Gregório terminou a sua primeira obra literária, um comentário sobre o livro veterotestamentário de Jó. Em 589, vários desastres naturais abateram-se sobre a cidade de Roma, como inundações, uma praga e grande escassez de alimentos. O papa Pelágio foi uma das vítimas da mortandade. Foi então que Gregório foi escolhido como sucessor daquele, a 3 de setembro de 590.

Gregório foi um bispo modelar, um fervoroso defensor da piedade monástica, um escritor prolífico, que deixou o seu impacto em todos os aspectos da Igreja Católica medieval. Os historiadores juntam que ele foi homem de profunda piedade pessoal, e foi isso, acima de tudo, que, finalmente, lhe valeu o título de *santo*. Gregório era agostiniano quanto às idéias teológicas, embora não tenha sido um pensador original. Seu agostinianismo simplificado veio a tornar-se a posição teológica padrão do Ocidente latino-cristão, e suas obras, nos campos da teologia e da literatura, conquistaram para ele o título de *Grande Doutor* da cristandade ocidental, uma das quatro figuras do Ocidente que foram brindadas com esse título. Ver o artigo separado sobre *Doutor da Igreja*.

Seu pontificado lançou as bases do poder moral e político do papado da era medieval. Teve de enfrentar muitos problemas, e procurou impor reformas à Igreja. Seus decretos abordavam questões como o celibato, a simonia (vide) e o apoio financeiro aos mosteiros. Também introduziu várias inovações litúrgicas, revisando textos e promovendo o cântico, além de ter organizado a chamada *Schola Cantorum*. Não é provável que o Cântico Gregoriano e o Sacramentário Gregoriano (vide) possam ser atribuídos a ele. Porém, uma de suas realizações foi a reorganização do *Patrimônio de São Pedro*, os vastos estados papais, espalhados por todo o território italiano.

Talvez tenha sido um infortúnio Gregório envolver-se tão radicalmente nos aspectos econômicos da Igreja. Porém, precisamos esclarecer que grande parte desses fundos eram gastos em empreendimentos caridosos, o que sempre foi uma das virtudes da Igreja Católica Romana. A história informa-nos que a população inteira da Itália central cada vez mais dependia de Gregório quanto ao suprimento de suas necessidades materiais; e essa gente, naturalmente, apoiava-o lealmente. Gregório não se opunha ativamente aos direitos imperiais, em contraste com os direitos eclesiásticos. Porém, estabeleceu um precedente, deixando de lado ou indo além dos poderes legais seculares. Durante algum tempo, a Igreja estava destinada a obter maiores poderes do que os do Estado. É possível que durante o pontificado de Gregório VII (falecido em 1085), a Igreja Católica tenha atingido o seu ponto culminante de poder político, eclipsando a autoridade do Estado. Ver o artigo separado chamado *Igreja e o Estado*. — Foi no tempo de Gregório I, e por sua decisão, que o celibato tornou-se obrigatório para as principais ordens religiosas do catolicismo. Mas o decreto dele foi apenas a continuação e fortalecimento de decisões anteriores, que já haviam sido tomadas dentro do catolicismo, acerca dessa questão. O casamento foi proibido para todos os clérigos; e se algum deles se tivesse casado, antes do decreto papal

## GREGÓRIO I — GREGÓRIO V

haver sido baixado, então o tal teria de abandonar totalmente as atividades sexuais, até mesmo com sua legítima esposa. Ver sobre *Celibato*.

**O Trabalho Missionário.** Em 596, Gregório I enviou Agostinho (não confundir com Santo Agostinho), prior de seu mosteiro romano, juntamente com quarenta monges, à Grã-Bretanha. Eles conseguiram converter ao catolicismo o rei Areberto, de Kent; e, dessa maneira, a Inglaterra foi transformada em um grande campo missionário católico. O relato que gira em torno disso é que Gregório, quando ainda era diácono, encontrara alguns jovens escravos anglo-saxões em um mercado de escravos, e quis ajudá-los. Sabendo que eram *anglo-saxões*, comparou-os com «anjos» (um jogo de palavras de mau gosto). Daí proveio o seu interesse pela Inglaterra. Os registros mostram que ele quis comprar jovens escravos anglo-saxões, dar-lhes liberdade e fazer deles missionários católicos, enviando-os de volta à Inglaterra. Porém, não se sabe se ele concretizou ou não esse plano.

*Escritos.* Uma coletânea oficial das cartas de Gregório I, intitulada *Registro*, escrita no tempo em que ele era papa. *Cuidados Pastorais* é outra obra sua, um brilhante escrito sobre as virtudes e o caráter necessários aos ministros. E ele também escreveu comentários bíblicos sobre o livro de Jó (chamados *Magna Moralia*), sobre o Filho, sobre o primeiro livro dos Reis, quarenta homilias a respeito dos evangelhos e vinte e dois sermões sobre o livro de Ezequiel. Uma outra obra sua, chamada *Diálogos*, contém histórias populares sobre milagres (com muitos detalhes supersticiosos de mistura), ensinamentos sobre o purgatório, sobre aparições de mortos aos vivos, e sobre o poder das relíquias. As objeções que se fazem aos ensinamentos de Gregório I, usualmente, alicerçam-se sobre certas porções desses diálogos. O dia de sua festa é 12 de março. (AM E P)

### GREGÓRIO II (PAPA)

Suas datas aproximadas foram 669 — 731. Ele foi papa de 715 a 731. Nasceu na cidade de Roma. Quando diácono, acompanhou o papa Constantino I a Constantinopla, no ano de 710, para entrevistar-se com o imperador Justiniano II. Foi nomeado bispo e tornou-se papa em 715. É melhor lembrado por causa de suas dificuldades com os lombardos e com o imperador bizantino Leão III. Foi esse papa quem enviou o monge anglo-saxão, Winfred (posteriormente conhecido pelo nome de Bonifácio) como missionário, à Alemanha. Quando Bonifácio voltou, a fim de apresentar o relatório sobre a sua missão, foi nomeado bispo, a 30 de novembro de 722.

Os lombardos tinham entrado em conflito com os imperadores bizantinos, e Gregório II procurou manter boas relações com ambos. Porém, não conseguiu manter o bom equilíbrio, e acabou tendo choques com os lombardos e com os imperadores bizantinos. Em 726, o imperador bizantino, Leão III, banuiu as imagens sagradas do império. Ver sobre a *Controvérsia Iconoclasta*, no artigo sobre as *Imagens*. Mas Gregório, que defendia a idolatria, reteve fundos que, usualmente, eram enviados da Itália para Constantinopla, tendo denunciado o imperador por haver este legislado sobre questões de fé. Essa controvérsia teve prosseguimento, tendo sido um dos fatores, posto que não dos principais, que separaram a Igreja Católica do Ocidente da Igreja Católica do Oriente.

Gregório II renovou templos católicos, encorajou a vida monástica e desempenhou um significativo papel

na redação do chamado *Sacramentário Gregoriano* (vide). Seu dia festivo é 13 de fevereiro.

### GREGÓRIO III (PAPA)

Faleceu em 741. Foi papa de 731 a 741. Era sírio de nascimento. Foi eleito papa no dia da morte de Gregório II. Envolveu-se nos conflitos iconoclasticos descritos no artigo sobre as *Imagens*, tendo defendido o uso de imagens de escultura nos templos católicos. Um outro importante fator social que agitou o seu pontificado foi a agressão militar dos lombardos. O *iconoclasmo* é a política que envolve a supressão de imagens, esculturas ou pintadas, em qualquer forma de devoção cristã. Gregório III excomungou o imperador bizantino, Leão III, e Anastácio, o patriarca de Constantinopla, porque eles eram defensores do iconoclasmo. O imperador bizantino resolveu declarar guerra a Roma, por causa disso; mas a sua frota naufragou no mar Adriático. Destarte, ele apelou para a retaliação econômica, tendo confiscado propriedades e valores pertencentes ao chamado *Patrimônio de São Pedro* (vide). Liutprando, rei dos lombardos, também ameaçou as possessões materiais da Igreja de Roma. Porém, lado a lado com essas controvérsias, Gregório III encontrou tempo para promover o trabalho missionário que Bonifácio (vide), o monge anglo-saxão, havia iniciado na Alemanha, além de cuidar da obra geral da sé romana. Faleceu a 28 de novembro de 741. Sua data festiva é 28 de novembro.

### GREGÓRIO IV (PAPA)

Faleceu em 844. Foi papa entre 827 e 844. Era nativo da cidade de Roma. Foi cardeal antes de ter sido eleito papa. Renovou vigorosamente e embelezou o ritual da Igreja de Roma; protegeu a cidade de Roma dos ataques dos sarracenos. Promoveu missões católicas nos países escandinavos. Tal como a maioria dos papas da época, envolveu-se em conflitos com os poderes civis. Tentou intervir nas dificuldades da Igreja com Lotairo, um filho do imperador Luís, da Gália. Procurou a ajuda das igrejas da região, nesse empreendimento. Muitos oficiais eclesiásticos objetaram a essa manifestação política do papa. Seja como for, Lotairo acabou depondo traiçoeiramente a seu pai, Luís, e tornou-se o imperador, derrotando assim as aspirações do papa. E o papa retornou a Roma muito mortificado e desapontado.

### GREGÓRIO V (PAPA)

Faleceu em 999. Foi papa de 996 a 999. Seu nome era Bruno, era filho do duque de Caríntia, e primo e capelão do imperador Oto III. Foi o primeiro alemão a tornar-se papa, e conseguiu chegar a esse ofício com a incrível pouca idade de vinte e quatro anos. Durante o seu tempo, houve uma insurreição popular em Roma, instigada pelo nobre romano Crescêncio. Este estabeleceu um antipapa chamado João XVI. Gregório V precisou fugir para o norte, retornando à companhia de Oto, o imperador. Oto, entretanto, conseguiu abafar a insurreição. João caiu em desgraça, e Crescêncio foi decapitado.

Gregório V tornou-se conhecido por haver renovado a catedral de Canterbury, onde colocou monges na direção, em lugar dos cânones seculares. Como sinal de sua estima, deu ao arcebispo de Canterbury o seu próprio pátio (vide).

••• ••• •••

## GREGÓRIO VI — GREGÓRIO VIII

### GREGÓRIO VI (PAPA)

Faleceu em cerca de 1048. Foi papa de maio de 1045 até 20 de dezembro de 1046. Mas alguns historiadores duvidam da legitimidade de seu pontificado. A questão é deixada em aberto na lista oficial do *Annuario Pontificio*. Seu período caracterizou-se por tremenda confusão no ofício papal. Benedito IX, embora não estivesse qualificado para tanto, foi nomeado papa, em 1032. Em 1044, foi expulso de Roma por um grupo de nobres contrários a ele; no entanto eles guindaram o bispo João de Sabina como antipapa. Em troca de uma grande soma em dinheiro, Benedito abdicou em favor de Giovanni Graziano, nome secular de Gregório VI. Não muito depois, entretanto, Benedito mudou de parecer sobre toda a negociata (embora não tenha devolvido o dinheiro recebido). Dessa maneira, três homens, ao mesmo tempo, reivindicavam a cadeira papal: Gregório, Benedito e Silvestre. Os registros históricos não são claros, mas parece que os sínodos de Sutri (20 de dezembro de 1046) e de Roma (23 e 24 de dezembro do mesmo ano) solicitaram que Gregório resignasse. Ou então, conforme outros historiadores asseguram, depuseram-no, juntamente com Silvestre. Dessa forma, o papado ficou vago, e o bispo de Bamberg, Suidger, tornou-se papa, com o nome de Clemente II, interrompendo assim a seqüência dos Gregórios.

### GREGÓRIO VII (PAPA)

Suas datas como sumo pontífice católico romano foram de 1073 a 1085. Ele é considerado uma das mais importantes figuras da história do papado. E com razão é considerado, pelos historiadores eclesíasticos, como aquele que assinalou a transição da Idade das Trevas para a Idade Média, o que trouxe condições mais favoráveis tanto para a Igreja quanto para o Estado. Ver o artigo sobre a *Igreja e o Estado*. Foi juntamente com ele no papado que a Igreja Católica, pelo menos durante algum tempo, enfeixou maiores poderes que os poderes dos estados europeus.

O nome secular de Gregório VII era Hildebrando. Nasceu na Toscana, de pais humildes. Associou-se a Gregório VI (vide), vinculando-se à sua corte. Foi juntamente com ele para o exílio, na Lorraine. Nessa ocasião visitou, embora não se tivesse ligado definitivamente, o mosteiro de Cluny, onde estavam sendo promovidas reformas eclesíásticas. Retornou a Roma e serviu em várias ocupações sob as ordens de Leão IX. Seus retratores pintavam-no como um gênio maligno, que operava por detrás dos bastidores a fim de modificar a política papal, desde muitos anos antes de ocupar a sé romana. Porém, havia muitas forças interessadas igualmente na questão. Hildebrando tornou-se conselheiro íntimo do papa Alexandre II (pontificado entre 1061 e 1073), e, por ocasião do falecimento deste, foi eleito papa, a 23 de abril de 1073.

**Reformas e Vicissitudes Políticas.** Muitos oficiais eclesíásticos reconheciam a necessidade de reforma, incluindo Pedro Damien (vide), o cardeal Humberto de Lorraine, São Hugo, abade de Cluny e Leão IX, seu predecessor. Hildebrando combateu a imoralidade entre o clero, impôs as regras do celibato, opôs-se à simonia e combateu a *investidura*, e baixou um decreto com o intuito de pôr fim a tal prática. A investidura era o termo usado para indicar a nomeação de bispos ou abades por algum governante secular. Como é óbvio, os governantes seculares usavam a prática a fim de obter maior poder político, mas dificilmente estavam qualificados para fazer a

escolha, seja como for. Henrique IV, o rei da Alemanha, ignorou o decreto de Gregório VII e nomeou diversos bispos na Itália. O papa protestou e Henrique retaliou, fazendo seus bispos alemães condenarem o papa como usurpador, em Worms, em janeiro de 1076. Ele também recusou-se a reconhecer que, em qualquer sentido, estivesse sob a autoridade do papa. Gregório replicou a tudo isso excomungando Henrique IV. A nobreza alemã, já cansada da tirania do rei, exigiu que ele se submetesse ao papa, pois, em caso contrário, cuidariam de arranjar outro rei. E Henrique, vendo que não tinha alternativa, arrependeu-se humildemente (aparentemente), chegando mesmo a vestir o cilício negro dos penitentes. A excomunhão foi suspensa; mas, quando Henrique regressou à Alemanha, foi rejeitado como rei, de qualquer maneira, e o duque Rodolfo da Sábria foi coroado rei. Seguiu-se então uma guerra civil. Gregório queria convocar um concílio para endireitar as coisas, mas Henrique recusava-se a concordar com isso. Por essa razão, o papa excomungou-o novamente. Dessa vez, Henrique não estava inclinado a arrependimentos fingidos, mas promoveu uma sangrenta guerra civil. Acabou entrando na cidade de Roma, em 1084; e instalou um antipapa, forçando Gregório a fugir para o castelo de Sant'Angelo. Gregório convocou a ajuda do líder normando, Roberto Guiscar, duque da Apúlia, a fim de vir libertá-lo. Henrique deixou a cidade precipitadamente, porquanto não tinha o menor desejo de enfrentar esse novo inimigo. Mas, uma vez convocados, os normandos entraram em Roma e prontamente a saquearam. Gregório VII foi forçado a acompanhar as tropas normandas. Faleceu na cidade de Salerno, a 24 de maio de 1085. Suas últimas palavras foram: «Amei a justiça e odiei a iniquidade; e por isso, morro no exílio». Foi canonizado como santo em 1584. Seu dia festivo é celebrado a 25 de maio.

Gregório VII é lembrado por suas reformas e por suas aventuras políticas, por suas vitórias e por seus infortúnios. Ele foi o primeiro papa a excomungar um governante secular, isentando seus súditos da obediência a tal governante, o que mostra até que ponto o papado havia adquirido em ascendência política. Gregório VII não fazia qualquer distinção entre as questões seculares e as religiosas, afirmando que os poderes das chaves de Pedro permitiam-lhe, ou mesmo obrigavam-no, a agir daquela maneira. Também tentou subordinar outros governantes seculares, além de Henrique IV. Obteve considerável poder sobre os reis da Dinamarca, da Boêmia e da Inglaterra. Procurou incluir vastas propriedades existentes na Espanha ao chamado Patrimônio de São Pedro. Consolidou os poderes do papado em todas as frentes e exerceu controle direto sobre os reis, em muitos casos. Parte do seu propósito não era o de dominar, mas o de livrar a Igreja da crescente opressão por parte dos governantes seculares, que nomeavam prelados e vendiam cargos eclesíásticos. Seja como for, Hildebrando foi um dos papas mais notáveis da história. Ficamos perplexos diante de como a Igreja e o Estado conflitaram daquela maneira; mas, por certo número de séculos, essa foi a situação predominante. Lembramo-nos da teocracia de Israel e, não há que duvidar que muitos eclesíásticos, através dos séculos, têm pensado que o Antigo Testamento lhes fornecia intermináveis textos de prova para a prática, para nada dizermos sobre a interpretação política religiosa das chaves do reino.

### GREGÓRIO VIII (PAPA)

Ele faleceu em 1187. Foi papa de 21 de outubro até

## GREGÓRIO IX — GREGÓRIO XI

17 de dezembro de 1187. Ao nascer, recebeu o nome de Alberto di Morra, em Benevento, na Itália. Fundou uma estrita casa de Santo Agostinho, em Benevento. Serviu à Igreja Católica a vida inteira. Tornou-se oficial da Cúria Romana e chanceler da Igreja, em 1178. Como papa, reinou apenas por cinquenta e sete dias: Nesse breve período, promoveu reformas e enviou uma cruzada para libertar Jerusalém dos islamitas e estabeleceu a paz com o imperador Frederico Barbarroxa. Foi eleito papa na cidade de Ferrara, e nunca chegou a Roma, para dali governar a Igreja Católica. Faleceu em Pisa.

### GREGÓRIO IX (PAPA)

Suas datas aproximadas foram 1170 — 1241. Pontificou entre 1227 e 1241. O seu nome secular era Ugo. Estudou em Paris e em Bolonha, esta última, na Itália. Seu tio foi o papa Inocente III (vide). Foi mordomo do papa, no tempo daquele. Tornou-se então cardeal diácono e cardeal bispo de Ostia, na Itália. Como legado papal, mostrou considerável habilidade diplomática. A Igreja Católica Romana vivia em conflito constante com os estados europeus. Antes mesmo de tornar-se papa, Ugo já estava em luta contra o imperador Frederico II, imperador do Santo Império Romano, de Nápoles e da Sicília. É que esse rei não cumpriu uma promessa de promover outra cruzada contra os islamitas. Antes, preferiu aumentar seus domínios territoriais conquistando faixas de terra italiana. Isso ameaçava a segurança da Igreja, como é claro. Ugo, ao tornar-se papa (com o nome de Gregório IX), forçou Frederico a realizar a cruzada que havia prometido. Frederico partiu, mas fingiu-se doente. O papa ficou sabendo que ele estava procurando tapeá-lo e o excomungou. Então Frederico partiu novamente, mas nunca foi perdoado pelo papa, que enviou um exército para ocupar os territórios que aquele monarca governava. Frederico, mediante sua habilidade política, convenceu os islamitas a devolverem Jerusalém aos cristãos; mas o que Gregório queria era mesmo uma guerra, a fim de preservar o ideal das cruzadas (vide), e considerou aquele tratado com os muçulmanos uma zombaria.

Dessa vez, Frederico ficou realmente indignado, pois seus esforços tinham sido reduzidos a nada. Assim, retornando, expulsou as forças papais de seu reino; mas, finalmente, estabeleceu a paz com Gregório, em 1230. Todavia, isso não pôs fim ao conflito entre a Igreja e o Estado. Havia ainda o perigo que Frederico, em seu crescente poder e prestígio, finalmente viesse a absorver os estados papais (vide). Frederico continuava expandindo-se. Derrotou as cidades lombardas. Voltou sua atenção para a ilha de Sardenha, que o papado considerava seu território. Gregório, alarmado diante da contínua marcha de Frederico, excomungou-o e liberou seus súditos da obediência a ele devida, tendo-o acusado de uma longa lista de crimes. O resultado disso foi a guerra entre as forças armadas do papa e as forças armadas do império, que se espalhou como fogo de palha. Nos tempos de Gregório IX, nunca surgiu uma resolução sobre quem deveria governar o quê. Gregório advogava a idéia de **eleger um anti-rei**. Frederico, porém, estacionou os seus exércitos diante dos portões de Roma, a fim de impedir que algum concílio se reunisse. Gregório faleceu enquanto o exército de Frederico montava guarda diante dos portões da chamada Cidade Eterna — Roma.

**Gregório e suas outras atividades.** Ele ajudou Francisco de Assis (vide) em seu trabalho e em suas

diretrizes. Investigou a heresia dos albigenses, no sul da França, o que, conforme dizem os historiadores, assinalou o começo da política que, finalmente, produziu a *Inquisição* (vide). Gregório IX também promoveu o desenvolvimento da lei canônica. Ele nomeou Raimundo Penaforte para dirigir esse empreendimento. O resultado foi a publicação das *Decretais*, em cinco volumes, que veio a tornar-se a base da lei canônica, tendo sido revisada em 1918. (AM E)

### GREGÓRIO X (PAPA)

Suas datas foram 1210—1276. Governou como papa de 1271 a 1276. Nasceu em Pacenza e teve o nome de Teobaldo Visconde. — Estudou a lei canônica em Paris e em Liege, esta última na Bélgica. Foi arqui-diácono de Liege. Foi comissionado pelo papa Clemente IV para promover uma cruzada contra a Terra Santa. De fato, ele partiu nessa cruzada; mas, antes de atingir seu destino, foi eleito papa. O ofício papal ficara vago por três anos. Ele agiu prontamente quanto ao problema das deterioradas relações entre a Igreja e o Estado, e procurou reconciliar-se com as autoridades seculares do império bizantino. Porém, isso não perdurou por longo tempo. Teobaldo voltou a afagar suas idéias de uma cruzada. Instituiu também algumas reformas, incluindo o método de conclave para eleger bispos, o que foi publicado em sua bula *Ubi periculum*. Um conclave é um concílio ou reunião secreta. Em Roma, os membros da comissão se reuniam e faziam sua escolha por detrás de portas fechadas.

A caminho de volta para Roma, após o concílio (efetuado em Lyon, na França), Teobaldo faleceu e foi sepultado em Arezzo. Tornou-se uma figura venerada naquele lugar. O papa Benedito (pontificado entre 1740 e 1758), incluiu o nome de Gregório X na lista dos mártires católicos romanos.

### GREGÓRIO XI (PAPA)

Suas datas foram 1329—1378. Governou como papa de 1370 a 1378. Nasceu na diocese de Limoges, na França, com o nome de Pierre de Beaufort. Foi nomeado cardeal com apenas dezoeno anos, por seu tio, o papa Clemente VI. Parecia inexorável que alguém que se tornara cardeal com dezoeno anos, viesse a tornar-se papa.

Ele era um bom canonista e homem de profunda piedade pessoal. Também era homem de oração, desinteressado pelas atividades próprias da juventude. Urbano V havia feito a sede do papa retornar a Roma; mas o papado acabara voltando para Avignon, na França, onde pontificaram vários papas. Gregório XI, pois, foi o último dos papas do exílio francês.

Bridget da Suécia teve uma experiência mística na qual lhe foi revelado que o papado retornaria sua sede a Roma. Isso foi comunicado a Gregório XI. Catarina de Siena, repetiu a informação mística. Porém, havia muitas forças que se opunham ao retorno. Os estados papais estavam em caos, por causa das guerras entre a Igreja e o Estado. Na França, a atenção do papa voltava-se para muitas questões diferentes, incluindo o fato de que seus familiares eram contrários à mudança da sede do papado. A despeito de tudo, o papa literalmente deu um passo por sobre o cadáver de seu pai, que se opusera à resolução, e, a 13 de setembro de 1376, partiu para Roma. Ao chegar ali, imediatamente, teve de enfrentar problemas variados, incluindo uma revolta em algumas das propriedades papais. Cidades pertencentes ao patrimônio papal,



## GREGÓRIO XII – GREGÓRIO XIV

como Bolonha, estavam em conflito com outras cidades. Bolonha conflitava com Florença. O papa Gregório XI morreu antes desses problemas terem tido solução. De fato, ele faleceu na mesma tarde em que se reuniria um congresso convocado para procurar solução para esses muitos problemas. Mas o conclave que ocorreu depois de sua morte, consolidou a mudança da sede do papa para Roma, de tal maneira que Gregório XI foi o último dos papas franceses. No entanto, em resultado desse conclave, ocorreu o Grande Cisma Ocidental. Este começara no fim do chamado cativeiro babilônico do papado, ou seja, o tempo em que a sede papal estivera na França, dominada pelos reis franceses (de 1309 a 1377). Ver os artigos separados sobre *Grandes Cismas* e sobre *Cisma*. (AM E)

### GREGÓRIO XII (PAPA)

Suas datas foram 1325—1417. Reinou como papa de 1406 a 1415. Nasceu em Veneza, com o nome de Ângelo Correr. Foi bispo de Castello, na Itália. Foi patriarca latino de Constantinopla; foi escolhido para ser cardeal. Finalmente, foi eleito papa. Então, resolveu pôr fim ao Grande Cisma Ocidental (vide no artigo separado intitulado *Grandes Cismas*). Ele e seu rival, Benedito XIII, o qual pontificou entre 1394 e 1417, concordaram em resignar simultaneamente, a fim de abrir caminho para a eleição de outro papa, pondo assim um paradeiro ao cisma. Porém, chegado o momento crítico, nenhum deles cumpriu a promessa de resignar. Então os cardeais de ambos os papas abandonaram-nos e convocaram um concílio geral, em Pisa (1409). Esse concílio depôs tanto a Gregório XII quanto a Benedito XIII, fazendo de Alexandre V um novo papa. Ele governou entre 1409 e 1410. Entrementes, os dois papas depositos recusaram-se a aceitar a decisão do concílio geral, com o resultado de que todos três papas ficaram pontificando ao mesmo tempo, combatendo-se uns contra os outros. Isso tornou-se um grande escândalo na Igreja Católica Romana, uma situação detestável para o imperador Sigismundo. Ele persuadiu o segundo papa de Pisa, João XXIII (reinou de 1410 a 1415), a convocar um novo concílio, em Constança, na Suíça, em 1414. João XIII foi prontamente deposto. Alexandre V resignou da cadeira papal, em 1415, em favor do retorno de Gregório XII como único papa oficial. Isso foi consolidado quando Benedito XIII foi deposto, dois anos mais tarde. Então Gregório XII passou a pontificar como único papa, até à sua morte, a 18 de outubro de 1417.

### GREGÓRIO XIII (PAPA)

Suas datas foram 1502—1585. Reinou como papa entre 1572 e 1585. Nasceu de uma proeminente família italiana e tinha o nome secular de Ugo Boncompagni. Formou-se em leis civis e em leis canônicas na Universidade de Bolonha. Em cerca de 1530, teve um filho ilegítimo de nome Giacomino. Foi para Roma. Tornou-se bispo de Viesti, no sul da Itália. Em 1561, freqüentou o concílio de Trento (enviado por Pio IV), em vista de seu conhecimento da lei canônica. Foi eleito papa em 1572.

A *Reforma Protestante* (vide) havia abalado severamente o mundo religioso. O concílio de Trento tomou medidas que buscavam fortalecer a Igreja Católica Romana. Disso resultou a *Reforma Católica* (vide), e o papa Gregório XIII foi um dos grandes promotores da mesma. As atividades dele incluíam várias medidas repressivas. Assim, organizou a

*Congregação do Índice* (vide), que tinha o poder de proibir a publicação e a distribuição de livros condenados e de outras formas de propaganda. Enviou Possivo à Suécia e à Rússia, e conseguiu influenciar o rei João III a voltar a Roma. De modo geral, ele implementou e reforçou os decretos baixados pelo concílio de Trento. Mas fracassou na tentativa de organizar uma outra cruzada contra os turcos.

*Reformas e Atividades*. Além das coisas que já mencionamos, ele instituiu o Calendário Gregoriano, em 1582. Pelos meados do século XVIII, esse calendário reformado havia sido adotado por todos os países cristãos ocidentais. Ver o artigo separado sobre *Calendários Juliano e Gregoriano*. Ele ordenou a compilação de uma nova edição do chamado *Corpus Juris Canonici* e reformou a música sacra. Instituiu novas festividades litúrgicas, como a do Santíssimo Rosário (1573) e a de Santa Ana (1584). Restaurou edifícios e instituições e estabeleceu escritórios papais diplomáticos permanentes.

Sua obra no campo da educação foi extensa. Fortaleceu a Sociedade de Jesus (os jesuítas) e exigiu uma melhor educação para os membros do clero. Os jesuítas de seu tempo estiveram à testa do avanço na educação religiosa, tendo estabelecido vários seminários. Gregório fez doações ao Colégio Romano, dos jesuítas; e esse colégio, posteriormente, foi chamado Universidade Gregoriana, como uma honra e um reconhecimento. Também fundou em Roma o Colégio Grego e o Colégio Inglês, e deu sua ajuda a outros colégios jesuítas. Durante o seu pontificado foram fundados vinte e três novos seminários católicos romanos.

**Trabalho Missionário.** As realizações e atividades de Gregório foram extensas; mas ele se tornou conhecido (após a sua reforma do calendário) pelos seus esforços em favor das missões. Enviou missionários e subsidiou missões estrangeiras na Índia e no Japão.

Porém, não conseguiu restaurar o catolicismo romano nem na Suécia e nem na Rússia. Mas obteve êxito em suas tentativas de restaurar o catolicismo romano em alguns estados germânicos e na Polônia.

Por outro lado, suas muitas realizações e doações a instituições de educação dilapidaram o tesouro papal, e isso causou muita insatisfação. Seu sucessor, Xisto V, muito fez para remediar a situação. Gregório XIII faleceu em Roma, a 10 de abril de 1585.

### GREGÓRIO XIV (PAPA)

Suas datas foram 1535—1591. Reinou como papa em 1590 e 1591. Seu nome de batismo era Niccolò Sfaondrati. Nasceu em Somma, perto de Milão, na Itália, a 11 de fevereiro de 1535. Era filho de um nobre italiano, — que entrou no clero quando sua esposa faleceu, e veio a tornar-se cardeal, em 1550. Niccolò, por sua vez, tornou-se advogado em Pávia. Com vinte e cinco anos de idade, tornou-se bispo de Cremona, e foi um dos prelados a fazer parte do concílio de Trento. Com quarenta e oito anos de idade, tornou-se cardeal. A 5 de dezembro de 1590, foi eleito papa.

Gregório XIV não gozava de boa saúde, pelo que só conseguiu suportar as tensões do ofício papal por um ano. Promoveu as decisões tomadas no concílio de Trento. Mas caiu no erro de nomear um seu sobrinho como cardeal secretário de Estado, o qual tinha apenas vinte e nove anos de idade. A ambos, porém, faltava experiência diplomática, e seus esforços acerca da melhoria de relações entre a Igreja e o Estado

## GREGÓRIO XV — GREGÓRIO DE NISSA

fracassaram de modo geral. O pior fracasso foi a tentativa de unir os católicos romanos da França contra Henrique IV. Gregório XIV morreu em Roma, a 16 de outubro de 1591.

### GREGÓRIO XV (PAPA)

Suas datas foram 1554—1623. Reinou como papa de 1621 a 1623. Nasceu a 9 de janeiro de 1554, em Bolonha, Itália, com o nome de Alessandro Ludovisi. Procedia de uma antiga e poderosa família italiana. Formou-se em direito na cidade de Bolonha. Entrou no ministério católico romano. Ocupou vários cargos eclesiásticos. Arbitrou disputas entre facções políticas existentes nos estados papais. Tornou-se arcebispo de Bolonha em 1612. Foi encarregado de várias missões diplomáticas e tornou-se cardeal em 1616.

Ele teve um breve reinado como papa, sendo lembrado apenas por um ato, o estabelecimento da Congregação da Propagação da Fé, mediante a bula *Inscrutabili divinae*, publicada a 22 de janeiro de 1622. Essa organização tinha a incumbência de supervisionar as missões no estrangeiro. Um de seus alvos era levar essas missões dos esforços colonizadores das potências européias. O trabalho missionário patrocinado pela Espanha e Portugal, por exemplo, tornou-se uma tarefa da Igreja centralizada, e não desses poderes locais, que usavam a religião como um meio de consolidar seus esforços colonizadores. Também foi Gregório XV quem estabeleceu a regra que a eleição do papa precisa ser feita mediante, pelo menos, a maioria de dois terços dos votos. Isso reduziu muito a possibilidade de poderes externos influenciarem a eleição de seus candidatos favoritos. Infelizmente, esse papa apelou muito para o nepotismo. Nomeou um irmão seu como general das forças militares papais, e um sobrinho como cardeal secretário do Estado. Faleceu em Roma, a 8 de julho de 1623.

### GREGÓRIO XVI (PAPA)

Suas datas foram 1765—1846. Seu pontificado foi de 1831 a 1846. Nasceu em Belluno, na Itália, tendo recebido o nome de Bartolommeo Alberto Cappellan. Serviu como monge calmalodês e durante esse tempo ficou conhecido como Mauro Cappellari. Ele defendia a centralização da autoridade papal, conforme também o demonstra a sua principal obra escrita, *O Triunfo da Santa Sé e da Igreja Contra os Ataques dos Inovadores* (1799). Ele afirmava que o papa deve ser considerado infalível, quando fala como chefe da Igreja. Ocupou vários postos importantes, até tornar-se cardeal em 1826. Encabeçava a Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, que supervisionava o trabalho missionário católico romano por todo o mundo.

Imediatamente depois de eleito papa, em 1831, teve de enfrentar uma revolta dentro dos estados papais (vide). Essa revolta só foi abafada com a intervenção de tropas armadas austríacas. Gregório XVI introduziu reformas para reduzir as tensões dentro dos estados papais; mas, quanto a isso, conseguiu êxito apenas parcial. Houve um novo levante, e exércitos austríacos e franceses ocuparam porções dos estados papais, até 1838, a fim de manterem a paz ali. Gregório e seus principais oficiais assumiram uma posição inflexível. Geralmente, ele tinha por norma exigir obediência por parte dos súditos às autoridades legitimamente constituídas. Por isso mesmo, opôs-se aos poloneses católicos romanos, na revolução deles contra o czar Nicolau I, da Rússia. Também procurou desencorajar os católicos irlandeses, por se terem

rebelado contra seus governantes ingleses. E denunciou a violência como um meio de atingir alvos políticos. Ele defendia a autoridade e os direitos da Igreja Católica Romana, sempre que algum poder político tornava-se ameaçador.

*Escritos e Idéias.* Gregório XVI escreveu doze encíclicas. Em *Mirari vos*, ele se manifestou contra as idéias democráticas de Felicite de Lamennais; em *Singulari nos* ele condenou um livro de autoria daquele mesmo homem, intitulado, em francês, *Paroles d'un Croyant*. Suas cartas, de modo geral, demonstravam a oposição do papado às idéias liberais e democráticas. Opunha-se à doutrina da separação entre a Igreja e o Estado, e condenava a revolução violenta como um instrumento político.

O seu pontificado foi responsável, pelo menos em parte, por uma considerável expansão da Igreja, com a multiplicação de suas atividades em muitas frentes. Ele determinou o curso que deveria ser seguido por seu sucessor, Pio IX, a fim de aumentar a centralização da autoridade da Igreja, restringindo as doutrinas católicas romanas dentro de moldes mais estreitos. Faleceu em Roma, a 1º de junho de 1846.

### GREGÓRIO DE NISSA

Suas datas aproximadas foram 335—398 D.C. Foi um dos chamados pais da Igreja e um dos três grandes teólogos do Oriente (os outros foram Gregório Nazianzeno e Basílio). Era irmão deste último, conhecido também como Basílio, o Grande (vide). Gregório de Nissa nasceu em Cesaréia da Capadócia. Iniciou sua vida adulta em uma carreira eclesiástica, mas renunciou a mesma a fim de casar-se, e tornou-se professor universitário. Por insistência de seu irmão, Basílio, foi feito bispo de Nissa, em cerca de 371. Demóstenes, vigário (governador) do Ponto, tentou encarcerar Gregório, sob a acusação de haver dilapidado o dinheiro da Igreja. Outros bispos aliaram-se a Demóstenes, e Gregório foi deposto. Porém, quando faleceu o imperador Valêncio, que era do partido ariano, Gregório voltou à sua posição de bispo.

Gregório pôs-se ao lado de Gregório Nazianzeno por ocasião do concílio ecumênico de Constantinopla (381). Ele foi um dos nove bispos a apoiar a ortodoxia, tendo exercido considerável influência sobre os negócios civis e eclesiásticos. Juntamente com Basílio e Gregório Nazianzeno, é classificado como um dos três grandes eclesiásticos e teólogos capadócios. No Oriente, seu dia festivo é 10 de janeiro e, no Ocidente, é 9 de março.

*Escritos.* Seus escritos podem ser divididos em cinco categorias: tratados dogmáticos, obras exegéticas, tratados ascéticos, orações, sermões e cartas. Disponemos de onze obras dogmáticas, quase todas polêmicas. Uma delas, intitulada *Contra Eunômio* (12 volumes) refuta o arianismo (vide). A *Grande Oração Catequética* é uma espécie de compêndio de doutrinas cristãs. No *Diálogo Sobre A Alma e a Ressurreição*, ele imita o *Faedo*, de Platão. Há outras dez obras exegéticas, sobre vários assuntos. Há também seis obras exegéticas que conquistaram para Gregório o título de «pai do misticismo». Seus sermões e orações demonstram a sua eloquência e as suas habilidades retóricas. Um sermão feito a 25 de dezembro de 386, dá-nos muito material interessante sobre a história do Natal. Treze cartas autênticas de Gregório chegaram até nós. Seu material escrito o situa à testa dos teólogos especulativos do Oriente, sendo a primeira apresentação sistemática das doutrinas do cristianismo, desde Orígenes. Acima de

## GREGÓRIO — GREGÓRIO NAZIANZENO

todos os teólogos de seu tempo, ele demonstrou como a filosofia pode ser posta a serviço da verdade cristã, ajudando a esclarecer a teologia.

Ele seguia Orígenes (vêde) na crença de uma final redenção *universal*. — Porém, ele negava a doutrina oriental comum da preexistência da alma. A harmonia no universo presente, e a perfeita harmonia do universo futuro, derivar-se-iam da harmonia inerente ao Ser de Deus. Portanto, de acordo com esse ponto de vista, essa condição *deve* prevalecer, finalmente, sobre todas as coisas. (AM E P)

### GREGÓRIO DE RÍMINI

Suas datas foram 1300—1358. Nasceu na Itália. Foi um filósofo escolástico. Estudou em Paris. Ensinou na Itália e na França. Foi membro dos eremitas de Santo Agostinho. Chegou a ser um dos líderes daquela ordem monástica. Ele era seguidor de Agostinho e de Ockham em seu pensamento teológico filosófico, mas, contrariando a este último, argumentava que existe tal coisa como idéias inatas, afirmando também que Deus, embora totalmente livre, sempre age em consonância com as suas perfeições.

### GREGÓRIO DE TOURS

Suas datas aproximadas foram 538—593. Nasceu em Clermon-Ferrand, na França. Era filho de uma nobre família celto-romana. Originalmente, era chamado Georgius Florentius. Quando menino e adolescente foi educado pelo bispo Niceto, de Lyon. Quando este último morreu, seu tio, o bispo Gaalus, deu continuação à educação de Gregório. Então, Avito (que também se tornara bispo), tornou-se protetor de Gregório. Gregório tornou-se diácono e, mais tarde, bispo de Tours. Preciso enfrentar muita confusão e lutas, mas foi capaz de trazer paz ao lugar. Seu nome é lembrado por causa de seus esforços literários, e não por motivo de quaisquer eventos espetaculares em sua vida. Foi o principal historiador dos francos, e seu livro, *Historia Francorum* é o mais bem conhecido dentre seus muitos livros. Ele mesmo enumerou o que escreveu: dez livros de história; sete livros sobre milagres; um livro sobre as vidas dos pais da Igreja; um comentário sobre os Salmos; um livro sobre os ofícios eclesiásticos. Sua história dos francos (em dez volumes) foi escrita entre os anos de 575 e 591. Apesar dele haver sido um historiador com vários defeitos, um dos quais era que ele via demasiadamente a teologia na história, contudo, sua obra é um rico tesouro de informações sobre a vida, a linguagem, a geografia e as religiões da Gália do século VI D.C. Seus livros sobre milagres e sobre as vidas dos pais da Igreja, apesar de preservarem crônicas lendárias, também servem de ricas fontes informativas, com muitos detalhes curiosos e interessantes. Seu livro sobre os ofícios eclesiásticos é um manual prático de astronomia, escrito para ajudar a determinar as ocasiões certas de realizar certos ofícios divinos noturnos, mediante a observação das posições de várias constelações no firmamento. (AM E)

### GREGÓRIO DE UTRECHT

Suas datas aproximadas foram 707—776. Nasceu perto de Trier, na Alemanha, de uma distinta família franca. Recebeu sua educação elementar sob os cuidados de sua avó viúva, que se tornara abadessa do mosteiro de Pfalzel. Foi ali que ele conheceu Bonifácio (vide), quando estava a caminho de Hesse e

da Turíngia. Foi Bonifácio quem influenciou Gregório a tornar-se missionário, e assim Gregório associou-se a Bonifácio. Quando Bonifácio foi a Roma, em 738, Gregório acompanhou-o, e dali trouxe livros valiosos. Em cerca de 750, Gregório tornou-se o abade de São Martinho, em Utrecht, transformando aquela abadia em um centro intelectual, uma escola de treinamento para missionários. Após o falecimento de Bonifácio, o papa Estêvão II fez de Gregório o administrador da missão católica entre os frisios. Nunca foi consagrado bispo; mas, na realidade, dirigiu a vida espiritual de Utrecht por cerca de vinte anos. Morreu em resultado de uma paralisia progressiva, que ele suportava com espírito muito forte. Sua festa é observada a 25 de agosto. (AM)

### GREGÓRIO NAZIANZENO

Suas datas foram 329—390 D.C. Ele foi um dos maiores teólogos produzidos pela Igreja Oriental. Ele foi amigo de Basílio, o Grande (vide). Foi bispo e um dos doutores da Igreja Oriental. Ver o artigo sobre os *Doutores da Igreja*. Nasceu em Arianzo, a propriedade da família, perto de Nazianzo, na Capadócia, que ficava localizada no que é hoje o centro da Turquia. Finalmente, tornou-se bispo de Nazianzo. Estudou em Cesaréia, na Capadócia, onde se tornou amigo de Basílio. Também estudou em Alexandria e em Atenas. Foi brilhante estudante e homem de grande piedade pessoal. Em cerca de 361 D.C., foi ordenado sacerdote por seu próprio pai. — Que, anos depois, consagrou-o bispo. Gregório não estava interessado em posições eclesiásticas, mas aceitou-as a fim de agradar àqueles que queriam promover a sua carreira cristã.

Contudo, Gregório abandonou a participação ativa na Igreja e, por algum tempo, retornou a um mosteiro. Porém, em 379 D.C., ele partiu para Constantinopla, a fim de pastorear um pequeno rebanho. Seu brilhantismo tornou a manifestar-se, mediante seus eloquentes sermões; e, pouco depois, foi nomeado patriarca de Constantinopla. Ali deu apoio às doutrinas do credo niceno contra o arianismo. Todavia, bispos do Egito e da Macedônia desafiaram o seu direito de ser patriarca de Constantinopla, apelando para o décimo quinto cânon do concílio de Nicéia, que proibia a transferência de um bispo de uma sede para outra. Gregório, não se dispondo a lutar, simplesmente resignou-se e voltou a Nazianzo. Finalmente, retirou-se para Arianzo, devotando-se às práticas monásticas, à meditação e a escrever. Ali faleceu em cerca de 390 D.C. Sua festa é observada a 25 de janeiro no Oriente, e a 9 de maio no Ocidente.

Gregório tem sido classificado como um dos três grandes teólogos capadóccios, juntamente com Basílio e Gregório de Nissa (vide). Seu método de busca da verdade consistia em iluminar as verdades da fé mediante a razão, guiada pelas Escrituras. Grandes mistérios, como o da Trindade, ele aceitava pela simples fé, sem requerer qualquer explicação razoável. Os seus escritos que restam são consideráveis, podendo ser divididos em várias categorias, como orações, poemas e cartas. Contamos com quarenta e quatro orações autênticas de sua autoria. Sua eloquência na pregação obteve para ele o título de «o Demóstenes cristão». Ele escreveu mais de quatrocentos poemas, dos quais cerca de duzentos têm natureza histórica e biográfica. Um desses poemas, intitulado *Sobre a Vida Dele*, contém quase duas mil linhas de autobiografia. Existem duzentas e quarenta e uma de suas cartas autênticas. Várias delas encerram temas doutrinários, incluindo a

## GREGÓRIO — GREGOS PRIMITIVOS

refutação de doutrinas não-ortodoxas. Sua teologia definia as três Pessoas Divinas em termos do Pai (não gerado); do Filho (gerado); e do Espírito Santo (procedente). Ele empregava o termo *theótocos* (geradora de Deus) em referência a Maria como mãe do «Deus» que é Jesus. Essa doutrina, ambigüamente expressa por Gregório, tornou-se muito importante na história de certos segmentos da cristandade. Deus, como o Espírito eterno, não tem pai e nem mãe; Jesus, a encarnação do Filho, teve mãe, Maria. Maria só pode ser considerada mãe de Deus, no sentido secundário de que ela foi mãe do homem Jesus Cristo. E isso está longe de fazer dela parte da deidade, conforme ensina, erradamente a Igreja Católica Romana (AM E P)

### GREGÓRIO, O ILUMINADOR

Suas datas aproximadas foram 257—333 D.C. Ele foi um grande propagandista pioneiro da fé cristã, na Armênia. Seus esforços missionários contribuíram para a supressão do paganismo naquele país, com o desenvolvimento da Igreja Armênia. A nação armênia venera Gregório, o Iluminador, como seu apóstolo e protetor. Antes de Gregório, o evangelho já havia chegado à Armênia; mas a Igreja cristã ali existente fora destruída pelos persas, sob Ardasir I, que deu início à dinastia sassânida, em cerca de 226 D.C. Esse governante persa matou o rei armênio, Khosrov; mas seu filho, Tirídates, conseguiu escapar. Ele retornou com um exército e saiu-se vitorioso. Aprisionou a Gregório, que estava procurando restaurar ali o cristianismo; mas Tirídates acabou convertendo-se ao cristianismo. Isso levou à declaração da Armênia como uma nação cristã, em 284 D.C.

Gregório foi apodado de «Iluminador» por causa de seus eloqüentes sermões. Quando Gregório faleceu, seu filho, Aristaques, deu prosseguimento à sua obra. Aristaques participou do concílio de Nicéia (325 D.C.). Um outro filho de Gregório, Bardanes, tornou-se bispo, e o ofício de *catholikos* (delegado universal) permaneceu na família de Gregório por mais de cem anos.

Muitas fontes literárias narram a vida de Gregório, incluindo vinte e três cartas e homilias, supostamente escritas por ele. No entanto, sabe-se atualmente que essa coletânea pertence a uma data posterior a ele, talvez tendo sido escrita por Mestroe (vide). Agatângelo, nos fins do século V D.C., escreveu uma biografia de Gregório. Mas, infelizmente, grande parte do material ali existente é lendário. As igrejas armênia, bizantina e síria celebram a festa em honra a Gregório a 30 de setembro, mas a Igreja latina o faz a 1º de outubro.

### GREGÓRIO TAUMATURGO

Seu título significa «operador de maravilhas». Não se sabe a data de seu nascimento, embora se saiba que ele morreu em cerca de 270 D.C. É considerado um dos pais da Igreja oriental. Nasceu em Neocesária, no Ponto (alguns estudiosos dizem que em cerca de 213 D.C.). Era filho de uma rica família pagã. Seu nome original era Teodoro, mas por ocasião de seu batismo como cristão recebeu o novo nome de Gregório. Recebeu boa educação pagã quanto à retórica, ao latim e às leis romanas. Ele e seu irmão foram estudar direito em Beirute. Porém, foi em Cesaréia da Palestina que eles conheceram o famoso teólogo, Orígenes (vide). Sentiram-se tão atraídos por ele que passaram cinco anos (cerca de 233 — 238) estudando sob a sua direção, e ambos tornaram-se

cristãos convictos. Posteriormente, Gregório tornou-se o primeiro bispo de Neocesária. Sua vida ali é narrada por Gregório de Nissa, e Basílio, o Grande, também tece algumas considerações a respeito. É possível que a maior parte desse material tivesse sido fornecida por Macrina, a Velha, a avó deles, que Gregório conseguiu converter ao cristianismo.

Gregório estava intensamente interessado em missões evangelizadoras; mas a perseguição lançada por Décio, imperador romano, impediu os seus labores. E ele foi forçado a refugiar-se nas montanhas. Quando a paz retornou, ele restaurou a vivacidade da Igreja. As narrativas sobre sua vida contêm o relato de vários milagres, mas quanto disso é lendário, não se sabe dizer. Seja como for, com base nessa circunstância, ele se tornou conhecido como «operador de maravilhas» (no grego, *thaumaturgós*) — de onde vem seu apelido *Taumaturgo*.

Escritos. Ele escreveu um livro chamado *O Panegrico de Orígenes*, um elaborado elogio. Gregório, que estudara com Orígenes, reverenciava o seu mestre. Esse elogio contém valioso material sobre os primeiros anos de vida adulta de Gregório, e também sobre os métodos de ensino de Orígenes. Gregório também escreveu *A Exposição da Fé*, um credo sucinto, que trata, especificamente, sobre a Trindade. Sua *Epístola Canônica* fornece orientações a um bispo desconhecido, acerca de como tratar do caso de cristãos apóstatas, alguns dos quais terminaram sendo saqueadores, durante a invasão dos godos, em cerca de 254 — 258 D.C. Gregório também escreveu uma paráfrase sobre o livro de Eclesiastes, e também um outro livro com o estranho título de *To Theopompus, Sobre o Passível e o Impassível em Deus*, cujo propósito era o de explanar sobre a paixão de Cristo a leitores pagãos. Vários outros escritos, conhecidos por seus títulos, existem até hoje. Seu dia festivo é celebrado a 17 de novembro.

### GREGOS PRIMITIVOS, RELIGIÃO DOS

Alguém declarou com muita razão: «A religião dos povos helênicos começou no politeísmo e terminou no misticismo» (P). E Gilbert Murray descreveu cinco estágios distintivos da história da religião grega:

1. **Período Pré-Olimpico.** Esse período fica todo antes de 1500 A.C. Informações sobre esse período mais antigo precisam ser derivadas de alusões existentes na literatura posterior, onde encontramos alusões a ritos primitivos, sangüinolentos, bem como ao animismo, tudo o que é comum da religião de qualquer cultura humana. Os mitos gregos estão repletos de pedaços de quebra-cabeças. «Dificilmente existe qualquer horror das superstições primitivas que não encontrem vestígios distantes no registro da história grega» (Gilbert Murray, pág. 1, *Five Stages of Greek Religion*, 1951). Antes que Zeus e os deuses do Olimpo viessem povoar as mentes dos homens, houve uma prolongada era de ignorância primitiva e brutal, um período de *artíficos bestiais dos pagãos*, conforme alguém o caracterizou. Foi um tempo de temor e de adoração aos espíritos, com sacrifícios de animais e de seres humanos, com a adoração às forças da natureza, terrena e celestial, um tempo de apelo à mágica e às adivinhações.

2. **Período Olímpico.** Esse período viu o triunfo de uma série de deuses, a princípio governados por Cronos e, posteriormente, por Zeus, seu filho rebelde. Alguns estudiosos começam por aí a história da religião helênica, ou seja, cerca de 1500 A.C., e terminando em 360 D.C. Durante o período olímpico,

## GREGOS PRIMITIVOS, RELIGIÃO DOS

começou a era grega clássica, que se foi formando lentamente. Conforme comentou Heródoto: «A raça helênica destacava-se dentre os bárbaros, como mais inteligente e mais emancipada da insensatez» (*Hist.* 1:60). A religião da Acaia é claramente retratada nos clássicos de Homero, a *Iliada* e a *Odisséia* (850 A.C.), onde encontramos uma literatura da mais excelente qualidade. Porém, é patente que o que ali foi descrito foi a consolidação de muitos séculos de tradição e desenvolvimento religioso. A fé praticada pelos acaeanos representava adaptações com base em muitos cultos locais. Contudo, tal religião derivava-se, acima de tudo, da religião dos minoanos, de Creta (2008—1400 A.C.), em parte adaptada pelos príncipes micenos da Grécia, entre 1600 e 1200 A.C. Também havia elementos tomados por empréstimo dos invasores gregos vindos do norte ou dos primitivos habitantes da região do mar Egeu, que os gregos chamavam de *pelasgianos*. Os arqueólogos modernos chamam essa civilização da idade do Bronze (2500—1100 A.C.) de *heládica*. Quase com toda a certeza, Rea e Ártemis eram divindades minoanas; Atena era miceniana; Zeus (na língua indo-européia primitiva *Dyeus*, o deus do firmamento) e Héstia eram gregos; mas Hermes, Demeter e Core (Persefone) eram das ilhas do mar Egeu. Ainda outras divindades vieram da ilha de Chipre, como Afrodite, identificada com Istar ou Astarte; ou da Anatólia, de onde vieram Apolo e Hefaiostos. Hera, a principal esposa de Zeus, era jônica.

Homero vestiu esses deuses em vestes humanas, como também vestiu seres humanos em vestes divinas, de tal maneira que os gregos tinham deuses antropomórficos e seres humanos deificados. Seus deuses, embora imortais, estavam sujeitos a ferimentos e dores (*Iliada* 5.334-362), eram impelidos por paixões tipicamente humanas, planejavam uns contra os outros, seduziam mulheres (ou homens, no caso das deusas) e misculavam-se nos conflitos humanos. As mansões dos deuses dos gregos ficariam no monte Olimpo, pois ali é que Homero reunira o grande concílio dos deuses, harmonizando séculos de tradições (*Odisséia* 6.41-46). A esses deuses, pois, os homens atribuíam a sua boa sorte, as suas misérias e os seus bons e maus impulsos, porque, conforme eram os homens, assim também eram os seus deuses (*Odisséia* 1.188,189; *Iliada* 19:85-89). Contudo, a loucura dos homens era a causa de muitos de seus infórtunios (*Odisséia*, 1.32-34). O Olimpo era o mais elevado monte da Grécia, entre a Tessália e a Macedônia, às margens do mar Egeu; e a mitologia grega associava esse lugar com a habitação dos deuses. Mas o que os gregos imaginavam é que ali havia uma espécie de concílio de deuses do firmamento, essa idéia era sugerida pelos 2.919 m do pico mais elevado dessa serra. Os homens costumam olhar para o alto, em busca de seus melhores deuses, embora eles tenham pensado que até mesmo no interior da terra (no hades) haveria o predomínio de poderes divinos. Os deuses do Olimpo, contudo, tinham suas falhas, seus vícios, suas intrigas, seus erros e eram extremamente vingativos. Apesar disso, o quadro que deles se formava tinha alguns laivos de esperança, pendendo mais para o lado da justiça. Mas, em contraste com eles, os gregos também imaginavam os horrendos poderes do mundo inferior, o hades, onde atuariam as divindades da morte e do julgamento, bem como as fúrias (vide).

Quase todos os deuses antigos interessavam-se por vários tipos de sacrifício (incluindo sacrifícios cruentos), que os homens pudessem oferecer-lhes. Os deuses gregos não formavam exceção a essa regra. Os

homens apelavam aos deuses por meio de holocaustos (*Iliada* 1.458-512); eram feitos votos e libações eram derramadas; o suave odor das ofertas queimadas ascendia ao céu; e preces especiais eram oferecidas (*Iliada* 9.499-512). Os deuses cooperavam, comunicando-se com os seus adoradores, prestando-lhes toda a espécie de informações úteis, por meio dos adivinhos, dos sacerdotes e dos sonhos (*Iliada* 1.62,63).

Heródoto (*Hist.* 2:53) atribuía a Homero e a Hesíodo a genealogia, os títulos, as prerrogativas, as funções e as aparições dos deuses. Naturalmente, nisso há um grande exagero, embora estivessem envolvidos compiladores e harmonizadores, que foram modificando aos poucos o que aqueles disseram. Através deles, muitos cultos locais foram reunidos, daí emergindo uma espécie de religião grega unificada, com seus livros sagrados — os escritos de Homero, que se tornaram uma espécie de Bíblia dos gregos.

**3. As Escolas do Século IV A.C. O período olímpico foi seguido pelo aparecimento de vários cultos religiosos (séculos VII a IV A.C.), o que pôs a religião dos gregos dentro de uma nova perspectiva. Foi nesse período que a busca pela salvação da alma começou a ser salientada. Tornaram-se doutrinas importantes os ensinamentos sobre a imortalidade da alma e suas peregrinações, mediante várias encarnações (ver o artigo sobre a Reencarnação). Mas, os ritos orgiásticos de Dionísio obtiveram tremendo avanço. Então apareceram os *mistérios eleusianos* de Demeter (vide). De importância especial, dentro desse quadro, foi o *orfismo* (vide). Este último prometia a salvação mediante a comunhão mística e a unidade final com Deus. Essa religião exerceu uma significativa influência sobre as filosofias de Pitágoras e de Platão.**

Xenófanes (vide) atacou os deuses antropomórficos de Homero e expôs uma espécie de monoteísmo (ou panteísmo?). O estoicismo espiritualizou as descrições homéricas e desenvolveu um sistema ético que exerceu grande influência no mundo antigo. Os poetas Píndaro, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes ultrapassaram a Homero quanto à nobreza de sua ética, e abordaram difíceis problemas da filosofia e da teologia, como o *Problema do Mal* (vide). Sócrates também ensinava uma ética excelente, embora evitasse as questões da metafísica. Platão desenvolveu a melhor religião grega, com suas nobres idéias sobre os *universais* (vide) e suas perfeições, que tanto influenciaram muitos dos primeiros teólogos cristãos. Aristóteles concebeu idéias cosmológicas que, posteriormente, tiveram grande utilidade para definir certos problemas teológicos, como o *tomismo* (vide). Porém, também precisamos mencionar os *sofistas*, os quais estavam interessados somente na praticidade e nas vantagens próprias, assumindo uma posição cética diante das verdades e dos valores religiosos e espirituais, e que negavam a validade de qualquer regra ética mista.

**4. Debilitamento Gradual da Religião Grega. Começando com Alexandre, o Grande, (que estudou com Aristóteles), e durante trezentos anos depois dele, a cultura, a filosofia, o idioma, os valores e a religião gregos espalharam-se por todo o mundo então conhecido. Porém, a originalidade dos gregos morreu com Aristóteles. Esse período assinalou o colapso das religiões tradicionais da Grécia. A filosofia refugiou-se na religião; e a religião passou a ser representada pelos desenvolvimentos do neopitagoreanismo e do neoplatonismo. Porém, também houve a filosofia religiosa greco-judaica, que se foi desenvolvendo em torno de Alexandria, no Egito, e que veio a exercer**

vasta influência sobre as raízes do judaísmo posterior e sobre o cristianismo.

A maior de todas as modificações foi o surgimento do cristianismo, que alterou para sempre o mundo grego. Elementos da filosofia e da religião dos gregos começaram a misturar-se com o cristianismo; mas toda forma de religião grega, nessa época, começou a perder a sua identidade. O politeísmo, que durante tanto tempo fora o fator religioso dominante no mundo grego, foi-se debilitando cada vez mais. Contudo, foram necessários séculos para que o politeísmo morresse definitivamente. A Sorte e a Fortuna cederam lugar à vontade de Deus. O Logos foi identificado com o Cristo. O *gnosticismo* (vide) surgiu em cena como um movimento sincretista, que combinava o antigo com o novo, os mitos com a revelação divina, a filosofia com a teologia, as religiões misteriosas com os mistérios cristãos.

**5. Um Último Protesto.** Juliano, imperador romano, foi apodado de O Apóstata por haver abandonado o cristianismo e haver tentado restaurar o paganismo no império. Ele era primo do imperador Constantino. Quando ele tinha apenas seis anos de idade, alguns soldados de Constantino, por razões puramente políticas, mataram seu pai e outros parentes próximos. E, quando ele chegou à idade suficiente para tanto, revoltou-se contra a sua criação cristã. Juliano estudou em Atenas e foi inspirado a abandonar o cristianismo, em troca do que ele pensava ser uma nobre forma de paganismo. Foi o sucessor de Constantino, como imperador, e reinou de 361 a 363 D.C. Despediu todos os cristãos de todos os cargos oficiais e baixou medidas repressivas, como a proibição dos cristãos ensinarem os clássicos. Todavia, não perseguiu fisicamente aos cristãos. Antes, procurou reformar o paganismo e reestabelecer o mesmo nas fronteiras do império romano. Reverteu ao politeísmo, com o deus-sol como a principal divindade. Todavia, suas reformas só foram bem sucedidas durante o seu breve reinado. Depois que ele morreu, as coisas voltaram à normalidade no império romano. Após ter governado somente por vinte e quatro meses, foi morto por um golpe de dardo, em uma batalha contra os persas. Pouco antes disso acontecer, alguém indagou, zombeteiramente: «O que está fazendo agora o Filho do carpinteiro?» A resposta dada foi: «Está preparando um esquite para o imperador!» Relata-se que quando Juliano foi ferido pelo dardo, disse: «Tandem vicisti, Galilaeel!», palavras latinas que significam: «No fim, venceste, galileu!» Ver o artigo separado sobre *Juliano, o Apóstata*.

## GRELHA

No hebraico, *milbar*, palavra que é usada por seis vezes no Antigo Testamento, sempre no livro de Êxodo (27:4; 35:16; 38:4,5,20; 39:39). Essa palavra indica qualquer coisa «torcida» ou «bordada», ou então uma gelosia, um trabalho trançado. A passagem de Êxodo 27:4 fala sobre uma espécie de grade de bronze, que rodeava a porção inferior do altar dos holocaustos (vs. 5). Nessa grelha de bronze havia quatro argolas, onde se punham varas, permitindo que o altar fosse transportado (Êx. 27:4,7).

Os estudiosos não têm muita certeza sobre a serventia dessa grelha, mas as sugestões apresentadas é que ela recebia as brasas acesas, ou então que protegia o altar, agindo como suporte para todo material posto sobre o mesmo. Escreveu John Gill: «Uma chapa de bronze com perfurações, para

permitir a passagem ou do sangue que escorria dos corpos de animais sacrificados, ou as cinzas dos mesmos, uma vez queimados... servia para receber as brasas e os ossos que caíam de sobre o altar, e assim podia denotar a pureza do sacrifício de Cristo» (*in loc.*). Nesse caso, seria uma espécie de instrumento santificador do altar. Em seguida, John Gill sugere que as varas não ficavam na grelha, mas passavam por ela, na parte inferior da mesma.

## GRENSITUATIONEN

No alemão, essa palavra significa «situações últimas», ou seja, situações que limitam a liberdade do indivíduo e alteram o curso de sua vida. Ver o artigo sobre *Jaspers*, sétimo ponto. O homem é livre em seu pensamento, mas sua liberdade está contida dentro de limites de certas «situações últimas», como a morte, o sofrimento, o conflito e o senso de culpa.

## GRICE, H.P.

Ver sobre **Significado**, em seu quarto item.

## GRILHÕES

Há três palavras hebraicas e uma palavra grega que devem ser consideradas neste verbete, a saber:

1. *Kebel*, «grilhão». Esse termo hebraico ocorre por somente duas vezes: Sal. 105:18 e 149:8.

2. *Ziqqim*, «cadeias», «grilhões». Palavra hebraica usada por quatro vezes com esse sentido: Jó 36:8; Sal. 149:8; Isa. 45:14 e Naum 3:10.

3. *Nechosheth*, «bronze», mas, algumas vezes, palavra hebraica empregada com o sentido de grilhões, como em II Sam. 3:34; II Crô. 33:11; 36:6; Juí. 16:21 e II Reis 25:7.

4. *Péde*, «grilhões (para os pés)», pois até se deriva da palavra grega que significa pé, *pós podós*. É vocábulo grego usado por três vezes somente: Mar. 5:4 e Luc. 8:29.

Os grilhões eram algemas, amarras ou qualquer outra coisa que prendesse as mãos ou os pés, ou mesmo o corpo inteiro de uma pessoa. Os arqueólogos têm descoberto dois tipos básicos de grilhões: aqueles para as mãos, que as amarravam ao pescoço do indivíduo; e aqueles para os pés, que ligavam um pé ao outro, para que não tivessem movimentos. Nos trechos de Juí. 16:21; II Sam. 3:34; II Reis 25:7 e II Crô. 33:11 temos grilhões feitos de bronze. O ferro, mencionado em Miq. 5:4 e em Luc. 8:29, sem dúvida, aponta para grilhões feitos desse metal ainda mais forte que o bronze. Na Bíblia temos a trágica história de Sansão, ligado com grilhões de cobre ou de bronze (ver Juí. 16:21); Manassés e Zedequias foram reis de Judá presos com grilhões, pelos caldeus, e transportados para a Babilônia (II Crô. 33:11); e também o homem possuído por um espírito imundo, que era amarrado com grilhões para não atacar outras pessoas (Mar. 5:4). Os egípcios empregavam grilhões de madeira, bem como aqueles feitos de metal. O trecho de Atos 28:20 refere-se a uma cadeia, usada como grilhões.

*Usos Figurados.* A passagem de Eclesiastes 7:26 encerra uma descrição gráfica sobre a mulher imoral. Seu coração assemelha-se a redes e armadilhas, e as suas mãos são como grilhões de ferro, que prendem e aprisionam. O homem que procura agradar a Deus, haverá de escapar de tal mulher. Assim também, todos os vícios e todas as doutrinas falsas podem atuar como grilhões, por serem imoralidades espirituais e, portanto, cadeias. A missão de Cristo liberta os

## GRILO — GROTIUS, HUGO

cativos (Efé. 4:8). Jesus veio a este mundo anunciando o livramento aos cativos do pecado e da degradação. Essa é a mensagem central do evangelho. Ver Luc. 4:18.

### GRILO

No hebraico, **chargol**, vocábulo que aparece exclusivamente em Lev. 11:22. Os nomes dos insetos na Bíblia usualmente se encontram em contextos que abordam animais puros e imundos. Ver o artigo sobre os *Alimentos*, onde há uma seção que trata desses alimentos permitidos ou não. Ver também o artigo intitulado *Limpo e Imundo*, que acrescenta algo mais àquelas informações, destacando o problema inteiro da pureza ou impureza cerimonial e alimentar. É muito difícil identificar os insetos específicos mencionados, pois os antigos não usavam uma linguagem científica quando se referiam à fauna e à flora. O artigo sobre *Gafanhoto* ilustra essa dificuldade. O *chargol* pertence à família do gafanhoto, visto que possuía asas e saltava em vez de arrastar-se. As três famílias dos insetos saltadores são classificadas entre os orthoptera (gafanhotos, locustas e grilos). É evidente que a palavra hebraica em questão refere-se a um desses insetos, embora não haja certeza acerca de qual dos três. Mas o besouro está fora da questão, visto que não salta.

### GRINALDAS

No Novo Testamento, essa é a tradução, em português, da palavra grega *stémma*, «círculo», «coroa», «grinalda». Esse vocábulo aparece somente em Atos 14:13, apontando para um dos objetos que os sacerdotes de Zeus trouxeram para adornar a Paulo e a Barnabé, julgando que eles fossem deuses em figura humana.

Uma palavra hebraica que talvez signifique a mesma coisa é *liyvah*, que ocorre somente por duas vezes, em Pro. 1:9 e 4:9. No entanto, a maioria dos estudiosos pensa que o sentido dessa palavra hebraica é «diadema», o que já seria coisa diferente. Ver o verbete *Diadema*. Ver também sobre *Ornamento*.

### GRITO DE ABANDONO (Mat. 27:46).

Ver o artigo sobre *Eli, Eli, lamá sabactani*, e também o artigo sobre as *Sete Declarações da Cruz*.

### GROOTE, GERARD

Suas datas foram 1340—1384. Foi um filósofo e líder religioso holandês. Nasceu em Deventer, perto de Utrecht. Ensina na cidade de Colônia, na Alemanha. Foi influenciado por Jan van Rusbroeck, um místico flamengo bem conhecido. — Ocupava importantes posições eclesiásticas; mas, com a idade de trinta anos, abandonou honrarias e riquezas. Passou três anos em práticas ascéticas, no mosteiro de Artusiana (vide), onde era prior um antigo amigo seu. Tornou-se pregador itinerante, ouvido por milhares de pessoas. Finalmente, fundou a *Irmandade da Vida Comum* (vide). Essa organização enfatizava a educação da juventude, tendo estabelecido muitas escolas com esse propósito. Os irmãos e irmãs desse grupo ocupavam-se de muitas obras sociais que atualmente são uma atribuição do Estado.

Groote teve muitas experiências místicas e espirituais, que ofendiam a outras pessoas, sobretudo a outros clérigos. Quando foi proibido de pregar, entregou-se à produção literária. Dessa forma,

tornou-se o pai da *Devotio Moderna* ou *Nova Devção*, um movimento cujos membros dedicavam-se a pôr em prática os ensinamentos de Cristo. Em 1921, sessenta capítulos de sua obra intitulada *Admoestações* foram encontrados em Lubeque, na Holanda. Esses manuscritos demonstraram que Groote, e não Tomás à Kempis, foi o autor da maior parte do famoso livro *Imitação de Cristo*, que desde há muito vinha sendo associado a este último. Tomás à Kempis, evidentemente, foi apenas o editor da obra, tendo contribuído, contudo, com alguma coisa para a mesma. Ele era membro de uma comunidade religiosa que foi fundada por Florêncio Radewyns, que era discípulo de Groote, o que explica a ligação entre os dois homens.

### GROSSETESTE, ROBERT

Suas datas foram 1168—1253. Foi um filósofo inglês, cientista e teólogo. Nasceu em Stradbroom, Suffolk. Educou-se em Oxford. Ensinou na mesma escola. Foi bispo de Lincoln; influenciou Rogério Bacon e João Wycliff (vide). Foi professor secular da escola franciscana em Oxford. Promoveu o interesse pela linguagem, pelas ciências físicas, pela teologia e pela filosofia. Frisava a necessidade de disciplina e de santidade. Pregava a Bíblia. Foi um excelente pastor. Defendia a liberdade da Igreja inglesa, contra as imposições da monarquia e do papado. Foi o melhor matemático e físico de sua época. Ensina a *luz* é o elemento primário do Universo, e supunha que a mesma podia transformar-se em outros elementos.

### GROTE, JOHN

Suas datas foram 1813—1866. Foi um filósofo inglês que ensinou em Cambridge. Defendia a teoria da coerência da verdade. Ver sobre *Coerência, Teoria da Verdade*. Criticava o *utilitarismo* (vide), porquanto omitia o elemento do *ideal* em suas formulações éticas. Seus escritos incluem os títulos *Exploratio Philosophica* (2 vols.); *Exame da Filosofia Utilitarista e Tratado sobre os Ideais Morais*.

### GROTIUS, HUGO

Suas datas foram 1583-1645. Seu nome holandês era Huig de Groot. A forma latinizada do mesmo é Hugo Grotius. — Ele foi um jurista holandês que tem sido apodado pai da moderna lei internacional, mas cujas atividades também o envolveram em coisas importantes para a Bíblia e para a religião. Nasceu na cidade de Delft, de uma família distinta. Desde cedo a sua genialidade mental tornou-se evidente. Ele lia versos em latim aos oito anos de idade, e ingressou na Universidade de Leiden com catorze anos. Aos quinze anos, acompanhou o estadista holandês Jan van Oldenbarneveldt em uma missão diplomática, à corte do rei Henrique IV, da França. O monarca chamou Grotius de «o milagre da Holanda», tanto se notabilizava ele em sua inteligência e preparo. Grotius ficou na França e com apenas dezesseis anos de idade, formou-se como doutor em leis pela Universidade de Orleães. Voltando à Holanda, entrou na prática da advocacia. Tornou-se historiador oficial da província da Holanda, e foi procurador geral da Holanda, em cerca de 1607.

Em 1613, viu-se envolvido em um conflito religioso e político muito *amargo*, entre os arminianos e os calvinistas. Os que dissentiam da posição calvinista (os arminianos) tiveram o apoio de Grotius. O outro lado contava com a maioria dos políticos e o próprio exército em seu favor. Grotius foi aprisionado e

condenado, sob a acusação de traição, tendo sido sentenciado à prisão perpétua. Foi deixado preso na fortaleza de Loevestein. Entretanto, com a ajuda de sua esposa (minhas fontes informativas não dizem como!), dois anos mais tarde ele conseguiu escapar, oculto em uma caixa para roupas sujas, que foi tirada da prisão. Fugiu para a França, onde foi recebido como herói. E, em 1634, tornou-se representante da Suécia, diante da corte francesa. Finalmente, recebeu permissão de regressar à Holanda; mas, a caminho, estando em território alemão, faleceu.

Ele cria nas leis naturais e sentia que os Estados, e não apenas os indivíduos, estão sujeitos a um código de deveres e responsabilidades, além de certos direitos ditados pela própria natureza. Ele negava o direito de uma nação atacar militarmente a outra; no entanto, um Estado poderia usar armamentos para defender-se e para castigar qualquer ato criminoso. Uma espécie de manual de conduta na guerra foi seu livro *De Jure Belli et Pacis*. Ele também escreveu vários volumes sobre a lei geral, como *De Jure Praedae Commentarius* e *Mare Liberum* (Liberdade nos Mares). Também escreveu vários livros de poesia, contos, história, teologia e filologia. Um desses livros intitulava-se *Sobre a Verdade da Religião Cristã*.

Especificamente, quanto à fé religiosa, ele advoga a teoria *governamental* da expiação, que assevera que os sofrimentos e a morte do Filho de Deus não foram uma expiação diante da ira de Deus, mas apenas uma demonstração do ódio divino ao mal moral. Essa lição, conforme ele sentia, deveria servir de base do governo divino no mundo. Ver o artigo geral sobre a *Expiação*. Ele defendia a superioridade histórica do cristianismo, promovendo ainda um ambicioso esquema para tentar chegar à unidade da Igreja cristã. Pregava a tolerância e o respeito mútuo, como base de uma possível reconciliação entre os protestantes e os católicos. (AM C E P)

## GRUNDTVIG, NICOLAI FREDERICK SEVERIN

Suas datas foram 1783—1872. Foi um líder patriota dinamarquês, grande conhecedor da mitologia nórdica. Foi o fundador do Ginásio Folk Dinamarquês. Aceitava o Credo dos Apóstolos (vide como o sumário do cristianismo, e lutava em prol da liberdade de religião e de expressão. Enfatizava a comunhão pessoal com Cristo como o requisito da religião vital. Escreveu mais de mil hinos. Trabalhou como padre parouiano a maior parte de sua vida, sendo considerado uma das principais personalidades dinamarquesas do século XIX, tendo exercido grande influência sobre a vida do Estado e da Igreja dinamarqueses.

## GUARDA

Uma *guarda* podia ser constituída por um único indivíduo ou por vários indivíduos encarregados de vigiar e proteger outra pessoa, outras pessoas, ou apenas coisas ou lugares. No Antigo Testamento, quatro palavras hebraicas estão envolvidas:

1. *Tabbah*. A princípio, essa palavra hebraica significava *executor real*; mas, com o tempo, passou a indicar uma «guarda pessoal», como a de Faraó (Gên. 37:36; 39:1) ou a de Nabucodonosor (II Reis 25:8-10). Davi contava com um grupo de seiscentos mercenários estrangeiros, representantes dos queretitas e dos peletitas. Benaia era um desses homens, atuando como capitão deles (II Sam. 20:23). Eles acompanharam a Davi em sua fuga de Absalão (II Sam. 15:18), e, posteriormente, formaram a escolta de Salomão, no dia em que foi coroado (I Reis

1:38,44). Davi tinha trinta guerreiros poderosos, que agiam como guarda pessoal especial (II Sam. 23:8 ss). O número deles é dado em II Sam. 23:18.

2. *Mishmaath*, que vem da raiz *sama*, «ouvir», «responder». Essa palavra aparece em II Sam. 23:23, indicando uma guarda pessoal, embora algumas traduções digam «concílio».

3. *Mishmar*, «guarda», «vigia». Ocorre por um total de vinte e duas vezes, com sentidos como «prisão», «cárcere», etc. Com o sentido de «guarda», porém, ocorre por três vezes: Neé. 4:22,23; Eze. 38:7.

4. *Ratsim*, «corredores». Eram mensageiros e guardas do rei, conforme se vê em I Sam. 22:17.

No Novo Testamento, em Atos 28:16, vemos que Paulo foi entregue a um «soldado que o guardava». O termo grego *stratopedarches* é usado ali. Esse vocábulo indicava um tribuno legionário ou capitão de tropas. Porém, os melhores manuscritos omitem essa palavra, dizendo que Paulo ficou ali em companhia de um soldado que o guardava.

Também sabemos que o templo de Jerusalém dispunha de guardas, ou seja, de uma polícia do templo, escolhidos de elementos dentre os levitas. Eles mantinham a ordem no templo, e impediam que os gentios entrassem em áreas proibidas (ver Mat. 27:65). A Mishnah informa-nos que havia vinte e quatro pontos, no templo e na área circundante, que eram vigiados. Em Marcos 6:27, encontramos menção ao «executor». No original grego temos o termo *speculator*, um latinismo que só aparece nesse texto. Esses *executores* não só agiam como guardas, correios, mas também como *executores*. No latim clássico, entretanto, essa palavra significava um «espião», «observador» ou «vigia». A raiz verbal da mesma era *specio*, «olhar», «observar». O termo grego cognato é *spekto*. Herodes Antipas, pois, ordenou que um homem com esse título trouxesse até ele a cabeça de João Batista, em uma bandeja, conforme se lê em Marcos 6:27. Finalmente, encontramos o vocábulo grego *koustodia*, para indicar a guarda que ficou vigiando o túmulo de Jesus, conforme se lê em Mateus 27:66.

### Usos Espirituais e Metafóricos

1. O poder preservador e guardador de Deus cuida de seu povo (Sal. 17:8; 33:13; Pro. 3:26; Isa. 26:3).

2. Os anjos estão encarregados de guardar os santos (Luc. 4:10 e Sal. 9:11,12).

3. O trecho de Colossenses 3:3 ensina-nos que as vidas dos crentes estão ocultas com Cristo, em Deus, o que indica total proteção. Devemos entender essa proteção principalmente em sentido espiritual, e não tanto em sentido físico. Ver o artigo sobre *Anjo da Guarda*.

## GUARDA PESSOAL

Uma pessoa ou grupo de pessoas que interpõem seus corpos entre a pessoa a ser guardada de alguma ameaça, potencial ou real. Além disso, a expressão dá a entender a guarda da segurança física de outrem. Nas Escrituras, Davi é a primeira pessoa mencionada a ocupar tal ofício. De fato, ele era o capitão de um grupo de militares que protegiam o rei Saul (I Sam. 22:14). Aquis, rei de Gate, declarou que Davi poderia ser sua guarda pessoal. Isso sucedeu quando Saul buscava Davi para tirar-lhe a vida (I Sam. 28:2). Posteriormente, o próprio Davi contou com uma guarda pessoal, composta de trinta guerreiros, tendo por comandante Benaia (II Sam. 23:23). Nabuzaradã era capitão da guarda pessoal do rei da Babilônia. Ele veio com tropas a Jerusalém e destruiu, mediante incêndio provocado, praticamente a cidade inteira (II



Reis 25:8). (Z)

### GUARDA, PORTA DA

Algumas traduções dizem *Porta da Prisão*. O item em questão era uma porta existente na cidade de Jerusalém, referida em Nee. 3:31 e 12:39. Ficava na esquina nordeste da cidade. O trecho de Neemias 12:39 diz-nos que o segundo grupo enviado por Neemias, por ocasião da dedicação das muralhas da cidade, estacou diante dessa porta. No entanto, John Gill informa-nos de que esse não era, propriamente, um portão da cidade, mas do átrio da prisão, levando o leitor ao trecho de Nee. 3:25. Ver o artigo intitulado *Pátio do Cárcere, Pátio da Guarda*. Isso ficava perto do palácio do rei (Jer. 20:1,2; 32:2).

**GUARDA PRETORIANA** Ver *Pretoreana, Guarda*.

### GUARDAR, GUARDADOR

Há treze palavras hebraicas e quinze palavras gregas que, de algum modo ou de outro, têm sido usadas nas traduções com o sentido de «guardar». Damos aqui apenas as principais:

1. *Natar*, «guardar», «vigiar». Palavra hebraica usada por seis vezes com esse sentido, como, por exemplo, em Sal. 103:9; Can. 1:6; 8:12; Jer. 3:12.

2. *Natsar*, «guardar», «reservar». Palavra hebraica usada por cinquenta e oito vezes, se incluirmos a idéia de «vigia». Por exemplo: Deu. 32:10; Sal. 25:10; 34:13; 141:3; Pro. 2:8,11; 28:7; Isa. 26:3; Naum 2:1.

3. *Asah*, «fazer», «realizar». Palavra hebraica empregada por cerca de duas mil e seiscentas vezes. Por exemplo: Êxo. 12:47; Núm. 9:2-14; Deu. 5:15; Jos. 5:10; II Reis 23:21; I Crô. 4:10; II Crô. 30:1—3.

4. *Shamar*, «guardar», «observar», «dar ouvidos». Palavra hebraica que ocorre por cerca de quatrocentas e setenta vezes. Por exemplo: Gên. 2:15; Êxo. 12:25; Núm. 1:53; II Sam. 15:16; I Reis 2:3,43; I Crô. 10:13; Sal. 12:7; Pro. 2:20; Ecl. 3:6; Dan. 9:4.

5. *Teréo*, «guardar», «vigiar», «observar». Palavra grega usada por cerca de setenta vezes, como por exemplo: Mat. 19:17; Mar. 7:9; João 2:10; Atos 12:5,6; I Tes. 5:23; I Tim. 5:22; I Ped. 2:4.

6. *Phulássio*, «guardar», «vigiar», «cuidar». Palavra grega usada por trinta e duas vezes, por exemplo: Mat. 19:20; Mar. 10:20; João 12:25,47; Jud.24.

7. *Prouério*, «guardar», «cuidar de». Palavra grega usada por quatro vezes: II Cor. 11:12; Gál. 3:23; Fil. 4:7; I Ped. 1:5.

O mais importante uso dessa palavra é aquele que retrata certo aspecto da missão de Cristo, que é o guardador por excelência das almas daqueles que se confiam aos seus cuidados. Esse aspecto é destacado por Paulo, em II Timóteo 1:12, que diz: «...sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia». A linda doutrina de Judas 24,25 é um paralelo: «Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém».

Vivemos em uma época de superficialidade doutrinária, e, conseqüentemente, de superficialidade de fé. Fatores importantes da doutrina cristã são esquecidos, em uma lamentável simplificação do ensino bíblico, por causa do que muita riqueza espiritual permanece inconquistada pelos crentes, da mesma forma que uma parte dos territórios da Terra

Prometida jamais foi conquistada pelos filhos de Israel. Essa deficiência deve-se ao fato de que o princípio bíblico da polaridade é esquecido. Explico: visto que a salvação consiste em um novo relacionamento entre Deus e o homem, há tanto o lado divino quanto o lado humano a considerar. Porém, em muitas igrejas evangélicas de nossos dias, salienta-se apenas o lado humano de certas fases da experiência cristã, como a santificação, a perseverança, o livre-arbítrio, etc., e olvida-se o lado divino correspondente. No entanto, a Bíblia, quando requer que o homem se consagre ao Senhor, também ensina que isso só se torna realidade mediante a operação do Espírito, que nos distingue e separa para o Senhor: «O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará» (I Tes. 5:23,24). Outro tanto se dá com o livre-arbítrio, pois a Bíblia ensina que o fator limitador da liberdade humana é a vontade controladora de Deus, tanto no caso dos perdidos, como, especialmente, no caso dos crentes. Deus só permite que o mal se manifeste até onde ele quer. E o coração do crente foi inclinado para ser obediente ao Senhor, por atuação do Espírito. «Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, guardéis os meus juízos e os observeis» (Eze. 36:26,27).

No que concerne ao nosso verbete, onde se aprende que Deus nos guarda de tropeçar e do próprio Maligno, esse ensino corresponde ao pólo divino — a preservação — cujo pólo humano é a perseverança. Não há que duvidar que a Bíblia exige a nossa perseverança, e até o fim (ver Mat. 24:13). Porém, quem cuidará para que isso se cumpra cabalmente na vida do crente é o próprio Senhor Jesus, garantindo o bom resultado final da empreitada. As Escrituras jamais dão a entender que a obra de Deus em um coração humano, uma vez iniciada, possa cessar a meio caminho. Antes, todos os escolhidos serão seguramente levados à presença gloriosa do Senhor, salvos, ressuscitados e glorificados. «Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao dia de Cristo Jesus» (Fil. 1:6). «E a vontade de quem me enviou é esta: Que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia» (João 6:39). A doutrina da preservação, tão claramente expressa nessas citações por Paulo e por Jesus, garante que perseveraremos até o fim, pois, se Deus já começou em alguém a sua obra salvífica, haverá de levá-la a bom termo! Ver também sobre *Perseverança e Segurança Eterna do Crente*.

### GUARNIÇÃO

Há duas palavras hebraicas (com variantes) e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Matstsab*, «posto», «guarnição». Com o sentido de «guarnição», ocorre por sete vezes: I Sam. 13:23; 14:1,4,6,11,15; II Sam. 23:14. Sob a forma *matstsebah*, «posto», aparece por somente uma vez, em I Sam. 14:12. A mesma coisa se diz acerca da forma *matstsebah*, que ocorre somente em Eze. 26:11.

2. *Netsib*, «posto», «guarnição». Esse vocábulo hebraico é utilizado por nove vezes, com o sentido de «guarnição»: I Sam. 10:5; 13:4; II Sam. 8:6,14; I Crô. 11:16; 18:13; II Crô. 17:2.

3. *Phouréo*, «montar guarda». Essa palavra grega ocorre apenas em II Cor. 11:32; Gál. 3:23; Fil. 4:7 e I Ped. 1:5.

A palavra hebraica *netsib* também indica um «oficial» que é colocado sobre algum posto conquistado, dando a entender que ele contava com uma guarnição militar. Uma guarnição consiste em um destacamento de tropas armadas, usualmente tendo a seu encargo alguma fortaleza ou área fronteira estratégica. Assim, os filisteus puseram guarnições na região de Judá; mas Davi, após muita luta contra eles, foi capaz de submetê-los, conforme vemos no décimo quarto capítulo de I Samuel. Tendo feito isso, ele mesmo postou guarnições de israelitas em Edom e na Síria. Em tempos posteriores houve uma guarnição em Jerusalém, conhecida como as barracas ou acrópolis. Ver sobre *Antônia*, *Torre de*. Sua posição estratégica explica como o comandante da guarnição (em grego, *chiliarchos*) foi capaz de intervir tão prontamente, livrando Paulo das mãos da turba, que o ameaçava (ver Atos 22:3 ss). Damasco também contava com uma guarnição de soldados romanos (ver II Cor. 11:32), a qual foi empregada, inutilmente, para impedir o escape de Paulo.

## GUDGODĂ

No hebraico, «incisão», «perfuração». Os israelitas estiveram nesse local, nas circunvizinhanças de Cades-Barnéia, quando vagueavam pelo deserto, antes de conquistarem a Terra Prometida. Sob essa forma, o nome aparece por duas vezes em Deu. 10:7. Em Núm. 33:33, o nome do mesmo lugar aparece como Hor-Gidgade, um nome que, aparentemente, significa «caverna de Gidgade». Os eruditos sugerem que ficava perto do wadi Hadahid. É possível que a diferença de grafia, entre o trecho de Deuterônimo e o de Números, deva-se, principalmente, a sinais vocálicos, escolhidos pelos massoretas (vide).

## GUEL

No hebraico, «majestade de Gade». Esse era o nome do filho de Maqui, dirigente da tribo de Gade. Ele esteve entre os doze espias que foram enviados para explorar a Terra Prometida (Núm. 13:15), em cerca de 1440 A.C. Ele foi o representante da tribo de Gade, e esteve entre aqueles que apresentaram um relatório pessimista, calcado sobre a incredulidade.

## GUERRA

Há dois artigos, nesta enciclopédia, que fornecem muitas informações sobre as guerras da antiguidade: *Armaduras e Armas e Forte, Fortificação*. Além das informações ali prestadas, oferecemos o que se acha neste verbete:

*Esboço:*

- Declaração Introdutória
- I. Descrições Vidas
- II. Guerra entre Várias Nações Antigas
- III. Guerra entre os Hebreus
- IV. Métodos e Costumes das Guerras dos Hebreus
- V. Alexandre e a Guerra
- VI. Os Romanos e a Guerra
- VII. A Guerra nas Páginas do Novo Testamento
- VIII. A Guerra e a Religião
- IX. Usos Figurados

### Declaração Introdutória

O general George Patton, um grande militar

norte-americano da Segunda Guerra Mundial, escreveu à sua esposa, diretamente do campo de batalha, asseverando: «Gosto da guerra e estou me divertindo muito». Ele e o general Bradley chegaram a uma cena onde se dera uma batalha, com muita destruição, destroços, veículos incendiados e cadáveres atirados por todo o lado. Patton exclamou: «Que Deus me ajude! mas eu gosto disto!» Noutra ocasião, Bradley disse a Patton: «Eu fui treinado para a guerra. Mas você gosta da guerra». Um famoso personagem dos desenhos animados, o marinheiro Popeye, disse em uma cena: «Luto pelo que é direito, e também como diversão». O zelo com que os homens guerreiam reflete a depravação da natureza humana. **Quedamo**-nos admirados diante da brilhante e nobre literatura de Homero, quando ele compôs a *Iliada* e a *Odisséia*; mas ficamos perplexos diante do fato de que a guerra é o pano de fundo de tudo quanto ele escreveu. Também ficamos admirados quando vemos sobre as matanças em que os hebreus estiveram envolvidos, e grande parcela do Antigo Testamento está voltada para os temas guerreiros. Houve, então, tantas matanças que nos parecem sem sentido! É notável que tal literatura, como é a do Antigo Testamento, tenha provindo de um contexto desses. O próprio Deus é ali retratado como o Grande General, que ordenou aqueles carnificínios. Mas, mesmo admitindo-se que os povos vizinhos a Israel mereciam ser julgados, por causa de suas inúmeras corrupções, ainda assim é difícil ver Deus como o promotor desses combates. Mas, nem sempre Deus faz aquilo que os homens (até mesmo homens piedosos) supõem que ele faz. Os homens imaginam Deus segundo a própria imagem deles.

Além disso, há a questão dos valores. É verdade que a guerra tem feito os homens inventarem coisas que chegam a ser úteis, em tempos de paz. Posto que a necessidade é a mãe das invenções, com frequência, as guerras têm dado motivo para a invenção de coisas que, depois, já em tempos de paz, mostram ser de utilidade. Mas, nem por isso a guerra é justificada. Noutras ocasiões, é necessário que pessoas religiosas se armem, a fim de se defenderem. Ver o artigo separado sobre as *Guerras Religiosas*. Porém, coisas que algumas vezes são necessárias, não são reflexos necessários da santidade e nem mesmo daquilo que é desejável.

O Comandante Sangüinário

*Não é mau. Que toquem.*

*Que os canhões estrondem e os aviões bombardeiem,*

*Proferindo suas prodigiosas blasfêmias.*

*Não é mau, é chegado o tempo.*

*A maior violência ainda é o comandante para Gerar valores neste mundo.*

*Quem se lembraria do rosto de Helena, Se lhe faltasse o terrível halo de lanças?*

.....

*Não choreis, deixai-os tocar,*

*A velha violência não é antiga demais*

*Para gerar novos valores.*

(Robinson Jeffers).

### I. Descrições Vidas

Na Bíblia não faltam descrições sobre como os homens matam ou são mortos. Uma das primeiras expressões do pecado, entre os homens, foi o homicídio (ver o terceiro capítulo de Gênesis). Na primeira profecia messiânica há menção a uma contínua hostilidade (Gên. 3:15). A consumação desse drama é retratada como a vinda do Rei

## GUERRA

guerreiro, que porá fim a todo o mal que há na terra (Apo. 19:11-21). O próprio milênio, inaugurado em seguida, não será capaz de eliminar a guerra das mentes dos homens. Além disso, antes do milênio, haverá a maligna missão do anticristo (vide), o qual provocará, pelo menos, uma guerra mundial, ou mesmo duas ou três. Ver o artigo sobre *Profecia, Tradição da, e a Nossa Época*.

Se tivéssemos de escolher um texto do Antigo Testamento que melhor refletisse uma selvageria desnecessária, parece que I Samuel 27:8 ss teria de ser selecionado. Vemos ali que Davi (durante o período em que procurava se esconder de Saul) encabeçou vários ataques contra populações em redor, não deixando a ninguém com vida, que pudesse servir de testemunha de suas matanças. Naturalmente, nesse processo, ele juntou a maior quantidade possível de despojos. No texto sagrado aprendemos que pelo menos alguns desses ataques foram efetuados meramente para enganar a Aquis, que estava dando abrigo e proteção a Davi. Esse homem, pois, supunha que Davi estava combatendo contra os seus próprios compatriotas hebreus, sendo essa, precisamente, a impressão que Davi queria dar-lhe, a fim de que o asilo não lhe fosse negado. Lemos em I Samuel 26:11: «Este era o seu (de Davi) proceder por todos os dias que habitou na terra dos filisteus».

### II. Guerra Entre Várias Nações Antigas

#### 1. Os Sumérios

Evidências literárias e arqueológicas confirmam a habilidade com que os sumérios guerreavam. Eles foram um povo semita que ocupara o sul da Babilônia antes de 3000 A.C. Eles dispunham de carros de guerra com quatro rodas, arcos e flechas de guerra e outros equipamentos militares. As armaduras deles eram, realmente, impressionantes. Ver sobre *Armadura, Armas*. Foi encontrado um capacete de ouro sólido, com data de antes de 2500 A.C., feito com grande arte. Adagas com lâmina de ouro, flechas com ponta de pederneira, cabeças duplas de machado e lanças com ponta de cobre têm sido encontrados entre os artefatos fabricados pelos sumérios. A famosa *falange* dos gregos, está provado, foi uma formação de combate criada pelo sumérios.

#### 2. Os Egípcios

Os egípcios, que eram camitas, contavam com grandes exércitos; mas eles também alugavam mercenários, como os núbios, de pele negra, que os ajudavam em suas expedições ao estrangeiro. O soldado egípcio comum contava com um equipamento militar incrível. Ele levava consigo um escudo de couro, um arco de guerra composto, com flechas de ponta de pederneira, uma longa lança, uma espada recurva e, algumas vezes, adicionava a isso um machado de guerra. Os soldados egípcios usavam uniforme. A partir de cerca de 1550 A.C., os egípcios começaram a usar cavalos em suas batalhas, juntamente com carros de combate. Foram criados entre eles muitos modelos de dardos, de lanças, de flechas e de adagas.

Os egípcios também levantaram grandes fortalezas, na tentativa de impedir o avanço de exércitos invasores inimigos. Ver o artigo separado sobre *Fortificação*. A região das cataratas do Nilo, no Alto Egito, era protegida por muitas fortalezas, o que também se verificava na área do delta desse rio. As minas egípcias de turquesas e de cobre, na península do Sinai, também eram protegidas por fortalezas. Os egípcios não eram grandes marinheiros, mas sabemos que Ramsés III usou uma flotilha de guerra contra a confederação líbia, no século XII A.C.

#### 3. Os Assírios

A narrativa bíblica dá uma atenção particular aos assírios, visto que o primeiro grande cativo (do norte de Israel), foi efetuado por esse povo semita. Durante algum tempo eles dominaram a região dos rios Tigre e Eufrates, tendo ampliado as suas fronteiras, mediante ataques selvagens contra os povos circunvizinhos. Nínive (vide) era uma de suas capitais. A começar pelo século IX A.C., nos tempos de Assurnasirpal II, depois dele vieram outros monarcas, como Salmaneser III e, um pouco mais tarde, Tiglate-Pileser III, Sargão II, Senaqueribe e Esar-Hadom, os assírios impuseram a sua hegemonia sobre aquela porção geográfica do mundo antigo. Seus ataques cruéis e incansáveis faziam os outros povos tremerem. Eles eram muito habilidosos no emprego de toda a espécie de armamento, tendo-se tornado famosos por seus precisos ataques de cavalaria ligeira e por seus ataques com carros de combate. Ver sobre o *Cativeiro Assírio*.

#### 4. Os Caldeus Babilônios

Esse povo foi o responsável pelo segundo cativo de Israel (que envolveu o reino do sul, Judá). Ver o artigo separado sobre o *Cativeiro Babilônico*. Os babilônios, que eram uma miscigenação de povos semitas, camitas e jafetitas, mas com preponderância semita, ainda eram guerreiros mais hábeis do que os assírios, embora talvez não fossem tão cruéis. Por isso mesmo, eram mais temidos do que os assírios tinham sido. Eram grandes mestres no uso da cavalaria e dos carros de combate. O trecho de Habacuque 1:6-9 revela as habilidades deles. Ezequiel, por sua vez, nos fornece uma impressionante lista sobre o equipamento militar deles: eles usavam armadura que protegia o corpo inteiro, contavam com cavaleiros treinados, com condutores de carros de combate e de bastões, e atacavam em grandes números. Tinham capacetes, escudos e paveses (ver Eze. 23:24).

### III. Guerra Entre os Hebreus

É pensamento solene que podemos ser mortos em um instante, não chegando a ver o fim do dia. Os leitores das obras clássicas estão familiarizados às elaboradas preces e rituais religiosos que os gregos faziam, quando estavam em guerra. Entre eles, os heróis eram imortais que se tinham imortalizado, deidades secundárias cuja maior glória é que haviam combatido com valentia. Destarte, a guerra era considerada uma virtude. Os hebreus, por igual modo, faziam da guerra um aspecto de sua teologia. Para eles, Deus era um grande General; e outros generais eram aqueles indivíduos que fossem capazes de eliminar algum inimigo por meio da violência. A Terra Prometida foi conquistada por ordem expressa de Yahweh, conforme o livro de Josué nos informa. Os hebreus buscavam orientação divina acerca da guerra, mediante o Urim e o Tumim (vide) (ver Juí. 1:1; 20:2,27,28; I Sam. 14:37; 23:3; 28:6 e 30:8). Outras vezes, era algum profeta quem dava instruções sobre essas questões (ver I Reis 22:6; II Crô. 18:5). A arca da aliança chegou a ser levada, em certas ocasiões, aos campos de batalha, na esperança de que ajudasse na matança dos inimigos, por ser um símbolo da presença de Yahweh (I Sam. 4:4,18; 14:18). Os antigos não se incomodavam em declarar guerra. Usualmente, um ataque traiçoeiro começava as hostilidades. Quando muito, alguns espíões eram enviados previamente, para obterem conhecimento sobre as forças e as defesas do inimigo. Ver Núm. 13:7; Jos. 2:1; Juí. 7:10; I Sam. 26:4. Assim como Israel conquistara a Terra Prometida mediante campanhas militares, assim também a perdeu, mediante a guerra, com dois cativos conseqüentes.

## GUERRA

As profecias bíblicas põem Israel no meio de mais guerras futuras. Os místicos modernos dizem-nos que o povo de Israel converter-se-á ao cristianismo como resultado da Terceira Guerra Mundial. Essa e a Quarta Guerra Mundial reduzirão de tal maneira o número dos povos genútilcos — ao ponto que, no milênio (vide), Israel tornar-se-á a cabeça das nações.

**IV. Métodos e Costumes das Guerras dos Hebreus**  
Poderíamos alistar aqui nove pontos, quanto a esse aspecto da questão:

1. Da mesma maneira que se fazia entre os gregos, os hebreus também faziam sacrifícios de animais, antes de suas batalhas (I Sam. 7:9 e 13:9).

2. Um discurso **bem-feito** pelo comandante tinha o intuito de preparar psicologicamente os soldados para a refrega (II Crô. 20:20). Esse discurso, entre os hebreus, também podia ser feito por um sacerdote (Deu. 20:2).

3. Era dado um sinal para marcar o começo da luta (I Sam. 17:42; Isa. 42:13 e Eze. 21:22).

4. Nos primeiros tempos, a nação de Israel não contava com cavalos ou com carros de guerra, mas essas coisas acabaram sendo incorporadas, em imitação a povos circunvizinhos. Havia combates corpo a corpo, e também pelejas à distância, mediante dardos atirados com arcos. Portanto, a agilidade e a força física eram qualidades quase indispensáveis a um bom soldado (II Sam. 1:23; 2:18 e I Crô. 12:8).

5. Várias estratégias eram empregadas, como, por exemplo, as emboscadas (ver Jos. 8:2,12; Juí. 20:26), e o elemento surpresa também era considerado muito útil (Juí. 7:16).

6. Algumas vezes, a fim de poupar tempo e alguns poucos milhares de vidas, eram escolhidos campeões ou representantes, de ambos os lados contendores, para resolverem a disputa (I Sam. 17; II Sam. 2:14). É curioso que, na década de 1970, o ditador africano, Idi Amim, propôs a solução de uma disputa, com um dos países vizinhos, mediante uma luta de boxe entre ele e o governante do outro país. Ele era um bom boxeador, com muita experiência nesse esporte e, além disso, pesava cerca do dobro de seu oponente. Desnecessário é dizer que nunca houve o tal encontro de boxe. Uma violência muito maior foi necessária para resolver aquelas diferenças.

7. Quando uma cidade ou fortaleza era cercada, o lugar em redor ficava coalhado de tropas (Eze. 4:4; Mq. 5:1). A linha do círculo assim formada servia de linha básica de operações. Eram feitas rampas de terra, que davam para o alto das muralhas da localidade cercada (II Sam. 20:15; II Reis 19:32). Dessas rampas, os atacantes atiravam dardos e outros projéteis (II Reis 25:1; Jer. 52:4; Eze. 4:2 e 26:8). Arietes eram empregados para abrir brechas nas muralhas e, se isso fosse impossível, eram feitas escadas por onde os soldados atacantes subiam, até o alto das muralhas. Naturalmente, os defensores resistiam com todas as suas forças. Ver Eze. 4:2 e 21:22. O povo de Israel só começou a usar os carros de guerra e as armaduras pesadas bem tarde, coisas essas com que os seus adversários já estavam bem acostumados muito antes dos hebreus. Cavalos também eram criados e treinados, especialmente, para a guerra. A multiplicação de cavalos foi, originalmente, proibida a Israel e a seus reis (Deu. 17:16). Mas essa proibição acabou sendo arredada para um lado.

8. *Maus Tratos Dados aos Prisioneiros de Guerra.* Apesar de todas as leis que regulavam o tratamento dado aos prisioneiros, muitas atrocidades

eram cometidas contra eles. Mas, os povos antigos em geral não tinham leis que protegessem os prisioneiros de guerra. Os corpos dos mortos eram mutilados e saqueados (I Sam. 31:8; II Macabeus 8:27). Os sobreviventes das batalhas eram, com frequência, torturados, mutilados ou mortos (Juí. 9:45; II Sam. 12:31; Juí. 1:6). Também eram levados em cativeiro ou vendidos como escravos. Os povos conquistados também recebiam a mesma sorte. Ver os artigos sobre os cativeiros assírio e babilônico.

9. *Celebração da Vitória.* Monumentos eram erigidos, usualmente na forma de uma grande pilha de pedras, em comemoração aos triunfos na guerra (ver I Sam. 7:12; II Sam. 8:13). Troféus tomados dentre os despojos eram exibidos em lugares conspícuos (I Sam. 21:9; II Reis 11:10). Cânticos e danças comemoravam as vitórias, e grande parte da população vitoriosa participava dos festejos (Êxo. 15:1-21; Juí. 5; Judite 16:2-17; I Macabeus 4:24).

### V. Alexandre e a Guerra

Ver o artigo separado sobre **Alexandre, o Grande**, que descreve a sua incrível habilidade guerreira, e as conseqüências disso para o mundo. No que tange às Escrituras, podemos afirmar que duas coisas principais resultaram das conquistas militares de Alexandre. A primeira foi que ele espalhou a cultura grega a todos os lugares do mundo então conhecido, conseguindo homogeneizar a humanidade, culturalmente falando, como um preparativo para o advento do evangelho cristão. O Novo Testamento reverbera isso até certo ponto, manifestando o sincretismo de idéias que resultou dessa homogeneização cultural. Para exemplificar, a doutrina do *Logos*, e o ponto de vista platônico do mundo, proeminentes nos escritos de João e na epístola aos Hebreus, respectivamente. Acresça-se a isso que o grego *koiné* tornou-se a língua franca, que agiu como veículo de comunicação que espalhou a todo o mundo greco-romano e até mesmo para fora do mesmo, a mensagem do cristianismo, tanto sob a forma do volume escrito do Novo Testamento, como verbalmente, através das atividades dos missionários cristãos.

### VI. Os Romanos e a Guerra

Os romanos nunca foram pensadores originais, mas eram muito bons na utilização e desenvolvimento de idéias alheias. Isso tanto sucedia no terreno das operações bélicas, como em tudo o mais. Assim, aos povos que iam conquistando, também iam-nos unificando e agregando ao seu império. Todos os territórios conquistados tornavam-se províncias romanas, uma parte do todo. Para tanto, eram empregados todos os recursos de guerra dos impérios anteriores, como o uso de armaduras, os estrategemas, a conquista de fortalezas, o emprego de novas armas e de novos métodos de combate, um bom suprimento fornecido às linhas de frente, etc. A fim de manterem e consolidarem as suas conquistas, as legiões romanas eram postadas em todos os pontos estratégicos, de onde podiam controlar as fronteiras e os interiores do império. O Novo Testamento demonstra a quase onipresença da força militar romana. Jesus e seus discípulos podiam contemplar, ao redor deles, o poder de Roma. Estando já encravado na cruz, o lado de Jesus foi transpassado pela lança de um soldado romano, e outros soldados haviam jogado sortes ao pé de sua cruz. Paulo, em diversas ocasiões, esteve em contacto com acampamentos ou destacamentos romanos. Em todas as cidades por onde ele pregou, havia a presença das legiões romanas. Cláudio Lísias, a fim de proteger a esse apóstolo, quando foi enviado a Cesaréia, a fim de ali ser julgado civilmente, enviou duzentos infantes,

## GUERRA

duzentos lanceiros e setenta cavaleiros, a fim de garantir a chegada segura de Paulo. E Paulo nos fornece uma detalhada descrição do exército romano, na sua época, em Efésios 6:10-20, aplicando isso para nos ensinar lições espirituais muito proveitosas.

### VII. A Guerra nas Páginas do Novo Testamento

Nos dias do Antigo Testamento, a guerra era uma atividade de Deus. Ver a oitava seção, intitulada *A Guerra e a Religião*. Assim era porque esse era um meio de ameaçar, punir ou dar a vitória à nação de Israel, pelo que fazia parte integral da vida da comunidade religiosa e política de Israel. Porém, nos dias do Novo Testamento, o elo nacional se rompeu, e então a guerra se tornara uma questão do poder do vencedor sobre o vencido. Um soldado não era mais o «meu filho», ou o «filho do vizinho», mas era o conquistador, o opressor.

1. O trecho de Luc. 3:14 nem condena e nem elogia ao soldado, mas apenas busca regulamentar a sua conduta.

2. Jesus encarava a guerra como uma parte inevitável da depravada sociedade humana, um sinal dos tempos, uma constante na vida humana (Mat. 24:6).

3. Porém, os violentos sofrerão violência, sendo essa uma lei ética universal (Mat. 26:52).

4. O poder militar avulta por detrás da lei, sendo essa uma das razões pelas quais as autoridades civis precisam ser obedecidas, embora haja melhores razões do que isso (Rom. 13:1-6), das quais a Bíblia também fala.

5. No Novo Testamento há várias metáforas militares, que nos fornecem lições espirituais. Ver a nona seção, onde essas metáforas são alistadas.

6. O Armagedom (vide) será uma oportunidade em que a guerra reduzirá as potências pagãs a zero, de tal modo que Israel poderá guindar à posição de cabeça das nações.

### VIII. A Guerra e a Religião

1. *A Guerra na Sociedade do Antigo Testamento.* Em Israel, a vida nacional começou por meio de uma conquista militar, que teria sido determinada por Yahweh, sendo essa a mensagem central do livro de Josué. Essa conquista foi mantida por meio de inúmeros ataques e contra-ataques, matanças intermináveis de parte a parte. Em todas as páginas do Antigo Testamento, vemos Yahweh a encorajar o seu povo terreno nesse empreendimento. Vários nomes e descrições de Deus, note-se, assumem uma natureza militar como *Homem de Guerra* (Êxo. 15:3; Isa. 42:13), Senhor dos Exércitos (Êxo. 12:41; I Sam. 17:45), etc. É provável que essa expressão tenha em vista tanto exércitos terrenos quanto exércitos celestiais. A guerra era algo tão importante em Israel que veio à existência um documento chamado *Guerras do Senhor*. Ver sob o título *Guerras do Senhor, Livro das*. O Senhor é um Capitão militar que encabeça um exército (II Crô. 13:12). Ele é quem envia Seu povo a lutar (II Crô. 20:22; Sal. 144:1). Algumas vezes, Deus luta sozinho, enquanto seu povo contempla (II Crô. 20:17). É Deus quem debilita um inimigo e livra o seu povo (Deu. 20:13).

A arca da aliança era considerada um sinal da presença de Deus, sendo levada à batalha a fim de garantir a ajuda e a proteção de Deus. Os preparativos para a guerra, e a guerra propriamente dita, eram santificados (Jer. 6:4; Joel 3:9). Eram feitos os sacrifícios apropriados (Juí. 6:20,26). O grito de guerra incluía o nome divino (Juí. 7:18,20). Deus cumpria a sua vontade, entre as nações, por meio da guerra. O povo de Deus, Israel, sobrevivia a tudo. Por-

outro lado, a guerra também era usada como um instrumento de punição do povo de Deus (Hab. 1:6; Isa. 10:5 ss; Jer. 25:1-9; Eze. 21:8-23). Os falsos profetas previam a paz, quando a guerra estava iminente (Jer. 28). Em meio a toda essa glorificação da guerra (pois quem era maior herói do que o prodigioso matador?), houve momentos em que a consciência humana protestou. Assim, a Davi, não foi permitido edificar o templo, por causa de seu envolvimento em tantas matanças (I Reis 5:3). O profeta Isaías predisse um dia melhor, quando, finalmente, a paz prevaleceria, e as armas de guerra seriam transformadas em instrumentos pacíficos (Isa. 2:4; ver também Miq. 4:3). O Messias é o Príncipe da Paz (Isa. 9:6). Os inimigos de Deus haverão de sofrer uma derrota definitiva (Dan. 7 e 10; Zac. 14; Sal. 110).

2. O Novo Testamento distancia os crentes dessa filosofia bélica, porque não havia mais uma nação protegida que se envolvia em guerras. Como é óbvio, Jesus inaugurou uma nova atitude, chegando mesmo a recomendar o amor aos nossos inimigos (Mat. 5:44). Ver a seção sétima quanto a outras idéias, que abordam a questão da guerra sob o ponto de vista do Novo Testamento.

3. *O Pacifismo.* Oferecemos um artigo separado, nesta enciclopédia, sobre esse assunto. Há algo de radicalmente errado com as nações que enviam homens para matar os homens de outra nação. Há algo de gigantesco e absurdo no empenho com que as armas são estocadas com o propósito específico de espalhar a morte, gastando importâncias colossais, que poderiam solucionar os principais problemas econômicos e sociais. Portanto, o pacifismo é um nobre ideal. A dificuldade é que, por enquanto, o pacifismo anda cada vez mais desacreditado. Antes da Segunda Guerra Mundial, o pacifismo era bastante forte na Inglaterra. Porém, quando as hordas nazistas começaram a se apossar de grandes pedaços da Europa continental, e a existência da própria Inglaterra era ameaçada, os pacifistas ingleses deixaram de ser pacifistas. Eles compreenderam que somente a violência poderia pôr cobro à violência. Alguns pacifistas, mesmo em nossos dias, têm-se oferecido para servir em exércitos, contanto que não peguem em armas. E muitos desses têm demonstrado grande coragem, tendo até sido condecorados por sua bravura. Esses têm servido em corpos médicos, hospitais ou dirigindo caminhões até à linha de frente da batalha.

### IX. Usos Figurados

1. O conflito do homem contra a morte é retratado como uma guerra (Ecl. 8:8).

2. Deus é descrito como um homem de guerra e como capitão de exércitos (Êxo. 15:3; II Crô. 13:12).

3. As atividades bélicas demonstram a malignidade dos ímpios (Sal. 55:21).

4. Uma armadura, com seus diferentes itens, fornece uma elaborada metáfora das virtudes espirituais e do uso das mesmas (Efé. 6:12 ss).

5. Os inimigos de nossa salvação precisam ser derrotados (Rom. 7:23; II Cor. 10:3; Efé. 6:12; I Tim. 1:18).

6. O anticristo fará guerra contra os santos de Deus (Apo. 11:7).

7. O crente individual é um soldado de Cristo que precisa manter a disciplina apropriada, e a firmeza de propósitos que lhe convém, se tiver de ser bem-sucedido (I Tim. 1:18; II Tim. 2:3,4).

8. A cruz proveu uma retumbante vitória sobre os inimigos da alma (Col. 2:15).

## GUERRA — GUERRAS RELIGIOSAS

9. O Armagedom (vide), embora se espera que seja uma batalha literal que, finalmente, derrote os poderes malignos deste mundo, sendo uma das causas do soerguimento de Israel como cabeça das nações, também deve ser entendido figuradamente, como representação de qualquer grande conflito entre o bem e o mal.

10. O último inimigo a ser derrotado é a própria morte (I Cor. 15:26).

*Bibliografia.* AL I IB ND NTI UN YAD Z

### GUERRA DOS CAMPOSES

Esse foi o nome de uma rebelião armada que ocorreu na Alemanha, em 1525. Alguns relacionam o levante aos reclamos por liberdade, provocados pelo exemplo de liberdade dado pela Reforma Protestante. Porém, causas sociais e econômicas foram os impulsos básicos por detrás do movimento. O *feudalismo* (vide) havia reduzido a classe dos camponeses à virtual escravidão, e as leis pouco efeito exerciam na proteção deles, vítimas de muitos e grandes abusos da parte dos proprietários de terras.

A Guerra dos Camponeses foi o primeiro claro esforço para organizar toda a classe dos camponeses da Alemanha, a fim de se protegerem de seus opressores. Na Suábia ficava o centro mais forte do movimento. Do ponto de vista religioso, essa revolta inspirou-se nos princípios bíblicos da justiça; e, entre outras coisas, defendia o princípio comunal. Os camponeses exprimiram os seus desejos através de doze artigos. Alguns membros da nobreza mostravam-se sérios nas negociações, mas outros preferiam lançar mão da violência e da opressão, a fim de resolver os problemas. Truchsess, um líder da liga de nobres da Suábia, procurou dividir os camponeses, resolvendo a derrotá-los totalmente, sem fazer qualquer concessão. A reforma agrária era o alvo principal dos camponeses; mas havia questões menores, que incluíam aspectos políticos. O movimento dos camponeses, entretanto, não era homogêneo. Também incluía alguns elementos radicais. Uma ala extrema desse movimento foi o comunismo teocrático de Muenzer (vide). Conforme já seria de esperar, os camponeses foram rápida e facilmente derrotados.

**Significado Dessa Revolta.** Poderíamos enumerar três seqüências principais, a saber: 1. Foi a primeira clara tentativa, feita pelos aldeões alemães, em prol da unidade ou de qualquer outra causa. 2. Contrariamente às esperanças aflagadas, o desastre social e econômico que sobreveio aos camponeses, em resultado da revolta deles, foi esterecedor. Eles foram rudemente reprimidos, e as condições finais deles tornaram-se muito piores do que antes. 3. *Questões religiosas.* Lutero procurou reconciliar as facções em luta, tendo promovido negociações, em busca de uma solução. Porém, quando a violência irrompeu, ele acabou denunciando os camponeses. O ponto de vista de Lutero foi, essencialmente, uma posição erastiana (ver sobre o *Erastianismo*). Os magistrados eram encarados como autoridades que Deus investira com poderes disciplinares. Ver o artigo separado sobre *Governo, Instituição de Deus*. Filipe de Hesse (vide), foi um dos cabeças principais no esmagamento dos camponeses. Ele tornou-se adepto da fé protestante e procurou unir os vários grupos protestantes.

### GUERRA DOS TRINTA ANOS

As datas dessa série de conflitos armados, com grandes matanças, são 1618 — 1648. Esse período viu

um banho de sangue que envolveu católicos contra protestantes. Suas batalhas mais notáveis foram dadas em Leipzig e Breitenfeld, em 1631, e em Lutzen, em 1632. Finalmente, chegou-se a um tratado, assinado em Westphalia, em 1648. As batalhas dessa guerra tiveram lugar, principalmente, em território alemão, embora a maior parte da Europa se tivesse envolvido, de uma maneira ou de outra.

Toda essa guerra ocorreu como uma das seqüências da Reforma Protestante. A paz de Augsburg, assinada em 1555, deixara muitas questões sem solução. Com a passagem dos decênios, os católicos romanos reconquistaram muito do que haviam perdido, com a sua *contra-reforma* (vide). Além das questões religiosas, houve rivalidades nacionais e políticas, que também foram causas. Motivos políticos e religiosos estavam entrecidos entre si. Tudo começou com uma revolta religiosa e nacional na Boêmia. A revolta foi suprimida, mas as hostilidades foram-se multiplicando. Os protestantes se concentraram sob o rei da Dinamarca, Cristiano IV, mas foram derrotados, seguindo-se então a paz de Lubeck. O edito da Restituição, que ordenava a restauração das propriedades católicas romanas, que haviam sido secularizadas desde 1552, provocou a renovação dos conflitos. O rei Gustavo Adolfo, da Suécia, interveio em apoio à causa protestante, e a fim de proteger os interesses nacionais suecos. Ele derrotou os exércitos imperiais encabeçados por Tilly, em Breitenfeld e Wallenstein, em Lutzen. Porém, a morte do rei sueco, em batalha, foi um severo golpe para a causa protestante. Os protestantes foram derrotados em Nordlingen, o que levou a uma paz temporária (paz de Praga, 1635).

Nos estágios finais dos intermináveis conflitos, as questões políticas já eram consideradas muito mais importantes do que as questões religiosas. A paz de Westphalia (vide) que teve lugar em 1648, incluiu alguns ajustes políticos secundários. Quanto à religião, o calvinismo, o catolicismo romano e o luteranismo tornaram-se alternativas reconhecidas para as pessoas religiosas seguirem.

### GUERRA JUSTA, CRITÉRIOS DE UMA

Ver *Critérios de uma Guerra Justa*.

### GUERRAS DO SENHOR, LIVRO DAS

O trecho de Números 21:14 **se** refere-se a um antigo livro com esse título, tendo feito algumas citações do mesmo. A citação termina mencionando *Moabe*, mas é possível que os vs. 17 e 18, como também 27-30, contenham alguns fragmentos desse mesmo livro. Parece que essa obra era uma espécie de coletânea de canções populares, onde eram comemoradas várias vitórias. Yahweh é o Capitão dos Exércitos, e também Aquele que dá a vitória ao seu povo. O Livro dos Justos, mencionado em II Sam. 1:18, aparentemente, era uma obra similar. Os eruditos pensam que ambas as obras pertenciam à época de Davi. A Septuaginta apaga a referência ao livro, havendo até estudiosos que dizem que a omissão representa o texto em sua forma original.

### GUERRAS RELIGIOSAS

Ver o artigo separado sobre a *Guerra dos Trinta Anos*. O título *Guerras Religiosas*, apesar de amplo, é usado para referir-se ao ato de se armar, por parte dos huguenotes franceses, na tentativa de obter a sua

## GUERRAS — GUIADOS PELO ESPÍRITO

liberdade religiosa. Eles haviam sofrido consideráveis perseguições e perdas de vidas, e assim, em 1562, tomaram armas. Oito guerras distintas foram efetuadas contra os católicos romanos, durante um período de cerca de trinta anos. O momento mais devastador foi o massacre de São Bartolomeu (vide), que teve lugar a 24 de agosto de 1572, quando trinta mil huguenotes perderam a vida. No lado católico romano, os líderes principais eram Catarina de Medici (vide) e os duques de Guise. Quanto ao lado protestante, as figuras mais proeminentes eram o conde de Coligny e o rei Henrique de Navarra. Posteriormente, Henrique IV concedeu aos huguenotes certa medida de liberdade religiosa, através do tratado de Nantes (vide), baixado em 1598. Porém, assim que ele morreu, as perseguições se reiniciaram. O edito de Nantes foi revogado em 1698. Por causa disso, milhares de huguenotes, muitos deles artesãos de grande habilidade, ou notáveis intelectuais, fugiram da França. A tolerância religiosa na França, no caso dos grupos protestantes, não foi concedida senão já em 1787.

### GUERREIRO

No hebraico, **gibbor**, «poderoso». Palavra que aparece por cento e sessenta vezes no Antigo Testamento (por exemplo: Gên. 6:4; Jos. 1:14; Jui. 6:12; I Sam. 9:1; II Sam. 10:7; 23:8,9,16,17,22; I Reis 1:8; I Crô. 7:7,9,11,40; II Crô. 13:3; Sal. 33:16; Isa. 3:2; Jer. 5:16; 9:23; 14:9; Joel 2:7; Zac. 9:13). A palavra tem sido variegadamente traduzida. Em I Sam. 17:4,23, há uma expressão hebraica que significa «homem que intervém», isto é, que defende uma causa. Um dos casos mais representativos foi o do combate singular entre Golias, o gigante filisteu e Davi, o pastorzinho de Judá, relatado nesse capítulo do primeiro livro de Samuel. Era comum, na antiguidade, decidir-se uma questão enviando dois representantes, um de cada facção em conflito, para lutarem em lugar do grupo inteiro. Isso evitava o derramamento de muito sangue em batalha. Há um exemplo desse costume na *Iliada* de Homero (3:69; 7:65 ss). Páris solicitou de Heitor que o pusesse «no meio», a fim de lutar contra Menelau e decidir a questão.

### GULA, (AIO)

Tradução do termo grego **paidagogós**, «guia de crianças», «professor», e que tem diversas aplicações no Novo Testamento. O termo ocorre por três vezes: I Cor. 4:15; Gál. 3:24,25. As aplicações são as seguintes:

1. O supervisor de um menino, homem de confiança, geralmente bem-educado, que dirigia a educação do jovem dos seis aos dezesseis anos de idade, aproximadamente. Por muitas vezes, esse guardião ou guia era um escravo. No tempo antigo, os escravos não provinham somente de alguma raça, e muitos deles eram bem-educados, havendo entre eles até mesmo filósofos, médicos, músicos, etc. A tarefa do guia era cuidar para que o menino sob os seus cuidados recebesse uma boa educação, aprendesse boas maneiras e costumes, etc.

2. Paulo emprega o termo, em Gálatas 3:24, a fim de mostrar que a lei mosaica serviu de supervisor que, finalmente, conduzia homens a Cristo, amadurecendo eles de um estágio para outro do desenvolvimento espiritual, ou seja, da lei para a graça. Paulo repelia a idéia judaica da lei como meio de justificação, apresentando a lei sob um outro prisma, isto é, o

prisma da educação. Isso ele fez ao descrever a natureza do pecado. Ver Rom. 3:20 quanto a essa conexão.

3. O uso grego. Os pais gregos da Igreja acreditavam que a melhor porção da filosofia tinha a mesma função de *paidagogós* em relação à cultura greco-romana, que a lei mosaica tivera em relação aos israelitas.

4. Em I Coríntios 4:15, Paulo usa a palavra concernente aos muitos «guias» que os crentes de Corinto tinham, os quais, presumivelmente, estariam orientando a eles nas questões espirituais. Paulo contrastou-se com eles, intitulando-se de «pai» espiritual deles, porquanto ganhara-os para Cristo.

### GUIADOS PELO ESPÍRITO

Rom. 8:14: *Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus.*

No décimo terceiro versículo nos é assegurada a orientação do Espírito Santo em nossa vida, o que será evidenciado por uma participação crescente na santidade, bem como em uma vitória cada vez mais intensa sobre o pecado que procura utilizar-se de nossos corpos, o que é, tão-somente, uma manifestação do princípio do pecado-morte na personalidade humana. Neste ponto é introduzido na discussão o grande conceito de ser o crente um «filho de Deus». Essa é a mais exaltada explanação possível pela qual, tendo nós sido conduzidos aos pés de Cristo, dentro do sistema da graça divina, não podemos mais continuar no pecado. Assim sendo, descobre-se certa *progressão* de pensamento na resposta à pergunta que aparece em Rom. 6:1: «Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?»

É-nos apresentado aqui o *maior* de todos esses conceitos, o qual também, sem dúvida, é a mais profunda demonstração de que o indivíduo regenerado não pode continuar no pecado, mas antes, precisa ter uma vida vitoriosa, vitória essa que lhe é conferida através do sistema da graça. E o conceito que garante isso é o fato de que SOMOS FILHOS DE DEUS.

**Guiados pelo Espírito.** Essas palavras podem ser melhor compreendidas se as **desdobramos nos pontos abaixo:**

1. Somos guiados pelo Espírito Santo na vida diária de santidade, acima das exlgências da carne e livres das mesmas.

2. Em contraste com a liderança moral da lei, somos guiados pelo Espírito Santo. Os crentes possuem uma *nova* «regra de vida», muito superior à antiga regra legal de conduta, que foi dada aos israelitas.

3. Em sentido absoluto, através dessa orientação do Espírito, somos levados cada vez mais perto da imagem de Cristo, e somos levados a entrar na posse de nossa herança espiritual.

4. Mediante a orientação do Espírito Santo, entramos na relação de Membros da nova família celeste, sendo *filhos* reconhecidos e feitos tais por nosso Pai, mediante o poder divino, algo que a lei jamais poderia fazer. A elevada «posição» e «categoria» do crente são assim salientadas. Tal crente não pode mesmo ser escravo do pecado.

5. A relação para com a lei consistia de *escravidão*, de terror e servitude. A posição de «filho de Deus», em contraste com isso, é de *liberdade* e privilégio. Temos deixado a posição de servos na casa, tendo-nos tornado filhos favorecidos. Isso é o que a graça divina faz a nosso favor.

6. O termo «filho» subentende *responsabilidade* do crente para com o Pai celeste, de que não será

## GULDAS COMERCIAIS

desgraçado e vilipendiado o nome da família. Portanto, esse termo nos impõe esse dever.

7. Ser conduzido pelo Espírito é algo que envolve «o poder e a energia» da nova vida, o que era impossível para a lei conferir-nos.

8. Ser «filho de Deus» também subentende que a santidade é o resultado natural de uma realidade espiritual, e não o resultado do esforço humano para que o alvo da santidade seja atingido, por meio de alguma exigência legalista.

9. A nossa posição de «filhos de Deus», requer motivos de *gratidão e amor*. «Esse favor é um exemplo de graça divina surpreendente, que excede a todas as outras bênçãos, tornando os santos honrosos. E isso é acompanhado por muitos privilégios, que perduram para sempre, para aqueles que estão nessa relação para com o Senhor Deus, os quais devem colocar-se sob essa graça divina, solicitando, com gratidão, que essa se torne a sua maneira de viver, sendo seguidores dele, amando-o, honrando-o e sendo-lhe obedientes». (John Gill, *in loc.*)

### GULDAS COMERCIAIS

As guildas eram associações de indivíduos ocupados em um mesmo negócio ou profissão, que se tinham organizado para fins de proteção mútua, ou para obterem vantagens e benefícios sociais e religiosos. Essas guildas existiram desde a remota antiguidade até bem dentro da Idade Média. Naturalmente, do nosso ponto de vista bíblico, pouco diremos sobre as guildas após a época coberta pelo Novo Testamento, pois esta é uma enciclopédia bíblica.

Nos tempos antigos, as guildas se assemelhavam mais a ordens fraternais do que mesmo a uniões trabalhistas. Essas associações, dificilmente, se preocupavam com questões como salários, horas de trabalho ou condições de trabalho. Muitas delas eram sociedades de benefícios mútuos, como, por exemplo, a fim de diminuir os custos de um funeral. Mas o propósito principal das guildas visava aos contactos sociais e à obtenção de lazer e prazer. Guildas podiam ser encontradas por todo o mundo antigo, como no Egito, na Assíria, na Babilônia, na Grécia, em Roma, na Síria, na Pérsia e até na Palestina.

Em Roma, tão cedo quanto o século VII A.C., havia guildas de tocadores de flauta, de ourives, de trabalhadores em cobre, de lavandeiros, de sapateiros, de tintureiros, e de carpinteiros. — No século II A.C., havia guildas de cozinheiros, de curtidores, de construtores, de artesãos em bronze, de artesãos em ferro, de artesãos em cobre, de tecelões e até de sacerdotes pagãos. De fato, tornara-se compulsório a qualquer profissional tornar-se membro de uma guilda. Uma pessoa não podia mais sair da guilda onde tivesse sido registrada, e um filho estava obrigado a seguir a mesma profissão de seu pai. Isso contribuía para a fixidez das profissões e para a manutenção das classes sociais existentes. Assim, na Assíria, para exemplificar, o povo era dividido em cinco classes: os patrícios ou nobres encontravam-se no topo; e os artesãos e profissionais organizados em guildas vinham logo em seguida. A última classe, como sempre, era formada pelos escravos. Outra curiosidade é que na Pérsia havia uma guilda de médicos e cirurgiões bem organizada, cujos proventos eram regulamentados por lei.

Na Palestina antiga, os centros manufatureiros estavam sempre localizados em lugares onde havia abundância de matéria bruta necessária para alguma produção. Assim, a região em redor de Tell Beit

Mirsim era excelente para a criação de ovelhas, razão pela qual o lugar tornou-se um centro de fição e tingimento de tecidos de lã. Por igual modo, havia abundantes minérios em Edom; e, em consequência, desenvolveu-se uma indústria de mineração e fundição de metais naquele país. Por semelhante modo, Bate-Asbea, no sul da Palestina, tornou-se um centro da indústria de linho. Ver I Crô. 4:21.

Nas cidades maiores do Oriente Próximo, tornou-se costumeiro os artesãos e negociantes viverem em quarteirões separados. Para exemplificar, Jerusalém contava com uma rua dos padeiros (Jer. 37:21), e também com um bairro dos ourives (Nee. 3:32).

Os indivíduos que seguiam alguma profissão ou negócio definido, com frequência eram designados de acordo com sua ocupação. Por exemplo: «José, membro dos perfumistas», «Natã, o ourives», etc. Cada guilda contava com seu oficial superior, ou presidente. A passagem de I Crônicas 2:55 revela-nos que nada menos de três famílias de escribas viviam numa mesma cidade. Portanto, ao menos, ocasionalmente, o Antigo Testamento refere-se às guildas, embora sem nunca usar o vocábulo específico. E, conforme veremos, o Novo Testamento faz a mesma coisa.

No período pós-exílico, as guildas tornaram-se poderosas organizações, reconhecidas oficialmente pelos governos. Uma guilda podia impedir que um artesão qualquer, de outra região, viesse trabalhar em seu território. Também exercia uma espécie de monopólio local sobre a comercialização do produto ou produtos com os quais trabalhava. Um ponto interessante é que os membros das guildas eram beneficiários de seguros contra a perda de ferramentas, de animais, de embarcações, de veículos, etc., usados em seus respectivos negócios, a menos que ficasse provado que tal perda se devera à própria negligência deles.

Conforme já dissemos, as guildas também envolviam interesses religiosos. E isso sempre dificultou muito a vida dos cristãos, a partir do tempo em que surgiu o cristianismo. As guildas contavam com suas próprias instituições religiosas e sociais. No caso de guildas judaicas, elas contavam com suas próprias sinagogas e contiguas às mesmas havia cemitérios para os membros. Em alguns casos, os membros de uma guilda organizavam e operavam os seus próprios negócios. Há menção indireta a guildas, nos dias do Novo Testamento, sem nunca mencionar esse nome, como, por exemplo, em Atos 19:24,25, onde se lê: «Pois um ourives, chamado Demétrio, que fazia de prata nichos de Diana, e que dava muito lucro aos artesãos, convocando-os juntamente com outros da mesma profissão...»

**Guildas Medievais.** Foi na Europa da época medieval que as guildas atingiram o seu zênite, mormente nas cidades de grande movimento comercial, como nas cidades cosmopolitas de então, Estrasburgo, Bruges, Ghent, Barcelona, Florença e Milão. Há duas teorias principais acerca da origem dessas guildas medievais. A primeira traça o sistema até às associações fraternais romanas e bizantinas, chamadas, em latim, *collegia* e *scholae*. A segunda pensa que o sistema derivava-se de associações germânicas cujos membros estavam no dever de se ajudarem mutuamente, sob certas condições ou circunstâncias. O mais provável, porém, é que ambas essas teorias estejam com a razão, se a isso juntarmos as guildas babilônicas, persas, judaicas, etc., ou seja, muito mais antigas. O fato é que, na Idade Média, as guildas já se tinham dividido em três classes: as guildas comerciais, as guildas profissionais



## GUILDAS COMERCIAIS — GUNA

e as guildas religiosas, de acordo com o tipo de indivíduo que viria associar-se a elas. Mas em todas havia um mesmo padrão de funcionamento, de deveres e de propósitos. Geralmente um membro fazia um juramento de admissão, pagava uma pequena taxa de matrícula e contribuía, anualmente, com uma certa quantia, para o fundo comum. As duas primeiras formas de guildas visavam a propósitos de negócios. As guildas religiosas, como o próprio nome está dizendo, voltavam-se para as atividades religiosas, e geralmente, se punham sob a suposta proteção de algum santo patrono. Além de acenderem velas e fazerem outras devoções especiais em honra ao santo patrono, os membros deveriam orar pelas almas dos membros já falecidos e ajudar financeiramente para as peregrinações. Tudo isso impunha um ônus desinteressante sobre os dissidentes do catolicismo, que sentiam que tais práticas eram contrárias aos ensinamentos neotestamentários. Todavia, havia vantagens positivas para seus membros, como, por exemplo, qualquer membro que empobrecesse seria ajudado. Havia até mesmo guildas que assumiam a responsabilidade pelo cuidado quanto à manutenção de estradas, muralhas e pontes; e outras que cuidavam da educação de seus membros e familiares. Interessante é observar que as guildas religiosas eram mais antigas que as comerciais ou profissionais.

**As guildas religiosas** são mencionadas pela primeira vez na história secular nos capitulares carolíngios de 777 e 789 D.C., bem como nos capitulares do arcebispo Hincmar, de Rheims, na França (858 D.C.). Havia duas variedades de guildas religiosas, as eclesiásticas e as laicas. As guildas eclesiásticas compunham-se de «padres» locais, que se reuniam regularmente a fim de rezar, comer e discutir sobre problemas comuns. As guildas religiosas laicas eram numerosas por toda a Europa católica. Mais de cem delas podiam ser encontradas na cidade de Hamburgo, na Alemanha. Com o tempo, membros das guildas religiosas laicas foram admitidos nas guildas religiosas eclesiásticas. E a única diferença entre elas é que, nestas últimas, preponderava o número de eclesiásticos sobre os leigos, ao passo que as guildas religiosas laicas não contavam com membros que também fossem prelados.

Com a passagem do tempo, o propósito original das guildas medievais se foi modificando. A democracia ali reinante, no começo, acabou cedendo lugar à formação de verdadeiras dinastias controladoras. Destarte, os injustiçados começaram a apelar para a formação de outras associações, onde pudessem defender melhor os seus interesses. A formação do espírito nacionalista, em contraposição à idéia municipalista, também foi outro fator do enfraquecimento das guildas. Finalmente, já nos séculos XVII e XVIII, o aparecimento das grandes indústrias e a nova filosofia do *laissez-faire* (vide) aplicaram o golpe final sobre esse sistema, que então já se tornara inteiramente obsoleto. Em seu lugar, surgiram os sindicatos.

Uma compilação do século X, chamado de *Livro do Prefeito*, contém uma descrição detalhada da organização das guildas da cidade de Constantinopla, capital do Império Romano do Oriente. Por ali se deduz que o controle governamental sobre as guildas era bastante rígido.

Na época medieval, muitas guildas incluíam artífices de muitas profissões diversas. Ver também o artigo intitulado *Maçonaria*. Como já dissemos, havia guildas comerciais, profissionais e religiosas. As guildas dos primeiros dois tipos tinham três classes de

membros: os mestres, os jornaleiros e os aprendizes. Os mestres eram altamente habilitados em seu trabalho. Para que alguém se tornasse mestre, eram necessários dois a sete anos de experiência, além de uma educação formal e informal, relacionada ao ofício, mas que também incluía cultura e instrução de ordem geral. Aqueles que aspiravam se tornar mestres, eram chamados jornaleiros. Assim, os mestres, geralmente, encabeçavam os seus próprios negócios, ajudados pelos jornaleiros. Os aprendizes, porém; eram principiantes.

O declínio do sistema começou a acentuar-se no século XIV, quando os empreendimentos capitalistas assumiram maior importância e a independência econômica começou a ser mais valorizada do que antes. A maioria dos artífices foi-se tornando empregados pagos. Os ofícios eram uma fonte de renda para o governo e até para as empresas eclesiásticas, isto é, dirigidas por prelados. Muitos dos excelentes vitrais das catedrais góticas foram doados pelas guildas.

Se o trecho de Atos 18:3 sugere que existiam guildas comerciais nos dias do Novo Testamento, tanto entre os judeus quanto entre os cristãos, por outro lado é ver demais, nessa informação, quando se supõe que isso ensina que Paulo pertencia a uma organização dessas, conforme pensam alguns estudiosos, posto que outros acham precisamente o oposto. Sabemos, tão somente, que indivíduos que seguiam uma mesma profissão, geralmente, trabalhavam juntos. Edersheim, em sua obra *Jewish Social Life* (sem título em português), diz o seguinte: «As guildas judaicas sempre se mantinham unidas, sem importar se o faziam nas ruas ou nas sinagogas. Em Alexandria, os indivíduos de diferentes negócios se assentavam nas sinagogas, arranjados em guildas; e assim o apóstolo Paulo não deve ter tido qualquer dificuldade em se encontrar, no bazar de seu negócio, com Áquila e Priscila, que eram da mesma formação que ele».

**As profissões se revestiam de extraordinária importância na cultura judaica.** Todos os judeus tinham de aprender alguma profissão. O Talmude assegura-nos de que se esperava de um pai que ensinasse duas coisas importantes a seu filho: a lei e algum negócio. Os sentimentos acerca disso eram fortíssimos, visto que se pensava que o homem que não ensina a seu filho alguma profissão, dá-lhe razão para tornar-se um ladrão. Por essa razão, famosos rabinos também eram artífices em algum ofício. Hilell era madeireiro e Shammai era carpinteiro. Paulo ganhava a vida com o seu trabalho manual — ele era fabricante de tendas. Vemos indicações sobre isso em trechos como I Cor. 9:12 ss; II Cor. 7:2; I Tes. 2:9 e II Tes. 2:8. Isso não significa que ele não aprovasse que os ministros do evangelho devam ser pagos pelas igrejas locais, pelo seu trabalho. Ver I Cor. 9:12 ss. Mas significa que ele dava valor ao trabalho manual, e não somente ao trabalho intelectual ou religioso.

### GUIZOT, FRANCIS

Ver sobre **Tolerância**, décimo ponto.

### GUNA

Dentro da filosofia *sankyha* (vide), a **guna** é a substância ou qualidade de alguma coisa. De acordo com essa filosofia, a matéria compor-se-ia de três *gunas*, que seriam a *satva*, a *rajas* e a *tamas*, que poderíamos traduzir, respectivamente, por «bondade», «paixão» e «trevas».

Quando a matéria primitiva está em descanso,

## GUNDISALVO — GURU

então essas qualidades permaneceriam em estado de equilíbrio; mas, quando ela fica agitada pelas más ações das almas, então as *gunas* tornar-se-iam ativas, cada qual buscando prioridade sobre as outras duas. Logo, a natureza de qualquer coisa seria determinada pela *guna* predominante no momento. No momento dos seres divinos, a *sattva* seria a qualidade predominante; no mundo dos homens, dominaria a qualidade chamada *rajas*; e nos mundos inferiores, da matéria crua, predominaria o elemento chamado *tamas*.

### GUNDISALVO, DOMINIC

Sabe-se somente que viveu no século XII D.C. Foi um filósofo escolástico, lembrado, principalmente, por haver classificado as ciências com base na interpretação árabe das idéias de Aristóteles. A divisão geral das ciências era: ciências *divinas* e ciências *humanas*. As primeiras seriam conhecidas através da revelação; e as segundas através das faculdades humanas. As ciências humanas foram por ele alistadas como a eloquência, a matemática e a sabedoria. Esta última, a sabedoria, corresponde à filosofia, a qual teria um aspecto teórico e um aspecto prático. O aspecto teórico incluiria a física, a matemática e a metafísica, também chamada de primeira filosofia. E o aspecto prático incluiria a política, o governo doméstico e a ética. No campo da metafísica, ele alistava uma certa gradação do ser. Suas obras publicadas intitulavam-se: *Sobre as Divisões da Filosofia; Sobre a Procedência do Mundo; Sobre a Unidade e Sobre a Alma*.

### GUNI

No hebraico, «protegido». Há dois indivíduos com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. O segundo filho de Naftali, fundador da família dos gunitas. Seu nome é mencionado por três vezes no Antigo Testamento: Gên. 46:24; Núm. 26:48 e I Crô. 7:13. Seus descendentes, os gunitas (vide), são mencionados em Núm. 26:48. Eles tornaram-se parte da tribo de Gade, que herdou o Gileade. Guni viveu por volta de 1700 A.C.

2. O pai de Abdiel, e um dos chefes entre os gaditas. Mencionado somente em Núm. 26:48. Viveu por volta de 1400 A.C.

### GUNITAS

Eram os descendentes de Guni (vide). Esse adjetivo pátrio aparece somente em Núm. 26:48. Com o tempo, vieram a fazer parte da tribo de Gade, e habitaram em Gileade.

### GUNKEL, HERMANN

Suas datas foram 1862-1932. Ele ensinou em Giessen e em Halle. Estudava a história e a literatura dos israelitas, buscando novas maneiras de compreender a literatura bíblica e religiosa, e tendo-se tornado um dos principais mentores da variedade de crítica chamada *crítica da forma*. Ver o artigo geral sobre a *Crítica da Bíblia*. Ver especialmente o quarto ponto. Gunkel também desenvolveu vários tipos de discurso e de estilo literário escrito.

### GUNNERUS, JOHN ERNST

Foi professor de teologia na Dinamarca, entre 1718 e 1733. Era bispo de Trondheim. Foi o autor da obra

*Flora Norvegica*. Foi o grande líder cultural da Noruega e fundador de sua Sociedade Científica.

### GUNTHER, ANTON

Suas datas foram 1785-1863. Ele foi um sacerdote secular que foi o centro de muitas controversias. Suas idéias e seus escritos foram condenados pela sé de Roma. Ele empregou idéias de Schelling e de Hegel, mas procurou anular o panteísmo inerente nas mesmas, utilizando-se de certa forma de dualismo e de teísmo, paralelamente a conceitos cartesianos. Para ele, a famosa declaração de Descartes, *Cogito ergo sum*, era não meramente um discernimento intuitivo, mas também estaria envolvida em inferências ontológicas, metafísicas e racionais. Em torno dele surgiu uma volumosa literatura, que discutia os seus pontos de vista. Ele escreveu a obra em quatro volumes, *Gesammelte Schriften*, além de outras obras.

### GUR

No hebraico, «filhote». Uma subida na qual Acazias foi ferido, ao fugir de Jeú (ver II Reis 9:27), em cerca de 883 A.C. A Septuaginta, porém, interpreta que esse era o nome de um vale. Por outro lado, W.F. Albright, grande estudioso moderno, identificou esse nome com uma cidade cananéia, também chamada Gurar. Esse nome foi encontrado em um tablete escrito no século XV A.C., descoberto em Taanaque. É possível que essa *subida* fosse para a cidade desse nome. Somente maiores estudos locais poderão tirar todas as dúvidas que ainda cercam o assunto.

### GUR-BAAL

No hebraico, «filhote de Baal», ou então, segundo outros estudiosos, «habitação ou jornada de Baal». A Septuaginta interpreta o nome como «sobre a rocha». Esse era o nome de uma cidade ou distrito do Neguebe, habitado por árabes. Uzias conquistou o local (ver II Crô. 26:7). Parece que esse local ficava situado entre a Palestina e a Península Arábica, mas ainda não foi identificada com certeza.

### GURNEY, JOSEPH JOHN

Nasceu em 1788 e faleceu em 1847. Filantropo e ministro quacre inglês. Ele era um evangélico que enfatizava a doutrina quacre da necessidade de comunhão com o Espírito Santo, deixando-se de lado a religião meramente formal e credal. Sua influência chegou aos Estados Unidos da América, onde se tornou maior do que na própria Inglaterra. Seus seguidores passaram a ser conhecidos como os *gurneyitas*.

### GURU

No sanscrito, *guru* significa *pesado, honorado*. No hinduísmo (vide) indica um *mestre* ou *guia*. Quando aparece algum guru dotado de poder e influência especiais, a crença é que ele pode ser encarnação de uma divindade e, portanto, um mediador na salvação dos homens. De acordo com a fé dos sikhs (vide), os sucessivos cabeças desse movimento eram conhecidos como GURUS, até o décimo deles, o qual decretou que, dali por diante, o *Granth* (vide), o livro sagrado do movimento, seria o guru ou guia dos membros da seita. Na linguagem popular atual, qualquer pessoa que seja considerada um poder psíquico ou espiritual, e que exerça

## GUYAU — GUYON

influência sobre outras pessoas, — é chamada de *guru*.

### GUYAU, JEAN-MARIE

Suas datas foram 1854—1888. Foi um filósofo francês. Ele reagia contra a teoria evolutiva de Herbert Spencer (vide), como também contra todas as filosofias que fazem do *dever* um interesse primário da ética. Ele ensinava que a verdadeira base da conduta ideal deve ser a espontaneidade, através da qual são gerados atos criativos. Esse tipo de ato ele pensava ser natural, parte do ser essencial do homem. Ele adotou o conceito de Fouillée, da *força do pensamento*, como o veículo da espontaneidade. E, assim sendo, ele ensinava uma espécie de vitalismo estético. Quando uma pessoa cessa de *exprimir* os seus ideais, então estaria preparada para agir e concretizar os seus ideais. Ele pensava que todos os campos do empreendimento humano, incluindo a religião, estão sujeitos a essa mesma espécie de espontaneidade. No terreno da religião, ele procurava chegar a uma síntese entre o pensamento científico positivista e a metafísica espiritualista. Para ele, a irreligião seria a negação da autoridade, do dogma, dos milagres e dos ritos. Contudo, o seu sistema não era negativista, mas apenas uma forma de *a-religião*, pois ele se opunha a todas as formas existentes de religião e postulava uma espécie de religião purifica-

da, que estabelecesse a harmonia entre os ideais individuais e os ideais da sociedade. Escreveu diversos livros, cujos títulos em inglês são: *Epicurean Morality*; *Contemporary English Morality*; *The Problems of Contemporary Aesthetics*; *Outline of a Morality Without Obligation or Sanction*, além de várias outras obras.

### GUYON, JEANNE MARIE (MADAME)

Suas datas foram 1658 e 1717. Ela foi uma mística francesa e centro do movimento quietista (vide). Seu interesse pelo misticismo (vide) começou quando estava em um convento, ainda jovem. Ela escreveu de modo convincente e eloqüente sobre o assunto. Mas, visto que os seus livros eram similares aos de seu contemporâneo, Molinos (vide), cujas obras haviam sido condenadas, ao passo que ele mesmo fora aprisionado pela *inquisição* (vide), ela foi compelida a submeter-se a Roma, renunciando à sua doutrina de uma possível perfeição, em resultado da união mística com Deus. De fato, ela também foi aprisionada pelo espaço de cinco anos, e então foi solta; mas esteve sempre sob vigilância, daí por diante. — Mas a propriedade onde ela residia, que pertencia a seu filho, imediatamente, tornou-se um local de peregrinações e pessoas provenientes de toda a Europa vinham ali, em busca de instrução e comunhão espirituais. A sua principal obra literária chamava-se *Obras*, publicada como uma coleção de quarenta volumes.

••• ••• •••

ISBN 85-88234-33-5



9 788588 234338

Categoria: Referência